



OS SUBÚRBIOS PAULISTANOS



Os subúrbios de São Paulo e suas funções
São Caetano do Sul e Osasco, subúrbios industriais
Cotia e Itapeverica da Serra, subúrbios agrícolas
Itaquera e Pod, subúrbios residenciais



“São belos os arredores de São Paulo; entretanto, de aspecto muito diverso dos do Rio de Janeiro. Em vez do maravilhoso panorama do mar e das imponentes montanhas, que se elevam ali com formas pinturescas, encontra aqui o viajante uma extensa vista sobre a região, cujos alternados outeiros e vales, capões de mato e suaves prados verdejantes oferecem todos os encantos da amável natureza.”

J. B. VON SPIX e C. F. P. VON
MARTIUS, *Reise in Brasilien*, 1823.

“À volta da cidade criou-se progressivamente, apesar da pouca fertilidade do solo, uma região de exploração intensiva, região não contínua, mas distribuída em ilhas, por manchas, cada qual com suas especialidades.”

PIERRE DEFFONTAINES, *Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo*, 1935.

“No lado oriental, podemos encontrar subúrbios que distam uns 30km, em linha reta, do centro urbano; são os servidos pela E. F. Central do Brasil: já para o lado norte, não chegam a 10km, em linha reta; são os da zona da Cantareira. Outros deixam-nos em dificuldades, podendo ou não ser considerados como subúrbios; é o caso de Itapeverica, Cotia ou Parnaíba, mais ou menos isolados da metrópole.”

AROLD DE AZEVEDO, *Subúrbios de São Paulo*, 1943.

CAPÍTULO I

Os subúrbios de São Paulo e suas funções

ANTONIO ROCHA PENTEADO

A área suburbana da cidade de São Paulo. A formação da área suburbana de São Paulo e seus fatores. Características da população suburbana. Os subúrbios industriais e sua localização. Contrastes existentes entre os subúrbios industriais. A população e os aglomerados urbanos da área suburbana industrial. A paisagem na área dos subúrbios industriais. São Miguel Paulista e Guarulhos. Osasco e suas indústrias. O bairro-subúrbio de Santo Amaro. Os subúrbios industriais da região do A. B. C. As indústrias da região do A. B. C. e seus problemas. Os subúrbios agrícolas e residenciais. A região da Cantareira. Os prolongamentos ocidentais da Cantareira: a região de Perus. Semelhanças e contrastes entre o Oeste e o Leste suburbanos. A região das represas e o "Sertão" de Santo Amaro. Síntese final.

ENCRAVADOS no Planalto Paulistano e estendendo-se num raio máximo de 30 a 35km, encontram-se os subúrbios da cidade de São Paulo, de maneira ora concentrada, ora dispersa, cada um com sua própria fisionomia e com diferentes funções.

Ao Norte e ao Sul dessa área, aparecem elementos geográficos que limitam sua expansão, por constituírem verdadeiros obstáculos à sua marcha sempre crescente: a Serra da Cantareira, na parte setentrional, e os reservatórios construídos pela "Light & Power", na porção meridional. Já o mesmo não acontece no rumo de Leste e no de Oeste, pois amplos espaços se abrem para sua marcha expansionista, graças à disposição geográfica do vale do Tietê e de alguns de seus afluentes (que percorrem extensas planícies aluviais), como também ao relevo da própria região montanhosa existente a SW,

nivelado na altitude média de 800m e sem obstáculos intransponíveis.

Referindo-se à localização da área suburbana de São Paulo, em 1945, escreveu AROLD DE AZEVEDO(1) estas palavras, que julgamos útil aqui transcrever:

“... a área suburbana estende-se em um raio muito variável através da bacia terciária de São Paulo, e, mesmo, chega a ultrapassar os seus limites. Para o Norte, por exemplo, a influência da metrópole é bem menor e cessa a uns 10km do seu centro; é a zona da *Cantareira*, que tem na serra do mesmo nome uma barreira natural a dificultar a expansão. Para outras direções, a influência da cidade já vai bem mais longe, porque pode dispor de vias naturais de acesso, constituídas pelos vales fluviais; é o que vemos no *vale do Tietê* e no de seus afluentes, sobretudo o *Pinheiros* e o *Tamanduaté*. Tais passagens naturais, sem obstáculos de monta, foram muito bem aproveitadas pelo homem, que nelas construiu suas estradas, de ferro e de rodagem, atraindo o povoamento e prolongando a influência da metrópole. Isto explica que para Leste como para Oeste a zona suburbana se estenda num raio de 25 e 30km, penetrando nos municípios vizinhos (*Santo André*, *Moji das Cruzes*, *Guarulhos*, *Santana de Parnaíba*, *Cotia*, *Itapeperica da Serra*), que se vêem assim atraídos para a órbita da *Paulicéia*. Nessa direção, a expansão paulistana pode ser considerada ilimitada e, com o tempo, não nos deveremos admirar de que muitas das cidades que hoje ali existem sejam transformadas em núcleos satélites e, sem dúvida, incluídas na categoria de subúrbios de São Paulo. Já o mesmo não acontece para o Sul, onde as grandes represas construídas pela “*Light and Power*” e a escarpa da *Serra do Mar* constituem barreiras a dificultar a marcha da metrópole”.

Daquele ano até nossos dias, poucas foram as alterações sofridas pela área suburbana, no que se refere aos seus limites. Com exceção da região de *Santana de Parnaíba* (que não nos parece poder ser incluída entre os subúrbios paulistanos, em virtude do isolamento em que se acha relativamente à Capital, quer devido à topografia, quer devido aos meios de comunicação), as demais áreas citadas viram acentuadas as suas características de subúrbios da Capital paulista, tornando-se mais ligadas à vida da metrópole.

No que se refere às mais típicas funções desses subúrbios, coube também àquele mesmo autor identificá-las com precisão, ao realizar os primeiros estudos sobre o tema, em 1943.

(1) AZEVEDO (Aroldo de) — *Subúrbios Orientais de São Paulo*, tese de concurso à cátedra de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, págs. 30-31, São Paulo, 1945.

“Abrangendo uma área assim relativamente vasta — escreveu AROLD DE AZEVEDO, naquele ano —, justo é que a zona suburbana de São Paulo exerça diferentes funções em relação ao centro urbano.

“A *função residencial* é a mais generalizada, como é de se esperar. Uma população bastante numerosa escolheu a área suburbana para residir, a exemplo do que acontece em tôdas as grandes cidades do Mundo; a possibilidade de possuir uma casa própria ou de aluguel a baixo preço, a vida sossegada e algo rural compensam ou parecem compensar os sacrifícios das viagens diárias em trens, ônibus ou bondes superlotados e sem nenhum conforto. Em todos os subúrbios paulistanos vamos encontrar essa função; mas, em alguns dêes, ela é mais bem caracterizada, como, por exemplo, a região de Santo Amaro, alguns dos subúrbios da “Central do Brasil”, a zona da Cantareira.

“A *função agrícola* é também muito importante e constitui, sob certos aspectos, uma tradição dos subúrbios de São Paulo. Nos últimos 25 anos, criou-se em tôrno da cidade uma verdadeira zona hortense, com a multiplicação das culturas de legumes e também de flôres; as chácaras, que já aparecem no próprio perímetro urbano, multiplicam-se através da região da Cantareira e nas vizinhanças da Penha e estendem-se mesmo muito além, na zona da “Central”. Ao mesmo tempo, na região de Cotia e Itapeverica da Serra, culturas maiores (batatinha, milho, feijão, mandioca, arroz, frutas) apresentam muita importância.

“Resta lembrar a *função industrial*, hoje não menos importante para a vida da cidade. Há uns 50 anos, começaram a aparecer as primeiras fábricas na região suburbana; mas foi o surto industrial iniciado após a guerra de 1914-18 que veio firmar êsse característico de alguns subúrbios. A região de Santo André possui, atualmente, um dos mais importantes parques industriais do continente sul-americano. Em posição geográficamente oposta, a região de Osasco também é tipicamente industrial. Fora daí, a mesma função pode ser ainda encontrada, embora em escala bem menor e ocupando áreas restritas; é o caso da região de São Miguel ou de Pirituba e Perus(2).”

Em nada ou quase nada diferem as funções atualmente encontradas na área suburbana das que foram constatadas ao iniciar-se a década de 1940-50. É que, por assim dizer, os subúrbios de São Paulo como que se estabilizaram e enraizaram ao redor da Capital paulista, apresentando hoje características que servem para identificá-los, sem nenhuma dúvida, como tais. Já se pode considerar encerrada a fase em que

(2) AZEVEDO (Aroldo de) — *Subúrbios de São Paulo* (Primeiros estudos), em “Anuário da Faculdade de Filosofia do Instituto “Sedes Sapientiae”, São Paulo, 1943.



A cidade de São Paulo e seus subúrbios mais próximos. — Na sua expansão, a Capital paulista transformou em bairros os subúrbios da segunda metade do século XIX (Nossa Senhora do O', Santana, Penha, Ipiranga, Santo Amaro, Lapa, etc.). A área suburbana encontra-se, hoje, na região da Cantareira, em Guarulhos, para além de São Miguel Paulista e Itaquera, na região do A.B.C., em Itapeçerica da Serra, Cotia, Osasco, Taipas e Perus.

sua caracterização ainda se esboçava ou se delineava, de maneira imprecisa. Em nossos dias, torna-se possível distingui-los, com toda a segurança, através daquelas três funções marcantes: a residencial, a industrial e a agrícola.

A formação da área suburbana de São Paulo e seus fatores

O desenvolvimento da área suburbana da Capital paulista aparece-nos como um fenômeno recente e começou a esboçar-se principalmente após a primeira Guerra Mundial, em virtude da influência exercida por vários fatores, dentre os quais destacamos: 1) o aumento dos impostos territoriais; 2) o crescimento da população da Capital; 3) a expansão do parque industrial paulistano.

O aumento dos *impostos territoriais* veio onerar sobremaneira as grandes propriedades, de que resultaram numerosos loteamentos e, em conseqüência, a proliferação de uma grande quantidade de “vilas” suburbanas, quase tôdas típicamente residenciais e habitadas por operários ou modestos funcionários públicos, cujas atividades são exercidas na Capital. Ao mesmo tempo, um número elevado de pequenas chácaras dedicadas à horticultura ou à avicultura passou a existir na área suburbana.

O fenômeno pode ser bem constatado se compararmos os seguintes dados, referentes às *propriedades agrícolas*, em 1905 e em 1934(3):

	1905			1934		
	Total	Menos de 10 alqueires		Total	Menos de 10 alqueires	
		N.º	%		N.º	%
Irapeccerica da Serra....	136	24	17,6	2.400	1.875	78,1
Cotia.....	123	10	8,1	2.550	2.185	85,7
São Bernardo do Campo	99	47	47,5	1.003	920	91,7
Guarulhos.....	309	155	50,2	1.226	1.220	99,5

Em virtude do *crescimento da população* da cidade de São Paulo, tornou-se cada vez mais difícil o problema do alojamento barato e mais penosa a existência das classes menos abastadas. Em conseqüência, teve lugar um verdadeiro “rush” para a área suburbana, ainda mais porque ali se multiplicavam os loteamentos atrás mencionados. Por outro lado, os novos arruamentos e a necessidade de aproveitar o mais possível o espaço urbano ocasionaram o deslocamento de numerosas chácaras, de flôres ou de legumes, até então localizadas em plena cidade.

Tais fatos começaram a registrar-se a partir de 1920, principalmente, quando muitos chacareiros portugueses, em grande maioria, transferiram suas atividades para a área suburbana, deixando suas chácaras localizadas na Água Branca, em Vila Pompéia, na Lapa, no Tatuapé, na Penha, no Itaim-Bibi, em Santana, na Casa Verde, etc.

Hoje, raras são as chácaras que ainda persistem dentro da área urbana, quase sempre situadas em fundos de vales, até onde a urbanização ainda não chegou.

(3) Cf. CAMARGO (José Francisco de) — *Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos*, Boletim n.º 153 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1952.

A expansão do *parque industrial paulistano*, por sua vez, abriu perspectivas novas para a área suburbana. Os estabelecimentos fabris, quando de vastas proporções, passaram a exigir grandes espaços onde suas instalações pudessem ficar a contento. Foi depois de 1930 que o problema começou a apresentar-se com muita evidência. A inexistência de tais espaços dentro do perímetro urbano ou, pelo menos, o alto custo dos terrenos nêle incluídos, sem falar na busca de lugares mais adequados às exigências de certos tipos de indústria (facilidade de transporte, abundância de água, escoamento de detritos, etc.), acabaram por obrigar muitas emprêsas a procurar, nos subúrbios, os locais para a construção de suas instalações. Uma vez deslocada a sede do estabelecimento fabril, outro problema aparecia; o da moradia para a mão-de-obra. Dêste modo, não apenas muitas fábricas, como verdadeiras “vilas” operárias passaram a existir na área suburbana, muitas destas últimas criadas pelas próprias emprêsas industriais. E, dentro em breve, passaram a ser os subúrbios paulistanos os fornecedores de mão-de-obra para as indústrias que ainda permaneceram na cidade.

O fenômeno se registrou particularmente em Osasco, em Comendador Ermelino, em São Miguel Paulista, como ainda em São Caetano do Sul e Santo André.

Além dos motivos apontados, cumpre acrescentar que, em certos subúrbios, o desenvolvimento industrial foi estimulado pela presença das estradas de ferro e, também, pela existência de matéria-prima (como é o caso bastante expressivo da “Cerâmica São Caetano S. A.”).

Características da população suburbana

Cheios de contrastes são os subúrbios paulistanos e sua história reflete, muitas vêzes, a da metrópole a que se acham tão estreitamente ligados. Ali se erguem velhos aglomerados, alguns mesmo venerandos, cujas origens remontam aos séculos coloniais; é o caso de Cotia, Itapeperica da Serra, Santo Amaro, São Bernardo do Campo, São Miguel Paulista e Guarulhos. Outros, muito pelo contrário, datam de fins do século XIX e até mesmo do século atual, como Osasco, São Caetano do Sul, Santo André, Taipas e Perus.

Uns e outros, porém, foram atingidos pelo surto de progresso que sacudiu a cidade de São Paulo, principalmente a partir de 1930, quando começaram a delinear-se os primeiros subúrbios tipicamente industriais (como Osasco e São Miguel Paulista, São Caetano do Sul e Santo André) ou, mesmo, um pouco antes, como se verificou em relação sobretudo com os subúrbios que marginam a linha-tronco da "Central do Brasil".

Sua *população* é constituída por um número elevado de trabalhadores agrícolas, de operários, de funcionários públicos de modesta categoria ou de comerciários, em sua maioria brasileiros, mas apresentando um número apreciável de estrangeiros ou seus descendentes de primeira geração, originários da Itália, especialmente na massa operária, e de Portugal, Espanha e Japão, sobretudo nas áreas agrícolas.

Tomando por base o censo realizado em 1950, acreditamos poder afirmar que a área suburbana de São Paulo deve abranger um número não inferior a 650 000 habitantes. Dêsse total, cêrca de 270 000 correspondem aos subúrbios mais estreitamente ligados à Capital, isto é, Osasco, Santo Amaro, São Caetano do Sul, Santo André, São Miguel Paulista e Guarulhos. Dos 380 000 habitantes restantes, cêrca de 65 000 viviam em aglomerados urbanos, o que nos leva a concluir que nada menos de 315 000 habitavam a área rural pròpriamente dita, isto é, pouco menos de 50%.

Em relação ao município de São Paulo, o censo de 1950 registrou as seguintes cifras:

	HABITANTES
Zona suburbana...	416 145
Zona rural.....	145 954

O que bem caracteriza essa população é sua extrema *mobilidade*, pois, cada dia, um número elevado de habitantes se desloca em direção à cidade de São Paulo ou para outros subúrbios, a fim de exercer suas atividades, regressando ao anoitecer. Todavia, nas áreas agrícolas, o mesmo fenômeno não se registra ou, pelo menos, se se verifica, isto não acontece

com a mesma intensidade com que se mostra nos subúrbios tipicamente residenciais e industriais.

O deslocamento da população suburbana apresenta certas características verdadeiramente curiosas. De fato, há habitantes da região de Barueri e Osasco que exercem suas atividades no bairro da Lapa; em contraposição, há os que deixam Pirituba e Perus para ir trabalhar em São Caetano do Sul e Santo André, isto é, no extremo oposto da região suburbana. Por isso mesmo, os trens de subúrbios que atravessam a cidade de São Paulo (como os da "E. F. Santos-Jundiaí") ficam superlotados, pela manhã e ao anoitecer, ao mesmo tempo, nos dois sentidos.

Outros subúrbios se transformam em ponto de concentração quer da população suburbana, quer da população da cidade: é o caso de São Miguel Paulista e vizinhanças, cujas fábricas contam com operários residentes na zona da "Central do Brasil" e, também, na própria Capital.

Os subúrbios industriais e sua localização

Os *subúrbios industriais* de São Paulo, a par de muitos contrastes que podem apresentar, possuem dois característicos que lhes são comuns: 1) a função industrial, marcada de maneira iniludível graças à presença de fábricas, algumas das maiores do país, e à massa de operários que nêles se encontra, particularmente sensível nas horas de entrada e saída do serviço, como nos momentos destinados ao almôço e ao descanso; 2) uma ligação mais estreita com a cidade de São Paulo, nem sempre acompanhada pela contigüidade espacial, o que lhes dá um certo ar de simples bairros afastados da metrópole e pode justificar a denominação de "subúrbios imediatos", de acôrdo com a sugestão de СМОТКИНЕ para exemplos idênticos(4).

Circundam êles a Capital paulista, pois aparecem em todos os seus quadrantes: a Nordeste está *Guarulhos*; a Leste *São Miguel Paulista*; a Sudeste, *São Caetano do Sul*, *Santo André* e *São Bernardo do Campo*; ao Sul, *Santo Amaro*; e, finalmente, a Oeste, *Osasco*.

Osasco, Guarulhos e São Miguel Paulista localizam-se não longe da calha do rio Tietê, em sua própria planície aluvial ou em colinas que a dominam; São Caetano do Sul e Santo

(4) СМОТКИНЕ (Henri) — *La Banlieue*, em "L'Information Géographique" ano XVI, n.º 1, Paris, janeiro-fevereiro de 1952.

André, junto ao curso do rio Tamanduateí ou suas vizinhanças, a exemplo do que acontece com muitos dos bairros industriais de São Paulo, de que aquêles são autênticos prolongamentos; São Bernardo do Campo, embora um tanto afastado do curso do Tamanduateí, encontra-se no interior de sua bacia; e Santo Amaro domina, de seu modesto platô, a vizinha várzea do rio Pinheiros, cujo destino parece identificar-se com o dos rios antes citados, no que se refere à função industrial.

Não se deve ao simples acaso essa íntima associação dos subúrbios industriais de São Paulo aos amplos vales fluviais que se abrem em sua região geográfica. Além de constituírem antigas e muito utilizadas vias naturais de passagem, tais vales oferecem condições excepcionais para o estabelecimento de um parque industrial.

Contrastes existentes entre os subúrbios industriais

Embora unidos e identificados pela sua função econômica e pelo seu caráter de subúrbios “imediatos”, não é possível negar a existência de sensíveis diferenças entre os subúrbios que vimos focalizando. Em alguns dêles, o passado ainda está presente, conduzindo-nos aos tempos do Império e mesmo do Brasil Colonial; é o que se pode observar em São Miguel Paulista (que se orgulha, com razão, de sua igreja seiscentista), em Guarulhos e em Santo Amaro. Nos demais, o plano dos aglomerados e as próprias edificações atestam sua recente formação, conforme se verifica com Osasco ou Santo André.

Com efeito, Santo Amaro, São Miguel Paulista e Guarulhos surgiram como núcleos de catequese e não passavam de aldeamentos de índios nas duas primeiras centúrias do período colonial. Também muito remota é a origem de São Bernardo do Campo.

Por outro lado, Osasco e São Caetano do Sul datam de fins do século XIX e Santo André, na primeira década do século atual, não continha muito mais do que a pequena estação da antiga “São Paulo Railway”.

Dos núcleos antigos, nenhum teve a menor projeção demográfica ou econômica na vida regional do passado, limitando-se, quando muito, ao papel de simples etapa para os viajantes ou tropeiros que demandavam a cidade de São Paulo.

Em seu *Ensaio dum Quadro Estatístico da Província de São Paulo* (1838), DANIEL PEDRO MÜLLER limita-se a escassíssimas referências a Santo Amaro, a Guarulhos e a São Bernardo do Campo. Aliás, segundo os seus informes, a produção de tôda a região paulistana alcançava um valor de pouco mais de 100 contos de réis, para um total provincial de quase 4 767 contos, o que bem atesta a nenhuma importância da sua vida econômica. Por outro lado a cidade de São Paulo e seu têrmo (que abrangia Guarulhos, Cotia, São Bernardo, Juqueri e o atual Embu) tinham apenas 21 933 habitantes. Os celeiros da Capital — segundo as próprias palavras do ilustre informante — encontravam-se em Bragança, Atibaia e Nazaré, graças às suas culturas de feijão, milho e arroz e à criação de porcos(5).

Foi inegavelmente o desenvolvimento industrial da cidade de São Paulo que veio dar importância às áreas hoje ocupadas pelos subúrbios que vimos estudando: ocasionou o rejuvenescimento de antigos e sonolentos aglomerados, como aconteceu com Santo Amaro, Guarulhos e, particularmente, com São Miguel Paulista; fêz nascer e deu importância a centros novos, como São Caetano do Sul, Santo André e, especialmente, Osasco. Tudo isso explica, de maneira satisfatória, os contrastes que hoje se constataem nas áreas industriais dos subúrbios da Paulicéia.

A população e os aglomerados urbanos da área suburbana industrial

De acôrdo com os nossos cálculos, a área industrial dos subúrbios de São Paulo ocupa uma superfície de 1 300km², onde vive uma população não inferior a 375 000 habitantes. Como é de se imaginar, esta população não se reparte de maneira uniforme por aquela área, havendo aglomerados com tôdas as características de pequenas ou médias cidades, ao lado de grandes espaços vazios, de caráter semi-rural, algumas vêzes aproveitados por lavouras de pequena extensão (horticultura e floricultura) ou por simples casas de campo, destinadas ao descanso em fins de semana; as áreas cultivadas localizam-se, de preferência, no fundo dos vales de cursos de água que con-

(5) Cf. MÜLLER (Daniel Pedro) — *Ensaio dum Quadro Estatístico da Província de São Paulo* (1836-37), São Paulo, 1838, págs. 22, 25, 148 e seguintes.

correm para engrossar o rio Tietê. A maioria dos habitantes vive, porém, nos aglomerados urbanos: cêrca de 70% da população total.

De acôrdo com as cifras recolhidas pelo recenseamento de 1950, assim se repartiã a população da área em estudo:

UNIDADE ADMINISTRATIVA	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO SUBURBANA E RURAL	TOTAL
Santo André.....	97 444	29 588	127 032
São Caetano do Sul..	55 399	4 433	59 832
Osasco.....	17 321	26 687	44 008
Santo Amaro.....	23 677	16 975	40 652
São Miguel Paulista..	16 022	21 691	37 713
Guarulhos.....	16 261	18 422	34 683
São Bernardo do Campo	19 960	9 335	29 295
TOTAIS..	246 084	127 131	373 215

A simples análise do quadro acima serve para mostrar o predomínio da *população urbana*, quer no conjunto da área focalizada (cêrca de 250 000 hab.), quer em relação a determinados subúrbios (como Santo André, São Caetano do Sul, São Bernardo do Campo, Santo Amaro). Também não pode deixar de ser acentuada a extraordinária concentração demográfica dos subúrbios do chamado A. B. C. — Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul —, que, reunidos, englobam 216 159 hab. (quase 70% da área suburbana industrial) e 172 803 hab. dos que vivem na zona urbana (o que significa pouco mais de 70% do respectivo total); de fato, constituem êles o “coração” da área que vimos focalizando, o que justifica o estudo mais pormenorizado que lhes iremos dedicar, mais além.

A paisagem na área dos subúrbios industriais

A paisagem industrial, que é o elemento geográfico identificador dêsse trecho da área suburbana de São Paulo, surpreende por sua descontinuidade. Ao observador apressado ou

a quem examine o assunto à base de mapas regionais, pode parecer que tais subúrbios constituam, ao redor da Capital paulista, um anel industrial perfeito e ininterrupto. Nada mais errado.

Em alguns casos, de fato, a sucessão dos subúrbios industriais existe realmente e a continuidade é quase absoluta; é o que se dá com São Caetano do Sul e Santo André (que, até bem pouco tempo, constituíam um só município) e, menos caracteristicamente, com Santo André e São Bernardo do Campo. Outros subúrbios, no entanto, embora bem próximos — como acontece com São Miguel Paulista e Guarulhos guardam, entre si, sensível isolamento. E, finalmente, existem os que, isolados por suas funções dentro da área suburbana, maiores ligações possuem com a própria cidade de São Paulo — como se dá com Osasco e Santo Amaro.

A falta de comunicações fáceis e diretas entre alguns dos subúrbios industriais chega, às vezes, a ser absoluta, pela inexistência de vias de contato; basta mencionar o caso de Santo André e Guarulhos, o de Osasco e São Miguel Paulista ou, talvez mais expressivamente, por se acharem relativamente próximos, o de Santo Amaro e São Bernardo do Campo.

O fato é bem um atestado do rápido, espontâneo e desordenado crescimento do chamado “Grande São Paulo”. Surgindo ao longo das vias de saída ou entrada da Capital paulista, algumas vezes não passando de meros prolongamentos de bairros periféricos, os subúrbios industriais localizaram-se seguindo ou indo ao encontro dos tentáculos da metrópole em expansão. Daí a inexistência de interligações, que se constata tão freqüentemente.

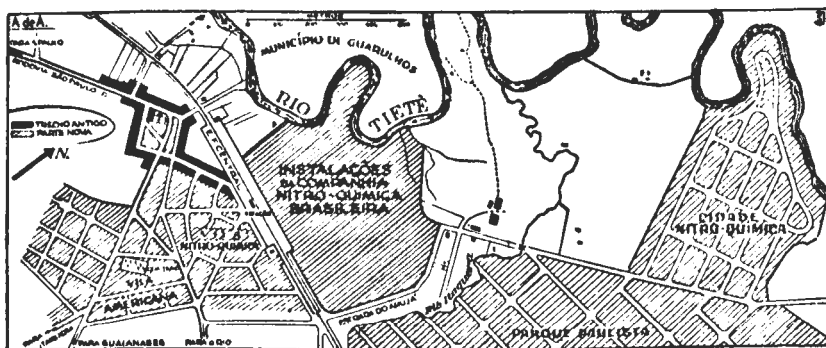
No que se refere à paisagem industrial própria dita, sentimo-la de maneira mais viva do que em relação aos bairros industriais. É que, nos subúrbios, o problema do espaço não apresenta as dificuldades e os entraves existentes na cidade de São Paulo; em conseqüência, predominam nêles os grandes estabelecimentos industriais, as portentosas ossaturas de cimento e aço, muitas vezes coroadas por altas chaminés fumegantes. Basta percorrê-los para que sintamos a importância e a potência de seu parque industrial.

Em rápidos estudos monográficos, examinaremos, a seguir, as principais características dos subúrbios industriais de São Paulo, dando maior ênfase aos que constituem a região do A. B. C.

São Miguel Paulista e Guarulhos

O velho núcleo de *São Miguel Paulista*, que constitui um dos distritos do município de São Paulo, viveu pacata e sonolentamente por mais de três séculos. Dêsse letargo foi despertado por volta de 1920, quando por ali veio a passar a rodovia ligando São Paulo ao Vale do Paraíba; todavia, foi somente a partir de 1932 que seu destino se alterou substancialmente, ao inaugurar-se a variante da "Central do Brasil", que lá instalou uma estação ferroviária.

A primeira consequência dêsse auspicioso fato foi a construção, bem próximo à estação e na várzea do Tietê, no ano de 1935, das edificações da *Companhia Nitro-Química Brasileira*, constituída após a aquisição da maquinaria da "Tubize Châtillon Co.", grande fábrica de sêda artificial que a crise econômica de 1929-30 obrigara a fechar suas portas, nos Estados Unidos. Ocupando hoje uma área de mais de 200 000m² e dando trabalho a cêrca de 8 000 operários, dedica-se êsse importante estabelecimento industrial à produção de ácido sulfúrico, ácido clorídrico, algodão-pólvora, colódios, tintas, sulfato de sódio, etc. Dominando a localidade com a gran-



A "cidade-dupla" de São Miguel Paulista. — A partir de modesto e pequenino núcleo, o aglomerado seiscentista expandiu-se desmesuradamente nos derradeiros 25 anos. Tal fato deve-se, sobretudo, à presença da "Comp. Nitro-Química Brasileira", ali instalada em 1935.

diosidade de suas instalações, a emprêsa acabou criando, ao lado do velho núcleo em que ainda se respirava a atmosfera dos tempos coloniais, uma nova cidade, graças às “vilas” operárias a que deu nascimento (“Vila Nitro-Química”, “Vila Americana”). Surgiu, assim, a cidade-dupla de São Miguel — conforme a expressão de AROLDO DE AZEVEDO(6).

Em 1941, nas proximidades da estação de Comendador Ermelino, a poucos quilômetros de São Miguel Paulista, veio instalar-se a *Fábrica Celosul*, especializada no fabrico de papel celofane e pertencente às “Indústrias Reunidas F. Matarazzo”.

Ambas as localidades têm sua vida a girar em tórno dessas importantes indústrias, embora outras também ali existam. Seu pequeno comércio urbano tem nelas e nos que nelas trabalham a principal razão de seu florescimento. Com uma população de apenas 1 400 habitantes ao findar o século XIX, com cêrca de 8 000 em 1940, o distrito de São Miguel Paulista destacou-se, em 1950, por conter quase 38 000 hab., alinhando-se entre as áreas de mais forte crescimento da região de São Paulo.

Guarulhos é sede do município de seu nome e, a exemplo de São Miguel Paulista, rejuvenesceu graças à indústria, após séculos de vida obscura. Concentra uma população urbana comparável à de São Miguel Paulista — pouco mais de 16 000 hab., em 1950 —, mas suas atividades industriais são bastante diferentes. Na verdade, o que bem distingue um de outro é, antes de tudo, o predomínio das pequenas indústrias, sobretudo a de cerâmica, de artefatos de couro, mecânicas, de fundição, de alimentação, etc. Dos 271 estabelecimentos industriais ali registrados em 1952, nada menos de 226 se incluíam na categoria das indústrias de transformação de minérios não-metálicos e 9 dedicavam-se à fiação e tecelagem. De seus 3 375 operários, 823 trabalhavam na indústria têxtil.

Todavia, não se vê em Guarulhos o contraste que já foi acentuado em relação a São Miguel Paulista: a pequena cidade (cuja área urbana é bem maior que a antecedente) assemelha-se, por sua fisionomia, a inúmeros outros velhos centros urbanos do Estado, localizando-se as suas indústrias em pontos dispersos do aglomerado, ora tendo aproveitado terrenos baldios,

(6) AZEVEDO (Aroldo de), *Subúrbios Orientais de São Paulo*, pág. 129, além de todo o cap. V, no qual estuda “A região de São Miguel”.

ora através de construções adaptadas. Quem percorre as ruas de Guarulhos pode não perceber, com a devida precisão, a importância relativa de sua vida industrial, e sente-se incapaz de fixar exatamente a porção em que as indústrias predominam.

Sob muitos aspectos, Guarulhos nada mais é do que um prolongamento da Penha; e, graças à Rodovia Presidente Dutra, entrosou-se definitivamente à vida da metrópole paulista, de que sua população participa sob diferentes formas, da maneira mais estreita.

Osasco e suas indústrias

Em relação aos dois exemplos antecedentes, Osasco difere sob muitos aspectos, notadamente por suas origens e pelos tipos de indústria que possui.

Em fins do século XIX, no local onde se assenta o principal aglomerado deste subúrbio, no então bairro da Carteira e sobre um dos terraços fluviais do Tietê, nada mais existia do que uma propriedade agrícola pertencente a um cidadão italiano. Esta posição presidiu o desenvolvimento do núcleo de povoamento que, com o tempo, ali se constituiu e explica a topografia de grande parte do aglomerado atual, bem como do seu natural prolongamento — *Presidente Altino*. Em relação a este último, notadamente, a influência do terraço fluvial é irretorquível, pois facilitou sobremaneira o arruamento e acabou por delimitar a própria expansão do povoamento.

Em 1950, viviam na zona urbana do subdistrito de Osasco (que faz parte do distrito da Capital) mais de 17 000 habitantes, cifra que bem reflete a influência de suas indústrias. Mas essa industrialização é um fato muito recente, embora a “Cerâmica de Osasco” remonte ao início do século atual. Em 1923, passou a funcionar ali o “Cotonifício de Osasco” e, em 1930, instalou-se a “Fábrica de Fósforos Granada”. Em seguida, outros muitos estabelecimentos industriais deram-lhe sua preferência, sobretudo a partir da década de 1930-40, atraídos pelos grandes espaços inaproveitados, pela presença de vias de comunicação (a “E. F. Sorocabana” e a rodovia que une São Paulo a Itu), além da proximidade de um bairro

industrial e operário, como é o da Lapa. Ali se encontram, entre os maiores, os estabelecimentos da “Eternit do Brasil”, a “Cimento e Amianto S. A.” e o “Frigorífico Wilson S. A.”.

A formação desse núcleo industrial trouxe como consequência a criação de um forte núcleo de população operária, que se concentra não apenas em Osasco propriamente dito, mas, principalmente, no aglomerado gêmeo, que é Presidente Altino, embora um número elevado de operários, que ali trabalham, resida no bairro da Lapa.

O movimento de passageiros dos trens de subúrbio da “E. F. Sorocabana” é um bom índice da importância do centro industrial de Osasco, pois os comboios circulam geralmente superlotados entre Domingos de Moraes (Lapa) e Osasco. Em 1950, ao passo que a média diária de passageiros dessa linha suburbana foi de 4 250 para a estação Júlio Prestes (Capital), a de Presidente Altino foi de quase 2 000 e a de Osasco alcançou 3 250(7).

Mas o inverso também se verifica: em virtude do crescimento da população (motivado pela industrialização e, posteriormente, por loteamentos a baixo preço), Osasco fornece, atualmente, numerosa mão-de-obra às indústrias da Lapa e vê um elevado número de seus habitantes ir trabalhar em estabelecimentos comerciais da própria Lapa, da Barra Funda e até mesmo da área central da cidade de São Paulo.

Mais do que em Guarulhos e em São Miguel Paulista, existe na região de Osasco uma paisagem industrial, porque muito mais sensível é ali a presença da indústria(8).

O bairro-subúrbio de Santo Amaro

Bem ao Sul da Capital paulista encontra-se o subdistrito de *Santo Amaro*, outrora município autônomo, mas, desde 1938, incluído no município de São Paulo. Contém um aglomerado urbano de quase 25 000 habitantes, que evoluiu extraordinariamente a partir da década de 1930-40, após haver

(7) Cf. MANO (Alda) — *Relações entre o tráfego suburbano da E. F. Sorocabana e o povoamento da região São Paulo-São Roque*, em “Anuário da Faculdade de Filosofia ‘Sedes Sapientiae’ (1952-53), págs. 251-265, São Paulo, 1953.

(8) Veja o capítulo II deste volume.

permanecido mais ou menos estagnado durante quase quatro séculos, desde que sua fundação remonta aos meados do quinhentismo. A construção da Represa do Guarapiranga foi o primeiro passo para seu rejuvenescimento; a industrialização completou essa transformação.

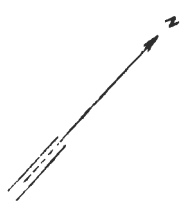
Percorrendo Santo Amaro, o observador menos apressado há de sentir que está em presença de uma pequena cidade, que muito ainda guarda de seu passado e conserva uma certa individualidade, ao mesmo tempo que, na paisagem urbana, encontrará vestígios dessa evolução recente. De fato, lá se ergue sua imponente Igreja Matriz, nas vizinhanças da qual se abrem, de maneira um tanto desordenada e espontânea, ruas estreitas e irregulares no traçado, como algumas vielas que relembram os seus primeiros tempos. No século XIX, alguns novos quarteirões foram acrescentados ao primitivo núcleo, no rumo de NE, que é o da cidade de São Paulo. No mesmo sentido, por volta de 1920-25, novas áreas foram loteadas, mas agora obedecendo a um plano regular, em xadrez, de maneira a formar amplos quarteirões rasgados por avenidas e ruas largas. Foi através desse trecho que, mais recentemente (1935-45), se processou a ligação com a metrópole paulista (Brooklyn Paulista), ligação que se tornou efetiva quando, entre 1948 e 1950, o antigo Caminho de Santo Amaro (bem utilizado por carros de bois), depois Estrada Velha de Santo Amaro, foi alargado e, com suas duas pistas, se transformou na atual Avenida de Santo Amaro.

Quem quer que, partindo do centro de São Paulo, se encaminhe em direção a Santo Amaro, não mais observa hoje a menor solução de continuidade, não encontra nenhum espaço vazio entre os dois aglomerados, mal percebendo quando penetra em seus domínios. Santo Amaro constitui, atualmente, quase um bairro da cidade de São Paulo, podendo ser incluído na categoria dos chamados *bairros-subúrbios*, conforme a expressão utilizada por AROLDO DE AZEVEDO, ao referir-se à Penha(9).

Paralelamente a essa transformação registrada em sua fisionomia, Santo Amaro tem assistido a uma profunda alteração em suas funções, notadamente depois de 1945, tornando-se um centro industrial de destaque e não se limitando,

(9) AZEVEDO (Aroldo de), *Subúrbios Orientais de São Paulo*, págs. 62-65.

SANTO AMARO



CANAL DO GUARAPIRANGA
CANAL DO RIO GRANDE

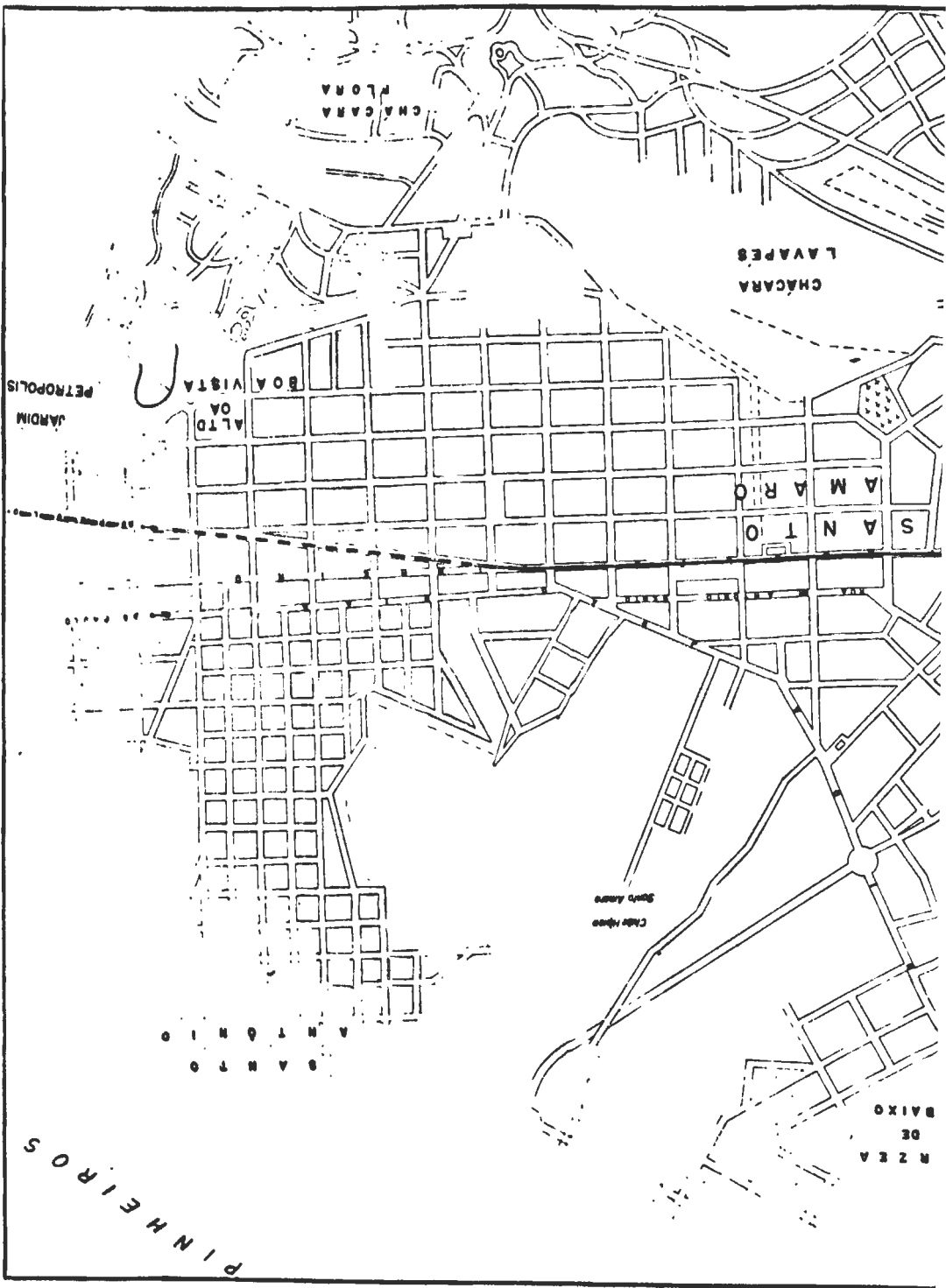
REV. GUARAPIRANGA

BOCORRO

S P Country Club

ESCALA
0 20 40 100 200 metros

VELEROS



como antes, a ser um centro residencial e recreativo, em torno do qual existiam algumas chácaras e olarias, a par de muitas carvoarias, como acontecia ao iniciar-se a década de 1940-50.

A planta funcional por nós elaborada atesta a presença, no aglomerado urbano, de uma ativa pequena indústria (oficinas e "ateliers"), a par de grandes fábricas, que dispõem de amplas instalações e dão trabalho a numerosa mão-de-obra, tanto no setor têxtil, como no da indústria químico-farmacêutica. Todavia, a exemplo do que acontece em Guarulhos, essa função industrial se acha diluída no interior do núcleo urbano, sem apresentar nenhuma concentração espacial. Torna-se preciso observar o movimento de sua estação rodoviária para sentir a importância de sua atividade industrial, tão grande é o número de operários que utilizam as diversas linhas de ônibus que põem Santo Amaro em contato com suas vizinhanças.

A melhoria do sistema de comunicações com a cidade de São Paulo (particularmente a eletrificação do antigo serviço de bondes movidos a vapor e a construção da Avenida de Santo Amaro), por outro lado, fêz de Santo Amaro um dos bairros-subúrbios mais elegantes da Capital paulista, onde se multiplicam magníficas vivendas tão confortáveis quanto as da metrópole, dispendo de água encanada, esgotos e telefone, bem ao contrário do que sucede em muitos dos bairros da cidade. A largueza de espaços e o baixo custo dos terrenos, em relação ao que se verificava na Capital, levaram para ali muitas pessoas que preferem usufruir as vantagens do ar puro, que apreciam o trabalho da jardinagem e da horticultura de quintal, mesmo fazendo o sacrifício de vencer distâncias superiores a 15 e 20km, ao invés de respirar a atmosfera saturada, sentir-se como que enclausuradas no interior de apartamentos ou de casas geminadas da metrópole em crescimento. Um número elevado de alemães, de russos, de húngaros, de ingleses, etc., ou descendentes seus, deram sua preferência pelo arrabalde que ressurgia do seu antigo marasmo.

Hoje, Santo Amaro congrega uma população em que se distinguem as mais diversas categorias: operários que trabalham nas fábricas locais e nas de Indianópolis e Moema; comerciários que exercem suas atividades no centro da cidade de São Paulo; pessoas de categoria mais alta, que trabalham em empresas particulares e no funcionalismo público.

Os subúrbios industriais da região do A. B. C.

A SE da Capital paulista, avançando pelo vale do rio Tamanduateí na direção de montante, encontram-se as cidades de São Caetano do Sul e Santo André, às quais se junta a cidade de São Bernardo do Campo, que se acha no vale do rio dos Meninos, pequeno afluente do primeiro. Tão próximas se encontram uma da outra, tão ligadas se acham pela comunhão de interesses, dominadas tôdas pela função industrial, tais cidades acabaram por verificar, através de seus homens públicos, que só haveria vantagens se se unissem de maneira mais objetiva sempre que fôsses as mesmas as dificuldades a vencer. Seus administradores passaram a agir em conjunto e não tardou que um rótulo viesse designar tão feliz associação político-econômica: o A. B. C., desde que estas são as letras iniciais dos santos que lhes servem de patronímicos(10).

Os subúrbios da região do A. B. C. correspondem, sem a menor dúvida, ao trecho mais tipicamente industrial de tôda a área suburbana da Capital paulista. Sobretudo em São Caetano do Sul e Santo André, existe, na realidade, um dos mais expressivos exemplos de paisagem industrial, com uma continuidade espacial só comparável com a registrada em certos bairros da cidade de São Paulo, como a Mooca e o Ipiranga.

Localizados numa zona de passagem obrigatória entre a Capital trimilionária, com seu admirável parque industrial, e a cidade de Santos, maior pôrto de exportação do país, e ligados ao rio Tamanduateí, cujo vale propicia essa via natural de comunicações desde o século XVI, diferente é a história dos subúrbios do A. B. C., embora, sôbre os três, paire a sombra de uma única tradição: nessa área, em local até hoje não determinado com precisão, existiu durante quase três décadas a vila de *Santo André da Borda do Campo*, que o Governador Mem de Sá condenou a extinção, ao fazer seus habitantes,

(10) Ainda recentemente, foi instalada na região, com sede em Santo André, a *Companhia Telefônica da Borda do Campo* (C. T. B. C.), destinada a estreitar ainda mais os laços que já unem as três cidades.



Vista parcial de Santo André. — (Gentileza do "Câmera-Clube" da cidade).

com João Ramalho à frente, se transferir para a nascente vila de São Paulo de Piratininga (1560).

Dos três, *São Bernardo do Campo* é o mais antigo, pois data de 1735 a capela de Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem, construída junto à Fazenda do Bonilha, embrião do povoado que, em 1812, tomou o nome de São Bernardo. Durante anos seguidos não foi outra coisa do que simples etapa de viajantes e tropeiros. Em seguida, entrou em decadência, pois a antiga "São Paulo Railway", atual "E. F. Santos-Jundiaí", utilizando-se do vale do Tamanduateí, deixou a cerca de 8km de distância o velho aglomerado colonial.

Na região onde hoje se encontra *São Caetano do Sul*, existiu uma importante gleba de terra — a "*Fazenda São Caetano*", que os Beneditinos receberam em doação no ano de 1631. Em 1877, porém, o Governo Imperial adquiriu-a e nela instalou um núcleo colonial, constituído inicialmente por 30 colonos italianos. Beneficiado pela proximidade da Capital e graças ao trabalho desses imigrantes e seus descendentes, o núcleo prosperou, embora modesta fôsse sua posição ao iniciar-se o século XX(11).

Origem idêntica teve *Santo André*, pois, naquele mesmo ano de 1877, outro grupo de colonos italianos foi localizado junto aos trilhos da então "Estrada de Ferro Inglesa", depois "São Paulo Railway", onde passou a existir uma simples parada de trens. Com o tempo, formou-se o chamado "Bairro da Estação", que, na primeira década do século atual, teria "cerca de 1 300 habitantes" e era "centro de desenvolvida indústria de tecidos de lã e de algodão(12)". Durante muito tempo, foi também um lugar preferido para residência de veraneio, sobretudo de ricas famílias moradoras em Santos que ali mantinham belas e confortáveis chácaras.

Esses dois núcleos, que faziam parte do então município de São Bernardo, cresceram de maneira extraordinária a partir da década de 1930-40, graças ao seu desenvolvimento industrial. A sede municipal, em consequência, foi transferida para o antigo "Bairro da Estação", que passou a denominar-se

(11) Veja o capítulo II deste volume.

(12) FREITAS (Afonso A. de), *Geografia do Estado de São Paulo*, pág. 76, ed. Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1906.



Santo André, vista de outro ângulo. — (Gentileza do "Câmera-Clube" da cidade).

Santo André, a relembrar a vila quinhentista de João Ramalho e abrangendo São Caetano e São Bernardo. Mas o progresso geral registrado na região acabou por exigir a autonomia administrativa para os três aglomerados urbanos, que hoje contêm as sedes municipais de Santo André, São Caetano do Sul e São Bernardo do Campo.

Em 1950, os três municípios abecedenses congregavam 216 159 habitantes, o que corresponde a 2,36% da população total do Estado de São Paulo; o de Santo André aparecia no quarto lugar, dentro do Estado, no que se refere à população, apenas sobrepujado pelos municípios da Capital, de Santos e de Campinas.

Relativamente à população urbana, destaca-se ainda uma vez Santo André, com 97 444 hab., naquele ano, o que lhe assegurou o quarto lugar entre as mais populosas cidades paulistas. São Caetano do Sul também concentra uma forte população — 55 399 hab., em 1950, vindo São Bernardo do Campo em posição mais modesta, com 19 960 habitantes.

No conjunto, os três municípios apresentavam em 1950 uma densidade de 262 hab. por km², quase dez vezes superior à do Estado. Encarados isoladamente, São Caetano do Sul aparece numa posição realmente excepcional, que se explica por sua pequenina área territorial: 4 602,4 hab./km², seguindo-se-lhe Santo André com 336 hab./km² e São Bernardo do Campo com 67,5 hab./km².

A maioria dessa população é constituída por elementos de côr branca (cêrca de 90%), não apenas brasileiros mas também estrangeiros (24 218, em 1950), pois ali se concentram cêrca de 4% do total do Estado. Embora não tenhamos dados numéricos, sensível é o predomínio de brasileiros de origem italiana, em tôda a região em estudo, o que é perfeitamente explicável, em virtude da instalação ali de núcleos de colonização, conforme já referimos.

A presença de tais elementos constitui uma conseqüência da função industrial, embora também possa ser apontada como uma de suas causas; é que as indústrias regionais necessitam de operários especializados e, para isso, nada melhor do que descendentes de estrangeiros ou mesmo estrangeiros, possuidores de uma tradição industrial.

Os demais elementos étnicos constituem parcela muito reduzida da população abecedense: pouco mais de 4 000 amarelos (sobretudo japoneses), que habitam especialmente a zona rural de Santo André, além de negros e pardos, cuja presença passa inteiramente despercebida, pelo seu pequeno número.

As indústrias da região do A. B. C. e seus problemas

Os municípios que integram a região do A. B. C. congregavam, em 1950, 3,73% dos estabelecimentos industriais do Estado; no entanto, seu operariado correspondia a 5,81% do total paulista. Diante dessa simples diferença começamos a perceber um dos característicos das indústrias abecedenses: o de conter elevado número de grandes estabelecimentos industriais. Confirmando-o, acrescentaremos que o valor da sua produção industrial, naquele ano, foi de Cr\$ 6 384 921 000,00, o que equivale a 11,4% do valor de tãda a produção industrial do Estado, e a energia elétrica consumida por suas indústrias correspondeu, naquele ano, a 14,6% da energia consumida no Estado.

São dados que falam por si, demonstrando de maneira objetiva a importância do parque industrial da região de Santo André, São Caetano do Sul e São Bernardo do Campo, que não encontra rival em tãda a área suburbana que vimos focalizando.

Foi sòmente a partir da década de 1920–30 que teve início o surto industrial abecedense, embora algumas fábricas existissem desde os fins do século XIX. A instalação de importantes estabelecimentos industriais, em São Caetano do Sul (como os das “Indústrias Reunidas F. Matarazzo” e da “Cerâmica São Caetano”), pode ser considerada o marco inicial dessa nova era.

Por volta de 1924, existiam na região 121 fábricas em que trabalhavam 5 000 operários e cujo capital se elevava a Cr\$ 24 917 000,00(13).

(13) Cf. PIZA (Marcelo), *Os Municípios do Estado de São Paulo*, ed. Secretaria da Agricultura, São Paulo, 1924.

Já em 1938, segundo RAUL DE ANDRADA E SILVA(14), a situação era a seguinte:

	FÁBRICAS	OPERÁRIOS	VALOR DA PRODUÇÃO (em cruzeiros)
Santo André.....	72	7 661	239 835 241,00
São Caetano do Sul.....	69	8 127	226 559 094,00
São Bernardo do Campo...	37	1 551	17 552 796,00
TOTAIS..	178	17 339	483 947 131,00

Ora, em 1950, o total das fábricas era de 413, o número de operários passara a ser de 49 160 e o valor da produção industrial atingiu a cêrca de 6 300 000 000 de cruzeiros. Apenas as fábricas de Santo André tinham, em 1950, um capital de Cr\$ 1 482 964 000,00.

Com um parque industrial assim potente, nada mais justo que a região do A. B. C. conheça muitos problemas que outras áreas suburbanas desconhecem ou, pelo menos, os têm com importância bem menor.

A *mão-de-obra*, a princípio, foi conseguida no próprio local, tal como aconteceu em São Miguel Paulista e Guarulhos, com a vantagem de lá existir um forte núcleo de italianos e seus descendentes, mais habilitados para as atividades industriais do que elementos nacionais. O desenvolvimento industrial acarretou, desde logo, a formação de "vilas" operárias, que concorreram para a fixação dessa indispensável mão-de-obra e transformaram a paisagem urbana. Em seguida, começou a atração sobre a população operária localizada nos bairros periféricos da cidade de São Paulo, sobretudo os situados próximos a São Caetano do Sul. Nos últimos tempos, porém, ampliaram-se as áreas residenciais operárias notadamente em Santo André e São Caetano do Sul, justificando o admirável crescimento demográfico municipal e assegurando a indispensável mão-de-obra para suas indústrias, sem que haja a antiga dependência da metrópole paulista.

Principalmente São Caetano do Sul, mas também Santo André, continuam a receber, diariamente, um número elevado de operários e

(14) SILVA (Raul de Andrada e), *A cidade de Santo André e sua função industrial*, em vol. III dos "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", págs. 550-559, Rio de Janeiro, 1944.



O conjunto residencial do I.A.P.I., em Santo André (Gentileza do "Câmara-Clube" da cidade).

funcionários que, através das linhas suburbanas da "E. F. Santos-Jundiaí" e das linhas de ônibus, deixam a cidade de São Paulo para ir trabalhar naquelas cidades, regressando ao anoitecer. Mas o fenômeno também se processa em sentido inverso, embora menos intensamente: comerciários, funcionários públicos e até mesmo operários deixam, diariamente, aqueles subúrbios a fim de trabalhar na metrópole paulista, em sua área central e em alguns de seus bairros industriais (Ipiranga, Mooca, Pari, Barra Funda, Água Branca, Lapa). Como bem se pode avaliar, êsse intercâmbio diário de habitantes cria sérios problemas no que se refere à circulação urbana, para uma região em que tal problema, em si mesmo, já é dos mais graves e de difícilíssima solução.

A necessidade de encontrar extensas áreas, bem localizadas quanto às vias de transporte, exigiu, via de regra, a inversão de grandes capitais, que somente poderosas empresas, em geral sob a forma de sociedades anônimas, poderiam dispor. Daí o vulto dos capitais empregados nas indústrias abecedenses: as indústrias de transformação localizadas em Santo André empregavam, em 1950, nada menos de Cr\$ 1 482 964 000,00, dos quais mais de 300 milhões na indústria metalúrgica e mais de 200 milhões nas indústrias de material elétrico, químicas, farmacêuticas e têxteis(15); em São Caetano do Sul, empresas existem cujos capitais ultrapassam Cr\$ 50 000 000,00 — como é o caso da "General Motors", das "Indústrias Reunidas F. Matarazzo", da "S. A. White Martins" e da "Cerâmica São Caetano(16)".

Tais capitais procedem de firmas nacionais e estrangeiras, muitas delas também estabelecidas na cidade de São Paulo, que montaram indústrias subsidiárias na região do A. B. C. (como se deu com as "I. R. F. M.") ou ali criaram empresas autônomas, embora ligadas a grandes capitalistas da metrópole paulista (como a "Metalúrgica São Francisco", de São Caetano do Sul, pertencente ao grupo Jafet). Mas existem também as que surgiram da reunião de capitais saídos do comércio ou da própria indústria local e que asseguram a existência de pequenas oficinas ou exploram ramos subsidiários dos grandes estabelecimentos industriais. Êste último ramo da indústria corresponde, numericamente, à maior parte do capital invertido

(15) Cf. *Santo André* — 1953, publicação do I. B. G. E., pág. 29.

(16) Cf. ALMEIDA (Nelson Martins de), *Isto é São Caetano*, ed. Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1952.



Instalações da "Laminação Nacional de Metais", em Santo André (Gentileza do "Câmera-Clube" da cidade).

na indústria regional, embora longe esteja de poder ser comparado com os do primeiro tipo citado.

Daí decorre a multiplicidade de *tipos* de indústrias encontrados na região do A. B. C., que variam quanto ao tamanho (desde as pequenas oficinas até as grandes fábricas, que chegam a ocupar quarteirões inteiros), quanto à especialidade (desde as oficinas de montagem de automóveis às modestas indústrias de artefatos de couros e peles) e quanto ao número de seus operários (desde as que só utilizam de 10 a 15 operários até as que congregam milhares de indivíduos).

Com um parque industrial bastante complexo, nada mais natural que a região do A. B. C. necessite variadas *matérias-primas*, em quantidades também muito diferentes, de acôrdo com as respectivas especialidades. Salvo no que se refere à indústria de cerâmica (que utiliza largamente as argilas das planícies aluviais do Tamanduaté e seus tributários), vem de fora da região essa matéria-prima destinada a ser manipulada pelas indústrias abecedenses, não apenas do próprio Estado, mas de outras áreas do país, e mesmo do estrangeiro. Por isso, a localização dos estabelecimentos industriais representou e continua a representar um problema de suma importância, particularmente para as grandes emprêsas, obrigadas a manipular enormes quantidades de matérias-primas. A via férrea (no caso, a "E. F. Santos-Jundiá") e as rodovias que ligam a região à cidade de São Paulo e ao pôrto de Santos polarizaram, muito lógicamente, as maiores indústrias regionais, por forma a facilitar o abastecimento, como, por outro lado, favorecer o escoamento da produção. Através da ferrovia e das rodovias chegam-lhes o algodão, o minério de ferro, as chapas e lingotes de aço, a borracha, o trigo, madeiras, etc., representando a "E. F. Santos-Jundiá", neste particular, o principais papel.

Em 1950, foi o seguinte o valor das matérias-primas utilizada pelas indústrias da região do A.B.C.:

	VALOR EM CRUZEIROS
Santo André.....	2 124 603 000,00
São Caetano do Sul.....	461 371 000,00
São Bernardo do Campo...	234 484 000,00

Em Santo André, foram as indústrias têxteis as que consumiram o maior valor de matérias-primas, num total de 431 378 000 de cruzeiros. Em São Caetano do Sul, destacou-se a indústria químico-farmacêutica, com 171 722 000 cruzeiros. Já em São Bernardo do Campo foi a indústria de materiais de transporte a mais importante, com 107 190 000 de cruzeiros.

No que se refere às fontes de energia, a principal e quase única é a energia hidrelétrica, que é fornecida pelo sistema da Serra do Mar, cuja base se encontra na Usina do Cubatão. Ora, a crise que atingiu a cidade de São Paulo(17) também alcançou, como é natural, o parque industrial da região do A. B. C., perturbando seriamente sua produção e obrigando o racionamento no consumo.

Eis o valor da energia elétrica consumida em 1950, no Estado, na Capital e nos municípios da região do A.B.C.

	EM MILHARES DE CRUZEIROS	PORCENTAGEM
Estado de São Paulo.....	358 584	100,00
São Paulo (Capital).....	181 657	50,65
Santo André.....	31 488	8,78
São Caetano do Sul.....	18 023	5,02
São Bernardo do Campo.. .	2 901	0,80
Região do A. B. C....	52 412	14,60

Tal como se deu na Capital, os estabelecimentos industriais] da região do A.B.C. viram-se forçados, em face da recente crise de energia elétrica, a lançar mão de geradores próprios, movidos a óleo ou gasolina, uma vez que os capitais nêles empregados e o alto valor da produção industrial compensam os inevitáveis gastos requeridos por essa solução de emergência.

No setor dos transportes, a região do A. B. C. é das mais bem servidas, sobretudo porque suas fábricas procuraram alinhar-se ao longo da ferrovia ou localizaram-se não longe dela, como também aproveitam a Via Anchieta e as estradas que lhe são subsidiárias. Através delas recebem as matérias-primas, do país e do estrangeiro, como enviam os produtos de sua poderosa indústria, abastecendo os mercados da Capital

(17) Veja o capítulo II do vol. III desta obra.

e do Estado, e até mesmo das repúblicas vizinhas do continente sul-americano.

Estabelecimentos como a “General Motors do Brasil” a “Cerâmica São Caetano”, a “Laminação Nacional de Metais”, a “Indústria de Pneumáticos Firestone”, a “Pirelli S. A.”, as refinarias de petróleo de Capuava e Utinga, além de outros poderosos no campo da indústria químico-farmacêutica (como a “Comp. Química Rhodia”), dos produtos alimentares, da fiação e tecelagem, etc., enviam seus produtos para todo o país, quando não para o estrangeiro. Não constituem casos esporádicos os exemplos de caminhões que, partindo da região do A.B.C., se destinam à Capital da República, a Minas Gerais, a Goiás, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; até mesmo o Espírito Santo e a Bahia aparecem entre os mercados consumidores das indústrias abecedenses.

Os subúrbios agrícolas e residenciais

Bastante diferentes dos subúrbios industriais por nós focalizados — São Miguel Paulista, Guarulhos, Osasco, Santo Amaro, Santo André, São Caetano do Sul e São Bernardo do Campo —, no que se refere à localização e extensão de suas áreas, como pelas características de sua população, do “habitat” e das funções, são os subúrbios que ainda aparecem sob a influência da metrópole paulista e que, agora, vão merecer nossa atenção.

Surgem em quase todos os quadrantes, ao redor da Capital de São Paulo: para o Norte, na região da Cantareira; para o Sul, no “sertão” que se estende até às bordas do Planalto Paulistano, olhando o mar; para Leste, através da planície do alto Tietê até às vizinhanças de Moji das Cruzes; e para Oeste, assentados na região acidentada que se ergue ao nível médio dos 750 — 850 metros, em direção a São Roque. Uma vasta área, de limites certamente imprecisos, que apresenta duas funções marcantes — a *agrícola* e a *residencial*, ora de maneira bastante homogênea, como é o caso da região de Cotia, onde a agricultura impera; ora um tanto complexa, graças à coexistência de ambas as funções, ao mesmo tempo destacando-se como zona residencial modesta e área agrícola sem grande expressão, como o que se constata na região servida pela “E. F. Central do Brasil”, no extremo oposto; ora,

enfim, predominantemente residencial, como acontece na região da Cantareira. Mas há um traço que lhe é comum: é a sensível dispersão do “habitat” rural, no meio da qual se registra a presença de modestos aglomerados urbanos, salvo na área setentrional, onde a região da Cantareira, sob certos aspectos, nada mais é do que uma simples continuação da cidade de São Paulo, e no prolongamento meridional de Santo Amaro.

De acôrdo com o recenseamento de 1950(18) e excluindo os dois subdistritos do distrito-sede do município de São Paulo — o *Tucuruvi*, na Cantareira, com 88 729 hab., e o de *Socorro*, na região de Santo Amaro, com 77 742 hab. —, os distritos municipais, por nós incluídos na área agrícola e residencial dos subúrbios paulistanos, apresentavam população absoluta sempre inferior a 25 000 hab., e, em média, oscilando entre 5 000 e 10 000 hab. No que se refere aos aglomerados urbanos, os mais populosos não chegavam a 5 000 hab., destacando-se, por conterem, em sua área urbana, mais de 3 000 hab., somente seis, a saber: *Pod*, *Suzano*, *Carapicuíba*, *Ribeirão Pires*, *Maud* e *Franco da Rocha*; outros, muito pelo contrário, não passavam de modestíssimos lugarejos, com população inferior a 200 hab., como é o caso de *Riacho Grande*, *Aldeia* e *Caucaia do Alto*.

Figura, na página seguinte, o quadro completo da distribuição da população naquele ano, por distritos e segundo os municípios respectivos.

Numa área geográfica assim tão extensa, nada mais natural que encontremos diferenças substanciais no que concerne à composição da população: a par de brasileiros natos, aparecem com certo destaque muitos estrangeiros (sobretudo portugueses e japoneses). Cumpre notar que, no século atual, teve importância a imigração de trabalhadores nacionais, particularmente para Cotia e Mairiporã (ex-Juqueri), conforme constatou JOSÉ FRANCISCO CAMARGO(19).

Todavia, o principal fator do crescimento da população da área em estudo foi a própria expansão da Capital paulista, que fêz ali surgir zonas puramente residenciais (em que se localizaram os que não suportaram o alto custo de vida da metrópole) e estimulou o estabelecimento de pequenos agricultores, que se dedicam a produzir para a população

(18) Cf. CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, *Censo Demográfico (1.º de julho de 1950)* — Estado de São Paulo — Seleção dos principais dados, ed. I. B. G. E., Rio de Janeiro, 1953.

(19) CAMARGO (José Francisco), obra citada, tomo III, pág. 115.

DISTRITOS MUNICIPAIS	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO URBANA
I. São Paulo :		
1. Itaquera....	14 886	2 714
2. Guaianases..	10 057	2 040
3. Parelheiros..	7 141	207
4. Perus....	5 607	2 013
5. Jaraguá..	2 543	701
II. Podá :		
6. Poá.....	8 508	4 164
7. Ferraz de Vasconcelos...	3 189	1 729
III. Suzano :		
8. Suzano..	11 157	4 087
IV. Moji das Cruzes :		
9. Itaquaquecetuba..	5 124	760
V. Santo André :		
10. Ribeirão Pires..	10 955	3 550
11. Mauá.....	9 472	3 336
12. Paranaapiacaba.....	2 267	404
VI. São Bernardo do Campo :		
13. Diadema.....	3 023	431
14. Riacho Grande.....	1 373	200
VII. Itapeçerica da Serra :		
15. Itapeçerica da Serra..	8 245	951
16. Jequitiba..	5 836	239
17. Embu.....	4 028	329
18. Embu-Guaçu..	3 815	633
VIII. Cotia :		
19. Cotia...	10 250	756
20. Itapevi.....	4 794	760
21. Caucaia do Alto..	1 968	65
22. Jandira.....	1 475	277
IX. Barueri :		
23. Carapicuíba..	5 948	4 083
24. Barueri..	3 521	1 622
25. Aldeia.....	978	146
X. Franco da Rocha :		
26. Franco da Rocha..	24 158	3 085
27. Caieiras.....	1 573	1 416
28. Francisco Morato..	324	324
XI. Mairiporã :		
29. Mairiporã..	9 386	660

paulistana. Daí os sucessivos loteamentos e a extraordinariamente rápida humanização da paisagem, ao longo notadamente da linha-tronco da "E. F. Central do Brasil", a par do florescimento de zonas agrícolas, como a da região de Cotia.

A região da Cantareira

Por sua proximidade em relação à cidade de São Paulo e, sobretudo, por sua importância no ponto de vista demográfico (em 1950, como já vimos, o subdistrito do Tucuruvi congregava cerca de 89 000 hab.), merece a região da Cantareira uma referência especial.

Localizada ao Norte da Capital paulista, caracteriza-se pela presença de um dos mais sensíveis acidentes geográficos da região paulistana — a Serra da Cantareira, batolito granítico que MORAES REGO e SOUZA SANTOS(20) estudaram com detalhes sob o ponto de vista geológico e petrográfico; por isso mesmo, sua topografia é profundamente movimentada, sendo comuns os vales fluviais em plena juventude. Em grande parte apresenta-se, ainda, recoberta por florestas compactas, cuja conservação está a cargo do Governo do Estado, que ali mantém um “Hôrto Florestal”.

Sempre foi e continua a ser a Serra da Cantareira um obstáculo de difícil transposição, o que explica a menor expansão da área suburbana de São Paulo no rumo do Norte, onde não ultrapassa o raio de 10km. O velho caminho colonial, alargado e melhorado, mas com rampas demasiado fortes e uma infinidade de curvas, continua a ser a única via de passagem em direção a Bragança Paulista e Atibaia, como para a região de Camanducaia e Paraisópolis, no Sul de Minas Gerais; aproveitando-se dos vales dos pequenos tributários da margem direita do Tietê, a estrada atinge penosamente a crista da Serra da Cantareira e passa a percorrer a região onde se encontram as cabeceiras dos formadores do rio Atibaia. Mas já se acha em construção a “Rodovia Fernão Dias”, executada dentro do rigor da moderna técnica da engenharia rodoviária e que deverá unir a cidade de São Paulo, através da região da Cantareira e do Sul de Minas, à cidade de Belo Horizonte.

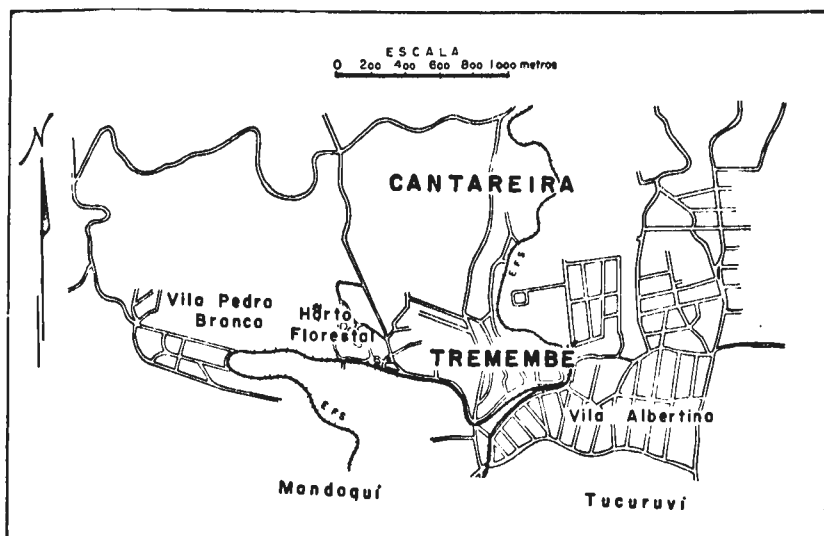
Posta de lado a área florestal reservada e conservada como relíquia, a ocupação do solo, no trecho em estudo, corresponde, em suas linhas gerais, aos tipos citados por DEFFONTAINES ao

(20) REGO (Luiz Flores de Moraes) e SANTOS (Tarcísio de Souza), *Contribuição ao estudo dos granitos da Cantareira*, ed. do I. P. T., São Paulo, 1938.

focalizar a utilização da montanha pelo homem brasileiro(21). De fato, ali se encontram aprazíveis chácaras e residências de campo, núcleos residenciais de classe média e de operários, estabelecimentos médico-hospitalares, trechos destinados à horticultura intensiva, locais de recreio e de divertimento para a população paulistana, centros de extração do granito.

As residências de verão e as chácaras de fins de semana destacam-se, em geral, pelo seu conforto, embora quase sempre tenham sido construídas e organizadas há já alguns anos, desde que a Cantareira foi, sem dúvida, um dos primeiros e mais procurados refúgios para a população da Capital. As chácaras merecem, realmente, êste nome não apenas por sua extensão, como porque dispõem de belos pomares e hortas bem cuidadas; já as residências fazem lembrar, muitas vezes, as sedes de fazendas paulistas, como bem o demonstra a do "Sítio dos Coqueiros", no trecho asfaltado da rodovia São Paulo-Bragança Paulista.

Os núcleos residenciais de classe média e de operários alinham-se notadamente ao longo dos trilhos do antigo "Tramway da Cantareira", hoje constituindo um dos ramais da "E. F. So-



Os subúrbios da Cantareira.

(21) DEFFONTAINES (Pierre), *Geografia Humana do Brasil*, págs. 49-60, 2.ª edição, Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1952.



*Contraste entre a área fortemente urbanizada e a floresta da Serra da Cantareira
(Foto da "Cruzeiro do Sul", 1952).*

rocabana", que partem do bairro do Pari e atravessam a porção ocidental de Santana. São constituídos por habitações modestas, construídas em pequenos terrenos adquiridos em suaves prestações mensais, graças ao fornecimento de materiais também pagos a longo prazo, quando não recebidos, em parte, gratuitamente, das empresas loteadoras; resultaram, muitas vezes, do trabalho realizado nos domingos e feriados, em certos casos sob a forma de um verdadeiro "mutirão", em que parentes e amigos se associam para alcançar o mesmo objetivo — fatos que não são exclusivos da região em estudo, mas que são comuns em toda a vasta área residencial suburbana. Desta maneira se constituíram aos poucos, com suas ruas em ladeira e sem calçamento, os pequenos aglomerados de *Vila Galvão* e de *Tremembé*, mais concentrados, ou os de *Gopouva* e *Vila Mazzei*, mais dispersos e semi-rurais, cuja fisionomia muito tem de semelhante aos aglomerados da área suburbana servida pela "E. F. Central do Brasil" e pela "E. F. Santos-Jundiaí", como também de certos bairros da periferia da metrópole paulista.

Em sua estrutura, tais aglomerados possuem sempre uma rua principal, onde, no todo ou em apenas num reduzido trecho, se concentra o comércio local — é o *centro* do subúrbio, ponto obrigatório de reunião de seus moradores e, em geral, ponto de partida e de chegada dos meios de transporte. Em torno desse núcleo, espalham-se as residências, de forma mais densa ou mais esparsa, por vezes um tanto desordenadamente, por falta de um planejamento prévio ou em virtude da espontaneidade de sua expansão.

Sem falar nas linhas de ônibus (que nem sempre ligam diretamente essa área suburbana ao centro da cidade de São Paulo), é o já mencionado ramal da "E. F. Sorocabana" o mais importante e preferido dos meios de transporte, por ser mais barato e por sua maior capacidade. Durante anos, o antigo "Tramway da Cantareira" constituiu um elemento singular e algo excêntrico, dentro da vida paulistana; com sua bitola de 60cm e correspondente material rodante de proporções quase liliputianas, serviu uma extensa área, através de seus ramos bifurcados — um no rumo de Tremembé e da reprêsa da Cantareira, outro na direção de Guarulhos. Hoje, porém, sua bitola é de 1 metro e, através de suas linhas, correm composições idênticas às de outras da "Sorocabana".

Nem por isso, entretanto, se alterou o espetáculo bem conhecido ao tempo do "Tramway": os vagões continuam a trafegar superlotados, sobretudo pela manhã, em direção à cidade, e ao anoitecer, em direção à região da Cantareira.

Sob certos aspectos, parece haver-se registrado uma pequena melhoria nesse transporte ferroviário regional: não apenas os passageiros dispõem agora de maior espaço para se movimentar no interior dos vagões, como as fagulhas expelidas pela pequenina e resfolegante locomotiva, do passado, já não mais castigam e danificam tanto os que se vêem obrigados a utilizá-lo.

A *horticultura* local encontra sérias dificuldades a vencer, em virtude da acidentada topografia, só podendo ser praticada em áreas muito restritas e disseminadas; daí o intenso aproveitamento dos fundos de vales mais abertos ou de planícies alveolares existentes às margens dos pequenos tributários do Tietê e do Arribaia, obrigando algumas vezes a rotação das culturas e, até mesmo, a técnica do terraceamento. Por isso mesmo, as áreas hortícolas nem sempre se tornam visíveis para quem percorre as estradas e caminhos da região; localizam-se, muitas vezes, a 50 e mais metros abaixo do nível dessas vias, junto aos modestos cursos de água, em desenhos simétricos, através de tonalidades diversas, correspondentes às diferentes culturas, que não deixam de oferecer um certo encanto à paisagem; e, não raramente, sua existência é atestada apenas pela presença, à beira dos caminhos, de cêstos e caixotes repletos de hortaliças, à espera do veículo que deve transportá-los, sem que se perceba, de pronto, de onde procede tal produção.

Via de regra, a casa de residência desses horticultores eleva-se na parte mais alta e íngreme dos vales, junto à estrada, sendo muitas vezes perceptível apenas porque seu telhado entra no campo de visão de quem por ali transita; construída com tijolos, oferece quase sempre um aspecto agradável e denuncia um relativo conforto.

A luta pela água para uso doméstico constitui outro sério problema, como também difícil é o problema de transportar o produto até a estrada; há os que utilizam, para tal fim, carroças puxadas por juntas de bois, embora mais freqüente seja o transporte dos caixotes nos próprios ombros do horticultor e nos de seus auxiliares. Atingida a estrada, a mercadoria é diretamente conduzida ao Mercado Central de São Paulo, em caminhões dos próprios produtores, ou vê-se apanhada por veículos de propriedade ou a serviço de intermediários.

Portuguêses e espanhóis, em maioria, são os responsáveis por êsses aspectos singulares da área suburbana de São Paulo e os que enfrentam os problemas que tal atividade tem de resolver.

A tranqüilidade do local, aliada ao clima saudável dessa região serrana, em contraste com a vida agitada e a atmosfera saturada da cidade, acabaram por eleger a Cantareira como uma pequena *estação de saúde*, com que podem contar os paulistanos. Daí a presença de sanatórios e casas de saúde, em geral especializados, em pontos vários da região (Mandaguai, Jaçanã, Tremembé).

Aquelas mesmas razões fazem com que a região se apresente como um dos mais apreciados *locais de recreio* para a população da cidade, particularmente aos sábados, domingos e dias feriados. Para ali se dirigem os que possuem automóveis de passeio, como ainda os que se utilizam dos ônibus e do ramal da "Sorocabana", por serem menos abastados. Regurgitantes de gente ficam o "Hôrto Florestal" e a Reprêsa da Cantareira, para além de Tremembé. Muito frequentes são os convescotes ou piqueniques, promovidos por clubes esportivos ou sociedades dançantes, que chegam a congregar 100 ou 200 pessoas, em festivas e animadas reuniões, que se prolongam por horas a fio.

A região da Cantareira vê-se, então, assaltada por uma pequena multidão, geralmente ruidosa e alegre, que se faz acompanhar por bandas de música indispensáveis para os bailes que constituem um dos maiores atrativos da festa. Vila Galvão costuma obter as preferências dos que a organizam, embora possam ter lugar noutros locais. Salões são alugados para as danças e uma animação invulgar pode ser observada nos estabelecimentos que se dedicam à venda de bebidas, sorvetes, sanduíches, doces e guloseimas.

Mais refinado é o comércio que, em tais ocasiões, se desenvolve sobretudo ao longo da Estrada da Água Fria e do caminho para o "Hôrto Florestal", através dos chamados *recreios* — pequenos bares ou restaurantes de aspecto campestre, resguardados por alpendres e telheiros, onde se vendem bebidas, salgados, milho verde, pamonha, caldo de cana, etc. Modestos concorrentes aparecem, também, à beira da estrada, expondo à venda seus produtos em barraquinhas improvisadas.

Outra atividade econômica da região da Cantareira consiste na exploração de seus diversos *aflorentamentos do granito*,

o que é feito pela Prefeitura Municipal de São Paulo, pelo Departamento Estadual de Estradas de Rodagem e também por particulares, que dessas pedreiras retiram paralelepípedos para o calçamento das ruas paulistanas e material destinado à pavimentação de estradas e às construções civis. Muitas delas acham-se em locais bem visíveis; mas outras existem que se escondem em plena floresta ou por detrás de acidentes do relêvo.

As pedreiras da Cantareira não deram nascimento, por sua exploração, a nenhum núcleo de povoamento. Isto se explica porque, em primeiro lugar, não são permanentes, deslocando-se a faina extratora tão logo se torne difícil e penosa a exploração ou quando se esgota o granito, na hipótese de se tratar de blocos mergulhados no espesso manto de decomposição; em segundo lugar, porque os que nelas trabalham não residem no local (salvo os poucos encarregados da guarda do material empregado em sua extração), vindo diariamente da Capital em caminhões e regressando ao entardecer.

Os prolongamentos ocidentais da Cantareira: a região de Perus

No rumo de Noroeste, em relação à Capital paulista, a Serra da Cantareira perde consideravelmente sua altitude, formando um colo, que a antiga "São Paulo Railway", hoje "E. F. Santos-Jundiaí", aproveitou para assentar seus trilhos, ao deixar a metrópole paulista em direção ao interior. Mas não tarda a surgir uma outra região extraordinariamente acidentada, onde aparecem os terrenos proterozóicos da série São Roque e onde se alteia, a 1 105 metros acima do nível do mar, a silhueta inconfundível do maciço montanhoso do *Jaraguá*.

Ao longo daquela via férrea e em suas vizinhanças veio a constituir-se um importante núcleo de povoamento suburbano — *Pirituba*, em fácil ligação com o bairro-subúrbio da Lapa e, hoje, praticamente unida ao velho bairro da Freguesia do O, graças à proliferação de uma notável série de bairros operários (Piquerí, Vila Bonilha, Vila Pereira Cerca, Vila Amélia, Vila São Vicente, Vila Primavera, etc.). Não se encontra, na região de Pirituba, um aglomerado própria-

mente digno dêste nome, mas uma pequena “constelação” de bairros que se interligam e que, sob o ponto de vista econômico, gravitam em tórno da Lapa. Trata-se de um interessantíssimo exemplo de “habitat” aglomerado-disperso, que recebe o nome da estação ferroviária que ali se encontra, a de Pirituba, mas que não possui nenhum pequeno centro urbano, capaz de reunir, como acontece alhures, a população ali residente.

O mais importante dêstes pequenos aglomerados é a *Vila Pereira Barreto*, não muito longe da estação, e que concentra maior número de habitações. Os outros são bem menores: *Vila Comercial*, *Vila Pirituba*, *Vila Palmeiras*, *Vila Mangalot*.

O “Sanatório Pinel”, para doentes mentais, assentado sôbre uma colina a cavaleiro da estação, ocupa um lugar à parte dentro da região.

Para além, sempre no rumo geral de NW e acompanhando os trilhos da “E. F. Santos-Jundiaí”, localiza-se uma área bem diversa por suas funções. Sem falar em *Taipas*, lugarejo através do qual se pode atingir o maciço do Jaraguá (onde o Governo do Estado estabeleceu uma reserva florestal — o “Parque Estadual do Jaraguá” e no qual ainda se podem observar os vestígios de antigas lavras auríferas), e depois de se penetrar no vale do rio Juqueri, encontram-se dois núcleos suburbanos de certa importância: o de *Perus*, onde se erguem as imponentes instalações da “Companhia Brasileira de Cimento Portland”, que aproveita o caulim e o xisto da própria localidade, além do calcário explorado a pouco menos de duas dezenas de km; e o de *Caieiras*, cuja vida continua a girar em tórno da importante fábrica de papel ali instalada pela “Companhia Melhoramentos de São Paulo”, responsável pela extensa plantação de pinheiros, que lhe fornece a necessária matéria-prima.

Em ambos os casos ora citados — o de Perus e o de Caieiras, existe um forte núcleo residencial, pois o operariado das respectivas indústrias vive nas mencionadas localidades, juntamente com certo número de horticultores. Todavia, nenhum dêles apresenta as características de urbanização que podem ser encontradas noutros aglomerados suburbanos. Apesar de distarem cêrca de 40km da Capital paulista, estreitas são as relações de sua população sobretudo com o comércio da Lapa e de outros bairros da metrópole.

Mais vida própria, maior individualidade — que resultam de seu maior afastamento —, apresenta *Franco da Rocha*, cujo desenvolvimento é bastante recente e se processou graças ao fato de se haver ali localizado o hospício para alienados, de propriedade do Estado; é já uma pequenina cidade, em tórno da qual se fixaram horticultores japoneses. Seu desenvolvimento assegurou-lhe a posição de sede municipal, separada da velha sede localizada na atual cidade de *Mairiporã*, ex-Juqueri.

Para além, fazem-se sentir outras esferas de influência, que não as da Capital paulista, pelo menos que justifiquem a inclusão dentro dos subúrbios paulistanos; é que se penetra na região de *Jundiaí* e, mais adiante, de *Campinas*, onde êsses dois importantes centros urbanos dispõem de “satélites” próprios.

Semelhanças e contrastes entre o Oeste e o Leste suburbanos

Tanto para os lados de Oeste como para as bandas de Leste da cidade de São Paulo abre-se vasta área suburbana, que apresenta algumas semelhanças funcionais, mas que oferece muitos contrastes, tanto no que se refere à geografia física como no que tange à vida humana.

Para Oeste situam-se os subúrbios que gravitam em tórno de dois velhos núcleos urbanos: *Cotia*, aglomerado tipicamente linear, à margem da rodovia São Paulo-Curitiba; e *Itapecerica da Serra*, já no rumo de SW, encarapitada sôbre uma colina, na altitude de 950 metros. Para Leste, acompanhando os trilhos da “E. F. Central do Brasil”, alinham-se numerosos pequenos aglomerados suburbanos, uns pertencentes ao município da Capital, outros no gôzo de cobiçada mas um tanto ilusória autonomia político-administrativa: *Itaquera*, *Guaianases*, *Pod*, *Itaquaquecetuba*, e *Suzano*, além de outros menores. Para além dêles, a influência da Capital paulista já não se faz sentir ou, pelo menos, é contrabalançada pela de outros centros urbanos.

Em todos êles, a *agricultura* está presente, se bem que de maneira muito mais acentuada nuns do que em outros:

embora em ambas as áreas haja o predomínio da pequena propriedade, as atividades agrícolas da porção ocidental apresentam uma variedade e uma importância muito maior do que as da porção oriental. Em quase todos, os *japoneses* dão uma nota toda particular à paisagem, graças ao capricho com que organizam e tratam suas culturas ou em virtude de suas típicas instalações destinadas à avicultura; é o que se pode observar nos arredores de Cotia, na chamada "Colônia" de Itaquera, na zona rural de Itaquaquetuba e nas vizinhanças de Suzano. São elementos que, numa visão de conjunto, identificam ambas as áreas suburbanas.

Diferentes, porém, são elas no que se refere à topografia (muito mais acidentada a Oeste do que a Leste, onde a várzea do Tietê constitui o traço marcante), como diferentes o são em outros aspectos: os subúrbios de Leste encontram-se em mais estreito contato com a Capital do que os de Oeste, que só dispõem de estradas de rodagem; muito mais isolados se apresentam os núcleos de população na porção ocidental em comparação com os da porção oriental, em que se observa uma quase ininterrupta sucessão de aglomerados; sensivelmente mais residenciais são estes últimos do que aqueles outros; já algumas fábricas (e até de importância) começam a surgir na zona da "Central do Brasil", ao contrário do que se registra na região de Cotia ou de Itapeverica da Serra. São contrastes que se contrapõem às semelhanças atrás apontadas, exigindo, para uma área como para outra, um estudo à parte.

Limitar-nos-emos, porém, a essas simples observações, desde que, na presente obra, dois dos capítulos seguintes vão abordar tais áreas com algum detalhe: o capítulo III, estudando *Cotia e Itapeverica da Serra*, como subúrbios agrícolas; e o capítulo IV, estudando *Itaquera e Poá*, como subúrbios residenciais.

A região das represas e o "sertão" de Santo Amaro

Ao Sul do bairro-subúrbio de Santo Amaro estende-se uma vasta área, onde a paisagem é cheia de inesperados contrastes e o homem oferece exemplos do mais alto como do mais baixo nível de vida.



*Sorocaba e a Represa de Santo Amaro ou do Guarapiranga
(Foto da "Cruzeiro do Sul", 1952).*

A construção dos reservatórios da “Light” foi a causa direta de uma verdadeira transformação em tôda a região e, de maneira particular, nas vizinhanças do Reservatório do Guarapiranga, graças à multiplicação das chácaras de recreio, das habitações destinadas aos fins de semana, dos clubes náuticos e de outros locais destinados à recreação.

As chácaras ocupam, em geral, pitorescos locais, ora às margens da reprêsa, ora junto às boas estradas que servem a região; são de tamanho médio e dispõem, quase sempre, de um conforto que bem atesta o bom gôsto e a fortuna de seus proprietários. Mais simples, algumas vêzes de madeira, embora também confortáveis, são as habitações dos que ali só vão passar os sábados e domingos.

A construção daquele reservatório foi, sem demora, aproveitada no sentido de oferecer à cidade de São Paulo algo com que os homens do passado jamais teriam sonhado: aprazíveis e recortados lagos artificiais, com modestas mas apreciadas “praias”. Surgiram os clubes náuticos — como o “Iate Clube Paulista”, o “Iate Clube Itália”, o “Clube Náutico de Santo Amaro”, etc. —, que propiciam aos seus associados a prática e o prazer da navegação, em veleiros e em barcos a motor. Daí o espetáculo que se pode presenciar aos sábados, domingos e feriados, quando lanchas motorizadas e elegantes veleiros passeiam sôbre as águas da reprêsa.

Tal atividade fêz nascer, como seria justo esperar, uma pequena indústria, destinada à construção e ao consêrto de embarcações. Particularmente na localidade de Socorro (antiga Capela do Socorro), bem próximo ao centro urbano de Santo Amaro, os “estaleiros” são numerosos e movimentados.

A proporção que se viam acentuados êsses novos aspectos e surgiam essas novas funções, na região, outras atividades correlatas ali apareceram: pequenas barracas de madeira destinadas ao uso dos que preferem banhar-se nas águas ali represadas; restaurantes de aspecto rústico, muitas vêzes ao ar livre; “charrettes” e animais de montaria, destinados a adultos e crianças; e uma infinidade de vendedores ambulantes, a oferecer sorvetes, pipocas e guloseimas em geral. Em vários trechos da Reprêsa do Guarapiranga surgiram, assim, centros de atração para os que aspiram a passar algumas horas de recrea-

ção, longe da vida dinâmica e trabalhosa da metrópole; algo que, ao mesmo tempo, faz lembrar alguns de nossos centros balneários, localizados à margem do Atlântico, e certas estações de águas de Minas Gerais ou do próprio Estado. Aos sábados e aos domingos, como nos dias feriados, a Avenida de Santo Amaro vê um movimento realmente extraordinário de veículos que demandam as “praias” de São Paulo; os bondes e os ônibus trafegam, naquela direção, abarrotados de gente — de gente da classe média e da classe operária, famílias inteiras, desejosas de passar algumas horas diferentes das que conhecem no decorrer da semana. Até mesmo pensões e hotéis se instalaram nessa área, procurando atrair fregueses através de letreiros muitas vezes espetaculares e contando com essa população flutuante que para ali aflui em massa. Além do mais, em Interlagos, um autódromo constitui local preferido pelos que se comprazem nas corridas de automóveis e de motocicletas. A própria nomenclatura desses núcleos reflete o papel que representam: Interlagos, Riviera Paulista, Biarritz, Praia Azul, Copacabana, etc.

Em conseqüência, a região das repêras valorizou-se de maneira espetacular, sendo extremamente elevados os preços das casas de campo e difícil a aquisição dos terrenos resultantes dos loteamentos ali feitos; os que os possuem, quando os transferem a terceiros, obtêm sempre lucros mais do que compensadores.

A construção do “Grande Hotel de Interlagos”, notável por suas proporções, ora em fase de acabamento, há de representar novo impulso para essa função recreativa e turística, ao mesmo tempo que abrirá perspectivas novas para a população e a economia locais.

Todavia, basta penetrar uns poucos quilômetros para além dessa área, em direção às escarpas da Serra do Mar, para que outra paisagem se abra aos olhos do observador. É o chamado “sertão” de Santo Amaro — um “sertão” que se encontra mais próximo do litoral do que a cidade de São Paulo... mas que, na verdade, faz lembrar bastante êsses recantos esquecidos, perdidos no anonimato, em tão grande número ainda existentes no imenso interior do país.

Trata-se de uma área que ficou inteiramente à margem das vias de comunicação entre São Paulo e o litoral atlântico; suas ligações se fizeram, durante muito tempo, através de péssimos caminhos, apenas com São Bernardo do Campo,

com Itapecerica da Serra e, menos freqüentemente, com Itanhaém, no litoral.

De início, sua escassa população dedicou-se à extração de madeiras da Mata Atlântica e à produção do *carvão vegetal*. Proibida a primeira na região de Santo Amaro, continua a existir apenas a segunda dessas atividades econômicas, em franco desenvolvimento sobretudo no “sertão” de Itapecerica da Serra, onde se encontra, com freqüência, a paisagem que lhe corresponde — os modestos carvoeiros, os rústicos fornos a soltar fumaça, a mata devastada de maneira irregular, os toscos ranchos de moradia. De quando em vez, o ronco de um caminhão vem em busca do carvão ali preparado, quebra a tranqüilidade sertaneja, resfolegando com dificuldade pelas estradas mal cuidadas e cheias de rampas fortes. É na pequena cidade de Itapecerica da Serra que se dá a reunião dos caminhões carvoeiros, cuja presença constitui, também, um dos poucos motivos de animação e movimento dessa localidade suburbana.

No “Sertão” de Santo Amaro pròpriamente dito, existem algumas *serrarias*, que trabalham para abastecer parte do mercado paulistano.

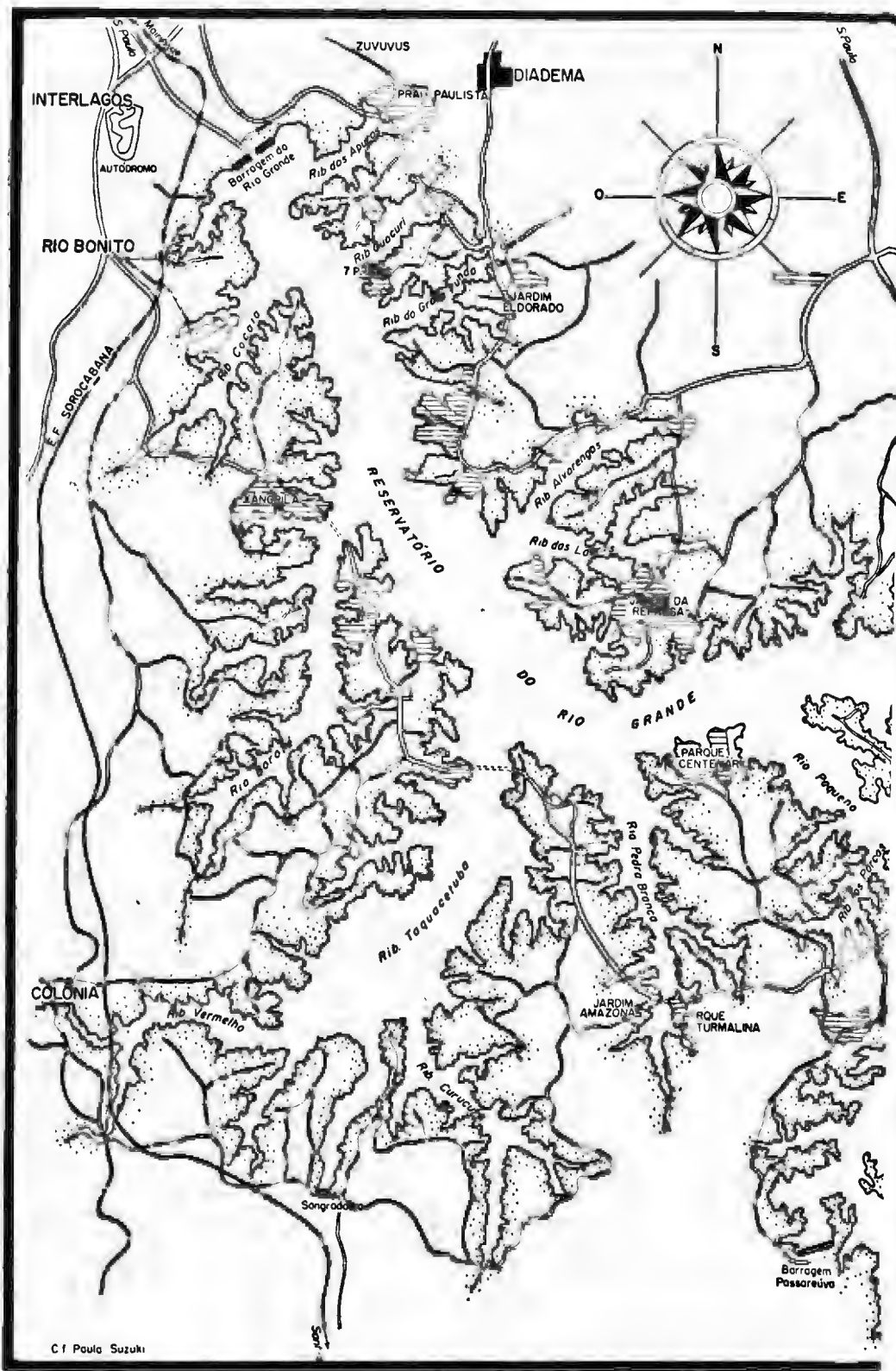
No reinado de D. Pedro I, registrou-se uma tentativa de *colonização alemã*, na área que vimos focalizando; a instalação do núcleo colonial teve lugar em junho de 1829, contando, inicialmente, com 62 famílias e um total de 299 pessoas(22). Entretanto, os fados não lhe foram favoráveis e, certamente pelo isolamento em que se encontrava, entrou logo em lamentável decadência. A êste fracasso fêz referência o Marechal DANIEL P. MÜLLER, ao publicar seu “Quadro Estatístico” em 1838, informando que ainda restavam ali 157 colonos. Em 1847, não existiriam mais do que 9 famílias(23).

De acôrdo com as informações do delegado de polícia de Santo Amaro, em ofício dirigido ao delegado de São Paulo, datado de 1850, a colônia em questão, que se localizava a 4 léguas da vila, estava “quase abandonada, tendo ùnicamente quatro ou cinco famílias, porque a mor parte delas se tem mudado para diferentes lugares, ignorando-se qual a razão de seu atraso(24)”.

(22) Cf. ZENHA (Edmundo), *A colônia alemã de Santo Amaro*, em “Revista do Arquivo Municipal”, vol. CXXXII, págs. 47-142, São Paulo.

(23) Cf. ZENHA (Edmundo), obra citada, pág. 103.

(24) Cf. ZENHA (Edmundo), obra citada, pág. 103-104.



INTERLAGOS

AUTÓDROMO

RIO BONITO

R. F. SOROCABANA

ZUVUVUS

DIADEMA

JARDIM PAULISTA

JARDIM EL DORADO

Cacoá

RESERVA TÓRIO

DO RIO GRANDE

Rio Preto

Rio Taquacetuba

COLÔNIA

Rio Vermelho

Rio Curuçú

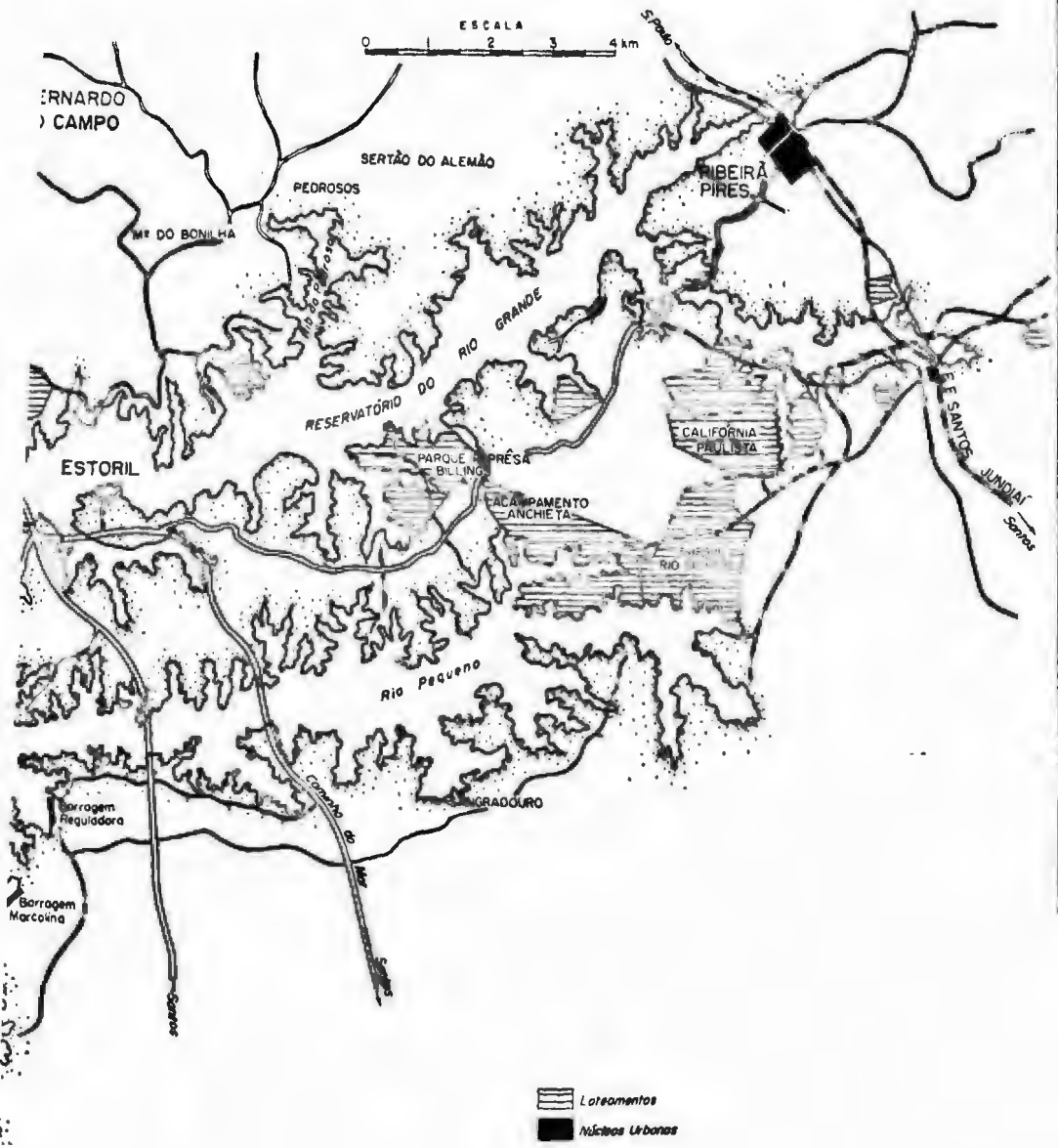
JARDIM AMAZONAS

ROQUE TURMALINA

Songradó

Barragem Passareúvo

LOTEAMENTOS JUNTO AO RESERVATÓRIO DO RIO GRANDE



Hoje, quem quer que, dirigindo-se para Parelheiros, alcance a localidade denominada *Colônia*, terá oportunidade de encontrar umas poucas famílias de caipiras típicos, vivendo pobremente. Seus componentes têm cabelos alourados, seus olhos são azuis, sua pele requeimada pelo Sol denuncia sua ascendência européia, seus sobrenomes são legitimamente germânicos. É o que resta do antigo núcleo colonial instalado em 1829.

Nesse pequenino e tranqüilo lugarejo, não existem mais do que umas poucas habitações mal arruadas e um modesto cemitério. Um espetáculo confrangedor.

Todavia, muitos desses colonos e seus descendentes fixaram-se, como artífices, no aglomerado urbano de Santo Amaro. Outros montaram serrarias ou passaram a dedicar-se à agricultura, fora do núcleo colonial. Numerosas famílias, de longa data radicadas na região de Santo Amaro, denotam sua origem alemã: Klein, Schmidt, Foster, Schunck, Cottefritz, Underweger, etc.

Síntese final

Em amplas visões panorâmicas, sem nenhuma preocupação de detalhe e tentando, sempre que possível, fazer comparações, examinamos os aspectos essenciais de toda a vasta área suburbana da cidade de São Paulo. Nosso principal objetivo consistiu em chamar atenção para os traços marcantes, deixados pelo homem, na paisagem dessa região até onde chega a influência direta da metrópole paulista. E não poderíamos agir de outra maneira, dada a vastidão do tema e a própria estrutura da presente obra: basta lembrar que, escrevendo em 1945, AROLDO DE AZEVEDO publicou um livro de 184 páginas somente a respeito dos subúrbios orientais, isto é, os que se alinham junto aos trilhos da "E. F. Central do Brasil"; por outro lado, três outros capítulos da presente obra, que virão a seguir, oferecem exemplos significativos dos três tipos de subúrbios da Paulicéia: São Caetano do Sul e Osasco, *subúrbios industriais* (cap. II); Cotia e Itapeverica da Serra, *subúrbios agrícolas* (cap. III); e Itaquera e Poá, *subúrbios residenciais* (cap. IV).

Resta-nos, apenas, sintetizar o que procuramos ressaltar nas páginas anteriores, a saber:

1) que na região suburbana de São Paulo se encontram núcleos de população de origens as mais diversas e datando de diferentes épocas, remontando uns aos tempos coloniais, surgindo outros no século atual;

2) que se deve ao surto industrial da Capital paulista o maior desenvolvimento dessa área, quer através da instalação de fábricas, quer através da formação de núcleos residenciais operários — fatos que atingiram, indiferentemente, velhos e novos aglomerados;

3) que, em virtude das características topográficas do Planalto Paulistano e sua rede de drenagem, a expansão dos subúrbios se processou muito mais no sentido Leste-Oeste, do que no sentido Norte-Sul;

4) que são três as principais funções dos subúrbios paulistanos — a industrial, a residencial e a agrícola, constituindo as duas primeiras importantes fatores da concentração demográfica;

5) que já se registraram expressivos exemplos de conurbação, graças à avassaladora expansão da metrópole, não existindo entre esta e alguns de seus subúrbios nenhuma solução de continuidade, bem ao contrário do que acontecia há 20 ou 30 anos;

6) que as zonas hortícolas e avícolas, localizadas nos subúrbios, já são insuficientes para atender às necessidades dos 3 milhões de habitantes da Capital, do que decorrem sérios problemas no que se refere ao seu abastecimento alimentar;

7) que, no que concerne à sua caracterização funcional, a área suburbana já se acha mais ou menos estabilizada, cabendo ao futuro apenas reforçar as funções já existentes;

8) que, em linhas gerais, os numerosos subúrbios de São Paulo refletem, em suas características e suas funções, as condições geográficas, nem sempre uniformes, da bacia sedimentar de São Paulo e de todo o Planalto Paulistano, e a maneira pela qual o homem soube aproveitar-se delas.

BIBLIOGRAFIA

I. Estudos especiais:

- AB'SÁBER (Aziz Nacib) — *Notas sobre a geomorfologia do Jaraguá e vizinhanças*, em "Filosofia, Ciências e Letras", n.º 10, São Paulo, 1948. — *Geomorfologia da região do Jaraguá*, em São Paulo, em "Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros", vol. II (1947), São Paulo, 1952.
- ALMEIDA (Fernando F. M. de) — *As camadas de São Paulo e a tectônica da Serra da Cantareira*, em "Boletim da Sociedade Brasileira de Geologia", vol. IV, n.º 2, São Paulo, setembro de 1955.
- ALMEIDA (Nelson Martins de) — *Isto é São Caetano*, ed. Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 1952.
- AZEVEDO (Aroldo de) — *Subúrbios de São Paulo — Primeiros Estudos*, em "Anuário" da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", São Paulo, 1943. — *Os subúrbios de São Paulo e suas funções*, em "Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros", ano IV, n.º 4, São Paulo, 1944. — *Subúrbios Orientais de São Paulo*, tese de concurso à cadeira de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945.
- CALDEIRA (João Netto) — *Álbum de São Bernardo* (1937), ed. Cruzeiro do Sul, São Paulo, 1937.
- CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA — *Santo André*, ed. I. B. G. E., Rio de Janeiro, 1953.
- DRUMOND (Carlos) — *Notas sobre alguns topônimos dos arredores de São Paulo*, em "Filosofia, Ciências e Letras", n.º 10, São Paulo, 1948.
- LIMA (Madre Rosa de) — *Habitções e povoados na região de Perus*, em "Anuário" da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", São Paulo, 1943.
- MANO (Alda) — *Relações entre o tráfego suburbano da E. F. Sorocabana e o povoamento da região São Paulo-São Roque* em "Anuário" da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" (1952-53), São Paulo, 1953.
- NOGUEIRA (Emília da Costa) e NUNES (Francisca M.) — *Propriedades de japoneses na região de Cotia*, em "Boletim Paulista de Geografia", n.º 9, São Paulo, outubro de 1951; e "Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros", vol. V, tomo I (1950-51), São Paulo, 1953.
- OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO — *Santo André — Sua importância econômica e seus problemas*, ano IV, n.º 72, Rio de Janeiro, 1942. — *Piqueri*, ano II, n.º 19, Rio de Janeiro, 1937. — *Cumbica, cidade industrial satélite de São Paulo*, ano XI, n.º 123, Rio de Janeiro, 1946. — *Cotia — Vinte anos de trabalho e pertinácia*, ano XII, n.º 140, Rio de Janeiro, 1947.
- PINHEIRO (Joaquim Gil) — *Memórias de Miboy* (Etnográficas, históricas e etimológicas), ed. Moderna, São Paulo, 1911.
- REGO (Luiz Flores de Moraes) e SANTOS (Tarcísio D. de Souza) — *Contribuição para o estudo dos granitos da Serra da Cantareira*, Boletim n.º 18. Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, São Paulo, 1938.
- REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — *Itapeverica, a pequena cidade que os séculos contemplam*, vol. III, São Paulo, 1934.
- SETZER (José) — *O estado atual dos solos do município de Itapeverica*, em "Revista Brasileira de Geografia", ano XIII, n.º 4, Rio de Janeiro, 1951; e "Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros" vol. VI, tomo I (1951-52), São Paulo, 1954.
- SILVA (Raul de Andrada e) — *A cidade de Santo André e sua função industrial*, em "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", vol. III, Rio de Janeiro, 1944.
- XAVIER (Maria Galdina A.) — *Um recanto da Cantareira: Gopóuva*, em Boletim n.º XXXVIII (Geografia n.º 1), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1944.

- XIDICH (Oswaldo E.) — *Subúrbio*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. CXIV, São Paulo, 1947.
- ZENHA (Edmundo) — *A colônia alemã de Santo Amaro — Sua instalação em 1829*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. CXXII, São Paulo,

1950. — *A colônia alemã de Santo Amaro*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. CXXXII, São Paulo. — *O Santo Amaro de Paulo Eiró*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. CLIII, São Paulo, 1952.

II. Estudos gerais e subsidiários :

- AB'SÁBER (Aziz Nacib) — *Os terraços fluviais da região de São Paulo*, em "Anuário" da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" (1952-53), São Paulo, 1953.
- ALMEIDA (João Mendes de) — *Dicionário Geográfico da Província de São Paulo*, Tipografia Espindola, Siqueira & Cia., São Paulo, 1901.
- ANTONIL (André João) — *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, Companhia Melhoramentos, São Paulo, 1923.
- ARROYO (Leonardo) — *Igrejas de São Paulo*, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1954.
- AVÉ-LALLEMANT (Roberto) — *Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858*, vol. II, tradução brasileira e ed. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1954.
- BRUNO (Ernani Silva) — *História e Tradições da cidade de São Paulo*, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1954.
- CAMARGO (José Francisco de) — *Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos*, Boletim n.º 153, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1952.
- CAPRI (Roberto) — *São Paulo, a "capital artística", na comemoração do Centenário (1822-1922)*, São Paulo, 1922.
- COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo*, Tipografia King, São Paulo, 1888.
- DEFFONTAINES (Pierre) — *Regiões e paisagens do Estado de São Paulo* (Primeiro esboço de divisão regional), em "Geografia", ano I, n.º 2, São Paulo, 1935. — *Geografia Humana do Brasil*, cap. III, ed. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1940; ed. Casa

do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1952.

- DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA — *Distritos de Paz do Estado de São Paulo*, São Paulo, 1940. — *Ensaio de um quadro demonstrativo do desmembramento dos Municípios*, São Paulo, 1941. — *Ensaio de um quadro demonstrativo do desdobramento das Comarcas*, São Paulo, 1942. — *Linhas divisórias do Município de São Paulo*, São Paulo, 1942. — *Catálogo das Indústrias do Município da Capital*, São Paulo, 1945. — *Catálogo das Indústrias do Estado de São Paulo* (exclusive o município da Capital), São Paulo, 1943.
- DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — *Quadro territorial, administrativo e judiciário do Estado* (Quinquênio 1954-1958), São Paulo, 1954.
- DIRETORIA DE PUBLICIDADE AGRÍCOLA — *A Capital de São Paulo em 1933*, ed. Secretaria da Agricultura, São Paulo, 1934.
- EGAS (Eugênio) — *Os Municípios Paulistas*, São Paulo, 1925.
- EMPRESA DE PUBLICAÇÕES ASSOCIADAS — *São Paulo, metrópole do século XX*, São Paulo, 1942.
- FREITAS (Afonso A. de) — *Geografia do Estado de São Paulo*, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1906. — *Dicionário Histórico, Topográfico, Etnográfico Ilustrado do Município de São Paulo*, tomo I, Gráfica Paulista, São Paulo, 1929.
- JAMES (Preston E.) — *Rio de Janeiro and São Paulo*, em "Geographical Review", tomo XXIII, Nova-York, 1933.
- KIDDER (Daniel P.) — *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*, tradução brasileira de Moacir N. Vasconcelos, Livraria Martins, São Paulo, 1940.
- LUNA (D. Joaquim G.) — *Os Monges Beneditinos no Brasil*.

- LUNÉ (Antônio José Batista de) e FONSECA (Paulo Delfino) — *Almanaque da Província de São Paulo para 1873*, São Paulo, 1873.
- MARQUES (Manuel Eufrásio de Azevedo) — *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo*, Livraria Laemmert, Rio de Janeiro, 1879; reedição Livraria Martins, São Paulo, 1952.
- MAWE (John) — *Viagens ao interior do Brasil, principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes*, tradução brasileira de Solena Benavides Viana, ed. Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1944.
- MENUCCI (Sud) — *O Município da Capital*, em "Revista do Arquivo Municipal", tomo IV, São Paulo, 1934. — *São Paulo, município gigante*, em "Revista do Arquivo Municipal", tomo XII, São Paulo, 1935.
- MOURA (Francisco Inácio Xavier de Assis) — *Almanaque Administrativo, Comercial e Industrial da Província de São Paulo para o ano bissexto de 1884*, Tipografia Jorge Seckler & Cia., São Paulo, 1883.
- MÜLLER (Daniel Pedro) — *Ensaio d'um Quadro Estatístico da Província de São Paulo (1838)*, reedição literal, Seção de obras de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 1923.
- PINTO (Alfredo Moreira) — *Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1894-99.
- PIZA (Marcelo) — *Os Municípios do Estado de São Paulo — Informações interessantes*, ed. Departamento Estadual do Trabalho, Tipografia Brasil, São Paulo, 1924.
- PRADO JÚNIOR (Caio) — *O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo*, em "Geografia", ano I, n.º 3, São Paulo, 1935; e "Revista do Arquivo Municipal", tomo XIX, São Paulo, 1936. — *Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo*, em "Estudos Brasileiros", ano III, vol. 7, n.ºs 19-20-21, Rio de Janeiro, 1941.
- QUEIROZ (Vitorino Seixas) — *ARANTES JÚNIOR (Lourenço) — Os Municípios do Estado de São Paulo — Informações interessantes*, ed. Secretaria da Agricultura, São Paulo, 1933.
- REGO (Luiz Flores de Moraes) — *As formações cenozóicas de São Paulo*, em "Anuário da Escola Politécnica de São Paulo", São Paulo, 1933.
- RIBEIRO (José Jacinto) — *Cronologia Paulista ou Relação Histórica dos fatos mais importantes ocorridos em São Paulo desde a chegada de Martim Afonso de Sousa a São Vicente até 1898*, São Paulo, 1899-1901.
- SAINT-HILAIRE (Auguste de) — *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*, tradução brasileira de Afonso d'E. Taunay, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1938. — *Viagem à Província de São Paulo*, tradução brasileira de Rubens Borba de Moraes, Livraria Martins, São Paulo, 1940.
- SANT'ANNA (Nuto) — *São Paulo Histórico (aspectos, lendas e costumes)*, ed. Departamento de Cultura, São Paulo, 1937-44.
- SETZER (José) — *Os solos do Estado de São Paulo*, ed. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1949.
- SMOTKINE (Henri) — *La Banlieue*, em "L'Information Géographique", ano XVI, n.º 1, Paris, 1952.
- SOCIEDADE EDITORA INDEPENDÊNCIA — *A Capital paulista comemorando o centenário da Independência*, São Paulo, 1920.
- SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von) — *Viagem pelo Brasil*, tradução brasileira de Lúcia Furquim Lahmeyer, vol. I, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938.
- TAUNAY (Afonso d'E.) — *Estudos de História Paulista*, em "Anais do Museu Paulista", tomo III, São Paulo, 1927.
- THORMAN (Canuto) — *Completo Almanaque Administrativo e Profissional do Estado de São Paulo para 1895*, ed. Companhia Industrial de São Paulo, São Paulo, 1895.
- TSCHUDI (J. J. von) — *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*, tradução brasileira de Eduardo de Lima Castro, Livraria Martins, São Paulo, 1953.
- ZALUAR (A. Emílio) — *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-61)*, ed. Cultura, São Paulo, 1943; e Livraria Martins, São Paulo, 1953.

CAPÍTULO II

São Caetano do Sul e Osasco, subúrbios industriais

ANTONIO ROCHA PENTEADO

e

PASQUALE PETRONE

Dois subúrbios industriais. — SÃO CAETANO DO SUL: Um município altamente urbanizado e fabril. As bases físicas sobre as quais se assenta São Caetano do Sul. De fazenda dos Beneditinos a cidade industrial. São Caetano do Sul e sua fisionomia urbana. A função industrial de São Caetano do Sul. Outras funções e problemas urbanos. Olarias e cerâmicas; a "Cerâmica São Caetano S. A.". Indústrias mecânicas e de transporte; a "General Motors do Brasil S. A.". As indústrias químico-farmacêuticas; a fábrica de "rayon" do grupo Matarazzo. Outras atividades industriais. São Caetano do Sul e o seu papel geográfico. — OSASCO: No vale do Tietê, a jusante da Capital paulista. Várzeas, terraços fluviais e colinas de modesta altitude. O sítio urbano de Osasco e de seus "satélites". Povoamento e urbanização da região de Osasco. A região de Osasco e sua estrutura urbana. As funções regionais.

NA IMPOSSIBILIDADE de analisar com pormenores toda a área suburbana industrial de São Paulo, necessário se fez escolher, dentro dela, uma ou duas "amostras" expressivas. Se levássemos em conta exclusivamente a importância e o valor global do respectivo parque industrial, não haveria nenhuma dúvida de que *Santo André* deveria ser o exemplo preferido. Se desejássemos mostrar, nos detalhes, como se processou a transformação de um velho aglomerado, com raízes que remontam ao período colonial, em centro industrial de destaque, nossas preferências poderiam voltar-se para *São Miguel Paulista* ou *São Bernardo do Campo*, para *Guarulhos*

ou *Santo Amaro*. Todavia, pareceu-nos preferível uma solução até certo ponto intermediária: iremos focalizar dois importantes subúrbios industriais, situados em posição quase diametralmente oposta, diferentes em suas origens mais remotas, embora contemporâneos em sua função industrial, ambos estreitamente ligados à vida da metrópole paulista: *São Caetano do Sul* e *Osasco*.

Coube a ANTONIO ROCHA PENTEADO realizar o estudo de *São Caetano do Sul* e a PASQUALE PETRONE o referente a *Osasco*.

SÃO CAETANO DO SUL(*)

Um município altamente urbanizado e fabril

Situado a SE da Capital paulista, em terras pertencentes à Bacia sedimentar de São Paulo e drenadas pelo rio Tamanduaté, *São Caetano do Sul* ocupa uma área municipal de apenas 13km², o que o torna um dos menores municípios do Estado e do Brasil. Cercam-no as terras dos municípios de São Paulo, Santo André e São Bernardo do Campo. Mas quem quer que atinja seu centro urbano, vindo da capital ou de Santo André, não sente a transição, porque a continuidade da paisagem urbana, ao longo das vias de comunicação, é quase absoluta.

São Caetano do Sul lembra, por sua fisionomia, certos bairros industriais da metrópole. Sua população, num total de 59 832 hab., assim se repartia, em 1950:

	HABITANTES
Área urbana.....	49 132
Área suburbana..	6 267
Área rural..	4 433

(*) O autor do presente trabalho, além das pesquisas que levou a efeito pessoalmente, utilizou dados e informações contidos em trabalhos ainda inéditos de duas de suas ex-alunas da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", a saber: NOVAIS (Wanda Maria), *O município de São Caetano do Sul*; e SANTORO (Yolanda Teresinha), *A função industrial de São Caetano do Sul*.

Daí decorre que, naquele ano, existiam 4 602,4 hab/km², na pequena área municipal ocupada por São Caetano do Sul, o que, juntamente com a escassíssima população rural, serve para dar-lhe um de seus característicos marcantes — o alto coeficiente de urbanização, um dos maiores do Brasil em 1950.

Além desta característica, causa ou consequência dela, outra existe, de caráter funcional — a industrialização, que se reflete, não apenas na paisagem urbana, mas em algumas cifras bastante significativas: quase um têrço da população, em 1950, trabalhava nas indústrias locais; o valor de sua produção industrial foi superior, naquele ano, a 2 bilhões de cruzeiros; e as arrecadações de impostos federais, estaduais e municipais, em conjunto, ultrapassaram a cifra de 108 milhões de cruzeiros.

De acôrdo com os dados fornecidos pela agência local do I. B. G. E., em 1950 assim se repartiram as arrecadações no município de São Caetano do Sul:

	EM CRUZEIROS
Arrecadação federal... .	65 779 298,00
Arrecadação estadual... .	40 216 603,00
Arrecadação municipal... .	22 179 004,00

Cumprе acrescentar que, como índice do crescente desenvolvimento de São Caetano do Sul, a receita municipal prevista para 1957 ultrapassa a 65 milhões de cruzeiros.

As bases físicas sôbre as quais se assenta São Caetano do Sul

Uma vez que São Caetano do Sul se inclui na Bacia sedimentar de São Paulo, nada mais natural que sejam semelhantes aos da Capital paulista os elementos básicos do sítio urbano dessa cidade-subúrbio: ali se encontram *colinas* de contornos suaves, constituídas por argilas consideradas de idade pliocênica e com altitudes médias de 770–780 metros acima do nível do mar, só excepcionalmente atingindo a cota de 790 metros; como também *várzeas* sílico-argilosas, de idade quaternária,

construídas pelo rio Tamanduateí e pelo seu afluente — o rio dos Meninos, que se erguem numa altitude aproximada de 740 metros sôbre o mar, o que significa que o desnível médio entre umas e outras é de cêrca de 40 metros.

Duas são as colinas que mais de perto interessam ao sítio urbano de São Caetano do Sul, ambas bem individualizadas por pequenos cursos de água tributários do Tamanduateí: a *colina ocidental*, mais extensa, situada em contato com a cidade de São Paulo e que abriga a maior parte do núcleo urbano; e a *colina oriental*, de menor extensão, menos ocupada e onde se acham bairros residenciais operários. Entre uma e outra existe o córrego do Moinho, pouco habitado em seu curso superior e médio mas dominado pelo casario da cidade em seu trecho inferior.

Das *várzeas*, a do Tamanduateí é a mais importante, situando-se na porção setentrional do aglomerado urbano e com a qual se confunde a várzea do córrego do Moinho; para Oeste, abre-se a várzea do rio dos Meninos, menos extensa que a primeira. São áreas densamente ocupadas, sobretudo pelos estabelecimentos fabris, nelas localizados em virtude da presença das vias de comunicação e graças à existência da água, indispensável para suas atividades.

As sondagens efetuadas pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas, a pedido de emprêsas industriais ali localizadas, têm demonstrado que São Caetano do Sul se encontra nos limites meridionais da Bacia sedimentar de São Paulo(1); os terrenos pliocênicos aparecem, em muitos trechos, bastante delgados e chegam mesmo a desaparecer, como acontece nas várzeas dos rios Tamanduateí e dos Meninos, ao passo que, nestas últimas áreas, os terrenos quaternários são muito ricos em argilas, o que favoreceu a instalação de olarias e cerâmicas em geral. Por outro lado, observou-se que, sobretudo nas planícies aluviais, as camadas de areias de granulação grossa e média surgem entremeadas de importantes depósitos de argilas muito compactas, de côr amarelada e cinzenta, que asseguram a existência de lençóis freáticos, constituindo outro fator favo-

(1) A sondagem realizada nas proximidades da "Cerâmica São Caetano" atingiu a profundidade de 21,10m, constatando-se que os primeiros 3,70m eram constituídos por areias de diversos tipos, às quais se sucediam terrenos cristalinos muito decompostos.

rável para a fixação de indústrias que necessitam de água em abundância.

Tudo isso explica, de maneira satisfatória, o diferente papel representado pelos elementos do sítio urbano de São Caetano do Sul — as várzeas atraindo as indústrias e as colinas contendo as áreas residenciais e comerciais.

Como bem se pode imaginar, quase mais nada resta, na região em estudo, que não tivesse sentido a presença do homem; a paisagem encontra-se, em sua maior parte, inteiramente humanizada. Os *banhados* existentes ao longo do rio dos Meninos e pequenos trechos de *campinas*, semelhantes às de outros subúrbios paulistanos e que surgem nas colinas de SE e SW do município, são os únicos trechos em que a natureza faz ainda sentir sua presença, embora de forma modestíssima.

De fazenda dos Beneditinos a cidade industrial

Os historiadores discutem se as terras que hoje constituem o município de São Caetano do Sul fizeram parte do têrmo da vila de *Santo André da Borda do Campo* ou se pertenciam a uma sesmaria doada a Brás Cubas. Não nos cabe resolver o problema, mas, tão-sòmente, acentuar que tudo parece indicar que a região já se achava habitada na primeira metade do século XVII, pois data dessa época a doação feita aos monges da Ordem de São Bento.

À página 33, do "Livro do Tombo" do Mosteiro de São Bento, consta o seguinte: "Em 19 de setembro de 1631, na vila de Sant'Ana das Cruzes de Mogí, Duarte Machado e sua mulher Joana doaram aos monges de São Bento a sua fazenda e sítio, onde se chama *Tijussú* (têrmo da Capitania), constando de dois sítios e terras anexas ao *Tijucussú*". À essas terras, mais dois outros sítios foram anexados, por doação de Fernão Dias Pais.

No lugar então conhecido por *Tijucuçu* (nome que tanto pode indicar "tijuco grande", em virtude da presença das várzeas argilosas, como "tijuco do Sul", corruptela menos provável), numa área de cêrca de 500 braças quadradas, instalaram os Beneditinos a *Fazenda de São Caetano*, assim denominada por ter sido nela erigida uma capela em honra de

tal santo. De início, as terras foram aproveitadas para pequenas culturas e para a fabricação de utensílios de cerâmica (potes, panelas, etc.); em 1764, contava também com 40 cabeças de gado(2).

A falta de padres, com que teve de lutar a Ordem de São Bento (a exemplo de outras ordens religiosas), e motivos de natureza diversa redundaram na decadência e conseqüente abandono dessa propriedade rural.

Em 1876, o Governo Imperial deliberou adquirir as terras da "Fazenda de São Caetano", com o objetivo de nela instalar um *núcleo colonial*; e a 28 de julho de 1877 ali chegaram os primeiros imigrantes italianos, em número de 26 famílias, os quais se alojaram provisoriamente na velha sede da Fazenda. Processou-se, em seguida, o loteamento da gleba, dando-se preferência às terras situadas entre a "E. F. Inglesa" (atual "E. F. Santos-Jundiá") e o curso do Tamanduateí(3).

De acôrdo com o depoimento de um dos descendentes desses primeiros colonos italianos, naquele ano de 1877 ainda viviam na decadente "Fazenda de São Caetano" umas 20 e poucas pessoas, das quais 4 livres e alguns escravos, próximo à igreja, 3 ou 4 famílias junto à ferrovia e, para os lados do Sul, mais uma família isolada(4).

O lugar encontrava-se lamentavelmente abandonado, tendo o mato invadido a maior parte da velha propriedade beneditina. Coube aos primeiros colonos italianos (que em sua maioria eram originários de Treviso) uma tarefa de quase pioneirismo, desbravando aquelas terras, onde pouco restava da antiga ocupação. Ao iniciar-se o ano de 1878, mais 13 famílias de colonos (oriundas, agora, de Mântua) vieram juntar-se às primeiras, perfazendo um total de 39 famílias.

A antiga "Fazenda de São Caetano", assim transformada em núcleo colonial, ocupava uma área de 10,90km², isto é, quase tão extensa como o atual município. Dos 181 lotes demarcados, nada menos de 101 foram ocupados pelos colonos no mesmo ano de 1877. Nessa fase inicial, ali viviam 251 colonos, dos quais 159 eram solteiros (63,3%), 181 tinham

(2) Cf. LUNA (D. Joaquim G.) — *Os Monges Beneditinos no Brasil*, pág. 137.

(3) Cf. ALMEIDA (Nelson Martins de) — *Isto é São Caetano*, pág. 16.

(4) Veja o "Jornal de São Caetano", de 27 de junho de 1948.

menos de 30 anos (72,1%) e 101 menos de 10 anos (42%). E não tardou que surgissem as primeiras atividades industriais — uma fábrica de sabão e uma olaria. Em 1883, foram instaladas duas escolas públicas, como reflexo de sua numerosa população escolar.

O Relatório da “Comissão Central de Estatística” do Estado, publicado em 1888(5), apresenta uma série de dados que servem para nos dar uma idéia do Núcleo Colonial de São Caetano na penúltima década do século XIX.

De acôrdo com o recenseamento feito em 1887, sua população total seria de 251 pessoas, tôdas professando o Catolicismo, assim repartidas:

	PESSOAS
Do sexo masculino.. . . .	134
Do sexo feminino.. . . .	117
Solteiros.. . . .	159
Casados.. . . .	91
Viúvo.....	1
Menores de 10 anos.....	101
De 11 a 30 anos.. . . .	70
De 31 a 50 anos.. . . .	57
Maiores de 51 anos.....	23
Sabendo ler e escrever.. . . .	47
Analfabetos.....	112
Freqüentando a escola.. . . .	92
Italianos.....	157
Brasileiros.....	94
Agricultores.....	137
Artistas e operários.. . . .	3
Comerciante.. . . .	1

Percebe-se, desde logo, que o núcleo continuava a ser, dez anos após a sua instalação, tipicamente *italiano*, sendo a *agricultura* a principal atividade de seus habitantes.

Neste último particular, o citado recenseamento também fornece interessantes dados, pelos quais se verifica que a *cultura da vinha* (naturalmente ali introduzida pelos colonos) constituía a maior riqueza rocal, existindo 65 390 videiras, que produziram vinhos no valor de 64 245\$000, o que equivalia a mais de 75% do valor total da produção (que foi de 85 101\$000). Os demais produtos do Núcleo Colonial, em ordem de importância decrescente, quanto ao valor, eram os seguintes: frutas diversas, batatas, feijão, milho, farinha de mandioca e forragem(6).

(5) COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo*, Tipografia King, São Paulo, 1888.

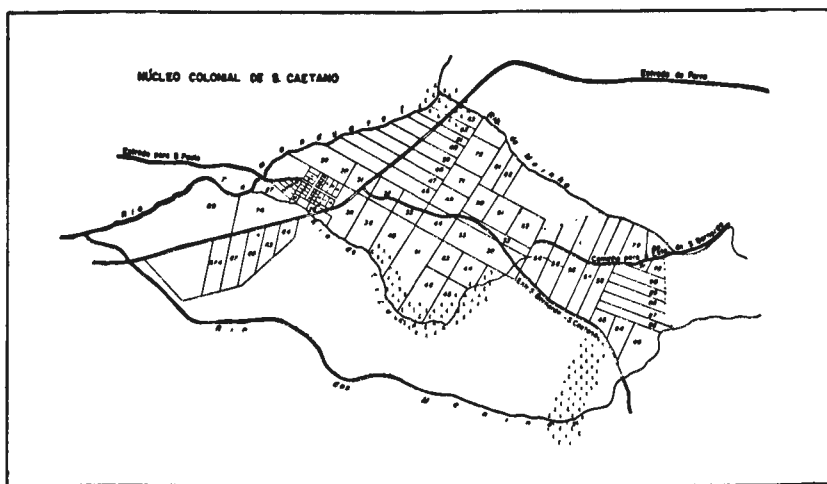
(6) Cf. COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA, obra citada, págs. 69 e 70.



Passado e presente, reunidos. — A velha igreja de São Caetano, no Bairro da Ponte (onde se fixaram os primeiros colonos italianos), tendo ao lado as chaminés da fábrica de "rayon" das I. R. F. Matarazzo.

Tudo parece indicar que os colonos italianos mantinham estreitas relações entre si; de outra maneira não se explica que, em 1891, viessem a fundar a “Societá di Mutuo Soccorso Principe de Napoli”, de caráter beneficente e assistencial.

O progresso do Núcleo de São Caetano determinou sua elevação à categoria de *distrito fiscal* (1905), integrado no então município de São Bernardo; e, ainda refletindo sua



O Núcleo de São Caetano e seu loteamento. — Em julho de 1877, chegaram à antiga Fazenda de São Caetano as primeiras 26 famílias de colonos italianos. Dez anos depois, a população do Núcleo Colonial era de 251 pessoas.

importância crescente, a localidade passou a ter o seu serviço de águas e esgotos, além de um matadouro público e um cemitério (1911).

É que, nesse alvorecer do século XX, São Caetano tomou definitivamente o rumo que haveria de lhe assegurar a vitalidade econômica dos nossos dias, transformando-se, pouco a pouco, em um centro industrial.

Data de 1907 a fundação da “Sociedade Internacional Operária de São Caetano”. A partir da década de 1910-20, importantes empresas industriais ali se fixaram, bastando citar uns poucos mas expressivos exemplos: a “Cerâmica São Caetano S. A.”, então denominada “Cerâmica Privilegiada do Estado de São Paulo” (1912), a “Refinadora de Óleos Brasil” (1913), a “General Motors do Brasil” (1929), a fábrica de “rayon” das “Indústrias Reunidas F. Matarazzo” (1926).

São Caetano do Sul e sua fisionomia urbana

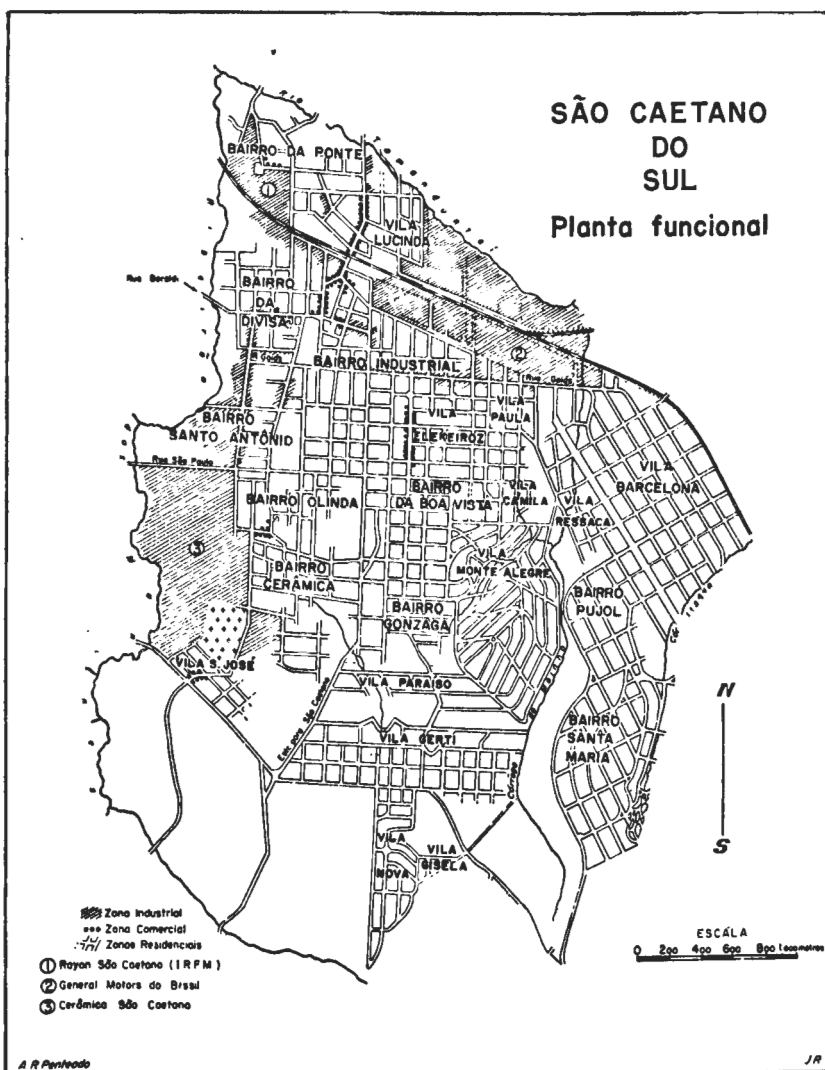
Em 1938, quando São Bernardo cedeu o lugar de sede de município a Santo André, o aglomerado de São Caetano passou a constituir a chamada 2.^a zona Distrital de São Bernardo; logo mais, em 1944, São Caetano foi reduzido a 2.^o subdistrito do município de Santo André. Todavia, diante de seu ininterrupto progresso e de sua força cada vez maior no setor das indústrias, sua emancipação político-administrativa se impôs; e, em 1948, surgiu um novo município paulista — o de *São Caetano do Sul*, parcela importante da chamada Região do A. B. C.

O censo de 1950 registrou, em suas áreas urbana e suburbana (isto é, na aglomeração urbana pròpriamente dita), uma população superior a 55 000 habitantes, o que significa que se alinha entre as 30 mais populosas cidades brasileiras e ocupa o sétimo lugar dentro do Estado de São Paulo.

São as seguintes as cidades paulistas cuja população, em 1950, era superior à de São Caetano do Sul: São Paulo, Santos, Campinas, Santo André, Sorocaba e Ribeirão Prêto.

Quase a totalidade da população municipal (59 832 hab. em 1950) é constituída de elementos brancos (mais de 90%), dentre os quais muitos estrangeiros (12% da população municipal), principalmente italianos, espanhóis, húngaros e eslavos, em sua maior parte operários especializados.

A *área central* de São Caetano do Sul caracteriza-se por seu plano perfeitamente regular, com as ruas entrecruzando-se em ângulos retos, amplos quarteirões e umas poucas praças arborizadas. Já a *zona norte*, bem ao contrário, apresenta um plano irregular, denotando seu caráter espontâneo e a ausência de qualquer planejamento; corresponde ao trecho situado entre a ferrovia e o vale do Tamanduateí, exatamente a parte mais antiga da cidade e não longe da qual se erguem alguns dos maiores estabelecimentos industriais, acompanhando a linha férrea e prolongando-se no rumo de Oeste, pelo vale do rio dos Meninos. Na *zona sul*, sôbre as mais altas colinas locais,



Planta funcional de São Caetano do Sul (1954).

predominam os bairros operários (Vila São José, Vila Paraíso, Vila Gerti, Vila Nova, Vila Gisela, etc.), com suas habitações padronizadas e densamente aglomeradas em virtude da pequena extensão dos lotes em que foram construídas; é nesta área que se encontram muitos alemães e eslavos, se bem que nela predominem os brasileiros, notadamente nordestinos.



São Caetano do Sul. — Um município altamente urbanizado, sem zona rural. As grandes indústrias destacam-se, sobremaneira, na homogeneidade da paisagem urbana (Foto da "Cruzeiro do Sul", 1952).

Guardadas as devidas diferenças, São Caetano do Sul acompanhou a Capital paulista no que se refere ao ritmo de suas construções. Daí a existência de uma vintena de *bairros* ou “vilas”, que ocupam quase tôda a área municipal, e uma série de *problemas urbanos*, que a administração precisa enfrentar, sem conseguir (a exemplo do que acontece, em proporções bem mais sérias, na cidade de São Paulo) resolvê-los a inteiro contento, tão rapidamente se vem processando o crescimento urbano. Por isso mesmo, em 1950, apenas 7 bairros tinham suas ruas iluminadas a eletricidade e sòmente 9 contavam com as vantagens da eletricidade domiciliar e da água encanada.

Êstes últimos correspondiam aos trechos industrializados e às zonas em que se concentravam as melhores residências e casas de comércio: o bairro da *Ponte* (no trecho mais antigo da cidade), os de *Vila Olinda*, *Elekeiroz* e *Boa Vista* (junto à ferrovia e à Avenida Industrial) e os da *Divisa* e *Santo Antônio* (situados a Oeste, em contato com a cidade de São Paulo).

Os bairros mais sacrificados eram os da Zona Sul, sem iluminação e obrigados a obter a água através da abertura de poços, cuja profundidade chega a ser superior a 20 metros.

O problema da água era, sem dúvida, dos mais sérios: a água encanada (cujo consumo diário é de 4 milhões de litros) praticamente só existia nos bairros centrais: nos demais, ou se lançava mão da abertura de poços ou, como acontecia com os estabelecimentos industriais, abriam-se poços artesianos e fazia-se uso das águas do Tamanduateí e do rio dos Meninos.

Além disso tudo, há o problema do calçamento das ruas, da rêde de esgotos e do sistema de transportes locais — todos não resolvidos de maneira a satisfazer a população. No que se refere aos transportes urbanos, as três empêsas de ônibus (com uma capacidade total de transporte equivalente a 500 lugares) não conseguiram dar vazão à circulação diária dos habitantes, o que levou a administração municipal a reuni-las em uma só empêsas (1950), trazendo uma certa melhoria. Mas o transporte dos que se dirigem a São Paulo e a Santo André, ou daí procedem, continua a exigir providências, a fim de se tornar mais eficiente. Todos êstes problemas foram vigorosamente atacados pelos podêres municipais, tendo sido, daquela data até hoje, pavimentadas inúmeras ruas, ampliadas as rêdes de água e esgôto, sensivelmente melhorada a iluminação pública e domiciliar, aumentada a frota de ônibus e construída a Estação Rodoviária e obras de arte entre as quais se destaca o Viaduto dos Autonomistas que resolveu a questão da transposição dos trilhos da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí.



Vista parcial de São Caetano do Sul. — A fotografia mostra as duas principais vias de acesso à cidade — a E. F. Santos-Jundiá e a Rua Goiás, como também o chamado *Bairro Industrial*, assentado na várzea do Tamanduateí, ao longo da via-férrea, onde a abundância de espaço permitiu a instalação de grandes indústrias.

A função industrial de São Caetano do Sul

A função industrial sobrepuja qualquer outra existente no município de São Caetano do Sul; em 1950, o valor da produção saída de suas fábricas foi de mais de 2 bilhões de cruzeiros.

Essa função acha-se correlacionada, antes de tudo, à *posição geográfica* que o caracteriza: situado no vale do Tamanduaté (via natural entre a Capital paulista e o litoral, e, por isso mesmo, aproveitado pela via férrea), dista a cidade apenas 14km da Estação da Luz e mantém perfeita contigüidade com alguns dos bairros industriais de São Paulo (como o Ipiranga e a Mooca). A par disso, cumpre não esquecer que tem a Leste o centro industrial de Santo André, representando “o papel de verdadeira ponte ou traço-de-união entre a cidade de São Paulo e a de Santo André”, como já em 1943 acentuara AROLDO DE AZEVEDO(7). Resta lembrar, finalmente, as ligações por estradas de ferro e de rodagem que colocam o município em permanente contato, ao mesmo tempo, com o interior do Estado e o pôrto de Santos.

Outro fator que aparece como causa e conseqüência dessa função é o referente à *mão-de-obra*, que não constitui problema para suas indústrias; em 1950, para um total de 59 832 habitantes da área municipal, nada menos de 16 085 exerciam atividades industriais. Tudo indica que São Caetano do Sul, por sua posição geográfica, não lutará com a falta de operários para suas numerosas fábricas.

Digno de nota é o fato de várias indústrias locais oferecerem a seus empregados salários compensadores e certas vantagens que muito poucas outras, mesmo as da Capital, têm possibilidades de fazer: ônibus especiais para o transporte dos funcionários administrativos, assistência médica, restaurantes internos e até clubes esportivos, em geral bem organizados e equipados. Isto acontece particularmente com as grandes emprêsas que, se bem que em minoria, congregam a quase totalidade do operariado são-caetanense.

(7) AZEVEDO (Aroldo de) — *Subúrbios de São Paulo* (Primeiros estudos), em Anuário da Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae”, São Paulo, 1943, pág. 16.

Em 1950, assim se repartiam os operários de São Caetano do Sul em relação aos estabelecimentos industriais (em porcentagens):

OPERÁRIOS	ESTABELECI- MENTOS
Até 50.....	81,5
De 51 a 200.....	11,1
De 201 a 1 000..	4,9
Mais de 1 001..	2,5

Assegurando a presença dessa indispensável mão-de-obra, poupando-lhe, ao mesmo tempo, gastos e cansaços (inevitáveis quando grandes são as distâncias a vencer entre a fábrica e o local de moradia), algumas empresas promoveram a criação de "vilas" operárias, bem próximo aos respectivos estabelecimentos industriais; é o que acontece, por exemplo, com as "Indústrias Reunidas F. Matarazzo".

Se analisarmos a composição do parque industrial de São Caetano do Sul através do *valor da produção industrial* de cada um dos tipos de indústrias, sentiremos melhor suas características e alguns de seus problemas. Em 1950, para um total de Cr\$ 2 108 333 000,00 assim se classificaram os tipos de indústrias:

INDÚSTRIAS	VALOR EM CRUZEIROS
1. Construção e montagem de material de transporte.....	884 891 000,00
2. Químicas e farmacêuticas.....	538 798 000,00
3. Metalúrgicas.....	232 992 000,00
4. Transformação de minerais não-metálicos.....	216 608 000,00
5. Produtos alimentares..	98 015 000,00
6. Têxteis.....	64 810 000,00
7. Papel e papelão..	28 040 000,00

Percebe-se, antes de tudo, que o parque industrial de São Caetano do Sul difere, substancialmente, do parque industrial paulistano no que se refere à sua estrutura, uma vez que os têxteis e os produtos alimentares se situam em posição secundária, bem ao contrário do que acontece com a Capital paulista(8). A começar pelos três mais importantes grupos (que correspondem a mais de 78% do valor total), a

(8) Veja o capítulo I do vol. III desta obra.

grande maioria das indústrias locais utilizam *matérias-primas* que não provêm do município; apenas a de transformação de minerais não-metálicos (em que se incluem as cerâmicas e olarias) pode contar com essa vantagem. Eis outro característico do parque industrial em estudo, que não apareceria não fôsem sua posição geográfica e os meios de transporte de que dispõe. Além disso, é óbvio que sua produção não se destina, senão em parcela diminuta, ao consumo local, mas para mercados consumidores do próprio Estado, do país e até do estrangeiro.

Daí decorre que vultosas são as despesas efetuadas com a aquisição de *matérias-primas*, atingindo o total global quase 500 milhões de cruzeiros, em 1950, que se repartiram principalmente pelas seguintes indústrias:

INDÚSTRIAS	DESPESAS EM CRUZEIROS
1. Químicas e farmacêuticas..	171 722 000,00
2. Metalúrgicas.....	89 403 000,00
3. Produtos alimentares.....	57 990 000,00
4. Transformação de minerais não-metálicos..	28 667 000,00
5. Têxteis.....	28 492 000,00
6. Construção e montagem de materiais de transporte..	27 788 000,00
7. Papel e papelão..	21 915 000,00

Observa-se, imediatamente, que outra é a ordem em que se alinham os tipos de indústrias na tabela acima e na anteriormente citada, destacando-se especialmente a mudança de posição das indústrias de construção e montagem de materiais de transporte. É que esta última (ali representada sobretudo pela "General Motors do Brasil"), a mais importante pelo valor da produção, utiliza notadamente artigos já manufaturados e não, propriamente, matéria-prima em bruto, ao contrário do que sucede com as que figuram nos primeiros lugares da tabela ora em foco.

Por outro lado, embora as várzeas de São Caetano do Sul sejam muito ricas em argilas, as cerâmicas locais (de que a mais importante é a "Cerâmica São Caetano") necessitam de outras *matérias-primas* e, até mesmo, de certos tipos de argila ali inexistentes, o que explica a posição preeminente das indústrias de transformação de minerais não metálicos (4.º lugar).

São Caetano do Sul depende, no que se refere às *matérias-primas*, do Estado, de várias regiões do país e do estrangeiro: produtos siderúrgicos de Volta Redonda e de Minas Gerais, madeiras do Paraná e Santa Catarina, borracha da Amazônia, algodão do Estado, trigo da Argentina, etc., tal como, em proporções naturalmente muito maiores, acontece com a Capital paulista.

Os gastos dessas indústrias estendem-se ainda, e de maneira considerável, a outros setores, entre os quais o da *embalagem* dos produtos, desde que, em sua maior parte, tais produtos se destinam a ser transportados para centros consumidores que não o da própria cidade. Em 1950, apenas as indústrias químico-farmacêuticas e as de produtos alimentares gastaram mais de 10 milhões de cruzeiros, cada uma, com a embalagem de seus produtos.

No que se refere aos *combustíveis*, São Caetano do Sul consome principalmente o óleo Diesel e o carvão de coque, embora também seja vultoso o consumo de gasolina e lubrificantes, importados do estrangeiro, e que, em 1950, exigiram um gasto de cêrca de 55 milhões de cruzeiros. A par disso, consome a energia hidrelétrica fornecida pela Usina do Cubatão, num valor total de cêrca de 18 milhões de cruzeiros, naquele ano.

Foram os seguintes tipos de indústrias que mais consumiram *energia elétrica*, em 1950:

TIPOS DE INDÚSTRIAS	VALOR EM CRUZEIROS
1. Metalúrgicas.....	6 431 000,00
2. Químico-farmacêuticas.....	5 933 000,00
3. Transformação de minerais não-metálicos.....	2 553 000,00
4. Construção e montagem de materiais de transporte..	1 221 000,00
5. Têxteis.....	613 000,00
6. Produtos alimentares..	415 000,00
7. Papel e papelão..	360 000,00

Percebe-se, desde logo, que são sempre os mesmos os tipos de indústrias que se destacam sob os diferentes aspectos por nós focalizados. As alterações se registram quanto à sua colocação, embora se observe uma predominância, nos primeiros lugares, em relação às químico-farmacêuticas e metalúrgicas.

Entre os *mercados consumidores*, a cidade de São Paulo pode ser considerada o maior, o que serve para demonstrar como são estreitas as relações entre São Caetano do Sul e a Capital paulista. Destaca-se, em seguida, o interior do Estado, que absorve, com o mercado antecedente, cêrca de 50% da

produção da indústria local. O que resta vai atender ao consumo de outros Estados e, em caráter mais ou menos excepcional, certas repúblicas do continente (Argentina, Uruguai, Chile).

Outras funções e problemas urbanos

Embora suplante tôdas as demais funções urbanas, a função industrial não é a única. A seu lado, destaca-se a *função comercial*, que apresenta, antes de mais nada, uma característica marcante — a quase ausência do comércio atacadista, salvo no que se refere a materiais de construção. Dentro do comércio varejista, predominam os pequenos estabelecimentos, entre os quais sobressaem os de produtos alimentares (vendas e armazéns, num total de 195), os bares e cafés (193), além de lojas de armarinhos, fazendas, sapatos, etc.

É a população operária que dá vida e movimento a êsses estabelecimentos comerciais, muitos dêles transformados em pontos de reunião e de palestra. Daí a ausência do comércio fino e, até certo ponto, a pequena importância do comércio por atacado.

Como se verifica, a posição geográfica de São Caetano do Sul explica satisfatoriamente as suas principais funções urbanas, às quais deveremos acrescentar a *função residencial*, já acentuada mais atrás.

Tais funções, a par do caráter nitidamente urbano do município, criaram muitos *problemas*. A utilização e posterior devolução das águas do Tamanduateí e do rio dos Meninos exigem a filtração e o tratamento das mesmas, o que acarreta despesas e obriga algumas das grandes emprêsas a lançar mão de poços artesianos. Além disso, a pequena área municipal já começa a se mostrar insuficiente para a instalação de indústrias que exijam grandes espaços. Percebe-se que São Caetano do Sul se encontra bem próximo da "saturação", no que diz respeito à sua capacidade de expansão. Seu desenvolvimento industrial caminha, sem dúvida, para a estabilidade, o que não significa, evidentemente, estagnação ou decadência.

Focalizaremos, a seguir, os principais tipos de indústrias existentes em São Caetano do Sul e, dentro de cada grupo, um exemplo representativo de sua importância.



A "Cerâmica São Cactano, S. A." e a grande área que ocupam suas instalações.

Olarias e cerâmicas.

A "Cerâmica São Caetano S. A."

O aproveitamento das argilas da região de São Caetano do Sul remonta, pelo menos, ao século XVIII, podendo essa atividade ser considerada o germe do parque industrial hoje tão florescente. De fato, na "Fazenda de São Caetano" instalaram os Beneditinos uma olaria destinada à produção de tijolos e telhas, que, descendo o Tamanduateí, iam ter à cidade de São Paulo; documento de 1764 atesta que sua produção era de cerca de 220\$000 por ano...

Com a chegada dos imigrantes italianos, essa atividade renasceu, a fim de atender às necessidades oriundas das novas construções. Todavia, foi somente em 1912 que ali surgiu o primeiro estabelecimento destinado à fabricação de produtos de cerâmica.

Hoje, a maior parte das olarias e cerâmicas acha-se localizada no vale do rio dos Meninos, muito rico em argilas apropriadas a tais indústrias. Mais de uma vintena de estabelecimentos se dedicam ao aproveitamento dessa matéria-prima local, dando trabalho a quase 30% do operariado são-caetanense. Alguns se especializaram na fabricação de tijolos de vários tipos, de *telhas*, *ladrilhos* e *produtos refratários*, como a "Cerâmica São Caetano S. A." e a "Cerâmica Scattoni". Outros, geralmente dirigidos por técnicos italianos e obedecendo aos padrões peninsulares, dedicam-se à produção de *louças* de todos os tipos, como a "Cerâmica Itabrasil", a "Fábrica de Louças Cláudia" (do grupo das "Indústrias Reunidas F. Matarazzo") e a "Cerâmica São Paulo".

A indústria de cerâmica atingiu em São Caetano do Sul alto grau de perfeição técnica e artística, o que justifica seu renome no Estado e, mesmo, em todo o país. Dentro dela, por ser um dos mais antigos, por sua vultosa produção, pela mão-de-obra que emprega e pela qualidade de seus produtos, um estabelecimento se destaca, de maneira muito particular: a "Cerâmica São Caetano S. A."

A *Cerâmica São Caetano S. A.* acha-se localizada no vale do rio dos Meninos, ao pé das argilas de que necessita e bem próximo da rodovia que une São Caetano do Sul à

Capital paulista. Ocupa uma área de 1 000 000 de m² aproximadamente, dos quais 82 000m² de área coberta. Foi fundada em 1912, sob o nome de “Cerâmica Privilegiada do Estado de São Paulo”, tendo tido diversos proprietários e encontrando-se já há bastante tempo sob o contróle da família Roberto Simonsen, que lhe deu a atual denominação em 1924. Sua produção é variadíssima: telhas francesas e coloniais, ladrilhos de vários tipos e côres, lajotas, tijolos prensados, material refratário para qualquer tipo de indústria, etc.

Em suas instalações destacam-se numerosos barracões para depósito da argila, terreiros destinados à secagem, seção de refratários, seção de ladrilhos, seção de tijolos prensados, estufas para secagem, laboratórios, etc. Possui 30 fornos circulares de chama invertida e 8 fornos contínuos, além de túneis, “hoffmans” e verticais para calcinação nas seções de refratários e de olarias; e maquinaria moderna e mecanizada é empregada para desintegrar, peneirar e prensar a argila. Ao laboratório compete classificar as argilas e controlar a qualidade da matéria-prima e dos produtos, nas diferentes fases de sua fabricação.

Além das seções acima citadas, outras existem não menos importantes: a de escolha do produto, a de embalagem, a de carpintaria, uma oficina mecânica destinada à reparação e conserto dos veículos pertencentes à empresa — tudo sob o contróle do escritório de administração.

O escoamento da produção é feito através da via férrea e, principalmente, por estrada de rodagem, utilizando a empresa nada menos de 60 caminhões, dos quais 20 de sua propriedade. É a cidade de São Paulo o grande centro consumidor e redistribuidor de seus produtos.

Em face da ampliação de suas atividades, a companhia não se limita a utilizar a matéria-prima local: as argilas do tipo denominado “taguá”, obtidas no lugar, servem para o fabrico de tijolos, telhas e ladrilhos; mas, para a produção de materiais refratários, as argilas utilizadas vêm de outros pontos do Estado e, até mesmo, do Norte do país. Quanto ao problema da água, a empresa emprega a do rio dos Meninos em suas atividades industriais, após o devido tratamento por processos dos mais modernos, e a de poços artesianos para o consumo dos que ali trabalham.

Cêrca de 2 200 operários asseguram a produção normal, muitos dêles residindo em habitações construídas pela própria emprêsa. Utilizam o refeitório instalado na fábrica, recebem ensinamentos de caráter técnico em cursos para tal fim organizados, além de assistência médica e outras vantagens de cunho social.

A "Cerâmica São Caetano S. A." acha-se em pleno desenvolvimento e orgulha-se, com razão, de ser a maior da América do Sul e uma das mais bem organizadas do Mundo.

Indústrias mecânicas e de transportes.

A "General Motors do Brasil S. A."

Ao lado dessas indústrias, cujas origens remontam ao setecentismo, outras existem, de muita importância, mas que surgiram há pouco mais de 25 anos: são as indústrias de *construção e montagem de material de transporte* e as indústrias *mecânicas*.

De início, tais tipos de indústrias utilizavam quase exclusivamente matéria-prima importada do estrangeiro. Todavia, as dificuldades decorrentes da última Guerra Mundial e o recente desenvolvimento da siderurgia nacional (particularmente a instalação da usina de Volta Redonda) ocasionaram o término daquela absoluta sujeição ao produto estrangeiro. Hoje, as matérias-primas nacionais alimentam-nas em larga escala: o aço e o ferro procedem de Volta Redonda, de Minas Gerais (sobretudo da "Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira") e de Santa Catarina ("Electro-Aço Altona Ltda.", de Blumenau); as madeiras vêm do Paraná e de Santa Catarina; os couros são fornecidos pelos curtumes do Rio Grande do Sul e de São Paulo; e muitos outros produtos procedem quer das indústrias paulistanas, quer das de Santo André (artefatos de borracha, pneumáticos, fios, etc.). Reduziram-se ao mínimo as importações do estrangeiro, provindo notadamente dos Estados Unidos (motores, peças vitais para veículos ou aparelhos domésticos e industriais, etc.).

Dessa maneira, sai de fábricas de São Caetano do Sul uma extraordinária variedade de produtos: máquinas de vários



As instalações da "General Motors do Brasil, S. A.", em São Caetano do Sul.

típos, acumuladores hidráulicos, bombas de alta pressão, carrocerias basculantes, carros-tanque para o transporte de combustíveis líquidos, ferramentas agrícolas, etc., além de veículos motorizados.

Quanto ao valor da produção, é esse o grupo de maior importância na vida municipal, pois de seus estabelecimentos industriais sai mais de um terço do valor total produzido. Cerca de 2 300 operários asseguram aquela variada e valiosa produção.

Entre as empresas dedicadas a tais tipos de indústrias, a "General Motors do Brasil S. A." destaca-se por ser a que apresenta a produção de maior valor, no município.

A *General Motors do Brasil S. A.* estabeleceu-se no Brasil em 1925, instalando-se no bairro da Mooca, na Capital paulista. Não tardou que sua direção verificasse que, face ao desenvolvimento do automobilismo em nosso país, necessário se tornava ampliar as instalações. Em 1927 iniciou-se em São Caetano do Sul a construção de novo edifício, onde às vantagens que procurava aliava-se a da proximidade da Capital. Foi então adquirido um terreno de 100 000m², confrontando de um lado com a ferrovia e de outro com a estrada que liga São Caetano do Sul a Santo André.

Embora enfrentasse algumas crises, a nova empresa manteve um ritmo de produção realmente incomum, sobretudo em seus primeiros anos de atividade. Basta dizer que, em 1926, lançou no mercado 13 527 veículos motorizados, em 1927 — 18 604, em 1928 — 28 162; em 1929 — 17 741. A partir de 1930, caíram bastante as cifras: 1930 — 4 051, 1931 — 3 573, 1932 — 1566, embora retomassem o ritmo anterior a partir de 1933, só prejudicado durante a última Guerra Mundial.

O crescente desenvolvimento de sua produção exigiu, nos últimos anos, a ampliação de suas instalações e a construção de novos pavilhões destinados à montagem, no que inverteu nada menos de 200 milhões de cruzeiros.

As peças e acessórios, como os veículos desmontados, procedentes dos Estados Unidos, são desembarcados no pôrto de Santos e chegam até à fábrica através da "E. F. Santos-Jundiaí", que possui um desvio que os leva diretamente à

área em que se acham as oficinas. O fato de importar veículos desmontados permite maior volume de importação e proporciona grande economia de espaço, desde que 12 veículos desmontados ocupam o lugar de 5 montados.

O escoamento de sua produção faz-se através da estrada de rodagem, constituindo espetáculo comum o desfilar de verdadeiros comboios de caminhões e automóveis, sobretudo rumo da Capital paulista, de onde são redistribuídos para o país.

No entanto, uma parcela razoável das matérias-primas que utiliza já provém do próprio mercado brasileiro: madeiras destinadas às carroçarias vêm dos Estados sulinos; câmaras de ar e pneumáticos procedem do parque industrial paulistano; guarnições de borracha, tapêtes, vidros, equipamentos elétricos, etc., também são fornecidos por indústrias paulistas; couros destinados ao estofamento vêm dos curtumes de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Apenas os motores e os chassis são totalmente fabricados nos Estados Unidos. Daí as vultosas quantias gastas com as matérias-primas, superiores a 100 milhões de cruzeiros, em média, cada ano. Boa parte de sua produção utiliza 60% de produtos nacionais.

De suas oficinas saem caminhões, ônibus, automóveis, carroçarias, outros tipos de veículos, motores Diesel, geradores, geladeiras, fogões elétricos, máquinas de lavar roupa, motores para bombas, peças e acessórios os mais diversos, — tudo fabricado em série, dentro de perfeita organização.

Em 1950, mais de 2 000 operários trabalhavam para a empresa, em sua maioria residindo em São Caetano do Sul; apenas um grande número de funcionários administrativos e técnicos de categoria residem na Capital paulista. Para conforto dos que ali exercem suas atividades, a companhia mantém linhas de ônibus que fazem o percurso São Paulo-São Caetano do Sul, e vice-versa, além de restaurante, parques infantis, clube, etc.

Montando em média mais de 100 veículos cada dia, viu-se a empresa obrigada a prever futuras ampliações, tendo para isso adquirido um terreno contíguo de 43 000m².

Além dos estabelecimentos de São Caetano do Sul, a "General Motors" possui uma fábrica complementar localizada em São José dos Campos, destinada à fabricação de caminhões e seus acessórios.

As indústrias químico-farmacêuticas.

A fábrica de "rayon" do grupo Matarazzo

Pelo número de estabelecimentos, como pela mão-de-obra que emprega e pelo valor da produção, destacam-se no parque industrial de São Caetano do Sul as *indústrias químico-farmacêuticas*. Trata-se de uma atividade relativamente nova cujo desenvolvimento teve lugar notadamente durante a Segunda Guerra Mundial; é que, antes, a Alemanha era o nosso grande mercado abastecedor.

Em 1950, cêrca de 4 000 operários trabalhavam em fábricas incluídas em tal grupo, com uma produção superior a 500 milhões de cruzeiros, o que lhe garantiu o segundo lugar neste particular. O consumo de matérias-primas representou, naquele ano, um gasto da ordem de 170 milhões de cruzeiros e o consumo de combustíveis e energia elevou-se a 27 milhões.

Os produtos ali fabricados abrangem um vasto campo, destacando-se o "rayon", o ácido sulfúrico, a soda cáustica, óxidos de ferro, estearina (utilizada no fabrico de velas e em artefatos de borracha), a glicerina, a oleína, além de numerosos produtos farmacêuticos.

Em tal setor, ocupa um lugar de particular destaque a fábrica de "rayon" pertencente às "Indústrias Reunidas F. Matarazzo".

Quando São Caetano do Sul ainda não se distinguia como centro industrial, foi ali fundada uma fábrica de velas e de sabão, localizada na várzea do Tamanduateí, entre êste rio e a ferrovia. Em 1918, o Conde Francisco Matarazzo adquiriu-a, transferindo-a em 1924 para o bairro da Água Branca, na Capital paulista, onde se incorporou a outras fábricas já ali existentes e pertencentes às *Indústrias Reunidas F. Matarazzo*. Todavia, dois anos mais tarde, naquele mesmo local, essa emprêsa instalou uma fábrica de "viscosseada", que nada mais é que a atual fábrica de "rayon".

O local é excelente para um estabelecimento dêsse gênero, porque, além de estar bem próximo de São Paulo, dispõe das águas do Tamanduateí e do rio dos Meninos e pode utilizar-se da via férrea; atualmente, três desvios da "E. F. Santos-Jundiaí" vão ter diretamente à fábrica.

O crescente desenvolvimento da nova indústria acabou por exigir a instalação, em suas proximidades, de indústrias conexas e subsidiárias, entre as quais a destinada à produção de hexacloro (1949).

Hoje, ocupa o conjunto industrial uma área de cerca de 40 000m². Mais da metade corresponde à fábrica de “rayon”, contendo o restante os estabelecimentos destinados à produção de ácido sulfúrico, celulose, sulfato de alumínio, soda cáustica, hexacloro, etc. Seu equipamento é dos mais modernos, inclusive no setor dos transportes, pois possui vagões próprios para uso na via férrea.

Uma verdadeira rede de encanamentos liga a fábrica principal às subsidiárias, estendendo-se ao próprio município de São Paulo, onde se encontra a fábrica “Ime”, produtora de sulfeto de carbono. O aproveitamento das águas dos dois rios já citados não mais satisfaz às necessidades desse grupo de fábricas, não só porque é variável o débito fluvial, como em virtude da cada vez maior utilização feita por outras empresas de São Caetano do Sul, localizadas a montante dos referidos cursos de água. Esta última circunstância obrigou a construção de um verdadeiro sistema de canais, filtros, tanques, etc., destinado às fábricas de produtos químicos, e a abertura de poços artesianos, para atender à fabricação do “rayon”. Tudo isso significa, naturalmente, um empate de capital não pequeno, além de gastos com sua manutenção. Quanto à energia elétrica, muito elevado é o seu consumo (11 000kw, em 1950, só pela fábrica de “rayon”), o que significa um problema grave em face das limitações dos últimos anos; já o mesmo não acontece com os combustíveis e lubrificantes, que são destilados pela fábrica “Ime” e por esta fornecidos através dos encanamentos a que fizemos referência.

No que se refere às matérias-primas, esse setor da “I. R. F. M.” depende de regiões muito diversas: não apenas do interior do Estado (de onde vem o algodão), mas do Rio Grande do Norte (sal marinho) e do estrangeiro (enxôfre) — para citar apenas algumas das essenciais aos produtos com que se fabrica o “rayon”.

Em 1950, nada menos de 3 500 operários dedicavam-se ao fabrico do “rayon”, ao passo que as fábricas subsidiárias empregavam um número muito menor: a de soda cáustica

— 113, a de celulose — 99, a de ácido sulfúrico — 28, a de sulfato de alumínio — 25, a de hexacloro — 24. Uma “vila” operária foi construída pela empresa nas proximidades e um serviço médico-hospitalar e de assistência social está à disposição dessa numerosa mão-de-obra.

As “I. R. F. M.” contribuíram, de forma notável, para o progresso da cidade, não apenas com suas atividades industriais, mas com arruamentos, calçamentos, instalação de rede de esgotos, etc., no conjunto residencial, parte integrante do aglomerado urbano.

Outras atividades industriais

Resta-nos fazer uma breve referência a outros tipos de indústrias existentes em São Caetano do Sul.

As *indústrias metalúrgicas* compreendiam, em 1950, 21 estabelecimentos, que ocuparam o terceiro lugar no que se refere ao valor da produção industrial, dando trabalho a cerca de 2 100 operários. São grandes consumidoras de produtos fabricados pela usina de Volta Redonda e pelas siderúrgicas de Minas Gerais. Sua produção consiste em artefatos de ferro e de aço, peças para máquinas e motores, pregos, parafusos, molas, amortecedores, etc., em parte destinados a abastecer as indústrias mecânicas e de montagem de materiais de transporte (do próprio município), e em parte encaminhados para a Capital e para o interior do Estado. A “Metalúrgica São Francisco S. A.”, pertencente ao grupo Jafet, destaca-se entre os estabelecimentos do gênero, além de outros (“Fundição Aço Villares”).

As *indústrias de produtos alimentares* abrangiam, em 1950, 9 estabelecimentos, que davam trabalho a cerca de 500 operários. Mais de 50% deste total pertencem à Fábrica de Chocolates “Pan” cuja produção é principalmente destinada ao consumo paulista (70%).

As *indústrias têxteis*, com seus 10 estabelecimentos, davam trabalho a cerca de 800 operários, alcançando o valor de sua produção cifra superior a 64 milhões de cruzeiros, em 1950. Neste setor, duas empresas merecem ser destacadas: a “Fiação e Tecelagem Nice”, também pertencente ao grupo Jafet, pro-

dutora de tecidos de “rayon” e de fios de algodão, a “Tece-lagem Itapeva” e o “Lanifício São Paulo”.

Muitas outras indústrias poderiam ser ainda citadas. Limitar-nos-emos, porém, a chamar a atenção para aquelas que aparecem nas estatísticas sob o rótulo de *indústrias diversas*, cuja produção foi superior a 30 milhões de cruzeiros, em 1950.

São Caetano do Sul e o seu papel geográfico

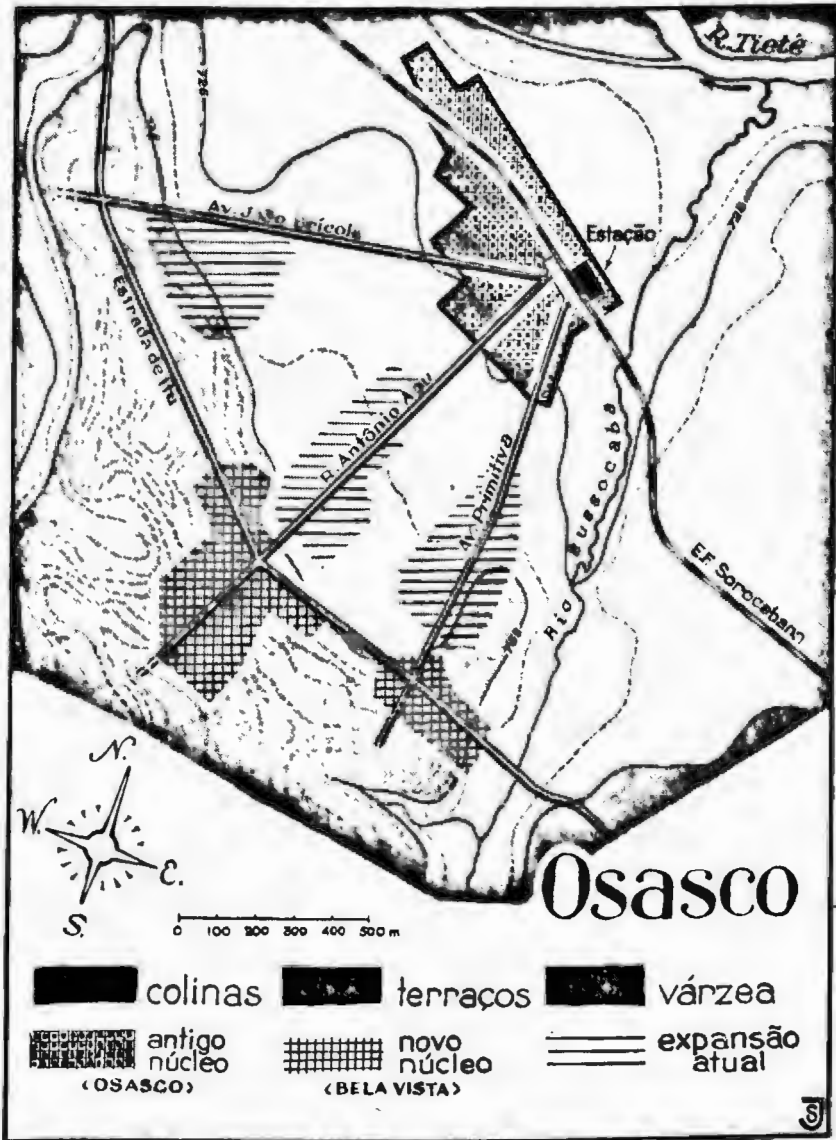
Favorecida por sua posição geográfica, em contato permanente e cada vez mais estreito com a Capital paulista, graças à contigüidade territorial, e possuindo um notável parque industrial não menos entrosado com o da cidade de São Paulo, São Caetano do Sul representa muito bem o seu papel de traço-de-união entre a metrópole trimilionária e a Região do A. B. C., pois pertence, ao mesmo tempo, a ambas. O vale do Tamanduaté constitui a importante base física em que se apóia essa ligação. As características de sua população reforçam tais laços. Mas é, indubitavelmente, a vida industrial que garante a firmeza dessa união, que o decurso do tempo só poderá tornar mais forte e profunda.

São Caetano do Sul, município integrante da Região do A. B. C., não é apenas um subúrbio da Capital paulista. Muito mais que isso, constitui um dos esteios do parque industrial paulistano.

OSASCO

No vale do Tietê, a jusante da Capital paulista

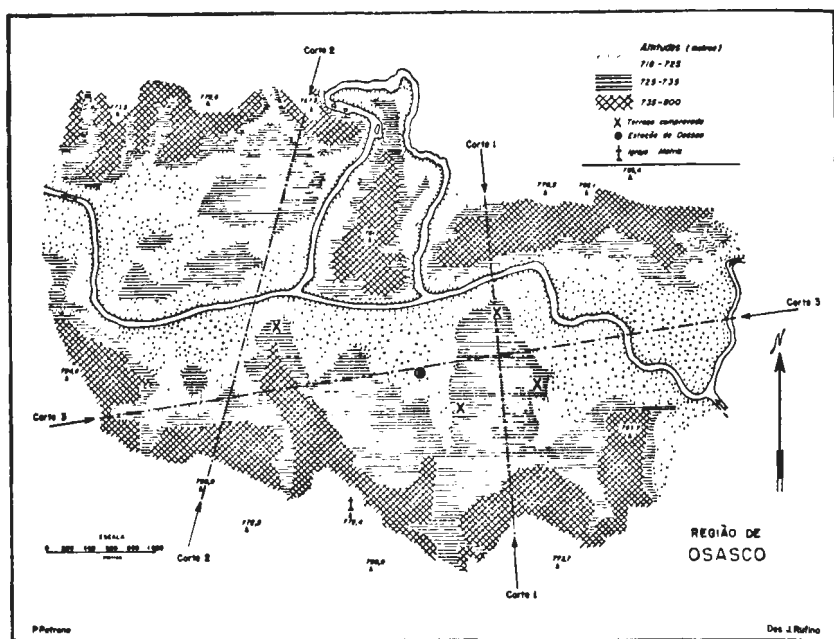
Ao passo que São Caetano do Sul demora a SE da cidade de São Paulo, Osasco e seus “satélites” localizam-se exatamente a Oeste, estendendo-se ao longo do vale do rio Tietê, numa faixa que se inicia mais ou menos na confluência do rio



O sítio urbano de Osasco.

Pinheiros e se prolonga no rumo do poente, com uma largura média de pouco mais de um quilômetro.

Osasco constitui o principal aglomerado dessa região. Mas outros núcleos existem, com êle mantendo estreita ligação: *Presidente Altino*, o *Jardim Piratininga*, *Duque de Caxias*

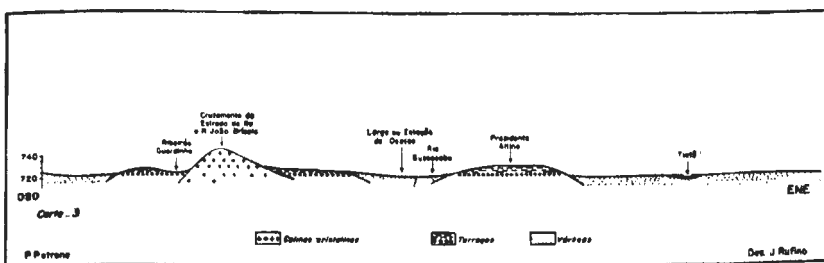
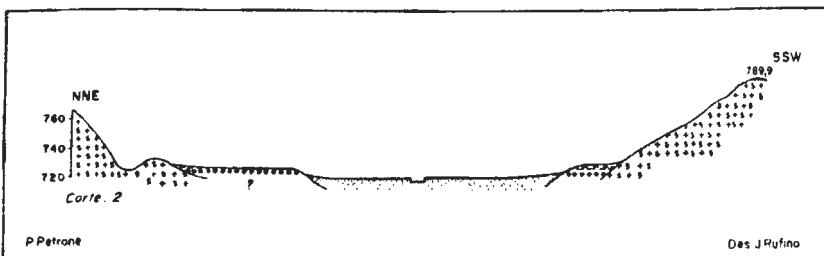
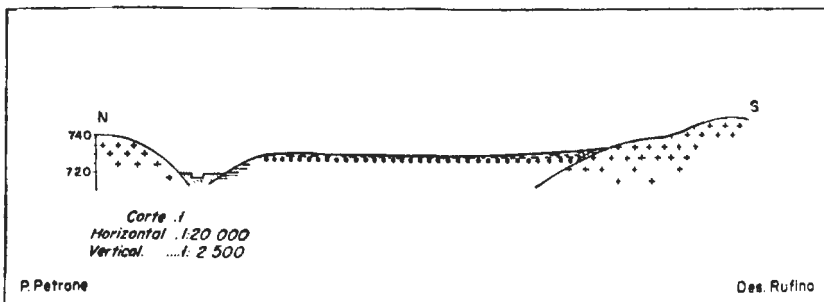


O rio Tietê na região de Osasco. — Além dos três principais níveis, existentes na região, mostra o mapa as áreas a que correspondem os cortes geológicos que figuram à pág. 93.

e alguns de importância menor. Embora variadas sejam suas funções, é a industrial a que lhes dá um destaque todo particular, se bem que não haja termo de comparação entre o trecho que vamos focalizar e São Caetano do Sul, cujo estudo acaba de ser feito.

Várzeas, terraços fluviais e colinas de modesta altitude

O principal elemento topográfico da região de Osasco é representado pelas várzeas do rio Tietê e de seu afluente, o rio Pinheiros, que aparecem numa altitude variável entre 718 e 725 metros acima do nível do mar. Variável também é sua largura, pois ora se vê reduzida a 300 e 400 metros, ora se amplia largamente, atingindo 2 e até 2,5km. Os trechos mais extensos correspondem à confluência do Tietê-Pinheiros



Cortes geológicos na região de Osasco. — No mapa anterior, os cortes acima acham-se devidamente localizados.

e a jusante da ilha de São João, notando-se um alargamento maior à margem esquerda do grande rio paulista, desde que a margem direita se vê reduzida em virtude da presença de terraços fluviais e de colinas. Aluviões de idade recente, representadas por areias e argilas holocênicas, que as formam, acumulavam-se nessa área de maneira periódica, graças às inundações; hoje, cessou de todo êsse trabalho de acumulação, em virtude da retificação daqueles dois rios, sobretudo o Pinheiros, cujas águas têm sua direção alterada, a fim de assegurar a alimentação da Reprêsa Billings.

Os *terraços fluviais* distinguem-se, na região, com relativa facilidade, ou porque são limitados por pequenos taludes, ou porque se sobrelevam às várzeas com suas formas ligeiramente abauladas e seus topos aplainados. Correspondem às altitudes entre 725 e 735 metros acima do nível do mar, com certo predomínio da cota dos 735 metros. Sua presença é comprovada não apenas por essas características morfológicas, mas, principalmente, pelos leitos de seixos rolados, visíveis no talude existente na periferia de Presidente Altino, como no entroncamento da Rua da Estação com a estrada de rodagem de Itu, próximo à via férrea, embora tudo indique sua existência também no Jardim Piratininga, em Duque de Caxias e em outros pontos esparsos. Além disso, os sedimentos argilosos e arenosos que os constituem são indubitavelmente mais antigos que os das várzeas, além de atestarem não haver sofrido os efeitos das inundações recentes, comuns na região antes que o homem viesse eliminá-las.

As *colinas* elevam-se tanto ao Norte (em direção à região da Cantareira) como ao Sul (em Bussocaba), ladeando as várzeas do Tietê, em contato com os terraços fluviais. Suas formas são arredondadas, com declives suaves, oscilando entre as cotas de 735 metros e de pouco mais de 800 metros acima do nível do mar, isto é, com desníveis sempre inferiores a 100 metros em relação às várzeas. Raras são as de estrutura sedimentar e de idade atribuída ao plioceno, como as que podem ser observadas próximo à confluência do Tietê-Pinheiros e no interior do próprio aglomerado de Osasco (no "Jardim Agu", no final da Rua Primitiva Vianco). O caso mais comum é o da estrutura cristalina, com núcleos gnaisse-graníticos e correspondente manto de decomposição. Entre a confluência dos citados rios e a ilha de São João, as colinas apresentam uma certa dissimetria, aproximando-se mais da calha do Tietê, estrangulando as várzeas e apresentando declives mais fortes. Da referida ilha no rumo de Oeste, à medida que as várzeas apresentam maior amplitude, as colinas guardam sensível simetria em sua configuração, dispondo-se em anfiteatro, que acaba por se fechar pouco além de Duque de Caxias, em direção a Barueri, quando as várzeas praticamente deixam de existir. Tal afunilamento é acompanhado por maior movimentação do relêvo, passando a predominar as

formas menos arredondadas, as vertentes mais íngremes e desníveis mais acentuados.

Comanda tôda a drenagem regional o rio *Tietê*, que penetra na área vindo de Leste, após atravessar a cidade de São Paulo. Outrora, ao atingi-la, espriava-se pela ampla várzea, onde recebe as águas do Pinheiros, e descrevia uma série de meandros. Entretanto, à proporção que caminha para Oeste, seu vale vai aos poucos se estreitando até que, nas proximidades de Barueri, se apresenta sensivelmente encaixado, por entre as vertentes íngremes que o ladeiam. A vanguarda da “passagem heróica”, que ali se inicia, encontra-se no meandro que forma a ilha de São João, onde um afloramento de gnaisse deu nascimento a modesta “corredeira”.

Esse quadro natural foi profundamente alterado por influência do homem, o qual, retificando os cursos de água, tornou as várzeas praticamente enxutas e modificou o próprio regime do *Tietê* e do Pinheiros.

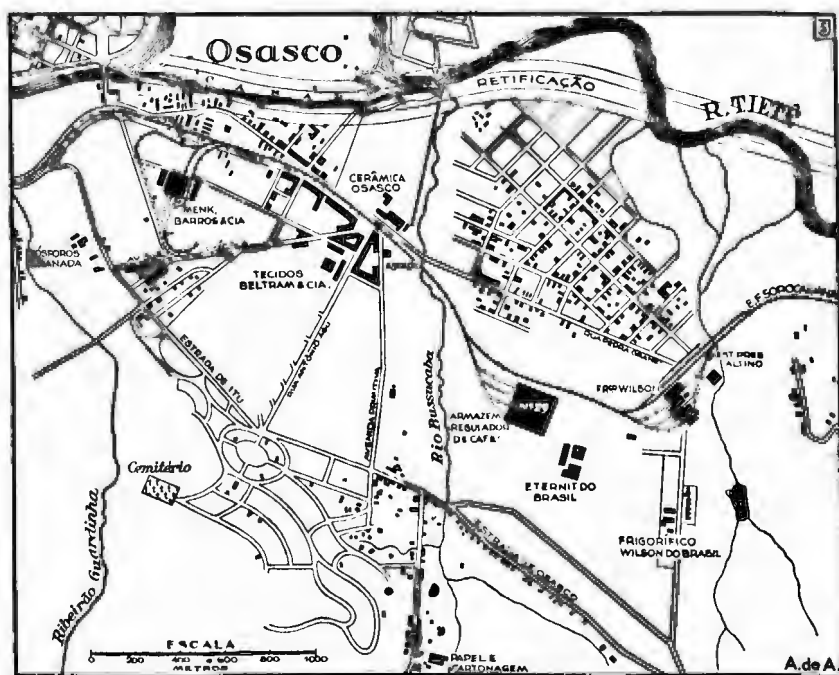
Todavia, constitui êle uma espécie de “amostra” do que existe em tôda a Região de São Paulo, inclusive nas características da *vegetação*, subarbustiva nas várzeas, com formações campestres nas colinas e com modestas capoeiras ou minúsculas manchas de capoeirões, sobretudo nas proximidades de pequenos afluentes do *Tietê*.

O sítio urbano de Osasco e de seus “satélites”

Como é fácil compreender (notadamente para os que conhecem o que se passa na cidade de São Paulo), nem todos os elementos topográficos da região em estudo foram igualmente ocupados pelo “habitat”. Mereceram as preferências as áreas enxutas — colinas e terraços fluviais, ao passo que as várzeas aparecem, em largos trechos, inteiramente desabitadas, e os trechos ocupados correspondem à atração exercida pela “E. F. Sorocabana”, notadamente nos primeiros tempos do povoamento regional.

Os trilhos da “Sorocabana” assentam-se em terraços fluviais e, quando não foi possível evitá-lo, em trechos da várzea do *Tietê*, onde foram construídos aterros. Algumas edificações, dentre as mais antigas, surgiram a seu lado, em plena várzea.

De fato, o núcleo original de Osasco estabeleceu-se em torno da estação ferroviária, que se localiza na várzea. Esta circunstância, aliada ao baixo preço dos terrenos varzeanos, também levou para ali algumas das primeiras fábricas do aglomerado em formação. Mas não tardou que se verificasse que o sítio escolhido era de todo desfavorável, mormente num tempo em que as inundações do Tietê castigavam-no periodicamente. A construção da igreja local sôbre uma colina de terrenos cristalinos situada ao sul da várzea, como também a presença da estrada de rodagem de Itu fizeram nascer dois novos núcleos — o da Igreja e o da Bela Vista. Durante bastante tempo, o núcleo nascido em torno da estação permaneceu isolado dos outros dois; praticamente sem habitações — as ruas Antônio Agu, João Batista e Primitiva Vianco. Só posteriormente teve início a ocupação parcial da várzea e, de maneira especial, das encostas das colinas, ao longo das mencionadas ruas. Hoje, assiste-se à lenta ocupação do trecho



Osasco e vizinhanças, ao iniciar-se a década de 1940-50. — O mapa localiza os mais antigos e importantes estabelecimentos industriais, quer de Osasco, quer de Presidente Altino.

varzeano, já que as inundações não mais o atingem e graças a um trabalho de drenagem.

Já o núcleo de *Presidente Altino* se localiza sobre um terraço fluvial, à margem esquerda do Tietê, a jusante da barra do Pinheiros; e assim aconteceu desde suas origens, pois procurou evitar inteiramente a várzea. As mais antigas habitações encontram-se em terrenos rigorosamente enxutos e o próprio perímetro desse aglomerado coincide, de maneira evidente, com a linha de taludes do terraço em que se instalou. Apenas nos últimos anos, a várzea começa a ser ocupada, graças à sua drenagem ou através de aterros que acabam por nivelá-la ao terraço, quando não se estendem até êle próprio.

Percebe-se, assim, claramente, que as colinas e os terraços fluviais predominam, sem nenhuma dúvida, como elementos do sítio de ambos os aglomerados; e, pelo menos quanto aos terraços, o mesmo poderíamos dizer em relação aos demais núcleos, como o de *Duque de Caxias* e o do *Jardim Piratininga*, situados à margem direita do Tietê, a jusante da ilha de São João.

Povoamento e urbanização da região de Osasco

Abstração feita de velhas propriedades de caráter exclusivamente rural, a efetiva ocupação da região de Osasco somente teve início em fins do século passado, época em que um cidadão italiano, *Antônio Agu*, se instalou com uma fazenda no lugar denominado *Carteira*, não longe do Tietê. A êle se atribui uma série de iniciativas que vieram a culminar com a formação do *Bairro da Estação*, junto aos trilhos da "E. F. Sorocabana".

Tudo parece indicar que até à primeira década do século atual o aglomerado nascente nada ou quase nenhum progresso registrou, dedicando-se seus habitantes a atividades agrícolas. Todavia, a pobreza dos solos locais levou ao fracasso tais atividades, mesmo as que se basearam na horticultura comercial, fato que ainda hoje se constata, pois Osasco não se inclui entre as áreas agrícolas da periferia ou dos subúrbios da Capital paulista.

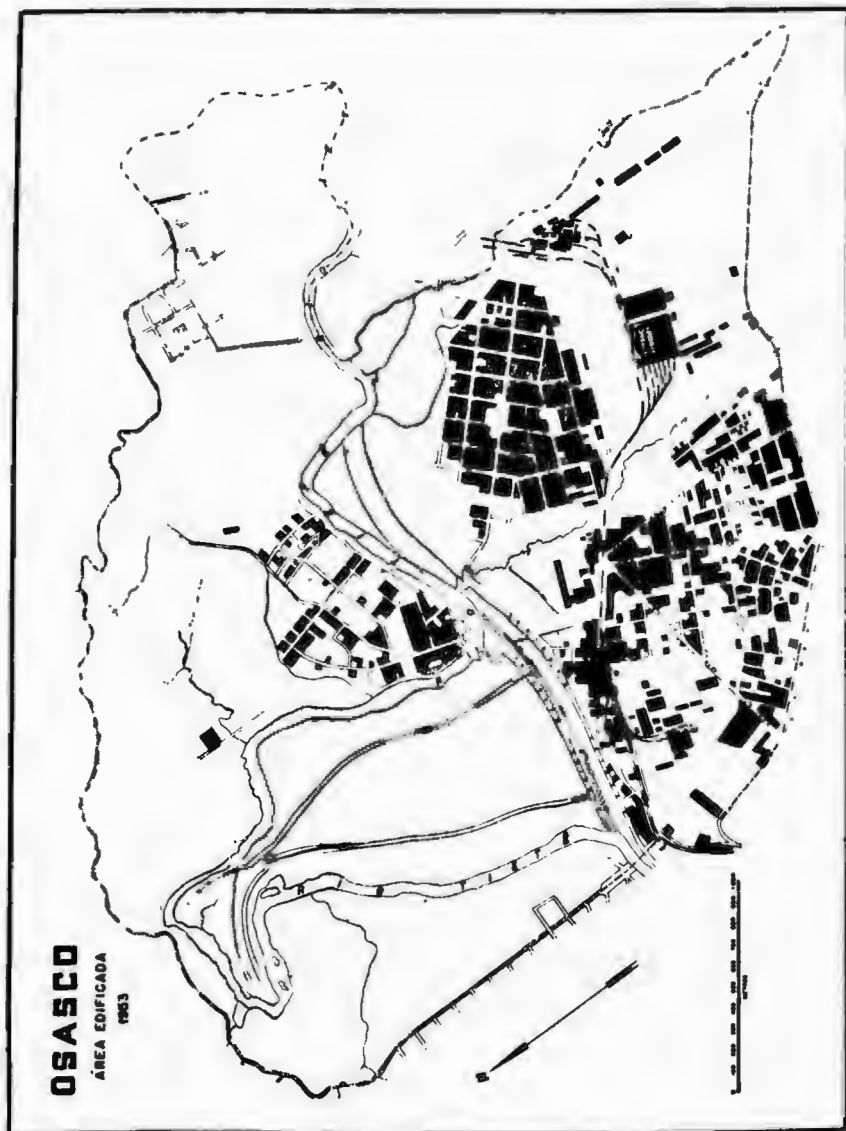
Já o inverso se deu quanto às atividades industriais, pois desde logo se patentearam as vantagens que o lugar oferecia para a instalação de indústrias. Datam dos primeiros anos de Osasco duas iniciativas de importância: a “Companhia Cerâmica de Osasco”, instalada próximo à estação ferroviária, e a “Fábrica de Papel e Cartonagem”, no bairro da Carteira, embriões do atual parque industrial.

Apesar da presença desses dois estabelecimentos industriais, ao iniciar-se a segunda década do século XX Osasco nada mais era que um incipiente aglomerado, com um reduzido número de habitações junto ao largo que se esboçava ao pé da estação e ao longo da via férrea (atual Rua da Estação) e dos caminhos que se dirigiam para São Paulo, de um lado, ou para Barueri e Carapicuíba, de outro. A várzea do Tietê não constituía um fator favorável ao crescimento do núcleo criado por Antônio Agu.

O primeiro surto verificado em sua expansão teve lugar durante e imediatamente após a Primeira Guerra Mundial. Foi a época em que novas e importantes fábricas ali foram instaladas: em 1915, o “Frigorífico Wilson do Brasil” estabeleceu-se junto à estação de Presidente Altino; pela mesma época, próximo à estação de Osasco, surgiu a “Fábrica de Tecidos Beltramo & Cia.” e, junto aos trilhos da ferrovia, um mercado de suínos; já em 1920, ali se fixaram duas fábricas de fósforos, uma das quais — a “Fábrica Granada” — aparece, até hoje, como um dos maiores estabelecimentos locais.

Ao mesmo tempo que Osasco e Presidente Altino assim se transformavam em centros industriais, em Duque de Caxias (então denominada Quitaúna) veio a instalar-se importante centro militar, por haver sido escolhido como sede de unidades do Exército, passando a contar com quartéis e diversas instalações anexas.

A conjugação desses dois fatores — o industrial e o militar — serviu para dar vida ao comércio local; e, sobretudo, o operariado obrigou a expansão territorial dos núcleos então existentes, pois, embora muitos operários residissem na Capital, outros muitos passaram a habitar na própria região. Esses novos contingentes demográficos eram, em sua maioria,



Região de Osasco: área edificada em 1953. — Distinguem-se, nitidamente, os dois aglomerados irmãos: o de Osasco, o mais importante; e o de Presidente Altino, que lhe é contíguo; além do pequeno núcleo situado à margem direita do rio Tietê.

constituídos por italianos ou seus descendentes diretos, o que teria ocasionado, em certa época, a formação de uma “atmosfera” italiana em Osasco, graças notadamente ao frequente uso da língua peninsular, a exemplo do que, em maiores proporções, aconteceu com a própria cidade de São Paulo, ao iniciar-se o século XX.

Tão importante foi o aumento da população local e tal destaque passaram a ter as novas funções, que, já em 1918, foi criado o *Distrito de Osasco*, mais tarde transformado no atual *subdistrito* do mesmo nome, pertencente ao Distrito na Capital, em consequência da força expansiva da metrópole paulista.

Foi exatamente nessa mesma época que como que se cristalizaram os embriões dos três principais núcleos de povoamento da área em estudo: *Osasco*, o mais antigo, exclusivamente fabril, tendo sua vida a girar ainda em tórno da estação ferroviária; *Presidente Altino*, que se desenvolveu praticamente à sombra do “Frigorífico Wilson”, desde que ali passou a residir grande parte de seu operariado; e *Duque de Caxias* (ex-Quitaúna), com seus quartéis e seus soldados. A ferrovia comandava, a êsse tempo, a estrutura de tais aglomerados, embora algumas fábricas já começassem a exercer sua influência. A região possuía um tipo de “habitat” que, embora com características urbanas, se aproximava do aglomerado-disperso.

Na década de 1920-30, houve um certo declínio na expansão de Osasco, sobretudo se compararmos tal período com o anterior. Teve início a ocupação de trechos das colinas locais, ao mesmo tempo que as vizinhanças da atual igreja passaram a conter modestas habitações, em loteamentos feitos na década precedente. Foi somente em 1930 que aquêlo templo ficou concluído. Quatro anos antes o aglomerado passava a ter seu cemitério próprio, ainda nessa mesma área. Uma só grande nova atividade ali se instalou no período em aprêço: os Armazéns Reguladores de Café (1928).

A análise da fôlha correspondente à região de Osasco, que faz parte do levantamento topográfico do município de São Paulo executado pela “Sara do Brasil S. A.”, em 1929, e publicada em 1930, na escala de 1 : 5 000, mostra muito bem que, além do núcleo original de Osasco e de algumas poucas ruas em Presidente Altino, a região continuava ainda por ser ocupada em sua maior extensão ou apenas apresentava habitações esparsas.

Foi nos últimos 25 anos, particularmente após a Segunda Guerra Mundial, que se registrou um crescimento realmente notável e se efetivou a ocupação da área em estudo. Novas e numerosas indústrias ali se instalaram: a “Fábrica de Postes

Cavan”, a “Eternit do Brasil”, a “Fábrica de Cimento e Amianto” e outras menores. O povoamento intensificou-se por tal forma que deixou de existir solução de continuidade entre os três núcleos primitivos, unidos num só conjunto, desde Presidente Altino até Duque de Caxias. O casario deixou de prender-se à ferrovia, esparramando-se em direção ao Sul, notadamente junto à estrada de Itu. Através da Lapa, de um lado, e do Butantã, de outro, a região de Osasco “soldou-se” definitivamente à metrópole paulista. Dessa maneira, passou aquela a sentir diretamente a influência desta, cujo ritmo de crescimento procura seguir, na medida de suas possibilidades, e de cuja vida passou a ser parte integrante.

O *subdistrito de Osasco* (que é a unidade político-administrativa correspondente à região que vimos analisando sumariamente) coloca-se, dentro do Distrito de São Paulo, entre os que registraram maior aumento de população, sobretudo na década de 1940-50. Eis a sua *população absoluta*, segundo os últimos censos:

A N O S	HABITANTES
1934.. .	12 091
1940.. .	15 258
1950.. .	43 473

Ocupando, porém, uma área bastante extensa (mais de 63km²), sua *densidade demográfica* longe está de ser comparada com a dos distritos urbanos: em 1940 foi de 240 hab/km²; em 1950 — 682 hab/km². Tais cifras, no entanto, são bastante significativas em si mesmas, particularmente a última das citadas, superior à do distrito de São Miguel Paulista e à de outros subdistritos suburbanos e rurais, como o Butantã, Pirituba e Santo Amaro, que lhe são comparáveis.

A região de Osasco e sua estrutura urbana

A área urbanizada de *Osasco* tem sua estrutura condicionada a três principais fatores: o vale do Tietê, o leito da “E. F. Sorocabana” e a rodovia de Itu. As edificações encontram-se, de maneira mais compacta, à margem esquerda do Tietê, acompanhando a ferrovia. A presença da estrada de rodagem de Itu atraiu o povoamento em direção ao Sul, ao

passo que, em Duque de Caxias, é ainda a via férrea o principal motivo de atração. De modo geral, as duas citadas vias de comunicação condicionam a presença dos principais núcleos de povoamento. Já o mesmo não acontece com o rio Tietê, cuja várzea continua a ser um empecilho à expansão urbana, o que explica seu menor desenvolvimento no rumo do Norte.

Duque de Caxias, a antiga Quitaúna, vive ainda hoje em função dos contingentes militares ali estacionados. Os quartéis localizam-se, tudo parece indicar, em baixos terraços fluviais existentes num meandro encaixado do Tietê, enquanto que as residências e seu incipiente comércio se alojam no trecho mais elevado, ao Sul da via férrea e nas proximidades da estação.

Em *Presidente Altino*, a Rua Eulálio de Carvalho (que é a principal) segue da estação ferroviária em direção ao Tietê; constitui o eixo do aglomerado, pois dela parte uma dezena de ruas transversais, do mesmo modo que outras ruas secundárias lhe são paralelas. Além dessa artéria local, outra ainda se destaca: a Rua Erasmo, que também parte da estação e, depois de estreitar-se junto à “Cerâmica de Osasco”, vai atingir Osasco, exatamente onde se encontra sua estação; é, por conseguinte, o traço-de-união entre os dois aglomerados irmãos. Tomando por base as duas ruas mencionadas, desenvolve-se o traçado das demais, numa estrutura em xadrez.

Já em *Osasco* pròpriamente dito, o maior dos aglomerados da região, cumpre fazer algumas distinções. Seu “coração” continua a ser o pequeno largo onde se ergue o modesto edifício da estação da “Sorocabana”. Dali partem as principais artérias locais — as Ruas Primitiva Vianco, Antônio Águ, João Batista e da Estação, as quais, rumando em direção à estrada de Itu, se abrem em leque para Sudoeste. Por conseguinte, esta rodovia acha-se articulada com o núcleo mais antigo através daquelas ruas, que constituem a base sôbre a qual se estrutura o traçado urbano e explicam a forma de polígono irregular característica de todo o aglomerado. Tal forma já começa a alterar-se com a lenta expansão no rumo do Norte, para a outra margem da via férrea (através principalmente da Rua André Rovai), e com o crescimento, bem mais rápido, no rumo do Sul, para além da estrada de rodagem. Neste último trecho, o arruamento difere do conjunto, pois

obedece às regras do moderno urbanismo e faz lembrar os “bairros-jardins” da Capital, no que se refere à estrutura.

Os demais aglomerados regionais — entre os quais se destaca o *Jardim Piratininga* — encontram-se ainda em formação, são escassamente povoados e, salvo poucas exceções, possuem planos em xadrez.

Olhada em conjunto, a região de Osasco apresenta uma estrutura inorgânica, que tende a tornar-se caótica, a exemplo do que sucede com a Capital paulista — fato que se explica pela maneira através da qual se processou o povoamento (com núcleos isolados que acabaram por se unir), como pela inexistência de um plano preestabelecido, que viesse nortear seu desenvolvimento e reger seus contatos.

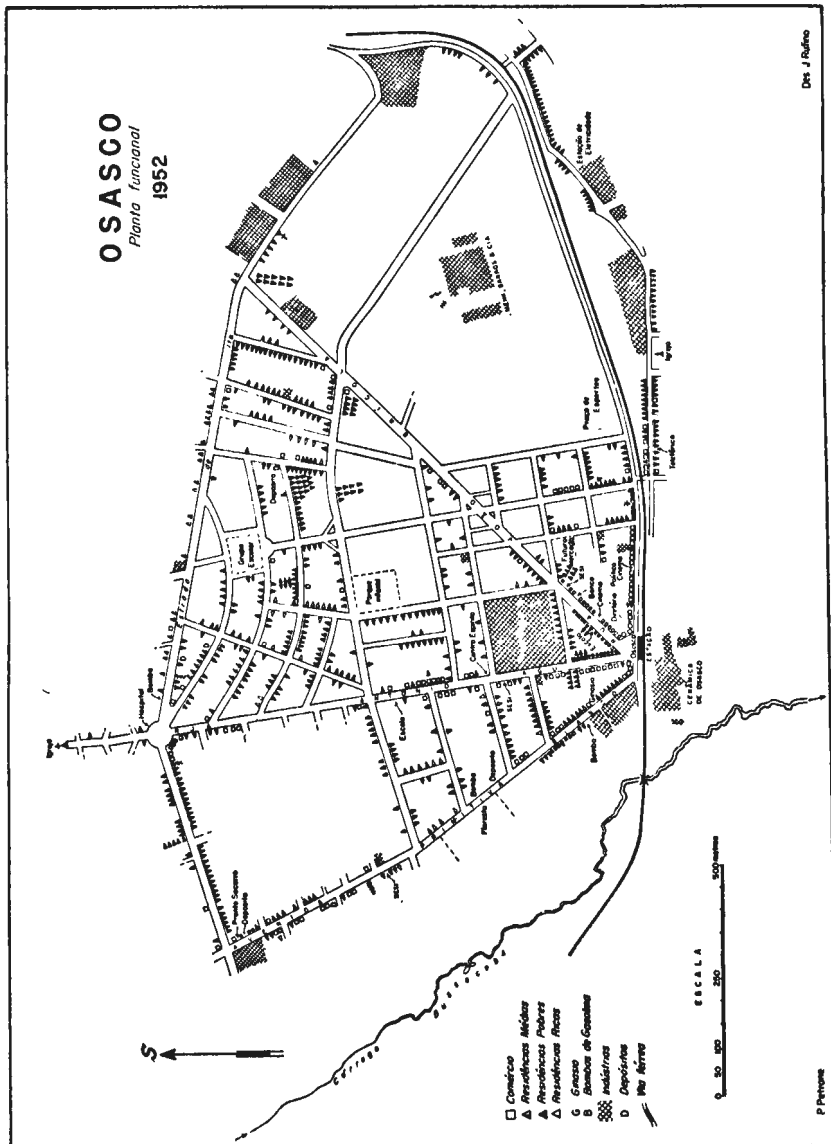
As funções regionais

De tudo quanto já expusemos ressalta que a região de Osasco se enquadra perfeitamente entre os *subúrbios industriais* de São Paulo, a exemplo do que acontece, em proporções muito maiores, com São Caetano do Sul e Santo André.

Não há dúvida que a região em estudo não se equipara com os subúrbios do A. B. C., quer pelo número de seus estabelecimentos industriais, quer pelo seu efetivo operário. Trata-se de uma área que se encontra, sob o ponto de vista fabril, numa fase que poderemos classificar de embrionária. Mas é inegável que a *função industrial* sobrepuja tôdas as demais e a ela se deve o vertiginoso crescimento demográfico e espacial da região.

As indústrias locais tiveram importância desde o alvorecer de Osasco e seus “satélites”, chegando mesmo a constituir um dos fatores da formação de alguns dos núcleos, como é o caso de Presidente Altino, com o “Frigorífico Wilson”. Não se registrou ali a fase de transição, ora agropastoril, ora comercial, verificada noutras áreas da própria Região de São Paulo. A par disso, cumpre registrar que o parque industrial de Osasco é de constituição bem recente, o que justifica seu caráter ainda embrionário.

Em Osasco pròpriamente dito, a área ocupada por suas indústrias nada tem de pequena; e isto pode ser observado no mapa funcional que acompanha o presente estudo. Além disso, não se registra ali a predominância das oficinas e “ateliers”, mas, pelo contrário, a de verdadeiras fábricas, quando



Planta funcional de Osasco (1952). — O mapa focaliza o aglomerado principal da região — o de Osasco, com suas características funcionais.

não de grandes estabelecimentos industriais. Estes últimos localizam-se junto à via férrea ou pelo menos a ela estão ligados por desvios, destacando-se pelas grandes áreas de que dispõem, embora nem sempre estejam elas integralmente ocupadas, o que significa uma possibilidade de futura expansão. A pequena

indústria — representada por modestas fábricas e oficinas, de raio de ação puramente local —, não necessitando da ferrovia, dissemina-se por todo o aglomerado.

Os grandes estabelecimentos industriais utilizam numerosa mão-de-obra, que habita na própria região ou reside na Lapa, Butantã, Pinheiros, etc. O primeiro caso fêz nascer a segunda função regional, em ordem de importância: a *função residencial*, de caráter modesto e nitidamente proletário, como é de se imaginar, a qual, por sua vez, veio dar origem à *função comercial* indispensável ao abastecimento e à vida dos quase 50 000 habitantes da região.

Há um traço que merece ser referido quanto aos *tipos de habitação*; sobretudo no núcleo de Osasco e menos nos demais, as casas de residência — das mais antigas às recentes, das de classe média às de operários — apresentam-se com bom aspecto, limpas, freqüentemente pintadas de novo, não raro com pequeno jardim à frente. Tudo indica que tal circunstância possa ser explicada pelo fato (que, infelizmente, não pudemos comprovar) de serem proprietários os que nelas moram.

Não se observa em Osasco um *zoneamento funcional*, nem mesmo quanto às residências, embora haja uma certa preferência por parte das grandes indústrias, como já tivemos oportunidade de acentuar, em relação às áreas próximas da ferrovia. As poucas residências finas surgem lado a lado com as residências de tipo médio e, mesmo, com as mais pobres. Por serem mais raras, as primeiras acham-se mais disseminadas, embora se constate uma certa predominância delas nas áreas de loteamento recente ou ocupadas nos últimos anos, quando se trata de loteamentos antigos. Além disso, como também acontece noutras partes da região paulistana, mesmo as habitações mais modestas existentes nos trechos recentemente ocupados são superiores às dos núcleos mais antigos.

As *residências do tipo médio*, que constituem a maioria, surgem principalmente nos trechos mais elevados, em tórno da igreja e ao longo da estrada de Itu; quando existem nas várzeas, correspondem a áreas de ocupação recente. As *residências mais modestas* predominam em três áreas principais: a) nos arredores da estação de Osasco e ruas circunvizinhas; b) acompanhando a ferrovia, de maneira particular na rua André Rovai e transversais; c) em ruas que vão ter à estrada de Itu, nas proximidades da Rua João Batista. Sente-se melhor sua

presença nos trechos mais antigos do aglomerado, sobretudo na várzea, onde surgem juntas umas às outras, quase sempre geminadas, em contato direto com a via pública. Tal fato contrasta com o que se pode observar nos trechos novos, onde as habitações aparecem em geral isoladas uma das outras.

Em Osasco, o *comércio* acha-se mais ou menos centralizado, mas a maior parte das casas comerciais concentra-se próximo à estação ferroviária, no próprio largo e nos trechos iniciais das ruas Antônio Agu, Primitiva Vianco e João Batista, além da Rua da Estação. Tais estabelecimentos, se bem que modestos, satisfazem às necessidades da clientela local, embora sempre haja quem prefira fazer suas compras em Pinheiros, quando não na própria área central de São Paulo.

As *repartições públicas e entidades paraestatais*, como os *estabelecimentos de ensino*, encontram-se de maneira esparsa, se bem que as vizinhanças da estação constituam a área de maior concentração. É ali também que estão os dois *cinemas* da localidade, o *Mercado*, a *agência bancária*, etc., da mesma forma que ali se instala, semanalmente, a *feira-livre*.

Nas vizinhanças da estação situa-se, sem nenhuma dúvida, o “*coração*” de Osasco.

Dêsse “*coração*” do aglomerado parte a principal artéria local — a *Rua Antônio Agu*, cujo nome lembra o daquele que, sob muitos aspectos, pode ser considerado o fundador de Osasco. Estende-se desde a estação, em plena várzea do Tietê, até à igreja, já sobre a colina, ao Sul, por mais de um quilômetro. De início, ladeiam-na as principais casas comerciais, repartições públicas e paraestatais, alguns escritórios comerciais, consultórios médicos e dentários, “*ateliers*”, bares, cafés, barbearias, etc., embora uma ou outra residência modesta interrompa essa seqüência, quando não as instalações de uma indústria (como a “*Beltramo*”). É o trecho mais movimentado do pequeno “*centro*” de Osasco. Em seguida, tornam-se mais escassas as edificações (sobretudo no trecho em que a várzea foi recentemente drenada, em parte aterrada e loteada), até que, atingindo a vertente suave da colina, passam a predominar os terrenos baldios. Mas não tarda que, de novo, reapareçam as edificações, particularmente quando se aproxima da estrada de Itu. Quem por ela caminha tem diante dos olhos, conforme a direção em que observe, dois pontos

de referência inconfundíveis: no alto da colina, próximo à rodovia, a torre da igreja; no outro extremo, em plena várzea e próximo à ferrovia, as chaminés da "Cerâmica de Osasco". Dois símbolos bem diferentes, que sintetizam a vida local, a demonstrar, de um lado, a principal característica da economia local e, de outro, a espiritualidade de seus habitantes, tradicionalmente católicos.

Resultando da aglutinação de núcleos de povoamento originariamente isolados e, por sua vez, entrosada no dinamismo da metrópole paulista, a região de Osasco está fadada a tornar-se, cada vez mais, um centro industrial. Isto significa vitalidade, crescimento demográfico e nova expansão territorial. Daí a grande aspiração de seus habitantes: deixar a atual condição de *subdistrito* (que não lhe assegura nenhuma vantagem político-administrativa) e transformar-se em *município* autônomo, a exemplo de São Caetano do Sul, pequenino mas economicamente poderoso.

BIBLIOGRAFIA

I. Estudos especiais:

ALMEIDA (Nelson Martins de) — *Isto é São Caetano*, ed. da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 1952.

O OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO — *Santo André — Sua importância*

economica e seus problemas, ano VI, n.º 72, Rio de Janeiro, 1942.

SILVA (Raul de Andrada e) — *A cidade de Santo André e sua função industrial*, em "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", vol. III, Rio de Janeiro, 1944.

II. Estudos gerais e subsidiários:

AB'SÁBER (Aitz Nacib) — *Os terços fluviais da região de São Paulo*, em "Anuário" da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" (1952-53), São Paulo, 1953.

AZEVEDO (Aroldo de) — *Subúrbios de São Paulo — Primeiros estudos*, em "Anuário" da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", São Paulo, 1943. — *Os subúrbios de São Paulo e suas funções*, em "Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros", ano IV, n.º 4, São Paulo, 1944.

COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo*, Tipografia King, São Paulo, 1888.

DRUMOND (Carlos) — *Notas sobre alguns topônimos dos arredores de São Paulo*, em "Filosofia, Ciências e Letras", n.º 10, São Paulo, 1948.

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES ASSOCIADAS — *São Paulo, metrópole do século XX*, São Paulo, 1942.

LUNA (D. Joaquim G.) — *Os Monges Beneditinos no Brasil*.

CAPÍTULO III

Cotia e Itapecerica da Serra, subúrbios agrícolas

EMILIA VIOTTI COSTA

Em plena zona rural. O quadro natural. Uma paisagem agrária típica. O elemento japonês e a paisagem regional. A agricultura caipira. Granjas leiteiras e granjas avícolas. Os sítios de recreio. As cooperativas agrícolas. Outras atividades regionais. Remontando ao passado. O "habitat" e suas características. Itapevi, uma das vanguardas da expansão paulistana. Cotia, aglomerado do setecentismo. Embu, pequena relíquia do passado. Itapecerica da Serra, aglomerado seiscentista. Reflexos da expansão da metrópole: os loteamentos.

A WSW da cidade de São Paulo, depois de ultrapassada a várzea do rio Pinheiros e quando cessa o aspecto compacto do casario urbano, inicia-se uma vasta área suburbana que tem na agricultura sua principal atividade econômica. Trata-se de uma região tipicamente rural, fora dos limites do município de São Paulo, em que repontam, isolados, pequenos e antigos núcleos de povoamento, cuja população urbana não vai muito além de mil habitantes, quando se trata dos mais populosos. São os domínios de dois municípios autônomos: o de *Cotia* e o de *Itapecerica da Serra*, cujas sedes se classificam pomposamente como cidades, dentro do critério político-administrativo, embora não passem de simples vilas, sob o ponto de vista geográfico.

Dentro do "Grande São Paulo", constituem expressivos exemplos de *subúrbios agrícolas* e como tais aqui vão ser analisados.

O quadro natural

Ao penetrar-se na região, quer no rumo de Cotia, quer no de Itapecerica da Serra, atravessa-se inicialmente uma área de *colinas* semelhantes às da área urbanizada de São Paulo, cujas altitudes oscilam entre as cotas de 750 e 850 metros sobre o nível do mar. Não tarda, porém, que o relevo venha a alterar-se, denunciando a presença de outra área geológica: as altitudes passam a ser de 850 e 900 metros, chegando mesmo, mais para o interior, a atingir 1 000 metros acima do oceano; a topografia passa a ser bastante movimentada, com desníveis acentuados. Estamos em pleno *Planalto Atlântico*, com suas rochas cristalinas fortemente trabalhadas pela erosão.

Nessa área cristalina, que é a mais característica da região que estamos focalizando, os cursos de água surgem fortemente entalhados, com desníveis que chegam a ser de 100-130 metros. Na região de Cotia, os declives são menos acentuados e os vales se abrem através de várzeas relativamente extensas, favoráveis à ocupação humana. Já na região de *Itapecerica da Serra*, o relevo é muito mais movimentado, sobretudo quando se penetra em seu "sertão".

A proximidade do divisor de águas, ali representado pela Serra do Mar, explica a presença de *quedas de água* (como é o caso da Cachoeira da Fumaça, que vem sendo aproveitada pela "Fábrica Votorantim"), além da maior atividade erosiva e da freqüência dos vales em garganta.

São os *granitos* e *gnaiesses* do Complexo Brasileiro as rochas predominantes, embora também apareçam, em áreas restritas (notadamente a SW do município de Itapecerica da Serra), *xistos*, *filitos* e *calcários* da série São Roque, com sinais de fortes diastrofismos.

Os granitos são largamente explorados em numerosas pedreiras; os diques de pegmatito, que atravessam os terrenos gnáissicos, favorecem a exploração do caulim e da mica; e as argilas acumuladas nas várzeas fizeram surgir muitas olarias.

Os *solos* regionais, de origem granítico-gnáissica, não se destacam por sua fertilidade, além de serem pouco profundos. A topografia acidentada, aliada à alta pluviosidade, são fatores do empobrecimento do solo, pois a matéria orgânica se vê removida com muita facilidade. Fortalecendo-os, em sua ação negativa, encontramos o emprêgo tradicional de "queimadas"

e a despreocupação geral em reconstituí-los. Daí a importância representada pelas várzeas quaternárias, com seus solos negros extremamente férteis, ricos em humo e com espessura média de um metro.

A rêde hidrográfica é muito densa, apesar de constituída por pequenos cursos de água, cuja largura não vai além de 2m, salvo poucas exceções — como é o caso dos rios Cotia, Embu Mirim, São João ou Barueri e Itapevi, que chegam a ter 5m de largura, embora pouco profundos. Nas áreas em que aflora o granito, seu leito é rochoso e com “corredeiras” (sobretudo nos rios Cotia e Itapevi). As várzeas que formam são desproporcionadas em relação ao volume de suas águas, pois chegam a ter larguras de 200, 300 e 400 metros. Modestos embora, sua importância é muito grande para a vida regional: nortearam e fixaram o povoamento, facilitam o abastecimento de água, são utilizados em trabalhos de irrigação, movimentam engenhos e até concorrem para a produção de energia elétrica.

Os maiores rios são o *Cotia*, com cêrca de 50km, e o *Embu Mirim*, com cêrca de 30. Nascem próximos um do outro, a mais de 1 000m de altitude. Seus cursos são sinuosos, apresentam “corredeiras” e ora deslizam por entre margens escarpadas, ora se espraiam através de largas várzeas. O primeiro atinge o rio Tietê, entre Barueri e Carapicuíba; o segundo vai alimentar o Reservatório de Cotia.

Os *débitos fluviais* dos cursos de água da região variam bastante no decurso do ano, reduzindo-se a filêtes insignificantes no Inverno e ocasionando inundações, nunca catastróficas, no Verão.

O *clima* regional caracteriza-se por uma estação chuvosa, nos meses da Primavera e do Verão, e por uma estação sêca, nos demais, a exemplo do que se verifica em todo o Planalto paulista. De novembro a março, caem de 65 a 80% das chuvas anuais, ao passo que, de junho a agosto, o total é inferior a 15%, chegando a 5%. As anormalidades verificadas, nesse regime pluviométrico, exigem a existência de um sistema de irrigação, vital quando a estiagem se prolonga até outubro e novembro, época da sementeira.

A irregularidade do tempo constitui o traço marcante da climatologia regional. Mesmo assim, observa-se que são os ventos do Sul e de Sudoeste os que predominam, sendo mais altas as temperaturas de novembro a março (entre 18 e 22,

nas médias mensais) e mais baixas as de junho a agosto (entre 13 e 17). A média térmica anual oscila entre 17 e 18. Mas as amplitudes diurnas são fortes, chegando a ser de 12, num período de 24 horas.

Freqüentes são as *geadas*, nos meses do inverno, e muito prejudiciais à vida regional quando tardias (setembro). Castigam fortemente os fundos de vales, de preferência os voltados para Leste, pois são êstes os primeiros a receberem os raios do Sol.

A área em estudo inclui-se nos domínios da *Mata Atlântica*. Todavia, a antiguidade do povoamento introduziu modificações profundas em sua cobertura vegetal. Hoje, na região de Cotia, restam apenas algumas matas secundárias e capoeiras de tamanhos variáveis; no mais, a paisagem acha-se intensamente humanizada. Exemplo do que teria sido a floresta primitiva pode ser encontrado à margem da estrada que une o bairro do Moinho Velho a Embu, numa reserva pertencente à Repartição de Águas e Esgotos, embora não passe de mata secundária. Nesgas de *capoeirões* persistem nos vales mais profundos (como acontece com o rio Cotia). Mas são as *capoeiras*, com 15, 20 e 30 anos de vida, e as *capoeirinhas* ou *tigüeras*, com vegetação arbustiva e de difícil travessia, que bem caracterizam êstes domínios da Mata Atlântica, na zona de Cotia.

Muitas “picadas” cruzam, em todos os sentidos, as *capoeirinhas* intrincadas, ricas em vegetação rasteira, muito verdes na estação das chuvas e pardacentas na estação sêca, quando são prêsa fácil das “queimadas”. Já os *capoeirões* possuem árvores de 4 a 6 metros de altura e permitem mais fácil circulação em seu interior, apesar da presença de vegetação subarbusativa. Localizam-se ora nas encostas incultas, ora nos vales, contrastando sua presença com as quadras de terras de cultura ou a monotonia dos eucaliptais, ali plantados nos derradeiros 25 anos. Mas não poderíamos deixar de mencionar a existência de áreas de *carrascais*, que coincidem com os trechos em que o solo foi lavado ou esgotou-se por prolongada ocupação e que apresentam uma vegetação rasteira, de aspecto ressequido, rica em sapé, vassourinha e carrapicho.

Na região de Itapecerica da Serra, menos humanizada, a Mata Atlântica ainda aparece em sua virgindade original, sobretudo na área próxima da Serra do Mar, em seu “sertão”. Mas a devastação das matas também ali foi intensa, notada-

mente na década de 1940-50, embora continue ainda hoje. Em Juquitiba, localiza-se a frente pioneira dessa marcha devastadora, na ânsia de obter lenha e de fabricar carvão vegetal. No conjunto, porém, a predominância cabe às *matas secundárias* e aos *capoeirões*, que ainda restam sobretudo nas encostas mais abruptas das vizinhanças do núcleo de Itapecerica da Serra.

Em pinceladas rápidas, é êsse o quadro natural em que o homem vive desde os tempos coloniais. Sua presença deixou marcas inconfundíveis, criando uma *paisagem agrária* das mais típicas, dentro dos limites da Região de São Paulo.

Uma paisagem agrária típica

Não são as matas, as capoeiras ou os carrascais que caracterizam a paisagem regional, mas sim as culturas mais ou menos extensas, as hortas, as granjas avícolas ou leiteiras, os eucaliptais, as olarias e os pequenos aglomerados urbanos. Olhada em seu conjunto, a região de Cotia e de Itapecerica da Serra mostra, a todo instante, a presença do homem.

É a *paisagem agrária*, sem dúvida alguma, a predominante, não apenas pelas marcas ali presentes, como por constituir a verdadeira força econômica dessa extensa área suburbana. Já se chegou a considerá-la, até, um dos celeiros agrícolas da Capital paulista — expressão um tanto forte, se bem que até certo ponto exata, sobretudo em relação à área de Cotia.

Em *Itapecerica da Serra*, apenas 9% do território municipal é cultivado, predominando os sítios de recreio, as culturas de tipo caipira e, principalmente, as atividades ligadas à exploração das matas e capoeirões (extração de madeiras e lenha, fabricação de carvão). Já na região de *Cotia* o caso é bem outro, pois nada menos de 50% de área municipal são ocupados por atividades agropecuárias, graças às suas variadas culturas, à avicultura e às granjas destinadas à produção de leite.

No município de Cotia, tem muito destaque a *horticultura* (que aparece geralmente nas várzeas, por necessitar de maior umidade e água em abundância), à qual se associa, muitas vezes, a *avicultura*. Nos topos arredondados e nas encostas das colinas, predominam as *culturas* maiores, como a

da batata, a do milho e, mais raramente, a do feijão; ou, então, os *eucaliptais*. Próximo ao aglomerado urbano, aparecem algumas *granjas leiteiras*, com seus estábulos e suas pastagens artificiais; na direção de Embu, uns poucos *sítios de recreio*, e mais para o interior numerosos haras.

No município de Itapecerica da Serra, pelo contrário, mais raras são as propriedades hortícolas e as granjas, predominando os *sítios de recreio*, em outros tempos mais numerosos que hoje, face à rápida marcha dos loteamentos; êstes, avançando ao longo da estrada que une Santo Amaro à “vila” de Itapecerica da Serra, já alcançaram o Capão Redondo e vêm modificando profundamente a paisagem, pois começam a lhe tirar o muito de rural e de pitoresco, que sempre lhe deram muito encanto.

A par dessa paisagem agrária, as *olarias* trouxeram novos elementos para o mosaico regional, tanto na região de Cotia, como na de Itapecerica da Serra; e, nesta última, a *exploração das matas* continua a representar a principal atividade econômica, trazendo novas alterações à fisionomia da área municipal.

Muitos fatores concorreram para que a região em estudo fôsse dominada pela vida agrícola. Além das condições naturais, até certo ponto favoráveis, cumpre salientar, desde logo, a presença de um insaciável *mercado consumidor* — o da Capital paulista, à qual essa área suburbana se vê ligada por boas *estradas de rodagem*, em muitos trechos inteiramente asfaltadas.

Principalmente três são as estradas de maior importância regional: 1. a que une *São Paulo a Cotia*, tôda asfaltada, a mais importante das três, pois é parte da chamada *Rodovia Rapôso Tavares*, que prossegue em direção a Curitiba, capital do Paraná; 2. a que une *São Paulo a Itapecerica da Serra*, passando por Embu, já em parte asfaltada e mantida sempre em bom estado de conservação, no trecho de terra batida; 3. a que une *Santo Amaro a Itapecerica da Serra*, em grande parte também asfaltada. Em contato com essas linhas-tronco, existe uma verdadeira rede de estradas menores e de caminhos vicinais, alguns em condições bastante más, mas todos de importância vital para as atividades regionais. Apenas a área serrana, tanto a de Itapecerica da Serra como a de Cotia, é muito mal servida de vias de comunicação e as que existem tornam-se intransitáveis por ocasião das chuvas fortes, em virtude da topografia e do abandono em que se encontram; todavia, é essa a região menos importante no ponto de vista agrícola.

Nem as condições físicas, nem a proximidade da cidade trimilionária explicariam, de maneira satisfatória, o incremento da agricultura regional; e tanto isto é uma verdade que a região viveu sonolenta e obscuramente durante dois ou três séculos. Fator decisivo foi a presença de *imigrantes agricultores* — italianos, portugueses, poloneses e, acima de tudo, japoneses. Foram eles os artífices da paisagem agrária que hoje se desdobra à vista do observador e do geógrafo.

Na impossibilidade de examinar, com os mesmos detalhes, a influência de cada um desses elementos étnicos, limitar-nos-emos a focalizar os que são, indubitavelmente, os mais importantes: os japoneses.

O elemento japonês e a paisagem regional

Os primeiros japoneses fixaram-se na região em 1913. Em 1920, cerca de 50 famílias dedicavam-se à cultura da batata no bairro do Moinho Velho, em terras do município de Cotia. Entretanto, foi na derradeira década que se deu o maior afluxo de tais imigrantes, que se fixaram tanto num como noutra dos municípios que vimos analisando. Alguns vieram diretamente do Japão, premidos pelas dificuldades criadas pelo excesso demográfico e nem sempre tinham prática de agricultura. Muitos provieram de outras regiões do Estado de São Paulo, quer de áreas próximas (Ibiúna, Piedade), quer do litoral (região de Registro) e, mais raramente, do Planalto Ocidental (região de Marília e Lins). Embora possam ser encontrados em pontos vários da região, sua maior concentração verifica-se no vale do rio Cotia e no já citado bairro do Moinho Velho, junto ao ribeirão deste nome.

Onde quer que se localizem, imprimem os japoneses sinais iniludíveis de sua presença. São as culturas intensivas. É o cuidadoso arranjo de suas propriedades, caracterizadas pelas linhas geométricas dos canteiros, pelo terraceamento das encostas, pelas canaletas abertas nas várzeas, para a drenagem ou para a irrigação. As técnicas que empregam, que muito têm de jardinagem, contrastam de maneira evidente com as dos agricultores nacionais, sobretudo os caipiras, que não sabem

compor suas propriedades, tudo fazem de maneira empírica e só utilizam processos atrasados e deficitários.

São as *pequenas propriedades* as que predominam: em 1951, para um total de 1 557 propriedades localizadas no município de Cotia, nada menos de 1 383 tinham áreas inferiores a 20 alqueires e 134 entre 20 e 50 alqueires; os casos mais freqüentes são as que possuem de 1 a 10 — 15 alqueires(1).

Em Itapeberica da Serra, num total de 3 235 propriedades, 1 500 tinham menos de 20 alqueires e 1 500 entre 20 e 50 alqueires.

Êsse partilhamento da propriedade, na região de Cotia, representa um fenômeno recente (a exemplo do que se registrou noutras áreas da Região de São Paulo) e acha-se associado à presença dos agricultores estrangeiros. Basta comparar os seguintes dados, referentes ao número de propriedades rurais daquele município:

ÁREAS (em alqueires)	1905	1940
Até 10.....	10	459
De 10 a 25..	29	50
De 25 a 50..	37	23
De 50 a 100..	23	4
De 100 a 250..	17	3
De 250 a 500..	7	1

O sistema de *arrendamento* é bastante comum na região, particularmente no caso de propriedades exploradas por japoneses. Enganam-se, porém, os que supõem seja êste o único existente, nem o mais preferido; com freqüência, o arrendatário japonês transforma-se em proprietário, bastando para isso que disponha de meios próprios para consegui-lo.

A presença de um simples arrendatário ou de um proprietário reflete-se, muitas vèzes, na paisagem. No segundo caso, a estabilidade conduz a maiores cuidados em relação à propriedade e à melhoria e embelezamento da habitação e seus anexos.

Só excepcionalmente os japoneses se dedicam ao comércio de beira de estrada, possuindo vendas ou armazéns. A regra geral é a atividade agrícola ou a avicultura.

Quando as propriedades dispõem de maior extensão de várzeas, dedicam-se à *horticultura*, associada ou não à *criação*

(1) Sinopse Estatística do Município de São Paulo, 1951. I. B. G. E. *Livro dos Municípios do Estado de São Paulo*. 1951. Livraria Martins Editôra, 1951.

de galinhas para a produção de ovos. Ao contrário, quando as encostas predominam, preferem as *culturas anuais* — batata, milho e, menos freqüentemente, feijão e amendoim, embora também possam praticar a *horticultura*, caso o declive mais suave das encostas o possibilite.

É comum encontrarmos *culturas mistas*, caso em que o agricultor divide racionalmente a terra, de maneira a adaptar cada cultura ao tipo de solo mais aconselhável.

Nas propriedades em que se pratica a *horticultura*, desenvolve-se um incessante e minucioso trabalho, dentro de uma técnica delicada e verdadeiramente oriental. O adubo é empregado abundantemente, quer o animal (sob a forma de estêrco de galinha, principalmente quando a avicultura se acha associada à cultura) quer o mineral (escolhido e racionalmente dosado conforme as necessidades do solo e da planta).

No que se refere à adubação, além da prática herdada e trazida do Extremo Oriente, vê-se o agricultor japonês muito auxiliado pela “Cooperativa Agrícola de Cotia”, que oferece os conhecimentos de seus técnicos, como o próprio adubo a ser utilizado.

A *irrigação* ou a *drenagem*, conforme o caso, vêm-se praticadas com freqüência, a par da *rotação de culturas*. Comum é o uso de *arados*, de bico ou de discos, de propriedade do agricultor ou tomados de empréstimo da “Cooperativa Agrícola de Cotia”. Além disso, generalizado é o emprêgo de *medicamentos* destinados ao combate às pragas ou à proteção das plantas cultivadas, como também a utilização de *sementes* selecionadas.

Percebe-se, por essas simples informações, que elevado é o padrão técnico do agricultor japonês. Geralmente grandes são seus conhecimentos em relação à vida agrícola, a que se dedica conscienciosa e esforçadamente, aproveitando ao máximo o chão de que dispõe. Daí os “milagres” que realiza, obtendo altos rendimentos de terras consideradas cansadas e transformando várzeas brejosas num quase jardim.

Tudo isso significa, além de muito esforço, o resultado de uma racional cooperação. Como alhures, o japonês não conhece horário para seu trabalho, nem respeita feriados, domingos e dias santificados. Quando há necessidade, a faina se inicia aos primeiros albores da madrugada e se estende até mesmo pela noite, à luz de lanternas. Todos os membros da família, mesmo as crianças, cooperam em tais tarefas; mas, nem por isso, deixam os filhos de frequentar a escola, pois a instrução (pelo menos a primária) constitui ponto de honra para o japonês,

por mais humilde que seja. Sua formação cooperativista e a noção de solidariedade levam-no mais além, dentro da comunidade étnica a que pertence: une-se aos seus patrícios, colaborando com eles no transporte de mercadorias, como no empréstimo de maquinaria agrícola ou animais de tração.

Grande é a variedade de *hortaliças* que merecem suas preferências: o tomate, a couve-flor, os brócolos, a abobrinha, a alface, o rabanete, nabos, aspargos, a salsa, a cebolinha, a couve, o pimentão, a ervilha, a alcachôfra, o espinafre. A seu lado, cultivam muitas vêzes o *morango* e, mais raramente, *flôres*.

São a Primavera e o Verão as épocas de maior animação e atividade nas propriedades agrícolas dos japoneses, pois é o momento de aproveitar as chuvas e escolher as hortaliças mais exigentes, no que concerne à umidade (sobretudo a alface e a escarola). Fazem-se freqüentes "carpas", pois as ervas inúteis ou daninhas se desenvolvem com rapidez.

No Outono e no Inverno, período sêco, dão preferência às hortaliças menos exigentes em matéria de umidade e mais resistentes às temperaturas baixas (couve-flor, repôlho, etc.).

Todavia, não são as condições climáticas que pròpriamente presidem ao calendário agrícola do horticultor nipônico, mas sim as exigências do mercado consumidor. A técnica do cultivo sobreleva as demais restrições e elimina as desvantagens: daí o emprêgo da irrigação nos meses secos, para o que utilizam regadores, tinas de água, poços ou



Cultura de japoneses, na região de Cotia (Foto do autor).

ribeirões, quando não abrem canaletas ou, em propriedades mais bem aparelhadas, lançam mão de aspersores hidráulicos movidos por motores a gasolina, de grande capacidade e muito mais eficientes; daí, também, a proteção feita aos canteiros, para evitar os efeitos de possíveis geadas.

Não menores cuidados são reservados à *avicultura*, à criação de galinhas destinadas à produção de ovos. Nas propriedades japonesas não se vêem galinhas soltas nos terreiros ou simplesmente fechadas em cercados de taquaras, como é comum nas propriedades caípiras. O avicultor japonês concentra em pequenos espaços um número avultado de galinhas (numa propriedade, por nós visitada, havia 240 galinhas numa área de cerca de 120m²), em galinheiros cobertos, ora rústicos (de taquara, recobertos com sapé), ora de alvenaria e com telhas, muitas vezes fechados com telas de arame, dispondo sempre de bebedouros e comedouros apropriados. Conservando-as assim, conseguem não apenas assegurar a produção de ovos, mas garantir o estêrco, que vai ser empregado nas hortas ou é vendido.

Sendo a principal finalidade da avicultura a produção de ovos, voltam suas preferências para a raça Leghorn; quando, porém, em caráter mais ou menos excepcional, dedicam-se à venda de aves, criam exemplares de outras raças, sobretudo Plymouth e Rhode-Island. Na alimentação, empregam “misturas” apropriadas, às quais costumam associar o milho e verduras fenecidas. A criação se inicia e se renova através da compra de pintos recém-nascidos, geralmente selecionados quanto ao sexo, desde que só se interessam por fêmeas.

A exemplo do que acontece com a horticultura, incessante e cansativo é o trabalho do avicultor, que não deseja e não pode ter prejuízo, desde que essa é a atividade que lhe assegura o sustento, salvo quando também é horticultor.

Há as *culturas anuais*, que exigem outro sistema de trabalho. Iniciam-se, em regra, em terreno coberto de mato ou de capoeira, para o que se torna necessário fazer a “queimada” e, em seguida, limpá-lo convenientemente. Tem lugar, então, a aração e a adubação, após o que, se faz a plantação da batata. Na maioria das vezes, a esta cultura sucede-se a do milho, sem que haja necessidade de nova adubação. No



Propriedade agrícola de japoneses, na região de Cotia (Foto do autor).

cultivo da batata, mesmo após a sementeira, prossegue a adubação e empregam-se desinfetantes, além de cal, na época das chuvas. Também a “carpa” aqui se torna necessária, a par de permanente vigilância contra os imprevistos. No entanto, é por ocasião da colheita que o trabalho recrudescer em atividade, exigindo freqüentemente a colaboração de trabalhadores diáristas.

A par dessa rotação de culturas, é comum deixar a terra em repouso por alguns anos, sobretudo quando as propriedades são extensas; o mato reconquista tais áreas e chega a esboçar-se uma capoeira, tudo dependendo do tamanho e das necessidades da propriedade.

A exemplo do que acontece nas propriedades hortícolas e avícolas, a família colabora de maneira mais absoluta nessas atividades. Mas é comum a presença de *agregados*, em geral caipiras das redondezas, que prestam serviços em caráter permanente ou como diáristas, dentro de horários predeterminados. No primeiro caso, costuma residir na própria propriedade, em habitações à parte, em torno da qual, por vês, lhes é reservada pequena área para culturas de subsistência; ou, então, moram nas proximidades e preferem viver sob o regime de assalariados a cultivar por conta própria. O salário é fixado em geral “a sêco”,

isto é, sem direito às refeições, o que é justificável, antes de tudo, pelas diferenças existentes quanto ao regime alimentar.

Dessa convivência, dêsse contato diário, tem resultado uma relativa adaptação do japonês ao ambiente brasileiro, sobretudo no que se refere ao linguajar, muitas vezes eivado de modismos locais, quando não acaipirado. Mais raramente resulta, dessa convivência, a introdução de um ou outro prato tipicamente brasileiro na alimentação do proprietário japonês.

O problema da *adaptação* dos japoneses assume feições variadas. Casos há em que a adaptação aos nossos costumes se faz de maneira lenta mas indiscutível. Todavia, no caso que focalizamos, são comuns o isolamento, a desconfiança, quando não certa agressividade. Quando o convívio é demorado, as relações entre os japoneses e os trabalhadores nacionais são geralmente amistosas, registrando-se da parte dos caipiras uma indisfarçável admiração por aqueles que conseguem realizar “milagres” para eles inauditos. Mais frequente, porém, é o recíproco alheamento, notadamente quando a diferença de nível cultural entre uns e outros é por demais sensível.

Dificultando a assimilação, aparecem a língua e a religião. A primeira é, em geral, a única utilizada em família e a que predomina nas gravuras colocadas nas paredes da habitação ou nos livros lá existentes. Quanto à religião, frequente é a presença de um altar, com ídolos diversos, no lugar de honra da casa de moradia. Na zona rural, o Catolicismo ou o Protestantismo penetram com muito maior lentidão e dificuldade que na área urbana; e, quando o conseguem, alcançam apenas os “nissei” e, mesmo assim, de maneira um tanto insegura, quem sabe apenas para efeito externo, pois os pais se conservam fiéis ao Budismo ou ao Xintoísmo, apesar da inexistência de templos e de sacerdotes pertencentes a tais credos.

Interessante será ressaltar que o *padrão de vida* dos japoneses se acha, geralmente, em desacôrdo com seus níveis técnicos e culturais. Basta tomar como exemplo suas habitações, que em nada ou em muito pouco diferem das casas dos nossos caipiras. São de pau-a-pique, quase sempre cobertas com telhas, embora também haja cobertas de sapé. Suas divisões internas são extremamente simples, como simples é seu mobiliário. As construções anexas ora se localizam ao pé da habitação, ora disseminadas pela propriedade, quando sua área o comporta.

Naturalmente há exceções, que correspondem aos proprietários de maior poder aquisitivo. Nesta hipótese, a habitação é de tijolos e telhas, sendo iluminada por eletricidade, ao invés dos lampiões de querosene, que o caipira também utiliza, e possui água encanada. No que se refere à água, em qualquer dos casos, logo que se torna possível, abrem poços para o abastecimento doméstico.

Tôda sua produção se destina à cidade de São Paulo, onde é vendida no Mercado de Pinheiros, no Mercado Central, nas feiras-livres e nas quitandas. Para isso, recebem substancial auxílio da “Cooperativa Agrícola de Cotia”, a que muitos pertencem, sobretudo quando se trata de pequenos proprietários e de arrendatários; cabe àquela entidade transportar o produto dos centros de produção e encaminhá-los aos de consumo.

Cumprе acentuar que muitos proprietários agrícolas, não japoneses, também são sócios da “Cooperativa” e tomam como modelo a técnica nipônica. Daí a semelhança que apresentam suas propriedades com as dos japoneses, como acontece com uma situada próximo ao Moinho Velho, pertencente a um agricultor de nacionalidade húngara.

A agricultura caipira

Chocante é o contraste existente entre as propriedades cultivadas por japoneses e as que estão sob a guarda de caipiras locais. Apenas excepcionalmente se registra uma assimilação dos exemplos dados pelos nipões. Em regra, o caipira, mesmo possuindo terra própria, prefere trabalhar como “agregado” dos japoneses, como “diarista” ou “caseiro” nos sítios de recreio, ou prestar serviços nas olarias e nas áreas de extração de madeiras ou fabrico do carvão.

É profundamente triste constatar que sua ignorância, seu fatalismo, sua inércia, falta de ambição e desconhecimento da técnica mais rudimentar refletem-se nas propriedades em que trabalham por conta própria. O caipira não sabe aproveitar convenientemente o solo, nem consegue auferir lucros com o que produz. Alega com frequência que a terra não presta ou está cansada, mesmo quando, ao lado, exista uma bem organizada e próspera propriedade de japoneses. Via de regra, suas lavouras não chegam para atender às necessidades da própria subsistência; em canteiros assimétricos e desalinhados, plantam pequena roça de milho, exíguo mandiocal, umas

poucas verduras e flôres; no mais, apenas algumas laranjeiras, limoeiros e bananeiras.

Sua técnica de cultivo é praticamente inexistente, pois, em rega, não emprega adubos, não utiliza o arado, desconhece remédios contra as pragas, não se preocupa em selecionar as sementes. Quando muito, pratica a rega. Por conseguinte, tudo quanto explica o sucesso de seus "miraculosos" vizinhos está ausente em suas propriedades. Ignora as vantagens do cooperativismo ou não consegue compreender seu mecanismo,



Uma casa caipira, na região em estudo (Foto do autor).

quando não pensa que o sistema serve apenas para os grandes produtores. Não se preocupa com a rotação das culturas e manipula as plantações ou o solo dentro de tradições puramente empíricas. Não acredita em métodos que desconhece, desconfia de inovações. Por isso, mesmo quando resolve trabalhar efetivamente, despendendo inegável esforço, não vê resultados compensadores. Desanima, sente que não pode enfrentar seus concorrentes vizinhos, fica arrasado. Mas não procura saber quais as razões de seu insucesso. Prefere tornar-se um trabalhador assalariado.

Não menos rudimentar é sua avicultura. Convencido de que as galinhas prêsas em recinto fechado não põem ovos, mantém-nas soltas na propriedade ou, quando muito, no inte-

rior de amplos cercados. Julga desnecessário selecionar as raças, daí resultando um sem-número de cruzamentos, de que constitui um excelente testemunho o tipo bem conhecido da “galinha caipira”. Dando-lhes reduzida alimentação (que, geralmente, não passa de grãos de milho), deixando-as ao léu, só consegue um produto de pequeno tamanho e de escassa produção de ovos. Não passa de exceção o caso em que galinheiros são construídos e alimentação racional é dada às aves.

Comum é a criação de porcos, destinados ao consumo da família e à venda, depois da necessária engorda. Também costuma ter alguns cabritos e aprecia a criação de patos.

Sua modesta habitação, de pau-a-pique e mais raramente de tijolos, é coberta com sapé ou telhas. O interior é de terra batida. Usa a água do rio ou de poço, não conhece outra iluminação superior à do lampião de querosene. Com seu mobiliário pobre e extremamente parco, a casa caipira oferece, todavia, um ambiente agradável, sempre em ordem e bem varrida. Junto dela costuma erguer-se um mastro, em que balouça ao vento uma estampa de Santo Antônio, de São João Batista ou de São Pedro — pormenor que constitui um de seus poucos motivos de orgulho e um símbolo de sua devoção particular.

Seu padrão de vida está em perfeito acôrdo com tôdas essas características. Entretanto, neste particular, nota-se um desejo maior de melhorar, de aprender, de civilizar-se. Muitos são os que enviam seus filhos à escola e freqüentam com assiduidade os postos médicos; mas ainda constituem uma ínfima minoria em comparação com os que preferem viver na rotina e na ignorância, como se pertencessem a um outro mundo, embora poucos quilômetros os separem da metrópole trimilionária.

Basta percorrer a região em estudo para se descobrir as propriedades agrícolas caipiras. Com suas plantações mal arrançadas, suas galinhas espalhadas pelo terreiro, suas capoeiras inúteis, destacam-se lamentavelmente das propriedades, também modestas, dos japoneses ou dos portugueses. O contraste é gritante.

Granjas leiteiras e granjas avícolas

Na paisagem regional, lugar de não menor destaque ocupam as granjas, quer as destinadas à produção do leite, quer as dedicadas à criação de aves. Surgem tanto no muni-

cípio de Cotia, como no de Itapecerica da Serra, salvo na área serrana.

Foi o crescente consumo do leite e derivados por parte da cidade de São Paulo (não só em virtude do espetacular aumento da população, como pela melhoria de seu padrão de vida) que fêz proliferar as *granjas leiteiras* na região em estudo, a exemplo do que aconteceu em outras regiões mais afastadas, como é o caso de Campinas e vizinhanças. As facilidades encontradas no setor das vias de comunicação, aliadas à relativa proximidade dos municípios que vimos focalizando, ocasionaram a introdução desse novo elemento na paisagem agrária. Muitas surgiram sem objetivos comerciais, mas outras foram especialmente criadas para aquela finalidade. De maneira geral, caracterizam-se por seu padrão elevado, dispendo de excelentes estábulos e de modernas instalações. Os animais são cuidadosamente selecionados, voltando-se as preferências para as vacas de raças "Holandesa" e "Jersey", e submetidos a um cuidadoso trato. Para assegurar a alimentação desse gado leiteiro, criaram-se pastagens artificiais, em que predominam o capim-gordura, o colômbio, o trevo, a alfafa; através de técnicas adiantadas, também são cultivados, para o mesmo fim, a aveia, a chamada grama paulista (nos lugares mais sujeitos às geadas), o milho, a cana forrageira e o inhame. Tais pastagens são facilmente identificáveis, não apenas pelo seu aspecto, como pelas largas extensões que ocupam.

A paisagem das granjas leiteiras — com suas pastagens verdejantes, suas plantações bem cuidadas (onde trabalha um pessoal numeroso), suas instalações de alvenaria muito brancas e as casas de residência de linhas modernas e visivelmente cheias de conforto — representa uma transição para a dos *sítios de recreio*, a que faremos referência mais além.

Aspecto idêntico oferecem as *granjas avícolas*, entre as quais vamos encontrar verdadeiras granjas-modélo. É comum o fato de seu proprietário residir na cidade de São Paulo, onde se dedica a diferentes atividades; mas não deixa de visitá-las com frequência, muitas vezes no decurso da semana, quando não diariamente. O responsável pela propriedade é um "agregado" ou "caseiro", uma espécie de "administrador", que recebe um ordenado mensal ou tem participação nos lucros do empreendimento; em geral, são técnicos especiali-

zados no assunto, que dispõem de muitos subordinados. Também o proprietário muitas vezes dirige pessoalmente sua granja, nela residindo, caso em que é freqüente ser êle de nacionalidade estrangeira, sobretudo alemã e italiana.

Como é de se esperar, a atividade se processa dentro de uma técnica avançada, completamente diversa da seguida pelos japoneses. Empregam-se amplos galinheiros, grandes cercados com telas de arame (internamente subdivididos, com parte ao ar livre e parte coberta), além de anexos cobertos com telhas. As construções são de alvenaria ou de concreto-armado, com chão de terra batida ou cimentado, nelas existindo os poleiros e às quais são recolhidas as aves, ao anoitecer.

É comum construir os galinheiros ao contato com cursos de água ou a êstes ligados através de canaletas. Quando à criação de galinhas se associa a de patos e marrecos (êstes em menor escala), constroem-se tanques ou lagos artificiais, cujas águas são constantemente renovadas. Todavia, muitas vezes o local escolhido para a construção dos galinheiros corresponde às encostas bem batidas de Sol, sendo evitadas as várzeas muito úmidas e os terrenos voltados para o Sul, mal ensolarados e castigados pelo vento frio.

As galinhas pertencem às mais variadas raças, sobressaindo-se as de raças "Leghorn", "Rhode-Island", "Plymouth", "New-Hampshire", etc., que dão exemplares de grande porte e boas poedeiras, se bem que exigentes no trato. Além da utilização de misturas balanceadas e da vacinação sistemática das aves, empregam-se modernas chocadeiras e criadeiras.

Quando o proprietário não é sócio cooperado, obtém ovos de raça, vacinas, assistência veterinária e orientação por parte do Departamento de Produção Animal da Secretaria da Agricultura e do Instituto Biológico do Estado.

Além da venda de aves e de ovos, as granjas auferem bons lucros com a venda do estêrco de galinha.

Tôda a vida se acha organizada em função dessas atividades, que acabam por criar uma paisagem própria, de que os galinheiros, as plantações subsidiárias (verduras, milho) e a casa de residência constituem os principais elementos.

As casas de residência, nas granjas avícolas, servem muitas vezes como habitações de fins de semana. São construções confortáveis, de

linhas modernas, denotando certa preocupação estética, nem sempre acorde com o destino principal da propriedade. Dispõem de água encaçada e luz elétrica, o que exige, quase sempre, a instalação de bombas, geradores movidos a gasolina ou rodas d'água.

Os sítios de recreio

As casas de residência das granjas assemelham-se inteiramente com as dos *sítios de recreio*, salvo quando seu proprietário procura conservar antigas sedes de fazenda; neste caso, procura restaurá-las, sem sacrificar seu estilo, adaptando-as às exigências do conforto. Se as primeiras se localizam quase sempre em pontos elevados, de onde se descortina um horizonte mais amplo, as segundas surgem geralmente em pequenos terraços aluviais, em patamares de erosão, não longe dos cursos de água — locais preferidos pelos antigos moradores da região.

Tanto na região de ItapeERICA da Serra como na de Cotia, ao contrário do que acontece com a área suburbana oriental de São Paulo, numerosos são tais sítios de recreio, que se multiplicaram sobretudo a partir de 1930-40. É que o paulistano com algumas posses, procurando fugir da atmosfera urbana nos fins de semana, encontrou ali uma paisagem bela e rústica, terras a baixo preço e boas vias de acesso. Constituem êles um outro elemento bastante característico da paisagem regional.

Caracterizam-se, antes de tudo, por uma beleza um tanto artificial, como que "construída". Sua finalidade nada tem de comercial, embora possam conter hortas e jardins ou pequena criação de aves e porcos. Servem para descanso do proprietário e sua família, tendo sempre o seu "caseiro", além de "agregados" ou "diaristas", que ali trabalham numa técnica em que o empirismo caipira surge de mistura com os ensinamentos do proprietário. Em geral, os "caseiros" são portugueses, italianos ou brasileiros, mas nunca japoneses, percebendo um ordenado fixo e dispondo de habitação à parte, embora também os haja com direito a desenvolver atividade agrícola própria, com lucros exclusivamente seus; via de regra, os bons "caseiros" têm um elevado nível de vida e exigem

boa remuneração — o que significa sempre um excessivo dispêndio para os que só conservam seus sítios para fins de descanso e recreação.

A preocupação de tornar bonito e agradável o local preside à organização dessas propriedades e ao aproveitamento de suas áreas. Procura-se conservar as matas ou capoeiras; formam-se belos pomares, onde dominam as ameixeiras, os caqui-zeiros, os abacateiros, as laranjeiras, limeiras, mamoeiros, pessegueiros, bananeiras, etc. Outras vêzes, tentam-se culturas menos comuns: vinhedos, macieiras, pereiras, castanheiros, figueiras; e até mesmo o trigo já tem sido cultivado. Por outro lado, os córregos são aproveitados da melhor maneira possível sob o ponto de vista estético; hortênsias, copos-de-leite ou lírios enfeitam suas margens sinuosas, ao mesmo tempo que pontes pitorescas sôbre êles são construídas. O jardim merece um cuidado todo especial, exibindo flôres de variados tipos, rústicas ou não, além de atraentes gramados e árvores frondosas e decorativas. Trepadeiras enfeitam as amplas varandas das habitações e caramanchões espalham-se pelas vizinhanças. Sítios de recreio existem que dispõem de balanços para as crianças, quadras para tênis, piscinas, etc., além de “charrettes” e animais de montaria. Um ou mais lagos artificiais completam, muitas vêzes, êsse quadro, que muito tem de encantador.

Até bem pouco tempo, numerosos eram os sítios de recreio, na região em estudo. Hoje, em certas áreas, já não mais existem, ou porque as dificuldades econômicas não permitiram sua manutenção, ou porque se viram atingidos pela febre de loteamentos, sobretudo quando mais próximos da Capital e localizados à beira da estrada.

As cooperativas agrícolas

A intensidade da vida agrícola regional fêz nascer, como decorrência natural, pelo menos duas cooperativas: a “Cooperativa Agrícola de Cotia”, fundada em 1928, e a de Itapeçerica da Serra, criada em 1947.

Inegavelmente, é a *Cooperativa Agrícola de Cotia* a mais importante, quer como organização, quer pelo âmbito de sua ação. Coube a um grupo de agricultores japoneses a iniciativa

de fundá-la naquele fim da década de 1920-30. Seus primeiros anos foram repletos de dificuldades, em face da escassez do capital, da incompreensão de muitos, da falta de confiança ou indiferença de outros, sem falar nos reflexos da crise econômica de 1929-30. Todavia, os obstáculos foram superados e hoje sua esfera de ação abarca larga porção do território do Estado.

Além do amparo técnico-científico dado aos seus associados (através de orientação e ensinamentos, do fornecimento de sementes selecionadas, de adubos e de maquinaria agrícola), essa notável organização facilita o transporte dos produtos e proporciona assistência médico-social. Possui ela, no bairro do Moinho Velho, caminho de Embu, uma Estação Experimental destinada a experiências com enxertias, seleção de sementes e de aves, piscicultura, etc.; mesmo de longe se pode perceber o vulto das construções alinhadas à meia-encosta, em que se alojam os aviários, além de extensas áreas cultivadas; e se nela penetrarmos vamos encontrar um grande número de pessoas em constante atividade (notadamente japoneses), entre os quais se destacam agrônomos e técnicos especializados.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a direção da "Cooperativa Agrícola de Cotia" deixou de caber aos japoneses e passou às mãos de técnicos e administradores nacionais. Mas o elemento nipônico continua a ser a sua grande força e a razão de ser de sua própria existência.

Outras atividades regionais

Ao lado das atividades agrárias, muitas outras existem, embora não lhes possam ser comparadas. Refletem as necessidades da metrópole paulista.

As *olarias* se multiplicam por tôda a região, aproveitando o mais possível os depósitos argilosos acumulados nas várzeas. Criam uma paisagem típica, em que se destacam as construções alongadas, os grandes fornos e suas chaminés, as infundáveis pilhas de tijolos (e, menos freqüentemente, também telhas) secando ao Sol nos terreiros, as amassadeiras e os barreiros em exploração ou já abandonados. Em sua maior parte, a produção se destina à Capital, para onde é transportada em caminhões. Brasileiros, espanhóis ou italianos são, geralmente, seus proprietários, muitos deles residindo em São Paulo

e deixando no local prepostos seus; a mão-de-obra é predominantemente caipira. A técnica utilizada, como acontece em outras áreas suburbanas, é bastante rudimentar.

Nas áreas de várzeas, a freqüência das olarias chega a ser impressionante, pois repontam na paisagem à distância média de 500 metros umas das outras.

Outra atividade bastante comum é a da *extração de areia* realizada nas planícies aluviais em que os leitos dos cursos de água se alargam e a sedimentação é abundante. Abrem-se tanques marginais, utilizam-se a draga e as peneiras, revolve-se o terreno; os batelões surgem repletos de areia. Mas são iniciativas de reduzida escala, que não podem ser comparadas com as que se vêem na várzea do Tietê e que necessitam escassa mão-de-obra.

Em caminhões, o produto é transportado para a Capital paulista, da mesma forma que *pedregulhos*, cuja importância é bastante menor como atividade regional.

As “minas” de *caulim* decorrem da presença de rochas feldspáticas, intensamente decompostas pela ação do clima, e sua exploração é feita nas encostas ou em escavações do subsolo, prolongando-se às vêzes por mais de uma dezena de anos, até que os veios se esgotam. Não chegam, porém, a criar nenhum tipo de povoamento, pois a mão-de-obra é flutuante e procede de moradores caipiras das redondezas.

Os afloramentos graníticos, por sua freqüência, deram origem a muitas *pedreiras*, empreendimentos de maior vulto, ora de iniciativa particular, ora dos poderes públicos (Prefeitura Municipal, Departamento de Estradas de Rodagem).

Em Itapevi existe uma das maiores da Região de São Paulo; é explorada pelo Governo e dá trabalho a cerca de 250 operários.

Todavia, nenhuma dessas atividades pode ser comparada com as ligadas à *exploração das matas*, quer pelo seu valor econômico, quer pela área geográfica em que se processam. É principalmente na zona serrana do município de Itapeverica da Serra que vamos encontrar os melhores exemplos. Foi sobretudo durante a última Grande Guerra que a devastação das matas teve início de maneira mais intensa, pois a falta de combustíveis minerais e o uso generalizado do gasogênio

ocasionaram uma ativa *extração de lenha* e a produção do *carvão vegetal* em larga escala. Cessada aquela época de crise, prosseguiu a devastação a fim de satisfazer a fome de combustível e de madeiras para construção da metrópole em ininterrupto crescimento. A mesma necessidade acabou por introduzir um novo elemento à paisagem — os *eucaliptais*, hoje bastante comuns tanto na região de Itapecerica da Serra como na de Cotia.

Os *eucaliptais* destacam-se pela regularidade, simetria e monotonia de suas linhas, constituindo extensos quadrados ou retângulos sempre verdes, em contraste com a irregularidade e os diferentes tons das capoeiras e matas secundárias. Surgem nos topos das colinas ou nas encostas mais abruptas, em áreas de cultivo difícil ou de baixa produtividade. Alguns foram plantados com o simples escopo de reflorestamento; mas é a finalidade comercial que predomina, dados seu rápido crescimento, crescente produtividade e não-exigência de cuidados especiais. O primeiro corte tem lugar de 4 a 6 anos após o plantio.

Nas matas e nesses eucaliptais é que se realiza a *extração da lenha*, realizada pelo próprio proprietário ou por pessoa que compre apenas a madeira existente no terreno. De distâncias de 80, 100 e até 150km do núcleo de Itapecerica da Serra chegam os caminhões, carregados de toras ou de lenha, depois de vencerem estradas ruins e perigosas. Só recentemente se instalaram ali algumas serrarias, facilitando bastante o transporte para a Capital paulista.

Acompanhando a estrada que une Itapecerica da Serra a São Lourenço, em pleno "sertão", as matas já quase não mais existem ou acham-se reduzidas a blocos residuais, cedendo lugar aos eucaliptais e às capoeiras. Foi a produção do *carvão vegetal* o principal responsável por essa transformação da paisagem, notadamente nas localidades de Ribeirão Grande, Miracatu, São Lourenço e Capela Nova, tôdas incluídas na região de Itapecerica da Serra. Para ali afluíram caipiras das redondezas, mineiros e baianos, atraídos pelas vantagens e facilidades oferecidas por essa atividade, pois não têm riscos a enfrentar e contam com um ordenado certo. Uma vez cortado o mato e devidamente empilhado, vê-se recoberto por terra, em montículos inconfundíveis: são as *caieiras*. Outras vèzes são utilizados fornos. Uma área de mata pode dar 4 000 sacos de carvão por alqueire, ao passo que as capoeiras não fornecem mais do que 2 000 a 3 000 sacos por alqueire (cada m³ corresponde a 2-3 sacos). Um carvoeiro chega a produzir de 80 a 120 sacos por semana. Em geral os que trabalham em tal atividade não se dedicam a outras, limitando-se, quando muito, a pequenas plantações junto às casas em que habitam (couves, abóbora, mandioca, milho); os mantimentos de que necessitam vêm da Capital.

Os sacos de carvão são empilhados à beira da estrada, algumas vèzes sob pequenos ranchos cobertos com sapé, à espera de transporte. Este é feito através de caminhões e, nas áreas onde eles não podem

chegar, através de tropas de burros, constituídas por uma dezena de animais. O ramal da “E. F. Sorocabana”, que une Mairinque a Santos, não representa nenhum papel para a vida regional, embora atravesse essa região carvoeira. A Cooperativa de Itapecerica da Serra conta, entre seus cooperados, com muitos dos que vivem dessa atividade(2).

Remontando ao passado

A paisagem regional, que procuramos descrever e explicar naquilo que apresenta de essencial, assim como as atividades que a modelaram constituem fatos recentes, que se superpu-
seram a um passado cujas raízes remontam ao período colonial.

Com efeito, em fins do quinhentismo (1580–90), o colonizador branco não ousara ir além do atual bairro de Pinheiros (na Capital paulista) e de Carapicuíba (junto à “E. F. Sorocabana”), salvo em incursões esporádicas; a região em estudo achava-se sob o domínio dos índios Guaianás. Bartolomeu Quadros teria sido um dos primeiros a ali se afazendar, estabelecendo-se na região de Cotia, ao findar o século XVI. Outros lhe seguiram o exemplo e não tardou que novas fazendas surgissem, cultivando, dentro da rudimentar técnica indígena e sob a forma de agricultura itinerante, a mandioca, o feijão, a cana-de-açúcar, o milho, o trigo, a vinha, o arroz, o algodão, legumes(3), e instalando algumas “casas de farinha” e modestos engenhos de açúcar. Paralelamente a êsse povoamento pioneiro, caminharam os missionários jesuítas, que foram espalhando núcleos de catequese — os “aldeamentos de índios”, de que resultaram os núcleos de *Pinheiros*, *Carapicuíba*, *Cotia*, *Embu* (M'boy) e *Itapecerica*, verdadeiros postos avançados da vila de São Paulo de Piratininga, no rumo de Oeste e de Sudoeste.

Na região de Cotia, a topografia oferece uma via de passagem natural, que os indígenas aproveitavam e que os

(2) Destacam-se ainda na paisagem regional a Reprêsa de Águas de Cotia e o Colégio Adventista Brasileiro. A primeira, localizada no município de Cotia, abastece em parte a cidade de São Paulo, à qual se liga por adutora. O segundo, educandário que é ao mesmo tempo propriedade agrícola e industrial, fabricando suco de uva, geléias, mel, etc., faz-se notar pela amplitude da área ocupada junto à estrada que liga Santo Amaro a Itapecerica.

(3) Cf. SAMPAIO (Teodoro) — *São Paulo de Piratininga nos fins do século XVI*.

sertanistas do seiscentismo trataram de utilizar: era o *Caminho do Peabiru* ou o *Caminho de São Tomé* (conforme a denominação dada pelos jesuítas), pelo qual seguiu Rapôso Tavares em suas incursões contra as Reduções do Guairá(4).

No século XVIII, a onda povoadora penetrou mais por aquêles sertões, tendo sido numerosas as sesmarias concedidas no limiar dessa centúria. De acôrdo com o relatório de D. Luís de Sousa Mourão (1766), ao passo que a cidade de São Paulo tinha 3 828 habitantes, Cotia contava com 1 735, sobrepujando, neste particular, muitas outras localidades, como Santo Amaro, São Vicente, Iguape, Ubatuba, Moji das Cruzes, Guarulhos, Jundiaí, Bragança e Juqueri. A região continuava a produzir cereais e lenha, contava com algumas cabeças de gado e dispunha de engenhos de açúcar, farinha de mandioca e fubá.

Foi no século XIX que se esboçou o papel de centro abastecedor da Capital paulista, se bem que os progressos tivessem sido muito mais lentos do que no setecentismo. Eram evidentes os sinais de sua decadência.

Segundo AZEVEDO MARQUES(5), em 1876 a população regional seria de quase 10 000 habitantes, dos quais 5 024 viveriam na área de Cotia e 4 896 na área de Itapeçerica da Serra; nesses totais incluíam-se 915 escravos. A lavoura de cereais seria a dominante.

Em 1886, de acôrdo com o relatório da Comissão Central de Estatística(6), a população assim se repartia:

	HABITANTES
Cotia.....	7 517
Itapeçerica.....	5 663
M'boy (Embu)..	750

No total de 13 930 hab., 10 913 eram de côr branca, seguindo-se-lhes os pardos (1 668), os negros (899) e os caboclos (450). O número

(4) Cf. TAUNAY (A. E.) em *Rev. Inst. Hist. Geog. São Paulo* — vol. 4.º págs. 257 e segs. *História geral das Bandeiras Paulistas* 3.º, pág. 286; e ALMEIDA (Luís Castanho de) *Achegas à História de Sorocaba* — *Rev. Inst. Hist. Geog. São Paulo*, vol. 36.

(5) MARQUES (Manuel Eufrásio de Azevedo), *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo*, tomo I, 2.ª edição, Livraria Martins, São Paulo, 1952.

(6) COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo*, Tipografia King, São Paulo, 1888.

de estrangeiros era diminuto: 55 portugueses, 54 italianos e 29 alemães, os últimos vivendo em Itapecerica e a maioria dos demais na região de Cotia.

Em nosso século, essa situação não sofreu grandes alterações, sob o ponto de vista puramente demográfico. Todavia, a partir da segunda década, ali se foram fixar novos elementos étnicos, entre os quais os japoneses vieram a predominar, iniciando-se a notável transformação paisagística e funcional, já por nós focalizada.

Os dados estatísticos referentes à primeira metade do século XX são um tanto contraditórios, embora sirvam para demonstrar a modéstia do crescimento demográfico(7):

A N O S	C O T I A	I T A P E C E R I C A	T O T A L
1900.. .	4 982	10 480	16 462
1920.. ..	9 340	11 830	22 170
1934.. ..	11 547	12 615	24 162
1940.. ...	11 387	14 304	25 691

Já o recenseamento de 1950 registrou uma admirável alteração, que espelha perfeitamente a transformação sofrida pela paisagem regional. A população recenseada foi de 40 411 habitantes, assim distribuídos pelos municípios e respectivos distritos:

	HABITANTES
I. Município de Cotia :	
Cotia (sede)	10 250
Itapevi	4 794
Caucaia do Alto	1 968
Jandira	1 475
TOTAL	18 487
II. Município de Itapecerica da Serra :	
Itapecerica da Serra (sede)	8 245
Embu	4 028
Juquitiba	5 836
Embu Guaçu	3 815
TOTAL	21 924

(7) Cf. CAMARGO (José Francisco de) — *Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos*, vol. II, Boletim n.º 153 da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1952.

O "habitat" e suas características

Essa população de mais de 40 mil habitantes (próxima ou superior, hoje, a 50 000) acha-se largamente disseminada pela vasta região em estudo, que abrange uma área municipal de 1 732 km², dos quais 1 154 pertencem ao município de Itapekerica da Serra.

Na verdade, o "habitat" rural caracteriza-se por sua sensível dispersão. Em certos trechos, o povoamento acha-se mais condensado, sobretudo ao longo dos vales dos rios principais e ao longo das vias de comunicação. Em compensação, tôda a área serrana, que constitui os "sertões" de Cotia e de Itapekerica da Serra, é muito pouco povoada e oferece magníficos exemplos de dispersão absoluta do "habitat", da mesma forma que da marcante preferência pelas planícies alveolares.

As maiores condensações do povoamento se registram: a) na região de Cotia, sobretudo no baixo e médio vale do rio Cotia, no ribeirão do Moinho Velho, em Embu Mirim, como também às margens da rodovia que une Cotia a São Paulo e na estrada que alcança Carapicuíba; b) na região de Itapekerica da Serra, ao longo da estrada que a liga à Capital, notadamente entre o Caxingui e o Bairro dos Oliveiras; c) no vale do Pinheiros, já nos limites da área urbana de São Paulo, no Ribeirão, em Carapicuíba, no Butantã, em Bussocaba, Vila Jaguaré, Água Podre, etc., onde o caráter rural já não se apresenta tão acentuado.

As habitações procuram sempre fugir das várzeas, úmidas e inundáveis, instalando-se nos terraços fluviais e à meia encosta. Seus tipos variam desde a modestíssima casa de pau-a-pique, coberta com sapé, até às casas realmente confortáveis e quase luxuosas das granjas e dos sítios de recreio; desde a casa padronizada, típica dos trechos de loteamentos a baixos preços, comum em Itapeví, até às velhas habitações, que nos conduzem, pela imaginação, aos tempos coloniais, ainda freqüentes em Itapekerica da Serra, Cotia e Embu.

Confirmando essa dispersão do "habitat", os dados do censo de 1950 atestam o absoluto predomínio da população rural, pois esta corresponde a nada menos de 86% da população total. Com efeito, assim se repartia a população regional, naquele ano:

MUNICÍPIOS	ÁREA RURAL	ÁREA URBANA E SUBURBANA
Cotia.....	15 250	3 237
Itapecerica da Serra..	19 554	2 370
TOTAIS..	34 804	5 607

Na verdade, os *aglomerados urbanos* caracterizam-se por sua pequeníssima população, não superior a 1 500 hab. e, na maioria, inferior a 1 000. Levando-se em conta as áreas urbana e suburbana, foi a seguinte a população das sedes municipais e distritais, em 1950:

	HABITANTES
1. Itapevi.....	1 276
2. Itapecerica da Serra..	976
3. Cotia.....	920
4. Embu Guaçu..	633
5. Jandira.....	630
6. Embu.....	421
7. Caucaia do Alco..	351
8. Juquitiba..	340

Itapevi, uma das vanguardas da expansão paulistana

A vila de *Itapevi* representa um caso à parte, dentro da região em estudo. Embora pertencendo, sob o ponto de vista político-administrativo, ao município de Cotia, acha-se intimamente entrosada à vida da Capital paulista, da qual dista menos de 40km e à qual se acha unida pelos trilhos da “E. F. Sorocabana”. Não passa de um *subúrbio residencial*, cujo desenvolvimento se processou sobretudo a partir da derradeira década, como um reflexo do crescimento da metrópole e das dificuldades em encontrar alojamento a baixo preço. Ao iniciar-se a década de 1940-50, o movimento diário de sua estação não ia além de 10 passageiros; hoje, nada menos de 1 500 pessoas embarcam ali no período da manhã, com destino a São Paulo, regressando ao anoitecer.

Surgido junto à pequena estação (que se chamava, antigamente, *Cotia*), o núcleo desenvolveu-se ao longo da via férrea,

dando nascimento à principal rua de hoje, que se estende por mais de 1km e onde se concentram as principais atividades econômicas locais, além de repartições públicas. Uma praça a divide em duas porções, que se denominam, respectivamente, Avenida Barueri e Avenida Cotia. Em torno dessa praça e ao longo dessas avenidas encontra-se o “coração” da vila, com as principais casas de comércio, cinema, bares, etc.

O aglomerado nasceu sobre um terraço fluvial situado à margem direita do rio Barueri Mirim. Em seguida, alcançou as encostas das colinas que se acham numa altitude de 725 a 750m acima do nível do mar. No topo de uma delas ergue-se a Igreja Matriz. Tendo por base as avenidas atrás citadas, desenvolve-se a trama das ruas, paralela e perpendicularmente àquelas, em quarteirões exclusivamente residenciais.

Por volta de 1940, não existiam mais do que umas 30 casas próximo à pequena estação. Depois que se processou o loteamento de uma grande propriedade agrícola ali localizada, teve início o rápido crescimento do aglomerado, que se intensificou notavelmente depois de 1950, graças aos operários e pessoas da classe média que o elegeram como lugar de residência. Multiplicaram-se as construções — simples umas, relativamente confortáveis outras (não raramente com jardins à frente) —, enchendo aquela área de telhados novos. Tudo indica que o total da população que ali vive é bastante superior ao registrado em 1950.

Tão rápido foi o crescimento de Itapevi que sua população vive a lutar com sérios problemas: não possui rede de esgotos, nem água encanada, o que obriga ao uso de fossas e de poços; não dispõe de eemitério próprio, nem de assistência médico-hospitalar; insuficientes são seus estabelecimentos de ensino, todos de grau primário. Mas as rendas do distrito suplantam as da sede municipal (Cotia), o que ocasionou a transferência da Coletoria Federal desta para Itapevi.

Já se esboça em Itapevi uma *função industrial*, graças à presença de uma fábrica de engarrafamento de vinhos (a “Portela”, que importa o produto do Rio Grande do Sul), uma fábrica de cimento (“Maia Lelo”), uma serraria, além da pedreira explorada pela Prefeitura Municipal de São Paulo e de algumas olarias (cuja produção é consumida na própria localidade). Além da *ferrovia*, que é o principal meio de

transporte, dispõe Itapevi da *estrada de rodagem* que, passando por Barueri, se liga à Capital; servem-se dela ônibus e caminhões.

Salvo na produção de *flôres*, ali desenvolvida pela “Floricultura Boettcher”, não conta Itapevi com nenhuma atividade agrária. Tudo o que consome sua população vai da Capital.

Constitui, como dissemos de início, um caso à parte dentro de uma região tão fortemente ligada ao aproveitamento do solo. É um subúrbio puramente residencial como os que se alinham à margem da linha-tronco da “Central do Brasil”. À exemplo de outros aglomerados da Região de São Paulo, aspira a obter as regalias de sede municipal; e certamente o conseguirá, pois o núcleo de Cotia jamais poderá superá-lo em importância e sob o ponto de vista demográfico.

Cotia, aglomerado do setecentismo

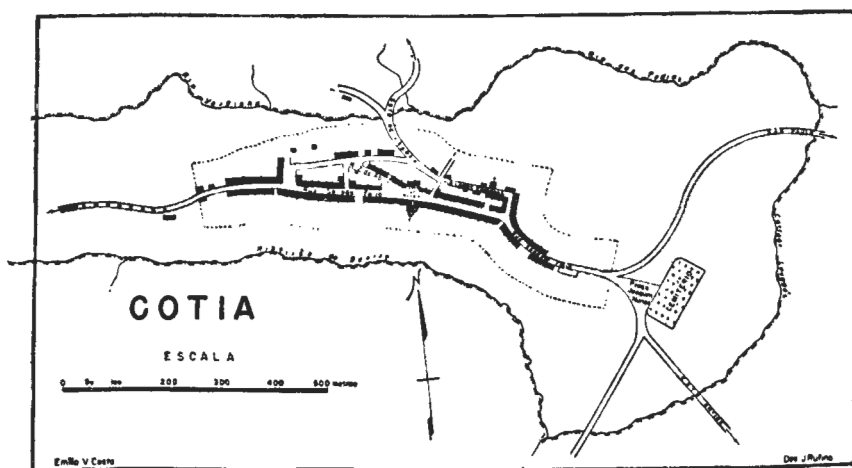
Cotia, a sede municipal, difere em tudo de Itapevi: em suas funções, em seu sítio urbano e, principalmente, em sua fisionomia urbana, que reflete um longo passado.

Acha-se localizada sôbre o tôpo de uma colina, cuja altitude é de cêrca de 750 metros acima do nível do mar, e que corresponde a um dos espigões do acidentado relêvo da área em que dominam os terrenos proterozóicos da série São Roque. Os vales de três cursos de água a circundam — do ribeirão de Dentro, do ribeirão das Pedras e do córrego do Larápío, com vertentes abruptas que chegam a ter desníveis de 70 a 90 metros. Trata-se de uma verdadeira acrópole, e o que no passado ofereceu condições defensivas ideais, hoje representa um obstáculo ao seu desenvolvimento.

A “cidade” é tipicamente linear, pois se desenvolveu ao longo da estrada que rumo para São Roque e que corresponde à sua principal rua. Em plano um pouco inferior, outra rua existe, paralela à antecedente, cujas casas têm seus quintais geralmente inúteis, tamanho é o declive da encosta. Algumas pequenas ruas transversais completam o plano do modesto aglomerado. No tôpo aplainado do espigão assenta-se a pequena praça da igreja-matriz, à beira da rua principal — a Rua Senador Feijó, que concentra as poucas repartições públicas, pequenas casas comerciais, alguns bares e botequins.

As casas, em geral, relembram os tempos coloniais, na singeleza de suas linhas arquitetônicas, em seus longos beirais, em suas janelas com rótulas, em suas grossas paredes de taipa de pilão rejuvenescidas por um colorido alegre. Muito poucas são as construções novas, quase sempre modernas apenas em suas fachadas. Predominam as de um só pavimento e constituem exceções as que não estão em contato direto com as ruas.

Cotia é um ponto de passagem obrigatório para os que vão para São Roque e Sorocaba, ou em demanda do Sul do país. Daí o movimento relativo da Rua Senador Feijó e do



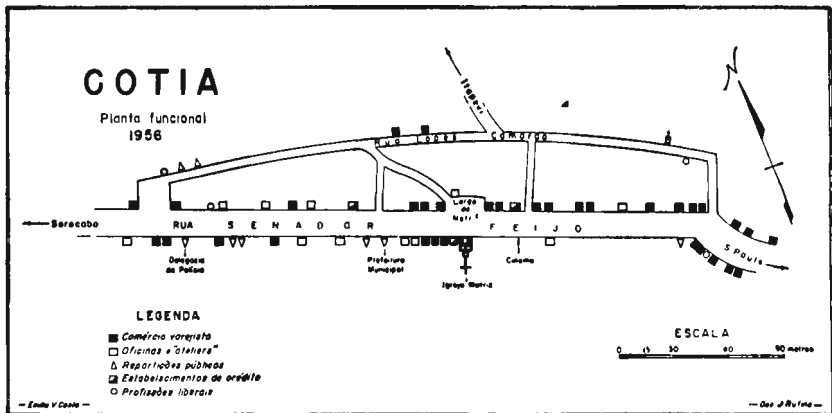
Cotia, aglomerado linear.

Largo da Matriz, onde com freqüência estacionam os caminhões; daí os bares e postos de gasolina que possui. É também o mercado abastecedor da zona rural que a circunscreve, o que explica a existência de algumas lojas de armarinho, de fazendas e ferragens; no entanto, neste particular, sofre a concorrência da própria Capital paulista, sendo comum o fato de a população rural fazer suas compras no bairro de Pinheiros, dada a facilidade das comunicações. Sua esfera de influência faz-se sentir até Caucaia do Alto, Moinho Velho e Morro Grande, se bem que vá mais longe, sob o ponto de vista religioso, desde que aos domingos sua igreja atrai os fiéis de toda a redondeza.

Suas origens mais remotas encontram-se numa capela que, segundo a tradição, teria existido a pouco mais de 6km do

sítio atual, provavelmente no vale do rio Cotia, e cuja fundação “é atribuída aos distintos paulistas Fernão Dias Pais e Gaspar de Godói Moreira, os quais, durante algum tempo, pagaram à sua custa o sacerdote que administrava o pasto espiritual, e isto teve lugar em 1640 a 1670(8)”.

Sabe-se muito pouco a respeito dêsse primitivo aglomerado: seu nome seria Acutia, bem mais próximo da etimologia tupi; sua capela teria sido curada em 1662 e o lugarejo foi elevado a freguesia em 1684(9). Tudo indica, porém, que ao findar o século XVII achava-se em completa decadência, pois o Livro do Tombo da atual paróquia informa que, ao iniciar-se o século XVIII, o lugar em que estava era “deserto”.



Planta funcional de Cotia (1955).

Foi somente na primeira vintena do século XVIII que se formou o embrião do atual aglomerado: em 1713, “para comodidade dos fregueses”, a capela de *Nossa Senhora do Monte Serrate de Cotia* foi transferida para o local onde hoje está a matriz, sendo seu fundador o Coronel Estêvão Lopes de Camargo(10). Compreenderam os homens do tempo que maiores possibilidades de desenvolvimento encontraria o povoado junto ao Caminho de São Tomé. E assim aconteceu, pois por ali passavam as tropas de burros que procediam de Sorocaba e do Sul do país. Dez anos após a instalação da nova

(8) Cf. MARQUES (M. E. de Azevedo), obra citada, tomo I, pág. 210; e COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — *Relatório citado*, pág. 362.

(9) Cf. COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA, obra citada, pág. 362.

(10) Cf. MARQUES (M. E. de Azevedo), obra citada, tomo I, pág. 210.

capela (1723), criou-se a freguesia; e, em 1757, foi registrado no seu Livro do Tombo que ali vivia “um aumentado e luzido povo”. Tudo parece indicar que, sob muitos aspectos, deve-se a sobrevivência do povoado à sua função de *pouso de tropeiros*. Em 1766, a população da freguesia seria de 1 735 habitantes.

Sempre favorecida por sua posição, numa via de passagem obrigatória, e pela decorrente função de local de pouxada, cresceu lentamente o povoado de maneira linear e viu povoar-se o território de sua freguesia: em 1804, a população desta seria de 2 090 habitantes(11); em 1832, de 3 370; em 1874, de 5 024 hab.

Provavelmente, foi a diminuição do tráfego de tropas de burros que trouxe a decadência ao povoado setecentista, a partir da segunda metade do século XIX. O último lampejo de seus melhores dias teve lugar na década de 1850-60, pois, em abril de 1856, Cotia foi elevada à categoria de *vila*. Depois disso, regrediu sempre e assim continuou até à primeira vintena do século atual.

AZEVEDO MARQUES, escrevendo em 1876, registrou que ali existiam “uma decente matriz e uma casa de detenção em mau estado”, além de duas cadeiras de instrução pública; em 1869-70, a renda municipal foi de apenas 800\$000(12).

Dez anos mais tarde, o Relatório da Comissão Central de Estatística observava que a vila se localizava “em terreno elevado e mal escolhido, em razão de seus fortes declives”, com poucas ruas, tortuosas e sem calçamento, em parte estreitas, com 115 casas, tôdas térreas, constituindo “a Igreja Matriz, decorada de novo, externa e internamente, com elegante frontispício e tôrre, há pouco construídos” o seu principal edifício. A casa da Câmara pertencia a um particular e a cadeia achava-se em ruínas, “servindo de prisão e quartel uma casa para isso alugada”. De suas 8 escolas públicas primárias, apenas 6 se achavam providas. No exercício de 1885-86, a renda municipal foi de somente 726\$930(13).

A fisionomia da atual “cidade” de Cotia reflete, inegavelmente, um período que remonta há cêrca de um século. Apenas saiu do seu letargo a partir principalmente da década de 1920-30, quando sua área municipal recebeu o sangue

(11) “Revista do Arquivo Municipal” n.º 11 — pág. 127; Documentos LIII, Publicação do Departamento de Estatística.

(12) MARQUES (M. E. de Azevedo), obra citada, tomo I, pág. 211.

(13) Cf. COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA, obra citada, págs. 362-363.

novo do agricultor estrangeiro, e mais recentemente, com o aumento do tráfego na estrada de rodagem que rumo para o Paraná (hoje pavimentada) e com o aparecimento de novas funções, em sua área rural.

Mesmo assim, muito pequenas foram as alterações ali registradas. Sua população urbana orça por um milhar de habitantes e modesta foi a sua expansão, porque o sítio urbano não a favorece. O progresso passa por Cotia, mas não deixa marcas.

O abastecimento de água é insuficiente, sobretudo na época seca, e dificultado pela topografia do aglomerado. Não existe rede de esgotos. Embora situada numa área rural das mais ativas, não auferê nenhum benefício, pois a maior parte da produção vai diretamente para a Capital. Não representa nenhum papel como subúrbio residencial, bem ao contrário de Itapevi. Não possui indústrias, a não ser um modesto artesanato, que atende às necessidades locais. Além de ponto de passagem forçada (como em suas origens), não conta com outras funções a não ser a administrativa (por continuar, de maneira precária, como sede de um município de 578km²) e a religiosa (graças à sua Igreja Matriz).

Tem pela frente alguns concorrentes sérios, que ameaçam tirar-lhe a preeminente posição político-administrativa que usufrui. Além de Itapevi (que é o mais importante, como tivemos oportunidade de acentuar), um outro começa a surgir a pouco mais de um quilômetro do velho aglomerado, junto ao posto de inspeção do *Departamento de Estradas de Rodagem*, em local de topografia favorável por ser pouco movimentado; seu crescimento processa-se em ritmo acelerado, as construções se multiplicam, o comércio se esboça através de armazéns de mantimentos e de bares, seu futuro parece bastante promissor.

Embu, pequena relíquia do passado

Se o progresso passa pela “cidade” de Cotia sem se deter, com Embu nem mesmo isto acontece: o aglomerado conserva o aspecto adormecido e pacato da época colonial, embora esteja a apenas algumas dezenas de metros da estrada que une São Paulo a Itapetcerica da Serra. Sua velha igreja e seu convento anexo estão sob a guarda do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (S. P. H. A. N.). É uma modesta relíquia do passado, que representa um simples local de atração para turistas e amantes de nossa História.



Relíquia da arte colonial. — A fotografia mostra o púlpito da igreja de Embu.

Ergue-se sôbre uma colina, a cavaleiro dos vales de ribeirão tributários do rio Embu, num sítio defensivo muito bem escolhido pelos jesuítas, quando ali instalaram, no século XVII, um aldeamento de índios. Daí a graça pictórica que apresenta o aglomerado, numa altitude de cêrca de 900 metros. Sua igreja e convento datam do século XVIII, mas as imagens, o retábulo, a pia batismal e o altar, provàvelmente transferidos de outra capela, parecem datar do seiscentismo e representam a arte barrôca dêsse tempo, constituindo o principal motivo

de atração para os que ali vão ter. Duas praças (uma das quais arborizada), algumas ruas e ladeiras, onde se erguem velhas habitações de um pavimento e de linhas arquitetônicas coloniais, além de uns poucos e pequenos estabelecimentos comerciais (bares, armazéns, lojas de armarinho) — eis tudo.

Em 1950, a vila de Embu contava com 421 habitantes em suas áreas urbana e suburbana, vivendo inteiramente desligados da Capital paulista e, quando muito, mantendo relações com a sede municipal — Itapecerica da Serra. Sua população rural (pouco superior a 3 600 hab., em 1950) vive espalhada sobretudo nos muitos sítios de recreio que lá se encontram que trabalha em olarias.

Suas terras pertenceram a uma *sesmaria* de propriedade de Fernão Dias (tio do “Caçador de Esmeraldas”) e Catarina Camacho, que a legaram à Companhia de Jesus, por doação feita em 1624 e confirmada em 1668. Foi, então, que os jesuítas ali instalaram um *aldeamento de índios*, que congregava, em 1669, cerca de 900 habitantes, por certo espalhados pelas redondezas. Em 1757, o número de índios catequizados era de 261, dedicando-se à cultura da mandioca, do trigo, do algodão e de legumes, como ainda à fabricação de tecidos grosseiros. Todavia, a expulsão dos jesuítas ocasionou a decadência do povoado em formação.

Na primeira metade do século XIX, a freguesia de *M'Boy* (como então se chamava) foi escolhida para sede de algumas famílias de *imigrantes alemães*; mas a tentativa fracassou, retirando-se a maior parte para a região de Santo Amaro. Foi só nessa época que se abriu a estrada ligando Embu a Itapecerica da Serra; antes, suas maiores relações tinham lugar com o núcleo de Cotia, através da estrada que vai ter ao bairro do Moinho Velho. Na derradeira década daquele século, a “*Empresa de Colonização Sul Paulista*” fez nova tentativa de colonização, desta vez com *imigrantes italianos*, condenada ao fracasso, como a anterior, sobretudo em virtude da falta de vias de comunicação com a Capital paulista, embora desta esteja separada por menos de 30km. Assim entrou Embu no século XX e assim continua até hoje.

Em 1886, segundo os dados da Comissão Central de Estatística, viveriam na *freguesia de M'boy* 750 habitantes(14).

(14) COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — *Relatório citado*, pág. 381.

*Itapecerica da Serra,
aglomerado seiscentista*

Embora datando dos tempos coloniais, *Itapecerica da Serra* não teve o mesmo destino de Embu; conseguiu rejuvenescer-se.

Também, como os exemplos anteriores, se localiza sobre uma colina, numa altitude de 950 metros acima do nível do mar, do alto da qual se descortina um amplo panorama, inclusive a cidade de São Paulo. Trata-se de um sítio altamente estratégico para a época em que foi fundada, o que a tornou um dos pontos avançados para a defesa de São Paulo de Piratininga.

Três praças principais se destacam no aglomerado urbano; numa delas erguem-se a Igreja Matriz, a cadeia pública e muitas casas residenciais, entre as melhores; noutra, são os bares que predominam. A rua principal liga essas três praças e concentra toda a vida comercial da "cidade" (as lojas, os armazéns, a



Visão aérea de Itapecerica da Serra (Foto da "E.N.F.A.", 1950).

sede da Cooperativa Agrícola), além de possuir algumas residências e a igreja protestante.

É nos arredores da Igreja Matriz e, principalmente, na rua em ladeira que se prolonga pela estrada que vai ter a Santo Amaro que se encontra o trecho mais antigo do aglomerado, bem retratado nos tipos de habitação, de taipa e de pau-a-pique, com longos beirais e algumas janelas de rótula, geralmente pintadas de cores suaves (caídas de branco, rosa ou azul) e quase sempre barradas num tom mais escuro, um metro ou pouco mais acima do solo.

Tais aspectos evocativos do passado contrastam com as atividades que, hoje, dão uma certa vida à cidade, graças à circulação de caminhões que se destinam ao seu "sertão", ou dele procedem, responsáveis pelos numerosos bares e armazéns existentes na área comercial. Também as granjas, chácaras e olarias (que ponteiavam sua área rural) justificam o movimento de veículos ali existente. É que, por dois lados, Itapecerica da Serra se acha unida à Capital paulista: pela estrada que vai ter ao bairro de Pinheiros, passando não longe de Embu, e pela que se dirige para Santo Amaro, ambas excelentes, em grande parte asfaltadas. Por isso mesmo, Itapecerica da Serra transformou-se no principal mercado abastecedor da região.

Aos domingos, a "cidade" se anima de forma diferente. Não são mais os caminhões e seus tripulantes que percorrem suas ruas, mas é o povo do "sertão" que vem assistir à missa e fazer suas compras. Daí a importância relativa de seu comércio varejista, que não abastece apenas a população urbana mas a que vive em Aldeinha, São Lourenço, Juquitiba, etc., núcleos do "sertão", já que os que habitam outras áreas da zona rural se servem em Pinheiros ou em Santo Amaro. Tudo isso se reflete na própria expansão urbana e em novas construções, fatos recentes, pois se vêm registrando somente a partir da década de 1930-40.

Suas origens remontam ao início do século XVII, senão aos fins do quinhentismo, sendo sua sobrevivência assegurada quando ali e nos seus arredores se localizaram os índios catequizados, transferidos do aldeamento de Carapicuíba, então abandonado(15). Como sede de um aldeamento de catecúme-

(15) LERTE, S. J. (Serafim), *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. III, pág. 356.

nos prosseguiu sua existência até à expulsão dos padres da Companhia de Jesus, no século XVIII. Foi no seiscentismo que se erigiu a capela de *Nossa Senhora dos Prazeres*, no local onde se encontra a Igreja Matriz; ao findar êsse século, a freguesia contava com 900 almas e, já em 1757, 316 índios viviam sob as vistas dos missionários jesuítas.

A extinção do núcleo catequético e a situação geográfica do povoado (afastado das vias de comunicação de maior movimento) ocasionaram sua decadência. Na primeira metade do século XIX, (1827), a localidade de Quilombo foi escolhida como centro de uma *colonização alemã*, a exemplo do que fôra feito em Embu; mas o acidentado do relêvo, a presença da mata e a inexistência de estradas condenaram ao fracasso tal tentativa, feita num lugar que servia bem como esconderijo de negros fugidos (como o nome o indica), mas não para imigrantes procedentes da Europa. A maioria dos colonos passou-se para a região de Santo Amaro e uns poucos ficaram no aglomerado(16).

Em 1832, foi extinta a *freguesia* de Itapecerica, embora viesse a ser restabelecida em 1841, como parte integrante do município de Santo Amaro. Em 1877, passou a ser sede municipal, com predicamento de *vila*. Mas tal fato de nada adiantou, pois, ao findar-se o século XIX, a Igreja Matriz achava-se em ruínas (o que bem exprime sua decadência), a cadeia e a casa da câmara não haviam sido construídas em definitivo.

Foi durante o segundo quartel de nosso século que Itapecerica da Serra começou a beneficiar-se da proximidade da metrópole paulista, sobretudo quando a “fome” de combustíveis vegetais angustiou esta última, exigindo a devastação das matas para a produção de lenha e de carvão. Tornou-se, então, um ponto de passagem obrigatória para os caminhões que iam em busca dessa produção; e, em agosto de 1947, viu instalar-se sua Cooperativa Agrícola, hoje com cerca de 300 cooperados. Com a melhoria das estradas que a ligam a São Paulo, passou a contar com uma linha de ônibus, além de autolotações. Mesmo assim, porém, não se transformou em subúrbio residencial da Paulicéia.

A área urbana, nesta fase de seu rejuvenescimento, cresceu num sentido predominantemente linear, procurando acompa-

(16) “Revista do Arquivo Municipal” — vol. CXXXII — São Paulo, 1950.

nhar o espigão e fugindo de suas ásperas encostas. O problema do abastecimento de água (que encontra sérios empecilhos, em virtude da constituição granítica da colina em que se acha assentada) foi resolvido com a instalação de uma caixa-d'água, que abastece o aglomerado. Mas ainda lhe falta a indispensável rêde de esgotos. Seu pequeno Mercado Municipal fornece hortaliças, ovos e aves, que procedem da área rural circunvizinha.

Em 1886, a freguesia possuía 5 663 habitantes(17). O censo de 1950 registrou a presença, no distrito da sede municipal, de 8 245 habitantes, dos quais apenas 976 viviam em suas áreas urbana e suburbana — o que serve bem para demonstrar sua modéstia como aglomerado urbano, embora, na região, apenas o de Itapevi lhe seja superior.

Dos demais núcleos urbanos regionais, todos muito pequenos, uns são servidos pelos trilhos da "E. F. Sorocabana", em sua linha-tronco como é o caso de *Jandira*, ou no ramal de Mairinque-Santos — como *Caucaia do Alto*, *Aldeinha*, *Embu Guaçu*; outros encontram-se em pleno "sertão" — como *Juquitiba*. São simples povoados, algumas vêzes meros bairros rurais, com poucas dezenas de habitações, uma ou duas casas de comércio, localizados geralmente em pequenas planícies alveolares e nascidos em virtude da presença da estação ferroviária, de uma capela ou de vendas de beira de estrada.

Reflexos da expansão da metrópole: os loteamentos

Contrastando com êsses venerandos aglomerados, vamos encontrar na região em estudo um tipo novo de povoamento concentrado, com suas ruas de traçado regular e preestabelecido às vêzes seguindo as curvas de nível e exclusivamente residenciais. São o fruto do espantoso crescimento da cidade de São Paulo, como da especulação no campo imobiliário, aparecendo na periferia de sua área urbana e, sobretudo, ao longo das principais vias de comunicação que se dirigem da Capital para os aglomerados já mencionados.

Dois são os principais tipos de *loteamentos* que mais nos interessam: a) o destinado à formação de bairros operários, com ruas estreitas, lotes pequenos (8 × 30, 10 × 30m), habi-

(17) Cf. COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — *Relatório* citado, pág. 381.

rações de tipo padronizado e modestas, com 2 ou 3 cômodos, às vezes de tijolos não rebocados, em certos casos financiadas pela própria empresa loteadora; b) outros, menos numerosos, destinados a pessoas de maior poder aquisitivo e que se assemelham, de alguma maneira, aos “bairros-jardins” da Capital.

Os *bairros operários* começaram a surgir principalmente depois de 1950, apresentando substancial valorização, o que veio a constituir um estímulo à multiplicação de iniciativas semelhantes. Predominam imediatamente depois que termina a área urbana da Capital, tanto ao longo da rodovia de Cotia como da que rumo para Itapeverica da Serra, até cerca de uns 10 a 15km após aquele limite urbano. Alguns se acham apenas arruados e sem casas de moradia. Para sua construção, importantes obras de engenharia foram realizadas.

Entre os loteamentos do tipo dos *bairros-jardins*, destacam-se o “Jardim Bonfiglioli” e “Rondonópolis”, localizados à margem da rodovia São Paulo-Cotia, com seus lotes de no mínimo 10 × 40 ou 20 × 40m e cujas construções devem obedecer às prescrições do moderno urbanismo para bairros residenciais finos; as ruas são mais largas e, quando os lotes são postos à venda, em geral já apresentam as benfeitorias indispensáveis.

Uns e outros são como que “pontas de lança” da metrópole trilionária.

BIBLIOGRAFIA

I. Estudos especiais :

NOGUEIRA (Emília Costa) e NUNES (Francisca M.) — *Propriedades de japoneses na região de Cotia*, em “Boletim Paulista de Geografia”, n.º 9, São Paulo, outubro de 1951; e “Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros”, vol. V, tomo I (1950-51), São Paulo, 1953.

O OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO — *Cotia — Vinte anos de trabalho e pertinência*, ano XII, n.º 140, Rio de Janeiro, setembro de 1947. — *Registro Paroquial de Cotia*.

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — *Itapeverica, a pequena cidade que os séculos contemplam*, ano I, vol III, São Paulo, agosto de 1934.

SETZER (José) — *O estado atual dos solos do município de Itapeverica*, em “Revista Brasileira de Geografia”, ano XIII, n.º 4, Rio de Janeiro, 1951; e “Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros”, vol. VI, tomo I (1951-52), São Paulo, 1954.

II. Estudos gerais e subsidiários :

ALMEIDA (Cônego Luís Castanho de) — *Achegas à História de Sorocaba*, em “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”, vol. 36. ALMEIDA (João Mendes de) — *Dicionário Geográfico da Província de*

São Paulo, Tipografia Espíndola, São Paulo, 1902.

AZEVEDO (Aroldo de) — *Subúrbios de São Paulo — Primeiros estudos*, em “Anuário” da Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae”, São

- Paulo, 1943. — *Os subúrbios de São Paulo e suas funções*, em "Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros", ano IV, n.º 4, São Paulo, 1944.
- BOLETIM DO DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO — *Maço n.º 2, 1721-1804*, vol. 8, Tipografia Globo, São Paulo, 1948.
- CAMARGO (José Francisco de) — *Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos*, Boletim n.º 153 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1952.
- CAMPOS (Gonzaga de) — *Mapa Florestal do Brasil*, em "Boletim Geográfico", Conselho Nacional de Geografia, n.ºs 9, 16 e 17, Rio de Janeiro, 1943-44.
- COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo*, Tipografia King, São Paulo, 1888.
- DECKER (S.) — *As queimadas e suas influências nefastas sobre os solos tropicais*, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, São Paulo, 1941.
- EOAS (Eugênio) — *Os Municípios Paulistas*, Seção de Obras de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 1925.
- FRIBITAS (Afonso A. de) — *Geografia do Estado de São Paulo*, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1906.
- I. B. G. E. — *Sinopses Estatísticas*.
- LEITE, S. J. (Serafim) — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. III.
- LIMA (Gastão César Birrenbach) — *Dicionário Geográfico do Estado de São Paulo*, I. B. G. E., São Paulo, 1943.
- LOBO (Bruno) — *Japoneses no Japão e no Brasil*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1920.
- MARQUES (Manuel Eufrásio de Azevedo) — *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo*, 2 vols., Livraria Laemmert, Rio de Janeiro, 1879; 2.ª edição, Livraria Martins, São Paulo, 1952.
- MARTINS (Antônio Egídio) — *São Paulo Antigo (1554-1910)*, 2 vols.,
- Livraria Francisco Alves, São Paulo, 1911-12.
- MELO (Astrogildo Rodrigues de) — *Imigração e colonização (Os japoneses em São Paulo)*, em "Geografia", I, n.º 4, São Paulo, 1935.
- MILLIET (Sérgio) — *Desenvolvimento da pequena propriedade no Estado de São Paulo*, São Paulo, 1939.
- MÜLLER (Daniel Pedro) — *Ensaio d'um Quadro Estatístico da Província de São Paulo (1838)*, reedição literal, Seção de Obras de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 1923.
- NIEMEYER (Waldir) — *O japonês no Brasil*, Ed. Brasil-Lux, Rio de Janeiro, 1925.
- OLIVEIRA (José Joaquim Machado de) — *Quadro Histórico da Província de São Paulo até o ano de 1822*, Tipografia Brasil, São Paulo, 1897.
- PINHEIRO (Joaquim Gil) — *Memórias de M'boy (Etnográficas, históricas e etimológicas)*, Moderna, São Paulo, 1911.
- PIZA (Marcelo) — *Os Municípios do Estado de São Paulo — Informações interessantes*, Tipografia Brasil, São Paulo, 1924.
- REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — *Documento n.º LIII, n.º XI*.
- REGO (Luís Flores de Moraes) — *A Geologia do Estado de São Paulo*, separata do Boletim do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem, São Paulo.
- RENDOM (José Arouche de Toledo) — *Memória sobre aldeias dos Índios da Província de São Paulo, segundo observações feitas no ano de 1798* (Opinião do autor sobre sua civilização), em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", tomo IV.
- SAMPAIO (Teodoro) — *São Paulo de Piratininga nos fins do século XVI*, Tipografia Andrade Melo & Cia., São Paulo, 1898-99. — *O Tupi na Geografia Nacional*, Escola de Aprendizes Artífices, Bahia, 1928.
- SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO — *Boletim do Serviço de Imigração e Colonização*, n.º 2, São Paulo, outubro de 1940. — *Atlas Econômico do Estado de São Paulo*, São Paulo, 1940.
- SILVEIRA (Vitorino) e ARANTES JÚNIOR (Lourenço) — *Os Municípios do Estado de São Paulo — Informações*

- interessantes*, Diretoria de Publicidade Agrícola, São Paulo, 1933.
- SETZER (José) — *O reflorestamento em face do estudo moderno do solo*, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, São Paulo, 1943. — *Os solos n.º 1, 2, 3 e 4 do Complexo Cristalino*, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, São Paulo, 1943.
- SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von) — *Viagem de São Paulo à fábrica de ferro de Ipanema*, em "Revista do Museu Paulista", tomo XVI, São Paulo, 1929.
- TAUNAY (Afonso d'E.) — *História Geral das Bandeiras Paulistas*, vol. II e III.
- VALIM (Pedro) — *Álbum dos Municípios do Estado de São Paulo*, E. G. "Revista dos Tribunais", São Paulo, 1940.

CAPÍTULO IV

Itaquera e Poá, subúrbios residenciais

AROLDO DE AZEVEDO(*)

Os subúrbios orientais de São Paulo e seus contrastes. Colinas e várzeas da Bacia do alto Tietê. Antiga via de passagem. "Dormitórios" de uma parcela da população paulistana. Itaquera, a "capital" da Linha-Tronco. Poá, segundo centro regional. Guaianases e outros núcleos menores.

PARA LESTE da cidade de São Paulo, após a região da Penha, abre-se uma extensa área suburbana cujos limites se encontram hoje nas vizinhanças de Suzano. Acha-se compreendida, esquematicamente, entre o curso do Tietê, ao Norte, e os vales de dois de seus afluentes — o Aricanduva e o Guaió, para os lados do Sul.

Trata-se de uma área de relêvo modesto, cujas altitudes oscilam entre 700 e 900 metros, elevando-se suavemente no sentido Norte-Sul, com numerosas *várzeas* de tamanhos variáveis (a maior das quais é a do Tietê) e com *colinas* pertencentes à Bacia de São Paulo, cujos terrenos a erosão fluvial modelou. Formações herbáceas e subarbustivas pobres recobrem escassamente essa topografia.

O rio *Tietê* é o principal curso de água dessa região; sinuoso, com um número infindável de meandros, percorre a extensa planície fluvial que se inicia em terras de Moji das Cruzes. Pequenos mas numerosos afluentes engrossam-lhe o curso, pela margem esquerda, constituindo como que "miniaturas" do grande rio paulista e deslizando mansamente por outras tantas planícies aluviais.

(*) Na coleta de dados para a feitura do presente capítulo, contou o autor com a colaboração de ANTONIO ROCHA PENTEADO, MARIA ANTONIETA DE ARRUDA PIMENTA (Itaquera), MÉRCIA MENDONÇA (Poá) e MARCOS ALEGRE (Guaianases).

Os mais extensos têm suas cabeceiras bem próximas umas das outras: o *Aricanduva*, que se desenvolve de SE para NW, indo alcançar o Tietê nas vizinhanças da Penha; e o *Guaió*, que segue rumo oposto de SW para NE, fazendo sua confluência não longe de Poá. São verdadeiros ribeirões, cuja largura não vai além de uns 2 metros e cuja extensão não chega a ter 20km.

Os demais são bem menores, bastando apenas citar os que mais de perto poderão interessar-nos: o *Jacu* e o *Itaquera*, cujos cursos guardam certo paralelismo, desenvolvendo-se no sentido Norte-Sul desde a região de Itaquera até à de São Miguel; e o *Lajeado* e o *Três Pontes*, que atravessam a porção mais oriental.

Mais de 90 000 pessoas habitam essa área; são brasileiros, portugueses, espanhóis e japoneses, principalmente, que exercem suas atividades na Capital como operários, comerciários ou funcionários públicos de pequena categoria, quando não trabalham na própria região, quer na lavoura e nas olarias, quer nas fábricas e no comércio varejista.

A maior parte dessa região suburbana pertence a três distritos do Município de São Paulo: São Miguel Paulista, Itaquera e Guaianases; e a três municípios: Itaquaquecetuba, Ferraz de Vasconcelos e Poá. Eis a sua população absoluta de acôrdo com o censo de 1950:

	HABITANTES
São Miguel Paulista	39 376
Itaquera	15 515
Guaianases	10 413
Poá	8 508
Itaquaquecetuba	5 124
Ferraz de Vasconcelos	3 189
TOTAL	82 125

Se focalizarmos apenas as unidades político-administrativas percententes ao município da Capital, compreenderemos o que foi seu espetacular crescimento em menos de 20 anos, através das cifras seguintes:

	1934	1940
São Miguel Paulista	2 224	7 700
Itaquera	6 220	7 892
Guaianases	1 642	2 967

Em apenas 16 anos (1934-50), São Miguel viu a sua população aumentar 18 vezes, Guaianases 6 e Itaquera mais de 2 vezes.

Essa população acha-se concentrada em numerosos núcleos, alguns dos quais são verdadeiras pequenas cidades, ou, pelo menos, com população urbana e suburbana igual ou superior a aglomerados que assim são considerados. *São Miguel Paulista*, por exemplo, tinha 16 022 habitantes em 1950, ao passo que *Itaquera* registrou 8 810 e *Poá* 6 080, em suas áreas urbana e suburbana. Os demais já são bem menores: *Guaianases*, 5 051; *Ferraz de Vasconcelos*, 3 189; *Itaquaquecetuba*, 1 048, conforme os dados de 1950.

Tais núcleos urbanos oferecem muitos contrastes, no que se refere às suas origens e, em consequência, à própria fisionomia. Há aqueles que se alinham entre os mais antigos do Estado, como *São Miguel Paulista* e *Itaquaquecetuba*, que nasceram como aldeamentos de índios e datam do seiscentismo. Do século XVIII já são *Itaquera* e *Guaianases*. Do século passado é o núcleo de *Poá*, ao passo que do nosso século é *Ferraz de Vasconcelos*, a exemplo de outros aglomerados menores, produtos da expansão da metrópole.

A principal função desses subúrbios orientais é a *função residencial*. Seus moradores residem, em geral, em pequenas casas de tijolos, cobertas com telhas (materiais de fácil obtenção no próprio local), com três ou quatro cômodos, que se elevam no meio de terrenos de dimensões restritas, tendo ao lado, invariavelmente, o poço que fornece água e, muitas vezes, uma pequenina área cultivada com legumes e milho.

Constituem exceções as grandes residências, com maior conforto, quase sempre de propriedade de moradores abastados que residem normalmente na Capital e as mantêm para os descansos do "week-end".

A *agricultura* criou, por sua vez, uma paisagem particular, embora não generalizada. Numerosos são as chácaras e os pequenos sítios, onde se cultivam hortaliças, flôres e frutas diversas, ou se criam galinhas destinadas à produção de ovos. Japonêses e portuguêsês são os que mais se dedicam a esse gênero de vida rural, que chega a ter inegável importância e deixa expressivas marcas na paisagem em determinadas áreas (Colônia de Itaquera e Bairro do Corredor, em Itaquaquecetuba, por exemplo).

Outro traço bastante comum é dado pelas *olarias*, que se multiplicam em boa parte da várzea do Tietê e na de numerosos de seus afluentes; lá se acham os grandes fornos de

tijolos, as amassadeiras, os tijolos a secar ao sol, não longe dos barreiros em exploração ou já abandonados. Junto ao Tietê, além disso, são freqüentes os *portos de areia*, locais em que se extrai êsse material que, como os tijolos, se destina a saciar a febre de construções da Capital paulista.

Bem mais excepcional é a *função industrial*, uma vez que, a rigor, só aparece com tôdas as suas características numa área relativamente restrita — na região de São Miguel Paulista (onde se erguem as imponentes instalações da “Nitro-Química”) e Comendador Ermelino. Fora daí, uma ou outra grande fábrica surge esporadicamente, sobretudo nos extremos orientais da região (Poá, Ferraz de Vasconcelos, Itaquaquecetuba).

Não pretendemos estudar aqui os subúrbios orientais de São Paulo, que já foi objeto de uma tese de nossa autoria, publicada em 1945(1). Focalizaremos, apenas, uma de suas parcelas mais expressivas — a região de Itaquera e Poá, servida pela Linha-tronco da “Central do Brasil”, por constituir, dentro da vasta área suburbana da Paulicéia, uma das que melhor simbolizam a *função residencial*.

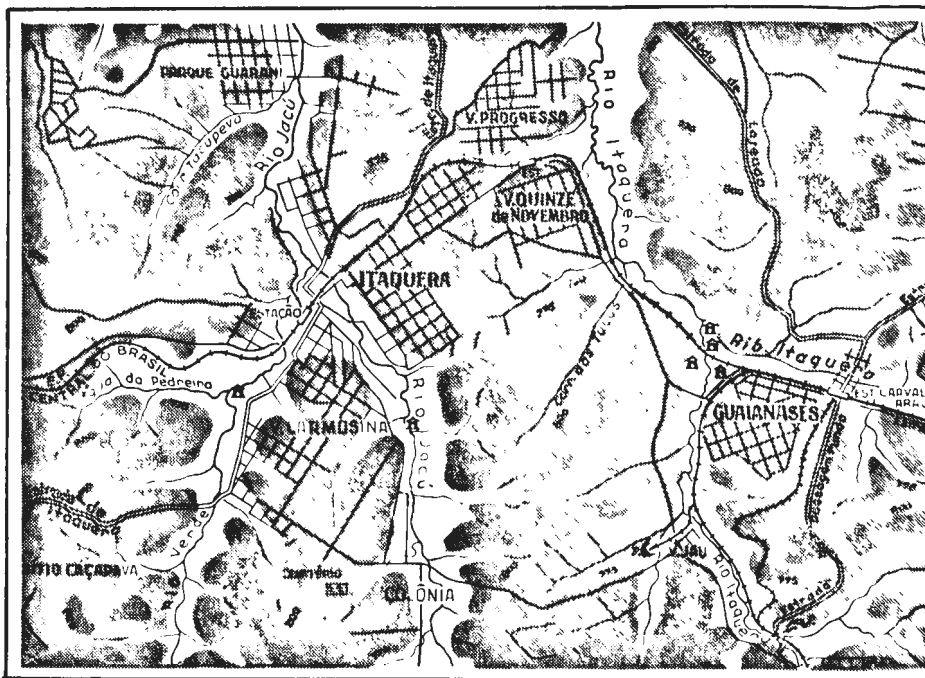
Colinas e várzeas da Bacia do Alto Tietê

Imediatamente depois das “vilas” que constituem as vanguardas da Capital, na região da Penha, penetra-se na zona rural de Itaquera.

O elemento dominante da paisagem natural são, sem nenhuma dúvida, as *colinas* pliocênicas e alguns *morros* cristalinos. Suas maiores altitudes (800–900 metros) encontram-se na porção meridional da região de Itaquera, onde se localiza o divisor de águas entre o Aricanduva e outros pequenos tributários do Tietê, cujos cursos se desenvolvem no sentido geral Norte-Sul.

Apesar da modéstia dêsses cursos d’água, o relêvo denota um trabalho mais ativo da erosão, completado pela força das enxurradas e favorecido pela natureza das rochas. Daí as encostas mais abruptas e a maior sucessão de morros, como também certos perfis que lembram o de pequenas “cuestas”, fato que pode ser observado nas proximidades de Quinze de Novembro, onde são abundantes os leitos de cascalho.

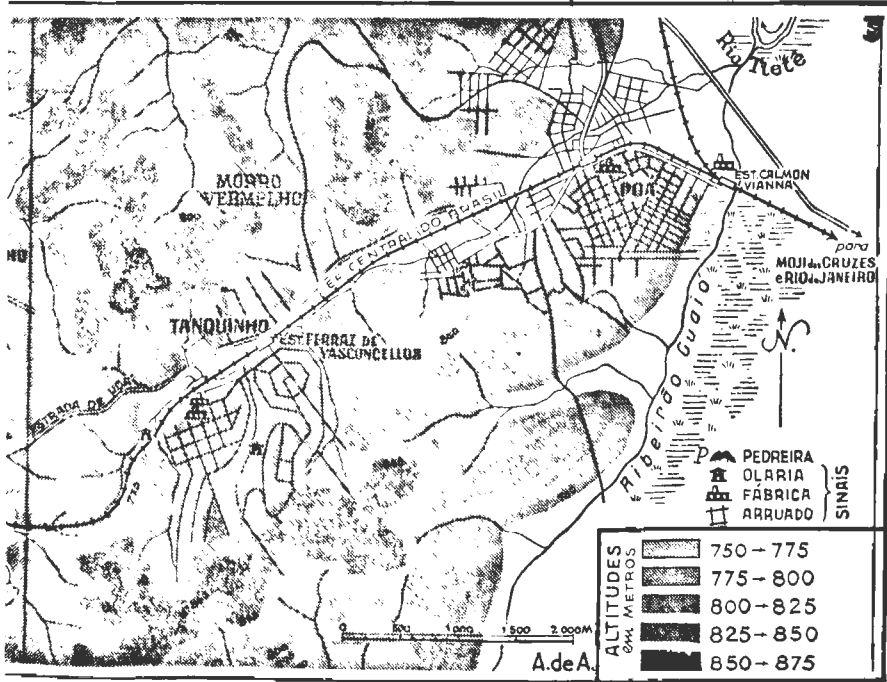
(1) AZEVEDO (Aroldo de) — *Subúrbios Orientais de São Paulo*, tese de concurso à cátedra de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1945.



A região de Itaquera e Poá. — A Linha-tronco da "E. F. São Paulo, aproveita o mais possível os sucessivos vales (Jacu, Itaquera, Itaquera Mirim, Tanquinho), até encontrar diversos aglomerados, dos quais Itaquera, Guaianases e Vasconcelos, constituem importantes

As baixadas quaternárias ocupam áreas restritas na região de Itaquera, em virtude da pequenez do trabalho de acumulação, desde que os ribeirões têm ali seus cursos superiores. Bem ao contrário, para os lados do Nascente, ocupam áreas bastante extensas, entre as quais se destaca a várzea do Guaió, limite natural da região de Poá, sem falar na própria várzea do Tietê, de que é verdadeira continuação.

A região de Itaquera vê-se drenada por dois afluentes do Tietê: o Jacu, que recebe as águas do Verde; e o Itaquera, mais importante, que se vê engrossado pelo Itaquera-Mirim. Na região de Poá, o Tietê aparece em posição de maior destaque, desenvolvendo-se sinuosamente por entre terraços bem caracterizados e recebendo pequenos tributários, o mais importante dos quais é o Guaió, que procede do Sul e recebe, pouco antes de sua confluência, o ribeirão do Tanquinho.



Brasil", ao deixar as vanguardas orientais da cidade de fluentes e subfluentes da margem esquerda do rio Tietê rzea do Guaió. Em tôrno das estações desenvolveram-se iores. Êstes, além de *Quinze de Novembro* e *Ferraz de sidenciais da metrópole paulista.*

A *vegetação*, rasteira no alto das colinas, torna-se mais abundante nas encostas e, sobretudo, no fundo dos vales, onde não são raras as capoeiras. Nas várzeas, predominam as formações arbustivas, salvo nas vizinhanças da confluência do Guaió, onde se torna francamente rasteira e constitui extensos brejais, de solo turfoso.

Antiga via de passagem

A topografia favorável, sem grandes barreiras naturais, com vales e cursos d'água fãcilmente transponíveis, torna a região em estudo propícia como zona de passagem. Por isso mesmo, é muito provável que os indígenas a houvessem aproveitado muitas vêzes, quando desejavam alcançar o vale do Paraíba.

No entanto, cem anos decorreram após haver-se iniciado a colonização portuguesa no planalto paulista, sem que a mesma fôsse utilizada. Por quê?

TAUNAY(2) aventa pelo menos três hipóteses plausíveis, capazes de justificar tal fato: em primeiro lugar, a presença, mais além, da Serra do Mar e seus contrafortes; em segundo lugar, a existência de uma área florestal, possivelmente vasta, no vale do Paraíba, devastada com a invasão da cultura cafeeira; e, finalmente, a presença ali de índios mais ou menos hostis, como os Puris. Daí a preferência dada à via marítima por quantos desejavam alcançar o Rio de Janeiro, procedentes da então vila de São Paulo.

Logo que o ouro começou a ser explorado intensamente em Minas Gerais e ondas de bandeirantes para lá se dirigiram, a região passou a ser obrigatoriamente palmilhada. Surgiu o chamado *Caminho dos Guaianases*, que ia entroncar-se, nas alturas de Guaratinguetá, com o *Caminho Velho*, que até ali chegava, passando por Cunha, procedente do litoral de Parati. Ao iniciar-se o século XVIII, a Penha, Itaquaquecetuba (“aldeia de Tacuaquisetuba, caminho de hum dia”) e Moji das Cruzes eram as primeiras etapas dessa longa viagem de dois meses, “desde a vila de São Paulo até as Minas Gerais dos Cataguás(3)”.

Cessada a febre do ouro e das pedras, a mesma via continuou a ser utilizada, agora como precário traço-de-união entre a modesta metrópole paulista e a capital do país. O príncipe D. Pedro atravessou a região, como alguns dos mais célebres viajantes do século passado — Spix e Martius, Saint-Hilaire, Zaluar. E, com o advento da via férrea, os trens da antiga “Companhia São Paulo e Rio de Janeiro” (1875), atual *Estrada de Ferro Central do Brasil*, passaram a servi-la, constituindo o que hoje é a Linha-tronco.

Compreende-se perfeitamente a preferência dada à região, ao invés da porção menos acidentada que se localiza próximo ao curso do Tietê, em virtude da característica instabilidade e das periódicas inundações das suas várzeas. Quando se lê um livro como o de SAINT-HILAIRE, pode-se fazer idéia exata do que êsses brejos significavam para os que,

(2) TAUNAY (Afonso d'E.) — *Estudos de História Paulista*, tomo III dos “Anais do Museu Paulista”, São Paulo, 1927.

(3) Cf. ANTONIL (André João) — *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, ed. Melhoramentos, São Paulo, 1923, pág. 238.

com os recursos do tempo, deveriam atravessá-los; com efeito, ao referir-se à várzea do Guaió, conta o famoso naturalista que “os burros atolaram-se quase até ao peito num lôdo prêto como tinta” e “um dêles caiu duas vêzes e foi preciso descarregá-lo outras tantas(4)”.

“Dormitórios” de uma parcela da população paulistana

Dos 90 mil habitantes que vivem nos subúrbios orientais de São Paulo, cêrca de 40 mil habitam a região suburbana atravessada pela Linha-tronco da “Central do Brasil”, em estreita ligação com a metrópole paulista. A maior parte apenas lá reside, exercendo suas atividades costumeiras na Capital, o que nos leva a considerá-la um dos mais importantes “dormitórios” da cidade, fora de sua área urbana.

São brasileiros em sua maioria, destacando-se, entre êstes, muitos baianos e nordestinos. Do elemento estrangeiro, ali



“Nissei” da região de Itaquera (Foto M. ANTONIETA A. PIMENTA, 1956).

(4) SAINT-HILAIRE (Augusto de) — *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo* (1822), Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1938, pág. 162.

radicado, sobressaem os japoneses, instalados principalmente na zona rural.

A dispersão do “habitat” é característica e aparece, às vezes, nos próprios aglomerados urbanos. Também sensível é a preferência pelas encostas dos vales, onde o cultivo do solo encontra maiores facilidades.

Entretanto, quatro núcleos urbanos ali se destacam: *Itaquera* e *Poá*, que são os maiores; e *Guaianases* e *Ferraz de Vasconcelos*, menores. Mas outro, mais modesto, ainda existe: *Quinze de Novembro*.

São aglomerados que, em 1950, não tinham mais de 10 000 habitantes em suas zonas urbana e suburbana, que se identificam pelo predomínio da função residencial, mas que se individualizam na paisagem. *Itaquera* e *Poá* representam o papel de pequeninas “capitais” regionais, embora *Guaianases* comece também a sobressair.

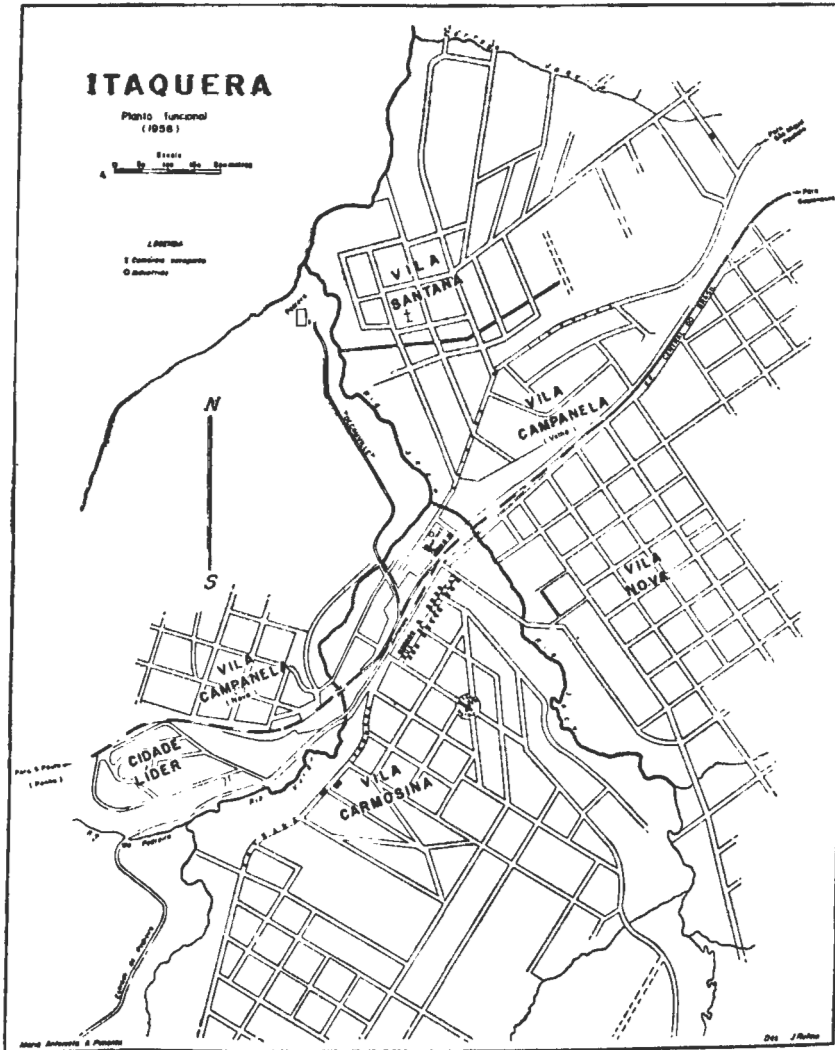
Tais núcleos congregam nada menos de 60% da população total da área em estudo; e maior seria esta cifra não fôsse a existência da chamada *Colônia* de Itaquera, bairro tipicamente rural, habitado principalmente por agricultores japoneses.

Itaquera, a “capital” da Linha-tronco

Os limites orientais da cidade de São Paulo encontram-se hoje na pequena localidade de *Artur Alvim*, vanguarda atual da região da Penha, a qual representa o papel que, por volta de 1945, era representado pela Vila Guilhermina(5). Termina ali a área urbanizada, sofrendo solução de continuidade a massa mais ou menos ininterrupta do casario da metrópole. O viajante que se encaminha para Leste vê então, diante de si, as colinas cobertas por sua vegetação natural e sente que está em plena zona rural.

Entretanto, nem bem alcança o vale do ribeirão da Pedreira, poucos quilômetros além, surpreende-se diante da presença de um núcleo urbano concentrado e amplo, que constitui um quadro cheio de particular encanto: é *Itaquera*, cujo casario se desenvolve pelos vales do Rio Jacu e de seu tributário Verde, alcançando também a colina que se ergue não longe de sua confluência.

(5) Cf. AZEVEDO (Aroldo de) — obra citada, págs. 75, 96 e 101.



Planta funcional de Itaquera, em 1956 (Organizada por MARIA ANTONIETA A. PIMENTA).

Para o Norte, constitui a Vila Santana, que se prolonga até à estação da "Central do Brasil" pela Vila Campanela. Ocupando a colina e estendendo-se pelo vale do rio Verde aparece a Vila Carmosina, que se vê dominada pela Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, inaugurada em 1928. É esta a porção mais antiga.

Em derredor, uma série de "vilas" de criação recente completa o aglomerado urbano: a Cidade Líder, o Jardim do Carmo, a Vila Corberi, a Vila Nova.

Durante muitos anos, existiu nessa área um simples pouso de viajantes — a famosa *Casa Pintada*, que SPIX e MARTIUS classificaram de “bonita fazendola”(6) e à qual também se referiu SAINT-HILAIRE(7). Todavia, apesar de possuir “belíssima aguada e bons pastos realengos e gerais”, não passava em 1830 de modesto e muito mau rancho, conforme atestam documentos da época(8). Estaria localizada na atual Vila Santana ou, talvez, um pouco mais além.

Dêsse povoamento antigo nada parece haver restado e nem mesmo a estrada de ferro (que ali criou uma estação em fins do século XIX) teve grande influência sôbre a vida do lugar.

MOREIRA PINTO, em seus *Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil* (vol. II), publicados entre 1894 e 1899, dá-lhe apenas 100 habitantes.

O desenvolvimento de Itaquera deve-se ao crescimento da Capital paulista, pois, certamente, foi sentindo a futura expansão da metrópole que a “Companhia Comercial, Pastoral e Agrícola” adquiriu, em 1919, aos padres Carmelitas, a *Fazenda do Carmo*, importante gleba de terras localizada entre os rios Verde e Jacu, propriedade da Província Carmelitana Fluminense desde princípios do século XVIII. Fêz-se, então, o primeiro loteamento e assim nasceu a atual *Vila Carmosina*.

Até 1940, todavia, lento foi o crescimento de Itaquera, bastando citar as cifras referentes à população absoluta do *distrito* em 1934 e 1940:

A N O S	HABITANTES
1934.. .	6 220
1940.. ..	7 892

O grande “rush” teve lugar na década de 1940-50, quando a população dobrou e novos loteamentos foram abertos; em 1950, o distrito tinha 15 515 habitantes, dos quais cêrca de 9 000 viviam nas zonas urbana e suburbana.

(6) SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von) — *Viagem pelo Brasil*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938, vol. I, pág. 200.

(7) SAINT-HILAIRE (Augusto de) — obra citada, pág. 164.

(8) Cf. SANT'ANNA (Nuto) — *São Paulo Histórico*, vol. I, págs. 38-39.

Dáí por diante, não cessou o crescimento dessa área suburbana, que inúmeros paulistanos elegeram como um de seus "dormitórios". Às estimativas para 1954 registraram 18 647 habitantes para a totalidade do distrito e já existem os que avaliam sua atual população em mais de 25 000, tantas foram as "vilas" novas surgidas na década em que nos encontramos.

A fisionomia geral do aglomerado de Itaquera agrada em virtude de seu caráter semi-rural. Às habitações, modestas em sua maior parte, aparecem pintadas com cores alegres (verde, rosa, azul, amarelo) e não se acotovelam umas ao lado das outras, mas se disseminam pela localidade, entre-meadas por pequenas áreas cultivadas e por abundante arvoredo, cuja folhagem dá uma nota particular à monótona paisagem campestre de seus arredores. No trecho mais antigo, como é de se esperar, predominam as casas de frente de rua, geminadas e sem nenhum estilo. Mas o tipo dominante cabe às construções novas, em estilo moderno, com pequeno jardim à frente.

Examinando-se a planta de Itaquera percebe-se imediatamente: o *trecho mais antigo*, junto à estação, com seu plano irregular e ruas que chegam a cruzar-se em ângulos agudos; e as diversas *vilas* de origem bem mais recente, que acabaram por se aglutinar em tórno do primeiro e que apresentam um plano de xadrez.

Ao entrar-se em contato com o aglomerado, começa-se desde logo a tomar conhecimento dos seus problemas. Suas ruas não são calçadas, não passando muitas delas de simples caminhos, que se tornam quase intransitáveis nos dias de fortes chuvas. Não possui água encanada nem rêde de esgotos, a exemplo dos demais subúrbios orientais; a água é obtida em poços que chegam a ter de 18 a 20 metros de profundidade, sendo retirada por meio de bombas elétricas ou, ainda, por meio de bombas acionadas pelo vento, o que acaba por dar-lhe uma fisionomia própria, em virtude de seus numerosos cata-ventos. Foi somente no início da década atual que passou a contar com a iluminação elétrica, melhoramento que São Miguel Paulista já possuía no início da década de 1940-50, o que era motivo de grande mágoa para seus habitantes, até há pouco obrigados a utilizar lampiões de querosene; mesmo assim é deficiente, limitando-se às residências, continuando suas ruas às escuras.

Tudo isso sem falar no problema das inundações dos dois rios que ali se encontram, cujas águas, por ocasião das enchentes, invadem as planícies de aluvião, penetram nas habitações, prejudicam as culturas e olarias e chegam a interromper o tráfego da "Central do Brasil".

A maioria da população concentrada em Itaquera trabalha na Capital ou para ela se dirige diariamente a fim de vender os seus produtos. Daí o movimento de sua pequenina estação, por onde transitam em média 8 000 passageiros em cada dia da semana, salvo aos domingos e feriados, quando esta cifra cai para 3 000. Daí o elevado número de pessoas que trafegam nos ônibus que vêm ter à Capital.

A "Central do Brasil" mantém atualmente um serviço de trens elétricos entre São Paulo e Itaquera, além dos trens suburbanos comuns, que se dirigem a Moji das Cruzes.

A linha de ônibus, que pertence à "Companhia Municipal de Transportes Coletivos" (C. M. T. C.), foi criada em 1954. Cada 20 minutos deixa o Parque D. Pedro II um ônibus com destino a Itaquera, passando pela região da Penha e alcançando a Estrada de Itaquera.

Itaquera é a verdadeira "*capital*" da *Linha-tronco* da "Central do Brasil", da mesma forma que São Miguel Paulista o é da Variante criada em 1932, que se entronca com a primeira em Calmon Viana, nos arredores de Poá. Tal posição advém-lhe, antes de tudo, por ser o maior aglomerado da região que focalizamos. Além disso, constitui o verdadeiro centro religioso de extensa área, cujos habitantes freqüentam a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo aos domingos e feriados; e representa um certo papel no campo cultural e social, devido ao seu Grupo Escolar, ao seu Ginásio e ao seu cinema. Entretanto, mais importante talvez seja a sua função comercial, graças ao comércio varejista (sobretudo de gêneros alimentícios), que se concentra nas proximidades da estação, e notadamente à sua feira semanal.

A *feira* de Itaquera tem lugar aos domingos pela manhã e localiza-se no ponto de junção de duas ruas, próximo à Igreja, sendo freqüentada por um avultado número de pessoas, não só do lugar, mas das "vilas" próximas, de Guaianases e da própria região da Penha. Em barracas improvisadas são vendidos gêneros alimentícios, artigos de vestuário, utensílios domésticos, quinilhariarias, animais vivos, talismãs, etc., como também se oferecem terrenos a prestações, num testemunho evidente de que até lá chegou a febre dos loteamentos. A esmagadora



A movimentada feira dominical de Itaquera (Foto M. ANTONIETA A. PIMENTA, 1956).

maioria dos vendedores é constituída por agricultores japoneses, procedentes da chamada "Colônia", como de outros núcleos da região paulistana.

A *função industrial* é destituída de importância, embora possa vir a tê-la, em virtude da recente introdução da energia elétrica. No aglomerado, apenas duas fábricas existem: a mais antiga é a *Fábrica de Fitas Dora*, fundada em 1928, que se destina à produção de fitas e forros para chapéus e que dispõe de 50 operários, com uma produção mensal média de 5 000m de fitas e 2 500m de forros, aproveitados pelas fábricas de chapéus da Capital; e a *Indústria Nife*, instalada por volta de 1953, ocupando uma área de 1 300m², próximo à confluência dos rios Jacu e Verde (para onde são encaminhados os resíduos) e da ferrovia, com máquinas e instalações modernas, serviço próprio de transporte e destinada à produção de acumuladores para automóveis. No mais, só há a registrar a exploração da *pedreira* situada não longe do rio Verde, a uns 3km da estação, notável pelo granito que fornece (de grã média e de belíssima aparência, o que explica sua larga utilização em obras monumentais da Capital), e a atividade das *olarias*, cujo total no distrito ascende a 39, muitas das quais localizadas no rio Jacu.

Em sua área rural, merece uma referência o importante núcleo agrícola da *Colônia*, situado a menos de 5km do aglomerado de Itaquera, em terras que pertenceram à antiga "Fazenda Caaguaçu" e estendendo-se pela bacia do Jacu e alcançando o vale superior do rio Aricanduva. Trata-se de uma criação da "Companhia Comercial, Pastoral e Agrícola", que lhe deu tal nome para acentuar seu caráter rural e dividiu a grande

gleba em mais de 600 lotes, por volta de 1920. Hoje acha-se quase inteiramente ocupada por pequenas propriedades agrícolas pertencentes sobretudo a japoneses, embora também ali trabalhem brasileiros, alemães, russos, húngaros, lituanos, poloneses, tcheco-eslovacos, etc.



Aspectos da "Colônia" de Itaquera (Foto M. ANTONIETA A. PIMENTA, 1956).

Os primeiros japoneses ali se fixaram por volta de 1922, mas hoje elevam-se a mais de 1 000, vivendo em habitações modestas, de tijolos ou de barrote, que se erguem no meio de culturas as mais variadas ou ao lado de rípicos galpões destinados à criação de galinhas Leghorn, produtoras de ovos. Trata-se de uma área de culturas intensivas de caráter comercial, em que se destacam as frutas (pêssegos, morangos, caquis, ameixas, cítricas, peras, uvas, etc.), além de hortaliças, cujos produtos são encaminhados ao Mercado e às feiras da Capital, quer diretamente pela estrada de rodagem, quer pela ferrovia. Seus habitantes pertencem a organizações cooperativistas, particularmente à “Cooperativa Agrícola de Cotia”; o espetáculo que oferece a quem ali vai ter é o de um núcleo autônomo, como se fôra uma aldeia de tipo europeu, com seu “habitat” aglomerado-disperso, onde palpitam o movimento e a vida.

Poá, segundo centro regional

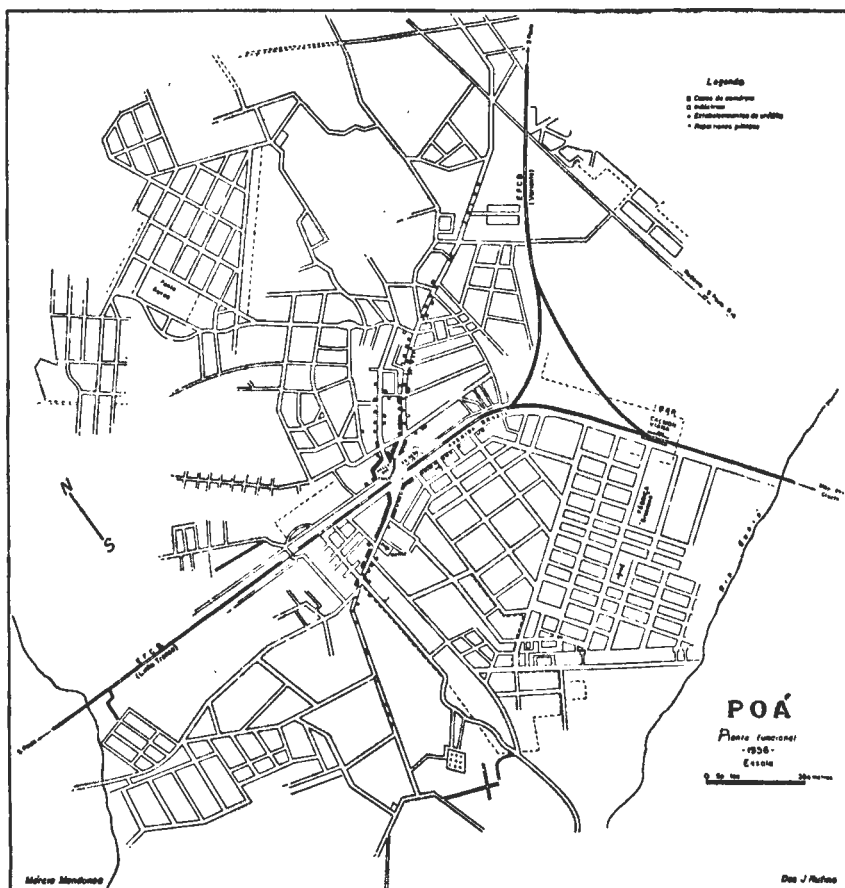
Na porção extrema dos subúrbios orientais paulistanos, a cerca de 35km da Capital e a uns 10km a Leste de Itaquera, no vale do ribeirão do Tanquinho e próximo à extensa várzea do Guaió, encontra-se a pequena cidade de *Poá*, hoje sede municipal. É mais um exemplo de subúrbio residencial e, dentro da área servida pela Linha-tronco da “Central do Brasil”, apenas Itaquera o sobrepuja em importância.

Os que procuram interpretar os nomes de nossa toponímia tupi explicam que a palavra *Poá* é corruptela de uma expressão indígena que designaria “a volta, o desvio, a bifurcação de caminhos”(9).

Certo ou errado, o fato é que a atual cidadezinha dêsse nome representou e continua a representar êsse papel de *lugar de desvio*: ali mudava de rumo o velho caminho para Itaquaquecetuba, que corresponde à antiga estrada de rodagem São Paulo-Rio, hoje asfaltada e intensamente trafegada, pois é um dos traços-de-união entre a Capital e Moji das Cruzes; é num de seus arrabaldes — Calmon Viana, que se unem ou se bifurcam as duas linhas da “E. F. Central do Brasil”.

Quase nada se sabe a respeito do primitivo núcleo dêsse aglomerado — o chamado *Poá Velho*, que se erguia um pouco mais ao Norte e de que restaram umas poucas habitações em ruína, hoje substituídas pelo casario novo do núcleo em expansão. A construção da Linha-tronco da “Central do Brasil”,

(9) Cf. ALMEIDA (João Mendes de) — *Dicionário Geográfico da Província de São Paulo*, São Paulo, 1901, pág. 212; e FREITAS (Afonso A. de) — *Vocabulário Nheengatu*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1936, pág. 142.



Planta funcional de Pod, em 1956 (Organizada por Mércia Mendonça).

em 1875, fêz surgir o embrião da pequena cidade que é hoje Pod, ao redor da estação ali plantada.

Seu núcleo principal desenvolve-se, em disposição linear, ao Sul da via férrea e nas encostas meridionais do vale do Tanquinho, tendo por "eixo" a Rua 26 de Março (que se dirige para a estação), na qual se concentra o principal comércio varejista e se eleva a pequena Igreja Matriz de Nossa Senhora de Lourdes, cuja construção não tem 20 anos. Do outro lado da ferrovia, na vertente setentrional daquele curso d'água, também existem casas de comércio e o cinema local, sendo seu "eixo" a Rua Nove de Julho, cuja continuação é a estrada

que vai ter, no rumo Norte, a Itaquaquecetuba. Suas ruas são asfaltadas, ativa é sua vida comercial, em franca expansão encontra-se êsse centro urbano, cujos prédios dispõem, na maior parte, de iluminação elétrica. A presença de uma agência da Caixa Econômica Estadual (e, mais que isto, seu apreciável movimento), de pequenas oficinas, além das casas de comércio, atestam muito bem a importância de Poá.

Fora do núcleo principal, o "habitat" apresenta-se um tanto desorganizado e como que disperso, oferecendo as habitações alguns contrastes chocantes, pois ao lado de construções razoáveis e até assobradadas vamos encontrar modestas casas de barrote.

A pequena cidade de Poá caracteriza-se pelo seu plano completamente irregular, dentro do qual se percebem nitidamente quatro porções como que justapostas: 1) o núcleo mais antigo, que se estende ao longo e ao Sul da ferrovia, como no rumo de SE; 2) o núcleo também antigo, situado ao Norte da via férrea, cuja maior expansão se registra no rumo de NE, tendo por "eixo" a Rua Nove de Julho; 3) a *Fonte Áurea*, "vila" de formação muito recente, situada a NW e resultante do loteamento feito após a descoberta ali de uma fonte de água radioativa; 4) *Calmon Viana*, arrabalde tipicamente operário, que teve como embrião a estação ferroviária do mesmo nome e que se estende para os lados do Sul, já no vale do rio Guaió.

As duas porções primeiras são as mais importantes, por concentrarem o comércio, as pequenas indústrias, os estabelecimentos públicos. Das duas outras, *Calmon Viana* apresenta-se com muito maior individualidade, por conter sua própria Igreja e por ser um núcleo de habitações operárias, mais ou menos padronizadas. Todavia, é de se prever que a *Fonte Áurea* venha a ocupar posição de destaque como bairro residencial de tipo mais fino.

No início da década, de 1940-45, apenas os dois primeiros núcleos atrás citados achavam-se bem definidos (embora ocupando áreas muito menores), não tendo *Calmon Viana* mais do que "dois modestíssimos bares" e "meia dúzia de habitações", que apareciam no caminho que se dirigia para Poá, a atual Avenida Brasil(10). É que Poá cresceu extra-

(10) Cf. AZEVEDO (Aroldo de), obra citada, págs. 157-159.

ordinariamente nos derradeiros anos, refletindo o admirável surto da metrópole de que faz parte.

Em 1940, Poá era um simples *distrito* do Município de Moji das Cruzes, não tendo mais do que 4 922 habitantes, dos quais 1 455 viviam nas zonas urbana e suburbana dos dois núcleos ali então existentes — o de *Poá* e o de *Ferraz de Vasconcelos*. Registrava-se, como se vê, o predomínio da população rural (3 467 hab.).

Pelo recenseamento de 1950, a situação inverteu-se. Transformou-se em *município* (que continha dois distritos — o de Poá e o de Ferraz de Vasconcelos), possuía um total de 11 697 habitantes, dos quais 8 508 viviam no distrito da sede. Dêstes últimos, nada menos de 6 080 hab. estavam localizados em suas zonas urbana e suburbana, correspondendo os restantes 2 428 à zona rural. Verifica-se, por conseguinte, que em apenas dez anos a população absoluta aumentou quase 2 vezes e meia, ao passo que a população do núcleo urbano deve ter aumentado de cerca de 6 vezes.

Atualmente, não há exagêro em estimar-se uma população urbana de 10 000 habitantes para Poá.

O crescimento de Poá a partir de 1940 resulta, antes de mais nada, da sua *função residencial*, pois é, inegavelmente, um dos “dormitórios” da Paulicéia. Sentimo-la sobretudo quando se constata o movimento de passageiros, nas primeiras horas da manhã e às primeiras horas da noite, em sua pequena estação ferroviária; cerca de 1 200 pessoas por ali transitam, diàriamente, em média, utilizando-se dos 25 trens que a “Central do Brasil” faz passar, cada dia, pela Linha-tronco, no percurso São Paulo-Moji das Cruzes. Mas há ainda os que embarcam e desembarcam em Calmon Viana, como os que utilizam as linhas de ônibus, que ligam a cidade à Capital e aos núcleos urbanos vizinhos. Além disso, outra explicação não haveria para justificar a constante expansão da área urbanizada, onde as construções novas podem ser encontradas em número sempre crescente.

Essa função residencial se destaca apesar dos múltiplos *problemas* que afligem os seus moradores, em particular a inexistência de água encanada (o que obriga ao uso de poços, presentes em cada uma das residências) e de uma rede de esgotos (em parte sanada pelo sistema de fossas, embora com graves prejuízos para a saúde da população, pois inúmeras delas se acham em contato com os lençóis freáticos).

Ao contrário de Itaquera, Poá possui uma *função industrial* de certo destaque, sobretudo em virtude dos importantes

estabelecimentos fabris localizados em Calmon Viana. Já a *função agrícola* não pode ser comparada com a representada pela Colônia de Itaquera.

Em Calmon Viana, existem duas grandes fábricas: a da *Indústria Brasileira de Artigos Refratários* (I. B. A. R.), sucessora da antiga "Cerâmica de Poá", fundada em 1907; e a da *Brasilana*, de criação recente (1952), destinada à produção de fios de lã e fundada por capitalistas belgas. Ambas encontraram ali facilidades quanto à mão-de-obra e aos meios de transporte, com a vantagem de poderem dispor de terrenos vastos a baixo preço, a menos de 40km da Capital. A "I. B. A. R." utiliza largamente as argilas da região e a "Brasilana" (com sua mão-de-obra predominantemente feminina) importa a matéria-prima do exterior (Austrália, Colônia do Cabo, Uruguai).

Com as olarias e as pequenas oficinas da área urbana, Poá dispõe de 23 estabelecimentos industriais, que davam trabalho, em 1950, a 753 operários.

No setor agrícola, destacam-se as chácaras e os sítios de japoneses e portugueses, localizados ao longo da estrada que vai ter a Itaquaquecetuba e nas vizinhanças da Fonte Áurea. Produzem hortaliças, frutas diversas (morangos, peras, uvas, caquis), batatas, feijão, milho, etc., que se destinam ao consumo local e, sobretudo, ao abastecimento da Capital.

Guaianases e outros núcleos menores

Área residencial por excelência, a região suburbana servida pela Linha-tronco da "Central do Brasil" possui outros aglomerados urbanos, além de Itaquera e de Poá. O mais importante é *Guaianases*, embora também mereçam ser lembrados *Ferraz de Vasconcelos* e *Quinze de Novembro*, todos situados entre os dois atrás citados.

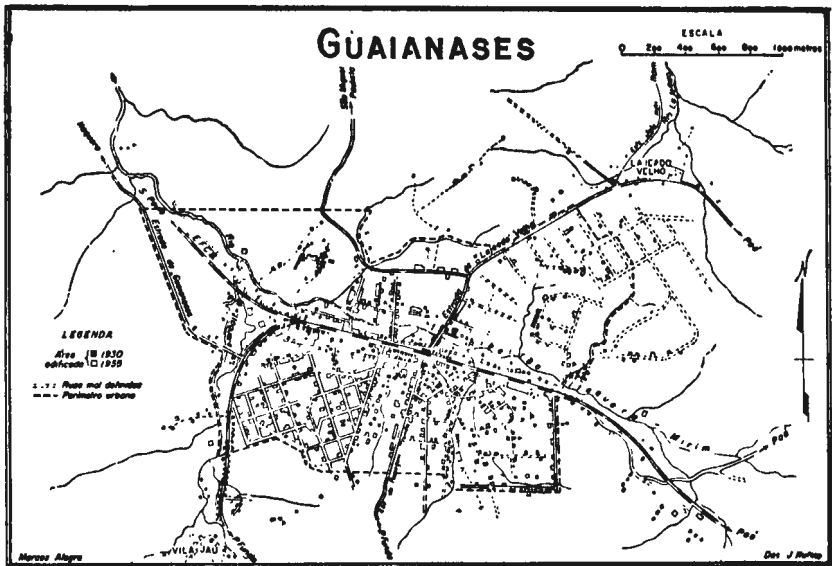
Guaianases foi, durante muito tempo, conhecido pelo nome de *Lajeado*; encontra-se a poucos quilômetros a Leste de Itaquera, alojado no vale do rio Itaquera-Mirim.

O primitivo núcleo surgiu a uns 2km a NE do atual, no vale do ribeirão Lajeado, como simples pouso de viajantes, provavelmente no século XVIII(11). Mas a estrada de ferro, preferindo o vale do Itaquera-Mirim, decidiu o seu destino: hoje, além do cemitério, lá não existem mais que umas poucas casas semi-abandonadas. Chama-se

(11) A aldeia de *Lajeado* é mencionada em uma carta de José de Santa Brígida, que a visitou em janeiro de 1802 (cf. "Revista do Arquivo Municipal", n.º 73).

Lajeado Velho e ainda guarda, como relíquia de outros tempos, a capela de Santa Quitéria, reformada em 1855 e em tórno de cuja origem existe curiosa lenda.

A “Central do Brasil” fêz nascer, em redor da estação ali estabelecida em fins do século passado, um novo núcleo de povoamento, que a princípio deve ter sido bem modesto, pois suas ligações com o antigo núcleo continuaram a ser intensas; de outra forma não se poderia justificar o extenso trecho, calçado com lajes e paralelepípedos de granito, da estrada que



O extraordinário crescimento de Guaianases (1930-55) — (Mapa elaborado por MARCOS ALEGRE).

se dirige para Lajeado Velho. Dêsse tempo seriam algumas construções existentes nas vizinhanças da estação.

Em época recente, teve início o loteamento dos terrenos localizados ao Sul da linha férrea. Cresceu, assim, o lugarejo ao longo da Estrada de ferro (a Rua da Estação), ao mesmo tempo que vieram a se formar a *Vila Princesa Isabel* e, mais além, a *Vila Gianetti* e a *Vila Santa Cruz*, separadas pelos vales de pequenos tributários da margem direita do Itaquera-Mirim e limitadas, a Oeste, pelo vale do rio Itaquera. Para os lados do Norte, na contravertente esquerda do Itaquera-Mirim e do outro lado da via férrea, a expansão foi muito

limitada e o povoamento é, em geral, disperso, salvo junto ao curso d'água e ao longo da estrada que vai para o Lajeado Velho.

Guaianases é, atualmente, o mais oriental dos distritos do Município de São Paulo, possuindo, em 1950, uma população total de 10 413 habitantes, dos quais 5 051 viviam nas zonas urbana e suburbana. Hoje, calcula-se que sua população seja de cêrca de 15 000 habitantes, mais da metade dos quais vive no aglomerado.

Como outras áreas suburbanas, o crescimento de Guaianases foi realmente espantoso. Basta comparar as seguintes cifras:

A N O S	HABITANTES
1934.. .	1 642
1940.. .	2 967
1950... .	10 413

Percebe-se, por conseguinte, que, entre 1940 e 1950, seu crescimento foi maior que o de Itaquera e o de Poá, não sendo de admirar que venha ultrapassar, dentro de pouco tempo, o último dos núcleos citados.

Trata-se de uma verdadeira pequena cidade, cuja população vive em estreita ligação com a metrópole paulista, pois é nela que a maioria exerce suas atividades costumeiras, como operários, comerciários e funcionários públicos. Daí o movimento da estação de Carvalho de Araújo, que a serve e por onde passam, diàriamente, cêrca de 4 000 passageiros, em média.

Os mesmos *problemas* que tanto afligem a população das áreas vizinhas, também aparecem em Guaianases, sobretudo a inexistência de água encanada e de rêde de esgotos.

Sua *função comercial* é modesta, restringindo-se quase à Rua da Estação. No mais, só resta mencionar as diversas *olarias*, a exploração do *granito* e pequenas *chácaras* de legumes e flôres.

Entre Guaianases e Poá, a uns 2km a SW desta última pequena cidade, no vale do ribeirão do Tanquinho (sobretudo em sua vertente direita), encontra-se outro aglomerado urbano — *Ferraz de Vasconcelos* ou, simplesmente, *Ferraz*, como dizem seus moradores. Pertenceu ao Município de Moji das



Olaria, elemento da paisagem regional.

Cruzes, foi distrito do de Poá e, a partir de 1955, passou à categoria de “cidade”, por ser sede municipal.

O embrião dêsse aglomerado foi o povoado do *Tanquinho*, surgido no presente século e que se reduziu, durante muitos anos, à sua pequena Igreja de Nossa Senhora de Iguape e a um pequeno número de modestas habitações.

Na década de 1920–30, entretanto, a “Central do Brasil” construiu em suas proximidades a estação de *Ferraz de Vasconcelos*, o que veio influir poderosamente sôbre o destino do lugarejo. Não tardou que as terras da margem direita do ribeirão do Tanquinho (outrora pertencentes à Fazenda Paredão) fôsem adquiridas e loteadas pela “Sociedade Fazenda Casa Branca”. Nasceu, assim, a chamada *Vila Romanópolis*, com suas chácaras de agradável aspecto e onde vieram a localizar-se dois estabelecimentos fabris — a “Induseda” (destinada à produção de sêda artificial) e a “Fábrica Tatu” (destinada ao fabrico de lixas, filial de outra localizada em Joinville).

Rápido foi o crescimento de Ferraz de Vasconcelos, não apenas em virtude de sua pequena *função industrial*, mas, como nos casos anteriores, porque veio a se tornar um *núcleo residencial* preferido por uma população que trabalha principalmente na Capital paulista. O aglomerado expandiu-se através das colinas e dos vales da vertente meridional do ribeirão do Tanquinho, onde surgiram numerosas e aprazíveis chácaras,

embora pouco houvesse crescido para a outra vertente, situada ao Norte da linha férrea. Daí o contraste que se pode observar entre êste último núcleo (que corresponde ao primitivo povoado de Tanquinho) e o trecho meridional.

Em 1950, o então *distrito* de Ferraz de Vasconcelos (que pertencia ao município de Poá) tinha 3 189 habitantes, todos residindo em suas zonas urbana e suburbana, vale dizer, no próprio aglomerado. Hoje deve ter cêrca de 5 000 habitantes.

Trata-se de um núcleo *semi-rural*, em virtude das chácaras com culturas de morangos e uvas ou destinadas à criação de galinhas e à produção de ovos.

Entre Itaquera e Guaianases, um aglomerado menor também existe, como se fôra a vanguarda norte-oriental do primeiro: é *Quinze de Novembro*, que se assenta sôbre colinas da vertente esquerda do rio Itaquera. Nasceu na década de 1920-1930, quando surgiram os primeiros loteamentos e a "Central do Brasil" ali instalou uma estação. Mas seu crescimento não obedeceu ao mesmo ritmo dos núcleos que lhe estão próximos, quer pela falta de iluminação elétrica, quer pela preferência dada a Itaquera e a Guaianases, em detrimento seu. Daí haver permanecido mais ou menos estagnado, a pequena importância de seu comércio e a dispersão que caracteriza seu "habitat", embora os arruamentos estejam prontos para receber novas construções. Tal situação, porém, não durará muito, porque a metrópole paulista continua em expansão e necessita de outros muitos "dormitórios" para a população que nela vive e trabalha.

Eis, em traços rápidos, as características essenciais da *área típica-mente residencial* localizada à margem da Linha-tronco da "Estrada de Ferro Central do Brasil", nos subúrbios orientais de São Paulo.

A Leste de Poá, os laços que os prendem à Capital paulista já se tornam cada vez mais fracos, embora continuem a existir. É que outro "sistema" urbano aparece, a exercer sua influência: o que tem por centro a cidade de *Mojí das Cruzes*, com seus diversos núcleos satélites, suas numerosas indústrias, sua importante atividade agrícola e que abarca uma população global de nada menos de 100 000 habitantes. Atualmente, talvez seja o núcleo de *Suzano* o ponto exato em que se chocam os dois "sistemas" urbanos — o da Capital e o de *Mojí das Cruzes*, embora nos pareça que esta cidade ainda ali esteja a predominar com sua influência.

No entanto, se a extraordinária expansão demográfica e espacial da cidade de São Paulo não vier a sofrer uma solução de continuidade, uns poucos lustros bastarão para que também a região de Moji das Cruzes venha a ser alcançada pelos tentáculos da metrópole trímilionária. Quando isto acontecer, a vizinha e veneranda cidade passará a integrar o "Grande São Paulo" como um de seus muitos subúrbios, instalando-se ali a vanguarda oriental de sua já vasta área suburbana.

BIBLIOGRAFIA

I. Estudos especiais :

ALEGRE (Marcos) — *Contribuição ao estudo de uma região suburbana de São Paulo: Guaianases* — Trabalho apresentado às cadeiras do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, inédito, São Paulo, 1956.

AZEVEDO (Aroldo de) — *Subúrbios Orientais de São Paulo* — Tese de concurso à cátedra de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945.

MENDONÇA (Mércia) — *A cidade de Pod* — Trabalho apresentado às cadeiras do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, inédito, São Paulo, 1956.

PIMENTA (Maria Antonieta de Arruda) — *Itaquera: contribuição para o estudo de um núcleo urbano* — Trabalho apresentado às cadeiras do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, inédito, São Paulo, 1956.

II. Estudos gerais e subsidiários :

ALMEIDA (Dr. João Mendes de) — *Dicionário Geográfico da Província de São Paulo*, obra póstuma, Tipografia Espíndola, Siqueira & Cia., São Paulo, 1901.

ANTONIL (André João) — *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, 1923.

AZEVEDO (Aroldo de) — *Subúrbios de São Paulo — Primeiros estudos* — Em "Anuário" da Faculdade de Filosofia do Instituto "Sedes Sapientiae", São Paulo, 1943. — *Os subúrbios de São Paulo e suas funções* — Em "Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros", ano IV, n.º 4, São Paulo, 1944.

COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo* — Tipografia King, São Paulo, 1888.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA — *Catálogo das Indústrias do*

Município da Capital — São Paulo, 1943. — *Catálogo das Indústrias do Estado de São Paulo* (exclusive o município da Capital), São Paulo, 1943.

EGAS (Eugênio) — *Os Municípios Paulistas* — Dois volumes, São Paulo, 1925.

MENUCCI (Sud) — *O município da Capital* — Em "Revista do Arquivo Municipal", tomo IV, São Paulo, 1934.

PINTO (Alfredo Moreira) — *Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil* — Três volumes, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1894-99.

PIZA (Marcelo) — *Os Municípios do Estado de São Paulo — Informações Interessantes* — Ed. Departamento Estadual de Trabalho, São Paulo, 1924.

QUEIROZ (Vitorino Seixas) e **ARANTES JÚNIOR** (Lourenço) — *Os Municípios do Estado de São Paulo* —

- Informações interessantes* — Ed. Secretaria da Agricultura, São Paulo, 1933.
- SAINTE-HILAIRE (Auguste de) — *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo* (1822) — Tradução de Afonso d'E. Taunay, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1938.
- SANT'ANNA (Nuto) — *São Paulo Histórico (Aspectos, lendas e costumes)* — Ed. Departamento de Cultura, São Paulo, 1937-44, 6 volumes.
- SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von) — *Viagem pelo Brasil* — Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer, 4 volumes, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938.
- TAUNAY (Afonso d'Escragnolle) — *Estudos de História Paulista* — Em "Anais do Museu Paulista", vol. III, São Paulo, 1927.

BIBLIOGRAFIA GERAL

**Os autores agradecem ao Prof. LUIZ MELO RODRIGUES e à
Prof.ª DIVA BELTRÃO DE MEDEIROS a colaboração que prestaram,
na organização da presente Bibliografia Geral da obra.**

AB'SÁBER (Aziz Nacib) —

- 1) *Notas sobre a geomorfologia do Jaraguá e vizinhanças*, "Filosofia, Ciências e Letras", Ano XII, n.º 10, São Paulo, 1948.
- 2) *Algumas observações geológicas e geomorfológicas. Notas prévias*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 3, São Paulo, outubro 1949.
- 3) *A Serra do Mar e a Mata Atlântica em São Paulo*, comentário de fotografias de Paulo C. Florençano, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 4, São Paulo, março 1950.
- 4) *Sucessão de quadros paleogeográficos no Brasil, do triássico ao quaternário*, "Anuário da Faculdade de Filosofia" "Sedes Sapientiae" (1950-51), São Paulo, 1951.
- 5) *Geomorfologia da região do Jaraguá*, "Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros", vol. II (1947), São Paulo, 1952.
- 6) *A região de Santa Isabel*, "Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros", volume II (1947), São Paulo, 1952.
- 7) *Os terraços fluviais da região de São Paulo*, "Anuário da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1952-53), São Paulo, 1953.
- 8) *A Geomorfologia do Estado de São Paulo*, "Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante", Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1954.
- 9) *As bases geoconômicas essenciais da Região de São Paulo*,

"Revista das Faculdades Campineiras", 1, n.º 2, Campinas, junho, 1954.

AB'SÁBER (Aziz Nacib) e BERNARDES (Nilo) — *Vallée du Paraíba, Serra da Mantiqueira et Région de São Paulo*, Livro Guia n.º 4, XVIII Congresso Internacional de Geografia, U. G. I., Rio de Janeiro, 1956.

ABREU (J. CAPISTRANO DE) —

- 1) *Capítulos de História Colonial*, Ed. Sociedade Capistrano de Abreu, Rio de Janeiro, 1928.
- 2) *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Ed. Sociedade Capistrano de Abreu, Rio de Janeiro, 1930.

ABREU (Manuel Cardoso de) — *Diversitamento Admirável ...*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", volume VI, São Paulo.

ABREU (Sílvio Fróes de) — *Os combustíveis em São Paulo*, "Digesto Econômico", V, n.º 50, São Paulo, janeiro 1949.

"A GAZETA" — *Porque São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo*. São Paulo, 5 de março de 1955.

AGUDO (José) — *Gente Rica (Cenas da vida paulistana)*, Ed. "O Pensamento", São Paulo, 1912.

AGUIRRA (João B. C.) —

- 1) *A vida orçamentária de São Paulo durante um século*, "Revista do Arquivo Municipal", volume 2, São Paulo, 1934.
- 2) *Tombamento de 1817*, "Revista do Arquivo Municipal", volume 10, São Paulo, 1935.

ALBREG (Marcos) — *Contribuição ao estudo de uma região suburbana de*

São Paulo: Guaianases, Trabalho apresentado às Cadeiras do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, inédito, São Paulo, 1956.

ALMEIDA (Aluísio de) —

- 1) *São Paulo em 1907*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 29-12-1950.
- 2) *Notas para a história de São Paulo*, "Revista do Arquivo Municipal", volume 149, São Paulo, 1950.
- 3) *Primórdios da indústria paulista*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 1.º de abril 1951.

ALMEIDA (Fernando F. M. de) —

- 1) *Ocorrência de camadas supostas pliocênicas no rio Paraibuna, Estado de São Paulo*, "Geologia e Metalurgia", n.º 2, São Paulo, 1946.
- 2) *A propósito dos "Relevos policíclicos na tectônica do Escudo Brasileiro"*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 9, São Paulo, outubro 1951.
- 3) *Contribuição à geomorfologia da região oriental de Santa Catarina*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 10, São Paulo, março 1952.
- 4) *Considerações sobre a geomorfogênese da Serra do Cubatão*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 15, São Paulo, outubro 1953.
- 5) *As camadas de São Paulo e a tectônica da Serra da Cantareira*, "Boletim da Sociedade Brasileira de Geologia", volume 4, n.º 2, São Paulo, setembro 1955.

ALMEIDA (Fernando F. M. de) e REGO (L. F. de Moraes) — *Seção Geológica de Capela da Ribeira a Curitiba*, "Geologia e Metalurgia", n.º 3, São Paulo, s. d.

ALMEIDA (Fernando F. M. de) e BARBOSA (Octavio) — *Geologia das quadrículas de Piracicaba e Rio Claro*, "Boletim da Divisão de Geologia e Mineralogia", n.º 146, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1953.

ALMEIDA (Francisco José Lacerda de) — *Diários de Viagem...*, Instituto Nacional do Livro (Imprensa Nacional), Rio de Janeiro, 1944.

ALMEIDA (João Carlos de) —

- 1) *Aspectos do censo demográfico de 1950 — As cidades e o campo*, Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, Boletim especial n.º 1, ano XIV (2.ª fase), São Paulo, 1952.
- 2) *Cidades e Vilas do Estado de São Paulo*, Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, Boletim especial n.º 1, ano XIV (2.ª fase), São Paulo, 1952.
- 3) *Instantâneos Estatísticos — São Paulo de ontem e de hoje*, Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, Boletim especial n.º 1, ano XIV (2.ª fase), São Paulo, 1952.
- 4) *Populações Urbanas — 1950*, Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, Boletim especial n.º 1, ano XIV, (2.ª fase), São Paulo, 1952.
- 5) *São Paulo no Brasil. Correntes de migração interior* (Dados do censo demográfico de 1950), Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, São Paulo, agosto, 1953.
- 6) *Campanha Nacional de Educação de Adultos*, Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, Boletim n.º 1, 1.º trimestre, São Paulo, 1954.
- 7) *O Ensino Primário em São Paulo*, Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, Boletim n.º 1, 1.º trimestre, São Paulo, 1954.

ALMEIDA (Cônego Luís Castanho de) —

- 1) *A primeira fábrica de tecidos*, carta em "O Estado de São Paulo", São Paulo, 11 de abril 1944.
- 2) *Achegas à história de Sorocaba*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico", volume 36, São Paulo.

- ALMEIDA (Nelson Martins de) — *Isto é São Caetano*, edição publicada sob os auspícios da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 1952.
- ALMEIDA (Ramiro) — *A expansão vertical e longitudinal da cidade de São Paulo*, "Ilustração Brasileira", Rio de Janeiro, 1929.
- ALMEIDA (Vicente Untzer de) e MENDES SOBRINHO (Octávio Teixeira) — *Migração Rural-Urbana*, Diretoria de Publicidade Agrícola, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, São Paulo, 1951.
- ALMEIDA JÚNIOR (A. de) — *A Faculdade de Direito e a Cidade*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro 1954.
- ALMEIDA JÚNIOR (João Mendes de) —
- 1) *Monografia do Município da Cidade de São Paulo*, Tipografia Jorge Seckler, São Paulo, 1882.
 - 2) *Dicionário Geográfico da Província de São Paulo*, obra póstuma, Tipografia Espíndola, Siqueira & Cia., São Paulo, 1901.
- ALVES (Léo Ferraz) — *O Estado do Rio de Janeiro e o problema da utilização hidráulica do rio Paraíba*, "Revista do Clube de Engenharia", n.º 231, Rio de Janeiro, novembro 1955.
- AMARAL (Edmundo) — *Rótulas e mantilhas: evocações do passado paulista*, Livraria Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1932.
- AMARAL (F. Pompeu do) — *A alimentação da população paulistana*, "Revista do Arquivo Municipal", volume XC, São Paulo, 1882.
- AMEGHINO (F.) — *Notas sobre una pequeña colección de huesos de mamíferos procedentes de las grutas calcáreas de Iporanga, en el Estado de São Paulo*, "Revista do Museu Paulista", volume VII, São Paulo, 1907.
- AMORIM (Anibal) — *Viagens pelo Brasil, 1909*, Livraria Garnier, Rio de Janeiro, s. d.
- ANCHIETA (José de) —
- 1) *Cartas inéditas, Casa Eclética*, São Paulo, 1900.
 - 2) *Cartas (1554-1594)*, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1933.
 - 3) *A Providência do Brasil*, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1946.
- ANDRADA (Martim Francisco Ribeiro de) e SILVA (José Bonifácio de Andrada e) — *Viagem Mineralógica na Província de São Paulo (1820)*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 16, São Paulo, março, 1954.
- ANDRADE (Henrique) — *A atual crise de energia em São Paulo*, "Engenharia", ano XI, n.º 128, São Paulo, abril 1953.
- ANDRADE (Oswald de) — *Memórias, "O Estado de São Paulo"*, São Paulo.
- ANÔNIMO — *Subsídios para a História do Ipanema*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1858.
- ANTONIL (André João) — *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas* — Com um estudo bibliográfico de Afonso d'E. Taunay, Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, 1923.
- ARAGÃO (B. de) — *Fôrça para a indústria*, — "Observador Econômico e Financeiro", ano X, n.º 115, Rio de Janeiro, agosto 1945.
- ARANTES JÚNIOR (Lourenço) e QUEIROZ (Vitorino Seixas) — *Os Municípios do Estado de São Paulo — Informações interessantes*, Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, São Paulo, 1933.
- ARAÚJO (José de Souza e Azevedo Pizatto) — *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*, 10 tomos. Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.
- ARAÚJO FILHO (José Ribeiro de) —
- 1) *Alguns aspectos da população da Cidade de São Paulo*, Tese apresentada à Décima Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros, inédita, São Paulo, 1955.
 - 2) *Alguns aspectos da população de São Paulo*, "Revista de História", ano VII, volume 25, São Paulo, 1956.

ARAÚJO (Oscar Egídio de) —

- 1) *Enquistamentos Étnicos*, "Revista do Arquivo Municipal", ano VI, volume LXV, São Paulo, 1940.
- 2) *Latinos e Não-Latinos no Município de São Paulo*, "Revista do Arquivo Municipal" Ano VII, volume LXXV, São Paulo, 1941.
- 3) *Cinco prédios em uma hora*, "O Observador Econômico e Financeiro", n.º 104, Rio de Janeiro, 1944.

ARNOLD (Samuel Greene) — *Viaje por America del Sur, 1847-1848*, tradução de Clara de la Rosa, Ed. Emecê, Buenos Aires, 1951.

ARQUIVOS DO ESTADO DE SÃO PAULO — *Documentos interessantes para a História e Costumes de São Paulo.*

ARROYO (Leonardo) —

- 1) *Introdução à obra "São Paulo Antigo e São Paulo Moderno"*, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1953.
- 2) *Igrejas de São Paulo: Introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade*, Livraria José Olímpio, Coleção Documentos Brasileiros, Rio de Janeiro, 1954.

ATAS da Câmara da Vila de São Paulo — "Arquivo Municipal de São Paulo", 2 volumes, 1914 e 1915.

ATAS da Câmara de Santo André da Borda do Campo — "Arquivo Municipal de São Paulo".

AVÉ-LALLEMANT (Roberto) — *Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858*, 2 volumes, tradução e edição do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1953.

AYROSA (Plínio) — *Nomenclatura das ruas de São Paulo*, "Revista do Arquivo Municipal", São Paulo.

AZEVEDO (Aldo M.) —

- 1) *L'Industria nello Stato di San Paolo*, "Le Vie del Mondo", Revista mensal do Touring Club Italiano, XVII, n.º 2, Milão, fevereiro 1954.
- 2) *Energia elétrica para o Estado de São Paulo*, "Digesto Eco-

nômico", X, n.º 114, São Paulo, maio 1954.

- 3) *Caraguatatuba — solução inteligente*, "Diário de São Paulo", São Paulo, 17 de novembro 1956.

AZEVEDO (Aroldo de) —

- 1) *Subúrbios de São Paulo — Primeiros estudos*, Anuário da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", São Paulo, 1943.
- 2) *Os Subúrbios de São Paulo e suas Funções*, "Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros", Ano IV, n.º 4, São Paulo, maio 1944.
- 3) *Subúrbios Orientais de São Paulo*, Tese de concurso para a Cadeira de Geografia do Brasil, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945.
- 4) *A Penha e suas "vilas" satélites*, Anuário da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", São Paulo, 1945.
- 5) *O Planalto Brasileiro e o problema da classificação de suas formas de relevo*, "Boletim Paulista de Geografia" n.º 2, São Paulo, julho 1949.
- 6) *São Paulo, metrópole moderna* (Comentário de fotografias aéreas), "Boletim Paulista de Geografia", n.º 5, São Paulo, julho 1950.
- 7) *São Paulo, cidade tentacular*, "Paulistânia", n.º 38, São Paulo, janeiro-fevereiro 1951.
- 8) *Regiões e paisagens do Brasil*, Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, São Paulo, 1952.
- 9) *São Paulo, des dynamischen Wachstums*, "Staden-Jahrbuch", volume III, São Paulo, 1953.
- 10) *Vilas e Cidades do Brasil Colonial* (Ensaio de Geografia Urbana Retrospectiva), Boletim n.º 208 da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1956.

AZEVEDO (Fernando de) — *A Cultura Brasileira*, 2.ª edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1944.

AZEVEDO (Sálvio de Almeida) — *Imigração e colonização no Estado de São Paulo*, "Revista do Arquivo Municipal" volume LXXV, São Paulo, 1941; e "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", volume III, Rio de Janeiro, 1944.

AZEVEDO (Vicente de Paulo Vicente de) — *São Paulo na época da Independência*, "Revista do Arquivo Municipal", volume 7, São Paulo, 1934.

AZEVEDO FILHO (Rocha) —

- 1) *A Avenida Paulista*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 13 de junho 1952.
- 2) *Os idealizadores e realizadores da Avenida Paulista*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 29 de novembro 1952.
- 3) *Um pioneiro em São Paulo: Joaquim Eugênio de Lima*, São Paulo, 1954.

— B —

BACFLAR (Celina Street) e FREITAS (Aidé) — *Olarias e portos de areia da várzea da Penha*, "Anuário da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" (1948), São Paulo, 1949.

BANCO DO BRASIL — *Estado de São Paulo*, Ed. Irmãos Di Giorgio & Cia., Rio de Janeiro, 1954.

BANASKIWITZ (Geraldo) — *A industrialização dos países "novos"*. "Digesto Econômico", IV, n.º 43, 44, 45, São Paulo, junho, julho e setembro 1948.

BANDEIRA JÚNIOR (Antônio Francisco) — *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901*, Tipografia do Diário Oficial, São Paulo, 1901.

BAPTISTA FILHO (Olavo) — *Ecologia e aspectos demográficos do Estado de São Paulo*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 16, São Paulo, março 1954.

BARBOSA (Octávio) e ALMEIDA (Fernando F. M. de) — *Geologia das quadrículas de Piracicaba e Rio Claro*, "Boletim da Divisão de Geologia e Mineralogia", n.º 146, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1953.

BARBOSA (Sinésio Cunha) — *O loteamento em São Paulo*, Ed. "Sociedade Amigos da Cidade", São Paulo, 1941 e "Revista do Arquivo", vol. LXXXII, São Paulo, 1942.

BARRETO (Benjamim Franklin de Barros) —

- 1) *Estudos e projetos da Light, nos cursos superior e médio do rio Paraíba para a produção de energia elétrica*, "Revista Politécnica", São Paulo, janeiro-março 1953.

2) *A Usina Subterrânea de Cubatão*, "Engenharia", n.º 133, São Paulo, setembro 1953.

3) *O aproveitamento dos recursos hidráulicos do vale do Paraíba*, "Revista do Clube de Engenharia", n.º 231, São Paulo, novembro 1955.

4) *As novas fontes de suprimento de energia elétrica*, *Semana de Debates sobre Energia Elétrica*, ed. Instituto de Engenharia de São Paulo, São Paulo, 1956.

BARRETO (Paulo Thedin) — *Ligeiras notas sobre a arquitetura colonial de São Paulo*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro 1954.

BARROS (Maria Paes de) — *No tempo de dantes*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1946.

BARTOLOTTI (Domenico) — *Il Brasile Meridionale*, Alberto Stok, Roma, 1930.

BASTIDE (Roger) e FERNANDES (Florestan) — *Relações raciais entre Negros e Brancos em São Paulo*, Unesco — "Anhembi", Editora Anhembi Ltda. São Paulo, 1955.

BASTOS (Humberto) —

- 1) *A indústria do cimento*, "O Observador Econômico e Financeiro", ano V, n.º 53, Rio de Janeiro, junho 1940.
- 2) *Progresso industrial*, "O Observador Econômico e Financeiro", ano IX, n.º 103, Rio de Janeiro, agosto 1944.

BATINI (Tito) —

- 1) *Esplendor e ocaso do artesão*, "O Observador Econômico e

- Financeiro”, ano X, n.º 109, Rio de Janeiro, fevereiro 1945.
- 2) *Brasos para a indústria*, “O Observador Econômico e Financeiro”, ano X, n.º 116, Rio de Janeiro, setembro 1945.
- BAYLEY (Helen Miller) e BROWN (Harriett McCune) — *Our Latin American Neighbors*, Houghton Mifflin Co., Boston, 1944.
- BELMONTE — *No Tempo dos Bandeirantes*, Departamento de Cultura, 2.ª edição, São Paulo, 1940.
- BERENHAUSER JÚNIOR (Carlos) —
- 1) *Eleticidade em São Paulo*. “Observador Econômico e Financeiro”, ano XII, n.º 144, Rio de Janeiro, 1948.
 - 2) *O Brasil no panorama mundial de eletricidade*, “Revista do Clube de Engenharia”, n.º 241, Rio de Janeiro, setembro 1956.
- BERNARDES (Nilo) e AB’SÁBER (Aziz Nacib) — *Vallée du Paraíba, Serra da Mantiqueira et Région de São Paulo*, Livro Guia n.º 4, XVIII Congresso Internacional de Geografia, U. G. I., Rio de Janeiro, 1956.
- BERNÁRDEZ (Manoel) —
- 1) *El Brasil — su vida, su trabajo, su futuro*, Tip. Ortega e Radaelli, Buenos Aires, 1908.
 - 2) *Nel paese dell’oro verde: visione dello Stato di São Paulo, estratto da Il Gigante Giacente*, Ed. Maglione & Strini, Roma, 1924.
- BERNARDO (G) e VARGAS (M.) — *Notas para o estudo regional do solo do centro da cidade de São Paulo*, “Revista Politécnica”, ano XLVI, n.º 149, São Paulo, 1945.
- BERTARELLI (Ernesto) — *Il Brasile Meridionale*, Tip. Editrice Nazionale, Roma, 1914.
- BEYER (Gustavo) — *Ligeiras notas de viagem do Rio de Janeiro à capitania de São Paulo, no Brasil, no verão de 1813, com algumas notícias sobre a cidade da Bahia e a ilha de Tristão da Cunha, entre o Cabo e o Brasil e que há pouco foi ocupada*, tradução do suco pelo Dr. Alberto Loeffgren, “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”, volume XII, São Paulo.
- BINUM e MACGREERY — *The Coffee industry in Brazil*, Foreign and Domestic Commerce, Washington, D. C., 1929.
- BOLETIM do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, maio 2, 1724-1804, volume 8, Tip. Globo, São Paulo, 1948.
- BOLETIM do Instituto de Engenharia — Volume IV, n.º 19, São Paulo, janeiro de 1923.
- 1) *A canalização do rio Tietê no território da capital e municípios adjacentes*, volume IV, n.º 19, São Paulo, 1923.
 - 2) *Relatório do Prof. J. A. da Fonseca Rodrigues, a que se refere o parecer da Diretoria de Obras Municipais*, volume IV, n.º 19, São Paulo, 1923.
 - 3) *Notas sobre o Relatório apresentado pelo Engenheiro da Municipalidade J. F. de Ulhoa Cintra*, volume IV, n.º 19, São Paulo, 1923.
- BONNAURE (Albert) — *Livro de Ouro do Estado de São Paulo* (Relatório industrial, comercial e agrícola), Companhia Melhoramentos, São Paulo, 1914.
- BOUÇAS (Valentim) — *Sobre a indústria nacional*, “O Observador Econômico e Financeiro”, ano XIII, n.º 153, Rio de Janeiro, outubro, 1948.
- BRANCO (Catulo) — *O problema hidroelétrico de São Paulo*, “Fundamento”, São Paulo.
- BRANCO (Plínio) — *A crise de energia elétrica*, separata da revista “Anhembi”, n.ºs 25 e 26, São Paulo, dezembro 1952 e janeiro 1953.
- BRANDÃO SOBRINHO (Júlio) — *Lavouras de cana e algodão e indústrias do açúcar e tecidos no Estado de São Paulo*, “Agricultura”, 4.ª série, n.º 12, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, São Paulo, 1903.
- BRANNER (J. C.) — *Geologia Elementar*, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1915.
- BRAZIL (Raimundo Pereira) — *São Paulo, força econômica*, Empresa Gráfica “Revista dos Tribunais”, São Paulo, 1939.
- BRISOLA (Carlos Monteiro), FONSECA (Antônio Carlos) e IGNACIO (Antônio Pereira) — *São Paulo e seus*

homens no Centenário, 2 volumes, Emp. Pub. Independência, São Paulo, 1922.

BRITO (Francisco Saturnino) — *Correlação entre condições sanitárias e descargas a manter no rio Paraíba, de Santa Branca a Santa Cecília*, "Revista Clube de Engenharia", n.º 231, Rio de Janeiro, novembro 1955.

BROTERO (Frederico A.) — *Aeróportos da Cidade de São Paulo*, São Paulo, 1950.

BROWN (Harriett McCune) e BAYLEY (Helen Miller) — *Our Latin American Neighbors*, Houghton Mifflin Co., Boston, 1944.

BRUNO (Ernani Silva) —

1) *A indústria e o comércio no Almanaque de 1885*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 24 de dezembro de 1948.

2) *Fidalgos e estrangeiros no Almanaque de 1885*, "O Estado

de São Paulo", São Paulo, 1949.

3) *São Paulo no século XVIII e no primeiro quartel do século XIX*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 29 março 1951.

4) *A cidade de São Paulo no século XIX*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 1.º abril 1951.

5) *Notas para a história das indústrias de São Paulo*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 20 setembro 1951.

6) *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, 3 volumes, Livraria José Olímpio, Coleção Documentos Brasileiros, Rio de Janeiro, 1954.

BUENO (Francisco de Assis Vieira) — *A cidade de São Paulo (Recordações evocadas de memória)*, "Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes", de Campinas, ano II, números 1-2-3, Campinas, 1903.

— C —

CALDEIRA (Branca da Cunha) *A indústria têxtil paulista*, "Geografia" (Associação dos Geógrafos Brasileiros), n.º 4, São Paulo, 1935.

CALDEIRA (João Netto) — *Álbum de São Bernardo — 1937*, Cruzeiro do Sul, São Paulo, 1937.

CALDEIRA (Nelson Mendes) —

1) *Construções no Rio e em São Paulo*, "O Observador Econômico e Financeiro", ano IV, n.º 47, Rio de Janeiro, 1939.

2) *Aspectos da evolução urbana de São Paulo*, "Boletim do Departamento Estadual de Estatística", ano 1, n.º 6, São Paulo, 1939.

3) *As capitais da América*, "Boletim do Departamento Estadual de Estatística", ano III, n.º 2, São Paulo, 1941.

4) *São Paulo a galope*, "Paulistânia", n.º 38, São Paulo, janeiro-fevereiro 1951.

5) *São Paulo entre as grandes cidades do Mundo*, "Digesto Econômico", ano I, n.º 11, São Paulo, outubro 1945.

CAMARAO (José Francisco de) — *Crescimento da População no Estado de*

São Paulo e seus aspectos econômicos, 3 volumes, Boletim n.º 153 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1952.

CAMPELO (José) — *Indústria e civilização*, "O Observador Econômico e Financeiro", ano VII, n.º 73, Rio de Janeiro, fevereiro 1952.

CAMPOS (Francisco Machado de) — *Situação da energia elétrica no Estado de São Paulo*, "Engenharia", n.º 59, São Paulo, julho 1947.

CAMPOS (L. F. Gonzaga de) —

1) *Seção Geológica*, Relatório da Comissão Geográfica e Geológica (1887), Anexo, São Paulo, 1888.

2) *Mapa Florestal do Brasil*, "Boletim Geográfico", n.º 9, 16 e 17, Rio de Janeiro, 1943-44.

CAMPOS (Pedro Dias de) — *Piratinga na era da fundação de São Paulo*, "Paulistânia", n.º 38, São Paulo, janeiro-fevereiro 1951.

CAMPOS (W.) — *Recordes da indústria paulista*, "O Observador Econômico e Financeiro", ano XV, n.º 179, Rio de Janeiro, dezembro 1950.

CANNABRAVA (Alice P.) —

- 1) *Chácaras paulistanas*, "Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros", volume IV, São Paulo, 1950.
- 2) *O Desenvolvimento da cultura do algodão na Província de São Paulo (1861-1875)*, Tese, Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1951.

CANSTATT (Oscar) —

O Brasil, a terra e a gente, tradução de Eduardo de Lima Castro, Ed. Pongetti, Rio de Janeiro, 1954.

CAPRI (Roberto) —

- 1) *O Estado de São Paulo e seus Municípios*, Tip. Pocaí & Weiss, São Paulo, 1922.
- 2) *São Paulo, a Capital Artística, na Comemoração do Centenário (1822-1922)*, São Paulo, 1922.
- 3) *São Paulo em 1921-22*, São Paulo, 1922.

CARDIM (Fernão) — *Tratados da Terra e da Gente do Brasil*, Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, volume 168, São Paulo, 1939.

CARLI (Gileno de) — *A indústria açucareira no Nordeste, no Estado do Rio de Janeiro e em São Paulo*, "Boletim Geográfico", (Conselho Nacional de Geografia), n.º 11, Rio de Janeiro, fevereiro 1944.

CARTAS DOS EXCURSIONISTAS (1.ª Secção) — Organizada pelo Instituto Astronômico e Geográfico do Estado, na escala de 1:200 000, 1924, reeditada em 1935.

CARTAS JESUÍTICAS — *Cartas avulsas (1550-1568)*, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1931.

CARVALHO (Affonso José de) —

- 1) *Os primeiros anos de São Paulo*, "Revista do Instituto Histórico de São Paulo", volume XXIX, São Paulo, 1932 e Livraria Duprat, São Paulo, 1932.
- 2) *São Paulo antigo: 1882-1886*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico", volume XLI, São Paulo, 1942.

CARVALHO (C. Delgado de) —

- 1) *Le Brésil Méridional (Étude économique)*, Ed. Societé Ano-

nyme de Publications Périodiques, E. Desfossés Imp., Paris, 1910.

- 2) *Météorologie du Brésil*, John Bale Sons & Danielson, Londres, 1917.
- 3) *São Paulo, a cidade das indústrias*, "Boletim Geográfico" (Conselho Nacional de Geografia), ano I, n.º 3, Rio de Janeiro, junho 1943.
- 4) *A Cidade de São Paulo*, "Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante", Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1954.

CASAL (Padre Manuel Aires de) — *Corografia Brasileira ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil*, 1817, 2 tomos, Edições Cultura, São Paulo, 1943; Edição fac-similar do Instituto Nacional do Livro, Ministério de Educação e Saúde, Imprensa Oficial, Rio de Janeiro, 1945.

CESAR (Héldio Xavier Lenz) — *Potencial, produção, distribuição e consumo de energia elétrica na Bacia Paraná-Uruguaí*, "Condições Geográficas e Aspectos Geoeconômicos da Bacia Paraná-Uruguaí", Associação dos Geógrafos Brasileiros, volume I, São Paulo, 1955.

CHAGAS (Padre Oscar) — *Manual de Nossa Senhora da Penha*, Ed. das Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1936.

CHAMBERLIN (R. T.) e HARDER (E. C.) — *The Geology of Central Minas Geraes, Brazil*, "Journal of Geology", volume XXIII, n.º 4 e 5, Chicago, 1915.

CHAVES NETO (Elias) — *O problema da energia elétrica*, "Revista Brasileira", n.º 3, São Paulo, janeiro 1956.

CHEVALIER (Louis) — *Démographie Générale*, Ed. Dalloz, Paris, 1951.

CINTRA (Assis) — *Como se fundou São Paulo*, "Paulistânia", n.º 38, São Paulo, janeiro-fevereiro 1951.

CLEMENCEAU (Georges) — *Notes de voyages dans l'Amérique du Sud*, Lib. Hachette, Paris, 1911.

COARACY (Vivaldo) — *O Perigo Japonês*, série de artigos publicados no "Jornal do Comércio", Rio de Janeiro, abril-junho 1944.

- CODMAN (John) — *Ten months in Brazil*, Grant & Son, Edimburgo, 1870.
- COELHO (Salvador José Correia) — *Passeio à minha terra*, Tip. da Lei, São Paulo, 1860.
- COLBY — *Centrifugal and centripetal forces in Urban Geography*, "Annals of the Association of American Geographers", volume XX, n.º 1, 1933.
- COMÉRCIO INTERNACIONAL — "Boletim Mensal" do Banco do Brasil, Ano III, n.º 3, Rio de Janeiro, outubro 1953.
- COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo*, Tip. King, São Paulo, 1888.
- COMISSÃO DE MELHORAMENTOS DO RIO TIETÊ —
- 1) *Carta da Bacia hidrográfica do Tietê até Parnaíba* — 1924.
 - 2) *Planta da retificação do Tietê*, na escala de 1:20 000 — 1947.
 - 3) *Planta da retificação do Tamanduaté*. 1948.
 - 4) *Relatório* — ed. Prefeitura do Município de São Paulo, São Paulo, 1950.
- COMPANHIA MELHORAMENTOS —
- 1) *Isto é São Paulo*, Álbum da Cia. Melhoramentos, São Paulo, 1951.
 - 2) *São Paulo antigo, São Paulo moderno: álbum comemorativo*, São Paulo, 1953.
- CONJUNTURA ECONÔMICA — *Mortalidade geral nas Capitais Brasileiras*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, fevereiro 1955.
- CONSELHO NACIONAL DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA — *A indústria da energia elétrica no Brasil — Estado de São Paulo*, "Águas e Energia Elétrica", ano V, n.º 19, Rio de Janeiro, 1954.
- CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA —
- 1) *Pesquisas sobre os diversos grupos de cor nas populações do Estado de São Paulo e do Distrito Federal*, Série Estatística Demográfica, publicação n.º 12, Rio de Janeiro, 1951.
 - 2) *Sinopse estatística do município de São Paulo*, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1951.
- 3) *Santo André*, Ed. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1953.
 - 4) *Censo Demográfico de 1950 (Estado de São Paulo, seleção dos principais dados)*, Rio de Janeiro, 1953.
 - 5) *A mortalidade no Município de São Paulo, segundo grupos de causas de óbitos (1939-41 e 1949)*, Estudos Demográficos, n.º 115, Rio de Janeiro, novembro 1954.
 - 6) *Pesquisas sobre as Populações Urbanas e Rurais do Brasil*, Rio de Janeiro, 1954.
 - 7) *VI Recenseamento Geral do Brasil — 1950 — Estado de São Paulo, Censo demográfico*, Rio de Janeiro, 1954.
- CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA — *Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante*, Ed. I. B. G. E., Rio de Janeiro, 1953.
- CORDIPIO (J. P. Leite) — *Nóbrega, fundador de São Paulo*, "O Cruzeiro", ano XXVI, n.º 15, Rio de Janeiro, janeiro 1954.
- CORTESÃO (Jaime) — *A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil*, Ed. Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1955.
- COSTA (Lúcio) — *Documentação necessária*, "Rev. do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", n.º 1, Rio de Janeiro, s. d.
- COTRIM (John) — *Os recursos da zona Centro-Sul*, Semana de Debates sobre Energia Elétrica, ed. Instituto de Engenharia de São Paulo, São Paulo, 1956.
- COUTINHO (José Moacir Viana) —
- 1) *Sobre o meta-conglomerado dos arredores de São Paulo*, ed. mimeografada da Sociedade Brasileira de Mineralogia, São Paulo, 1954, e "Engenharia, Mineração e metalurgia", vol. XXI, n.º 121, Rio de Janeiro janeiro 1955.
 - 2) *Meta-conglomerado e rochas associadas no município de São Paulo*, "Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras", da Universidade de São Paulo, n.º 186 (Mineralogia n.º 13), São Paulo, 1955.
- COUTO (C. P.) — *Novas observações sobre a paleontologia e geologia do*

depósito calcário de São José do Itaboraí, "Notas preliminares e Estudos" n.º 49, Divisão de Geologia e Mineralogia, Rio de Janeiro, 1949.

CUSANO (Alfredo) — *Italia d'Oltramar — Impressioni e ricordi dei miei cinque anni di Brasile*, Ed. Enrico Reggiani, Milão, 1911.

— D —

D'ALINCOURT (Luís) — *Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá*, Biblioteca Histórica Paulista, volume VIII, Liv. Martins, São Paulo, 1953.

DAMANTE (Hélio) — *Quando a cidade faz anos*, "Paulistânia", n.º 38, São Paulo, janeiro-fevereiro 1951.

DANTAS (Humberto) — *Indústrias paulistas*, "O Observador Econômico e Financeiro", ano VIII, n.º 96, Rio de Janeiro, janeiro 1944.

D'ASSIER (Adolphe) — *Le Brésil contemporain*, Durand et Lauriel, Paris, 1867.

DEBENEDETTI (E.) e SALMONI (A.) —

1) *Architettura Italiana a San Paolo*, Instituto Cultural Italo-Brasileiro, São Paulo, 1953.

2) *Arquitetura italiana em São Paulo*, "Diário de São Paulo", São Paulo, 25 janeiro 1954.

DECKER (S.) — *As queimadas e suas influências nefastas sobre os solos tropicais*, Publicação Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, São Paulo, 1941.

DEFFONTAINES (Pierre) —

1) *Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo*, "Geografia", n.º 2, Ano I, São Paulo, 1935; e "Boletim Geográfico" (Conselho Nacional de Geografia), anos II e III, n.ºs 24 e 25, Rio de Janeiro, março e abril 1945.

2) *As feiras de burros de Sorocaba*, "Geografia", n.º 3, São Paulo, 1935.

3) *Pays et paysage de l'État de Saint-Paul, Brésil — Première esquisse de division régionale*, "Annales de Géographie", tomo XLV, Paris, 1936.

4) *The origin and growth of the Brazilian network of towns*, "Geographical Review", tomo 28, New-York, 1938.

5) *Geografia Humana do Brasil*, "Revista Brasileira de Geografia" (Conselho Nacional de Geografia), Ano I, n.ºs 1, 2 e 3, Rio de Janeiro, 1939, separata, Rio de Janeiro, 1940; e ed. Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1952.

DENIS (Ferdinand) — *O Brasil*, tradução portuguesa (2 volumes), Livraria Garnier, Rio de Janeiro, s. d.; e Livraria Progresso Editora, Salvador, 1955.

DENIS (Pierre) —

1) *Le Brésil au XXe. Siècle*, Lib. Armand Colin, Paris, 1911.

2) *Amérique du Sud*, tomo XV, 1.ª parte, da "Géographie Universelle" de La Blache e Gallois, Lib. Armand Colin, Paris, 1927.

3) *O Brasil no século XX*, tradução portuguesa, Antiga Casa Bertrand-José Bastos & Cia. — Editôres, Lisboa, s. d.

DEPARTAMENTO DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA —

1) *Comunicado sobre o ato n.º 21*, "Diário Oficial do Estado", São Paulo, 29 de março de 1952.

2) *Comunicado sobre restrições ao consumo de energia elétrica*, "Diário Oficial do Estado de São Paulo", São Paulo, 11 junho 1952.

3) *Comunicado sobre o ato n.º 13*, "Diário Oficial do Estado de São Paulo", 12 novembro 1952.

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA DO ESTADO DE SÃO PAULO —

1) *Anuário Estatístico de São Paulo*, Volume II, São Paulo, 1947.

2) *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, Volume II, São Paulo, 1953.

3) *Estimativas Populacionais do Estado de São Paulo (1951-1953)*, São Paulo, 1954.

- 4) *Quadro territorial, administrativo e judiciário do Estado* (Quinquênio 1954-1958), São Paulo, 1954.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA —

- 1) *Estatística industrial (1938-39)*, São Paulo, 1940.
- 2) *Distritos de Paz do Estado de São Paulo*, São Paulo, dezembro, 1940.
- 3) *Ensaio de um Quadro Demonstrativo do Desmembramento dos Municípios*, São Paulo, dezembro 1941.
- 4) *Ensaio de um Quadro Demonstrativo do Desdobramento das Comarcas*, São Paulo, março 1942.
- 5) *Linhas Divisórias do Município de São Paulo*, São Paulo, setembro 1942.
- 6) *Catálogo das Indústrias do Município da Capital*, São Paulo, 1943.
- 7) *Catálogo das Indústrias do Estado de São Paulo* (exclusive o município da Capital), São Paulo, 1943.
- 8) *Alguns aspectos da indústria paulista em 1941*, "Boletim", n.º 1, São Paulo, 1945.
- 9) *As grandes indústrias do parque manufatureiro paulista*, "Boletim Informativo", São Paulo, julho 1951.

DERBY (O.) — *The Serra do Espinhaço, Brazil*, "Journal of Geology", vol. XIV, n.º 3, Chicago, 1906.

DEUS (Frei Gaspar da Madre de) — *Memórias para a História da Capitania de São Vicente, hoje chamada São Paulo*, Tipografia da Academia, Lisboa, 1797.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO —

- 1) *Restrições ao fornecimento de energia elétrica pelo sistema da Companhia Light and Power e suas associadas no Estado de São Paulo*, "Diário Oficial do Estado de São Paulo", São Paulo, 26 fevereiro 1950.

- 2) *Decreto n.º 2066*, de 27-12-1952, que aprova, para fins fiscais, as plantas genéricas de valores de terrenos situados nas zonas urbanas e suburbanas do município de São Paulo, São Paulo, suplemento, 1.º de março de 1952.

DIAS (Artur) — *O Brasil Atual* (Informações geográficas, políticas e econômicas. Impressões de viagem, dados pitorescos e descritivos sobre as principais cidades brasileiras. Homens e coisas da atualidade. Gráficos e dados algarismais), Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1904.

DIGESTO ECONÔMICO —

- 1) *São Paulo de 1870 e o início das indústrias de tecidos de algodão*, ano I, n.º 4, São Paulo, março 1945.
- 2) *O desequilíbrio entre o número de habitantes e o de residências em São Paulo*, Ano I, n.º 11, São Paulo, outubro 1945.
- 3) *O grande pulmão comercial de São Paulo*, Ano II, n.º 14, São Paulo, janeiro 1946.

DIRETORIA DE PUBLICIDADE AGRÍCOLA — *A Capital de São Paulo em 1933*, Ed. da Secretaria da Agricultura, São Paulo, 1934.

DOCUMENTOS INTERESSANTES PARA A HISTÓRIA E COSTUMES DE SÃO PAULO — Ed. do Arquivo do Estado de São Paulo.

DOMVILLE-FIFE (Charles W.) — *The United States of Brazil*, Ed. Francis Griffiths, Londres, 1910.

DORIA (Escagnolle) — *Aspectos de São Paulo — São Paulo na bruma*, "O Jornal do Comércio", Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1916.

DRUMOND (Carlos) — *Notas sobre alguns topônimos dos arredores de São Paulo*, "Filosofia, Ciências e Letras", n.º 10, São Paulo, 1948.

DUARTE (Raul) — *São Paulo de ontem e de hoje*, Ed. Revista dos Tribunais, São Paulo, 1941.

— E —

EDGUMBE (Edward) — *A holiday in Brazil and on the River Plate*, Ed. Chatte & Windus, Londres, 1887.

EGAS (Eugênio) —

- 1) *São Paulo, a cidade*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", volume XIV (1909), São Paulo, 1912.
- 2) *Os Municípios Paulistas* (2 volumes), Publicação Oficial, São Paulo, 1925.
- 3) *Galeria dos Presidentes do Estado de São Paulo*, 3 volumes, Sec. Gráfica do Estado de São Paulo, São Paulo, 1927.
- 4) *Teatros e artistas*, Publ. original no "Diário Popular", 8 novembro 1934 e "Revista do Arquivo Municipal", v. 8, São Paulo, 1935.

EICHLER (A.), MARTIUS (C. F. P. von), ENDLICHER (S.) e URBAN (J.) — *Flora Brasiliensis*, 1840-1903.

ELLIS JÚNIOR (Alfredo) —

- 1) *Raça de Gigantes*, Editorial Hélios, São Paulo, 1926.
- 2) *Meio Século de Bandeirismo (1590-1640)*, Boletim IX da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1939.
- 3) *Resumo da História de São Paulo*, Tipografia Brasil, São Paulo, 1942.
- 4) *Amador Bueno e a Evolução da Psicologia Planaltina*, Boletim XLII da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1944.

5) *Capítulos da História Psicológica de São Paulo*, Boletim LIII da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945.

6) *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano*, Tipografia Piratininga, São Paulo, s. d., e Ed. Nacional, Coleção Brasileira, São Paulo, s. d.

ELLIS (Myriam) e ELLIS JÚNIOR (Alfredo) — *A Economia Paulista no Século XVIII*, Boletim 115 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1950.

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES ASSOCIADAS — *São Paulo, metrópole do Século XX*, São Paulo, 1942.

ENDLICHER (S.), MARTIUS (C. F. P. von), EICHLER (A.) e URBAN (J.) — *Flora Brasiliensis*, 1840-1903.

ENGE (Arne) e LERRO (Amaury Wilson) — *Mortalidade de crianças maiores de 1 ano no Estado de São Paulo — 1938-1947*, Departamento Estadual da Criança, Serviço de Estudos e Pesquisas, São Paulo, s. d.

ESCHWEGE (Wilhelm Ludwig von) — *Pluto Brasiliensis*, 2 volumes, Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, São Paulo, 1944.

EVERETT (H. L.) e LÖFGREN (A.) — *Análises de Plantas. Ensaio para uma Botânica Descritiva das espécies mais frequentes em São Paulo e outros Estados do Brasil*, São Paulo, 1905.

EYLAN (Claude) — *Étapes Brésiliennes*, Lib. Plon, Paris, 1940.

— F —

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DE SÃO PAULO (Alunos da) — *Duas riquezas de São Paulo: Café e Algodão*, "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", volume IV, Rio de Janeiro, 1944.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS, U. S. P. — *Urbanização e o desenvolvimento industrial no Estado de São Paulo*, Centro de Pesquisas

e Documentação, "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia" (Conselho Nacional de Geografia). Rio de Janeiro, 1943.

FALCÃO (Edgar de Cerqueira) — *Dados cronológicos sobre a fundação de São Paulo*, "Paulistânia" n.º 44, São Paulo, março-abril-maio 1952.

FALCÃO (Pedro Barreto) — *Evolução industrial do Brasil*, "Revista de

- Economia e Estatística", ano III, n.º 3-4, Rio de Janeiro, 1938.
- FANUELE (Nicolau) — *Il Brasile*, São Paulo, 1910.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO — *As indústrias e as pesquisas tecnológicas*, São Paulo, 1941.
- FELICÍSSIMO JÚNIOR (Jesuino) — *Possibilidades de suprimento de fertilizantes fosfatados nacionais pelas minas e indústrias do Estado de São Paulo*, "O. I. G. G." Órgão do Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo, volume X, n.º 4, São Paulo, 1952.
- FELICÍSSIMO JÚNIOR (Jesuino) e FRANCO (Rui Ribeiro) — *Bauxita no altiplano da Serra do Cubatão, Estado de São Paulo*, "Boletim da Sociedade Brasileira de Geologia", volume V, n.º 2, São Paulo, setembro 1954.
- FERNANDES (Armando de Oliveira) — *A indústria da energia elétrica no Brasil*, Rio de Janeiro, 1953.
- FERNANDES (Florestan) — *Do Escravo ao Cidadão* (Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo), "Anhembi" n.º 30, São Paulo, 1953.
- FERNANDES (Florestan) e BASTIDE (Roger) — *Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo*, Unesco-Anhembi, Editora Anhembi Ltda., São Paulo, 1955.
- FERRAZ (J. Sampaio) — *Ligeiro esboço de alguns aspectos fundamentais da climatologia do Estado de São Paulo*, "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", volume II, Rio de Janeiro, 1942.
- FERREIRA (Bartos) —
- 1) *Grandezas e misérias de uma grande capital*, "Digesto Econômico", ano V, n.º 59, São Paulo, outubro, 1949.
 - 2) *A cidade que mais cresce no mundo*, "Diário de São Paulo", São Paulo, 25 janeiro 1954.
 - 3) *Meio século de São Paulo*, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1954.
- FERREIRA (Jorge) — *São Paulo* (com fotografias de Henry Ballot), "O Cruzeiro", ano XXVI, n.º 15, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1954.
- FERREIRA (Manoel Rodrigues) — *Os caminhos do mar*, "A Gazeta", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
- FERREIRA (Tito Lívio) —
- 1) *Gênese Social da Gente Bandeirante*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1944.
 - 2) *Onde nasceu a cidade*, "Paulistânia", n.º 38, São Paulo, janeiro-fevereiro 1951.
 - 3) *A Sociedade Paulista no Século XVI*, — São Paulo em Quatrocentos Anos, Edição da Comissão do IV Centenário, I, São Paulo, 1953.
 - 4) *Padre Manoel da Nóbrega e São Paulo de Piratininga*, "Estado de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
 - 5) *São Paulo de 1830*, "A Gazeta", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
 - 6) *A propósito da fundação de São Paulo*, "Revista do Arquivo Municipal", volume CXL, São Paulo.
- FERRERO (Gina Lombroso) — *Nell' América Meridionale*, Ed. Treves, Milão, 1908.
- FIGUEIREDO (J. Lima) — *Cidades e Sertões — Páginas de História e Geographia do Brasil*, Biblioteca Militar, Rio de Janeiro, 1941.
- FINOCCHI (Lino) e PICCAROLO (Antônio) — *Desenvolvimento Industrial de São Paulo, através da Primeira Exposição Municipal*, Pocaí, São Paulo, 1918.
- FLETCHER (James C.) e KIDDER (Daniel P.) — *O Brasil e os Brasileiros* — volume II, tradução brasileira de Elias Dolianiti, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1941.
- FLOREAL (Sílvio) — *Ronda da meia-noite* (Vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo), Tip. Cúpulo, São Paulo, 1925.
- FLORENÇANO (Paulo C.) — *Nasce uma metrópole*, com estampas de Diógenes Duarte Paes e Pedro Alzaza, Ed. da Companhia Antártica Paulista, Livraria Martins São Paulo, 1954.
- FLORENÇANO (Paulo C.) e PENTEADO (Antônio Rocha) — *Paisagens do Tietê*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 6, Associação dos Geó-

- grafos Brasileiros, São Paulo, outubro de 1950.
- FLORENCE (Amador) — *Curiosidades do censo paulistano de 1765*, "Revista do Arquivo Municipal", volume LXXIX, São Paulo.
- FLORENCE (Hércules) — *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas (1825-1829)*, tradução brasileira do Visconde de Taunay, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1948.
- FOLHA DA MANHÃ —
- 1) *Restrições ao consumo na iluminação elétrica pública e fornecimentos comerciais, industriais e domiciliares da Light e associadas*, 29 de janeiro de 1950.
 - 2) *O crescimento de São Paulo e de outras metrópoles do Mundo*, São Paulo, 20 de setembro de 1953.
- FONSECA (Antônio Carlos). BRISOLA (Carlos Monteiro) e IGNACIO (Antônio Pereira) — *São Paulo e seus homens no Centenário*, Emp. Pub. Independência, São Paulo, 1922.
- FONSECA (Pe. Manoel da) — *Vida do Venerável Belchior de Pontes (1753)*, Reedição da Companhia Melhoramentos, São Paulo, s. d.
- FONSECA (Paulo Delfino) e LUNÉ (Antônio José Batista de) *Almanaque da Província de São Paulo para 1873*, São Paulo, 1873.
- FORJAZ (Djalma) — *Quadro Territorial, Administrativo e Judiciário do Estado — Quinquênio 1954-58*, Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, Boletim n.º 1, 1.º trimestre, São Paulo, 1954.
- FRANÇA (Ary) —
- 1) *Notas sobre a frequência dos ventos na cidade de São Paulo*, "Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros", n.º 5, Ano IV, São Paulo, 1944.
 - 2) *Estudo sobre o clima da Bacia de São Paulo*, Boletim n.º LXX, Geografia n.º 3, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1946.
- FRANCO (Francisco de Assis Carvalho) — *Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1940.
- FREIRE (Vitor S.) — *Melhoramentos de São Paulo*, "Revista Politécnica", ano VI, n.º 33, São Paulo, 1911.
- FREITAS (Aidé) e BACELAR (Celina Sreet) — *Olarias e portos de areia da várzea da Penha*, "Anuário da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae" (1948), São Paulo, 1949.
- FREITAS (Afonso A. de) —
- 1) *Geografia do Estado de São Paulo*, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1906.
 - 2) *Plan' história da Cidade de São Paulo, 1800-1874*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", XVI, São Paulo, 1911.
 - 3) *Tradições e Reminiscências paulistanas*, Monteiro Lobato, São Paulo, 1921.
 - 4) *A cidade de São Paulo no ano de 1822*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", XXIII, São Paulo, 1925.
 - 5) *Dicionário histórico, topográfico, etnográfico ilustrado do município de São Paulo*, Tomo I, letra A, Gráfica Paulista Editora, São Paulo, 1930.
 - 6) *Capítulos de Geografia Física de São Paulo*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo" volume XXX, São Paulo 1935.
- FREITAS JÚNIOR (Afonso de) — *Origem do Viaduto do Chá*, "Revista do Arquivo Municipal", volume 25, São Paulo, 1936.
- FREITAS (Bezerra de) — *Policultura e expansão industrial*, "Digesto Econômico", VI, n.º 71, São Paulo, 1950.
- FREITAS (Ruy Ozório de) —
- 1) *Relevos policíclicos na tectônica do Escudo Brasileiro*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 7, São Paulo, março 1951.
 - 2) *Ensaio sobre a tectônica moderna do Brasil*, Boletim n.º 130 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Geologia n.º 6, São Paulo, 1951.

3) *Sobre a origem da Bacia de São Paulo*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 9, São Paulo, outubro 1951.

FRANCO (Rui Ribeiro) e FELICÍSSIMO JÚNIOR (J.) — *Bauxita no altiplano da Serra do Cubatão, Estado de*

São Paulo, "Boletim da Sociedade Brasileira de Geologia", volume V, n.º 2, São Paulo, setembro 1954.

FUNDAÇÃO "GETÚLIO VARGAS" — *A missão Cooke no Brasil*, Relatório da Missão Técnica Americana, Rio de Janeiro, 1949.

— G —

GAFFRE (L. A.) — *Visions du Brésil*, Aillard, Alves & Cia., Paris, 1912.

GALVANI (Luigi) — *Esbôço demográfico do Estado de São Paulo*, "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", volume III, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1944.

GANDAVO (Pero de Magalhães) — *Tratado da Terra do Brasil*, Edição do Anuário do Brasil, Rio de Janeiro, 1924.

GARCIA (Emanuel Soares Veiga) — *A Real Fábrica de São João do Ipanema*, São Paulo em Quatrocentos Anos, Edição da Comissão do IV Centenário, I, São Paulo, 1953.

GEIKIE (A.) — *The Scenery of Scotland*, Londres, 1901.

GEORGE (Pierre) — *La Ville — Le Fait Urbain à Travers le Monde*, Presses Universitaires, Paris, 1952.

GIOVANITTI (L. V.) — *Os italianos e o IV Centenário de São Paulo*, "Diário de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.

GODOY (Joaquim Floriano de) — *A Província de São Paulo*, "Diário do Rio de Janeiro", Rio de Janeiro, 1875.

GODOY (Jorge Pires de) — *Almanaque Paulista para 1914*, Ed. Casa Mascote, Campinas, 1913.

GODOY FILHO (Gustavo de) — *A mobilidade da população paulista através de seu crescimento*, "Revista do

Arquivo Municipal", volume 16, São Paulo, 1935.

GOOD (R.) — *A geographical survey of the Flora of the Temperate South America*, "Annals of Botany", volume XLVII, 1933.

GUIMARÃES (Alberto Passos) — *São Paulo, progresso a jato*, "O Observador Econômico e Financeiro", ano XVIII, n.º 216, Rio de Janeiro, fevereiro 1954.

GUIMARÃES (Caio de Freitas) —

1) *Mortalidade Infantil no Município de São Paulo — 1939–1948*, Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, Boletim Especial n.º 1, ano XIV (2.ª fase), São Paulo, maio 1952.

2) *O Crescimento Demográfico do Município de São Paulo*, Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, Boletim Especial n.º 1, ano XIV, (2.ª fase), São Paulo, maio 1952.

3) *População, Natalidade e Mortalidade no Estado de São Paulo, 1940–1949*, Publicação datilografada do Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, São Paulo, dezembro 1952.

GYGAS (Théo) e SESSLER (I. J.) — *Eis São Paulo*, Edição Monumento S. A., São Paulo, 1954.

— H —

HAENEL (João Gustavo) — *Por que Piassaguera?*, "Digesto Econômico", XII, n.º 128, São Paulo, março-abril 1956.

HARDER (E. C.) e CHAMBERLIN (R. T.) — *The Geology of Central Minas*

Gerais, Brazil, "Journal of Geology", volume XXIII, n.os 4 e 5, Chicago, 1915.

HARNISCH (Wolfgang Hoffmann) — *O Brasil que eu vi — Retrato de*

- uma potência tropical*, Edições Melhoramentos, São Paulo, s. d.
- HARTT** (Charles Frederik) — *Geology and Physical Geography of Brazil*, Fields Osgood & Co., Boston, 1870; tradução brasileira de Edgar Süsskind de Mendonça e Elias Dolianiti, Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, São Paulo, 1941.
- HELLER** (Frederico) — *O caminho para a economia metropolitana*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
- HENRIQUE** (Paulo) — *Metrópoles e Rincões* — *Ensaios*, São Paulo, 1944.
- HERMAN** (Lucila) —
- 1) *Estudo do desenvolvimento de São Paulo através da análise de uma radial: a estrada do café*, "Revista do Arquivo Municipal", volume 99, São Paulo, 1944.
 - 2) *A função das cidades e suas diferentes áreas culturais*, "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", Conselho Nacional de Geografia, volume III, Rio de Janeiro, 1944.
- HESSE-WARTEGG** (Ernest von) — *Zwischen Anden und Amazonas*, Union Deutsche Verlagsgesellschaft, Stuttgart, 1915.
- HOEHNE** (Frederico C.) —
- 1) *Orquídeas dos arredores da cidade de São Paulo*, Memória do Instituto Butantã, tomo I, fascículo I, São Paulo, 1918.
- 2) *Botânica e Agricultura do Brasil*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1937.
- HOLANDA** (Sérgio Buarque de) —
- 1) *Raízes do Brasil*, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1936.
 - 2) *Monções*, Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1945.
 - 3) *A fábrica de ferro de Santo Amaro*, "Digesto Econômico", ano IV, n.º 38, São Paulo, janeiro de 1948.
 - 4) *Ainda a siderurgia de Santo Amaro*, "Digesto Econômico", ano IV, n.º 34, São Paulo, fevereiro de 1948.
 - 5) *A mais antiga fábrica de tecidos de São Paulo*, "Digesto Econômico", ano IV, n.º 41, São Paulo, abril de 1948.
- HOUJH** (John) — *A primeira fábrica de tecidos de algodão em São Paulo*, carta publicada em "O Estado de São Paulo", 9 de março de 1944.
- HOUSSAY** (Frederico) — *De Rio de Janeiro à São Paulo*, Gauthiers Villars, Paris, 1877.
- HUECK** (Kurt) — *O mapa fitogeográfico do Estado de São Paulo*, "Boletim Paulista", n.º 22, São Paulo, março 1956.
- HUNNICUTT** (Benjamin H.) — *Brazil look forward*, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1945.
- I —
- IGNACIO** (Antonio Pereira), **BRISOLA** (Carlos Monteiro) e **FONSECA** (Antonio Carlos) — *São Paulo e seus homens no Centenário*, 2 volumes, Emp. Publ. Independência, São Paulo, 1922.
- IHERING** (Hermann von) —
- 1) *Das neotropische Florengebiet und seine Geschichte*, volume XVII, n.º 5, 1894.
 - 2) *A distribuição dos campos e matas no Brasil*, "Revista do Museu Paulista", volume VII, São Paulo, 1907.
- INSTITUTO ASTRONÔMICO E GEOPÍSICO** — *Boletim Pluviométrico*, São Paulo, 1951.
- INSTITUTO CARTOGRÁFICO CASTIGLIONE** — *São Paulo e arredores*, mapa na escala de 1:100 000, São Paulo, 1944.
- INSTITUTO DE ENGENHARIA DE SÃO PAULO** — *Semana de Debates sobre Energia Elétrica*, Ed. Instituto de Engenharia, São Paulo, 1956.
- INSTITUTO GEORÁFICO E GEOLÓGICO DE SÃO PAULO** — *Carta Geológica do Estado de São Paulo*, São Paulo, 1947.
- INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS** — Ed. Arquivo do Estado de São Paulo.
- IVES** (R. L.) — *Climate of São Paulo, Brazil*, "Science Education", volume 33, n.º 1, New York, fevereiro 1949.

— J —

JAMES (Preston) —

- 1) *Rio de Janeiro and São Paulo*, "Geographical Review", XXIII, New York, 1933.
- 2) *The surface configuration of Southeastern Brazil*, "Annals of Association of American Geographers", volume 33, n.º 3, Albany, 1933.
- 3) *Industrial development in São Paulo State, Brazil*, "Economic Geography", volume XI, Worcester, 1935.
- 4) *The distribution of industries in São Paulo State, Brazil*, "Annals of Association of American Geographers", volume XXV, Lancaster, 1935.
- 5) *Latin America*, Lothrop, Lee & Shepard, New York, 1942.
- 6) *Brazil*, The Odyssey Press, New York, 1946.

J. M. N. — *Aspectos do desenvolvimento da capital*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 24 de dezembro de 1954, e "Paulistânia", n.º 39, São Paulo, março-abril de 1951.

JARDIM (Caio) — *São Paulo no século XVIII*, "Revista do Arquivo Municipal", volume XVI, São Paulo, 1937.

JOCHMANN (João) —

- 1) *Aspectos demográficos do Rio e São Paulo*, "Digesto Econômico", ano I, n.º 7, São Paulo, junho de 1945.
- 2) *Aspectos de nossa indústria*, "O Observador Econômico e Fi-

nanceiro", XIII, n.º 156, Rio de Janeiro, janeiro de 1949.

- 3) *Indústrias inusitadas num Brasil em progresso*, "O Observador Econômico e Financeiro", XIV, n.º 157, Rio de Janeiro, fevereiro de 1949.
- 4) *Artesanato e pequena indústria*, "O Observador Econômico e Financeiro", XV, n.º 173, Rio de Janeiro, junho de 1950.

JOBIM (José) —

- 1) *El Brasil industrial*, Indústria do Livro, Rio de Janeiro, 1940.
- 2) *História das indústrias no Brasil*, Liv. José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1941.

JOI.V (Aylthon Brandão) — *Estudo fitogeográfico dos Campos de Butantã*, tese de doutoramento, Botânica n.º 8, Boletim n.º CIV da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1950.

JÚNIUS — *Em São Paulo: Notas de viagem*, Ed. Dolivais Nunes, São Paulo, 1883.

JUNOT (Lucas R.) —

- 1) *Estudo da temperatura da cidade de São Paulo*, "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", volume II, Rio de Janeiro, 1942.
- 2) *As chuvas da cidade de São Paulo*, "Arquivos de Higiene e Saúde Pública", Ano VII, n.º 18, São Paulo, maio 1943.

— K —

KARFELD (Kurt P.) — *São Paulo*, Álbum com fotografias coloridas, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1954.

KELSEY (Vera)

- 1) *Seven Keys to Brazil*, Funk, & Wagnalls Co., New York, 1940.
- 2) *Brazil in Capitals*, Harper & Brothers Pub., New York, 1942.

KENDREW (W. G.) — *The climates of the Continents*, Oxford University Press, New York, 1942.

KIDDER (Daniel P.) — *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil* (Rio de Janeiro e Província de São Paulo), tradução brasileira de Moacir N. Vasconcelos, 2 volumes, Livraria Martins, São Paulo, 1940.

KIDDER (Daniel P.) e FLETCHER (James C.) — *O Brasil e os Brasi-*

leiros, 2 volumes, tradução brasileira de Elias Dolianiti, Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, São Paulo, 1941.

KNECHT (Teodoro) —

- 1) *Os minérios não metálicos do Estado de São Paulo*, Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo, Boletim n.º 27, São Paulo, 1940.
- 2) *Notas sobre uma ocorrência de pirita no quilômetro 9 da via Anhangüera no município da Capital*, "Revista do Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo", volume I, n.º 1, São Paulo, 1943.
- 3) *Nota sobre as argilas refratárias no bairro dos Meninos de Santo André*, "Revista do Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo", volume II, n.º 2, São Paulo, 1944.
- 4) *As jazidas de wolframita e cassiterita da Serra de São Francisco, município de Sorocaba, Estado de São Paulo*, "Anais

do II Congresso Pan-Americano de Eng. Minas e Geologia" — volume II, Rio de Janeiro, 1946.

- 5) *Constituição geológica e recursos inerais do município de Itapeterica da Serra*, "Revista do Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo", volume VI, n.º 2, São Paulo, 1948.

KOENIGSWALD (Gustavo) — São Paulo, Berlim, 1895.

KOEPPE (Wilhelm) — *Climatologia*, Ed. Fondo de Cultura Economica, Cidade do México, 1948.

KOSERITZ (Carl von) — *Imagens do Brasil*, tradução de Afonso Arinos de Melo Franco, Livraria Martins, São Paulo, 1943.

KUTNER (Marcelo) e PINTO (Mário Custódio de Oliveira) — *Estudo das características mecânicas de uma argila da colina de São Paulo*, "Revista Politécnica" n.º 158, Ano XLVI, São Paulo, setembro-outubro de 1950.

— L —

LAMBERT (Jacques) e PINTO (L. A. Costa) — *Problèmes Démographiques Contemporains*, Tomo I, Atlântica Editôra, Rio de Janeiro, 1944.

LAMBERTI (João) — *Apontamentos para a história do Tucuruvi*, São Paulo, 1941.

LANDRY (Adolphe) *Traité de Démographie*, Ed. Payot, Paris, 1945.

LANGENDONCK (Telêmaco Van) e outros — *O Viaduto Nove de Julho na cidade de São Paulo*, "Revista Politécnica", n.º 158, ano XLVI, São Paulo, setembro-outubro de 1950.

LAPOUGE (Gilles) —

- 1) *A vocação comercial de São Paulo*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
- 2) *A vocação industrial de São Paulo*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.

LAWSON (A. C.) — *Rain-wash erosion in humid regions*, "Bulletin of Geo-

logical Society of America", volume 43, 1932.

LEÃO (Antônio Carneiro) — *São Paulo em 1920*, Ed. Anuário Americano, Rio de Janeiro, 1920.

LEÃO (Mário Lopes) —

- 1) *O crescimento da população da cidade de São Paulo*, "Engenharia" Ano III, n.º 33, São Paulo, 1945.
- 2) *O Metropolitano em São Paulo*, Monografia apresentada ao Instituto de Engenharia de São Paulo, conc. ao prêmio Dr. Euzébio Queiroz Mattoso, São Paulo, 1945.
- 3) *O reerguimento econômico do rio Paraíba e o aproveitamento hidrelétrico de Caraguatatuba*, "Revista do Clube de Engenharia" n.º 231, Rio de Janeiro, novembro 1955.

LEBRET (Padre J. L.) — *Sondagem preliminar a um estudo sobre habitação em São Paulo*, "Revista do Arquívio", volume CXXXIX, São Paulo, 1951.

- LECLERC (Max) — *Cartas do Brasil*, tradução brasileira de Sérgio Milliet, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1942.
- LECOQC (Jean) — *A indústria da madeira no Estado de São Paulo*, "Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros", II, n.º 2, São Paulo, 1942.
- LECOQC (Nice Magalhães) —
- 1) *As indústrias de Sorocaba*, "Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros", II, n.º 2, São Paulo, 1942.
 - 2) *Exploração da madeira na Alta Sorocabana*, "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia" (Conselho Nacional de Geografia), volume IV, Rio de Janeiro, 1944.
- LEINZ (Viktor) —
- 1) *Água subterrânea com referência a São Paulo*, "Ciência e Cultura", volume V, n.º 3, São Paulo, 1953.
 - 2) *Água subterrânea na Bacia de São Paulo*, "Boletim da Sociedade Brasileira de Geologia", volume IV, n.º 2, São Paulo, setembro 1955.
 - 3) *Decomposição das rochas cristalinas na Bacia de São Paulo*, "Anais da Academia Brasileira de Ciências", volume 27, n.º 4, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1955.
- LEITE (Aureliano) —
- 1) *O Cabo-Maior dos Paulistas na Guerra dos Emboabas*, Ed. Martins, São Paulo, 1940.
 - 2) *Pequena História da Casa Verde*, Ed. Pocaí, São Paulo, 1940.
 - 3) *Breve Resumo Cronológico da História de São Paulo*, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1944.
 - 4) *História da Civilização Paulista*, Livraria Martins Editôra, São Paulo, s. d., e Livraria Saraiva, São Paulo, 1954.
 - 5) *A Igreja e o Colégio dos Jesuítas*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 6 de janeiro de 1954.
- LEITE (Serafim, S. J.) —
- 1) *Páginas de História do Brasil*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1937.
 - 2) *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Livraria Portuguesa, Lisboa, 1938.
 - 3) *Novas Cartas Jesuíticas (de Nóbrega a Vieira)*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1940.
 - 4) *A Cidade de São Paulo e a Companhia de Jesus*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
 - 5) *Os Jesuítas na vila de São Paulo*, "Revista do Arquivo Municipal" volume XXI, São Paulo.
- LEME (Alberto Betim Paes) — *O tectonismo da Serra do Mar: a hipótese de uma remodelação terciária*, "Anais da Academia Brasileira de Ciências", tomo II, n.º 3, Rio de Janeiro, 1930.
- LEME (Pedro Taques de Almeida Pais) — *História da Capitania de São Vicente*, Edições Melhoramentos, São Paulo, s. d.
- LEONARDOS (Othon Henry) e OLIVEIRA (Avelino Inácio de) — *Geologia do Brasil*, Ed. do Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura, Imprensa Oficial, Rio de Janeiro, 1943.
- LERRO (Amaury Wilson) e ENGE (Arne) — *Mortalidade de crianças maiores de 1 ano no Estado de São Paulo — 1938-1947*, Departamento Estadual da Criança, Serviço de Estudos e Pesquisas, São Paulo, s. d.
- LEVASSEUR (E.) — *Le Brésil*, Ed. Lamirault & Cia., Paris, 1889.
- LE VOCI (Antônio) e RUDOLFER (Bruno) — *O transporte coletivo na Cidade de São Paulo*, São Paulo, 1943.
- LIMA (Gastão César Bierrenbach) — *Dicionário Geográfico do Estado de São Paulo*, Instituto Geográfico e Geológico, São Paulo, 1943.
- LIMA (Heitor Ferreira) —
- 1) *A indústria nacional: seu passado e seu presente*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 27 de janeiro de 1944.
 - 2) *São Paulo e seu parque manufatureiro*, "Suplemento Comercial e Industrial de 'O Estado de São Paulo'", I, n.º 1, São Paulo, 1948.
 - 3) *São Paulo: evolução industrial em meio século*, "O Observa-

- dor Econômico e Financeiro", XVII, n.º 200, Rio de Janeiro, setembro de 1952.
- 4) *A indústria paulista em quatrocentos anos*, "Diário de São Paulo" São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
 - 5) *A evolução industrial de São Paulo*, Livraria Martins, São Paulo, 1954.
- LIMA (Madre Rosa de) — *Habitações e povoados na região de Perus*, "Anuário da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", São Paulo, 1943.
- LIMA JÚNIOR (Augusto de) — *Ligeiras notas sobre arte religiosa no Brasil*, "Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", n.º 2, Rio de Janeiro.
- LINGUANOTTO (Daniel) —
- 1) *IV Centenário de São Paulo*, "Manchete", n.º 92, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1954.
 - 2) *Os Nisei entre dois mundos*, "Manchete", Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1954.
- LIVRARIA GARNIER — *Almanaque Brasileiro*, Ano V, Livraria Garnier, Rio de Janeiro, 1907.
- LIVRARIA MARTINS — *Guia pitoresco e turístico de São Paulo*, São Paulo, s. d.
- LYOYD (Reginald) — *Impressões do Brasil no Século XX*, Lloyd's Greater Britain Pub. Company, Londres, 1913.
- LOBO (Bruno) — *Japoneses no Japão e no Brasil*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1920.
- LODI (Carlos) — *Sviluppo e Problemi di San Paolo*, "Urbanistica", Istit-

tuto Nazionali di Urbanistica, n.º 7, Roma, 1951.

LÖFGREN (A.) —

- 1) *Contribuição para a Botânica Paulista — Região campestre*, "Boletim da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo", 5, São Paulo, 1890.
- 2) *Ensaio para uma distribuição das vegetais nos diversos grupos florísticos no Estado de São Paulo*, "Boletim da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo", 2.ª edição, São Paulo, 1898.
- 3) *La Flore de Saint Paul*, "Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas", n.º 2, ano V, Campinas, 1906.
- 4) *Géographie Botanique de la Flore de Saint Paul*, "Anais da 3.ª Reunião do Congresso Científico Latino-Americano", tomo III, Rio de Janeiro, 1909.

LÖFGREN (A.) e EVERETT (H. L.) — *Análises de Plantas. Ensaio para uma Botânica Descritiva das Espécies mais frequentes em São Paulo e outros Estados do Brasil*, São Paulo, 1905.

LOMONACO (Alfonso) — *Al Brasile*, Valardi, Milão, 1889.

LUNA (D. Joaquim G.) — *Os Monges Beneditinos no Brasil*, s. d.

LUNÉ (Antônio José Batista de) e FONSECA (Paulo Delfino) — *Almanaque da Província de São Paulo para 1873*, São Paulo, 1873.

— M —

- MACGREERY e BINUM — *The coffee industry in Brazil*, Foreign and Domestic Commerce, Washington, D. C., 1929.
- MACHADO (J. de Alcântara) — *Vida e Morte do Bandeirante*, Revista dos Tribunais, São Paulo, 1929, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1943.
- MACOLA (Ferruccio) — *L'Europa alla conquista dell'America Latina*, Ed. Ferdinando Ougania, Venezia, 1894.

MAGALHÃES (Basílio de) —

- 1) *O Estado de São Paulo e seu progresso na atualidade*, Ed. "O Jornal do Comércio", Rio de Janeiro, 1913.
- 2) *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*, Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, São Paulo, 1935.

MAIA (Francisco Prestes) —

- 1) *Plano de Avenidas para a cidade de São Paulo*, Companhia

- Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, 1930.
- 2) *O zoneamento urbano*, Ed. Sociedade Amigos da Cidade, São Paulo 1936.
 - 3) *Os melhoramentos de São Paulo*, Gráfica da Prefeitura de São Paulo, São Paulo, 1942.
 - 4) *Os grandes problemas urbanísticos de São Paulo*, "Digesto Econômico", n.º 96 a 102, São Paulo, 1952-1953.
 - 5) *São Paulo no IV Centenário*, introdução à obra de Kurt P. Karfeld, "São Paulo", Edições Melhoramentos, São Paulo, 1954.
- MANO (Alda) — *Relações entre o tráfico suburbano da E. F. Sorocabana e o povoamento da região de São Paulo-São Roque*, "Anuário da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", São Paulo, 1952-53.
- MAPA TOPOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO — Executado pela Empresa Sara do Brasil S. A., pelo método Nistri de aerofotogrametria, nas escalas de 1 : 20 000 e 1 : 5 000, São Paulo, 1930.
- MAPA DO MUNICÍPIO DA CIDADE DE SÃO PAULO — Organizado por L. Strina & Cia., na escala de 1:20 000, São Paulo, 1944.
- MAPA DAS DENSIDADES DEMOGRÁFICAS — Organizado pelo Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo para a C. M. T. C., com base nos censos de 1934, 1940 e 1950, São Paulo, 1952.
- MARC (Alfred) — *Le Brésil: excursion à travers ses 20 provinces*, Argolo Ferrão Ed., Paris, 1889.
- MARÇAL (Heitor) — *Capitais estrangeiros no Brasil*, "O Observador Econômico e Financeiro", XII, n.º 137, Rio de Janeiro, junho de 1947.
- MARQUES (Abílio A.) — *Indicador de São Paulo, administrativo, judicial, industrial, comercial, para o ano de 1878, acompanhado de mapa topográfico da cidade, município e comarca de São Paulo e da carta das estradas de ferro da Província*, Tip. de Jorge Seckler, São Paulo, 1878.
- MARQUES (Cícero) —
- 1) *Tempos passados...*, Ed. Moema, São Paulo, 1942.
 - 2) *De Pastora a Rainha: memórias*, Ed. Rádio Panamericana, São Paulo, 1944.
- MARQUES (Manuel Eufrásio de Azevedo) — *Apointamentos Históricas, Geográficas, Biográficas, Estatísticas, e Noticiosas da Província de São Paulo*, 2 volumes, Tipografia Laemmert, Rio de Janeiro, 1879; Livraria Martins, São Paulo, 1952.
- MARTIN (Jules), PESTANA (N. R.) e VANORDEN (H.) — *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno*, São Paulo, 1905.
- MARTINS (Antônio Egídio) — *São Paulo Antigo (1554-1910)*, 2 volumes. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1911-1912.
- MARTIUS (C. F. P. von) — *Die Physiognomis des Pflanzensreiches in Brasilien*, tradução portuguesa de E. Niemeyer e C. Stellfeld, "Arquivos do Museu Paranaense", volume III, Curitiba, 1943.
- MARTIUS (C. F. P. von), ENDLICHER (S.), EICHLER (A.) e URBAN (J.) — *Flora Brasiliensis*, 1840-1903.
- MARTIUS (C. F. P. von) e SPIX (J. B. Von) —
- 1) *Viagens de São Paulo à Fábrica de Ferro de Ipanema*, "Revista Museu Paulista", Tomo XVI, São Paulo, 1929.
 - 2) *Viagem pelo Brasil*, 4 tomos, tradução portuguesa de Lúcia Furquim Lahmeyer, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938.
- MARTONNE (Emmanuel de) —
- 1) *Abrupts de faille et captures récents. La Serra do Mar de Santos et l'espinausse*, "Bulletin de l'Association des Géographes Français", n.º 74, Paris, 1933.
 - 2) *Traité de Géographie Physique* — tomo I, Lib. Armand Colin, Paris, 1934.
 - 3) *Problèmes morphologiques du Brésil tropical atlantique*, "Annales de Géographie", n.º 277, ano 49, Paris, 1940.
- MATOS (Odilon Nogueira de) —
- 1) *A evolução ferroviária de São Paulo*, "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geogra-

- fia", volume IV, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1944.
- 2) *A cidade de São Paulo no século XIX*, "Revista de História", volume X, n.º 21 e 22, São Paulo, janeiro-junho 1955.
- MATTOS (J. N. Belfort de) —
- 1) *Breve notícia sobre o clima de São Paulo*, Boletim n.º 17 da Comissão Geográfica e Geológica do Estado, São Paulo, 1906.
 - 2) *Contribuição para o clima de São Paulo*, Boletim da Sociedade de Agricultura, São Paulo, 1918.
 - 3) *O clima de São Paulo*, Boletim n.º 48, série II, do Serviço Meteorológico do Estado de São Paulo, São Paulo, 1925.
- MAURY (C.) — *New genera and new species of fossil terrestrial Mollusca from Brazil*, American Museum, Novitates n.º 764, New York, 1935.
- MAWE (John) —
- 1) *Travels in the interior of Brazil, particularly in the gold and diamond Districts of that country, by authority of the Regent of Portugal*, Longman Green & Co., London, 1812.
 - 2) *Viagens ao Interior do Brasil, principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes*, tradução brasileira de Solena Benevides Viana, introdução e notas de Clado Ribeiro Lessa, edição Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1944.
- MEDEIROS (F. L. d'Abreu) — *Curiosidades Brasileiras*, Tipografia Laemmert, Rio de Janeiro, 1864.
- MEDINA (José) — *São Paulo, o que foi e o que é* Ind. Graf. Donato, São Paulo, 1954.
- MELO (Afrânio C.) — *O parque industrial do Brasil em 1940*, "O Observador Econômico e Financeiro", XIII, n.º 147, Rio de Janeiro, abril 1948.
- MELO (Astrogildo Rodrigues de) — *Imigração e colonização* (Os japoneses em São Paulo), "Geografia", (Associação dos Geógrafos Brasileiros), ano I, n.º 4, São Paulo, 1935.
- MELLO (Randolpho Homem de) — *Água em São Paulo*, "Revista do Arquivo Municipal", volume 14, São Paulo, 1935.
- MENDES (Amando) — *São Paulo e a industrialização da borracha*, "Digesto Econômico", III, n.º 25, São Paulo, dezembro 1946.
- MENDES (Josué Camargo) —
- 1) *As pseudo-estruturas limoníticas do plioceno de São Paulo*, "Mineração e Metalurgia", volume VII, n.º 36, Rio de Janeiro, 1943.
 - 2) *Sobre a indústria do carvão mineral em São Paulo*, "Digesto Econômico", I, n.º 5, São Paulo, abril de 1945.
 - 3) *O problema da idade das camadas de São Paulo*, "Boletim Paulista de Geografia" n.º 5, São Paulo, julho de 1950.
- MENDES (Renato da Silveira) — *As estradas de rodagem de São Paulo*, "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", volume IV, ed. do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1944.
- MENDES SOBRINHO (Octávio Teixeira) e ALMEIDA (Vicente Untzer de) — *Migração Rural-Urbana*, Diretoria de Publicidade Agrícola, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, São Paulo, 1951.
- MENDONÇA (Mércia) — *A cidade de Pod*, trabalho apresentado às cadeiras do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, inédito, São Paulo, 1956.
- MENEZES (Raimundo de) — *Histórias da História de São Paulo*, Companhia Melhoramentos, São Paulo, 1954.
- MENUCCI (Sud) —
- 1) *O Município da Capital*, "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo", como IV, São Paulo, 1934.
 - 2) *São Paulo, Município Gigante*, "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo", como XII, São Paulo, 1935.
- MEZZALARA (Sérgio) — *Ocorrência de vegetais fósseis no município de São Paulo*, "Mineração e Metalurgia", volume XIV, n.º 84, Rio de Janeiro, 1950.

MICHALANY (Douglas) — *São Paulo no limiar do seu V século*, com desenhos de Jan Eckschmidt, Gráfica Editôra Michalany Ltda., São Paulo, 1955.

MIDKIFF (Harold), WYTHE (George) e WIGHT (Royce A.) — *Brasil, uma economia em expansão*, Ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1953.

MILANO (Miguel) — *Os fantasmas de São Paulo antigo*, Liv. Saraiva, São Paulo, 1949.

MILLIET (Sérgio) —

- 1) *Desenvolvimento da pequena propriedade no Estado de São Paulo*, São Paulo, 1939.
- 2) *Roteiro do Café e outros ensaios*, Departamento de Cultura, São Paulo, 1941.
- 3) *O Negro em São Paulo*, "O Observador Econômico e Financeiro", n.º 72, Rio de Janeiro, 1942.

MIRANDA (José Tavares de) e SELIAR (Salomão) — *São Paulo, a cidade que mais cresce no mundo*, "Manchete", n.º 14, Rio de Janeiro, 26 julho 1952.

MONBEIG (Pierre) —

- 1) *O estudo geográfico das cidades* — "Revista do Arquivo Municipal" Ano VII, volume LXXIII, São Paulo, janeiro 1941.
- 2) *A divisão regional do Estado de São Paulo*, "Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros", volume I (1945-1946), São Paulo, 1949.
- 3) *La ville de Saint-Paul*, "Révue de Géographie de Lyon", ano XXV, n.º 4, Lyon, 1950.
- 4) *Pionniers et Planteurs de São Paulo*, Lib. Armand Colin, Paris, 1952.
- 5) *La croissance de la ville de São Paulo*, "Inst. et Rev. de Géographie Alpine", Imp. Allier, Grenoble, 1953.
- 6) *Aspectos geográficos do crescimento da cidade de São Paulo*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro de 1954; e "Boletim Paulista de Geografia", n.º 16, São Paulo, 1954.

MONT'ALEGRE (Omer) — *Situação do artesanato*, "O Observador Econômico e Financeiro", IX, n.º 105, Rio de Janeiro, outubro de 1944.

MONTEIRO (Zenon Fleuri) — *Reconstituição do Caminho de Carro para Santo Amaro*, Prefeitura Municipal, 1943.

MOREL (Charles) — *Province de São Paulo*, Gaspar da Silva ed., Rio de Janeiro, 1888.

MORIZE (Henrique) — *Contribuição ao estudo do clima do Brasil*, Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro, volume I, Rio de Janeiro, 1922.

MORSE (Richard N.) —

- 1) *São Paulo, raízes oitocentistas da metrópole*, "Anais do Museu Paulista", XIV, São Paulo, 1950.
- 2) *São Paulo in the nineteenth century: economic roots of the metropolis*, "Inter-American Economic Affairs", V, n.º 3, 1951.
- 3) *A cidade de São Paulo no período 1855-1890*, "Sociologia", volume XIII, n.ºs 3-4 e volume XIV, n.ºs 1-2, São Paulo, 1951 e 1952.

MORTARA (Giorgio) —

- 1) *Estudos Brasileiros de Demografia*, monografia n.º 3, Ano I, volume I, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, julho 1947.
- 2) *A Imigração Italiana no Brasil e algumas características demográficas do grupo italiano de São Paulo*, separata da "Revista Brasileira de Estatística", Ano XI, n.º 48, Rio de Janeiro, 1950.

MOTA (Otoniel) — *Do Rancho ao Palácio: Evolução da civilização paulista*, Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, São Paulo, 1941.

MOTA FILHO (Cândido) — *Aspectos da cidade*, "Diário de São Paulo", São Paulo, 2 de dezembro de 1947.

MOURA (Francisco Inácio Xavier de Assis) — *Almanaque Administrativo, Comercial e Industrial da Província de São Paulo para o ano Bissexto de 1884*, Tip. Jorge Seckler & Cia., São Paulo, 1883.

MOURA (Gentil de Assis) —

- 1) *Santo André da Borda do Campo*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", XIV, São Paulo, 1912.
- 2) *As Bandeiras Paulistas*, ed. "O Pensamento", São Paulo, 1914.

MOURA (Paulo Cursino de) — *São Paulo de Outrora: Evocações da metrópole e psicologia das ruas*, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1932; e Livraria Martins, 2.^a edição, São Paulo, 1943.

MÜLLER (Daniel Pedro) — *Ensaio d'um Quadro Estatístico da Provin-*

cia de São Paulo (1836-1837), Tip. Costa da Silveira, São Paulo, 1838; reedição de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 1923.

MÜLLER (Nice Lecoq) —

- 1) *Função econômica da cidade de Sorocaba*, "Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia" (Conselho Nacional de Geografia), volume III, Rio de Janeiro, 1952.
- 2) *Em menos de um século, a cidade de São Paulo viu alterar-se profundamente sua fisionomia urbana*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 16, São Paulo, março 1954.

— N —

NARDY FILHO (F.) — *A primeira fábrica de tecidos a vapor em São Paulo*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 30 de março de 1944.

NEMÉSIO (Vitorino) — *O Campo de São Paulo (A Companhia de Jesus e o plano português do Brasil)*, Lisboa, 1954.

NIEMEYER (Valdir) — *O Brasil e seu mercado interno*, A. Coelho Branco Filho Editôra, Rio de Janeiro, 1948.

NIEMEYER (Valdir) — *O japonês na Brasil*, Ed. Brasil Lux, Rio de Janeiro, 1925.

NÓBREGA (Manuel da) — *Cartas do Brasil*, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1931.

NÓBREGA (Melo) — *História de um rio — o Tietê*, Livraria Martins Editôra, São Paulo, s. d.

NOGUEIRA (Emília da Costa) e NUNES (Francisca M.) — *Propriedades de japoneses na região de Cotia*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 9, São Paulo, outubro de 1951, e

"Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros", volume V, tomo I (1950-1951), São Paulo, 1953.

NOGUEIRA (J. L. de Almeida) — *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências*, 9 volumes, São Paulo, 1907-1912.

NOGUEIRA (O. Pupo) —

- 1) *Em torno de uma estatística industrial*, "O Observador Econômico e Financeiro", I, n.º 12, Rio de Janeiro, janeiro 1937.
- 2) *As indústrias têxteis*, "O Observador Econômico e Financeiro", IX, n.º 103, Rio de Janeiro, agosto de 1944.

NUNES (Francisca M.) e NOGUEIRA (Emília da Costa) — *Propriedades de japoneses na Região de Cotia*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 9, São Paulo, outubro de 1951, e "Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros", volume V, tomo I (1950-1951), São Paulo, 1953.

— O —

OCTAVIO (Rodrigo) — *Minhas memórias dos outros*, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1934.

O ESTADO DE SÃO PAULO —

- 1) *A escassez da energia elétrica no interior do Estado*, São Paulo, 16 de julho de 1949.

2) *A nova usina hidrelétrica de Americana*, São Paulo, 20 de novembro de 1949.

3) *Aumento da produção de energia elétrica no vale do Paraíba*, São Paulo, 20 de março de 1952.

- 4) *Indústria de tecidos de lã em São Paulo*, "Suplemento Comercial e Industrial", IV, n.º 39, São Paulo, abril de 1952.
 - 5) *Usina hidrelétrica de Salto Grande*, São Paulo, 5 de outubro de 1952.
 - 6) *Há sessenta anos faz-se ouvir nos acontecimentos de maior relevância para a vida do Estado e do País*, São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
 - 7) *Os estrangeiros em São Paulo* (Dados do Serviço de Estatística da Delegacia Especializada de Estrangeiros do Departamento de Ordem Política e Social da Secretaria da Segurança Pública), São Paulo, 22 de dezembro de 1955.
- OLIVEIRA (Avelino Inácio de) e LEONARDOS (Othon Henry) — *Geologia do Brasil*, ed. do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1943.
- OLIVEIRA (J. J. Machado d') —
- 1) *Informação sobre o estado da indústria na Província de São Paulo*, "O Industrial Paulistano", São Paulo, 1856.
 - 2) *Quadro Histórico da Província de São Paulo até 1822*, Tipografia Brasil, 2.ª edição, São Paulo, 1897.
- O OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO —
- 1) *Piqueri*, Ano II, n.º 19, Rio de Janeiro, 1937.
 - 2) *O progresso industrial de São Paulo*, Ano III, n.º 32, Rio de Janeiro, setembro de 1938.
 - 3) *Como se classificam as indústrias paulistas pelos capitais invertidos*, Ano III, n.º 34, Rio de Janeiro, novembro de 1938.
 - 4) *A indústria paulista*, Ano III, n.º 34, Rio de Janeiro, novembro de 1938.
 - 5) *A juta brasileira*, Ano III, n.º 35, São Paulo, dezembro de 1938.
 - 6) *A produção industrial do Estado de São Paulo*, Ano III, n.º 36, Rio de Janeiro, janeiro de 1939.
 - 7) *As construções em São Paulo*, Ano IV, n.º 44, Rio de Janeiro, setembro de 1939.
 - 8) *Construções na Capital de São Paulo*, Ano V, n.º 50 e 52, Rio de Janeiro, março e junho de 1940.
 - 9) *O chumbo brasileiro*, Ano V, n.º 60, Rio de Janeiro, janeiro de 1941; e IPT (separata), São Paulo, 1941.
 - 10) *São Paulo e a sericultura*, Ano VI, n.º 71, Rio de Janeiro, dezembro de 1941.
 - 11) *Santo André — Sua importância econômica e seus problemas*, Ano VI, n.º 72, Rio de Janeiro, janeiro 1942.
 - 12) *Edificações na cidade de São Paulo em 1941*, Ano VII, n.º 79, Rio de Janeiro, agosto de 1942.
 - 13) *As indústrias paulistas*, Ano VII, n.º 81, Rio de Janeiro, outubro de 1942.
 - 14) *Manufaturas paulistas*, Ano VII, n.º 81, Rio de Janeiro, outubro de 1942.
 - 15) *A nossa revolução industrial*, Ano VII, n.º 84, Rio de Janeiro, janeiro de 1943.
 - 16) *Transporte coletivo em São Paulo*, Ano VIII, n.º 91, Rio de Janeiro, agosto de 1943.
 - 17) *Cimento indústria pioneira*, Ano VIII, n.º 95, Rio de Janeiro, dezembro de 1943.
 - 18) *Congresso Brasileiro de Indústria*, Ano IX, n.º 108, Rio de Janeiro, janeiro de 1945.
 - 19) *O cimento substitui o ferro*, Ano X, n.º 110, Rio de Janeiro, março de 1945.
 - 20) *O cimento e a economia nacional*, Ano X, n.º 110, Rio de Janeiro, março de 1945.
 - 21) *Conquistas e recuos do tecido nacional*, Ano X, n.º 113, Rio de Janeiro, junho de 1945.
 - 22) *Cumbica, cidade industrial satélite de São Paulo*, Ano XI, n.º 123, Rio de Janeiro, abril de 1946.
 - 23) *A usina hidrelétrica mais moderna da América do Sul (Avanhandava)*, Ano XII, n.º 140, Rio de Janeiro, setembro de 1947.
 - 24) *Cotia — Vinte anos de trabalho e pertinência*, Ano XII, n.º 140, Rio de Janeiro, setembro de 1947.

- 25) *Desenvolvimento da siderurgia em São Paulo*, Ano XII, n.º 141, Rio de Janeiro, outubro de 1947.
- 26) *Evolução urbanística de São Paulo*, Ano XIII, n.º 145, Rio de Janeiro, fevereiro de 1948.
- 27) *Aspectos do desenvolvimento industrial do Brasil*, Ano XIII,

n.º 155, Rio de Janeiro, dezembro de 1948.

- 28) *O crescimento da cidade de São Paulo*, Ano XV, n.º 180, Rio de Janeiro, janeiro de 1951.

ORLANDO (Pedro) — *Anuário de São Paulo*, Ed. Clássico-Científica, São Paulo, 1948.

— P —

PACI (Giuseppina) — *Sotto la Croce del Sud — Lo Stato di San Paolo, Brasile*, Ed. Antonio Tisi, São Paulo, 1929.

PADUA (Ciro T. de) — *O Negro em São Paulo*, "Revista do Arquivo", volume LXXVII, São Paulo, 1941.

PAGANO (Aúthos) — *O efetivo demográfico de São Paulo na data do IV Centenário*, "Correio Paulistano", 24 de janeiro de 1954.

PAIXÃO (Moacyr) —

- 1) *Mercado interno para a indústria nacional*, "Digesto Econômico", V, n.º 57, São Paulo, agosto de 1949.
- 2) *Capitais estrangeiros dominam a economia nacional*, "Digesto Econômico", VI, n.º 70, São Paulo, setembro de 1950.

PARDÉ (Maurice) — *Fleuves et Rivières*, Lib. Armand Colin, Paris, 1947.

PAULA (Eurípedes Simões de) — *Contribuição monográfica para o estudo da segunda fundação de São Paulo: da pequena cidade de há meio século à grande metrópole de hoje*, "Fôlha da Manhã", São Paulo, 25 de janeiro de 1936 e "Revista de História", São Paulo, 1954.

PAULISTÂNIA —

- 1) *São Paulo de ontem, São Paulo de hoje: portafólio da evolução da Capital paulista desde os seus primórdios até os dias presentes*, n.º 38, São Paulo, janeiro-fevereiro de 1951.
- 2) *O crescimento da cidade*, n.º 40, São Paulo, maio-junho de 1951.
- 3) *A retificação do rio Tietê*, n.º 41, São Paulo, julho-agosto de 1951.

PECONICK (J. A.) — *Energia a preço compatível com o desenvolvimento econômico*, Boletim CEMIG, Ano III, n.º 6, São Paulo.

PEDROSA (Carlos) — *Metrópoles do Brasil: São Paulo*, separata de "Cultura Política", Rio de Janeiro.

PENTEADO (Antônio Rocha) e FLORENCIANO (Paulo C.) — *Paisagens do Tietê*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 6, São Paulo, outubro de 1950.

PEREIRA (Batista) —

- 1) *A Cidade de Anchieta*, "Revista do Arquivo Municipal", volume XXIII, São Paulo, 1936.
- 2) *Piratininga no século XVI*, "Revista do Arquivo Municipal", volume XLIII, São Paulo.

PESTANA (Paulo Rangel) — *A Capital Paulista comemorando o Centenário da Independência*, Sociedade Editora Independência, São Paulo, 1920.

PESTANA (N. R.), MARTIN (Jules) e VANORDEN (H.) — *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno*, São Paulo, 1905.

PETRONE (Pasquale) —

- 1) *Ensaio sobre a função industrial de São Paulo*, "Paralelos", n.º 6, São Paulo, 1947.
- 2) *Breve estudo sobre o sítio urbano de São Paulo*, "Filosofia, Ciências e Letras", Ano XII, n.º 12, São Paulo, 1948.
- 3) *As indústrias paulistas e os fatores de sua expansão*, "Boletim Paulista de Geografia", n.º 14, São Paulo, julho de 1953.
- 4) *A cidade de São Paulo no século XX*, "Revista de História", volume X, n.º 21-22, São Paulo, janeiro-junho de 1955.

- PICCAROLO (Antônio) e FINOCCHI (Lino) — *Desenvolvimento industrial de São Paulo através da Primeira Exposição Municipal*, Pócaí, São Paulo, 1918.
- PICHLER (Ernesto) — *Estudo regional dos solos de São Paulo*, "Revista Politécnica", n.º 156, Ano XLVI, São Paulo, fevereiro de 1950.
- PIERSON (Donald) —
- 1) *Habitacões de São Paulo* (Estudo comparativo), "Revista do Arquivo", volume LXXXI, São Paulo, janeiro-fevereiro de 1942.
 - 2) *Um estudo comparativo da habitação em São Paulo*, "Revista do Arquivo", volume LXXXII, São Paulo, março-abril de 1942.
 - 3) *Hábitos alimentares em São Paulo*, "Revista do Arquivo", volume XCVIII, São Paulo, 1944.
- PIMENTA (Maria Antonieta de Arruda) — *Itaquera: contribuição para o estudo de um núcleo urbano*, trabalho apresentado às Cadêiras do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, inédito, São Paulo, 1956.
- PINHEIRO (Joaquim Gil) — *Memórias de M'Boy* (Etnográficas, históricas e etimológicas), Ed. Moderna, São Paulo, 1911.
- PINTO (Adolfo Augusto) — *A transformação e o embelezamento de São Paulo*, Tip. Cardoso Filho & Cia., São Paulo, 1912.
- PINTO (Alfredo Moreira) —
- 1) *A Província de São Paulo*, 2 volumes, São Paulo, 1884.
 - 2) *Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil*, 3 volumes, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1894-1899.
 - 3) *São Paulo em 1899* (Corografia do Estado para servir com o mapa de São Paulo de Artur H. O'Leary), Livraria Alves, Rio de Janeiro, 1899.
 - 4) *A Cidade de São Paulo em 1900: Impressões de Viagem*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1900.
- PINTO (Álvaro) — *São Paulo, cidade vertiginosa*, Lisboa, 1937.
- PINTO (L. A. Costa) e LAMBERT (Jacques) — *Problèmes Démographiques Contemporains*, tomo I, Atlântica Editôra, Rio de Janeiro, 1944.
- PINTO (Mário Custódio de Oliveira) e KUTNER (Marcelo) — *Estudo das características mecânicas de uma argila da colina de São Paulo*, "Revista Politécnica", n.º 158, Ano XLVI, São Paulo, setembro-outubro de 1950.
- PITTA (Sebastião da Rocha) — *História da América Portuguesa*, volume XXX da coleção "Clássica Jackson", W. M. Jackson Inc., Rio de Janeiro, 1950.
- PIZZA (Antônio de Toledo) —
- 1) *A Igreja do Colégio da Capital do Estado de São Paulo*, "Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro", volume LVIII, tomo LIX, Rio de Janeiro, 1896.
 - 2) *O Tenente-General Arouche Rendon*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", São Paulo.
- PIZZA (Marcelo) — *Os Municípios do Estado de São Paulo -- Informações interessantes*, ed. do Departamento Estadual do Trabalho, Tip. Brasil, São Paulo, 1924.
- PLANTA DA IMPERIAL CIDADE DE SÃO PAULO — Levantada em 1810 pelo Cap. de Engenheiros Rufino J. Felizardo da Costa e copiada em 1841, com tôdas as alterações, São Paulo, 1841.
- PLANTA CADASTRAL DA CIDADE DE SÃO PAULO — Elaborada pela Companhia Cantareira, na escala de 1:20 000, São Paulo, 1881.
- PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO — Elaborada por Jules Martin, São Paulo, 1881.
- PLANTA GERAL DA CAPITAL DE SÃO PAULO — Organizada sob a direção do Dr. Gomes Cardim, Intendente de Obras, na escala de 1:20 000, São Paulo, 1897.
- PLANTA GERAL DA CIDADE DE SÃO PAULO —
- 1) Levantada e organizada pelo eng.º civil Alexandre Mariano Cococi e Luiz Frutuoso da Costa, na escala de 1:20 000, São Paulo, 1905 e 1913.

- 2) Organizada pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado, sendo chefe o eng.º João Pedro Cardoso, na escala de 1 : 20 000, São Paulo, 1914.

PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO —

- 1) Levantada pela Divisão Cadastral da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal, ed. provisória na escala de 1:20 000, São Paulo, 1916.
- 2) Com todos os arrabaldes e terrenos arruados, executada por Waldomiro Gonçalves, na escala de 1:26 000, São Paulo, 1924.
- 3) Organizada pela Repartição de Águas e Esgotos, na escala de 1:200 000, São Paulo, 1929.

PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO E MUNICÍPIOS CIRCUNVIZINHOS — Organizada pela Repartição de Eletricidade da "Light and Power", na escala de 1:40 000, São Paulo, 1926—1927.

PLANTA DE SÃO PAULO — por José Castiglione, na escala de 1:20 000, São Paulo, 1941.

POMPEIA (Jonas) — *Usina eletro-siderometalúrgica de Ribeirão Preto*, "Jornal de Debates", Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1947.

PRADO (João Batista de Almeida) e SOARES (Antenor Azevedo) — *Relatório, sob a administração Pires do Rio*, São Paulo, 1930.

PRADO (J. F. de Almeida) —

- 1) *São Paulo antigo e sua arquitetura*, "Ilustração Brasileira", Rio de Janeiro, 1929.
- 2) *A viagem a São Paulo de Tomás Ender*, "Diário de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.

PRADO (Paulo) — *Paulística*, Editôra Monteiro Lobato, São Paulo, 1925.

PRADO JÚNIOR (Caio) —

- 1) *O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo*, "Geografia", Ano I, n.º 3, São Paulo, 1935; "Revista do Arquivo Municipal", volume XIX, São Paulo, 1936; e "Evolução Política do Brasil e outros estudos", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1953.
- 2) *Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo*, "Estudos Brasileiros", Ano III, volume VII, n.º 19—21, Rio de Janeiro, 1941; cap. de "Evolução Política do Brasil e outros Estudos", Ed. Brasiliense, São Paulo, 1953.
- 3) *Formação do Brasil Contemporâneo*, Editôra Brasiliense, 2.ª edição, São Paulo, 1945.
- 4) *História Econômica do Brasil*, Editôra Brasiliense, São Paulo, 1945.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO —

- 1) *Melhoramentos da Capital* — 1911—1913, São Paulo.
- 2) *Coletânea de Leis, Decretos, Atos, Contratos, Termos, Regulamentos, Ofícios, etc. referentes aos serviços da "The São Paulo Light and Power"*, Volume I, São Paulo, julho de 1939.
- 3) *Decreto n.º 3783*, de 5 de julho de 1949, que estabelece a demarcação do Perímetro Central da cidade de São Paulo, São Paulo, 1943.

PUBLICIDADE INDEPENDÊNCIA EDITÔRA — *São Paulo e seus homens no Centenário*, 2 volumes, São Paulo, 1922.

— Q —

QUEIROZ (Plínio de) — *A utilização dos recursos hidráulicos do Vale do Paraíba*, "Revista do Clube de Engenharia", n.º 231, Rio de Janeiro, novembro de 1955.

QUEIROZ (Vitorino Seixas) e ARANTES JÚNIOR (Lourenço) — *Os Municípios do Estado de São Paulo — Informações interessantes*, Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, São Paulo, 1933.

— R —

- RADO (George) — *São Paulo, fastest growing city in the world*, Liv. Kosmos, São Paulo, 1954.
- RAFFARD (Henrique) — *Alguns dias na Paulicéia*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", LV, 2.ª parte, Rio de Janeiro.
- RATISBONA (Leandro) e SERRA (Adalberto) — *As massas de ar da América do Sul*, Serviço Nacional de Meteorologia, Rio de Janeiro, 1942.
- RAWITSCHER (Felix) —
- 1) *Problemas de Fitoecologia com considerações especiais sobre o Brasil Meridional*, — 1.ª parte, Botânica n.º 3, Boletim n.º XXVIII da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1942.
 - 2) *Problemas de Fitoecologia com considerações especiais sobre o Brasil Meridional* — 2.ª parte, Botânica n.º 4, Boletim XLI da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1944.
- RECLUS (Elisée) —
- 1) *Nouvelle Géographie Universelle*, volume XIX, Lib. Hachette, Paris, 1894.
 - 2) *Estados Unidos do Brasil*, tradução brasileira de Ramiz Galvão, H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 1900.
- REGISTRO GERAL da Câmara da Cidade de São Paulo — Arquivo Municipal de São Paulo e Departamento de Cultura de São Paulo.
- REGISTRO PAROQUIAL DE COTIA.
- REGO (Luiz Flores de Moraes) —
- 1) *Notas sobre a geomorfologia de São Paulo e sua gênese*, Instituto Astronômico e Geofísico de São Paulo, São Paulo, 1932.
 - 2) *As formações cenozóicas de São Paulo*, "Anuário da Escola Politécnica de São Paulo", São Paulo, 1933.
 - 3) *As argilas de São Paulo*, "Boletim do Instituto de Engenharia de São Paulo", volume 21, n.º 111, São Paulo, 1935.
- 4) *Considerações preliminares sobre a gênese e a distribuição dos solos do Estado de São Paulo*, "Geografia" n.º 1, ano I, São Paulo, 1935; e "Boletim Geográfico", n.º 27, Rio de Janeiro, julho 1945.
 - 5) *A Geologia do Estado de São Paulo*, separatas de Boletins do D. E. R., São Paulo, 1937-1941.
- REGO (L. F. de Moraes) e ALMEIDA (Fernando F. M. de) — *Seção geológica de Capela da Ribeira a Curitiba*, "Geologia e Metalurgia", n.º 3, São Paulo.
- REGO (L. F. de Moraes) e SANTOS (T. Souza) — *Contribuição para o estudo dos granitos da Serra da Cantareira*, Boletim n.º 18 do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, São Paulo, junho de 1938.
- RENDON (José Arouche de Toledo) —
- 1) *Memórias sobre aldeias dos Índios da Província de São Paulo, segundo observações feitas no ano de 1798*, "Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro", Tomo IV, n.º 13, Rio de Janeiro, 1842.
 - 2) *Reflexões sobre o estado em que se acha a agricultura na Capitania de São Paulo*, "Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo", XLIX, São Paulo.
- REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL —
- 1) *São Paulo de cem anos atrás e de hoje*, Ano I, São Paulo, 1934.
 - 2) *Itapeverica, a pequena cidade que os séculos contemplam*, Ano I, volume III, São Paulo, 1934.
 - 3) Documento n.º LIII, n.º XI, São Paulo.
- REZENDE (Francisco de Paula Ferreira de) — *Minhas recordações*, Liv. José Olímpio, São Paulo, 1944.
- RIBEIRO (José) — *Tecidos "made in Brazil" presentes em 30 mercados*, "O Observador Econômico e Financeiro", XIII, n.º 147, Rio de Janeiro, abril de 1948.
- RIBEIRO (José Jacinto) — *Cronologia Paulista ou Relação Histórica dos*

Fatos mais importantes ocorridos em São Paulo desde a chegada de Martin Afonso de Sousa a São Vicente até 1898, 2 volumes, São Paulo, 1899-1901.

RIBEIRO (Luís David) — *Guia Católico da Arquidiocese de São Paulo*, Ano II, n.º II, São Paulo, 1955.

RIBEIRO (Orlando) — *São Paulo, metrópole do Brasil*, Coimbra, 1955.

RIBEIRO FILHO (Raymundo Francisco) — *A regularização Parcial do Médio Paraíba*, "Revista do Clube de Engenharia", n.º 231, Rio de Janeiro, novembro de 1955.

RICARDO (Cassiano) — *Marcha para Oeste*, Livraria José Olímpio Editora, Coleção Documentos Brasileiros, Rio de Janeiro, 1942.

RIOS (Lauro) e SILVA (F. Pacheco) — *Fundações no centro de São Paulo*, "Revista Politécnica", n.º 156, Ano XLVI, São Paulo, fevereiro de 1950.

RODRIGUES (José Wash) — *Documentário Arquitetônico*, Livraria Martins, São Paulo.

RODRIGUES (Jorge Martins) —

1) *Industrialização e transportes*, "O Observador Econômico e Financeiro", Ano VII, n.º 81, Rio de Janeiro, outubro de 1942.

2) *A indústria de tecidos*, "O Observador Econômico e Financeiro" Ano IX, n.º 105, Rio de Janeiro, outubro de 1944.

3) *À margem do desenvolvimento de São Paulo*, "O Correio Paulistano", São Paulo, 24 de janeiro de 1954.

ROSA (Virgínia Santa) — *Paisagens do Brasil*, s. d.

RUDOLFFER (BRUNO) e LE VOCI (Antônio) — *O Transporte Coletivo na Cidade de São Paulo*, São Paulo, 1943.

RUELLAN (Francis) — *Evolução geomorfológica da Baía de Guanabara e das regiões vizinhas*, "Revista Brasileira de Geografia", Ano VI, n.º 4, Rio de Janeiro, 1944.

— S —

SAIA (Luís) —

1) *Notas sobre a arquitetura rural paulista no Segundo Século*, "Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", n.º 8, Rio de Janeiro.

2) *Fontes primárias para o estudo das habitações, das vias de comunicação e dos aglomerados humanos em São Paulo no Século XVI*, Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1948.

SAINT-ADOLPHE (J. C. R. Milliet de) — *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Brasil*, Rio de Janeiro 1845.

SAINT-HILAIRE (Auguste de) —

1) *Voyages dans l'intérieur du Brésil. Quatrième partie. Voyage dans les Provinces de Saint Paul et Sainte Catherine*, 2 volumes, Paris, 1851.

2) *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*, tradução de Afonso d'E. Taunay, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1938.

3) *Viagem à Província de São Paulo*, Cia. Editora Nacional, Coleção Brasileira, São Paulo, 1940.

4) *Viagens à Província de São Paulo e Resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai*, tradução brasileira e notas de Rubens Borba de Moraes, Livraria Martins, São Paulo, 1940.

5) *Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo*, Livraria Martins, São Paulo, 1953.

SALMONI (A.) e DEBENEDETTI (E.) —

1) *Architettura Italiana a San Paolo*, Instituto Cultural Italo-Brasileiro, São Paulo, 1953.

- 2) *Arquitetura italiana em São Paulo*, "Diário de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
- SALVADOR (Frei Vicente do) — *História do Brasil*, Ed. Weiszflog Irmãos, Rio de Janeiro e São Paulo, 1918.
- SAMPAIO (A. J.) — *Fitogeografia do Brasil*, 3.ª edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1945.
- SAMPAIO (Teodoro) —
- 1) *São Paulo no tempo de Anchieta*, São Paulo, 1897.
 - 2) *São Paulo de Piratininga no fim do século XVI*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", volume IV, São Paulo, 1898-1899.
 - 3) *Topografia, solo e água do subsolo da cidade de São Paulo*, em "Apontamentos para o Dicionário Histórico e Geográfico Brasileiro", de Alfredo Moreira Pinto, verbete "São Paulo", volume III, Rio de Janeiro, 1899.
 - 4) *São Paulo no Século XIX*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", volume VI, São Paulo, 1902.
 - 5) *A fundação da cidade de São Paulo*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", volume X, São Paulo, 1906.
 - 6) *O Tupi na Geografia Nacional*, Escola de Aprendizizes Artífices, Salvador (Bahia), 1928.
- SANT'ANNA (Núco) —
- 1) *São Paulo antigo*, "Revista do Arquivo Municipal", volume IX, São Paulo, 1935.
 - 2) *As Casinhas: o primeiro mercado de São Paulo*, "Revista do Arquivo Municipal", volume XIV, São Paulo, 1935.
 - 3) *O Beco do Colégio*, "Revista do Arquivo Municipal", volume XXVI, São Paulo, 1936.
 - 4) *São Paulo Histórico (Aspectos, lendas e costumes)*, 6 volumes, Ed. Departamento de Cultura, São Paulo, 1937-1944.
 - 5) *O Jardim da Luz*, "Revista do Arquivo Municipal", volume LXI, São Paulo, 1939.
 - 6) *A primeira fábrica de tecidos*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 24 de janeiro de 1941.
- 7) *Metrópole (Histórias da cidade de São Paulo)*, Departamento de Cultura, São Paulo, 1950.
- 8) *Os muros defensivos da vila*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
- 9) *Os fundadores de São Paulo de Piratininga*, "Correio Paulistano" São Paulo, 24 de janeiro de 1954.
- SANTOS (Elina O.) —
- 1) *A história do desenvolvimento industrial de Sorocaba*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 14 de junho de 1953.
 - 2) *Retificação dos rios Tietê e Tamanduaté*, "Anhembí", Ano IV, n.º 42, volume XIV, São Paulo, maio 1954.
- SANTOS (Tharcísio D. de Souza) e REGO (Luiz Flores de Moraes) — *Contribuição para o estudo dos granitos da serra da Cantareira*, Instituto de Pesquisas Técnicas de São Paulo, Boletim n.º 18, São Paulo, 1950.
- SANTOS (Vergílio Paula) — *Acêrca do problema da energia elétrica em São Paulo*, "Última Hora", São Paulo, 24, 25, 26 e 27 de maio de 1953.
- SÃO PAULO MAGAZINE — Ano I, n.º 2, São Paulo, 15 de junho de 1906.
- SÃO PAULO, METRÓPOLE DO SÉCULO XX — Empresa de Publicações Associadas, São Paulo, 1942.
- SARAIVA (Amadeu de Barros) — *As recentes criações urbanas em São Paulo*, "Arquitetura do Brasil", volume V, n.º 29, Rio de Janeiro, junho-julho de 1926.
- SAUVY (Alfred) — *A População*, Ed. Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, s. d.
- SCHMIDT (Afonso) — *O Tietê*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 24 de outubro de 1945.
- SCHMIDT (Carlos Borges) — *Construções de taipa*, Secretaria da Agricultura, São Paulo, 1949.
- SCHLESINGER (Hugo) — *Geografia Industrial do Brasil*, Ed. do Instituto de Estudos, Pesquisas e Estatísticas, São Paulo, 1956.
- SCLIAR (Salomão) e MIRANDA (José Tavares de) — *São Paulo, a cidade*

que mais cresce no mundo, "Manchete", n.º 14, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1952.

SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO — *Atos oficiais relativos à Companhia de Gás*, Ed. Diário Oficial, São Paulo, 1916.

SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO ESTADO DE SÃO PAULO —

- 1) *A Capital de São Paulo em 1933*, Ed. da Diretoria de Publicidade Agrícola, São Paulo, 1934.
- 2) *Estatística Industrial do Estado de São Paulo*, São Paulo, 1937.
- 3) *Atlas Económico do Estado de São Paulo*, São Paulo, março de 1940.
- 4) *Boletim Serviço de Imigração e Colonização*, n.º 2, São Paulo, outubro de 1940.

SEIXAS (Vitorino) e ARANTES JÚNIOR (Loureço) — *Os Municípios do Estado de São Paulo — Informações interessantes*, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, Diretoria de Publicação Agrícola, São Paulo, 1933.

SEREBRENICK (Salomão) — *Classificação meteorológica dos climas do Brasil*, "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", tomo II, Rio de Janeiro, 1942.

SERRA (ADALBERTO) —

- 1) *La circulation générale de l'Amérique du Sud*, Serviço Nacional de Meteorologia, Rio de Janeiro, 1939.
- 2) *Climatologia Equatorial*, Serviço Nacional de Meteorologia, Rio de Janeiro, 1944.

SERRA (Adalberto) e RATISBONA (Leandro) — *As massas de ar da América do Sul*, Serviço Nacional de Meteorologia, Rio de Janeiro, 1942.

SERVIÇO DE METEOROLOGIA — *Normais Climatológicas*, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1941.

SESSLER (I. J.) e GYGAS (Théo) — *Eis São Paulo*, Ed. Monumento S. A., São Paulo, 1954.

SETZER (José) —

- 1) *As características dos principais solos do Estado de São Paulo*, "Bragantia", n.º 4, volume I, Campinas, 1941.
- 2) *O reflorestamento em face do estudo moderno do solo*, Publicação da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, São Paulo, 1943.
- 3) *Os solos n.ºs 1, 2, 3 e 4 do Complexo Cristalino*, Publicação da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, São Paulo, 1943.
- 4) *Contribuição ao estudo do Clima de São Paulo*, Boletim do Departamento de Estradas de Rodagem, n.ºs 33-39, São Paulo, 1943-1945.
- 5) *Os Solos do Estado de São Paulo*, Conselho Nacional de Geografia, série A, n.º 6, Rio de Janeiro, 1949.
- 6) *O estado atual dos solos do Município de Itapeverica*, "Revista Brasileira de Geografia", Ano XIII, n.º 4, Rio de Janeiro, 1951; e "Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros", volume VI, tomo I (1951-1952), São Paulo, 1954.
- 7) *Os solos do município de São Paulo*, "Boletim Paulista de Geografia" n.ºs 20, 21 e 22, São Paulo, julho e outubro de 1955 e março de 1956.

SILVA (Cel. Edmundo Macedo Soares e) — *A indústria brasileira e a auto-suficiência*, "O Observador Económico e Financeiro", Ano XIV, n.º 165, Rio de Janeiro, outubro de 1949.

SILVA (F. Pacheco) e RIOS (Lauto) — *Fundações no centro de São Paulo*, "Revista Politécnica", n.º 156, Ano XLVI, São Paulo, fevereiro 1950.

SILVA (Jacinto C. Teixeira da) — *Cidade de São Paulo* (Guia ilustrado do viajante), Ed. Monteiro Lobato, São Paulo, 1924.

SILVA (José Bonifácio de Andrada e) e ANDRADA (Martim Francisco Ribeiro de) — *Viagem Mineralógica*

- na *Província de São Paulo* (1820), "Boletim Paulista de Geografia", n.º 16, São Paulo, março de 1954.
- SILVA (Lysandro Pereira da) — *Relatório da Comissão de Melhoramentos do Tietê*, Prefeitura do Município de São Paulo, São Paulo, 1950.
- SILVA (Raul de Andrada e) —
- 1) *A cidade de Santo André e sua função industrial*, "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", volume III, IBGE, Rio de Janeiro, 1944.
 - 2) *São Paulo nos tempos coloniais*, "Revista de História", volume X, n.ºs 21-22, São Paulo, janeiro-junho de 1955.
- SILVEIRA (Wanda da Motta) — *Indústria extrativa mineral*, em "Condições Geográficas e Aspectos geoeconômicos da Bacia Paraná-Uruguaí", volumes I e II, São Paulo, 1955.
- SIMONSEN (Roberto) —
- 1) *História Econômica do Brasil*, Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, 2 volumes, São Paulo, 1937; e Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, grande formato, São Paulo, 1957.
 - 2) *A Evolução Econômica de São Paulo*, "Paulistânia", Ano II, n.º 6, São Paulo, 1940.
 - 3) *Evolução Industrial do Brasil*, Ed. Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, São Paulo.
- SMITH (L. B.) — *The vegetation of Brazil*, em "Plants and Plant Science in Latin America", 1945.
- SMITH (T. Lynn) — *Introdução à Análise das Populações*, Universidade do Brasil, Faculdade Nacional de Filosofia, Cadeira de Geografia do Brasil, Rio de Janeiro, 1950.
- SMOTKINE (Henri) — *La Banlieue*, "L'Information Géographique", XVI année, n.º 1, Paris, janeiro-fevereiro, 1952.
- SOARES (Antenor Azevedo) e PRADO (João Batista de Almeida) — *Relatório, sob a administração Pires do Rio*, São Paulo, 1930.
- SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO — *Indústria do papel em Itu*, Revista III, Rio de Janeiro, 1889.
- SOCIEDADE EDITORA INDEPENDÊNCIA — *A Capital Paulista comemorando o Centenário da Independência*, São Paulo, 1920.
- SODRÉ (Nelson Werneck) —
- 1) *A indústria no Brasil*, "O Observador Econômico e Financeiro", Ano X, n.º 120, Rio de Janeiro, 1946.
 - 2) *História da indústria em São Paulo*, "O Observador Econômico e Financeiro", Ano XII, n.ºs 141, 142, 143, 144, Rio de Janeiro, outubro, novembro e dezembro de 1947 e janeiro de 1948.
- SORRÉ (Max.) — *Les Fondements de la Géographie Humaine*, tomo III (L'Habitat), Lib. Armand Colin, Paris, 1952.
- SOUZA (Washington Luís Pereira de) — *A Capitania de São Paulo (Governo de Rodrigo César de Menezes)*, Companhia Editora Nacional, 2.ª edição, São Paulo, 1938.
- SOUTHEY (Robert) — *História do Brasil*, Livraria Garnier, Rio de Janeiro, 1862.
- SOUZA (Antônio José Alves de) — *Sistemas elétricos do Brasil*, "O Observador Econômico e Financeiro", Ano XV, n.º 173, Rio de Janeiro, junho de 1950.
- SOUZA (Everardo Vallim Pereira de) —
- 1) *A Paulicéia há 60 anos*, "Revista do Arquivo Municipal", volume CXI, São Paulo, 1946.
 - 2) *Reminiscências acadêmicas, 1887-1889: metamorfose da Paulicéia provinciana em grande metrópole*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", volume 44, 1.ª parte, São Paulo, 1948.
- SOUZA (Gabriel Soares de) — *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, volume 117, da Coleção Brasileira, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1938.
- SOUZA (T. Oscar Marcondes de) — *O Estado de São Paulo* (Físico, político, econômico e administrativo), Est. Gráfico Universal, São Paulo, 1915.

SEIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von) —

- 1) *Viagem de São Paulo à fábrica de ferro de Ipanema*, "Revista do Museu Paulista", tomo XVI, São Paulo, 1929.

- 2) *Viagem pelo Brasil*, 4 volumes, tradução brasileira de Lúcia Furquim Lahmeyer, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938.

STADEN (Hans) — *Duas viagens ao Brasil (1547-1555)* — Ed. Sociedade Hans Staden, São Paulo, 1942.

— T —

TAUNAY (Afonso d'Escragnolle) —

- 1) *São Paulo nos primeiros anos (1554-1601)*, Ed. Arrault & Cia., Tours, 1920.
- 2) *São Paulo no século XVI*, Ed. Arrault & Cia., Tours, 1921.
- 3) *Coletânea de Mapas da Cartografia Paulista Antiga*, abrangendo nove cartas, de 1612 a 1837, reproduzidas da coleção do Museu Paulista e acompanhadas de breves comentários, volume I, Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, 1922.
- 4) *Piratininga*, Tip. Ideal, São Paulo, 1923.
- 5) *Non Ducor, Duco* (Notícias de São Paulo, 1565-1820), Tip. Ideal, São Paulo, 1924.
- 6) *História Geral das Bandeiras Paulistas*, volumes II e III, Tip. Ideal, H. L. Canton, São Paulo, 1924-1925.
- 7) *Escritores Coloniais*, Diário Oficial, São Paulo, 1925.
- 8) *História seiscentista da Vila de São Paulo*, Tip. Ideal, 4 volumes, São Paulo, 1926-1929.
- 9) *Antigos aspectos paulistas*, separata do tomo III dos "Anais do Museu Paulista", São Paulo, 1927.
- 10) *Estudos da História Paulista*, separata do tomo III dos "Anais do Museu Paulista", ed. do Diário Oficial, São Paulo, 1927.
- 11) *História Antiga da Abadia de São Paulo*, Tip. Ideal, São Paulo, 1927.
- 12) *História da vila de São Paulo no século XVIII*, Imprensa Oficial, São Paulo, 1931.
- 13) *História da Cidade de São Paulo no século XVIII*, Imprensa Oficial, 3 volumes, São Paulo, 1934-1935.

- 14) *Em São Paulo Setecentista*, "Revista do Arquivo", volume VIII, São Paulo, 1935.
- 15) *Entradas e saídas da cidade*, "Revista do Arquivo", volume IX, São Paulo, 1935.
- 16) *Urbanismo primitivo*, "Revista do Arquivo", volume X, São Paulo, 1935.
- 17) *Ensaio de História Paulistana*, Imprensa Oficial, São Paulo, 1941.
- 18) *Rio de Janeiro de Antanho (Impressões de Viajantes Estrangeiros)*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1942.
- 19) *Amador Bueno e outros ensaios*, Imprensa Oficial, São Paulo, 1943.
- 20) *O Rio Tietê*, "O Observador Econômico e Financeiro", n.º 91, Rio de Janeiro, 1943.
- 21) *Velho São Paulo*, Editora Melhoramentos, 3 volumes, São Paulo, 1952.
- 22) *O "epos" bandeirante e São Paulo vila e cidade*, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
- 23) *Os quatro séculos de São Paulo*, "Fôlha da Manhã", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
- 24) *Os quatro séculos paulistanos*, "Correio Paulistano", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
- 25) *História da Cidade de São Paulo*, Editora Melhoramentos, São Paulo, 1954.
- 26) *História das Bandeiras Paulistas*, 2 volumes, Edições Melhoramentos, São Paulo.

TAUNAY (Visconde de) —

- 1) *Marcha das forças: Expedição de Mato Grosso, 1865-1866: do Rio de Janeiro ao Coxim*, Pref. de Afonso d'E. Taunay, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1928.

- 2) *Memórias*, Editora Ipê, São Paulo, 1948.
- TELES (Augusto C. da Silva) — *Melhoramentos de São Paulo*, Ed. Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1907.
- TERZACHI (Karl) — *Condições do solo de São Paulo com relação à construção de um "subway"*, "Revista Politécnica", n.º 157, Ano XLVI, São Paulo, julho de 1950.
- THE SÃO PAULO TRAMWAY, LIGHT AND POWER COMPANY LTD. —
- 1) *Cinquenta anos de progresso com São Paulo, 1900-1950*, São Paulo, 1950.
 - 2) *Documentos referentes à organização, às concessões, aos contratos, etc.*, volume I, Publicação da Companhia, São Paulo, 1929.
- THORMAN (Canuto) — *Completo Almanaque administrativo, comercial e profissional do Estado de São Paulo para 1895*, Cia. Comercial e Industrial de São Paulo, São Paulo, 1895.
- THORNTWATHE (C. Warren) — *Classification of Climates*. "Geographical Review", n.º 33, New York, 1943.
- TIME — *City of Enterprise*, New York, 21 de janeiro de 1952.
- TRICART (J.) — *Cours de Géographie Humaine*, Ed. Centre de Documentation Universitaire, fasc. II, 1.ª parte, Paris.
- TSCHUDI (J. J. von) *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*, Tradução brasileira de Eduardo de Lima Castro, Livraria Martins, São Paulo, 1953.
- TUROT (Henri) — *En Amérique Latine*, Ed. Umbert & Nony, Paris, 1908.

— U —

- ULLMANN (Hermann) — *Brasilianischer Sommer*, Verlag Grenze und Ausland, Berlin.
- URBAN (J.), MARTIUS (C. F. P. von), ENDLICHER (S.) e EICHLER (A.) — *Flora Brasiliensis, 1840-1903*.
- URSEL (Charles d') — *Sud-Amérique: séjours et voyages au Brésil, à La Plata, au Chili, en Bolivie et au Pérou*, Lib. Plon, Paris, 1880.
- USTERI (A.) —
- 1) *Contribuição para o conhecimento da flora dos arredores da cidade de São Paulo*, "Anuário da Escola Politécnica", São Paulo, 1906.
 - 2) *Flora der Umgebung der Stadt São Paulo in Brasilien*, Jena, 1911.

— V —

- VALLIM (Pedro) — *Álbum dos Municípios do Estado de São Paulo*, Empresa Gráfica Revista dos Tribunais, São Paulo, 1940.
- VALLOTON (Henri) — *Brésil, terre d'amour et de beauté*, Lib. Payot, Lausanne, 1945.
- VAMPRÉ (Spencer) —
- 1) *Memórias para a História da Academia de São Paulo*, Livraria Acadêmica, 2 volumes, São Paulo, 1924.
 - 2) *A Academia de São Paulo na história intelectual do Brasil*, "Revista de Crítica Judiciária", Ano VI, n.º 1, Rio de Janeiro, 1927.
- VANORDEN (H.), MARTIN (Jules) e PESTANA (N. R.) — *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno*, São Paulo, 1905.
- VARGAS (Milton) —
- 1) *Observações de recalques de edifícios em São Paulo*, "Revista Politécnica", n.º 156, Ano XLVI, São Paulo, fevereiro de 1950.
 - 2) *A carga de pré-adensamento das argilas de São Paulo*, "Anais da Associação Brasileira de Mecânica dos Solos", volume I, São Paulo, 1951.
 - 3) *Problemas de fundação de edifício em São Paulo e sua relação*

- com a formação geológica local, "Anais da Associação Brasileira de Mecânica dos Solos", volume III, São Paulo, 1953.
- VARGAS (M.) e BERNARDO (G.) — *Notas para o estudo regional do solo do centro da cidade de São Paulo*, "Revista Politécnica", ano XLVI, n.º 149, São Paulo, 1945.
- VASCONCELOS (Simão de) — *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, J. Fernandes Lopes, 2.ª edição, Lisboa, 1865.
- VIANNA (Oliveira) — *Instituições Políticas Brasileiras*, volume I, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1949.
- VIEIRA (A. Paim) — *Chácara do Capão: esboço histórico do bairro da Bela Vista, antes Bela Cintra*, "Revista do Arquivo Municipal", volume CXLVIII, São Paulo, 1952.
- VIEIRA (Dorival Teixeira) — *A evolução industrial do Brasil*, "Digesto Econômico", V, n.º 51, São Paulo, fevereiro de 1949.
- VILARES (Henrique Dumont) —
- 1) *São Paulo industrial*, São Paulo, 1937.
 - 2) *A indústria em São Paulo*, Ed. Centro Industrial Jaguaré, São Paulo, 1939.
 - 3) *Urbanismo e indústria em São Paulo*, São Paulo, 1946.
- VIOLICH (Francis) — *Cities of Latin America — Housing and Planning to the South*, Reinhold Publishing Corporation, New York, 1944.
- VIOTTI (Hélio Abranches, S. J.) — *A fundação de São Paulo pelos Jesuítas*, "Revista de História", Ano V, n.º 17, São Paulo, 1954.
- VISÃO — *São Paulo de 400 anos*, volume IV, n.º 2, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1954.
- VOCI (Antonio Le) — *Transporte coletivo em São Paulo no ano de 1934*, "Revista do Arquivo Municipal", tomo XXI, São Paulo, 1936.

— W —

- WALLE (Paul) —
- 1) *Au Brésil — De l'Uruguay au Rio São Francisco*, Ed. E. Guilmoto, Paris, 1910.
 - 2) *Au Brésil — État de São Paulo*, Ed. E. Guilmoto, Paris, 1921.
 - 3) *Au Pays de l'Or-Rouge — L'État de São Paulo*, Augustin Chellamel, Paris, 1921.
- WARD (R. de C.) — *Climate considered especially in relation to Men*, New York, 1908.
- WASHBURN (Chester W.) — *Petroleum Geology of the State of São Paulo*, Boletim n.º 22, da Comissão Geográfica e Geológica, São Paulo, 1930.
- WENTZCOVITCH (Estanislau) — *Estatísticas Industriais Paulistas*, "O Observador Econômico e Financeiro", Ano V, n.º 52, Rio de Janeiro, maio de 1940.
- WERNER (Teodoro Gustavo) — *São Paulo, a nova metrópole sul-americana*, Típ. Siqueira, São Paulo, 1942.
- WIART (Conde Carton de) — *Mes Vacances au Brésil*, Desclée de Brouwer & Cie., Bruges, 1928.
- WIGHT (Royce A.), WYTHE (George) e MIDKIFF (Harold) — *Brasil, uma economia em expansão*, Ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1953.
- WOODWARD (A. S.) — *Considerações sobre alguns peixes terciários dos xistos de Taubaté, Estado de São Paulo*, "Revista do Museu Paulista", tomo III, São Paulo, 1898.
- WOODWORTH (J. B.) — *Geological expedition to Brazil and Chile, 1908-1909*, "Museum Comparative of Zoology", volume XLI, n.º 1, Cambridge, Mass., 1912.
- WOHLERS (Armando) — *A indústria da cal em São Paulo*, "Digesto Econômico", Ano II, n.º 14, São Paulo, janeiro de 1946.
- WRIGHT (Marie Robinson) — *The New Brazil — Its Resources and Attractions — Historical, Descrip-*

- tive and Industrial*, Ed. George Barrie & Sons, Filadélfia, 1907.
- WYTHE (George) — *Industry in Latin America*, Columbia Univ. Press, New York, 1945.
- WYTHE (George), WIGHT (Royce A.) e MIDKIFF (Harold) — *Brasil, uma economia em expansão*, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1953.

— X — Z —

- XAVIER (Maria Galdina R.) — *Um recanto da Cantareira: Gopoúva*, Boletim n.º XXXVIII da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (Geografia n.º 1), São Paulo, 1944.
- XIDIEH (Oswaldo E.) — *Subúrbio*, "Revista do Arquivo Municipal", Volume CXIV, São Paulo, 1947.
- ZALUAR (Augusto Emílio) — *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)*, Ed. Cultura, São Paulo, 1943; Biblioteca Histórica Paulista, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1953.
- ZENHA (Edmundo) —
- 1) *O Município no Brasil (1532-1700)*, Editora Ipê, São Paulo, 1948.
 - 2) *A colônia alemã de Santo Amaro — Sua instalação em 1829*, "Revista do Arquivo Municipal", volume CXXII, São Paulo, março de 1950.
 - 3) *O Santo Amaro de Paulo Piró*, "Revista do Arquivo Municipal", volume CLIII, São Paulo, 1952.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

(Volume IV)

	Págs.
1. Visão noturna da área central da cidade de São Paulo	IV
<i>I. Os subúrbios de São Paulo e suas funções</i>	
2. A cidade de São Paulo e seus subúrbios mais próximos	8
3. A "cidade-dupla" de São Miguel Paulista	17
4. Os núcleos de Santo Amaro e de Socorro	22-23
5. Vista parcial de Santo André	26
6. Santo André, vista de outro ângulo	28
7. O conjunto residencial do I.A.P.I., em Santo André	32
8. Instalações da "Laminação Nacional de Metais", em Santo André	34
9. Os subúrbios da Cantareira	41
10. Contraste entre a área fortemente urbanizada e a floresta da Serra da Cantareira	42
11. Socorro e a Represa de Santo Amaro ou do Guarapiranga	52
12. Loteamentos junto ao Reservatório do Rio Grande	54-55
<i>II. São Caetano do Sul e Osasco, subúrbios industriais</i>	
13. Passado e presente, reunidos	68
14. O Núcleo de São Caetano e seu loteamento	69
15. Planta funcional de São Caetano do Sul (1954)	71
16. São Caetano do Sul	72
17. Vista parcial de São Caetano do Sul	74
18. A "Cerâmica São Caetano S. A." e a grande área que ocupam suas instalações	80
19. As instalações da "General Motors do Brasil S. A.", em São Caetano do Sul	84
20. O sítio urbano de Osasco	91
21. O rio Tietê na região de Osasco	92
22. Cortes geológicos na região de Osasco	93
23. Osasco e vizinhanças, ao iniciar-se a década de 1940-50	96
24. Região de Osasco: área edificada em 1953	99
25. Planta funcional de Osasco (1952)	104

III. *Cotia e Itapeçerica da Serra, subúrbios agrícolas*

26. Cultura de japoneses, na região de Cotia.....	118
27. Propriedade agrícola de japoneses, na região de Cotia..	120
28. Uma casa caipira, na região em estudo.. ..	123
29. Cotia, aglomerado linear.....	139
30. Planta funcional de Cotia (1955)..	140
31. Relíquia da arte colonial.....	143
32. Visão aérea de Itapeçerica da Serra.. ..	145
33. Planta funcional de Itapeçerica da Serra (1954)..	146

IV. *Itaquera e Poá, subúrbios residenciais*

34. Uso da terra na zona rural de Itaquaquecetuba (1951).....	154
35. A região de Itaquera e Poá.. ..	158-159
36. "Nissei" da região de Itaquera.....	161
37. Planta funcional de Itaquera, em 1956.. ..	163
38. A movimentada feira dominical de Itaquera.. ..	167
39. Aspectos da "Colônia" de Itaquera.. ..	168
40. Planta funcional de Poá, em 1956.. ..	170
41. O extraordinário crescimento de Guatánases (1930-55).. ..	174
42. Olaria, elemento da paisagem regional.....	176

INDICE DA MATÉRIA

(Volume IV)

OS SUBÚRBIOS PAULISTANOS

	Págs.
Cap. I — Os subúrbios de São Paulo e suas funções — por ANTÔNIO ROCHA PENTEADO.....	5
A área suburbana da cidade de São Paulo.....	5
A formação da área suburbana de São Paulo e seus fatores.....	8
Características da população suburbana.....	10
Os subúrbios industriais e sua localização.....	12
Contrastes existentes entre os subúrbios industriais.....	13
A população e os aglomerados urbanos da área suburbana industrial	14
A paisagem na área dos subúrbios industriais..	15
São Miguel Paulista e Guarulhos..	17
Osasco e suas indústrias.....	19
O bairro-subúrbio de Santo Amaro.....	22
Os subúrbios industriais da região do A.B.C.....	25
As indústrias da região do A.B.C. e seus problemas..	30
Os subúrbios agrícolas e residenciais..	37
A região da Cantareira.....	40
Os prolongamentos ocidentais da Cantareira: a região de Perus..	46
Semelhanças e contrastes entre o Oeste e o Leste suburbanos..	48
A região das repêrsas e o "Sertão" de Santo Amaro..	49
Síntese final.....	56
Bibliografia..	58
Cap. II — São Caetano do Sul e Osasco, subúrbios industriais — por ANTÔNIO ROCHA PENTEADO e PASQUALE PETRONE..	61
Dois subúrbios industriais..	61

SÃO CAETANO DO SUL

Um município altamente urbanizado e fabril.....	62
As bases físicas sôbre as quais se assenta São Caetano do Sul..	63
De fazenda dos Beneditinos a cidade industrial..	65
São Caetano do Sul e sua fisionomia urbana..	70
A função industrial de São Caetano do Sul..	75
Outras funções e problemas urbanos.....	79
Olarias e cerâmicas; a "Cerâmica São Caetano S. A.".....	81
Indústrias mecânicas e de transporte; a "General Motors do Brasil S. A.".....	83
As indústrias químico-farmacêuticas; a fábrica de "rayon" do grupo Matarazzo.....	87
Outras atividades industriais.....	89
São Caetano do Sul e seu papel geográfico.....	90

O S A S C O

	Págs.
No vale do Tietê, a jusante da Capital paulista.....	90
Várzeas, terraços fluviais e colinas de modesta altitude..	92
O sítio urbano de Osasco e de seus "satélites"....	95
Povoamento e urbanização da região de Osasco..	97
A região de Osasco e sua estrutura urbana..	101
As funções regionais..	103
Bibliografia.....	107
Cap. III — <i>Cotia e Itapeverica da Serra, subúrbios agrícolas</i> — por	
EMÍLIA VIOTTI COSTA..	109
Em plena zona rural..	109
O quadro natural.....	110
Uma paisagem agrária típica.....	113
O elemento japonês e a paisagem regional..	115
A agricultura caipira.....	122
Granjas leiteiras e granjas avícolas..	124
Os sítios de recreio.....	127
As cooperativas agrícolas.....	128
Outras atividades regionais..	129
Remontando ao passado.....	132
O "habitat" e suas características.....	135
Itapeví, uma das vanguardas da expansão paulistana..	136
Cotia, aglomerado do setecentismo..	138
Embu, pequena relíquia do passado.....	142
Itapeverica da Serra, aglomerado seiscentista.....	145
Reflexos da expansão da metrópole: os loteamentos..	149
Bibliografia.....	150
Cap. IV — <i>Itaquera e Poá, subúrbios residenciais</i> — por	
AROLD	
DE AZEVEDO.....	153
Os subúrbios orientais de São Paulo e seus contrastes..	153
Colinas e várzeas da Bacia do alto Tietê..	157
Antiga via de passagem.....	159
"Dormitórios" de uma parcela da população paulistana..	161
Itaquera, a "capital" da Linha-tronco.....	162
Poá, segundo centro regional.....	169
Guaianases e outros núcleos menores..	173
Bibliografia..	178

★

<i>Bibliografia Geral</i> ..	183
<i>Índice das gravuras</i> ..	221
<i>Índice da matéria</i> ..	223
<i>Índice de publicações periódicas</i> ..	227
<i>Índice de entidades públicas e particulares</i> ..	230
<i>Índice de pessoas</i> ..	238
<i>Índice de assuntos e lugares</i> ..	248

ÍNDICES GERAIS

Os autores agradecem à
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
e à
PROF.^ª DORA DE AMARANTE ROMARIZ
a colaboração prestada na organização
dos presentes Índices Gerais.

ÍNDICE DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

A

- A GAZETA — Vol. I: 31, 37. Vol. II: 96, 179, 187, 196, 244. Vol. IV: 195.
- ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA — Vol. III: 94. Vol. IV: 191.
- AMIGO DAS LETRAS — Vol. II: 66.
- ANAIIS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS — Vol. IV: 201.
- ANAIIS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MECÂNICA DOS SOLOS — Vol. I: 245. Vol. IV: 217, 218.
- ANAIIS DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS — Vol. I: 29, 30, 113, 117, 165, 167, 206, 244. Vol. II: 95. Vol. IV: 58, 150, 183, 190, 205, 206, 214.
- ANAIIS DA 111 REUNIÃO DO CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO-AMERICANO — Vol. I: 110. Vol. IV: 202.
- ANAIIS DO II CONGRESSO PAN-AMERICANO DE ENGENHARIA, MINAS E GEOLOGIA — Vol. IV: 200.
- ANAIIS DO IX CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA — Vol. I: 32, 36, 38, 39, 40, 73, 79, 85, 98, 110, 111. Vol. II: 68, 98, 99, 146, 163. Vol. III: 94, 95, 181, 330, 348, 363. Vol. IV: 31, 58, 107, 187, 194, 195, 197, 198, 199, 201, 203, 204, 215.
- ANAIIS DO X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA — Vol. III: 96. Vol. IV: 206.
- ANAIIS DO MUSEU PAULISTA — Vol. I: 33. Vol. II: 66, 97, 100. Vol. IV: 60, 160, 179, 205, 216.
- ANHEMBI — Vol. I: 67. Vol. II: 23, 46. Vol. III: 119. Vol. IV: 187, 188, 195, 213.
- ANNALES DE GÉOGRAPHIE — Vol. I: 37, 115, 167. Vol. IV: 192, 203.
- ANNALS OF ASSOCIATION OF AMERICAN GEOGRAPHERS — Vol. I: 38, 119, 166. Vol. III: 95, 181. Vol. IV: 191, 199.
- ANNALS OF BOTANY — Vol. I: 110. Vol. IV: 197.
- ANUÁRIO AMERICANO — Vol. I: 32. Vol. II: 161. Vol. IV: 200.
- ANUÁRIO DA ESCOLA POLITÉCNICA — Vol. I: 39, 110, 166, 245. Vol. IV: 60, 211, 217.
- ANUÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA "SEDES SAPIENTIAE" — Vol. I: 29, 30, 146, 150, 165, 166, 224, 232, 244. Vol. II: 151, 163. Vol. III: 93, 361. Vol. IV: 7, 20, 58, 59, 75, 107, 150, 178, 183, 186, 187, 196, 202, 203.
- ANUÁRIO DO BRASIL — Vol. II: 46. Vol. IV: 197.
- ARQUITETURA NO BRASIL — Vol. I: 35. Vol. II: 124, 162. Vol. III: 310, 362. Vol. IV: 213.
- ARQUIVOS DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA — Vol. I: 73, 110. Vol. IV: 199.
- ARQUIVOS DO INSTITUTO BIOLÓGICO — Vol. I: 86.
- ARQUIVOS DO MUSEU PARANAENSE — Vol. I: 111. Vol. IV: 203.

B

- BOLETIM DA AGRICULTURA — Vol. III: 94.
- BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS — Vol. I: 30, 31, 109. Vol. II: 151, 163. Vol. III: 95, 181. Vol. IV: 58, 107, 151, 178, 186, 196, 201.
- BOLETIM DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOLOGIA — Vol. I: 29, 32, 147, 165. Vol. IV: 58, 184, 195, 197, 201.
- BOLETIM DA SOCIEDADE DE AGRICULTURA — Vol. I: 72, 110. Vol. IV: 204.
- BOLETIM DO "CEMIC" — Vol. III: 120. Vol. IV: 208.
- BOLETIM DO DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO — Vol. IV: 151, 188.
- BOLETIM DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA — Vol. I: 30. Vol. II: 161, 244, 245, 246. Vol. IV: 189.
- BOLETIM DO INSTITUTO DE ENGENHARIA — Vol. I: 30. Vol. IV: 188, 211.
- BOLETIM GEGRÁFICO — Vol. I: 30, 37. Vol. II: 161. Vol. III: 94. Vol. IV: 151, 189, 190, 192, 211.
- BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA — Vol. I: 30, 31, 33, 34, 36, 39, 40, 48, 67, 104, 106, 110, 113, 119, 132, 134, 139, 144, 146, 165, 166, 167, 244. Vol. II: 69, 70, 99, 102, 161, 162, 164. Vol. III: 31, 93, 181, 363. Vol. IV: 58, 150, 183, 184, 185, 186, 187, 195, 196, 197, 198, 204, 205, 206, 208, 214, 215.
- BOLETIM PLUVIOMÉTRICO — Vol. I: 73, 109.
- BRAGANTIA — Vol. I: 104, 106, 111. Vol. IV: 214.
- BULLETIN DE L'ASSOCIATION DES GÉOGRAPHES FRANÇAIS — Vol. I: 119, 139, 165. Vol. IV: 203.
- BULLETIN OF GEOLOGICAL SOCIETY OF AMERICA — Vol. I: 148, 167. Vol. IV: 200.

C

- CAHIERS INTERNATIONAUX DE SOCIOLOGIE — Vol. II: 79.
- CIÊNCIA E CULTURA — Vol. IV: 201.
- CONJUNTURA ECONÔMICA — Vol. II: 186, 245. Vol. IV: 191.
- CULTURA POLÍTICA — Vol. I: 34. Vol. II: 162. Vol. IV: 208.

D

- DIÁRIO DE SÃO PAULO — Vol. I: 31, 32, 33, 34, 38. Vol. II: 99, 161, 162. Vol. III: 95, 120. Vol. IV: 186, 192, 195, 197, 202, 205, 210, 213.

- DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO — Vol. I: 38.
Vol. II: 96. Vol. IV: 197.
DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO
— Vol. I: 35, 36. Vol. II: 48, 69, 101, 163,
Vol. III: 12, 93, 119, 181. Vol. IV: 187,
192, 193, 216.
DIÁRIO POPULAR — Vol. II: 98. Vol. IV:
194.
DIGESTO ECONÔMICO — Vol. I: 30, 31, 32.
Vol. II: 96, 161, 244. Vol. III: 93, 94,
95, 96, 97, 98. Vol. IV: 183, 186, 187, 189,
193, 195, 196, 197, 198, 199, 203, 204,
208, 218.

E

- ECONOMIC GEOGRAPHY — Vol. I: 38. Vol.
III: 95. Vol. IV: 199.
ENGENHARIA — Vol. I: 32. Vol. II: 244.
Vol. III: 93, 117, 119, 120, 363. Vol. IV:
185, 187, 189, 200.
ENGENHARIA, MINERAÇÃO E METALURGIA —
Vol. IV: 191.
ESTUDOS BRASILEIROS — Vol. I: 34, 245.
Vol. II: 45, 87, 99, 246. Vol. III: 23, 97.
Vol. IV: 60, 210.

F

- FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS — Vol. I:
29, 34, 165, 244. Vol. IV: 58, 107, 183,
193, 208.
FOLHA CARIOCA — Vol. III: 14.
FOLHA DA MANHÃ — Vol. I: 34, 35. Vol.
II: 97, 181, 244. Vol. III: 119. Vol. IV:
196, 208, 216.
FOLHA DA NOITE — Vol. I: XIII.
FUNDAMENTO — Vol. III: 94. Vol. IV: 188.

G

- GEOGRAFIA — Vol. I: 14, 31, 34, 37, 105,
110, 111, 119, 166. Vol. II: 28, 36, 45,
46, 99, 246. Vol. III: 94. Vol. IV: 59,
60, 151, 189, 192, 204, 210, 211.
GEOGRAPHICAL REVIEW — Vol. I: 32, 98,
111. Vol. II: 46. Vol. III: 363. Vol. IV:
59, 192, 199, 217.
GEOLOGIA E METALURGIA — Vol. I: 134, 139,
166, 167. Vol. IV: 184, 211.

I

- I. G. C. — Vol. III: 95. Vol. IV: 195, 200.
ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA — Vol. I: 29, 34.
Vol. II: 99, 160. Vol. IV: 185, 210.
INTER-AMERICAN ECONOMIC AFFAIRS — Vol.
I: 33. Vol. II: 97. Vol. IV: 205.

J

- JORNAL DE DEBATES — Vol. III: 97. Vol.
IV: 210.
JORNAL DE SÃO CAETANO — Vol. IV: 66.
JOURNAL OF GEOLOGY — Vol. I: 114, 124,
166. Vol. IV: 190, 193, 197.

L

- LE VIE DEL MONDO — Vol. III: 93. Vol.
IV: 186.
L'INFORMATION GÉOGRAPHIQUE — Vol. III:
106. Vol. IV: 12, 60, 215.

M

- MANCHETE — Vol. I: 32, 33. Vol. II: 161,
162, 206, 244. Vol. III: 153. Vol. IV:
202, 205, 214.
MEMÓRIAS DO INSTITUTO BUTANTÃ — Vol. I:
109.
MINERAÇÃO E METALURGIA — Vol. I: 244.
Vol. IV: 204.
MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY — Vol.
I: 134, 167. Vol. IV: 218.

N

- NOVITATES — Vol. I: 139, 167. Vol. IV: 204.

O

- O CORREIO PAULISTANO — Vol. I: 34, 35,
39. Vol. II: 45, 100, 162, 244. Vol. IV:
208, 212, 213, 216.
O CRUZEIRO — Vol. I: 31, 44. Vol. II: 161.
Vol. IV: 191, 195.
O ESTADO DE SÃO PAULO — Vol. I: 29, 30,
32, 33, 35, 37, 38, 39, 67. Vol. II: 15, 40,
44, 49, 70, 95, 97, 98, 99, 160, 175, 244.
Vol. III: 25, 27, 28, 29, 30, 46, 89, 93, 94,
95, 96, 97, 181, 301, 307, 361, 362, 363.
Vol. IV: 60, 151, 184, 185, 187, 189, 195,
198, 199, 200, 201, 205, 206, 213, 216.
O INDUSTRIAL PAULISTANO — Vol. III: 96.
Vol. IV: 207.
O JORNAL DO COMÉRCIO — Vol. I: 31, 38.
Vol. II: 161, 205, 245. Vol. IV: 190, 193,
202.
O OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO —
Vol. I: 29, 30, 33, 39, 67. Vol. II: 161,
162, 244. Vol. III: 93, 94, 95, 96, 97, 98.
Vol. IV: 58, 107, 150, 185, 186, 187, 188,
189, 192, 197, 199, 201, 203, 204, 205, 206,
207, 211, 212, 214, 215, 216, 218.
O PENSAMENTO — Vol. I: 29. Vol. II: 47.
Vol. IV: 183, 206.

P

- PARALELOS — Vol. I: 34. Vol. III: 93. Vol.
IV: 208.
PAULISTANIA — Vol. I: 30, 31, 32, 34. Vol.
II: 18, 44, 47, 98, 100, 161, 162, 244. Vol.
IV: 186, 189, 190, 192, 194, 195, 199, 208,
215.

R

- REVISTA BRASILEIRA DE ESTATÍSTICA — Vol.
II: 246. Vol. IV: 205.
REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA — Vol.
I: 37, 139, 167. Vol. IV: 58, 150, 192,
212, 214.

REVISTA BRASILENSE — Vol. III: 94. Vol. IV: 190.

REVISTA DAS FACULDADES CAMPINEIRAS — Vol. III: 93. Vol. IV: 183.

REVISTA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA — Vol. III: 97.

REVISTA DE CRÍTICA JUDICIÁRIA — Vol. I: 36. Vol. IV: 217.

REVISTA DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA — Vol. III: 95. Vol. IV: 194.

REVISTA DE HISTÓRIA — Vol. I: 29, 33, 34, 35. Vol. II: 36, 45, 46, 97, 244. Vol. IV: 185, 204, 208, 215, 218.

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — Vol. I: 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 244. Vol. II: 8, 29, 44, 46, 68, 95, 96, 97, 98, 99, 125, 161, 162, 163, 171, 192, 244. Vol. III: 8, 181, 188, 300, 332, 362, 363, 364. Vol. IV: 55, 58, 59, 60, 141, 148, 150, 151, 173, 178, 183, 184, 185, 186, 187, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 208, 209, 210, 213, 215, 216, 218, 219.

REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES (Campinas) — Vol. I: 30, 110. Vol. II: 95. Vol. IV: 189, 202.

REVISTA DO CLUBE DE ENGENHARIA — Vol. III: 120. Vol. IV: 185, 187, 188, 189, 200, 210, 212.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO — Vol. I: 34. Vol. II: 45, 47, 97. Vol. III: 196, 363. Vol. IV: 209, 211.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO — Vol. I: 30, 31, 35, 67. Vol. II: 22, 23, 44, 45, 47, 95, 96, 97, 98, 99, 161. Vol. III: 362. Vol. IV: 133, 150, 151, 183, 184, 188, 190, 194, 196, 206, 209, 213, 215.

REVISTA DO MUSEU PAULISTA — Vol. I: 110, 139, 143, 166, 167. Vol. IV: 152, 185, 203, 216, 218.

REVISTA POLITÉCNICA — Vol. I: 31, 36, 144, 166, 167, 187, 201, 244, 245. Vol. II:

161. Vol. III: 93. Vol. IV: 187, 188, 196, 200, 209, 212, 214, 217, 218.

REVUE DE GÉOGRAPHIE ALPINE — Vol. I: 33, 244. Vol. II: 10, 44, 70, 99, 102, 164, 244. Vol. III: 182, 363. Vol. IV: 205.

REVUE DE GÉOGRAPHIE DE LYON — Vol. I: 33. Vol. II: 99, 164. Vol. IV: 205.

S

SÃO PAULO MAGAZINE — Vol. II: 164. Vol. IV: 213.

SCIENCE EDUCATION — Vol. I: 70, 109. Vol. IV: 198.

SOCIOLOGIA — Vol. I: 33. Vol. II: 97. Vol. IV: 205.

STADEN-JAHRBUCH — Vol. I: 30. Vol. IV: 186.

T

TIME — Vol. I: 35. Vol. II: 103, 144, 162. Vol. IV: 217.

U

ÚLTIMA HORA — Vol. III: 97. Vol. IV: 213.

URBANÍSTICA — Vol. I: 32. Vol. II: 161, 244. Vol. III: 363. Vol. IV: 202.

V

VISÃO — Vol. I: 36. Vol. II: 163. Vol. IV: 218.

ÍNDICE DE ENTIDADES PÚBLICAS E PARTICULARES

A

- A. COELHO BRANCO FILHO (Editor) — Vol. III: 96. Vol. IV: 206.
 ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS — Vol. II: 45, 47. Vol. IV: 185, 190, 206.
 ACADEMIA DE DIREITO DE SÃO PAULO — Vol. I: 8, 25, 85. Vol. II: 49, 57, 63, 64, 66, 71, 72, 81. Vol. III: 27, 29, 30, 153, 164.
 AILLAUD & CIA. — Vol. II: 6, 112, 163. Vol. III: 141. Vol. IV: 197.
 ALBERTO STOCK (Editor) — Vol. II: 131, 163. Vol. IV: 187.
 ALPARGATAS (Fábrica) — Vol. III: 68.
 AMERICAN MUSEUM — Vol. I: 139, 167.
 ANDERSON CLAYTON & CIA. — Vol. III: 49, 54.
 ANTONIO TIBI (Editor) — Vol. I: 39. Vol. IV: 208.
 ARCADAS — Veja *Academia de Direito de São Paulo*.
 ARGOLO FERRÃO (Editor) — Vol. I: 38. Vol. II: 96. Vol. IV: 203.
 ARIEL EDITORA — Vol. I: 39.
 ARMAZÉNS REGULADORES DE CAFÉ — Vol. IV: 100.
 ARNO (Fábrica) — Vol. III: 60.
 ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO — Vol. II: 217.
 ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO — Vol. IV: 186, 193, 198.
 ARQUIVO GERAL DAS ÍNDIAS — Vol. II: 8.
 ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO — Vol. II: 48. Vol. III: 231, 278. Vol. IV: 186, 211.
 ARRAULT & CIE. — Vol. I: 35. Vol. II: 45, 170, 247. Vol. IV: 216.
 ASILO SAMPAIO VIANA — Vol. III: 343.
 ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO — Vol. III: 167.
 ASSEMBLÉIA PROVINCIAL DE SÃO PAULO — Vol. III: 130.
 ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA SÃO PAULO — Vol. III: 223.
 ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA FLORESTA — Vol. III: 223.
 ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS — Vol. I: XV, XVI, XVIII, XIX, XXIII, XXIV, XXV, 14, 28, 106. Vol. II: 171, 241, 244, 245. Vol. III: 94, 97. Vol. IV: 185, 189, 190, 195, 204.
 ATLÂNTICA EDITORA — Vol. II: 211, 246. Vol. IV: 200, 209.
 AU BOULEVARD — Vol. III: 131.
 AUGUSTIN CHELLAMEL (Editor) — Vol. I: 40. Vol. II: 164. Vol. IV: 218.
 AU LOUVRE — Vol. III: 131.
 AU PALAIS ROYAL — Vol. III: 131.
 AU PRINTEMPS — Vol. III: 131.
 AUX NOUVELLES PARISIENNES — Vol. III: 131.

B

- BANCO CRUZEIRO DO SUL — Vol. III: 14.
 BANCO DE CRÉDITO REAL DE SÃO PAULO — Vol. II: 78. Vol. III: 10.
 BANCO DE SÃO PAULO — Vol. II: 43.
 BANCO DO BRASIL — Vol. I: 20, 36. Vol. II: 78, 146. Vol. III: 151, 166. Vol. IV: 187, 191.
 BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO — Vol. I: 20. Vol. III: 151.
 BANCO DO MINHO — Vol. II: 78.
 BANCO HIPOTECÁRIO "LAR BRASILEIRO" — Vol. III: 286.
 BANCO LOMBARDO DE MILANO — Vol. II: 78.
 BANCO MERCANTIL DE SANTOS — Vol. II: 78. Vol. III: 10.
 BIBLIOTECA MUNICIPAL — Vol. I: 23. Vol. III: 150, 297.
 BRASILEANA (Fábrica) — Vol. IV: 173.
 BRASIL-LUX (Editores) — Vol. IV: 151, 206.
 BRITISH CHAMBER OF SÃO PAULO AND SOUTHERN BRAZIL — Vol. III: 46.

C

- CADEIA PÚBLICA — Vol. II: 53, 231. Vol. III: 167, 205.
 CAFÉ BRANDÃO — Vol. III: 139.
 CAFÉ JAVA — Vol. III: 133.
 CÂMARA ESTADUAL DE SÃO PAULO — Vol. III: 167.
 CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO — Vol. II: 13, 15, 20, 21, 24, 25, 32, 33, 48, 53, 122, 129, 170, 209. Vol. III: 26, 130, 194, 215, 234, 294, 315.
 CÂMERA CLUBE DE SANTO ANDRÉ — Vol. III: 38. Vol. IV: 26, 28, 32, 34.
 CAPELA DA ANUNCIACÃO — Vol. II: 217.
 CAPELA DA SANTA CRUZ — Vol. III: 327.
 CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA BOA VIAGEM — Vol. IV: 27.
 CAPELA DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA — Vol. III: 216.
 CAPELA DE NOSSA SENHORA DA EXPECTAÇÃO DO Ó — Vol. III: 217.
 CAPELA DE NOSSA SENHORA DA LUZ — Vol. III: 193.
 CAPELA DE NOSSA SENHORA DO MONTE SERRATE — Cotia — Vol. IV: 140.
 CAPELA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES — Vol. IV: 148.
 CAPELA DE SANT'ANA — Vol. III: 213.
 CAPELA DE SANTA QUIÉTIA — Vol. IV: 174.
 CAPELA DO SENHOR BOM JESUS DE MATOSINHOS (Brás) — Vol. II: 90. Vol. III: 231, 234.

- CASA ANGLO-BRASILEIRA — Antiga Casa Mappin — Vol. III: 143.
 CASA DA PÓLVORA — Vol. III: 261.
 CASA DE CORREIÇÃO — Vol. II: 50.
 CASA DE FUNDIÇÃO — Vol. II: 33. Vol. III: 129.
 CASA DE SAÚDE MATARAZZO — Vol. III: 302.
 CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL (Editora) — Vol. I: 37, 46. Vol. II: 163, 211, 246. Vol. IV: 41, 59, 192, 198, 213.
 CASA ECLÉTICA — Vol. II: 45. Vol. IV: 185.
 CASA MAPPIN — Vol. III: 143.
 CASA MASCOTE — Vol. I: 38. Vol. IV: 197.
 CASA PIA DE SÃO VICENTE DE PAULO — Vol. III: 328.
 CASTELÕES (Fábrica) — Vol. III: 69.
 CATEDRAL DE SÃO PAULO — Vol. III: 135, 149, 173.
 CENTRE DE DOCUMENTATION UNIVERSITAIRE — Vol. III: 364. Vol. IV: 217.
 CENTRO INDUSTRIAL DO BRASIL — Vol. III: 31.
 CENTRO INDUSTRIAL JAGUARÉ — Vol. I: 36. Vol. IV: 218.
 CERÂMICA DE OSASCO — Vol. IV: 19, 98, 102, 107.
 CERÂMICA DE POÁ — Vol. IV: 173.
 CERÂMICA ITABRASIL — Vol. IV: 81.
 CERÂMICA PAULISTA — Vol. III: 347.
 CERÂMICA PRIVILEGIADA DO ESTADO DE SÃO PAULO — Vol. IV: 69, 82.
 CERÂMICA SÃO CAETANO S. A. — Vol. IV: 10, 30, 33, 37, 61, 64, 69, 77, 80, 81, 83.
 CERÂMICA SCATTONI — Vol. IV: 81.
 CERÂMICA SÃO PAULO — Vol. IV: 81.
 CHATTE & WINDUS — Vol. I: 37. Vol. II: 96. Vol. IV: 194.
 CIDADE DO RÁDIO — Vol. III: 343.
 CIDADE UNIVERSITÁRIA — Vol. I: 229, 230. Vol. II: 158. Vol. III: 119, 319.
 CIMENTO E AMIANTO S. A. — Vol. IV: 20.
 CINEMA AVENIDA — Vol. II: 123.
 CINEMA CENTRAL — Vol. II: 123.
 CINEMA COLOMBO — Vol. II: 123.
 CINEMA ROIAL — Vol. II: 123.
 CLARK (Calçados) — Vol. III: 68.
 CLUBE DE REGATAS TIETÊ — Vol. III: 223.
 CLUBE ESPÉRIA — Vol. III: 223.
 CLUBE NÁUTICO DE SANTO AMARO — Vol. IV: 53.
 CLUBE PAULISTANO — Vol. III: 311.
 * CODIQU — Vol. III: 14.
 COLÉGIO ADVENTISTA BRASILEIRO — Vol. II: 218. Vol. IV: 132.
 COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO — Vol. II: 218. Vol. III: 337.
 COLÉGIO DANTE ALIGHIERI — Vol. III: 303.
 COLÉGIO DAS CÔNEGAS DE SANTO AGOSTINHO — Vol. II: 231. Vol. III: 296.
 COLÉGIO DE SÃO PAULO — Vol. I: 9, 101. Vol. II: 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 20, 21, 23, 31, 53, 167, 170, 217, 242. Vol. III: 128, 129, 130, 144, 145, 193, 213.
 COLÉGIO OSVALDO CRUZ — Vol. III: 323.
 COLÉGIO RIO BRANCO — Vol. III: 296.
 COLÉGIO SANTA INÊS — Vol. II: 231.
 COLÉGIO SANTA MARCELINA — Vol. III: 337.
 COLÉGIO SÃO LUIS — Vol. III: 302, 303.
 COLÉGIO VISCONDE DE PÓRTO SEGURO — Vol. II: 231. Vol. III: 296.
 COLUMBIA UNIVERSITY PRESS — Vol. III: 98. Vol. IV: 219.
 COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — Vol. I: 37. Vol. II: 82, 96, 178, 219, 245. Vol. III: 31, 213, 218, 234, 251, 295, 362. Vol. IV: 59, 67, 107, 133, 140, 141, 144, 149, 151, 178, 191.
 COMISSÃO DE MELHORAMENTOS DO RIO TIETÊ — Vol. I: 54, 57, 58, 60, 61, 64, 67. Vol. III: 119. Vol. IV: 191.
 COMISSÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — Vol. I: XIX.
 COMISSÃO DE SANEAMENTO — Vol. I: 55.
 COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO — Vol. I: XIX. Vol. II: 46. Vol. IV: 195, 197.
 COMISSÃO GEOGRÁFICA E GEOLÓGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — Vol. I: 67, 110, 114, 119, 120, 166, 167, 212, 240. Vol. II: 104, 164. Vol. III: 40-41, 364. Vol. IV: 189, 202, 204, 210, 218.
 COMISSÃO INTERESTADUAL DA BACIA PARANÁ-URUGUAI — Vol. III: 94, 97.
 COMPANHIA DE ÁGUA E LUZ DO ESTADO DE SÃO PAULO — Vol. III: 100.
 COMPANHIA ANTÁRTICA PAULISTA — Vol. I: 31. Vol. II: 161. Vol. III: 55, 347, 362. Vol. IV: 195.
 COMPANHIA ARMOUR DO BRASIL — Veja *Frigorífico Armour*.
 COMPANHIA BRASILEIRA DE CIMENTO PORTLAND — Vol. IV: 47.
 COMPANHIA CANTAREIRA DE ESCOITOS — Vol. II: 66. Vol. III: 194, 234, 278, 294, 295, 364. Vol. IV: 209.
 COMPANHIA CARRIS DE FERRO — Vol. II: 94.
 COMPANHIA CERVEJARIA BRAHMA — Vol. III: 56, 284.
 COMPANHIA CITY — Vol. II: 124. Vol. III: 187, 310, 319, 322, 341, 357.
 COMPANHIA COMERCIAL E INDUSTRIAL DE SÃO PAULO — Vol. II: 97.
 COMPANHIA COMERCIAL, PASTORIL E AGRÍCOLA — Vol. IV: 164, 167.
 COMPANHIA DE ESTRADA DE FERRO SÃO PAULO-RIO DE JANEIRO — Vol. III: 234.
 COMPANHIA DE JESUS — Veja *Jesuítas*, no Índice de Assuntos e Lugares.
 COMPANHIA DE TECIDOS PAULISTAS — Vol. III: 46.
 COMPANHIA DOCAS DE SANTOS — Vol. III: 9.
 COMPANHIA EDITORA NACIONAL — Vol. I: XVI, 30, 33, 38, 39, 70, 71, 110, 111, 244. Vol. II: 18, 20, 23, 44, 45, 46, 47, 48, 71, 82, 96, 97, 99, 170, 174, 245. Vol. III: 8, 247, 363, 364. Vol. IV: 60, 161, 169, 179, 186, 190, 194, 195, 196, 198, 200, 201, 202, 205, 212, 213, 215, 216.
 COMPANHIA FORD DO BRASIL — Vol. III: 271.
 COMPANHIA INDUSTRIAL DE SÃO PAULO — Vol. I: 40. Vol. IV: 60.
 COMPANHIA ITUANA DE ESTRADAS DE FERRO — Vol. II: 68.
 COMPANHIA JARDIM DE CAPÊS FINOS — Vol. III: 53.
 COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO — Veja *Edições Melhoramentos*.
 COMPANHIA MELHORAMENTOS DE PAPÉIS E ARTES GRÁFICAS — Vol. III: 66, 361. Vol. IV: 47.
 COMPANHIA MOJIANA DE ESTRADAS DE FERRO — Vol. II: 68. Vol. III: 9, 85, 88.
 COMPANHIA MUNICIPAL DE TRANSPORTES COLETIVOS (C. M. C. T.) — Vol. I: 22. Vol. II: 233, 239, 240, 241, 242. Vol. III: 105, 284, 343, 364. Vol. IV: 166, 203.
 COMPANHIA NITRO-QUÍMICA BRASILEIRA — Vol. III: 63. Vol. IV: 17, 157.
 COMPANHIA PAULISTA DE ESTRADAS DE FERRO — Vol. II: 68. Vol. III: 9, 85.
 COMPANHIA PROGRESSO NACIONAL — Vol. III: 56.
 COMPANHIA QUÍMICA RHODIA — Vol. III: 63. Vol. IV: 37.
 COMPANHIA SIDERÚRGICA BELGO-MINEIRA — Vol. III: 58. Vol. IV: 83.
 COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL — Vol. III: 58.
 COMPANHIA TELEFÔNICA DA BORDA DO CAMPO — Vol. IV: 25.

COMPANHIA UNIÃO DOS REFINADORES — Vol. III: 52, 53.
 COMPANHIA USINAS NACIONAIS — Vol. III: 52.
 COMPANHIA VIDRARIA SANTA MARINA — Vol. III: 347.
 COMPANHIA WILSON DO BRASIL — Veja Frigorífico Wilson.
 CONFEDERAÇÃO DAS FAMÍLIAS CRISTÃS — Vol. II: 217.
 CONSELHO NACIONAL DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA — Vol. III: 94. Vol. IV: 191.
 CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA — Vol. I: 30, 37. Vol. II: 189, 244, 245. Vol. III: 47, 50. Vol. IV: 38, 58, 191.
 CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA — Vol. I: 7, 20, 24, 30, 31, 38, 106, 111, 127, 245. Vol. II: 142, 245. Vol. III: 94. Vol. IV: 59, 60, 151, 183, 190, 191, 192, 194, 197, 198, 201, 206, 214.
 CONTINENTAL (Editora) — Vol. I: 38.
 CONVENTO DA LUZ — Vol. II: 50, 53. Vol. III: 153, 193, 207, 215.
 CONVENTO DAS CARMELITAS — Vol. III: 337.
 CONVENTO DE SÃO FRANCISCO — Vol. II: 53, 64, 206, 217. Vol. III: 153.
 CONVENTO DO CARMO — Vol. II: 53.
 CONVENTO DOS JESUITAS — Vol. II: 53.
 COOPERATIVA AGRÍCOLA DE COTIA — Vol. II: 204. Vol. III: 318. Vol. IV: 117, 122, 128, 129, 169.
 COOPERATIVA AGRÍCOLA DE ITAPEERICA DA SERRA — Vol. IV: 128, 132, 147, 148.
 CORREIO — Vol. III: 130.
 COTONIFÍCIO DE OSASCO — Vol. IV: 19.
 CRUZEIRO DO SUL (Editora) — Vol. IV: 58, 189.
 CRUZEIRO DO SUL (Estaleiros) — Vol. III: 14.
 CRUZEIRO DO SUL (Serviços Aerofotogramétricos) — Vol. II: 155. Vol. III: 192, 210, 214, 238, 268, 312, 338, 358. Vol. IV: 42, 52, 72.
 CURTUME FRANCO-BRASILEIRO — Vol. III: 347.

D

DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS — Vol. II: 192, 203. Vol. IV: 207.
 DEPARTAMENTO DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA — Vol. I: 67. Vol. III: 117, 119. Vol. IV: 192.
 DEPARTAMENTO DE CULTURA — Vol. I: 33, 35, 36. Vol. II: 40, 45, 47, 64, 69, 71, 76, 84, 99, 111, 114, 117, 118, 128, 134, 148, 171, 185, 246. Vol. III: 134, 140, 142, 182, 343, 350, 364. Vol. IV: 60, 179, 188, 205, 211, 213.
 DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — Vol. I: XV, XVII, XIX. Vol. IV: 184, 204, 209.
 DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA ANIMAL — Vol. III: 346, 349.
 DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL — Vol. II: 192. Vol. IV: 207.
 DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO ANIMAL — Vol. IV: 126.
 DEPARTAMENTO DE URBANISMO — Vol. III: V.
 DEPARTAMENTO ESTADUAL DA CRIANÇA — Vol. II: 246. Vol. IV: 194, 201.
 DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA — Vol. II: 167, 183, 185, 244, 245, 246. Vol. III: 53, 73, 93, 94. Vol. IV: 59, 141, 178, 184, 192, 193, 196, 197.
 DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTRADAS DE RODAGEM — Vol. I: 39, 73, 82, 111, 245. Vol. III: 86, 87. Vol. IV: 46, 130, 142, 151, 211, 214.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DO TRABALHO — Vol. IV: 60, 178, 209.
 DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO MINERAL — Vol. I: XXIV.
 DESCLÉE DE BROUWER & CIE. — Vol. I: 40. Vol. II: 141, 164. Vol. III: 364. Vol. IV: 218.
 DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA — Vol. II: 177.
 DIRETORIA REGIONAL DE METEOROLOGIA — Vol. I: 72.
 DIVISÃO DE GEOLOGIA E MINERALOGIA — Vol. I: 139, 145, 166. Vol. IV: 184, 187, 192.
 DOLIVAIS NUNES (Editora) — Vol. I: 32. Vol. II: 96. Vol. IV: 199.
 DURANT & LAURIEL — Vol. I: 37. Vol. II: 96. Vol. IV: 192.

E

E. GUILMOTO (Editor) — Vol. I: 40. Vol. II: 102, 164, 247. Vol. III: 141, 182, 364. Vol. IV: 218.
 E. DESFOSSÉS (Impressor) — Vol. IV: 190.
 EDIÇÕES CULTURA — Vol. I: 40. Vol. II: 54, 71, 98, 174. Vol. III: 29, 364. Vol. IV: 60, 190, 219.
 EDIÇÕES MELHORAMENTOS — Vol. I: 31, 32, 33, 35, 36, 38, 40, 67, 244. Vol. II: 29, 40, 45, 46, 47, 48, 50, 82, 92, 96, 97, 98, 99, 100, 115, 121, 143, 152, 158, 159, 161, 163, 164, 174, 245, 246, 247. Vol. III: 153, 181, 182, 231, 362, 363. Vol. IV: 59, 160, 178, 185, 186, 188, 191, 195, 196, 198, 199, 201, 203, 204, 206, 213, 216.
 EDITORA ANHEMBI — Vol. I: 30. Vol. II: 202, 203, 244. Vol. IV: 187, 195.
 EDITORA BRASILIENSE — Vol. I: 30, 34. Vol. II: 28, 47, 73, 95, 99. Vol. III: 134, 181, 362. Vol. IV: 187, 210.
 EDITORA CLÁSSICO-CIENTÍFICA — Vol. I: 39. Vol. IV: 208.
 EDITORA IRÊ — Vol. II: 48. Vol. IV: 217, 219.
 EDITORA LIVROS DE PORTUGAL — Vol. I: 31. Vol. IV: 191.
 EDITORA MORMA — Vol. I: 32. Vol. IV: 203.
 EDITORA MONTEIRO LOBATO — Vol. I: 31, 35. Vol. II: 9, 47, 98, 162. Vol. III: 362. Vol. IV: 196, 210, 214.
 EDITORA MONUMENTO — Vol. I: 35. Vol. II: 162. Vol. IV: 197, 214.
 EDITORIAL HÉLIOS — Vol. II: 46.
 ELECTRO-AÇO ALTONA — Vol. IV: 83.
 EMECÊ (Editora) — Vol. I: 36. Vol. II: 95. Vol. IV: 185.
 EMPRESA CONTINENTAL DE MINÉRIOS E MINAS JANGADA — Vol. III: 14.
 EMPRESA DE COLONIZAÇÃO SUL PAULISTA — Vol. IV: 144.
 EMPRESA DE PUBLICAÇÕES ASSOCIADAS — Vol. I: 31. Vol. II: 152, 161. Vol. III: 149, 181, 362. Vol. IV: 59, 107, 213.
 EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INDEPENDÊNCIA — Vol. I: 36. Vol. II: 113. Vol. IV: 189, 196.
 EMPRESA GRÁFICA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" — Vol. I: 31, 36, 38. Vol. II: 47, 98, 103, 163. Vol. IV: 152, 188, 193, 217.
 EMPRESA NACIONAL DE FOTOGRAFIAS AÉREAS (E. N. F. A.) — Vol. I: 18, 182. Vol. II: 154. Vol. III: 124, 148, 168, 198, 205, 226, 240, 306, 340. Vol. IV: 145.
 ENRICO REGGIANI (Editor) — Vol. I: 37. Vol. IV: 192.
 ESCOLA ALEMÃ — Vol. III: 296.

ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES — Vol. II: 58. Vol. IV: 151, 213.
 ESCOLA DE JORNALISMO CASPER LÍBERO — Vol. I: XXIII. Vol. II: 217.
 ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL — Vol. II: 217.
 ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA — Vol. III: 296.
 ESCOLA NORMAL — *Veja Instituto de Educação Caetano de Campos.*
 ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA — Vol. III: 283, 285.
 ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — Vol. I: XXIV. Vol. II: 231. Vol. III: 205.
 ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DE SÃO PAULO — Vol. I: XXV.
 ESCOLA PREPARATÓRIA DE OFICIAIS DA FORÇA PÚBLICA — Vol. III: 205.
 ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS — Vol. I: 35, 38. Vol. II: 46, 111, 162, 163, 246. Vol. III: 144, 181, 362. Vol. IV: 27, 59, 151, 190, 196, 217.
 ESPORTE CLUBE PALMEIRAS — Vol. III: 349.
 ESPORTE CLUBE PINHEIROS — Vol. III: 311.
 ESTABELECIMENTO GRÁFICO UNIVERSAL — Vol. I: 40. Vol. II: 164. Vol. IV: 215.
 ESTAÇÃO EXPERIMENTAL — Vol. III: 285.
 ESTÁDIO MUNICIPAL DO PACAEMBU — Vol. I: 182, 184, 193. Vol. III: 223, 340, 341, 342, 343.
 ETERNIT DO BRASIL — Vol. IV: 20, 101.
 EXPOSIÇÃO DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO — Vol. III: 291.

F

FÁBRICA ANHATA — Vol. III: 12, 196.
 FÁBRICA CELOSUL — Vol. IV: 18.
 FÁBRICA DE CAMAS PATENTE — Vol. III: 206.
 FÁBRICA DE CHOCOLATES PAN — Vol. IV: 89.
 FÁBRICA DE CIMENTO E AMIANTO — Vol. IV: 101.
 FÁBRICA DE FITAS DORA — Vol. IV: 167.
 FÁBRICA DE FÓSFOROS GRANADA — Vol. IV: 19, 98.
 FÁBRICA DE LOUÇAS CLÁUDIA — Vol. IV: 81.
 * FÁBRICA DE PAPEL E CARTONAGEM — Vol. IV: 98.
 FÁBRICA DE POSTES CAVAN — Vol. IV: 100.
 FÁBRICA DE TECIDOS BELTRAMO — Vol. IV: 98, 106.
 FÁBRICA IME — Vol. IV: 88.
 FÁBRICA MARIÂNGELA — Vol. III: 14.
 FÁBRICA NACIONAL DE VIDRO PLANO — Vol. III: 347.
 FÁBRICA TATU — Vol. IV: 176.
 FÁBRICA VOTORANTIM — Vol. III: 13. Vol. IV: 110.
 FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — Vol. II: 130, 231. Vol. III: 296.
 FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E ADMINISTRATIVAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — Vol. I: XXIV. Vol. II: 47. Vol. III: 17, 94, 296. Vol. IV: 190, 212.
 FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DE SÃO PAULO — Vol. I: XXIII. Vol. II: 146, 163. Vol. IV: 194.
 FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS SÃO LUIS — Vol. II: 217.
 FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — *Veja Academia de Direito de São Paulo.*
 FACULDADE DE ENGENHARIA INDUSTRIAL — Vol. I: XXIV. Vol. II: 217.

FACULDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS — Vol. II: 217.
 FACULDADE DE FARMÁCIA E ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — Vol. II: 231. Vol. III: 205.
 FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — Vol. I: XIII, XVIII, XIX, XXIII, XXIV, XXV, 31, 32, 36, 67, 73, 101, 109, 111, 119, 166, 244. Vol. II: 36, 43, 46, 98, 163, 203, 231, 245. Vol. III: 94, 159, 202, 296, 362. Vol. IV: 6, 9, 58, 59, 134, 151, 154, 157, 178, 184, 186, 189, 191, 194, 196, 199, 204, 209, 211, 219.
 FACULDADE DE FILOSOFIA DE SÃO BENTO — Vol. I: XXIII, XXV. Vol. II: 217. Vol. III: 337.
 FACULDADE DE FILOSOFIA DE SOROCABA — Vol. I: XXIII, XXIV.
 FACULDADE DE FILOSOFIA "SEDES SAPIENTIAE" — Vol. I: XXIII, XXIV, XXV. Vol. II: 217, 231. Vol. III: 296. Vol. IV: 62.
 FACULDADE DE HIGIENE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — Vol. I: 71, 85. Vol. III: 309.
 FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — Vol. III: 309.
 FACULDADE DE TEOLOGIA — Vol. II: 217.
 FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DO BRASIL — Vol. II: 246. Vol. IV: 215.
 FACULDADE PAULISTA DE DIREITO — Vol. II: 217. Vol. III: 337.
 FALCHI (Fábrica) — Vol. III: 271.
 FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO — Vol. III: 20, 45, 73, 95, 97. Vol. IV: 195, 215.
 FERDINANDO OUGANIA (Editor) — Vol. II: 96. Vol. IV: 202.
 FIAÇÃO, TECELAGEM E ESTAMPARIA IPIRANGA — Vol. III: 14.
 FIAÇÃO E TECELAGEM NICE — Vol. IV: 89.
 FIELDS OSGOOD & Co. — Vol. I: 244. Vol. IV: 198.
 FIRESTONE (Fábrica) — Vol. III: 38, 64. Vol. IV: 37.
 FLORICULTURA BOETTCHER — Vol. IV: 138.
 FONDO DE CULTURA ECONÔMICA — Vol. I: 110. Vol. IV: 200.
 FORÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — Vol. III: 205.
 FRANCIS GRIFFITHS (Editor) — Vol. I: 37. Vol. IV: 193.
 FRIGORÍFICO ARMOUR — Vol. III: 49, 54^a. Vol. IV: 20.
 FRIGORÍFICO WILSON — Vol. III: 49, 54, 57. Vol. IV: 98, 100, 103.
 FRONTÃO DA BOA VISTA — Vol. III: 100.
 FROTA CARIÇA — Vol. III: 14.
 FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS — Vol. II: 245, 246. Vol. III: 61, 95, 98. Vol. IV: 191, 197, 205, 218, 219.
 FUNDAÇÃO MACKENZIE — Vol. III: 296.
 FUNDAÇÃO DE AÇO VILARES — Vol. IV: 89.
 FUNK & WAGNALLS Co. — Vol. I: 38. Vol. II: 144, 164. Vol. IV: 199.

G

GARDANO (Fábrica) — Vol. III: 55.
 GASPAR DA SILVA (Editor) — Vol. I: 39. Vol. II: 96. Vol. IV: 205.
 GAUTHIERS VILLARS (Editor) — Vol. I: 38. Vol. II: 96. Vol. IV: 198.
 GENERAL MOTORS DO BRASIL — Vol. IV: 33, 37, 61, 69, 77, 83, 84, 85, 86.

GEORGE BARRIE & SONS — Vol. I: 40, 111.
Vol. II: 112, 164. Vol. III: 364. Vol. IV:
219.
GINÁSIO DAS MISSIONÁRIAS DO SACRADO CO-
RAÇÃO DE JESUS — Vol. III: 331.
GOOD-YEAR DO BRASIL — Vol. III: 64.
GRÁFICA-EDITORA MICHALANY — Vol. I:
33. Vol. II: 162. Vol. IV: 205.
GRÁFICA PAULISTA — Vol. I: 31, 67, 196,
244. Vol. II: 46, 98. Vol. III: 185, 363.
Vol. IV: 59, 196.
GRANDE HOTEL — Vol. III: 132.
GRANDE HOTEL DE INTERLAGOS — Vol. IV:
54.
GRANT & SON — Vol. I: 37. Vol. II: 96.
Vol. IV: 191.
GRUPO ESCOLAR OSVALDO CRUZ — Vol. III:
230.
GRUPO ESCOLAR SÃO PAULO — Vol. II: 231.

H

H. LAMIRAULT & CIE. — Vol. II: 95, 96.
Vol. IV: 201.
HARPER & BROTHERS PUB. — Vol. I: 38.
Vol. II: 144, 164. Vol. IV: 199.
HÓRTO FLORESTAL — Vol. I: 71, 88, 90, 91,
222. Vol. IV: 40, 45.
HOSPEDARIA DO BEXIGA — Vol. III: 133.
HOSPEDARIA DOS IMIGRANTES — Vol. III:
131.
HOSPITAL DA BENEFICÊNCIA PORTUGUESA —
Vol. III: 276.
HOSPITAL DAS CLÍNICAS — Vol. III: 306, 309.
HOSPITAL DE ISOLAMENTO — Actual Instituto
Adolfo Lutz — Vol. III: 295, 309.
HOSPITAL MILITAR — Vol. III: 205.
HOSPITAL SAMARITANO — Vol. III: 329.
HOSPITAL SANTA CECÍLIA — Vol. III: 329.
HOSPITAL SÃO PAULO — Vol. III: 283, 284.
HOTEL COMODORO — Vol. III: 200.
HOUGHTON MIFFLIN CO. — Vol. I: 36. Vol.
II: 144, 163. Vol. IV: 188, 189.

I

I. A. O. I. — Vol. III: 78.
I. A. P. I. — Vol. IV: 32.
I. A. P. T. C. — Vol. III: 269.
IATE CLUBE ITÁLIA — Vol. IV: 53.
IATE CLUBE PAULISTA — Vol. IV: 53.
IGREJA DA MISERICÓRDIA — Vol. II: 53.
IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRAN-
CISCO — Vol. III: 153.
IGREJA DA SÉ — Vol. II: 53, 57. Vol. III:
249.
IGREJA DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA —
Vol. II: 217.
IGREJA DE NOSSA SENHORA DA ACHIROPITA
— Vol. II: 199. Vol. III: 280.
IGREJA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE
— Vol. II: 217. Vol. III: 144, 153.
IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO
— Vol. I: 198. Vol. II: 53. Vol. III: 292,
294, 295, 296, 321.
IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE
FRANÇA — Vol. III: 245, 247, 249, 251.
IGREJA DE NOSSA SENHORA DE IGUAPE —
Vol. IV: 176.
IGREJA DE NOSSA SENHORA DE LOURDES —
Vol. IV: 170.
IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO —
Itaquera — Vol. IV: 163, 166.
IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LÍBANO —
Vol. II: 217.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO MONTE SER,
RATE — Vol. III: 315, 317.
IGREJA DE NOSSA SENHORA DO PARAÍSO —
Vol. II: 217.
IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS PINHEIROS
DA CONCEIÇÃO — Vol. III: 315.
IGREJA DE SANTA CECÍLIA — Vol. III: 327.
IGREJA DE SANTA IPIGÊNIA — Vol. III: 144,
153.
IGREJA DE SANTO ANTÔNIO — Vol. III: 144,
153.
IGREJA DE SÃO BENTO — Vol. II: 20. Vol.
III: 144, 153.
IGREJA DE SÃO FRANCISCO — Vol. II: 20,
57, 206. Vol. III: 144, 153.
IGREJA DE SÃO GONÇALO — Vol. III: 144,
153.
IGREJA DE SÃO JANUÁRIO — Vol. II: 199.
IGREJA DE SÃO JOÃO VIANNEY — Vol. III:
346, 347, 350.
IGREJA DE SÃO JUDAS TADEU — Vol. III:
284.
IGREJA DE SÃO VITO MÁRTIR — Vol. II: 199.
IGREJA DO CARMO — Vol. II: 20. Vol. III:
144, 153.
IGREJA DO ROSÁRIO — Penha — Vol. III:
249.
IGREJA DOS REMÉDIOS — Vol. II: 53.
IMPRESA NACIONAL — Vol. I: 34, 36, 37,
39, 40, 111. Vol. II: 45, 47, 48, 54, 83,
97, 127, 162, 169, 174, 245, 246, 247.
Vol. III: 93, 363, 364. Vol. IV: 60, 151,
164, 178, 179, 184, 185, 193, 202, 203,
209, 216.
IMPRESA OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO
— Vol. I: 35. Vol. II: 44, 45. Vol. IV:
190, 216.
INDÚSTRIA (Fábrica) — Vol. IV: 176.
INDÚSTRIA BRASILEIRA DE ARTIGOS REPR-
TÁRIOS — Vol. IV: 173.
INDÚSTRIA DO LIVRO (Editora) — Vol. III:
95. Vol. IV: 199.
INDÚSTRIA GRÁFICA DONATO — Vol. I: 33.
Vol. II: 99, 161. Vol. IV: 204.
INDÚSTRIA NIPE — Vol. IV: 167.
INDÚSTRIAS MARTINS FERREIRA — Vol. III:
361.
INDÚSTRIAS MINETTI GAMBA — Vol. III: 50.
INDÚSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO (I. R.
F. M.) — Vol. III: 14, 50, 81, 347. Vol.
IV: 18, 30, 33, 68, 69, 76, 81, 87, 88, 89.
INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET
DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES — Vol. III: 72.
INSTITUTO ADOLFO LUTZ — Antigo Hospital
de Isolamento — Vol. III: 309.
INSTITUTO ASTRONÓMICO E GEOFÍSICO —
Vol. I: 71, 72, 73, 82, 84, 89, 90, 91, 93,
109, 119, 167, 245. Vol. II: 104. Vol. IV:
198.
INSTITUTO ASTRONÓMICO E GEOGRÁFICO —
Vol. II: 164. Vol. IV: 190, 211.
INSTITUTO BIOLÓGICO — Vol. III: 285.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E Es-
TATÍSTICA (I. B. G. E.) — Vol. I: 31, 36,
37, 38, 39, 110. Vol. II: 99, 142, 164, 189,
212, 245, 246. Vol. III: 47, 58, 73, 96,
363. Vol. IV: 38, 58, 63, 116, 151, 191,
198, 201, 204.
INSTITUTO BUTANTÃ — Vol. III: 319. Vol.
IV: 198.
INSTITUTO CARTOGRÁFICO CASTIGLIONE —
Vol. II: 165. Vol. IV: 198.
INSTITUTO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRO —
Vol. I: 31. Vol. II: 94, 98, 99, 127, 163.
Vol. III: 362. Vol. IV: 192, 212.
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CAETANO DE CAM-
POS — Vol. I: 71, 72. Vol. II: 131.
INSTITUTO DE ENGENHARIA DO ESTADO DE
SÃO PAULO — Vol. I: 67, 244, 245. Vol.
III: 120. Vol. IV: 187, 191, 198, 200.

INSTITUTO DE ESTUDOS, PESQUISAS E ESTADÍSTICAS — Vol. III: 97. Vol. IV: 213.
 INSTITUTO DE HIGIENE — Veja Faculdade de Higiene da Universidade de São Paulo.
 INSTITUTO DE HISTÓRIA E ARTE RELIGIOSAS — Vol. II: 217.
 INSTITUTO DE INTERCÂMBIO LUSO-BRASILEIRO — Vol. I: 32.
 INSTITUTO DE MENORES — Vol. I: 235.
 INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS (I. P. T.) — Vol. I: 144, 166, 187, 200, 201, 202, 245. Vol. II: 231. Vol. III: 205. Vol. IV: 40, 58, 64, 211, 213.
 INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO — Vol. I: 233. Vol. III: 286.
 INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DOS COMERCIÁRIOS — Vol. III: 259.
 INSTITUTO DISCIPLINAR — Vol. III: 230.
 INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ALCOOL — Vol. III: 52.
 INSTITUTO MEDICAMENTA FONTOURA — Vol. III: 63.
 INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO — Vol. I: 36, 37, 45. Vol. II: 92, 95, 96, 172, 245. Vol. III: 362. Vol. IV: 59, 184, 185, 186, 190.
 INSTITUTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO (I. G. C.) — Vol. I: 121, 142, 159, 166, 167, 172. Vol. IV: 195, 198, 200, 201.
 INSTITUTO OSCAR FREIRE — Vol. III: 309.
 INSTITUTO PAULISTA — Vol. III: 302.
 IRMÃOS DI GIORGIO & CIA. — Vol. I: 36. Vol. IV: 187.
 INSTITUTO NAZIONALI DI URBANISTICA — Vol. II: 244. Vol. IV: 202.

J

J. CORNER (Editor) — Vol. I: 142.
 J. FERNANDES LOPES (Editor) — Vol. II: 48. Vol. IV: 218.
 JOCKRY CLUB DE SÃO PAULO — Vol. III: 313.
 JOHN BALE SONS & DANIELSON — Vol. I: 98, 110. Vol. IV: 190.
 JOSÉ BASTOS & CIA. — Vol. I: 37. Vol. III: 362. Vol. IV: 192.

K

KOPENHAGEN (Fábrica) — Vol. III: 55.
 KOWARICK (Fábrica) — Vol. II: 81.

L

L. STRINA & CIA. — Vol. II: 104, 165. Vol. IV: 203.
 LABORATÓRIO PAULISTA DE BIOLOGIA — Vol. III: 63.
 LACTA (Fábrica) — Vol. III: 55.
 LAMINAÇÃO NACIONAL DE METAIS — Vol. IV: 34, 37.
 LANÍFICIO SÃO PAULO — Vol. IV: 90.
 LAR BRASILEIRO — Vol. III: 339.
 LEONAN (Fábrica) — Vol. III: 361.
 LIBRAIRIE ARMAND COLIN — Vol. I: 13, 17, 37, 66, 67, 98, 111. Vol. II: 102, 109, 128, 145, 163, 164, 198, 245. Vol. III: 123, 182, 185, 362, 364. Vol. IV: 192, 203, 205, 208, 215.
 LIBRAIRIE DALLOZ — Vol. II: 211, 245. Vol. IV: 190.
 LIBRAIRIE HACHETTE — Vol. I: 37, 39. Vol. III: 215, 363. Vol. IV: 190.

LIBRAIRIE ORIENTALE & AMÉRICAINÉ — Vol. II: 102. Vol. III: 141, 182.
 LIBRAIRIE PAYOT — Vol. I: 40. Vol. II: 143, 164, 211, 246. Vol. III: 364. Vol. IV: 200, 217.
 LIBRAIRIE PLON — Vol. I: 37, 40. Vol. II: 72, 98, 143, 163. Vol. IV: 194, 217.
 LICEU CORAÇÃO DE JESUS — Vol. III: 203.
 LICEU DE ARTES E OFÍCIOS — Vol. II: 231. Vol. III: 206.
 LIGHT AND POWER — Vol. I: 22, 27, 35, 52, 53, 61, 71, 88, 93, 213, 215, 220. Vol. II: 104, 132, 134, 135, 149, 158, 162, 165. Vol. III: 10, 80, 100, 101, 102, 103, 105, 107, 109, 110, 111, 112, 116, 119, 218, 282, 283, 287, 307. Vol. IV: 5, 6, 53, 210, 217.
 LIVRARIA ACADÊMICA — Vol. I: 35. Vol. II: 98. Vol. IV: 217.
 LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA — Vol. I: 29. Vol. II: 95. Vol. IV: 185.
 LIVRARIA DUPRAT — Vol. I: 30. Vol. II: 98. Vol. IV: 190.
 LIVRARIA FRANCISCO ALVES — Vol. I: 33, 38, 39, 114, 166. Vol. II: 99. Vol. III: 181, 363. Vol. IV: 151, 188, 203, 209.
 LIVRARIA GARNIER — Vol. I: 36, 37, 39. Vol. II: 48, 79, 96, 97, 111, 164, 246. Vol. III: 363. Vol. IV: 185, 192, 202, 211, 215.
 LIVRARIA JOSÉ OLÍMPIO — Vol. I: 25, 29, 30, 34, 39, 85. Vol. II: 33, 44, 46, 47, 64, 98, 115, 163, 173, 175, 245, 247. Vol. III: 95, 144, 181, 315, 362. Vol. IV: 59, 186, 189, 198, 199, 206, 211, 212, 218.
 LIVRARIA KOSMOS — Vol. I: 34. Vol. II: 162. Vol. IV: 211.
 LIVRARIA LARMERMET — Vol. I: 38. Vol. II: 36, 96. Vol. III: 363. Vol. IV: 60, 151.
 LIVRARIA MARTINS — Vol. I: 31, 32, 37, 38, 39, 40, 56, 67, 71, 110, 111, 243, 245. Vol. II: 27, 46, 47, 50, 51, 72, 85, 96, 97, 98, 99, 161, 174, 245, 246, 247. Vol. III: 11, 30, 95, 130, 132, 181, 182, 218, 249, 294, 315, 346, 362, 363, 364. Vol. IV: 59, 60, 116, 133, 151, 192, 195, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 212, 217, 219.
 LIVRARIA PORTUGÁLIA — Vol. II: 46. Vol. IV: 201.
 LIVRARIA PROGRESSO — Vol. I: 37. Vol. II: 96. Vol. IV: 192.
 LIVRARIA SARAIVA — Vol. I: 33, 38. Vol. II: 64, 99. Vol. III: 363. Vol. IV: 201, 205.
 LLOYD'S GREATER BRITAIN PUB. CO. — Vol. I: 38. Vol. II: 246. Vol. III: 141, 181, 363. Vol. IV: 202.
 LÓIDE BRASILEIRO — Vol. III: 89.
 LOJAS AMERICANAS — Vol. III: 135.
 LOJAS ASSUNÇÃO — Vol. III: 69.
 LOJAS CLIPPER — Vol. III: 167, 329.
 LOJAS GARBO — Vol. III: 69.
 LOJAS JOSÉ SILVA — Vol. III: 69.
 LOJAS TRÊS LEÕES — Vol. III: 357.
 LONGMAN GREEN & CO. LTD. — Vol. I: 167, 244. Vol. IV: 204.
 LOTHROP, LEE & SHEPARD — Vol. I: 32, 38. Vol. III: 23, 363. Vol. IV: 199.

M

MAGLIONE & STRINI — Vol. I: 36. Vol. IV: 188.
 MAIA LELO (Fábrica) — Vol. IV: 137.
 MATARAZZO & IRMÃOS — Vol. III: 14.
 MATERNIDADE PAULISTA — Vol. III: 302.
 MATERNIDADE SÃO PAULO — Vol. III: 302.
 MESSENBURG (Fábrica) — Vol. II: 81.
 METALÚRGICA SÃO FRANCISCO — Vol. IV: 33, 89.

MINERAÇÃO GERAL DO BRASIL — Vol. III: 14.
 MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA — Vol. I: 220. Vol. III: 169.
 MINISTÉRIO DA AGRICULTURA — Vol. I: XXIV, 69, 72, 76, 145, 166. Vol. IV: 184, 187, 201, 207, 214.
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE — Vol. II: 45. Vol. IV: 185, 190.
 MODERNA (Editora) — Vol. IV: 58, 151, 209.
 MOINHO DA LAPA — Vol. III: 361.
 MOINHO SANTISTA — Vol. III: 49, 50, 54.
 MOINHOS PAULISTAS — Vol. III: 50.
 MOSTEIRO DE SÃO BENTO — Vol. II: 40, 53. Vol. IV: 65.
 MUSEU PAULISTA — Vol. II: 231. Vol. III: 262, 267, 269.

N

NADIR FIGUEIREDO INDÚSTRIA E COMÉRCIO — Vol. III: 224.
 NOSSO PÃO — Vol. III: 53.
 NOTRE DAME DE PARIS — Vol. III: 131.

O

OBSERVATÓRIO ASTRONÔMICO E GEOPÍSICO — Vol. I: 71, 72, 84. Vol. III: 285.
 OLARIA MANFRED — Vol. III: 196.
 ORDEM DE SÃO BENTO — Vol. IV: 65, 66.
 ORION (Fábrica) — Vol. III: 65.
 OXFORD UNIVERSITY PRESS — Vol. I: 110. Vol. IV: 199.

P

PAÇO MUNICIPAL — Vol. II: 8, 22. Vol. III: 167.
 PALÁCIO DA JUSTIÇA — Vol. III: 163, 167, 169.
 PALÁCIO DO GOVERNO — Vol. II: 53. Vol. III: 166, 202.
 PÃO AMERICANO PULLMAN — Vol. III: 53.
 PASTIFÍCO ANTONINI — Vol. III: 350.
 PENITENCIÁRIA DO ESTADO — Vol. III: 223.
 PIRELLI (Fábrica) — Vol. III: 65. Vol. IV: 37.
 PONGETTI (Editor) — Vol. I: 37. Vol. II: 96. Vol. IV: 190.
 PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO — Vol. I: XXIII, XXV. Vol. II: 217. Vol. III: 337, 339.
 PORTELA (Fábrica) — Vol. IV: 137.
 PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO — Vol. I: 22, 32, 35, 57, 67, 244. Vol. II: 44, 124, 161, 162, 165, 185. Vol. III: V, 100, 101, 119, 167, 181, 182, 251, 281, 342, 343, 351, 363, 364. Vol. IV: 46, 130, 137, 191, 203, 205, 210, 215.
 PRESSAS UNIVERSITÁRIAS DE FRANCE — Vol. II: 109, 163. Vol. III: 72, 122, 181. Vol. IV: 197.
 PROVÍNCIA CARMELITANA FLUMINENSE — Vol. IV: 164.
 PUBLICIDADE INDEPENDÊNCIA EDITORA — Vol. II: 162. Vol. IV: 210.

R

RÁDIO DIFUSORA — Vol. III: 343.
 RÁDIO PAN-AMERICANA — Vol. I: 33. Vol. II: 99, 161, 363. Vol. IV: 203.
 RÁDIO TUPI — Vol. III: 343.

REFINADORA DE ÓLEOS BRASIL — Vol. IV: 69.
 REFINARIA TUPI — Vol. III: 52.
 REINHOLD PUB. CORP. — Vol. IV: 218.
 REITORIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — Vol. III: 203.
 REPARTIÇÃO DE ÁGUAS E ESGOTOS — Vol. I: 137. Vol. II: 165, 231. Vol. IV: 112, 210.
 ROTSCCHILD & CIA. — Vol. I: 67.

S

SANATÓRIO PINEL — Vol. IV: 47.
 SANATÓRIO SANTA CATARINA — Vol. III: 302.
 SANTA CASA DE MISERICÓRDIA — Vol. II: 231. Vol. III: 261, 262, 324, 342.
 SÃO PAULO EDITORA LTDA. — Vol. I: 110. Vol. II: 91.
 SÃO PAULO GÁS CO. — Vol. III: 101, 102.
 SARA DO BRASIL — Vol. I: 184, 189, 230, 239. Vol. II: 104, 165. Vol. III: 287, 334, 364. Vol. IV: 100, 203.
 SCATAMACCHIA (Fábrica) — Vol. III: 68.
 SEARS ROEBUCK S. A. — Vol. III: 167, 276, 348.
 SECRETARIA DA AGRICULTURA — Vol. I: 35, 39, 57. Vol. II: 47, 103, 137, 162, 164, 245. Vol. III: 45, 94, 97, 101, 119, 285, 346. Vol. IV: 30, 59, 60, 126, 151, 152, 179, 185, 188, 192, 193, 204, 210, 213, 214.
 SECRETARIA DA EDUCAÇÃO — Vol. III: 167.
 SECRETARIA DA FAZENDA — Vol. III: 167.
 SECRETARIA DA JUSTIÇA — Vol. I: XXIV.
 SECRETARIA DA SAÚDE — Vol. III: 167.
 SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA — Vol. II: 192. Vol. III: 167. Vol. IV: 207.
 SECRETARIA DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS — Vol. I: 67. Vol. III: 167.
 SEMINÁRIO DA GLÓRIA — Vol. III: 295.
 SENADO DA CÂMARA DE SÃO PAULO — Vol. II: 32.
 SENAI — Veja Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.
 SERRARIA LAMEIRÃO — Vol. III: 361.
 SERVIÇO DE TRÂNSITO — Vol. III: 122.
 SERVIÇO DO PATRIMÔNIO E CADASTRO — Vol. I: XXIV.
 SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITÉTICO NACIONAL — Vol. II: 46, 47. Vol. III: 153. Vol. IV: 142, 191, 202, 212.
 SERVIÇO METEOROLÓGICO — Vol. I: 33, 72, 76, 84, 110. Vol. IV: 204.
 SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (Senai) — Vol. III: 46, 73, 79.
 SERVIÇO NACIONAL DE METEOROLOGIA — Vol. I: 69, 111. Vol. IV: 211, 214.
 SDCIEDE AMIGOS DA CIDADE — Vol. I: 30, 32. Vol. IV: 187, 203.
 SOCIEDADE BRASILEIRA DE MINERALOGIA — Vol. IV: 191.
 SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU — Vol. II: 9, 29, 45. Vol. IV: 183.
 SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO — Vol. III: 97. Vol. IV: 215.
 SOCIEDADE EDITORA DA INDEPENDÊNCIA — Vol. I: 35. Vol. II: 103, 162. Vol. III: 150, 182, 364. Vol. IV: 60, 208, 215.
 SOCIEDADE FAZENDA CASA BRANCA — Vol. IV: 176.
 SOCIEDADE HANS STADEN — Vol. II: 48. Vol. IV: 216.
 SOCIEDADE HARMONIA DE TÊNIS — Vol. III: 311.
 SOCIEDADE INTERNACIONAL OPERÁRIA DE SÃO CAETANO — Vol. IV: 69.
 SOCIETÀ DI MUTUO SOCCORRO PRINCIPE DI NAPOLI — Vol. IV: 69.

SOCIÉTÉ ANONYME DE PUBLICATIONS PÉRIODIQUES — Vol. I: 37. Vol. IV: 190.
 SOUSA CRUZ (Fábrica) — Vol. III: 69.
 SPAM (Fábrica) — Vol. III: 60.
 SUDAN (Fábrica) — Vol. III: 69.

T

TEATRO BELA VISTA — Vol. III: 279.
 TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA — Vol. III: 279.
 TEATRO COLOMBO — Vol. II: 123.
 TEATRO MARIA DELLA COSTA — Vol. III: 279.
 TEATRO MUNICIPAL — Vol. II: 123, 131, 132. Vol. III: 102.
 TEATRO SANTANA — Vol. II: 123.
 TEATRO SÃO JOSÉ — Vol. II: 123.
 TECELAGEM ITAPEVA — Vol. IV: 90.
 THE NEW LONDON AND BRAZILIAN BANK — Vol. II: 78.
 THEODORO REICHERT (Casa bancária) — Vol. II: 78.
 THE ODYSSEY PRESS — Vol. I: 8, 32, 38. Vol. II: 103, 144, 164, 246. Vol. IV: 199.
 THE SÃO PAULO TRAMWAY, LIGHT AND POWER CO. LTD. — Veja *Light and Power*.
 TIPOGRAFIA ANDRADE MELO & CIA. — Vol. IV: 151.
 TIPOGRAFIA BRASIL — Vol. I: 67. Vol. II: 25, 46, 47. Vol. IV: 60, 151, 194, 207, 209.
 TIPOGRAFIA CARDOSO FILHO & CIA. — Vol. I: 34. Vol. II: 162. Vol. IV: 209.
 TIPOGRAFIA COMERCIAL PORTUENSE — Vol. II: 55.
 TIPOGRAFIA COSTA SILVEIRA — Vol. I: 39. Vol. II: 49, 97, 175, 246. Vol. III: 363. Vol. IV: 206.
 TIPOGRAFIA CÚPOLO — Vol. I: 31. Vol. II: 161. Vol. IV: 195.
 TIPOGRAFIA DA ACADEMIA — Vol. II: 47. Vol. IV: 193.
 TIPOGRAFIA DA LEI — Vol. I: 37. Vol. II: 96. Vol. IV: 191.
 TIPOGRAFIA EDITRICE NAZIONALE — Vol. I: 36. Vol. III: 362. Vol. IV: 188.
 TIPOGRAFIA ESPÍNDOLA, SIQUEIRA & CIA. — Vol. IV: 59, 178, 185.
 TIPOGRAFIA GLOBO — Vol. IV: 151, 188.
 TIPOGRAFIA H. J. PINTO — Vol. II: 58.
 TIPOGRAFIA IDEAL — Vol. I: 35. Vol. II: 45, 97. Vol. IV: 216.
 TIPOGRAFIA IMPARCIAL — Vol. II: 73.
 TIPOGRAFIA JORGE SECKLER — Vol. I: 29, 32, 39. Vol. II: 45, 76, 81, 95, 96, 97. Vol. III: 133, 182, 363. Vol. IV: 60, 185, 203, 205.
 TIPOGRAFIA KING — Vol. I: 37. Vol. II: 82, 96, 178, 245. Vol. III: 362. Vol. IV: 59, 67, 107, 133, 151, 178, 191.
 TIPOGRAFIA LAEMMERT — Vol. II: 47. Vol. IV: 203, 204.
 TIPOGRAFIA ORTEGA E RADAELLI — Vol. II: 245. Vol. IV: 188.
 TIPOGRAFIA PIRATININGA — Vol. II: 46.

TIPOGRAFIA POCAI — Vol. III: 97, 218, 362. Vol. IV: 195, 201, 209.
 TIPOGRAFIA POCAI & WEISS — Vol. I: 37. Vol. II: 113, 163. Vol. III: 362. Vol. IV: 190.
 TIPOGRAFIA SIQUEIRA — Vol. I: 36. Vol. II: 163. Vol. IV: 218.
 TOURING CLUB ITALIANO — Vol. III: 93. Vol. IV: 186.
 TREVES (Editora) — Vol. I: 37. Vol. IV: 195.
 TUBIZE CHATILLON CO. — Vol. IV: 17.

U

UNIÃO GEOGRÁFICA INTERNACIONAL — Vol. IV: 183, 188.
 UNION DEUTSCHE VERLAGSGESELLSCHAFT — Vol. II: 113, 164. Vol. IV: 198.
 UNITED SHOE — Vol. III: 67.
 UNIVERSIDADE DE HARVARD — Vol. II: 71.
 UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO — Veja *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*.
 UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — Vol. I: XXIII, XXIV, XXV. Vol. III: 202, 203, 205, 206, 296, 309.
 UNIVERSIDADE DO BRASIL — Vol. I: XXIII.
 UNIVERSIDADE MACKENZIE — Vol. II: 218, 231.
 USINA MONTE ALEGRE — Vol. III: 66.

V

VALLARDI (Editor) — Vol. I: 38. Vol. II: 96. Vol. IV: 202.
 VANORDEN & CIA. — Vol. II: 68.
 VELÓDROMO PAULISTA — Vol. III: 295, 297.
 VERLAG GRENZE UND AUSLAND — Vol. II: 142, 164. Vol. IV: 217.
 VUBERT & NONY — Vol. I: 40. Vol. IV: 217.

W

W. M. JACKSON INC. — Vol. I: 39. Vol. IV: 209.
 WALITA (Fábrica) — Vol. III: 60.
 WEISZFLOG IRMÃOS — Veja *Edições Melhoramentos*.
 WHITE MARTINS — Vol. IV: 33.

Z

ZÉLIO VALVERDE (Editor) — Vol. I: 39, 85, 111, 244. Vol. II: 47, 50, 96, 174, 246. Vol. IV: 60, 204.

ÍNDICE DE PESSOAS

A

- ABAREBEBÊ** — Vol. II: 9.
ABREU (J. Capistrano de) — Vol. II: 9, 29, 45. Vol. IV: 183.
ABREU (Manuel Cardoso de) — Vol. II: 35, 44. Vol. IV: 183.
ABREU (S. Fróes) — Vol. III: 93. Vol. IV: 183.
AB'SÁBER (Aziz Nacib) — Vol. I: XVII, XXIII, XXIX, 29, 117, 122, 123, 134, 146, 150, 164, 165, 166, 169, 172, 185, 186, 188, 193, 205, 206, 208, 218, 223, 224, 232, 233, 235, 244, 254. Vol. III: 93, 146, 159. Vol. IV: 58, 59, 107, 183, 188.
ACU (Antônio) — Vol. IV: 97, 98.
AGUDO (José) — Vol. I: 29. Vol. IV: 183.
AGUIAR (Rafael Tobias de) — Vol. II: 88.
AGUIRRA (J. B. de Campos) — Vol. II: 95, 98. Vol. III: 355. Vol. IV: 183.
ALBUQUERQUE — Vol. III: 174.
ALBUQUERQUE (Francisco de) — Vol. II: 66.
ALEGRE (Marcos) — Vol. IV: 153, 174, 178, 183.
ALMEIDA (Alfúcio de) — Vol. I: 29. Vol. II: 98, 160. Vol. III: 93. Vol. IV: 184.
ALMEIDA (Fernando F. Marques de) — Vol. I: XV, XVII, XXIV, XXIX, 6, 29, 113, 118, 132, 134, 139, 145, 147, 165, 166, 167, 244, 253. Vol. IV: 58, 184, 187, 211.
ALMEIDA (Francisco José Lacerda e) — Vol. I: 36. Vol. II: 45. Vol. IV: 184.
ALMEIDA (João Carlos de) — Vol. II: 167, 245. Vol. IV: 184.
ALMEIDA (Luís Castanho de) — Vol. III: 93. Vol. IV: 133, 150, 184.
ALMEIDA (Nelson Martins de) — Vol. IV: 33, 58, 66, 107, 185.
ALMEIDA (Ramiro de) — Vol. I: 29. Vol. II: 160. Vol. IV: 185.
ALMEIDA (Vicente Untzer de) — Vol. II: 245. Vol. IV: 185, 204.
ALMEIDA JÚNIOR (A. de) — Vol. I: 29. Vol. II: 98. Vol. IV: 185.
ALMEIDA JÚNIOR (João Mendes de) — Vol. I: 29. Vol. II: 45, 95. Vol. IV: 59, 150, 169, 178, 185.
ÁLVARES PENTEADO (Conde) — Veja *Conde Álvares Penteado*.
ALVES (Léo Ferraz) — Vol. III: 120. Vol. IV: 185.
ALZAZA (Pedro) — Vol. I: 31. Vol. IV: 195.
AMARAL (Edmundo) — Vol. I: 29. Vol. II: 95. Vol. IV: 185.
AMARAL (F. Pompeu do) — Vol. I: 29. Vol. IV: 185.
AMEGHINO (F.) — Vol. I: 139, 166. Vol. IV: 185.
AMORIM (Anibal) — Vol. I: 36. Vol. IV: 185.
ANCHIETA (José de) — Vol. I: 71. Vol. II: 8, 9, 10, 15, 45. Vol. III: 231, 315. Vol. IV: 185.
ANDRADA (Martim Francisco Ribeiro de) — Vol. I: 40. Vol. III: 327. Vol. IV: 185, 214.
ANDRADE (Gomes Freire de) — Vol. II: 172.
ANDRADE (Henrique) — Vol. III: 93, 117, 119. Vol. IV: 185.
ANDRADE (José Oswald de) — Vol. III: 307.
ANDRADE (Oswald de) — Vol. III: 307, 362. Vol. IV: 185.
ANTONIL (André João) — Vol. II: 29, 45. Vol. III: 231, 247, 362. Vol. IV: 59, 160, 178, 185.
AQUINO (Zoeth de) — Vol. III: 159.
ARAGÃO (B. de) — Vol. III: 93. Vol. IV: 185.
ARANTES JÚNIOR (Lourenço) — Vol. I: 39. Vol. II: 103, 159, 164. Vol. IV: 60, 151, 178, 185, 210, 214.
ARAÚJO (José de Sousa Azevedo Pizarro e) — Vol. I: 36. Vol. II: 95, 172. Vol. IV: 185.
ARAÚJO (Oscar Egdio de) — Vol. I: 29. Vol. II: 161, 192, 244. Vol. III: 181, 188, 204, 362. Vol. IV: 186.
ARAÚJO FILHO (José Ribeiro de) — Vol. I: XV, XVII, XXIV, XXIX, 29. Vol. II: 167, 204, 244. Vol. III: 159. Vol. IV: 185.
ARNOLD (Samuel Greene) — Vol. I: 36. Vol. II: 95. Vol. IV: 186.
ARROYO (Leonardo) — Vol. I: 29. Vol. II: 98, 159, 163, 245. Vol. III: 144, 153, 181, 315, 362. Vol. IV: 59, 186.
AUERWALL — Vol. III: 135.
AUGUSTO (HUBERTO) — Vol. II: 143.
AVÉ-LALLEMENT (Roberto) — Vol. I: 36. Vol. II: 67, 92, 95. Vol. III: 362. Vol. IV: 59, 186.
AYROSA (Pílnio) — Vol. III: 362. Vol. IV: 186.
AZEVEDO (Aldo M.) — Vol. III: 93, 120. Vol. IV: 186.
AZEVEDO (Álvares de) — Vol. III: 262.
AZEVEDO (Aroldo de) — Vol. I: V, XIII, XV, XIX, XXIII, XXIX, 5, 30, 110, 113, 119, 152, 166, 241, 244, 253. Vol. II: 45, 91, 149, 151, 161, 163, 171, 173, 174, 245. Vol. III: 159, 181, 244, 253, 255, 314, 345, 351, 361, 362. Vol. IV: 3, 6, 7, 18, 21, 56, 58, 75, 107, 150, 153, 157, 162, 171, 178, 186.
AZEVEDO (Fernando de) — Vol. II: 174, 245. Vol. IV: 186.
AZEVEDO (Ramos de) — Vol. II: 131.
AZEVEDO (Sávio de Almeida) — Vol. I: 36. Vol. II: 68, 98, 125, 126, 163. Vol. IV: 187.
AZEVEDO (Vicente de Paulo Vicente de) — Vol. II: 95. Vol. IV: 187.
AZEVEDO FILHO (Rocha) — Vol. III: 301, 361, 362. Vol. IV: 187.

B

- BACELAR (Ceilina Street) — Vol. III: 93. Vol. 361. Vol. IV: 187, 196.
 BAILEY (Helen Miller) — Vol. I: 36. Vol. II: 144, 163. Vol. IV: 188, 189.
 BALLOT (Henri) — Vol. I: 31. Vol. IV: 195.
 BANASKIWITZ (Geraldo) — Vol. III: 93. Vol. IV: 187.
 BANDEIRA JÚNIOR (Antônio Francisco) — Vol. I: 36. Vol. II: 69, 101, 163. Vol. III: 12, 46, 93. Vol. IV: 187.
 BANDINI (Alfredo) — Vol. I: 67.
 BAPTISTA FILHO (Olavo) — Vol. I: 36. Vol. IV: 187.
 BARÃO DE GUAJARÁ — Vol. I: 56.
 BARÃO DE IGUAPE — Vol. II: 89.
 BARÃO DE ITAPETININGA — Vol. II: 62, 68.
 BARÃO DE LIMEIRA — Vol. II: 68, 87, 89.
 BARÃO DE PIRACICABA — Vol. II: 68.
 BARÃO DE SOUSA QUEIRÓS — Vol. II: 68.
 BARÃO DE TATUÍ — Vol. II: 94. Vol. III: 156.
 BARBOSA (Otávio) — Vol. I: 145, 166. Vol. IV: 184, 187.
 BARBOSA (Sinésio Cunha) — Vol. I: 30. Vol. II: 161. Vol. IV: 187.
 BARRETO (Benjamin Franklin de Barros) — Vol. III: 93, 119, 120. Vol. IV: 187.
 BARRETO (Paulo Thedin) — Vol. I: 30. Vol. II: 95. Vol. IV: 187.
 BARROS (Diogo Antônio de) — Vol. II: 81. Vol. III: 30, 196.
 BARROS (Luís Antônio de Sousa) — Vol. II: 88.
 BARROS (Maria Angélica de Sousa Queirós) — Vol. II: 88. Vol. III: 327.
 BARROS (Maria Paes de) — Vol. I: 30. Vol. II: 67, 73, 78, 83, 84, 85, 92, 94, 95. Vol. III: 134, 181, 362. Vol. IV: 187.
 BARTOLOTTI (Domenico) — Vol. II: 131, 140, 160, 163. Vol. IV: 187.
 BASTIDE (Roger) — Vol. I: 30. Vol. II: 203, 244. Vol. IV: 187, 195.
 BASTOS (Humberto) — Vol. III: 93. Vol. IV: 187.
 BATINI (Tito) — Vol. III: 93. Vol. IV: 187.
 BELMONTÉ — Vol. I: 36. Vol. II: 8, 11, 14, 22, 26, 30, 37, 39, 41, 45. Vol. IV: 188.
 BENDIX (Otto) — Vol. I: VI. Vol. II: VI. Vol. III: VI. Vol. IV: VI.
 BERENHAUSER JÚNIOR (Carlos) — Vol. III: 93, 120. Vol. IV: 188.
 BERNARDES (Nilo) — Vol. IV: 183, 188.
 BERNÁRDEZ (Manuel) — Vol. I: 22, 36. Vol. II: 102, 111, 115, 116, 122, 127, 132, 133, 245. Vol. III: 3, 362. Vol. IV: 188.
 BERNARDO (G.) — Vol. I: 36, 144, 153, 166, 201, 245. Vol. IV: 188, 218.
 BERTARELLI (Ernesto) — Vol. I: 36. Vol. III: 299, 362. Vol. IV: 188.
 BEYER (Gustavo) — Vol. IV: 188.
 BILLINGS (Asa White Kenney) — Vol. III: 108, 111.
 BINUM — Vol. III: 96. Vol. IV: 188, 202.
 BLACHE (P. Vidal de la) — Vol. I: 17, 37. Vol. II: 163. Vol. IV: 192.
 BLOEM (Rui) — Vol. I: XIII.
 BONILLA (C. F.) — Vol. III: 61.
 BONNAURE (Albert) — Vol. I: 36. Vol. IV: 188.
 BOUÇAS (Valentim) — Vol. III: 94. Vol. IV: 188.
 BRANCO (Alves) — Vol. III: 19.
 BRANCO (Catulo) — Vol. III: 94. Vol. IV: 188.
 BRANCO (Plínio) — Vol. III: 119. Vol. V: 188.
 BRANDÃO SOBRINHO (Júlio) — Vol. III: 94. Vol. IV: 188.

- BRANNER (John Casper) — Vol. I: 114, 166. Vol. IV: 188.
 BRÁS (José) — Vol. III: 231.
 BRASIL (Raimundo Pereira) — Vol. I: 36. Vol. II: 103, 163. Vol. IV: 188.
 BRECHERET (Vitor) — Vol. III: 291.
 BRESSER (Carlos Abraão) — Vol. I: 56. Vol. II: 49.
 BRÍGIDA (José de Santa) — Vol. IV: 173.
 BRISOLLA (Carlos Monteiro) — Vol. I: 36. Vol. IV: 188, 196, 198.
 BRITO (Francisco Saturnino Rodrigues de) — Vol. I: 57, 67. Vol. III: 120. Vol. IV: 189.
 BROTERO (Frederico A.) — Vol. I: 30. Vol. II: 161. Vol. IV: 189.
 BROWN (Harriett McCune) — Vol. I: 36. Vol. II: 144, 163. Vol. IV: 188, 189.
 BRUNO (Ernani Silva) — Vol. I: 3, 25, 30, 85. Vol. II: 33, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 50, 64, 65, 67, 70, 87, 95, 98, 115, 163, 175, 245. Vol. III: 27, 29, 94, 131, 156, 181, 194, 196, 234, 277, 341, 362. Vol. IV: 59, 189.
 BUENO (Amador) — Vol. II: 31. Vol. III: 218.
 BUENO (Francisco de Assis Vieira) — Vol. I: 30. Vol. II: 95. Vol. IV: 189.
 BURCHARD (Martinho) — Vol. III: 297, 298.

C

- CABRAL (Teodoro) — Vol. II: 92.
 CAIUBI — Vol. II: 15.
 CALDEIRA (Branca da Cunha) — Vol. III: 94. Vol. IV: 189.
 CALDEIRA (João Neto) — Vol. IV: 58, 189.
 CALDEIRA (Nelson Mendes) — Vol. I: 30. Vol. II: 161, 244. Vol. IV: 189.
 CAMACHO (Catarina) — Vol. IV: 144.
 CAMARGO (Estêvão Lopes de) — Vol. IV: 140.
 CAMARGO (José Francisco de) — Vol. I: 36. Vol. II: 98, 163, 245. Vol. IV: 9, 38, 59, 134, 151, 189.
 CAMPELO (José) — Vol. III: 94. Vol. IV: 189.
 CAMPOS (Francisco Machado de) — Vol. III: 120. Vol. IV: 189.
 CAMPOS (L. F. Gonzaga de) — Vol. I: 114, 166. Vol. IV: 151, 189.
 CAMPOS (Pedro Dias de) — Vol. II: 44. Vol. IV: 189.
 CAMPOS (W.) — Vol. III: 94. Vol. IV: 189.
 CANNABRAVA (Alice P.) — Vol. I: 30. Vol. II: 95. Vol. III: 17, 30, 94. Vol. IV: 190.
 CANSTATT (Oscar) — Vol. I: 36. Vol. II: 96. Vol. IV: 190.
 CAPRI (Roberto) — Vol. I: 30, 37. Vol. II: 113, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 163, 173, 245. Vol. III: 362. Vol. IV: 59, 190.
 CARDIM (Fernão) — Vol. I: 70, 110. Vol. II: 7, 23, 45. Vol. IV: 190.
 CARDIM (Gomes) — Vol. II: 67, 106-107. Vol. III: 215, 236, 282, 334, 364. Vol. IV: 209.
 CARDOSO (João Pedro) — Vol. II: 104, 164. Vol. III: 364. Vol. IV: 210.
 CARLI (Gileno de) — Vol. III: 94. Vol. IV: 190.
 CARLOS (Miguel) — Vol. II: 87.
 CARNEGIE — Vol. II: 103.
 CARVALHO (Afonso José de) — Vol. I: 30. Vol. II: 95, 98. Vol. IV: 190.
 CARVALHO (Ana Maria V. de) — Vol. I: 176, 180.
 CARVALHO (C. Delgado de) — Vol. I: 30, 37, 98, 110. Vol. II: 161. Vol. IV: 190.

CASAL (Manuel Aires de) — Vol. I: 37. Vol. II: 51, 54, 95, 174, 245. Vol. IV: 190.
 CASTIGLIONE (José) — Vol. II: 104, 165. Vol. IV: 210.
 CASTRO (Eduardo de Lima) — Vol. I: 36, 40. Vol. II: 72, 96, 98, 247. Vol. IV: 60, 190, 217.
 CATARINA (Dona), Rainha de Portugal — Vol. II: 13.
 CÉSAR (Hélio Xavier Lenz) — Vol. III: 94. Vol. IV: 190.
 CHACAS (Oscar) — Vol. III: 249, 361. Vol. IV: 190.
 CHAMBERLIN (R. T.) — Vol. I: 124, 166. Vol. IV: 190, 197.
 CHAVES (Elias) — Vol. II: 130, 202, 203.
 CHAVES NETO (Elias) — Vol. III: 94. Vol. IV: 190.
 CHERNOVIZ — Vol. II: 73.
 CHEVALIER (Louis) — Vol. II: 211, 212, 245. Vol. IV: 190.
 CINTRA (Assis) — Vol. II: 44. Vol. IV: 190.
 CINTRA (J. F. de Uthoa) — Vol. I: 57, 58, 67. Vol. III: 121.
 CLEMENCEAU (Georges) — Vol. I: 37. Vol. II: 112. Vol. IV: 190.
 COARACY (Vivaldo) — Vol. II: 205, 245. Vol. IV: 190.
 COCOCI (Alexandre Mariano) — Vol. II: 104, 164. Vol. III: 364. Vol. IV: 209.
 CODMANN (John) — Vol. I: 37. Vol. II: 96. Vol. IV: 191.
 COELHO (Salvador José Correia) — Vol. I: 37. Vol. II: 96. Vol. IV: 191.
 COLBY (Charles) — Vol. III: 181. Vol. IV: 191.
 COLOMBO — Vol. III: 154, 190.
 CONDE ALVARES PENTEADO — Vol. II: 130.
 CONDE DE PRATES — Vol. II: 130.
 CORDEIRO (J. P. Leite) — Vol. II: 44. Vol. IV: 191.
 CORTESÃO (Jaime) — Vol. I: 31. Vol. IV: 191.
 COSTA (Emília Viotti) — Vol. I: XVII, XXIV, XXIX. Vol. IV: 109.
 COSTA (Lúcio) — Vol. II: 46. Vol. IV: 191.
 COSTA (Luís Frutuoso da) — Vol. II: 104, 164. Vol. III: 364. Vol. IV: 209.
 COSTA (Rufino J. Felizardo e) — Vol. II: 49, 52, 57, 86. Vol. III: 194, 364. Vol. IV: 209.
 COTRIM (John) — Vol. III: 120. Vol. IV: 191.
 COTTEPRITZ (Família) — Vol. IV: 56.
 COUTINHO (José Moacir Viana) — Vol. IV: 191.
 COUTO (C. P.) — Vol. I: 139, 166. Vol. IV: 191.
 COUTO (Miguel) — Vol. II: 205.
 CROCE (Benedetto) — Vol. II: 64.
 CRUZ (Oswaldo) — Vol. II: 121.
 CUBAS (Brás) — Vol. IV: 65.
 CUNHA (Carmeiro da) — Vol. III: 27.
 CUSANO (Alfredo) — Vol. I: 37. Vol. IV: 192.

D

D'ALINCOURT (Louis) — Vol. I: 37, 110. Vol. II: 50, 53, 59, 62, 91, 96, 245. Vol. III: 294, 362. Vol. IV: 192.
 DAMANTE (Hélio) — Vol. I: 31. Vol. IV: 192.
 D'ANNÉCY (Geraldo) — Vol. I: 71.
 DANTAS (Humberto) — Vol. III: 94. Vol. IV: 192.
 D'ASSIER (Adolphe) — Vol. I: 37. Vol. II: 96. Vol. IV: 192.

DEBENEDETTI (E.) — Vol. I: 31. Vol. II: 94, 98, 99, 127, 131, 163. Vol. III: 362. Vol. IV: 192, 212.
 DECKER (S.) — Vol. IV: 151, 192.
 DEFFONTAINES (Pierre) — Vol. I: 3, 7, 10, 13, 14, 31, 37, 105, 110, 119, 127, 130, 166. Vol. II: 36, 46, 142, 163, 245. Vol. IV: 3, 40, 41, 59, 192.
 DENIS (Ferdinand) — Vol. I: 37. Vol. II: 96. Vol. IV: 192.
 DENIS (Pierre) — Vol. I: 10, 13, 22, 37. Vol. II: 102, 111, 112, 128, 141, 163, 198, 206, 245. Vol. III: 3, 362. Vol. IV: 192.
 DERBY (Orville A.) — Vol. I: 114, 166. Vol. IV: 193.
 DEUS (Gaspar da Madre de) — Vol. II: 47. Vol. III: 315, 362. Vol. IV: 193.
 DIAS (Afonso) — Vol. II: 25.
 DIAS (Artur) — Vol. I: 37. Vol. IV: 193.
 DIAS (Fernão) — Vol. I: 144.
 DION (Roger) — Vol. I: 242. Vol. II: 79.
 DOLIANITI (Elias) — Vol. I: 38, 110, 244. Vol. II: 71, 96. Vol. IV: 195, 198, 200.
 DOMVILLE-FIFE (Charles W.) — Vol. I: 37. Vol. IV: 193.
 DORIA (Escagnolle) — Vol. I: 31. Vol. II: 161. Vol. IV: 193.
 DRUMOND (Carlos) — Vol. IV: 58, 107, 193.
 DUARTE (Raul) — Vol. I: 31. Vol. II: 98. Vol. IV: 193.
 DUPRAT (Raimundo) — Vol. II: 121. Vol. III: 147.
 D'URSEL (Charles) — Vol. I: 40. Vol. II: 67, 72, 98. Vol. IV: 217.

E

ECKSCHMIDT (Jan) — Vol. I: 33. Vol. IV: 205.
 EDGUMBE (Edward) — Vol. I: 37. Vol. II: 96. Vol. IV: 194.
 EDWARDS (Corwin) — Vol. III: 80, 81.
 ECAS (Eugênio) — Vol. I: 31, 37. Vol. II: 92, 98, 125, 132, 134, 135, 137, 140, 161, 163, 245. Vol. III: 362. Vol. IV: 59, 151, 178, 194.
 EICHLER (A.) — Vol. I: 111. Vol. IV: 194, 203, 217.
 ELLIOT (William) — Vol. II: 94.
 ELLIS (Mfriam) — Vol. II: 36, 43, 46. Vol. IV: 194.
 ELLIS JÚNIOR (Alfredo) — Vol. II: 25, 27, 34, 36, 43, 46. Vol. IV: 194.
 ENDLICHER (S.) — Vol. I: 111. Vol. IV: 194, 203, 217.
 ENGE (Arne) — Vol. II: 246. Vol. IV: 194, 201.
 ESCHWEGE (W. L. von) — Vol. II: 33, 46. Vol. IV: 194.
 EVERETT (H. L.) — Vol. I: 110. Vol. IV: 194, 202.
 EYLAN (Claude) — Vol. I: 37. Vol. II: 143, 145, 163. Vol. III: 362. Vol. IV: 194.

F

FALCÃO (E. de Cerqueira) — Vol. II: 44. Vol. IV: 195.
 FALCÃO (Pedro Barreto) — Vol. III: 94. Vol. IV: 195.
 FANUBLE (Nicolau) — Vol. I: 37. Vol. IV: 195.
 FAUSTINI (Walter) — Vol. III: 146.
 FELICÍSSIMO JÚNIOR (Jesuíno) — Vol. III: 95. Vol. IV: 195, 197.

FERNANDES (Armando de Oliveira) — Vol. III: 120. Vol. IV: 195.
 FERNANDES (Baltasar) — Vol. II: 7, 8.
 FERNANDES (Florestan) — Vol. I: 30. Vol. II: 23, 46, 202, 203, 244. Vol. IV: 187, 195.
 FERRAZ (J. Sampaio) — Vol. I: 73, 79, 81, 110. Vol. IV: 195.
 FERREIRA (Barros) — Vol. I: 31. Vol. II: 161. Vol. IV: 195.
 FERREIRA (Dóli de Castro) — Vol. III: 314.
 FERREIRA (Jorge) — Vol. I: 31. Vol. II: 161. Vol. IV: 195.
 FERREIRA (Manuel Rodrigues) — Vol. I: 37. Vol. IV: 195.
 FERREIRA (Miriám França) — Vol. III: 314.
 FERREIRA (Octales Marcondes) — Vol. I: XVI.
 FERREIRA (Tito Lívio) — Vol. I: 31. Vol. II: 12, 23, 44, 46, 96, 98. Vol. IV: 195.
 FERRERO (Gina Lombroso) — Vol. I: 37. Vol. IV: 195.
 FIDÉLIS (Cónego) — Vol. II: 87, 89.
 FIGUEIREDO (J. Lima) — Vol. I: 37. Vol. II: 143, 163. Vol. IV: 195.
 FIGUEIREDO (José Borges de) — Vol. III: 300.
 FIGUEIREDO (Morvan Dias de) — Vol. III: 11.
 FINOCCHI (Lino) — Vol. III: 97. Vol. IV: 195, 209.
 FLETCHER (James C.) — Vol. I: 38, 110. Vol. II: 67, 70, 71, 96. Vol. III: 363. Vol. IV: 195, 199.
 FLOREAL (Sílvio) — Vol. I: 31. Vol. II: 161. Vol. IV: 195.
 FLORENÇANO (Paulo C.) — Vol. I: 30, 31, 39, 48, 59, 67, 144, 163, 165, 167, 210. Vol. II: 161. Vol. III: 70, 172, 181, 344, 362. Vol. IV: 195, 208.
 FLORENCE (Amador) — Vol. II: 44, 46, 171, 172. Vol. IV: 196.
 FLORENCE (Hércules) — Vol. I: 37. Vol. II: 50, 53, 55, 56, 59, 60, 96, 174, 246. Vol. IV: 196.
 FONSECA (António Carlos da) — Vol. I: 36. Vol. IV: 188, 196, 198.
 FONSECA (Manuel da) — Vol. II: 46. Vol. IV: 196.
 FONSECA (Paulo Delfino da) — Vol. I: 38. Vol. IV: 60, 196, 202.
 FORJAZ (Djalma) — Vol. II: 246. Vol. IV: 196.
 FOSTER (Família) — Vol. IV: 56.
 FRANÇA (Am) — Vol. I: XV, XVII, XXIII, XXIX, 31, 67, 69, 73, 98, 109, 253. Vol. II: 138-139. Vol. III: 159. Vol. IV: 196.
 FRANCO (Afonso Arinos de Meilo) — Vol. I: 38. Vol. II: 72, 96, 246. Vol. IV: 200.
 FRANCO (Francisco de Assis Carvalho) — Vol. II: 46. Vol. IV: 196.
 FRANCO (Rui Ribeiro) — Vol. IV: 195, 197.
 FREIRE (Vitor S.) — Vol. I: 31. Vol. II: 161. Vol. IV: 196.
 FREITAS (Afonso A. de) — Vol. I: 22, 31, 38, 67, 196, 244. Vol. II: 16, 46, 67, 70, 87, 90, 96, 98, 111, 163, 246. Vol. III: 129, 144, 147, 156, 181, 185, 193, 262, 275, 321, 323, 362. Vol. IV: 27, 59, 151, 169, 196.
 FREITAS (Aidé de) — Vol. III: 93, 361. Vol. IV: 187, 196.
 FREITAS (António Pinto do Rêgo) — Vol. III: 323.
 FREITAS (Bezerra de) — Vol. III: 95. Vol. IV: 196.
 FREITAS (Rêgo) — Vol. II: 88.
 FREITAS (Rui Osório de) — Vol. I: 31, 119, 146, 165, 166, 244. Vol. IV: 196.
 FREITAS JÚNIOR (Alonso de) — Vol. II: 96. Vol. IV: 196.

FREYRE (Gilberto) — Vol. I: 3, 25. Vol. II: 64, 65.
 FRICK — Vol. II: 103.

G

GAFFRE (L. A.) — Vol. I: 38. Vol. II: 112, 115, 116, 118, 163. Vol. III: 141, 181, 363. Vol. IV: 197.
 GALLOIS (Lucien) — Vol. I: 37. Vol. II: 163. Vol. IV: 192.
 GALVANI (Luigi) — Vol. I: 38. Vol. IV: 197.
 GALVÃO (Ramiz) — Vol. I: 39. Vol. II: 69, 97, 246.
 GANDAVO (Pero de Magalhães) — Vol. II: 46. Vol. IV: 197.
 GARCIA (Emanuel Soares Veiga) — Vol. II: 19, 46. Vol. IV: 197.
 GARCIA (João Augusto) — Vol. III: 300.
 GEIKIE (A.) — Vol. I: 132, 166. Vol. IV: 197.
 GEORGE (Pierre) — Vol. II: 109, 163. Vol. III: 122, 125, 181. Vol. IV: 197.
 GIOVANETTI (L. V.) — Vol. I: 32. Vol. IV: 197.
 GLETTE (Frederico) — Vol. III: 132, 195.
 GODOY (Joaquim Floriano de) — Vol. I: 38. Vol. II: 96. Vol. IV: 197.
 GODOY (Jorge Pites de) — Vol. I: 38. Vol. IV: 197.
 GODOY FILHO (Gustavo de) — Vol. II: 98. Vol. IV: 197.
 GÓIS (Luis de) — Vol. II: 27.
 GONÇALVES (Vaidomiro) — Vol. II: 104, 123, 164. Vol. IV: 210.
 GOOD (R.) — Vol. I: 110. Vol. IV: 197.
 GRELLET — Vol. II: 56.
 GUAJARÁ (Barão de) — Veja Barão de Guajará.
 GUALCO (Francisco Antônio) — Vol. III: 100, 101.
 GUIMARÃES (Alberto Passos) — Vol. III: 95. Vol. IV: 197.
 GUIMARÃES (Bernardo) — Vol. III: 262.
 GUIMARÃES (Caio de Freitas) — Vol. II: 185, 244, 246. Vol. IV: 197.
 GYGAS (Téo) — Vol. I: 35. Vol. II: 162. Vol. IV: 197, 214.

H

HADFIELD (William) — Vol. II: 67.
 HAENEL (João Gustavo) — Vol. III: 95. Vol. IV: 197.
 HARDER (E. C.) — Vol. I: 124, 166. Vol. IV: 190, 197.
 HARNISCH (Wolfgang) — Vol. I: 38. Vol. II: 142, 143, 164. Vol. III: 363. Vol. IV: 197.
 HARTT (Charles F.) — Vol. I: 244. Vol. IV: 198.
 HELLER (Frederico) — Vol. I: 32. Vol. IV: 198.
 HENRIQUE (Paulo) — Vol. I: 38. Vol. II: 151, 164. Vol. IV: 198.
 HERMANN (Lucia) — Vol. II: 99. Vol. III: 181, 330, 348, 363. Vol. IV: 198.
 HESSE-WARTEGG (Ernest von) — Vol. II: 113, 119, 164. Vol. IV: 198.
 HOEHNE (F. C.) — Vol. I: 109. Vol. II: 46. Vol. IV: 198.
 HOLANDA (Sérgio Buarque de) — Vol. II: 17, 33, 35, 36, 46. Vol. III: 95. Vol. IV: 198.
 HORTA (António José da Franca e) — Vol. I: 56.

HOUGH (John) — Vol. III: 95. Vol. IV: 198.
 HOUSSAY (Frédéric) — Vol. I: 38. Vol. II: 67, 82, 96. Vol. IV: 198.
 HUECK (Kurt) — Vol. I: 102, 103, 104, 110. Vol. IV: 198.
 HUMBERTO I — Vol. II: 199.
 HUNNICUTT (Benjamin H.) — Vol. I: 38, 110. Vol. II: 142, 145, 164. Vol. III: 363. Vol. IV: 198.

I

IGNACIO (Antônio Pereira) — Vol. I: 36. Vol. III: 11, 13. Vol. IV: 188, 196, 198.
 IGUAPE (Barão de) — Veja *Barão de Iguape*.
 IHERING (Hermann von) — Vol. I: 110. Vol. IV: 198.
 ITAPETINGINA (Barão de) — Veja *Barão de Itapetingina*.
 IVES (Ronald L.) — Vol. I: 70, 109. Vol. IV: 198.

J

J. M. N. — Vol. I: 32. Vol. IV: 199.
 JABLONSKY (Tibor) — Vol. I: 24.
 JAFET (Basílio) — Vol. III: 13.
 JAFET (Benjamim) — Vol. III: 13.
 JAFET (Família) — Vol. III: 11, 14, 269. Vol. IV: 33, 89.
 JAFET (João) — Vol. III: 13.
 JAFET (Nami) — Vol. III: 13, 14.
 JAMES (Preston E.) — Vol. I: 3, 8, 10, 27, 32, 38, 119, 166. Vol. II: 46, 103, 110, 144, 164, 246. Vol. III: 23, 95, 363. Vol. IV: 59, 199.
 JARDIM (Calo) — Vol. I: 32. Vol. II: 29, 44, 46. Vol. IV: 199.
 JOÃO III (Dom) — Vol. II: 6.
 JOÃO V (Dom) — Vol. II: 32.
 JOÃO VI (Dom) — Vol. II: 56. Vol. III: 15.
 JOBIM (José) — Vol. III: 95. Vol. IV: 199.
 JOCHMANN (João) — Vol. I: 32. Vol. II: 244. Vol. III: 90. Vol. IV: 199.
 JOLY (Ailton Brandão) — Vol. I: 32, 101, 109. Vol. IV: 199.
 JOYNER (Henry B.) — Vol. II: 66.
 JÚNIUS — Vol. I: 32. Vol. II: 67, 83, 93, 96. Vol. IV: 199.
 JUNOT (Lucas R.) — Vol. I: 32, 73, 85, 86, 89, 110. Vol. IV: 199.

K

KARFELD (Kurt P.) — Vol. I: 32. Vol. II: 121, 145, 152, 161. Vol. IV: 199, 203.
 KELSEY (Vera) — Vol. I: 38. Vol. II: 144, 145, 164. Vol. III: 3. Vol. IV: 199.
 KENDREW (W. G.) — Vol. I: 70, 110. Vol. IV: 199.
 KIDDER (Daniel P.) — Vol. I: 38, 71, 110. Vol. II: 50, 51, 52, 54, 59, 62, 71, 96. Vol. III: 249, 363. Vol. IV: 59, 195, 199.
 KLEIN (Família) — Vol. IV: 56.
 KNETCH (Teodoro) — Vol. I: 159, 167. Vol. IV: 200.
 KOENIGSWALD (Gustavo) — Vol. I: 32. Vol. II: 96. Vol. IV: 200.
 KOEPPEN (W.) — Vol. I: 98, 110. Vol. IV: 200.
 KOSERITZ (Carl von) — Vol. I: 38. Vol. II: 67, 72, 81, 82, 90, 93, 94, 96, 246. Vol. III: 132, 133, 135, 181, 363. Vol. IV: 200.
 KUTNER (Marcelo) — Vol. I: 245. Vol. IV: 200, 209.

L

LAHMEYER (Lúcia Furquim) — Vol. I: 40, 111. Vol. II: 54, 97. Vol. IV: 60, 179, 203, 216.
 LAMBERT (Jacques) — Vol. II: 211, 213, 246. Vol. IV: 200, 209.
 LAMBERTI (João) — Vol. III: 362. Vol. IV: 200.
 LANDRY (Adolphe) — Vol. II: 211, 213, 214, 246. Vol. IV: 200.
 LANGENDONCK (Telêmaco Van) — Vol. I: 244. Vol. IV: 200.
 LAPOUCE (Gilles) — Vol. I: 38. Vol. III: 95. Vol. IV: 200.
 LAWSON (A. C.) — Vol. I: 148, 167. Vol. IV: 200.
 LEÃO (Antônio Carneiro) — Vol. I: 32. Vol. II: 161. Vol. IV: 200.
 LEÃO (Mário Lopes) — Vol. I: 32, 244. Vol. II: 244. Vol. III: 120, 171, 181, 363. Vol. IV: 200.
 LEBRET (J. L.) — Vol. I: 32. Vol. IV: 200.
 LECLERC (Max) — Vol. I: 38. Vol. II: 67, 82, 85, 89, 96. Vol. IV: 201.
 LECOCQ (Jean) — Vol. III: 95. Vol. IV: 201.
 LECOCQ (Nice de Magalhães) — Vol. III: 95. Vol. IV: 201.
 LEINZ (Viktor) — Vol. I: 32, 165, 176, 180. Vol. IV: 201.
 LEITE (Aureliano) — Vol. I: 38. Vol. II: 40, 44, 46, 64, 99. Vol. III: 218, 362. Vol. IV: 201.
 LEITE (Serafim) — Vol. I: 32, 101. Vol. II: 7, 8, 10, 12, 13, 21, 46. Vol. III: 213, 363. Vol. IV: 147, 151, 201.
 LEME (A. Betim Paes) — Vol. IV: 201.
 LEME (Pedro Taques de Almeida Paes) — Vol. II: 46, 197. Vol. IV: 201.
 LEME (Silva) — Vol. II: 197.
 LEONARDOS (Orthon H.) — Vol. IV: 201, 207.
 LERRO (Amaury Wilson) — Vol. II: 246. Vol. IV: 194, 201.
 LESSA (Clado Ribeiro) — Vol. I: 244. Vol. IV: 204.
 LEVASSEUR (E.) — Vol. II: 95, 96. Vol. IV: 201.
 LIMA (Gastão C. Bierrenbach de) — Vol. IV: 151, 201.
 LIMA (Heitor Ferreira) — Vol. I: 38, 99. Vol. III: 11, 15, 26, 27, 30, 32, 95. Vol. IV: 201.
 LIMA (Joaquim Eugênio de) — Vol. III: 300, 301.
 LIMA (Rosa de) — Vol. IV: 58, 202.
 LIMA JÚNIOR (Augusto de) — Vol. II: 46. Vol. IV: 202.
 LIMEIRA (Barão de) — Veja *Barão de Limeira*.
 LINGUANOTTO (Daniel) — Vol. I: 32. Vol. II: 161, 206, 244. Vol. IV: 202.
 LISBOA (Silva) — Vol. II: 58.
 LLOYD (Reginald) — Vol. I: 38. Vol. II: 246. Vol. III: 141, 181, 363. Vol. IV: 202.
 LOBATO (Monteiro) — Vol. III: 8.
 LOBO (Bruno) — Vol. IV: 151, 202.
 LODI (Carlos) — Vol. I: 32. Vol. II: 150, 161, 244. Vol. III: 363. Vol. IV: 202.
 LOEPFREN (A.) — Vol. I: 110. Vol. IV: 194, 202.
 LOIOLA (Inácio de) — Vol. II: 11.
 LOMONACO (Alfonso) — Vol. I: 38. Vol. II: 67, 82, 93, 96. Vol. IV: 202.
 LORENA (Bernardo José de) — Vol. II: 38.
 LUÍS (Washington) — Veja *Sousa (Washington Luís Pereira de)*.
 LUNA (Joaquim G.) — Vol. IV: 59, 66, 107, 202.
 LUNÉ (Antônio José Batista de) — Vol. I: 38. Vol. II: 67, 96. Vol. IV: 60, 196, 202.

M

- MACGREERY — Vol. III: 96. Vol. IV: 188, 202.
- MACHADO (Ana) — Vol. II: 87, 89.
- MACHADO (Duarte) — Vol. IV: 65.
- MACHADO (J. de Alcântara) — Vol. I: 38. Vol. II: 18, 20, 21, 22, 25, 28, 34, 47, 173, 246. Vol. IV: 202.
- MACHADO (Joana) — Vol. IV: 65.
- MACOLA (Ferruccio) — Vol. I: 38. Vol. II: 96. Vol. IV: 202.
- MAGALHÃES (Basílio de) — Vol. I: 38. Vol. II: 47. Vol. IV: 202.
- MAIA (Francisco Prestes) — Vol. I: 32, 57, 58, 67, 244. Vol. II: 121, 145, 152, 158, 159, 161. Vol. III: 99, 121, 122, 147, 149, 156, 181, 224, 362. Vol. IV: 202.
- MANO (Alda) — Vol. IV: 20, 58, 203.
- MARC (Alfred) — Vol. I: 38. Vol. II: 67, 82, 96. Vol. IV: 203.
- MARÇAL (Heitor) — Vol. III: 96. Vol. IV: 203.
- MARIA I (Dona) — Vol. III: 15.
- MARQUES (Abílio A.) — Vol. I: 32. Vol. II: 96. Vol. IV: 203.
- MARQUES (Cícero) — Vol. I: 32. Vol. II: 99, 115, 161. Vol. III: 139, 181, 363. Vol. IV: 203.
- MARQUES (José Roberto de Azevedo) — Vol. II: 73.
- MARQUES (Manuel Eufrásio de Azevedo) — Vol. I: 38. Vol. II: 47, 67, 85, 96. Vol. III: 218, 234, 247, 294, 315, 317, 363. Vol. IV: 60, 133, 140, 141, 151, 203.
- MARTIN (Jules) — Vol. I: 33. Vol. II: 66, 86, 99, 100, 161. Vol. III: 156, 196, 278, 321, 327, 330, 364. Vol. IV: 203, 208, 209, 217.
- MARTINEZ (Blás B.) — Vol. III: 159.
- MARTINS (Antônio Egídio) — Vol. I: 33. Vol. II: 44, 67, 99. Vol. III: 129, 130, 140, 156, 182, 195, 197, 249, 282, 295, 323, 328, 334, 363. Vol. IV: 151, 203.
- MARTINS (Oliveira) — Vol. II: 23, 24.
- MARTIUS (C. F. P. von) — Vol. I: 40, 71, 111. Vol. II: 47, 50, 51, 54, 97, 174, 247. Vol. III: 27, 364. Vol. IV: 3, 60, 152, 160, 164, 179, 194, 203, 216, 217.
- MARTONNE (Emmanuel de) — Vol. I: 98, 111, 115, 119, 130, 139, 165, 167. Vol. IV: 203.
- MATARAZZO (Família) — Vol. III: 15, 187. Vol. IV: 61, 87.
- MATARAZZO (Francisco) — Vol. III: 11, 14, 15, 81. Vol. IV: 87.
- MATARAZZO (José) — Vol. III: 14.
- MATARAZZO (Luís) — Vol. III: 14.
- MATOS (Odilon Nogueira de) — Vol. I: XV, XVII, XXV, XXIX, 33, 39. Vol. II: 49, 68, 99, 159. Vol. IV: 203.
- MATOS (Dirceu Lino de) — Vol. I: XV, XVII, XXIII, XXIX. Vol. III: 5.
- MATOS (J. N. Belfort de) — Vol. I: 33, 72, 84, 88, 110. Vol. IV: 204.
- MATTOSSO (Eusébio de Quelrós) — Vol. I: 244. Vol. IV: 200.
- MAURY (C.) — Vol. I: 139, 167. Vol. IV: 204.
- MAWE (John) — Vol. I: 39, 71, 85, 111, 141, 167, 244. Vol. II: 42, 47, 50, 51, 54, 56, 59, 60, 63, 96, 174, 246. Vol. IV: 60, 204.
- McKENZIE — Vol. III: 125.
- MEDEIROS (Diva Beltrão de) — Vol. III: 314. Vol. IV: 182.
- MEDEIROS (F. L. d'Abreu) — Vol. II: 36, 47. Vol. IV: 204.
- MEDINA (José) — Vol. I: 33. Vol. II: 99, 161. Vol. IV: 203.
- MELO (Afrânio C.) — Vol. III: 96. Vol. IV: 204.
- MELO (Astrogildo Rodrigues de) — Vol. IV: 151, 204.
- MELO (Manuel Felizardo de Sousa e) — Vol. II: 54.
- MELO (Randolfo Homem de) — Vol. I: 33. Vol. II: 99. Vol. IV: 204.
- MENDES (Amando) — Vol. III: 96. Vol. IV: 204.
- MENDES (Josué Camargo) — Vol. I: 33, 144, 166, 244. Vol. III: 96. Vol. IV: 204.
- MENDES (Renato da Silveira) — Vol. I: XV, XVII, XXV, XXIX, 39. Vol. III: 159, 183, 257. Vol. IV: 204.
- MENDES SOBRINHO (Otávio Teixeira) — Vol. II: 245. Vol. IV: 185, 204.
- MENDONÇA (Edgar Sússekind de) — Vol. I: 244. Vol. IV: 197.
- MENDONÇA (Mércia) — Vol. IV: 153, 170, 178, 204.
- MENEZES (Francisco da Cunha) — Vol. I: 56.
- MENEZES (Raimundo de) — Vol. I: 33. Vol. II: 99. Vol. IV: 204.
- MENUCCI (Sud) — Vol. I: 33. Vol. II: 162. Vol. IV: 60, 178, 204.
- MEZZALANA (Sérgio) — Vol. IV: 204.
- MICHALANY (Douglas) — Vol. I: 33. Vol. II: 161. Vol. IV: 205.
- MIDKIFF (Harold) — Vol. III: 98. Vol. IV: 205, 218, 219.
- MILANO (Miguel) — Vol. I: 33. Vol. III: 130, 133, 134, 182, 363. Vol. IV: 205.
- MILLET (Sérgio) — Vol. I: 33, 38, 39, 243. Vol. II: 40, 47, 68, 82, 96, 145, 164, 171, 172, 246. Vol. III: 8. Vol. IV: 151, 200, 205.
- MIRANDA (José Tavares de) — Vol. I: 33. Vol. II: 162. Vol. IV: 205, 213.
- MONBEIC (Pierre) — Vol. I: 10, 33, 113, 167, 244. Vol. II: 3, 10, 21, 24, 29, 43, 44, 67, 70, 72, 99, 102, 103, 145, 164, 188, 244. Vol. III: 131, 132, 140, 182, 363. Vol. IV: 205.
- MONT'ALEGRE (Omer) — Vol. III: 96. Vol. IV: 205.
- MONTE (Antônio) — Vol. I: VI. Vol. II: VI. Vol. III: VI. Vol. IV: VI.
- MONTEIRO (Zenon Fleury) — Vol. II: 44. Vol. IV: 205.
- MORAES (Alexandrina) — Vol. III: 275.
- MORAES (Rubens Borba de) — Vol. I: 39, 111, 245. Vol. II: 50, 97, 246. Vol. III: 130, 182. Vol. IV: 60, 212.
- MORBIRA (Gaspar de Godoy) — Vol. IV: 140.
- MOREL (Charles) — Vol. I: 39. Vol. II: 96. Vol. IV: 205.
- MORIZÉ (HENRIQUE) — Vol. I: 98, 111. Vol. IV: 205.
- MORSE (Richard N.) — Vol. I: 33. Vol. II: 44, 66, 97. Vol. IV: 205.
- MORTARA (Giorgio) — Vol. II: 246. Vol. IV: 205.
- MOTA (Otoniel) — Vol. I: 33. Vol. II: 20, 25, 35, 44, 99. Vol. IV: 205.
- MOTA FILHO (Cândido) — Vol. I: 33. Vol. II: 162. Vol. IV: 205.
- MOURA (Francisco Inácio Xavier de Assis) — Vol. I: 39. Vol. II: 67, 76, 77, 78, 79, 81, 97. Vol. III: 31, 132, 133, 140, 182, 363. Vol. IV: 60, 205.
- MOURA (Gentil de Assis) — Vol. II: 22, 47. Vol. IV: 206.
- MOURA (Paulo Cursino de) — Vol. I: 33. Vol. II: 47, 67, 92, 99, 115, 164. Vol. III: 363. Vol. IV: 206.
- MOURÃO (Luís de Sousa) — Vol. IV: 133.
- MÜLLER (Antônio Rubbo) — Vol. III: 177.

MÜLLER (Daniel Pedro) — *Vol. I*: 39. *Vol. II*: 49, 51, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 62, 63, 78, 90, 96, 175, 187, 188, 211, 246. *Vol. III*: 27, 28, 234, 363. *Vol. IV*: 14, 55, 60, 151, 206.
 MÜLLER (Nice Lecocq) — *Vol. I*: XV, XVII, XXIV, XXIX, 33. *Vol. II*: 99, 162. *Vol. III*: 96, 121. *Vol. IV*: 206.
 MURTINHO (Joaquim) — *Vol. III*: 19.
 MUSSOLINI (Benito) — *Vol. III*: 280.

N

NARDY FILHO (F.) — *Vol. III*: 27, 96. *Vol. IV*: 206.
 NASSAU (Maurício de) — *Vol. II*: 171.
 NEMÉSIO (Vitorino) — *Vol. I*: 33, 101. *Vol. IV*: 206.
 NIEMEYER (E.) — *Vol. I*: 111. *Vol. IV*: 203.
 NIEMEYER (Oscar) — *Vol. III*: 291.
 NIEMEYER (Valdir) — *Vol. III*: 96. *Vol. IV*: 151, 205.
 NOBREGA (Manuel da) — *Vol. II*: 7, 8, 9, 12, 47. *Vol. IV*: 206.
 NOBREGA (Mello) — *Vol. I*: 39, 56, 67. *Vol. II*: 47. *Vol. IV*: 206.
 NOGUEIRA (Emília da Costa) — *Vol. IV*: 58, 150, 206.
 NOGUEIRA (J. L. de Almeida) — *Vol. I*: 33. *Vol. II*: 64, 97. *Vol. IV*: 206.
 NOGUEIRA (O. Pupo) — *Vol. III*: 96. *Vol. IV*: 206.
 NOTHMANN — *Vol. III*: 195.
 NOVAIS (Vanda Maria) — *Vol. IV*: 62.
 NUNES (Francisca M.) — *Vol. IV*: 58, 150, 206.
 NUNES (Leonardo) — *Vol. II*: 9, 12.

O

OCTAVIO (Rodrigo) — *Vol. I*: 39. *Vol. IV*: 206.
 O'LEARY (Arthur H.) — *Vol. I*: 39. *Vol. IV*: 209.
 OLIVEIRA (Avelino I. de) — *Vol. IV*: 201, 207.
 OLIVEIRA (J. J. Machado de) — *Vol. I*: 71. *Vol. II*: 47, 73, 85. *Vol. III*: 96. *Vol. IV*: 151, 207.
 OLIVEIRA (Manuel Lopes de) — *Vol. III*: 17.
 ORLANDO (Pedro) — *Vol. I*: 39. *Vol. IV*: 208.

P

PACI (Giuseppina) — *Vol. I*: 39. *Vol. IV*: 208.
 PADUA (Cito T. de) — *Vol. I*: 34. *Vol. II*: 244. *Vol. IV*: 208.
 PAES (Diógenes Duarte) — *Vol. I*: 31. *Vol. IV*: 195.
 PAES (Fernão Dias) — *Vol. II*: 27. *Vol. IV*: 65, 140, 144.
 PAGANO (Átulos) — *Vol. I*: 34. *Vol. II*: 162, 244. *Vol. IV*: 208.
 PAIVA (Manuel de) — *Vol. II*: 10.
 PAIXÃO (Moacir) — *Vol. III*: 97. *Vol. IV*: 208.
 PARDÉ (Maurice) — *Vol. I*: 66, 67. *Vol. IV*: 208.
 PASSOS (Francisco Pereira) — *Vol. II*: 121.
 PAULA (E. Simões de) — *Vol. I*: XIX, 34. *Vol. II*: 70, 92, 97, 121, 246. *Vol. IV*: 208.

PECONICK (J. A.) — *Vol. III*: 120. *Vol. IV*: 208.
 PEDRO (Dom), Príncipe de Portugal — *Vol. II*: 25.
 PEDRO I (Dom) — *Vol. IV*: 55, 160.
 PEDRO II (Dom), Rei de Portugal — *Vol. II*: 31.
 PEDROSA (Carlos) — *Vol. I*: 34. *Vol. II*: 162. *Vol. IV*: 208.
 PEIXOTO (Gavião) — *Vol. II*: 68.
 PENTEADO (Antônio Rocha) — *Vol. I*: XV, XVII, XXIII, XXIX, 39, 47, 48, 67, 144, 167. *Vol. III*: 159, 244, 345, 351. *Vol. IV*: 5, 61, 62, 153, 195, 208.
 PEREIRA (Batista) — *Vol. I*: 34. *Vol. II*: 8, 9, 11, 12, 15, 16, 23, 44. *Vol. IV*: 208.
 PEREZ (Pedro R. Hendrichs) — *Vol. I*: 110.
 PESTANA (Nestor Rangel) — *Vol. I*: 33. *Vol. II*: 99, 100, 161. *Vol. IV*: 203, 208, 217.
 PESTANA (Paulo Rangel) — *Vol. II*: 103, 125, 127, 129, 130, 135, 162. *Vol. III*: 150, 182. *Vol. IV*: 208.
 PETRONE (Pasquale) — *Vol. I*: XVII, XXV, XXIX, 34, 244. *Vol. II*: 69, 79, 101, 102, 103, 162. *Vol. III*: 31, 93. *Vol. IV*: 61, 62, 208.
 PICCAROLO (Antônio) — *Vol. III*: 97. *Vol. IV*: 195, 209.
 PICHLER (Ernesto) — *Vol. I*: 144, 167, 187, 245. *Vol. IV*: 209.
 PIERSON (Donald) — *Vol. I*: 34. *Vol. II*: 162. *Vol. III*: 188, 300, 363. *Vol. IV*: 168.
 PIMENTA (Maria Antonieta de Arruda) — *Vol. IV*: 153, 161, 163, 167, 168, 178, 209.
 PINHEIRO (Joaquim Gil) — *Vol. IV*: 58, 151, 209.
 PINTO (Adolfo Augusto) — *Vol. I*: 34. *Vol. II*: 68, 162. *Vol. IV*: 209.
 PINTO (Alfredo Moreira) — *Vol. I*: 34, 39. *Vol. II*: 67, 83, 96, 127, 162, 169, 246. *Vol. III*: 251, 295, 298, 301, 327, 328, 342, 363. *Vol. IV*: 60, 164, 178, 209, 213.
 PINTO (Álvaro) — *Vol. I*: 34. *Vol. II*: 162. *Vol. IV*: 209.
 PINTO (Firmiano) — *Vol. I*: 57.
 PINTO (L. A. da Costa) — *Vol. II*: 211, 213, 246. *Vol. IV*: 200, 209.
 PINTO (Mário Custódio de Oliveira) — *Vol. I*: 245. *Vol. IV*: 200, 209.
 PIRACICABA (Barão de) — Veja *Barão de Piracicaba*.
 PITTA (Sebastião da Rocha) — *Vol. I*: 39. *Vol. II*: 172. *Vol. IV*: 209.
 PIZA (Antônio de Toledo) — *Vol. II*: 40, 45, 47. *Vol. IV*: 209.
 PIZA (Marcelo) — *Vol. II*: 137, 140, 164. *Vol. IV*: 30, 60, 151, 178, 209.
 PIZARRO (Monsenhor) — Veja *Araújo (José de Sousa Azevedo Pizarro e)*.
 POMPÉIA (Jonas) — *Vol. III*: 97.
 PRADO (Antônio) — *Vol. II*: 89, 121, 122, 130, 132, 152. *Vol. III*: 132, 147, 331.
 PRADO (Fábio) — *Vol. II*: 152.
 PRADO (Família) — *Vol. III*: 300.
 PRADO (J. F. de Almeida) — *Vol. I*: 34. *Vol. II*: 99. *Vol. IV*: 210.
 PRADO (João Batista de Almeida) — *Vol. I*: 67. *Vol. IV*: 210, 215.
 PRADO (Martinho da Silva) — *Vol. II*: 68, 87. *Vol. III*: 295.
 PRADO (Paulo) — *Vol. I*: 39. *Vol. II*: 9, 15, 24, 27, 28, 31, 33, 38, 47, 173, 246. *Vol. IV*: 210.
 PRADO (Veridiana) — *Vol. III*: 327.
 PRADO JÚNIOR (Cato) — *Vol. I*: XV, 10, 34, 245. *Vol. II*: 28, 29, 35, 38, 45, 47, 86, 87, 89, 99, 246. *Vol. III*: 23, 24, 97. *Vol. IV*: 60, 210.
 PRATES (Conde de) — Veja *Conde de Prates*.
 PRETO (Manuel) — *Vol. III*: 216.

Q

- QUADROS (Bartolomeu) — Vol. IV: 132.
 QUEIRÓS (Antônio de) — Vol. III: 295.
 QUEIRÓS (Nicolau de) — Vol. III: 295.
 QUEIRÓS (Plínio de) — Vol. III: 120. Vol. IV: 210.
 QUEIRÓS (Senador) — Vol. II: 87.
 QUEIRÓS (Vitorino Seixas) — Vol. I: 39. Vol. II: 103, 159, 164. Vol. IV: 60, 151, 178, 185, 210, 214.

R

- RADESCA (Maria de Lourdes P. de Sousa) — Vol. I: XVII, XXIV, XXIX. Vol. III: 73, 99.
 RADO (George) — Vol. I: 34. Vol. II: 162. Vol. IV: 211.
 RAFFARD (Henrique) — Vol. I: 34. Vol. II: 97. Vol. III: 196, 363. Vol. IV: 211.
 RAMALHO (João) — Vol. II: 11, 12, 14. Vol. IV: 27, 29.
 RAMOS JÚNIOR (Paula) — Vol. II: 83.
 RATH (Carlos Frederico) — Vol. III: 294.
 RATH (D.) — Vol. II: 66.
 RATISBONA (Leandro) — Vol. I: 73, 76, 77, 78, 92, 111. Vol. IV: 211, 214.
 RAWITSCHER (Felix) — Vol. I: 111. Vol. IV: 211.
 RECLUS (Élisée) — Vol. I: 39. Vol. II: 67, 79, 83, 88, 97, 246. Vol. III: 215, 363. Vol. IV: 211.
 RÉGO (Luís Flôres de Moraes) — Vol. I: 39, 105, 111, 117, 119, 120, 125, 130, 135, 139, 141, 143, 144, 153, 160, 161, 164, 165, 166, 167, 170, 177, 178, 222, 225, 228, 245. Vol. IV: 40, 58, 60, 151, 184, 211, 213.
 RÉGO FREITAS (Família) — Vol. III: 323.
 RENDON (José Arouche de Toledo) — Vol. II: 47, 62, 87, 88. Vol. III: 194, 323, 326. Vol. IV: 151, 211.
 RESENDE (Ferreira de) — Vol. III: 29, 30.
 RESENDE (Francisco de Paula Ferreira de) — Vol. I: 34. Vol. IV: 211.
 RIBEIRO (José) — Vol. III: 97. Vol. IV: 211.
 RIBEIRO (José Jacinto) — Vol. I: 39. Vol. II: 47, 67, 97. Vol. III: 247, 251, 363. Vol. IV: 60, 211.
 RIBEIRO (Luís Davi) — Vol. II: 218, 246. Vol. IV: 212.
 RIBEIRO (Orlando) — Vol. IV: 212.
 RIBEIRO FILHO (Raimundo Francisco) — Vol. III: 120. Vol. IV: 212.
 RICARDO (Cassiano) — Vol. II: 47. Vol. IV: 212.
 RIO (J. Pires do) — Vol. I: 67.
 RIOS (Lauto) — Vol. I: 245. Vol. IV: 212, 214.
 RODVALHO (Antônio Proost) — Vol. III: 11, 12.
 RODRIGUES (Antônio) — Vol. II: 11.
 RODRIGUES (J. A. da Fonseca) — Vol. I: 67.
 RODRIGUES (Jorge Martins) — Vol. I: 39. Vol. III: 97. Vol. IV: 212.
 RODRIGUES (J. Wash) — Vol. II: 22, 37, 39, 47. Vol. III: 294. Vol. IV: 212.
 RODRIGUES (Luís Melo) — Vol. IV: 182.
 ROMARIZ (Dora de Amarante) — Vol. II: 216. Vol. IV: 226.
 ROOT (Elihu) — Vol. II: 126. Vol. III: 3, 5.
 ROSA (Clara de la) — Vol. I: 36. Vol. II: 95. Vol. IV: 186.
 ROSA (Virgínia Santa) — Vol. I: 39. Vol. II: 141, 142, 164. Vol. IV: 212.
 ROSSI (Cláudio) — Vol. II: 131.

- ROSSI (Domciano) — Vol. II: 131.
 RUDGE (João Maxwell) — Vol. III: 218.
 RUDOLFER (Bruno) — Vol. I: 35. Vol. II: 123, 162. Vol. III: 182, 363. Vol. IV: 201, 212.
 RUELLAN (Francis) — Vol. I: 139, 140, 167, 173. Vol. II: 241. Vol. IV: 212.
 RUPINO (José) — Vol. I: VI. Vol. II: VI. Vol. III: VI. Vol. IV: VI.

S

- SÁ (Mem de) — Vol. II: 9, 12, 13. Vol. IV: 25.
 SÁ (Paulo) — Vol. I: 73.
 SÁ (Salvador Correia de) — Vol. II: 171.
 SAIA (Luís) — Vol. II: 47. Vol. IV: 212.
 SAINT-ADOLPHE (J. C. R. Milliet de) — Vol. I: 39. Vol. II: 47, 97. Vol. IV: 212.
 SAINT-HILAIRE (Auguste de) — Vol. I: 39, 43, 71, 101, 104, 111, 245. Vol. II: 27, 42, 43, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 78, 97, 174, 246. Vol. III: 27, 130, 155, 182, 231, 247, 315, 317, 346, 355, 364. Vol. IV: 60, 160, 161, 164, 179, 212.
 SALMONI (A.) — Vol. I: 31. Vol. II: 94, 98, 99, 127, 131, 163. Vol. III: 362. Vol. IV: 192, 212.
 SALVADOR (Vicente do) — Vol. I: 40. Vol. II: 7, 47. Vol. IV: 213.
 SAMPAIO (A. J.) — Vol. I: 111. Vol. IV: 213.
 SAMPAIO (Teodoro) — Vol. I: 35, 56. Vol. II: 6, 7, 8, 15, 16, 45, 58, 67, 97, 99. Vol. IV: 132, 151, 213.
 SANDE (Antônio Paes de) — Vol. II: 31.
 SANT'ANNA (Núto) — Vol. I: 35. Vol. II: 15, 38, 45, 67, 97, 99. Vol. III: 25, 97, 129, 130, 135, 145, 182, 213, 215, 234, 249, 341, 364. Vol. IV: 60, 164, 179, 213.
 SANTORO (Iolanda Teresinha) — Vol. IV: 62.
 SANTOS (Eliana O.) — Vol. I: XVI, XXIV, XXIX, 45, 67, 253. Vol. III: 97, 159. Vol. IV: 213.
 SANTOS (Tarcísio D. de Sousa) — Vol. I: 117, 120, 135, 141, 160, 161, 164, 165, 166, 170, 177, 178, 222, 225, 228, 245. Vol. IV: 40, 58, 211, 213.
 SANTOS (Virgílio Paula) — Vol. III: 97. Vol. IV: 213.
 SARAIVA (Amadeu de Barros) — Vol. I: 35. Vol. II: 124, 162. Vol. III: 310, 362. Vol. IV: 213.
 SARAIVA (José Antônio) — Vol. III: 19.
 SARDINHA (Afonso) — Vol. II: 19. Vol. III: 319.
 SAUVY (Alfred) — Vol. II: 211, 246. Vol. IV: 213.
 SCHEIRR (Peter) — Vol. I: 34.
 SCHLESINGER (Hugo) — Vol. III: 97. Vol. IV: 213.
 SCHMIDT (Afonso) — Vol. I: 67. Vol. IV: 213.
 SCHMIDT (Carlos Borges) — Vol. II: 47. Vol. IV: 213.
 SCHMIDT (Família) — Vol. IV: 56.
 SCHRITZMEYER (João Adolfo) — Vol. II: 81.
 SCHUNCK (Família) — Vol. IV: 56.
 SCLIAIR (Salomão) — Vol. I: 33. Vol. II: 162. Vol. IV: 205, 213.
 SEREBRENICK (Salomão) — Vol. I: 98, 111. Vol. IV: 214.
 SERRA (Adaiberto) — Vol. I: 73, 76, 77, 78, 92, 99, 111. Vol. IV: 211, 214.
 SESSLER (I. J.) — Vol. I: 35. Vol. II: 162. Vol. IV: 197, 214.
 SETZER (José) — Vol. I: 72, 73, 82, 89, 104, 106, 110, 111, 245. Vol. IV: 58, 60, 150, 152, 214.

SILVA (Benedito Antônio da) — Vol. III: 295.
 SILVA (Edmundo Macedo Soares e) — Vol. III: 97. Vol. IV: 214.
 SILVA (F. Pacheco e) — Vol. I: 245. Vol. IV: 212, 214.
 SILVA (Jacinto C. Teixeira da) — Vol. I: 35. Vol. II: 162. Vol. IV: 214.
 SILVA (José Bonifácio de Andrada e) — Vol. I: 40. Vol. IV: 185, 214.
 SILVA (Lisandro Pereira da) — Vol. I: 57, 67. Vol. IV: 215.
 SILVA (Manuel da Fonseca Lima e) — Vol. II: 49.
 SILVA (Raul de Andrada e) — Vol. I: XVII, XXV, XXIX, 35, 40. Vol. II: 5. Vol. IV: 31, 58, 107, 215.
 SILVEIRA (João Dias da) — Vol. I: XV.
 SILVEIRA (Vanda da Mota) — Vol. III: 97. Vol. IV: 215.
 SIMONE (Luigi de) — Vol. I: 32.
 SIMONSEN (Roberto C.) — Vol. II: 18, 27, 29, 33, 34, 47, 68. Vol. III: 8, 11, 15, 20, 97. Vol. IV: 82, 215.
 SIQUEIRA (Mateus Nunes de) — Vol. III: 153, 245.
 SMITH (L. B.) — Vol. I: 111. Vol. IV: 215.
 SMITH (T. Lynn) — Vol. II: 246. Vol. IV: 215.
 SMOTKINE (Henri) — Vol. IV: 12, 60, 215.
 SOARES (Antenor Azevedo) — Vol. I: 67. Vol. IV: 210, 215.
 SODRÉ (Nelson Werneck) — Vol. III: 48, 97. Vol. IV: 215.
 SOMLO (Tomas) — Vol. I: 20.
 SORRE (Max.) — Vol. II: 109, 164. Vol. III: 123, 125, 179, 182, 185, 364. Vol. IV: 215.
 SOUKUP (João) — Vol. I: VI, XVII, XXIV, Vol. II: VI, 239. Vol. III: VI, 146. Vol. IV: VI, 154.
 SOUSA (Antônio de) — Vol. III: 100, 101.
 SOUSA (Antônio José Alves de) — Vol. III: 97. Vol. IV: 215.
 SOUSA (Edgar de) — Vol. III: 100.
 SOUSA (Everardo Valim Pereira de) — Vol. I: 35. Vol. II: 97. Vol. III: 332, 364. Vol. IV: 215.
 SOUSA (Francisco de) — Vol. II: 18, 25.
 SOUSA (Gabriel Soares de) — Vol. I: 70, 71, 101, 111. Vol. II: 170. Vol. IV: 215.
 SOUSA (Martim Afonso de) — Vol. II: 11, 12, 27.
 SOUSA (Paula) — Vol. I: 56.
 SOUSA (Tomé de) — Vol. II: 12.
 SOUSA (T. Oscar Marcondes de) — Vol. I: 40. Vol. II: 164. Vol. IV: 215.
 SOUSA (Washington Luis Pereira de) — Vol. I: 38, 57. Vol. II: 47. Vol. III: 147. Vol. IV: 215.
 SOUSA FILHO (Clemente Falcão de) — Vol. II: 68.
 SOUSA QUEIRÓS (Barão de) — Veja Barão de Sousa Queirós.
 SOUTHEY (Robert) — Vol. II: 48. Vol. IV: 215.
 SPIX (J. B. von) — Vol. I: 40, 111. Vol. II: 48, 50, 51, 54, 97, 174, 247. Vol. III: 27, 364. Vol. IV: 3, 60, 152, 160, 164, 179, 203, 216.
 STADEN (Hans) — Vol. II: 48. Vol. IV: 216.
 STELLFELD (C.) — Vol. I: 111. Vol. IV: 203.
 STREET (Jorge) — Vol. III: 11, 203.

T

TAKEDA (Inácio Nobutaka) — Vol. III: 247, 248, 316, 354.
 TAQUES (Pedro) — Veja Leme (Pedro Taques de Almeida Paes).

TATUF (Barão de) — Veja Barão de Tatuf.
 TAUNAY (Afonso d'Escagnolle) — Vol. I: 35, 39, 67. Vol. II: 7, 8, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 42, 45, 48, 50, 67, 82, 83, 93, 97, 100, 170, 171, 247. Vol. III: 182. Vol. IV: 60, 133, 152, 160, 179, 185, 212, 216.
 TAUNAY (Visconde de) — Veja Visconde de Taunay.
 TAVARES (Raposo) — Vol. IV: 133.
 TEIXEIRA (Dirceu) — Vol. I: 123.
 TELLES (Augusto C. da Silva) — Vol. I: 35. Vol. II: 162. Vol. IV: 217.
 TENNANT (Alex. A.) — Vol. III: 85.
 TEODORO (João) — Vol. I: 56. Vol. II: 70, 92, 121, 152.
 TERZACHI (Karl) — Vol. I: 245. Vol. IV: 217.
 THORMAN (Canuto) — Vol. I: 40. Vol. II: 97. Vol. IV: 60, 217.
 THORNTWATHE (C. Warren) — Vol. I: 98, 111. Vol. IV: 217.
 TIBIREÇÁ — Vol. II: 11, 15, 17. Vol. III: 145.
 TIBIRIÇÁ (João) — Vol. I: 71.
 TOCHA (Tomás Rodrigues) — Vol. III: 27.
 TRANCOSO (Anastácio de Freitas) — Vol. II: 62. Vol. III: 355.
 TRICART (J.) — Vol. III: 185, 364. Vol. IV: 217.
 TSCHUDI (J. J. von) — Vol. I: 40. Vol. II: 67, 72, 82, 94, 97, 247. Vol. III: 30, 364. Vol. IV: 60, 217.
 TUROT (Henri) — Vol. I: 40. Vol. IV: 217.

U

ULLMANN (Hermann) — Vol. II: 142, 164. Vol. IV: 217.
 UNDERWEGER (Família) — Vol. IV: 56.
 URBAN (J.) — Vol. I: 111. Vol. IV: 194, 203, 217.
 URCELLU (José de) — Vol. II: 55.
 USTERI (A.) — Vol. I: 100, 110, 111. Vol. IV: 217.

V

VALLIM (Pedro) — Vol. IV: 152, 217.
 VALLOTON (Henry) — Vol. I: 40. Vol. II: 143, 145, 164. Vol. III: 3, 364. Vol. IV: 217.
 VAMPRÉ (Spencer) — Vol. I: 35. Vol. II: 64, 98. Vol. IV: 217.
 VANORDEN (H.) — Vol. I: 33. Vol. II: 99, 100, 161. Vol. IV: 203, 208, 217.
 VARELA (Tomé Manuel de Jesus) — Vol. III: 27.
 VARGAS (Milton) — Vol. I: 36, 144, 153, 166, 200, 201, 202, 245. Vol. IV: 188, 217, 218.
 VARON (H.) — Vol. III: 106.
 VASCONCELOS (Moacir N.) — Vol. I: 38. Vol. II: 51, 96. Vol. IV: 59, 199.
 VASCONCELOS (Simão de) — Vol. II: 7, 48. Vol. IV: 218.
 VERDOORN (F.) — Vol. I: 111.
 VIANA (F. J. de Oliveira) — Vol. II: 173, 247. Vol. IV: 218.
 VIANA (Solena Benevides) — Vol. I: 39, 111, 244. Vol. II: 50, 96, 246. Vol. IV: 60, 203.
 VICTOR FILHO (Manuel) — Vol. I: VI. Vol. II: VI. Vol. III: VI. Vol. IV: VI.
 VIEIRA (A. Paím) — Vol. II: 98. Vol. IV: 218.

VIEIRA (Dórial Teixeira) — Vol. III: 98. Vol. IV: 218.
 VIEIRA (João Marcos) — Vol. III: 27.
 VILLARES (Henrique Dumont) — Vol. I: 36. Vol. II: 162. Vol. III: 98. Vol. IV: 218.
 VIOLICH (Francis) — Vol. IV: 218.
 VIOTTI (Hélio Abranches) — Vol. II: 45. Vol. IV: 218.
 VISCONDE DE TAUNAY — Vol. I: 37. Vol. II: 48, 96, 97. Vol. IV: 196, 216.
 VOZI (Antônio Le) — Vol. I: 35, 36. Vol. II: 123, 162, 163. Vol. III: 182, 363. Vol. IV: 201, 212, 218.

W

WALLE (Paul) — Vol. I: 22, 40. Vol. II: 102, 111, 112, 115, 116, 122, 127, 164, 247. Vol. III: 141, 182, 299, 364. Vol. IV: 218.
 WARD (R. De C.) — Vol. I: 70, 111. Vol. IV: 218.
 WASHBURNE (Chester W.) — Vol. I: 119, 130, 146, 167. Vol. IV: 218.
 WENTZCOVITCH (Estanisláu) — Vol. III: 98. Vol. IV: 218.
 WERNER (Teodoro Gustavo) — Vol. I: 36. Vol. II: 163. Vol. IV: 218.
 WIART (Carton de) — Vol. I: 40. Vol. II: 141, 145, 164. Vol. III: 364. Vol. IV: 218.
 WIGHT (Royce A.) — Vol. III: 98. Vol. IV: 205, 218, 219.

WOHLERS (Armando) — Vol. III: 98. Vol. IV: 218.
 WOODWARD (A. S.) — Vol. I: 143, 167. Vol. IV: 218.
 WOODWORTH (J. B.) — Vol. I: 134, 167. Vol. IV: 218.
 WRIGHT (Marie Robinson) — Vol. I: 22, 40, 111. Vol. II: 112, 115, 116, 117, 121, 122, 126, 164. Vol. III: 299, 364. Vol. IV: 218.
 WYTHE (George) — Vol. III: 98. Vol. IV: 205, 218, 219.

X

XAVIER (João Teodoro) — Veja Teodoro (João).
 XAVIER (Maria Galdina A.) — Vol. IV: 58, 219.
 XERIA (Luís Céspedes) — Vol. II: 8, 22.
 XIDIBH (Osvaldo E.) — Vol. IV: 59, 219.

Z

ZALUAR (Augusto Emílio) — Vol. I: 40. Vol. II: 67, 71, 72, 82, 83, 90, 92, 98, 247. Vol. III: 29, 231, 249, 364. Vol. IV: 60, 160, 219.
 ZENHA (Edmundo) — Vol. II: 48, 98. Vol. IV: 55, 59, 219.

ÍNDICE DE ASSUNTOS E LUGARES

A

- ABASTECIMENTO URBANO** — Vol. I: 21. Vol. II: 42, 137, 160, 199. Vol. III: 99, 159. Vol. IV: 57, 173.
- A. B. C. (Região do)** — Vol. II: 110. Vol. III: 92, 258. Vol. IV: 5, 8, 15, 17, 25, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 70, 90, 103.
- ABÍLIO SOARES (Rua)** — Vol. III: 275.
- ACLIMAÇÃO (Avenida)** — Vol. III: 265.
- ACLIMAÇÃO (Bairro da)** — Vol. I: 181, 187, 239. Vol. II: 123, 217. Vol. III: 257, 258, 260, 261, 263, 264.
- ACLIMAÇÃO (Jardim da)** — Vol. III: 265.
- ACLIMAÇÃO (Morro da)** — Vol. I: 191.
- ACLIMAÇÃO (Rio)** — Vol. I: 191.
- ACLIMAÇÃO (Subdistrito)** — Vol. II: 221, 223, 225, 226, 229, 232, 233, 235, 238.
- ACRÓPOLE** — Vol. I: 11. Vol. II: 14. Vol. III: 155, 247. Vol. IV: 138.
- ACU (Ladeira do)** — Vol. III: 147.
- ACU (Ponte do)** — Vol. II: 50. Vol. III: 155.
- ACÚCAR (Engenhos de)** — Vol. II: 25. Vol. IV: 132, 133.
- ACÚCAR (Produção de)** — Vol. II: 43, 62. Vol. III: 11, 66.
- ACÚCAR (Refinação de)** — Vol. III: 51, 52, 53.
- ACUTIA** — Vol. IV: 140.
- ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL** — Vol. II: 108. Vol. III: 171.
- ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA** — Vol. III: 159, 166.
- ADMINISTRATIVA (Área)** — Vol. II: 229. Vol. III: 129, 130.
- ADUBAÇÃO** — Vol. IV: 117, 119, 123.
- ADVOGADOS** — Vol. II: 65, 140. Vol. III: 138, 159, 163, 164, 169, 317.
- AFLITOS (Cemitério dos)** — Vol. III: 261, 262.
- ÁFRICA** — Vol. II: 193.
- ÁFRICA DO SUL** — Vol. I: 7, 70. Vol. III: 48, 82.
- AFRICANDS** — Vol. II: 55, 188, 197.
- AGRÁRIA (Estrutura)** — Vol. III: 8.
- AGRÁRIA (Paisagem)** — Vol. IV: 109, 113, 125.
- AGREGADOS** — Vol. IV: 120, 122, 125, 127.
- AGRICULTURA** — Vol. I: 14, 103, 105, 106, 109. Vol. II: 18, 22, 33, 34, 62, 173, 204, 220. Vol. III: 25, 29, 48, 62, 73, 74, 75, 78, 213, 217, 355. Vol. IV: 7, 37, 38, 44, 48, 49, 56, 66, 67, 97, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 122, 123, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 144, 155, 156, 162, 166, 169, 173, 177.
- AGRICULTURA CAIPIRA** — Veja *Caipira* (Agricultura).
- ÁGUA (Abastecimento de)** — Vol. I: 21, 46. Vol. II: 43, 94, 121, 131, 133, 157. Vol. III: 99, 222, 244, 254, 273, 286, 291, 300, 310, 313, 335. Vol. IV: 10, 24, 64, 65, 69, 73, 82, 111, 122, 137, 142, 149, 165, 172, 175.
- ÁGUA BRANCA (Avenida)** — Atual Avenida Conde Francisco Matarazzo — Vol. II: 118, 149. Vol. III: 102, 187, 330, 337, 346, 347.
- ÁGUA BRANCA (Bairro da)** — Vol. I: 71, 84, 85. Vol. II: 88, 104, 118, 123, 132, 133, 134. Vol. III: 49, 70, 102, 180, 186, 214, 320, 327, 334, 336, 338, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 356, 357, 361. Vol. IV: 9, 33, 87.
- ÁGUA BRANCA (Caminho da)** — Vol. III: 327, 334.
- ÁGUA BRANCA (Córrego da)** — Vol. I: 191. Vol. III: 322, 335, 337, 346.
- ÁGUA BRANCA (Estação da)** — Vol. III: 346, 347, 348.
- ÁGUA BRANCA (Fazenda da)** — Vol. III: 346, 355.
- ÁGUA BRANCA (Parque da)** — Atual Parque Fernando Costa — Vol. III: 346.
- ÁGUA BRANCA DOS PINHEIROS (Chácara da)** — Vol. III: 307.
- ÁGUA FRIA (Estrada da)** — Vol. III: 216. Vol. IV: 45.
- ÁGUA FUNDA (Bairro da)** — Vol. I: 93. Vol. III: 185, 285.
- ÁGUA FUNDA (Parque da)** — Vol. I: 71, 89, 90, 91, 150.
- ÁGUA PODRE** — Vol. IV: 135.
- ÁGUA PRETA (Córrego da)** — Vol. III: 322, 346, 349, 350.
- ÁGUA Rasa (Bairro da)** — Vol. III: 185, 349.
- AGUARDENTE (Produção de)** — Vol. II: 63.
- AIMORÉS (Rua dos)** — Vol. III: 204.
- AIROSA GALVÃO (Rua)** — Vol. III: 347.
- AJUÁ (Serra de)** — Vol. I: 120, 125.
- ALAGOAS (Estado de)** — Vol. II: 191. Vol. III: 31, 52.
- ALAGOAS (Rua)** — Vol. III: 298.
- ALAMÉDAS** — Veja *Logradouros públicos*.
- ALBANESER** — Vol. II: 195.
- ALRUQUERQUE LINS (Rua)** — Vol. III: 321, 328, 332.
- ALCÂNTARA MACHADO (Avenida)** — Vol. III: 243.
- ALDEAMENTOS DE ÍNDIOS** — Vol. II: 15, 21, 23. Vol. III: 145, 294, 315, 319. Vol. IV: 13, 132, 143, 144, 147, 156, 160.
- ALDEIA** — Vol. IV: 38, 39.
- ALDEÍNSHA** — Vol. IV: 147, 149.
- ALEGRE (Rua)** — Atual Rua Brigadeiro Tobias — Vol. II: 88. Vol. III: 135, 195.
- ALEMÃES** — Vol. II: 56, 57, 81, 113, 143, 188, 194, 210, 217. Vol. III: 12, 52, 131, 195, 282, 298. Vol. IV: 24, 55, 56, 71, 126, 134, 144, 148, 168.
- ALEMANHA** — Vol. II: 209, 210. Vol. III: 27, 156. Vol. IV: 87.
- ALEMANHA (Rua)** — Vol. III: 294.
- ALFONSO BOVERO (Avenida)** — Veja *Prof. Alfonso Bovero* (Avenida).
- ALFREDO ELLIS (Rua)** — Vol. III: 275.

- ALFREDO PUJOL (Rua) — Vol. III: 213, 215, 220, 222.
- ALGODÃO — Vol. II: 145, 146. Vol. III: 5, 7, 15, 16, 17, 23, 25, 26, 30, 45, 47, 54, 73, 238. Vol. IV: 35, 77, 88, 89.
- ALIMENTAÇÃO (Indústria de) — Vol. II: 199. Vol. III: 5, 19, 30, 34, 39, 42, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 61, 62, 73, 76, 77, 78, 187, 238, 333. Vol. IV: 18, 37, 76, 77, 78, 89.
- ALMEIDA JÚNIOR (Praça) — Antigo Largo do Cemitério, Largo da Glória e Largo São Paulo — Vol. III: 262.
- ALPES SETENTRIONAIS — Vol. III: 106.
- ALPINA (Vila) — Veja *Vila Alpina*.
- ALTAS PRESSÕES — Vol. I: 75, 77, 78.
- ALTITUDES — Vol. I: 6, 14, 69, 99, 113, 117, 121, 122, 123, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 146, 149, 150, 153, 162, 174, 177, 179, 181, 184, 185, 191, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 207, 208, 210, 211, 213, 218, 220, 223, 224, 226, 229, 231, 232, 234, 238, 238-239. Vol. II: 6. Vol. III: 196, 221, 227, 229, 230, 274, 292, 293, 294, 298, 314, 315, 321, 322, 335, 345, 349, 352, 353, 357. Vol. IV: 6, 37, 46, 48, 63, 64, 92, 94, 110, 137, 138, 143, 145, 153, 157.
- ALTO DA LAPA (Bairro do) — Vol. I: 188, 218. Vol. II: 109, 123, 124, 158, 231. Vol. III: 341, 353, 357, 360.
- ALTO DA MOOCA (Bairro do) — Vol. I: 152. Vol. II: 257, 258, 260, 271, 272.
- ALTO DA MOOCA (Subdistrito do) — Vol. II: 221, 225, 226, 231, 232, 233, 235, 238.
- ALTO DA SERRA — Vol. III: 109, 111.
- ALTO DAS PERDIZES — Vol. III: 322, 336, 339.
- ALTO DE PINHEIROS — Vol. II: 158, 314, 319.
- ALTO DE SANTANA — Vol. I: 152. Vol. II: 124. Vol. III: 208, 221.
- ALTO DO BELÉM — Vol. I: 234. Vol. III: 243.
- ALTO DO CAAGUAÇU — Vol. III: 300.
- ALTO DO PARI — Vol. I: 205, 217.
- ALTO DO SUMARÉ — Vol. I: 152. Vol. III: 292.
- ALTO TIETÊ (Superfície do) — Vol. I: 130, 132, 133, 135, 136, 140, 141, 147, 148, 149, 150, 155, 156.
- ALUVIAIS (Solos) — Vol. I: 107.
- ALUVIÕES — Vol. I: 208, 210, 213, 214, 217.
- ALVARES PENTADO (Rua) — Vol. III: 129, 157, 166, 175.
- AMADOR BUENO (Rua) — Vol. III: 204.
- AMARAL GURGEL (Rua) — Vol. III: 321, 323, 325.
- AMARELOS (Povos) — Veja *Mongólicos* (Povos).
- AMAZONAS (Vale do) — Vol. II: 28.
- AMAZÔNIA — Vol. I: 8, 28, 45, 76, 78. Vol. II: 31. Vol. III: 24, 75, 84, 90. Vol. IV: 77.
- AMBULANTES (Vendedores) — Veja *Vendedores ambulantes*.
- AMÉLIA (Vila) — Veja *Vila Amélia*.
- AMÉRICA — Vol. II: 193, 195. Vol. III: 14, 125.
- AMÉRICA (Edifício) — Antigo Edifício Martinelli — Vol. I: 20. Vol. II: 156. Vol. III: 150, 151.
- AMÉRICA (Jardim) — Veja *Jardim América*.
- AMÉRICA (Vila) — Veja *Vila América*.
- AMÉRICA DO NORTE — Vol. II: 113, 141, 147.
- AMÉRICA DO SUL — Vol. I: 12, 76. Vol. II: 126, 243. Vol. III: 36, 82. Vol. IV: 37, 83.
- AMÉRICA LATINA — Vol. I: 23. Vol. III: 5, 6, 24, 45, 47, 70, 99.
- AMERICANA (Vila) — Veja *Vila Americana*.
- AMERICANISMO — Vol. I: 17.
- AMPLITUDE TÉRMICA — Vol. I: 86, 88, 94, 95, 96.
- ANASTÁCIO (Bairro do) — Vol. I: 55, 58, 206, 215. Vol. II: 62. Vol. III: 54, 320, 327, 355, 359.
- ANASTÁCIO (Fazenda do) — Vol. III: 353, 355.
- ANASTÁCIO (Rua) — Vol. III: 352, 353, 355, 356, 357.
- ANCHIETA (Via) — Vol. I: 15, 27, 127, 240. Vol. II: 157. Vol. III: 90, 91, 258, 271, 282. Vol. IV: 36.
- ANDRADAS (Alameda e Rua dos) — Vol. III: 195.
- ANDRÉ ROVAI (Rua) — Vol. IV: 102, 105.
- ANGÉLICA (Avenida) — Antiga Rua Itatiaia — Vol. I: 181, 202. Vol. II: 88, 115, 122. Vol. III: 298, 299, 321, 327, 329, 330, 331.
- ANGLO-BRASILEIRA (Vila) — Veja *Vila Anglo-Brasileira*.
- ANGLO-CANADENSES — Vol. I: 12.
- ANGLO-SAXÕES (Povos) — Vol. II: 128.
- ANGOLA — Vol. III: 25.
- ANHAIA (Rua) — Vol. III: 196.
- ANHANGABAU (Avenida) — Vol. I: 24, 190. Vol. III: 149, 276.
- ANHANGABAU (Parque) — Vol. III: 149, 150.
- ANHANGABAU (Rio e Vale do) — Vol. I: 46, 183, 190, 195, 198, 202, 203, 234. Vol. II: 6, 38, 39, 50, 52, 53, 61, 62, 85, 86, 90, 93, 94, 119, 121, 123, 128, 129, 132. Vol. III: 102, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 155, 156, 161, 175, 191, 193, 194, 273, 274, 276, 277, 278, 282.
- ANHANGABAU DE CIMA (Caminho do) — Veja *Caminho do Anhangabau de Cima*.
- ANHANGÜERA (Via) — Vol. I: 15. Vol. II: 158. Vol. III: 90, 207, 242, 361.
- ANHEMBI (Rio) — Vol. I: 47. Vol. II: 8, 36.
- ANTÁRTICA (Parque) — Vol. II: 102, 346, 347, 348, 349.
- ANTÁRTICA (Rua) — Vol. III: 167, 347.
- ANTICILONES — Vol. I: 75, 77, 78, 79, 95, 96, 97.
- ANTILHAS (Rua) — Vol. I: 196.
- ANTI-URBANISMO — Vol. II: 173.
- ANTOPAGASTA — Vol. I: 5.
- ANTÔNIO ACÚ (Rua) — Vol. IV: 96, 102, 106.
- ANTÔNIO PRADO (Praça) — Vol. II: 39. Vol. III: 130, 133, 157, 158, 166, 330.
- APARECIDA (Estação Conversora de) — Vol. III: 106.
- APARTAMENTOS — Veja *Habitações*.
- APRESENTAÇÃO DA OBRA — Vol. I: XIII.
- APÚLIA — Vol. II: 198.
- ÁRABES — Vol. II: 113, 195.
- ARAÇÁ (Avenida do) — Vol. III: 343, 345.
- ARAÇÁ (Cemitério do) — Vol. I: 193. Vol. III: 307, 309, 310, 339, 342, 343.
- ARACAJU — Vol. II: 186.
- ARACAJU (Rua) — Vol. III: 298.
- ARAÇARIGUAMA — Vol. I: 130.
- ARAQUARENSE (E. F.) — Vol. III: 85.
- ARARITAGUABA — Vol. II: 29, 35.
- ARAUCÁRIA (Região da) — Vol. III: 66.
- ARAUCÁRIAS — Vol. I: 43, 102.
- ARAUJO (Rua) — Antigo Beco do Mata-Fome — Vol. II: 88. Vol. III: 323.
- ÁREA ADMINISTRATIVA — Veja *Administrativa* (Área).
- ÁREA CENTRAL — Vol. I: 17, 18, 82, 143, 192, 198, 201, 234. Vol. II: 6, 38, 55, 69, 89, 115, 123, 129, 131, 140, 152, 153, 154, 156, 175, 203, 217, 228, 229, 235, 237, 238, 239. Vol. III: 70, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 186, 188, 189, 192, 199, 201, 204,

- 206, 207, 208, 225, 226, 228, 229, 234, 239, 240, 241, 242, 244, 251, 257, 258, 261, 262, 269, 273, 275, 276, 279, 280, 282, 287, 288, 292, 295, 297, 305, 307, 318, 320, 323, 324, 325, 329, 330, 331, 344, 351, 357, 360. Vol. IV: 20, 33, 106.
- ÁREA CENTRAL (Estrutura da) — Vol. III: 121, 122, 123, 125, 128, 144, 155, 170.
- ÁREA CENTRAL (Evolução da) — Vol. III: 121, 128, 131, 138, 139, 140, 143, 152, 170, 173, 189.
- ÁREA CENTRAL (Funções da) — Vol. III: 121, 125, 126, 128, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 164, 165, 170, 173.
- ÁREA CENTRAL (Núcleo antigo da) — Vol. III: 143, 144, 145, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 170, 171, 173, 197.
- ÁREA CENTRAL (Núcleo novo da) — Vol. III: 144, 147, 150, 151, 152, 158, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 168, 170, 175.
- ÁREA CENTRAL (periferia da) — Vol. II: 154, 209, 229, 237, 238, 239. Vol. III: 126, 128, 135, 139, 151, 158, 159, 161, 166, 167, 170, 175, 176, 189, 292, 324, 326.
- ÁREA CENTRAL (Zona de transição da) — Vol. III: 121, 126, 141, 142, 161, 166, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 199, 262.
- ÁREA RURAL — Vol. II: 21, 34, 39, 40, 110, 203, 212, 213. Vol. III: 70, 139, 231, 319, 355. Vol. IV: 11, 62, 72, 109, 121, 139, 147, 149, 154, 162.
- ÁREA SUBURBANA — Vol. I: 13, 23. Vol. II: 21, 105, 124, 204, 212, 213, 233. Vol. III: 70, 92, 211, 242, 261, 290. Vol. IV: 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 25, 30, 31, 40, 42, 45, 48, 49, 56, 57, 61, 62, 70, 109, 127, 149, 153, 156, 157, 162, 164, 178.
- ÁREA URBANA — Vol. I: 13, 17, 72, 84, 98, 99. Vol. II: 37, 38, 50, 85, 91, 103, 113, 124, 125, 128, 138-139, 141, 147, 150, 153, 155, 156, 158, 174, 178, 202, 203, 204, 212, 233, 243. Vol. III: 70, 102, 127, 128, 187, 225, 227, 236, 237, 252, 278, 294, 310, 313, 317, 344, 361. Vol. IV: 9, 15, 62, 70, 110, 121, 148, 149, 150, 156, 161, 162, 164, 172.
- ÁREAS CLIMÁTICAS — Veja *Climáticas* (Áreas).
- ÁREAS COMERCIAIS — Veja *Comerciais* (Áreas).
- ÁREAS INDUSTRIAIS — Veja *Industriais* (Áreas).
- ÁREAS RESIDENCIAIS — Vol. III: 126, 127, 128, 130, 138, 140, 142, 223, 236, 242, 263, 272, 278, 307, 319, 345, 349, 357, 359.
- AREIA ("Portos" de) — Veja "Portos" de areia.
- ARENITO-BASÁLTICO (Planalto) — Veja *Planalto Ocidental*.
- ARGENTINA — Vol. I: 21. Vol. II: 28. Vol. III: 45, 51. Vol. IV: 77, 79.
- ARGENTINA (Rua) — Vol. I: 196.
- ARGENTINA (Vila) — Veja *Vila Argentina*.
- ARGENTINOS — Vol. II: 193, 195.
- ARICANDUVA (Rio) — Vol. I: 52, 122, 127, 141, 143, 156, 158, 163, 205, 217, 221, 232, 235, 238, 239, 240, 242. Vol. III: 230, 244, 245, 252. Vol. IV: 153, 155, 157, 167.
- ARICANDUVA (Vila) — Veja *Vila Aricanduva*.
- ARKANSAS — Vol. I: 70.
- ARMAS (Fábrica de) — Vol. III: 27.
- ARMÊNIO (Rito) — Vol. II: 209.
- ARMÊNIO-BRASILEIROS — Vol. II: 197.
- ARMÊNIOS — Vol. I: 19. Vol. II: 147, 193, 208, 209, 217. Vol. III: 242.
- ARMÊNIDS (Igreja Cilícia dos) — Vol. II: 209.
- AROUCHE (Largo do) — Antiga Praça da Legião — Vol. II: 86. Vol. III: 140, 167, 194, 262, 275, 321, 323, 324, 325, 327, 330.
- AROUCHA (Rua do) — Vol. III: 177, 275, 323, 324, 325.
- AROUCHA (Tanque do) — Vol. III: 321.
- ARRANHA-CÉUS — Vol. I: 17, 18, 175, 201, 243. Vol. II: 142, 143, 144, 145, 152, 156, 159, 243. Vol. III: 103, 121, 124, 125, 142, 144, 150, 151, 153, 158, 161, 178, 179, 201, 203, 204, 225, 238, 241, 262, 277, 280, 297, 300, 305, 325, 331.
- ARRUAMENTOS — Vol. III: 255. Vol. IV: 116, 122.
- ARRUAMENTOS — Vol. II: 41, 124, 233. Vol. III: 103, 195, 196, 211, 212, 215, 176, 219, 225, 234, 260, 275, 276, 278, 282, 283, 286, 290, 296, 297, 301, 311, 319, 323, 327, 328, 330, 331, 332, 335, 341, 343, 350. Vol. IV: 9, 19, 89, 102, 150, 177.
- ARTESANATO — Vol. III: 10, 12, 18, 27, 31, 131.
- ARTÍFICES — Vol. III: 12.
- ARTUR ALVIM — Vol. III: 253. Vol. IV: 162.
- ARTUR PRADO (Rua) — Vol. III: 275.
- ARUJÁ — Vol. I: 27, 133, 134, 135.
- ÁRVORE (Praça da) — Vol. III: 284.
- ÁSIA — Vol. II: 142, 147, 169, 193.
- ÁSIA DE SUDESTE — Vol. I: 70.
- ASIÁTICOS — Vol. II: 147.
- ASSIMILAÇÃO (Problema da) — Vol. II: 192, 205, 207. Vol. IV: 121.
- ASSOCIAÇÕES BENEFICENTES — Vol. II: 210.
- ATEÍSMO — Vol. II: 218.
- "ATELIERS" — Vol. III: 34, 132, 135, 159, 162, 163, 169, 177, 249, 279, 284, 295, 296, 299. Vol. IV: 24, 103, 106.
- ATEUS — Vol. II: 218.
- ATIBAIA — Vol. I: 27. Vol. II: 29, 33. Vol. III: 193, 211. Vol. IV: 14, 40.
- ATIBAIA (Rio) — Vol. IV: 40, 44.
- ATIBAIA (Rua) — Vol. III: 334, 335, 341.
- ATIVIDADES DE RUA — Vol. III: 139, 159, 173.
- ATIVIDADES PROFISSIONAIS — Vol. II: 20, 34, 56, 63, 79, 80, 81, 92, 140, 167, 194, 199, 202, 207, 208, 210, 213, 219, 220. Vol. III: 26, 28, 135, 157.
- ATLANTA — Vol. II: 113.
- ATLÂNTICA (Mata) — Vol. I: 105. Vol. IV: 55, 112.
- ATLÂNTICA (Rua) — Vol. III: 293.
- ATLÂNTICO (Escudo) — Vol. I: 124.
- ATLÂNTICO (Oceano) — Vol. I: 6, 7, 27, 76, 77, 78, 95, 96, 97, 164. Vol. III: 109, 113, 114, 118. Vol. IV: 54.
- ATLÂNTICO (Planalto) — Vol. I: 6, 47, 51, 101, 113, 115, 117, 124, 129, 138, 156, 169, 170, 171, 173. Vol. III: 106, 108. Vol. IV: 110.
- ATLANTO-MEDITERRÂNEOS (Povos) — Vol. II: 192, 193, 194, 197, 198, 200.
- AUGUSTA (Rua) — Vol. I: 165. Vol. II: 119. Vol. III: 169, 293, 295, 296, 297, 302, 303, 304, 305.
- AUGUSTA (Vila) — Veja *Vila Augusta*.
- AURELIANO COUTINHO (Rua) — Vol. III: 321.
- AURIVERDE (Rua) — Vol. III: 267.
- AURORA (Rua) — Vol. I: 196. Vol. III: 140, 195, 200.
- AUSTRÁLIA — Vol. II: 205. Vol. III: 48. Vol. IV: 173.
- AUSTRALIANOS — Vol. II: 195.
- AÚSTRA (Rua) — Vol. III: 294.
- AUSTRÍACOS — Vol. II: 188, 194.
- AUTARQUIAS — Vol. III: 159.
- AUTÓDROMO — Vol. IV: 54.
- AUTO-ESTRADA — Atual Avenida Washington Luís — Vol. II: 109. Vol. III: 288, 290.
- AUTOMÓVEIS — Veja *Veículos*.
- AUTONOMISTAS (Viaduto dos) — Vol. IV: 73.
- AVARÉ (Rua) — Vol. III: 341.
- AVENIDA PAULISTA (Bairro da) — Vol. III: 202, 258, 292, 300, 302, 303.
- AVENIDAS — Veja *Logradouros públicos*.
- AVENIDAS MARGINAIS — Vol. III: 207, 224.
- AVIAÇÃO — Vol. III: 90, 223.
- AVICULTURA — Vol. IV: 9, 49, 57, 116, 117, 119, 120, 123, 126, 127, 129, 156, 169, 177.

B

- BACIA SEDIMENTAR DE SÃO PAULO** — Veja *São Paulo* (Bacia de).
- BAHIA** (Estado da) — *Vol. II:* 23, 24, 191, 201, 217. *Vol. III:* 25, 30, 75, 88. *Vol. IV:* 37.
- BAHIA (Rua)** — *Vol. III:* 298.
- BAIANOS** — *Vol. IV:* 131, 161.
- BAIRRO INDUSTRIAL** — *Vol. IV:* 74.
- BAIRRO SICILIANO** — *Vol. II:* 124. *Vol. III:* 359.
- BAIROS** — *Vol. I:* 13, 19, 217, 222, 234. *Vol. II:* 85, 87, 112, 115, 123, 131, 136, 137, 149, 151, 153, 199, 207. *Vol. III:* 103, 105, 118, 119, 125, 126, 132, 134, 135, 140, 141, 147, 161, 167, 169, 175, 177, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 191, 192, 194, 196, 199, 202, 204, 206, 207, 208, 220, 225, 227, 228, 231, 235, 237, 239, 241, 242, 243, 244, 257, 258, 260, 262, 269, 271, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 283, 284, 285, 288, 291, 292, 303, 305, 307, 311, 317, 320, 330, 331, 334, 335, 339, 349, 350. *Vol. IV:* 8, 12, 19, 24, 25, 31, 43, 47, 73.
- BAIROS (Estrutura dos)** — *Vol. III:* 188, 189, 196, 212, 224, 243, 258, 259, 260, 267, 276, 277, 279, 285, 290, 292, 296, 303, 307, 309, 310, 311, 313, 319, 323, 325, 330, 333, 337, 342, 344, 345, 348, 350, 357, 359.
- BAIROS (Funções dos)** — *Vol. I:* 19. *Vol. III:* 183, 186, 195, 196, 197, 199, 202, 204, 206, 207, 220, 222, 223, 229, 235, 237, 239, 242, 251, 254, 258, 261, 263, 267, 269, 271, 279, 284, 290, 301, 304, 311, 317, 326, 329, 332, 334, 335, 336, 343, 347, 350, 351, 359.
- BAIROS COMERCIAIS** — *Vol. II:* 112, 142. *Vol. III:* 186, 199.
- BAIROS DA ZONA LESTE** — Veja *Orientais* (Bairros).
- BAIROS DA ZONA NORTE** — Veja *Zona norte* (Bairros da).
- BAIROS DA ZONA OESTE** — Veja *Ocidentais* (Bairros).
- BAIROS DA ZONA SUL** — Veja *Zona sul* (Bairros da).
- BAIROS INDUSTRIAIS** — *Vol. I:* 207, 234. *Vol. II:* 105, 108, 119, 152, 158, 229. *Vol. III:* 167, 187, 235, 237, 244, 257, 270, 271, 356, 360. *Vol. IV:* 13, 16, 33, 62, 75.
- BAIROS-JARDINS** — *Vol. I:* 12, 19, 203, 231. *Vol. II:* 124, 187. *Vol. III:* 225, 257, 258, 260, 286, 291, 292, 293, 303, 308, 309, 310, 311, 313, 319, 322, 341, 342, 345, 359. *Vol. IV:* 103, 150.
- BAIROS MISTOS** — *Vol. II:* 105.
- BAIROS OPERÁRIOS** — *Vol. I:* 234. *Vol. II:* 89, 119, 140, 149, 158, 231. *Vol. III:* 204, 235, 264, 270, 271, 273. *Vol. IV:* 46, 64, 71, 149, 150, 171.
- BAIROS PERIFÉRICOS** — *Vol. II:* 109, 207. *Vol. IV:* 16.
- BAIROS RESIDENCIAIS** — *Vol. I:* 188, 195, 207, 219. *Vol. II:* 89, 90, 91, 105, 119, 140, 150, 152, 155, 156, 158, 229, 231. *Vol. III:* 21, 132, 134, 139, 164, 167, 175, 180, 186, 187, 191, 195, 199, 204, 228, 239, 243, 244, 251, 257, 265, 272, 275, 279, 283, 284, 286, 290, 295, 297, 299, 302, 303, 305, 310, 311, 324, 326, 328, 335, 343, 345, 348, 350. *Vol. IV:* 150.
- BAIROS-SUBÚRBIOS** — *Vol. II:* 123. *Vol. III:* 13, 191, 208, 222, 227, 228, 251, 287, 309, 314, 317, 348, 351, 356, 357. *Vol. IV:* 5, 20, 21, 24, 46, 49.
- BAIXADA DO RIBEIRA** — *Vol. I:* 234.
- BAIXADAS** — *Vol. I:* 178, 181, 206.
- BAIXAS PRESSÕES** — *Vol. I:* 77.
- BÁLTICOS (Povos)** — *Vol. II:* 128.
- BALTIMORE** — *Vol. II:* 180.
- BANANAL** — *Vol. II:* 63.
- BANCÁRIO (Centro)** — *Vol. I:* 17, 23.
- BANCOS** — Veja *Crédito* (Estabelecimentos de)
- BANDEIRA (Praça da)** — Antigo Largo do Piques — *Vol. II:* 50. *Vol. III:* 133, 149, 150, 153, 167, 278, 280.
- BANDEIRANTE (Casa do)** — *Vol. III:* 319.
- BANDEIRANTES** — *Vol. II:* 25, 26, 28, 29. *Vol. III:* 26, 152. *Vol. IV:* 160.
- BANDEIRAS** — *Vol. II:* 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 35, 36.
- BANDEIRAS (Monumento das)** — *Vol. III:* 291.
- BANDEIRAS (Ponte das)** — *Vol. I:* 58, 219. *Vol. III:* 191, 207, 221, 223, 224.
- BANDEIRISMO** — *Vol. I:* 8, 15. *Vol. II:* 24, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 44, 53, 171, 223, 211. *Vol. III:* 25, 188, 231, 247.
- BANDEIRISMO (Capital do)** — *Vol. II:* 24. *Vol. III:* 70.
- BANHADOS** — *Vol. I:* 181. *Vol. IV:* 65.
- BAQUIRIVU-GUAÇU (Rio)** — *Vol. I:* 53, 134, 141, 155, 156, 158, 162, 163, 220, 226.
- BARÃO DE ITAPETINGA (Rua)** — *Vol. I:* 202. *Vol. II:* 148. *Vol. III:* 102, 140, 141, 142, 151, 158, 161, 163, 177, 324.
- BARÃO DE JUNDIAÍ (Rua)** — *Vol. III:* 356, 357, 360.
- BARÃO DE LIMEIRA (Alameda)** — *Vol. III:* 202, 203, 321.
- BARÃO DE LIMEIRA (Chácara do)** — *Vol. II:* 87, 89.
- BARÃO DE PIRACICABA (Alameda)** — *Vol. III:* 195.
- BARÃO DE TATUÍ (Rua)** — *Vol. II:* 88. *Vol. III:* 329.
- BARBAS (Beco das)** — *Atual Ladeira do Porto Geral* — *Vol. III:* 147.
- BARCOS (Construção de)** — Veja *Estaleiros*.
- BARÉS** — *Vol. II:* 108. *Vol. III:* 166, 202, 203, 206, 220, 241, 242, 249, 329, 332, 337, 348, 357. *Vol. IV:* 106, 137, 138, 139, 142, 144, 145, 147, 171.
- BARONESA DE ITU (Rua)** — *Vol. III:* 330.
- BARRA (Serra de)** — *Vol. I:* 48.
- BARRA BONITA** — *Vol. I:* 47.
- BARRA FUNDA (Bairro da)** — *Vol. I:* 19, 217. *Vol. II:* 89, 104, 115, 130, 133, 134, 202, 229. *Vol. III:* 70, 101, 202, 204, 257, 320, 321, 326, 327, 331, 332, 333, 339, 346. *Vol. IV:* 20, 33.
- BARRA FUNDA (Estação da)** — *Vol. III:* 321, 332.
- BARRA FUNDA (Rua)** — *Vol. II:* 89. *Vol. III:* 321, 332, 333.
- BARRA FUNDA (Subdistrito da)** — *Vol. II:* 221, 223, 225, 226, 229, 232, 238.
- BARRA FUNDA (Várzea da)** — *Vol. III:* 320, 332.
- "BARREIRDS"** — *Vol. III:* 255. *Vol. IV:* 129, 157.
- BARRO BRANCO** — *Vol. I:* 108.
- BARROS (Alameda)** — *Vol. I:* 202. *Vol. II:* 88. *Vol. III:* 321, 328, 329, 330, 331.
- BARTIRA (Rua)** — *Vol. III:* 322, 337, 339, 349.
- BARTOLOMEU PAIS (Rua)** — *Vol. III:* 359.
- BARUERI** — *Vol. I:* 137, 143. *Vol. II:* 151, 243. *Vol. IV:* 12, 39, 94, 98, 111, 138.
- BARUERI (Avenida)** — *Vol. IV:* 137.
- BARUERI (Rio)** — *Vol. I:* 52. *Vol. IV:* 111.
- BARUERI (Soleira de)** — *Vol. I:* 48, 49, 55, 116, 136, 144, 146, 147, 160.
- BARUBÉ-MIRIM (Rio)** — *Vol. IV:* 137.
- BAURU** — *Vol. III:* 88.
- BAURU (Série)** — *Vol. I:* 47, 160.
- BEBIDAS E ESTIMULANTES (Indústria de)** — *Vol. III:* 55, 56, 57, 74, 77, 78.
- BELA CINTRA (Chácara)** — *Vol. III:* 300.
- BELA CINTRA (Rua)** — *Vol. III:* 295.

- BELA VISTA (Bairro da)** — Vol. I: 19, 195. Vol. II: 89, 115, 130, 132, 199, 202. Vol. III: 148, 175, 178, 257, 258, 263, 273, 274, 277, 279, 280, 295.
- BELA VISTA (Bairro da)** — Osasco — Vol. IV: 96.
- BELA VISTA (Subdistrito da)** — Vol. II: 129, 221, 223, 225, 226, 228, 229, 232, 237, 238. Vol. III: 279.
- BELÉM (Bairro do)** — Vol. I: 181, 234, 241. Vol. III: 186, 187, 228, 230, 236, 244.
- BELÉM (Largo do)** — Veja *São José do Belém* (Largo de).
- BELÉM DO PARÁ** — Vol. I: 28, 45. Vol. II: 172, 173, 174, 178, 186, 200, 220. Vol. III: 23.
- BELÉNZINHO (Bairro do)** — Vol. I: 205, 234, 241. Vol. II: 104, 105, 116, 122, 123, 133, 137. Vol. III: 70, 228, 230, 236, 238, 239.
- BELÉNZINHO (Subdistrito do)** — Vol. II: 129, 221, 223, 225, 226, 229, 232, 238. Vol. III: 229.
- BELGAS** — Vol. II: 143, 195. Vol. IV: 173.
- BÉLGICA** — Vol. III: 156.
- BÉLGICA (Rua)** — Vol. III: 294.
- BELO HORIZONTE** — Vol. I: 173. Vol. II: 186, 220. Vol. III: 21, 88, 90, 231. Vol. IV: 40.
- BELO HORIZONTE (Superfície de)** — Vol. I: 173.
- BELVEDERE** — Vol. II: 123.
- BENEDITINOS** — Vol. IV: 27, 61, 65, 81.
- BENEDITINOS (Chácara dos)** — Vol. III: 225.
- BENJAMIN CONSTANT (Rua)** — Antiga Rua do Jôgo da Bola — Vol. III: 145, 149, 151.
- BENTO FREITAS (Rua)** — Vol. III: 100, 323, 324.
- BERLIM** — Vol. II: 108.
- BERTIOGA** — Vol. I: 84.
- BERTIOGA (Vila)** — Veja *Vila Bertioiga*.
- BEXIGA (Bairro do)** — Vol. II: 140, 199. Vol. III: 148, 185, 257, 273, 274, 277, 278, 279, 280, 300, 333.
- BEXIGA (Campos do)** — Vol. II: 89. Vol. III: 277.
- BEXIGA (Chácara do)** — Vol. II: 87. Vol. III: 277.
- BEXIGA (Ponte do)** — Vol. III: 155.
- BEXIGA (Ribeirão do)** — Vol. III: 277.
- BIARRITZ** — Vol. IV: 54.
- Bibí (Bairro do)** — Vol. III: 185, 313. Vol. IV: 9.
- Bibí (Rua)** — Vol. III: 294.
- BIBLIOGRAFIA** — Vol. I: 29, 67, 109, 165, 244. Vol. II: 44, 95, 160, 244. Vol. III: 93, 119, 181, 361. Vol. IV: 58, 107, 150, 178, 181.
- BILLINGS (Reprêsa)** — Vol. I: 52, 53, 61, 66, 141, 158. Vol. III: 111, 113, 114, 118. Vol. IV: 50, 51, 93.
- BINÁRIOS** — Vol. I: 7, 12.
- BIRITIBA-MIRIM** — Vol. I: 132.
- BLUMENAU** — Vol. I: 45. Vol. IV: 83.
- BÓA VISTA (Bairro da)** — *São Caetano do Sul* — Vol. IV: 73.
- BÓA VISTA (Rua)** — Vol. II: 84. Vol. III: 128, 135, 138, 139, 145, 149, 151, 157, 166.
- BÓA VISTA (Viaduto)** — Vol. III: 156.
- "BOCCE" (Jôgo de)** — Vol. II: 199.
- BOADAS (Estrada das)** — Vol. III: 319, 353.
- "BOITES"** — Vol. III: 159, 166, 169, 290, 325.
- BOLIVIANOS** — Vol. II: 195.
- BOM PASTOR (Rua)** — Vol. II: 217. Vol. III: 265, 267, 269.
- BOM RETIRO (Bairro do)** — Vol. I: 19, 217. Vol. II: 80, 89, 90, 93, 115, 123, 130, 133, 134, 199, 209. Vol. III: 70, 101, 103, 175, 178, 179, 183, 189, 191, 193, 196, 201, 204, 205, 278, 331, 333.
- BOM RETIRO (Chácara do)** — Vol. II: 87. Vol. III: 196.
- BOM RETIRO (Subdistrito do)** — Vol. II: 129, 221, 225, 226, 229, 231, 232, 238. Vol. III: 199.
- BONDES A VAPOR** — Vol. III: 281, 282.
- BONDES DE BURROS** — Vol. II: 93, 134. Vol. III: 101, 133, 189, 234, 295, 298, 327.
- BONDES ELÉTRICOS** — Vol. I: 12, 227, 242. Vol. II: 109, 134, 135, 149, 151. Vol. III: 99, 101, 103, 105, 156, 171, 189, 199, 212, 222, 251, 260, 269, 273, 282, 283, 287, 307, 318, 336, 349, 360. Vol. IV: 7, 24, 54.
- BONFIGLIOLI (Jardim)** — Veja *Jardim Bonfiglioli*.
- BONILHA (Fazenda do)** — Vol. IV: 27.
- BONILHA (Vila)** — Veja *Vila Bonilha*.
- BORRACHA** — Vol. III: 24, 62, 65, 74. Vol. IV: 35, 77.
- BORRACHA (Artefatos de)** — Vol. III: 36, 39, 42, 62, 64, 65, 68, 75.
- BOSQUE (Rua do)** — Vol. III: 321, 332.
- BOSQUE DA SAÚDE (Avenida)** — Vol. III: 284.
- BOSQUE DA SAÚDE (Bairro do)** — Vol. III: 258, 273, 282, 283, 284, 285, 286.
- BOSTON** — Vol. II: 180.
- BOTEQUINS** — Veja *Bares*.
- BOTUCATU** — Vol. III: 13.
- BOTUCATU ("Cuesta" de)** — Vol. I: 47.
- BOTUCAVARU (Morro de)** — Vol. I: 120, 163.
- BOTURUNA (Serra de)** — Vol. I: 124.
- BRAGANÇA (Rua)** — Vol. III: 341.
- BRAGANÇA PAULISTA** — Vol. I: 120. Vol. II: 29, 63. Vol. III: 193, 211. Vol. IV: 14, 40, 41, 133.
- BRANCO (Elemento)** — Vol. I: 70, 99. Vol. II: 6, 9, 19, 23, 27, 55, 58, 167, 176, 186, 188, 189, 200, 202. Vol. III: 315. Vol. IV: 133.
- BRÁS (Bairro do)** — Vol. I: 19, 181, 205, 208, 221, 234, 241. Vol. II: 55, 58, 61, 71, 76, 80, 85, 86, 90, 93, 104, 105, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 130, 132, 137, 140, 149, 175, 199, 210, 229. Vol. III: 49, 70, 135, 167, 180, 183, 185, 186, 187, 197, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 244, 269, 278, 279.
- BRÁS (Largo do)** — Vol. III: 241.
- BRÁS (Porteiras do)** — Vol. III: 241.
- BRÁS (Rua do)** — *Atual Avenida Rangel Pestana* — Vol. III: 133, 234.
- BRÁS (Subdistrito do)** — Vol. II: 129, 221, 223, 225, 226, 228, 229, 232, 237, 238. Vol. III: 229, 232, 233.
- BRASIL** — Vol. I: 5, 28. Vol. II: 113, 141, 145, 169, 181, 186, 196, 197, 243. Vol. III: 3, 13, 14, 16, 30, 39, 42, 45, 50, 51, 52, 58, 62, 67, 73, 78, 82, 83, 294.
- BRASIL (Avenida)** — Vol. I: 196, 201. Vol. III: 293.
- BRASIL (Avenida)** — *Poá* — Vol. IV: 171.
- BRASIL (Jardim)** — Veja *Jardim Brasil*.
- BRASIL CENTRAL** — Veja *Centro-Oeste (Brasil)*.
- BRASILÂNDIA (Vila)** — Veja *Vila Brasilândia*.
- BRASILEIROS NATOS** — Vol. II: 190, 191, 195.
- BRASILEIROS NATURALIZADOS** — Vol. II: 190.
- BRÁSILIO MACHADO (Rua)** — Vol. III: 328, 331.
- BRASIL MERIDIONAL** — Veja *Sul (Brasil)*.
- BRÁULIO GOMES (Rua)** — Vol. III: 158.
- BREJAIS** — Vol. IV: 159, 160.
- BRESSER (Chácara)** — Vol. III: 231.
- BRESSER (Rua)** — Vol. III: 241.
- BRIGADEIRO GALVÃO (Largo)** — Vol. III: 321, 322, 332.
- BRIGADEIRO GALVÃO (Rua)** — Vol. II: 89. Vol. III: 332, 333.

BRIGADEIRO LUIS ANTÔNIO (Avenida) — Vol. I: 181. Vol. II: 86, 89, 119, 140. Vol. III: 102, 275, 276, 277, 287, 305.

BRIGADEIRO TOBIAS (Chácara do) — Vol. II: 88.

BRIGADEIRO TOBIAS (Rua) — Antiga Rua Alegre — Vol. II: 86, 89. Vol. III: 135, 151, 167, 195, 200, 206.

BRISA DE MONTANHA — Vol. I: 81.

BRISA MARÍTIMA — Vol. I: 79, 81.

BRISAS — Vol. I: 94, 95.

BROOKLYN NOVO (Bairro do) — Vol. III: 290.

BROOKLYN PAULISTA (Bairro do) — Vol. I: 181. Vol. II: 109. Vol. III: 257, 258, 273, 287, 288, 289, 290. Vol. IV: 21.

BUARQUE (Vila) — Veja *Vila Buarque*.

BUDAPEST — Vol. I: 45.

BUDISMO — Vol. II: 218. Vol. IV: 121.

BUDISTAS — Vol. II: 218.

BUDISTAS — (Templos) — Vol. II: 206.

BUENOS AIRES — Vol. I: 8. Vol. II: 132, 158, 159, 174, 179, 182.

BUENOS AIRES (Praça) — Antiga Praça Santa Lúcia — Vol. III: 298.

BUFFALO — Vol. II: 144, 180. Vol. III: 3.

BÚLGAROS — Vol. II: 195.

BURCHARD (Boulevard) — Vol. III: 298, 327.

BUSSOCABA — Vol. IV: 94, 135.

BUSSOCABA (Rio) — Vol. I: 147.

BUTANTÁ (Bairro do) — Vol. I: 71, 90, 129, 145, 160, 214, 229, 230, 231, 232, 233. Vol. II: 109, 152, 158, 240, 314, 318, 319. Vol. IV: 101, 105, 135.

BUTANTÁ (Rua) — Vol. III: 317, 318, 319.

BUTANTÁ (Subdistrito do) — Vol. II: 221, 223, 226, 228, 232, 233, 238.

C

CAAGUAÇU — Vol. I: 104. Vol. III: 307.

CAAGUAÇU (Alto do) — Veja *Alto do Caaguacu*.

CAAGUAÇU (Estrada do) — Vol. III: 287.

CAAGUAÇU (Fazenda) — Vol. IV: 167.

CAAGUAÇU (Sítio do) — Vol. II: 87, 89.

CABARÉS — Vol. III: 159, 166.

"CABEÇAS DE PORCO" — Vol. III: 332.

CABOCLOS — Vol. II: 58, 173.

CABRÉVIA — Vol. III: 22.

CABUÇU DE BAIXO (Rio) — Vol. I: 53, 116, 136, 158.

CABUÇU DE CIMA (Rio) — Vol. I: 53, 127, 135, 153, 158, 162, 163.

CAÇAPAVA — Vol. I: 143.

CACHOEIRA — Vol. I: 45.

CACHOEIRA DO SUL — Vol. I: 45.

CACHOEIRA PAULISTA — Vol. II: 90.

CAETANO PINTO (Rua) — Vol. II: 210. Vol. III: 244.

CAETÉS (Rua) — Vol. III: 334, 339.

CAPÉ (Crises do) — Vol. III: 18, 20.

CAPÉ (Cultura do) — Vol. I: 8, 12, 13. Vol. II: 61, 62, 67, 68, 72, 73, 90, 91, 119, 126, 128, 130, 145, 146, 188, 197, 198, 201. Vol. III: 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 16, 17, 23, 24, 72, 73, 84, 195, 276, 299, 302, 311, 355. Vol. IV: 160.

CAPÉ (Estradas do) — Vol. III: 9.

CAPÉ (Largo do) — Vol. III: 158, 173.

CAPÉ (Metrópole do) — Vol. II: 70, 82, 95, 101, 177. Vol. III: 6, 70, 147, 169.

CAPÉ (Torrefação e moagem do) — Vol. III: 53.

CAEIRAS — Veja *Carvão vegetal*.

CAEIRAS — Vol. II: 151. Vol. III: 67, 92. Vol. IV: 39, 47.

CAIO GRACO (Rua) — Vol. III: 357.

CAIO PRADO (Rua) — Vol. III: 296.

CAIOVAS (Rua) — Vol. III: 334, 336, 349.

CAIPIRA (Agricultura) — Vol. IV: 109, 113, 122.

CAIPIRAS — Vol. II: 210. Vol. III: 133. Vol. IV: 56, 115, 119, 120, 122, 123, 124, 127, 130, 131.

CAIUBÍ (Rua) — Vol. III: 322, 339, 349.

CAIXAS ECONÔMICAS — Veja *Crédito* (Estabelecimentos de).

CALÇADOS (Indústria de) — Vol. III: 67, 68, 74, 78, 238, 279.

CALCUTÁ — Vol. I: 5, 8.

CALEFAÇÃO — Vol. III: 103, 104, 105.

CALIFÓRNIA (Vila) — Veja *Vila Califórnia*.

CALMARIAS — Vol. I: 81, 92, 94, 95, 96.

CALMON VIANA — Vol. I: 242. Vol. III: 255. Vol. IV: 166, 169, 171, 172, 173.

CALOR SOLAR — Vol. I: 73.

CAMANDUAÍCA — Vol. IV: 40.

CAMAPOÁ (Varadouro do) — Vol. II: 36.

CÂMARA MUNICIPAL (Largo da) — Vol. II: 53.

CAMARGO (Vila) — Veja *Vila Camargo*.

CÂMBIO (Casas de) — Vol. III: 159, 169.

CAMBUCI (Bairro do) — Vol. II: 91, 114, 119, 133, 140. Vol. III: 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 273, 274, 275.

CAMBUCI (Largo do) — Vol. III: 167, 264.

CAMBUCI (Morro do) — Vol. III: 265.

CAMBUCI (Rio) — Vol. I: 183, 191. Vol. III: 262, 264.

CAMBUCI (Subdistrito do) — Vol. II: 129, 221, 223, 225, 226, 232, 238.

CAMILO (Rua) — Vol. III: 357.

CAMINHO DO ANHANGABAÚ DE CIMA — Atual Ladeira Dr. Falcão — Vol. III: 147.

CAMINHO DO MAR — Vol. II: 38, 50. Vol. III: 145, 258, 259, 261, 264, 265, 274.

CAMINHO DO SERTÃO — Vol. III: 145, 155.

CAMINHO NOVO DO MAR — Vol. III: 145.

CAMINHO VELHO — Vol. IV: 160.

CAMINHOS — Vol. II: 38, 40, 42. Vol. III: 26, 144, 145, 188, 193, 194, 211, 212, 215, 218, 227, 231, 259, 260, 261, 274, 275, 276, 294, 296, 314, 320, 327, 330, 337, 346, 353. Vol. IV: 40, 44, 54, 98, 114, 133, 160, 165.

CAMINHOS DOS ÍNDIOS — Vol. III: 26.

CAMPANELA (Vila) — Veja *Vila Campanela*.

CAMPEVAS (Rua) — Vol. III: 335, 336, 339.

CAMPINAS — Vol. IV: 65.

CAMPINAS (Alameda) — Vol. III: 303.

CAMPINAS (Cidade de) — Vol. II: 29, 43, 60, 63, 67, 68, 240. Vol. III: 88, 90, 211, 218, 320, 352. Vol. IV: 29, 48, 70, 125.

CAMPO DE MARTE — Vol. I: 220. Vol. III: 223.

CAMPO REDONDO (Cemitério do) — Vol. III: 294.

CAMPO REDONDO (Chácara do) — Vol. II: 87, 88.

CAMPOS — Vol. I: 100, 103, 105.

CAMPOS (Cidade de) — Vol. I: 45.

CAMPOS ELÍSIOS (Bairro dos) — Vol. I: 181, 203. Vol. II: 80, 88, 90, 93, 94, 115, 130, 140. Vol. III: 153, 166, 175, 177, 179, 183, 189, 191, 193, 195, 197, 199, 201, 203, 204, 279, 298, 299, 327, 329, 331, 332.

CAMPOS ELÍSIOS (Palácio dos) — Vol. II: 130. Vol. III: 166, 202, 203.

CAMPOS-SANTOS — Veja *Cemitérios*.

CANADÁ — Vol. III: 51.

CANADÁ (Rua) — Vol. I: 196. Vol. III: 293.

CANA DE AÇÚCAR — Vol. II: 24, 43, 61, 145. Vol. III: 7, 23, 24, 66, 74, 219.

CANADENSES — Vol. II: 195.

CÂNCER (Trópico de) — Vol. I: 5.

CÂNDIDO ESPINHEIRA (Rua) — Vol. III: 341.

CANGAÍBA (Estrada do) — Vol. III: 253.

CANINDE (Bairro do) — Vol. I: 181, 208, 210. Vol. III: 206, 228, 230, 236, 300.

CANTÃO — Vol. I: 5.
 CANTAREIRA (Estrada da) — Vol. I: 135. Vol. III: 216.
 CANTAREIRA (Reservatório de Água da) — Vol. III: 212. Vol. IV: 43, 45.
 CANTAREIRA (Rua) — Vol. III: 239.
 CANTAREIRA (Serra e região da) — Vol. I: 7, 15, 19, 27, 48, 51, 52, 74, 84, 88, 99, 104, 116, 119, 120, 121, 125, 130, 136, 137, 141, 146, 149, 153, 154, 157, 177, 178, 223, 224, 226, 227, 229. Vol. II: 118, 133, 134, 148, 151, 157. Vol. III: 189, 193, 208, 209, 211, 220, 290, 299. Vol. IV: 3, 5, 6, 7, 8, 37, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 94.
 CANTAREIRA ("Tramway" da) — Vol. II: 135, 149, 231. Vol. III: 191, 212, 215, 216, 218, 225, 287. Vol. IV: 41, 43, 44.
 CANUDO (Rio) — Vol. I: 52.
 CAPIÃO REDONDO — Vol. IV: 114.
 CAPELA DO ALTO — Vol. I: 224.
 CAPELA DO SOCORRO — Veja *Socorro* (Subdistrito de).
 CAPELA NOVA — Vol. IV: 131.
 CAPELAS — Vol. II: 53. Vol. III: 213, 216, 217, 231, 234, 241, 245, 249, 355. Vol. IV: 27, 65, 139, 140, 141, 147, 149.
 CAPELANIAS ESTRANGEIRAS — Vol. II: 206, 217.
 CAPIBARIBE (Rio) — Vol. I: 45.
 CAPITAIS (Investimentos de) — Vol. I: 12, 13. Vol. II: 102. Vol. III: 5, 10, 17, 19, 37, 39, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 65, 68, 73, 79, 80. Vol. IV: 33.
 CAPIVARI — Vol. II: 63.
 CAPOEIRAS — Vol. I: 100, 103, 104, 105. Vol. IV: 95, 112, 113, 119, 120, 128, 131, 159.
 CAPOEIRINHAS — Vol. IV: 112.
 CAPOEIRÕES — Vol. IV: 95, 112, 113.
 CAPRICÓRNIO (Tropico de) — Vol. I: 5, 6, 69.
 CAPTURAS FLUVIAIS — Vol. I: 157.
 CAPUAVA — Vol. IV: 37.
 CARACAS — Vol. I: 7. Vol. II: 167.
 CARAGUATATUBA — Vol. I: 135.
 CARANDIRU (Bairro do) — Vol. III: 223.
 CARANDIRU (Rua) — Vol. III: 221.
 CARAPICUIBA — Vol. I: 51, 136. Vol. IV: 38, 39, 98, 111, 132, 135, 147.
 CARAPICUIBA (Rio) — Vol. I: 52.
 CARDEAL ARCOVERDE (Rua) — Vol. III: 307, 309, 317, 318.
 CARDOSO DE ALMEIDA (Rua) — Antiga Rua Thabor — Vol. I: 181. Vol. III: 167, 322, 334, 335, 336, 337, 339.
 CARIJÓS (Índios) — Vol. II: 17.
 CARLOS DE CAMPOS (Avenida) — Atual Avenida Paulista — Vol. II: 140.
 CARLOS DE CAMPOS (Vila) — Veja *Vila Carlos de Campos*.
 CARLOS VICARI (Rua) — Vol. III: 345, 347, 348, 356.
 CARMELITAS — Vol. IV: 164.
 CARMO (Fazenda do) — Vol. IV: 164.
 CARMO (Ladeira do) — Vol. I: 152. Vol. II: 40, 71. Vol. III: 147, 155.
 CARMO (Ponte do) — Vol. III: 155.
 CARMO (Rua do) — Vol. II: 15, 21, 217. Vol. III: 129, 135, 145, 153.
 CARMO (Várzea do) — Vol. I: 56. Vol. II: 92, 114, 130. Vol. III: 155, 227, 230, 259.
 CARMOSINA (Vila) — Veja *Vila Carmosina*.
 CARNE (Indústria da) — Vol. III: 54, 57.
 CARNEIRO LEÃO (Rua) — Vol. II: 210. Vol. III: 244.
 CARRÃO (Estrada do) — Vol. III: 243.
 CARRÃO (Vila) — Veja *Vila Carrão*.
 CARRASCAIS — Vol. IV: 112, 113.
 CARTEIRA (Bairro da) — Osasco — Vol. IV: 19, 97, 98.
 CARVALHO (Chácara do) — Vol. II: 89. Vol. III: 195, 331.

CARVALHO (Córrego do) — Vol. III: 321.
 CARVALHO (Sítio do) — Vol. III: 196.
 CARVALHO DE ARAUJO (Estação de) — Vol. IV: 175.
 CARVÃO VEGETAL — Vol. I: 103. Vol. IV: 24, 55, 113, 122, 131, 148.
 CASA BRANCA (Alameda) — Vol. III: 303.
 CASA PINTADA — Vol. IV: 164.
 CASAS DE CÂMBIO — Veja *Câmbio* (Casas de).
 CASAS DE CAMPO — Vol. IV: 14.
 CASAS DE CÔMODOS — Vol. III: 202, 204, 324.
 CASAS DE SAÚDE — Veja *Hospitais*.
 CASAS DE TOLERÂNCIA — Veja *Meretrício*.
 CASA VERDE (Bairro da) — Vol. I: 19, 58, 136, 150, 160, 163, 224, 225, 226, 227, 243. Vol. II: 123, 202. Vol. III: 70, 125, 185, 189, 208, 212, 216, 218, 219, 220, 222, 223, 225. Vol. IV: 9.
 CASA VERDE (Sítio da) — Vol. III: 218.
 CASA VERDE (Subdistrito da) — Vol. II: 221, 226, 227, 232, 235, 238. Vol. III: 208, 209, 211, 220.
 CASEIROS — Vol. IV: 125, 127.
 "CASINHAS" — Vol. II: 42.
 CASINHAS (Rua das) — Atual Rua do Tesouro — Vol. II: 61, 77. Vol. III: 130, 131.
 CASPER LÍBERO (Avenida) — Antiga Rua Conceição — Vol. II: 89. Vol. III: 151, 191, 193.
 CASSANDOCA (Rua) — Vol. I: 142.
 CASTRO — Vol. II: 62, 63.
 CATANDUVAS — Vol. I: 108.
 CATÃO (Rua) — Vol. III: 357.
 CATÓLICA (Ação) — Vol. II: 217.
 CATOLICISMO ROMANO — Vol. I: 25. Vol. II: 206, 208, 209, 215, 217, 218, 219, 243. Vol. IV: 67, 107, 121.
 CATÓLICOS — Vol. II: 215.
 CATÓLICOS (Não) — Veja *Não-Católicos*.
 CATÓLICOS (Templos) — Vol. II: 217.
 CATUMBI (Bairro do) — Vol. III: 230.
 CAUCAIA DO ALTO — Vol. IV: 38, 39, 134, 136, 139, 149.
 CAULIM (Extração de) — Vol. IV: 130.
 CAXAMBU — Vol. III: 90.
 CAXINGUÊ — Vol. I: 232. Vol. III: 318. Vol. IV: 135.
 CEARÁ (Estado do) — Vol. II: 191.
 CELSO GARCIA (Avenida) — Antigo Caminho da Penha e Avenida da Intendência — Vol. I: 235, 241. Vol. II: 118, 149. Vol. III: 227, 228, 230, 231, 236, 239, 243, 244, 255.
 CEMITÉRIO (Caminho para o) — Atual Rua Dr. César — Vol. III: 215.
 CEMITÉRIO (Largo do) — Atual Praça Almeida Júnior — Vol. III: 262.
 CEMITÉRIOS — Vol. I: 193. — Vol. III: 261, 262, 293, 294, 295, 307, 309, 310, 339, 342, 343. Vol. IV: 56, 69, 100, 137, 173.
 CENTRAL (Estação) — Veja *Estação Central*.
 CENTRAL DO BRASIL (E. F.) — Vol. I: 15, 51, 134, 241, 242. Vol. II: 90, 104, 149, 151, 157, 204. Vol. III: 21, 88, 234, 236, 237, 241, 252, 253, 255. Vol. IV: 3, 7, 11, 12, 17, 37, 39, 42, 48, 49, 56, 138, 157, 158-159, 160, 161, 163, 164, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177.
 CENTRO CÍVICO — Vol. III: 167.
 CENTRO COMERCIAL — Veja *Comercial* (Área).
 CENTRO DA CIDADE — Veja *Área Central*.
 CENTRO-LESTE (Brasil) — Vol. III: 99.
 CENTRO-OESTE (Brasil) — Vol. II: 28, 29. Vol. III: 24, 84, 90.
 CENTROS (Pequenos) — Vol. III: 167, 169, 186, 187, 188, 221, 225, 235, 241, 254, 257, 264, 269, 273, 284, 290, 303, 316, 317, 335, 336, 352, 356, 357, 359, 361. Vol. IV: 43, 102, 106, 137.

- CERÂMICA (Indústria de) — Vol. III: 39, 42, 77. Vol. IV: 18, 35, 61, 66, 77, 81.
 CERQUEIRA CÉSAR (Bairro de) — Vol. I: 191. Vol. II: 115, 123, 134. Vol. III: 258, 292, 293, 307, 308, 309, 317.
 CERQUEIRA CÉSAR (Subdistrito de) — Vol. II: 221, 223, 225, 226, 229, 232, 238. Vol. III: 186, 304, 307.
 CERRADOS — Vol. I: 102.
 CESÁRIO MOTA (Rua) — Vol. III: 323, 324
 CHÁ (Chácara do) — Vol. II: 86. Vol. III: 140, 147.
 CHÁ (Cultura do) — Vol. II: 62. Vol. III: 323, 328, 341, 355.
 CHÁ (Morro do) — Vol. II: 62.
 CHÁ (Viaduto do) — Vol. II: 62, 94. Vol. III: 102, 139, 140, 141, 143, 144, 150, 156, 170.
 CHÁCARAS — Vol. I: 13, 217, 227, 233, 235, 241. Vol. II: 62, 74-75, 85, 87, 89, 207. Vol. III: 118, 130, 188, 196, 212, 215, 216, 224, 225, 231, 235, 255, 261, 275, 276, 282, 295, 296, 307, 320, 327, 330, 331. Vol. IV: 9, 24, 41, 53, 147, 156, 173, 175, 176, 177.
 CHACO — Vol. I: 77.
 CHAFARIZES — Vol. II: 43. Vol. III: 130, 327.
 CHALÉS — Veja *Habitacões*.
 CHARPE (Chácara) — Vol. III: 195.
 CHICAGO — Vol. I: 8. Vol. II: 142, 144, 158, 182.
 CHILE — Vol. I: 5, 7. Vol. II: 126. Vol. IV: 79.
 CHILE (Rua) — Vol. III: 305.
 CHILENOS — Vol. II: 195.
 CHINA — Vol. I: 5, 70.
 CHINESES — Vol. II: 195.
 CHOCOLATE (Indústria do) — Vol. III: 55.
 CHORA MENINO (Bairro do) — Atual Santa Teresinha — Vol. III: 185, 222, 225.
 CHUVAS — Veja *Pluviosidade*.
 CICLO DO MUAR — Vol. I: 227, 243.
 CIDADE JARDIM (Avenida) — Vol. I: 165. Vol. II: 158.
 CIDADE JARDIM (Bairro de) — Vol. I: 231, 233. Vol. III: 111, 119, 311, 313.
 CIDADE LÍDER — Vol. IV: 163.
 CIDADE MÃE-DO-CÉU — Vol. I: 235.
 CIDADE MAURÍCIA — Vol. II: 172.
 CIDADE NOVA — Vol. III: 194.
 CIDADE PATRIARCA — Vol. III: 253.
 CIDADES DE ENERGIA — Vol. I: 3, 13.
 CIDADES SATÉLITES — Vol. I: 26, 27. Vol. II: 157. Vol. IV: 6.
 CINCINATO POMPONET (Rua) — Vol. III: 352, 356, 357.
 CINELÂNDIA — Vol. III: 166.
 CINEMAS — Vol. II: 123, 202. Vol. III: 159, 166, 188, 235, 241, 269, 284, 303, 318, 329, 335, 357. Vol. IV: 106, 137, 166, 170.
 CINTURÃO VERDE — Vol. I: 106. Vol. II: 204. Vol. IV: 7.
 CIPRIÃO (Rua) — Vol. III: 357.
 CIPRIANO BARATA (Rua) — Vol. III: 267.
 CIRCULAÇÃO — Veja *Transporte* (Meios e vias de).
 CIRCULAÇÃO DO AR — Vol. I: 77, 86, 87, 94, 95, 96, 97.
 CIRCULAÇÃO INTERNA — Vol. III: 99.
 CIRCULAR (Avenida) I — Vol. III: 193, 207.
 CIRCULAR (Avenida) II — Vol. III: 298, 327.
 CLARO (Ribeirão) — Vol. I: 157.
 CLASSES SOCIAIS — Vol. II: 239. Vol. III: 178, 186, 187, 195, 200, 202, 208, 221, 222, 228, 243, 257, 264, 265, 267, 272, 275, 277, 278, 279, 280, 283, 286, 290, 291, 295, 297, 300, 303, 305, 307, 311, 313, 317, 324, 326, 328, 331, 332, 333, 335, 339, 343, 348, 350, 357, 359, 360, 361. Vol. IV: 9, 41, 54, 105, 137.
 CLÁUDIO (Rua) — Vol. III: 346.
 CLÉLIA (Rua) — Vol. III: 346, 347, 348, 356, 357, 360, 361.
 CLEMENTE ALVARES (Rua) — Vol. III: 352, 356.
 CLEMENTE PEREIRA (Rua) — Vol. III: 267.
 CLEVELAND — Vol. II: 180.
 CLIMA — Vol. I: 14, 53, 65, 72, 75, 76, 86, 90, 97, 99. Vol. II: 7, 18. Vol. III: 5, 16, 24, 45, 85. Vol. IV: 45, 111, 130.
 CLIMAS (Tipos de) — Vol. I: 98.
 CLIMÁTICAS (Áreas) — Vol. I: 97.
 CLIMATO-BOTÂNICO (Quadro) — Vol. I: 41, 69.
 CLIMATOLOGIA — Vol. I: 98.
 CLOVIS BEVILÁQUA (Praça) — Vol. III: 149, 164, 167.
 CLUBES ESPORTIVOS — Vol. II: 208, 210. Vol. III: 290, 311, 349. Vol. IV: 75.
 CLUBES NÁUTICOS — Vol. I: 47, 217. Vol. II: 94. Vol. III: 207, 223, 224. Vol. IV: 53.
 CLUBES RECREATIVOS — Vol. III: 290, 311. Vol. IV: 45.
 COCHINCHINA — Vol. III: 14.
 COLABORADORES DA OBRA — Vol. I: XXIII.
 COLÉGIO (Pátio do) — Veja *Pátio do Colégio*.
 COLÉGIO (Igreja do) — Vol. II: 15.
 COLINA CENTRAL — Vol. I: 17. Vol. II: 50, 66, 85, 89, 93, 94, 136. Vol. III: 138, 139, 143, 145, 147, 149, 154, 155, 157, 160, 191, 194, 231, 238, 259, 278, 330.
 COLINAS — Vol. I: 6, 13, 48, 74, 79, 88, 100, 107, 113, 121, 127, 129, 131, 133, 136, 141, 148, 149, 162, 163, 173, 174, 177, 178, 179, 181, 183, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 195, 197, 198, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 210, 214, 216, 218, 219, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 238, 238-239, 240, 241, 242. Vol. II: 5, 6, 90, 119, 123. Vol. III: 138, 184, 189, 191, 196, 205, 208, 211, 216, 217, 220, 221, 223, 224, 225, 227, 230, 231, 236, 237, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 255, 258, 259, 260, 265, 271, 274, 287, 290, 311, 315, 319, 320, 321, 322, 340, 346, 349, 352, 357, 359. Vol. IV: 12, 48, 61, 63, 64, 65, 70, 92, 94, 95, 96, 100, 106, 107, 110, 113, 131, 137, 138, 143, 145, 149, 153, 157, 159, 162, 163, 176, 177.
 COLÔMBIA (Rua) — Vol. I: 196. Vol. III: 293.
 COLOMBIANOS — Vol. II: 195.
 COLÔNIA (Cidade de) — Vol. II: 126.
 COLÔNIA — Santo Amaro — Vol. IV: 56.
 COLÔNIA DE ITAQUERA — Vol. IV: 49, 156, 162, 167, 168, 173.
 COLÔNIA DO CABO — Vol. IV: 173.
 COLONIAIS (Núcleos) — Vol. III: 213, 262. Vol. IV: 27, 29, 55, 66, 67, 148.
 COLUVIAIS (Solos) — Vol. I: 107.
 COMBUSTÍVEIS — Vol. III: 23, 74, 237, 239, 271. Vol. IV: 78, 88, 130, 131, 148.
 COMENDADOR ERMELINO — Vol. II: 104, 157. Vol. IV: 10, 18, 157.
 COMERCIAIS (Áreas) — Vol. I: 17. Vol. II: 136, 229, 231. Vol. III: 130, 132, 139, 225, 269, 284, 303, 316, 329, 354, 356, 357. Vol. IV: 65, 147.
 COMERCIAIS (Bairros) — Veja *Bairros comerciais*.
 COMERCIAIS (Casas) — Vol. II: 136, 137, 159, 208, 209. Vol. III: 25, 102, 121, 131, 132, 134, 139, 140, 142, 159, 161, 162, 163, 169, 175, 177, 186, 188, 199, 202, 204, 205, 206, 220, 221, 222, 235, 241, 242, 248, 249, 262, 263, 269, 280, 296, 299, 303, 307, 318, 329, 332, 342, 348, 357. Vol. IV: 73, 79, 106, 137, 138, 139, 144, 145, 147, 149, 170, 171.
 COMERCIAIS (Núcleos) — Veja *Centros (Pequenos)*.

- COMERCIAL (Vila)** — Veja *Vila Comercial*.
COMERCÍARIOS — Vol. III: 251. Vol. IV: 11, 24, 33, 155, 175.
COMÉRCIO — Vol. II: 19, 35, 43, 73, 89, 147, 194, 199, 203, 208, 209, 210, 220, 229. Vol. III: 6, 13, 14, 30, 48, 119, 129, 130, 131, 133, 135, 140, 141, 159, 161, 163, 169, 187, 200, 222, 241, 242, 249, 257, 264, 275, 279, 284, 299, 302, 310, 311, 317, 329, 332, 350. Vol. IV: 18, 33, 43, 45, 47, 98, 102, 106, 116, 142, 171, 177.
COMÉRCIO ATACADISTA — Vol. II: 76, 77, 136, 210. Vol. III: 125, 134, 159, 160, 161, 177, 180, 195, 199, 204, 239, 271, 318, 324, 329, 332. Vol. IV: 79.
COMÉRCIO EXTERIOR — Vol. III: 89.
COMÉRCIO INTERNACIONAL — Vol. III: 9, 15, 16, 19.
COMÉRCIO VAREJISTA — Vol. II: 61, 76, 77, 136, 207. Vol. III: 125, 131, 132, 134, 135, 141, 142, 159, 160, 161, 167, 177, 180, 188, 195, 199, 204, 220, 221, 222, 239, 241, 275, 284, 290, 318, 324, 329, 332, 335, 336, 342, 343, 350, 355. Vol. IV: 45, 79, 147, 155, 166, 170.
COMPLEXO BRASILEIRO — Vol. I: 114.
COMUNICAÇÃO (Vias de) — Veja *Transportes Meios e vias de*.
COMUNICAÇÕES (Nó de) — Vol. I: 16, 23.
CONCEIÇÃO (Avenida) — Vol. III: 206, 274.
CONCEIÇÃO (Rua) — Atual Avenida Casper Líbero — Vol. I: 196. Vol. III: 191, 194, 195.
CONCEIÇÃO (Vila) — Veja *Vila Nova Conceição*.
CONCEPCIÓN — Vol. I: 5.
CONCÓRDIA (Largo da) — Vol. II: 117, 132. Vol. III: 230, 231, 241.
CONDE DE SARZÉDAS (Rua) — Vol. I: 19. Vol. II: 203. Vol. III: 178.
CONDE FRANCISCO MATARAZZO (Avenida) — Antiga Avenida Água Branca — Vol. III: 187, 322, 330, 337, 345, 346, 348, 355, 356, 360.
CONEGO FIDELIS (Chacara do) — Vol. II: 87, 89.
CONEGO JANUÁRIO (Rua) — Vol. III: 267.
CONFETARIAS — Vol. III: 159, 241, 242, 249, 303, 329, 332, 335, 348.
CONFLITOS INTERNACIONAIS — Vol. I: 93. Vol. II: 102, 103, 124, 128, 140, 147, 193, 205. Vol. III: 5, 7, 19, 20, 35, 46, 67, 79, 73, 82, 115, 188. Vol. IV: 7, 8, 83, 85, 87, 98, 100, 129, 130.
CONGO (Estrada do) — Vol. I: 136.
CONGONHAS (Aeroporto de) — Vol. I: 23, 175, 183, 220. Vol. II: 109, 159, 160. Vol. III: 90, 288, 289, 291.
CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS — Vol. II: 217.
CONSELHEIRO ANTÔNIO PRADO (Chacara do) — Vol. II: 89.
CONSELHEIRO BROTERO (Rua) — Vol. III: 321, 328, 329, 330.
CONSELHEIRO CRISPINIANO (Rua) — Vol. III: 102, 142, 151, 158, 161.
CONSELHEIRO FURTADO (Rua) — Vol. II: 89, 203. Vol. III: 178.
CONSELHEIRO MARTIM FRANCISCO (Chacara do) — Vol. III: 327.
CONSELHEIRO NÉBIAS (Rua) — Vol. I: 196.
CONSELHEIRO RAMALHO (Rua) — Vol. III: 279.
CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES (Avenida) — Vol. III: 285, 287.
CONSELHEIRO SARAIVA (Rua) — Vol. III: 221.
CONSOLAÇÃO (Bairro da) — Vol. I: 193, 195. Vol. II: 85, 90, 94, 115, 175, 209. Vol. III: 128, 257, 258, 273, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 308, 317, 324, 325.
CONSOLAÇÃO (Cemitério da) — Vol. III: 293, 295, 310.
CONSOLAÇÃO (Igreja da) — Vol. I: 198. Vol. II: 53. Vol. III: 292, 294, 295, 296, 321.
CONSOLAÇÃO (Reservatório de Águas da) — Vol. III: 295.
CONSOLAÇÃO (Rua da) — Vol. I: 71, 181. Vol. II: 86, 230. Vol. III: 133, 135, 145, 167, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 301, 304, 305, 307, 321, 323, 325.
CONSOLAÇÃO (Subdistrito da) — Vol. II: 129, 221, 225, 226, 229, 230, 232, 238. Vol. III: 296.
CONSTITUIÇÃO (Ponte da) — Vol. III: 155.
CONSTRUÇÃO CIVIL (Indústrias de) — Vol. III: 42, 76, 77, 78, 222, 255.
CONSTRUÇÕES URBANAS — Vol. I: 10, 14, 19, 21, 46. Vol. II: 113, 128, 130, 131, 133, 158, 159, 202. Vol. III: 30, 150, 195, 216, 218, 222, 225, 235, 239, 241, 243, 264, 270, 276, 277, 278, 279, 283, 286, 291, 297, 301, 309, 311, 313, 319, 323, 324, 325, 331, 333, 334, 339, 341, 342, 348, 349, 350. Vol. IV: 13, 17, 73, 95, 137, 139, 150, 157, 165, 172, 174.
CONTADORES — Vol. III: 159, 163.
CONURBAÇÃO — Vol. I: 26, 241. Vol. II: 109, 110, 157. Vol. III: 319. Vol. IV: 57.
CONVENTOS — Vol. II: 50, 53, 64, 206, 217. Vol. III: 153, 193, 207, 215, 337. Vol. IV: 142.
CONVESCOTES — Vol. IV: 45.
COOPERATIVAS AGRÍCOLAS — Vol. IV: 109, 128, 147, 148, 169.
COORDENADAS GEOGRÁFICAS — Vol. I: 5.
COPACABANA (Bairro de) — Rio de Janeiro — Vol. III: 169.
COPACABANA — Santo Amaro — Vol. IV: 54.
COPACABANA (Vila) — Veja *Vila Copacabana*.
COQUEIROS (Sítio dos) — Vol. III: 41.
CORBERI (Vila) — Veja *Vila Corberi*.
COREANOS — Vol. II: 195.
COREIA — Vol. II: 204.
CORLIANO (Rua) — Vol. III: 357.
CORNÉLIA (Praça) — Vol. III: 346, 347, 348.
COROA — Vol. I: 210. Vol. III: 224.
CORONEL FERNANDO PRESTES (Praça) — Vol. II: 217.
CORONEL JOSÉ EUSÉBIO (Rua) — Vol. III: 293.
CORONEL MELO OLIVEIRA (Rua) — Vol. III: 349.
CORREDOR (Bairro do) — Vol. IV: 156.
CORREDOR (Rua do) — Vol. III: 359.
CORREIO (Praça do) — Vol. II: 88, 142. Vol. III: 131, 155.
CORRETORES DE IMÓVEIS — Vol. III: 318.
CORTIÇOS — Vol. I: 19. Vol. II: 108, 156, 202, 228, 243. Vol. III: 159, 178, 180, 203, 204, 235, 244, 264, 280, 324, 326, 333.
CORUMBÁ — Vol. I: 45.
COSMOPOLITISMO — Vol. II: 127, 146, 147, 169, 195, 197, 208, 243.
COSTA JÚNIOR (Rua) — Vol. III: 347, 348.
COSTA RICA (Rua) — Vol. I: 196.
COSTARRIQUENHOS — Vol. II: 195.
COTCHING (Avenida) — Vol. III: 191.
COTIA — Vol. I: 27, 51, 129, 131, 137, 232. Vol. II: 55, 151, 175, 204, 243. Vol. IV: 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 37, 38, 39, 48, 49, 56, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 120, 125, 127, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 150.
COTIA (Avenida) — Vol. IV: 137.
COTIA (Estação de) — Atual Itapevi — Vol. IV: 136.
COTIA (População de) — Vol. IV: 133, 134, 136, 141, 142.
COTIA (Reservatório de) — Vol. IV: 111, 132.

COTIA (Rio) — Vol. I: 52, 131, 156, 157. Vol. II: 133. Vol. IV: 111, 112, 115, 135, 139.

COUROS, PELES E SIMILARES (Indústria de) — Vol. III: 68. Vol. IV: 18, 35.

COUTO DE MACALHÃES (Rua) — Vol. III: 197, 206.

CRÉDITO (Estabelecimentos de) — Vol. II: 78, 147. Vol. III: 79, 81, 132, 159, 165, 169, 188, 221, 235, 241, 269, 284, 303, 311, 317, 318, 335, 357. Vol. IV: 106, 171.

CRESCIMENTO (Índice de) — Vol. II: 169, 181, 182.

CRESCIMENTO URBANO — Vol. I: 8, 10, 11, 12, 13, 15, 20, 21. Vol. II: 49, 66, 101, 104, 108, 125, 128, 129, 130, 133, 135, 151, 168, 169, 185, 232, 233, 234, 236, 238. Vol. III: 5, 18, 22, 92, 99, 115, 117, 130, 145, 150, 156, 167, 171, 178, 184, 208, 209, 212, 291, 300, 305, 310, 335, 349, 356.

CRESCIMENTO VEGETATIVO — Vol. II: 126, 167, 182, 185, 201.

CRIAÇÃO DE GADO — Veja Gado (Criação de).

CRISES ECONÔMICAS — Vol. II: 102. Vol. III: 5, 18, 19, 20. Vol. IV: 17.

CRISTALINAS (Áreas) — Vol. I: 7, 12, 15, 48, 106, 117, 158, 232, 239. Vol. IV: 41, 45, 64, 94, 96, 110, 149, 157, 167.

CRUZEIRO — Vol. III: 88.

CUBA — Vol. I: 5.

CUBANOS — Vol. II: 195.

CUBATÃO — Vol. II: 38. Vol. III: 113.

CUBATÃO (Caminho do) — Vol. II: 9.

CUBATÃO (Rio) — Vol. I: 138, 139, 140, 157. Vol. III: 114.

CUBATÃO (Rua) I — Vol. III: 285.

CUBATÃO (Rua) II — Vol. III: 298.

CUBATÃO (Serra do) — Vol. I: 7, 124, 138, 139, 140, 155.

CUBATÃO (Usina do) — Vol. I: 158. Vol. III: 22, 91, 106, 107, 109, 111, 112, 113, 114, 115. Vol. IV: 36, 78.

"CUESTAS" — Vol. I: 152. Vol. IV: 157.

CUIABÁ — Vol. II: 29, 35, 173, 174, 178, 186.

CULTURAS — Veja Agricultura.

CULTURAS (Rotação de) — Vol. IV: 117, 120, 123.

CUMBICA (Base Aérea de) — Vol. I: 156, 163, 220, 226.

CUNHA — Vol. I: 69. Vol. IV: 160.

CURITIBA — Vol. I: 7, 69, 173. Vol. II: 63, 186. Vol. IV: 48, 114.

CURRAL DO CONSELHO — Vol. III: 278.

CURROS (Largo dos) — Atual Praça da República — Vol. II: 53.

CURTUME (Córrego do) — Vol. III: 285.

D

"DANCINGS" — Vol. III: 159, 166, 173, 290.

DANTZIGUENSES — Vol. I: 195.

DANÚBIO (Rio) — Vol. I: 45.

DECANATOS — Vol. II: 217.

DEMOGRAFIA — Vol. II: 211.

DENSIDADE DEMOGRÁFICA (Áreas de) — Vol. II: 239, 240, 241, 242.

DENSIDADES DEMOGRÁFICAS — Vol. II: 157, 220, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 233, 243. Vol. III: 127, 128, 199, 211, 220, 228, 229, 252, 279, 283, 288, 311, 329, 332, 335, 350, 353. Vol. IV: 29, 101.

DENTISTAS — Vol. III: 138, 142, 159, 163, 164, 165, 284, 317. Vol. IV: 106.

DENTRO (Ribeirão de) — Vol. IV: 138.

DEODORO (Vila) — Veja Vila Deodoro.

DEPÓSITOS DE MERCADORIAS — Vol. II: 76, 77. Vol. III: 161, 202, 239, 271, 324, 329.

DEPÓSITOS TURFOSOS — Vol. I: 209, 213, 218.

DEPRESSÃO PALEOZÓICA — Vol. I: 15, 47, 113, 120, 153, 164. Vol. III: 92.

DESEMBARGADOR VALE (Rua) — Vol. III: 349.

DETERIORAÇÃO URBANA — Vol. III: 179.

DETROIT — Vol. I: 8. Vol. II: 144.

DIADEMA — Vol. IV: 39.

DIARISTAS — Vol. IV: 127.

DINAMARQUÊSES — Vol. II: 194.

DIÓCESES — Vol. II: 217.

DIREITA (Rua) — Antiga Rua Direita detrás da Sé, Santo Antônio e da Misericórdia — Vol. II: 15, 21, 69, 114, 115, 140. Vol. III: 128, 132, 133, 135, 139, 141, 145, 161, 173.

DISTRITO FEDERAL — Vol. II: 191, 220. Vol. III: 30, 32, 33, 34, 58.

DISTRITOS — Vol. II: 167, 221, 224, 230, 232, 233, 236, 237, 238, 239. Vol. III: 43, 184.

DISTRITOS SUBURBANOS E RURAIS — Vol. II: 237.

DIVERTIMENTOS — Vol. I: 25. Vol. III: 125, 159, 324.

DIVISA (Bairro da) — São Caetano do Sul — Vol. IV: 73.

DÓCE MORTO) — Vol. I: 163.

DOM JOSÉ DE BARROS (Rua) — Vol. III: 142, 161, 163.

DOM JOSÉ GASPAR (Praça) — Vol. III: 150.

DOM PEDRO I (Avenida) — Vol. III: 259, 260, 267, 270.

DOM PEDRO II (Parque) — Vol. I: 56. Vol. II: 71, 114, 130. Vol. III: 154, 155, 167, 180, 227, 230, 243, 259. Vol. IV: 166.

DOMICÍLIO (Situação do) — Vol. II: 216.

DOMINGOS DE MORAIS — Vol. II: 109. Vol. III: 167, 274. Vol. IV: 20.

DOMINGOS DE MORAIS (Avenida) — Vol. I: 165, 179, 187. Vol. III: 282, 284, 285.

DOMINICANOS — Vol. II: 195.

DONA ALEXANDRINA DE MORAIS (Chácara de) — Vol. III: 275.

DONA ANA MACHADO (Chácara de) — Vol. II: 87, 89.

DONA ANA PIMENTEL (Rua) — Vol. III: 347.

DONA ANA ROSA (Largo) — Vol. III: 274, 284, 286, 287.

DONA L.FOPOLDINA (Rua) — Vol. III: 267.

DONA PAULINA (Viaduto) — Vol. III: 149, 156.

DONA VERIDIANA (Rua) — Vol. III: 321, 323, 324, 327, 328.

"DORMITÓRIOS" DA CIDADE — Vol. II: 222, 254. Vol. IV: 153, 161, 165, 172, 177.

DR. ARNALDO (Avenida) — Vol. I: 137, 165, 179, 188. Vol. III: 307, 309, 323, 343, 345.

DR. CÉSAR (Rua) — Antigo Caminho para o Cemitério — Vol. III: 215.

DR. FALCÃO (Ladeira) — Antigo Caminho do Anhangabaú de Cima — Vol. III: 128, 139, 147, 278.

DR. FRANCO DA ROCHA (Rua) — Vol. III: 334, 339.

DR. JOÃO RIBBEIRO (Rua) — Vol. III: 251.

DR. VÉICA FILHO (Rua) — Vol. III: 327, 330.

DR. VILA NOVA (Rua) — Vol. III: 323.

DOZE DE OUTUBRO (Rua) — Vol. III: 167, 352, 354, 356, 357.

DRENAGEM — Vol. I: 15, 46, 49, 51, 52, 114, 120, 154, 157, 160, 192, 197, 230, 231, 240.

DUÍLIO (Rua) — Vol. III: 357.

DUISBURG — Vol. III: 156.

DULLY (Chácara) — Vol. III: 196.

DUQUE DE CAXIAS (ex-Quitadna) — Vol. I: 156. Vol. II: 151. Vol. IV: 91, 94, 97, 98, 100, 101, 102.

DUQUE DE CAXIAS (Rua e Avenida) — Vol. I: 196, 203. Vol. III: 191, 193, 195, 200, 325, 329, 330.

E

- ECONOMIA URBANA E RURAL — Vol. II: 61.
 ECONOMISADORA (Vila) — Veja *Vila Economisadora*.
 ECONOMISTAS — Vol. III: 159, 163.
 EDGARD DE SOUSA (Usina) — Vol. III: 10, 22, 107, 109, 114.
 EDIFÍCIOS PÚBLICOS — Vol. II: 40, 94, 113, 131. Vol. III: 206.
 EDITORIAL E GRÁFICA (Indústria) — Vol. III: 76, 77, 78, 238, 279, 325.
 EDUARDO PRADO (Alameda) — Vol. II: 89. Vol. III: 331, 332.
 Edifícios — Vol. II: 195.
 “EL-DORADO” — Vol. II: 25.
 ELEQUEIROZ (Bairro) — São Caetano do Sul — Vol. IV: 73.
 ELETRICIDADE (Indústria de) — Vol. III: 75, 79, 187, 290. Vol. IV: 33.
 ELUVIAIS (Solos) — Vol. I: 105, 107.
 EMBAÚ — Vol. II: 29.
 EMBOABAS — Vol. II: 27, 32, 173.
 EMBOAÇAVA (Sítio do) — Vol. III: 353, 355.
 EMBU — Vol. I: 121, 131. Vol. II: 21, 55, 175. Vol. IV: 14, 39, 109, 112, 114, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 142, 143, 144, 145, 147, 148.
 EMBU-GUAÇU (Distrito de) — Vol. VI: 39, 134, 136, 149.
 EMBU-GUAÇU (Rio) — Vol. III: 118.
 EMBU-MIRIM (Rio) — Vol. I: 51, 131, 157. Vol. III: 118. Vol. IV: 111, 135, 143.
 EMIGRAÇÃO — Vol. II: 147, 201, 211.
 EMPÓRIOS — Veja *Comércio varejista*.
 ENCHENTES — Vol. I: 54, 55, 56, 57, 61, 63, 64, 65, 66, 211, 216, 218, 219. Vol. II: 7, 42. Vol. III: 189, 196, 207, 208, 215, 223, 245, 259, 313, 320, 333, 337, 341, 360. Vol. IV: 93, 94, 96, 97, 160, 166.
 ENERGIA (Fontes de) — Vol. III: 73. Vol. IV: 36.
 ENERGIA ELÉTRICA — Vol. I: 21, 46, 48, 53. Vol. II: 102. Vol. III: 10, 22, 23, 37, 57, 91, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 115, 116, 117, 118, 119. Vol. IV: 30, 36, 78, 88, 111.
 ENGENHEIRO MARSILAC — Vol. I: 141.
 ENGENHEIROS — Vol. II: 140. Vol. III: 159, 163.
 ENSINO — Vol. I: 23.
 ENSINO (Estabelecimentos de) — Veja *Estabelecimentos de ensino*.
 EQUATORIAL-CONTINENTAL (Massa) — Vol. I: 75, 76, 77, 78, 86, 95, 99.
 EQUATORIANOS — Vol. II: 195.
 ERASMO (Rua) — Vol. IV: 102.
 ESCANDINAVOS (Povos) — Vol. II: 113, 194.
 ESCOLAS DE SAMBA — Vol. II: 202.
 ESCOLÁSTICA (Campos da) — Vol. III: 343.
 ESCRAVIDÃO — Vol. II: 19, 26, 27, 28, 35, 73, 84, 188, 197, 201. Vol. III: 12, 13, 130, 277, 341.
 ESCRITÓRIOS COMERCIAIS — Vol. III: 132, 134, 140, 142, 160, 161, 169, 201, 263, 325. Vol. IV: 106.
 ESCOTOS — Vol. I: 21, 46, 94. Vol. II: 131, 133, 134, 157. Vol. III: 99, 222, 244, 273, 286, 291, 300, 310, 313. Vol. IV: 24, 69, 73, 89, 137, 142, 165, 172, 175.
 ESLAVOS (Povos) — Vol. II: 192, 193, 194, 195. Vol. IV: 70, 71.
 ESPANHA — Vol. I: 71. Vol. II: 217. Vol. IV: 11.
 ESPANHÓIS — Vol. II: 27, 29, 113, 126, 188, 193, 194, 209, 210. Vol. III: 239, 254. Vol. IV: 45, 70, 129, 155.
 ESPÁRTACO (Rua) — Vol. III: 357.
 ESPERANÇA (Rua da) — Vol. III: 135, 149.
 ESPERANÇA (Vila) — Veja *Vila Esperança*.
 ESPICÃO CENTRAL — Vol. I: 104, 165, 175, 176, 179, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 204, 233, 238-239, 239. Vol. II: 89, 121, 123. Vol. III: 138, 180, 257, 273, 276, 277, 278, 280, 290, 292, 293, 300, 301, 303, 307, 309, 322, 323, 333, 343, 345, 349, 352, 353.
 ESPÍRITAS — Vol. II: 218.
 ESPÍRITAS (Centros) — Vol. II: 218.
 ESPIRITISMO — Vol. II: 218.
 ESPÍRITO SANTO (Estado do) — Vol. II: 191. Vol. III: 88. Vol. IV: 37.
 ESPORTES — Vol. I: 25. Vol. III: 118, 223, 311, 342, 349.
 ESTABELECIMENTOS DE CRÉDITO — Veja *Crédito* (Estabelecimentos de).
 ESTABELECIMENTOS DE ENSINO — Vol. II: 160, 207, 208, 210, 218, 231. Vol. III: 159, 202, 206, 221, 222, 285, 296, 297, 302, 329, 331, 337, 339. Vol. IV: 67, 106, 137, 141, 166.
 ESTABELECIMENTOS FABRÍIS — Vol. I: 23, 219, 235. Vol. II: 79, 81, 90, 92, 101, 103, 104, 105, 108, 113, 137, 144, 151, 159, 202, 231, 238. Vol. III: 5, 6, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 21, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 45, 46, 48, 49, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 71, 74, 91, 99, 119, 125, 135, 140, 159, 187, 195, 196, 202, 204, 205, 206, 220, 221, 222, 224, 235, 236, 237, 238, 239, 244, 254, 264, 265, 267, 269, 272, 275, 279, 280, 283, 290, 295, 303, 324, 325, 333, 337, 347, 348, 350, 356, 357, 360, 361. Vol. IV: 10, 12, 16, 17, 19, 20, 24, 30, 31, 33, 35, 36, 47, 49, 57, 64, 67, 70, 73, 75, 76, 83, 85, 87, 88, 89, 96, 98, 100, 103, 104, 105, 137, 155, 167, 173, 176.
 Estação (Bairro da) — Osasco — Vol. IV: 97.
 ESTAÇÃO (Bairro da) — Santo André — Vol. IV: 27.
 ESTAÇÃO (Rua da) — Atual Rua Mauá — Vol. III: 134, 135.
 ESTAÇÃO (Rua da) — Guaianases — Vol. IV: 174, 175.
 ESTAÇÃO (Rua da) — Osasco — Vol. IV: 94, 98, 102, 106.
 ESTAÇÃO CENTRAL — Vol. III: 207, 224.
 ESTAÇÃO DA LUZ — Veja *Luz* (Estação da).
 ESTAÇÃO DO NORTE — Veja *Roosevelt* (Estação).
 ESTACIONAMENTO DE VEÍCULOS — Vol. III: 179, 303, 305.
 ESTAÇÕES DO ANO — Vol. I: 93, 99.
 ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS — Vol. III: 180, 194, 195, 200, 206, 225, 234, 252, 346, 348, 356. Vol. IV: 17, 96, 98, 102, 105, 106, 136, 149, 159, 163, 164, 166, 170, 171, 172, 174, 175, 177.
 ESTÁDIO MUNICIPAL (Praça do) — Vol. III: 322.
 ESTADO (Avenida do) — Vol. III: 258, 260.
 ESTADO (Parque do) — Vol. III: 285.
 ESTADOS UNIDOS — Vol. I: 17, 70. Vol. II: 103, 144, 156, 180, 205, 218. Vol. III: 13, 14, 16, 20, 30, 51, 57, 69, 123, 171. Vol. IV: 17, 83, 85, 86.
 ESTADOS UNIDOS (Rua) — Vol. I: 196. Vol. III: 169, 293, 303, 305.
 “ESTALEIROS” — Vol. I: 55. Vol. III: 255. Vol. IV: 53.
 ESTALEIROS NAVAIS — Vol. III: 14.
 ESTELA (Rua) — Vol. I: 137.
 ESTIMATIVAS — Vol. II: 23, 125, 171, 174, 230. Vol. IV: 165.
 ESTONIANOS — Vol. II: 195.
 ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL — Veja *Central do Brasil* (E. F.).
 ESTRADAS DE FERRO — Veja *Vias-féreas*.

ESTRADAS DE RODAGEM — Vol. I: 26, 120, 243. Vol. II: 36, 42, 86, 87, 91, 146, 149. Vol. III: 26, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 188, 212, 216, 220, 287, 290. Vol. IV: 6, 35, 40, 41, 44, 48, 49, 53, 55, 75, 86, 101, 102, 107, 114, 135, 138, 142, 148, 169, 173, 174.

ESTRANGEIROS — Vol. I: 19. Vol. II: 56, 69, 121, 126, 147, 167, 169, 176, 183, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 198, 212. Vol. III: 10, 12, 13, 19, 50, 54, 55, 56, 65, 75, 80, 89, 117, 254, 299, 301, 311. Vol. IV: 11, 29, 33, 35, 36, 37, 38, 70, 77, 83, 116, 126, 134, 142, 161.

ESTUDANTES — Vol. II: 66, 70, 71, 91, 95, 175. Vol. III: 133, 262.

ESTUDANTES (Rua dos) — Vol. III: 262.

ETÍOPIA — Vol. III: 280.

ETNIAS — Vol. II: 23, 169, 205, 207, 208, 209, 210. Vol. III: 178, 188.

EUCALÍPTAIS — Vol. I: 103, 104. Vol. IV: 112, 113, 114, 131.

EUGÊNIO DE LIMA (Alameda) — Vol. III: 303.

EUGÊNIO DE MEDEIROS (Rua) — Vol. III: 319.

EULÁLIO DE CARVALHO (Rua) — Vol. IV: 102.

EUROPA — Vol. I: 19, 243. Vol. II: 116, 142, 147, 169, 183, 192, 193. Vol. III: 12, 20, 27, 30, 204, 359. Vol. IV: 148.

EUROPA (Avenida) — Vol. I: 165. Vol. III: 294.

EUROPA (Jardim) — Veja *Jardim Europa*.

EUROPEUS — Vol. II: 127, 147, 195. Vol. III: 122, 131, 196, 235.

ÊXODO RURAL — Vol. I: 12. Vol. III: 18.

EXPANSÃO INDUSTRIAL — Veja *Industrial (Expansão)*.

EXPANSÃO URBANA — Vol. I: 8, 9, 10, 11, 26. Vol. II: 3, 49, 54, 85, 122, 129, 147, 150, 157, 176, 243. Vol. III: 184, 188, 189, 191, 194, 227, 235, 242, 244, 253, 259, 262, 274, 275, 297, 310, 320, 337, 341, 343, 350. Vol. IV: 6, 57, 102, 147, 177, 178.

EXPORTAÇÃO — Vol. III: 16, 82, 89.

EXTREMO-ORIENTE — Vol. II: 204. Vol. IV: 117.

F

FÁBIA (Rua) — Vol. III: 357.

FÁBRICA (Beco de) — Vol. III: 30.

FÁBRICAS — Veja *Estabelecimentos fabrís*.

FAGUNDES (Chácara do) — Vol. II: 87, 89.

FARINHA (Casas de) — Vol. IV: 132.

FAVELAS — Vol. III: 180, 203, 223, 280.

FAZENDAS — Vol. I: 13, 227, 233. Vol. II: 21, 22, 23, 34, 39, 63, 74-75, 198. Vol. III: 18, 153, 188, 212, 213, 215, 245, 301, 319, 320, 341, 346, 353, 355. Vol. IV: 41, 65, 66, 97, 127, 132, 164, 167, 176.

FAZENDEIROS — Vol. I: 8. Vol. II: 22. Vol. III: 10, 195, 202, 276, 302.

FAZENDEIROS (Capital dos) — Vol. II: 70, 72, 82, 95, 101, 112, 143, 177, 188. Vol. III: 6, 147.

FEBRE AMARELA — Vol. I: 55.

FEIRA DE BURROS — Vol. II: 36.

FEIRAS-LIVRES — Vol. I: 21. Vol. II: 41, 43. Vol. III: 193, 206, 249. Vol. IV: 106, 122, 166, 167, 169.

FERNANDO COSTA (Parque) — Antigo Parque da Água Branca — Vol. III: 346, 348, 349.

FERNÃO DIAS (Via) — Vol. III: 90, 92. Vol. IV: 40.

FERRÃO (Chácara do) — Vol. II: 87, 90.

FERRÃO (Ponte do) — Vol. III: 155.

FERRAZ DE VASCONCELOS — Vol. II: 151. Vol. IV: 39, 155, 156, 157, 158-159, 162, 172, 173, 175, 176, 177.

FERREIRA (Bairro do) — Vol. III: 318.

FERROVIAS — Veja *Vias-Férreas*.

FICO (Rua do) — Vol. III: 267.

FIGUEIRA (Chácara da) — Vol. II: 87, 90.

FILADÉLFIA — Vol. II: 182.

FILIPINAS — Vol. II: 204.

"FILL TERRACES" — Vol. I: 177, 199, 204, 207, 213, 229, 232, 234, 238-239.

FINANÇAS — Vol. III: 159.

FINLANDESES — Vol. II: 195.

FINO-UGRIANOS (Povos) — Vol. II: 193.

FLORENCIO DE ABREU (Rua) — Vol. II: 40, 86, 94. Vol. III: 30, 128, 133, 135, 145, 155, 167, 193, 195, 200.

FLORESTAS — Vol. I: 88, 101, 102, 103, 104, 105. Vol. II: 43. Vol. III: 7, 11, 25, 211, 285, 307. Vol. IV: 40, 42, 112, 113, 128, 130, 131, 148, 160.

FLORIANO PEIXOTO (Rua) — Vol. III: 129.

FLORIANÓPOLIS — Vol. II: 186.

FLORICULTURA — Vol. I: 47. Vol. III: 255, 282. Vol. IV: 14, 118, 128, 138, 156.

"FOEHN" — Vol. I: 84.

FONSECA (Ponte do) — Vol. II: 50. Vol. III: 155.

FORTE ÁUREA — Vol. IV: 171, 173.

FONTES PÚBLICAS — Vol. II: 94.

"FOOTING" — Vol. III: 173, 357.

FÔRCA — Vol. III: 261.

FÔRCA (Largo da) — Vol. II: 50.

FÔRÇA MOTRIZ (Consumo de) — Vol. III: 33, 39, 103, 104.

FORMAÇÕES ARBUSTIVAS — Vol. I: 100, 105. Vol. IV: 153, 159.

FORMAÇÕES FLORESTAIS — Vol. I: 99, 104.

FORMAÇÕES HERBÁCEAS — Vol. I: 100, 105. Vol. IV: 95, 153.

FORMAÇÕES URGITAS — Vol. I: 99.

FORMOSA (Rua) — Vol. II: 94. Vol. III: 102, 139, 140.

FORMOSA (Vila) — Veja *Vila Formosa*.

FORTALEZA (Cidade de) — Vol. II: 178, 186.

FRANCA (Alameda) — Vol. II: 217. Vol. III: 169, 303.

FRANCA (Cidade de) — Vol. II: 29, 63.

FRANCA (Planalto de) — Vol. I: 160.

FRANCA — Vol. II: 90, 212. Vol. III: 299.

FRANCA (Rua) — Vol. III: 294.

FRANCA PINTO (Rua) — Vol. III: 285.

FRANCESES — Vol. II: 56, 83, 109, 112, 113, 143, 188, 193, 194, 217. Vol. III: 72, 131.

FRANCISCO MORATO (Distrito de) — Vol. IV: 39.

FRANCO DA ROCHA — Vol. I: 88. Vol. II: 243. Vol. IV: 38, 39, 48.

FREDERICO ABRANCHES (Rua) — Vol. III: 330.

FREDERICO ALVARENGA (Rua) — Antiga Rua do Hospício — Vol. II: 93.

FREDERICO STEIDEL (Rua) — Vol. III: 321.

FREGUESIA DO Ó (Bairro da) — Vol. I: 58, 59, 136, 218, 226, 227. Vol. II: 55, 87, 108, 118, 153, 175. Vol. III: 70, 189, 216, 218, 219, 220, 225, 298, 320, 346, 347. Vol. IV: 46.

FREGUESIAS — Vol. II: 55, 61, 85.

FREI CANECA (Rua) — Vol. II: 119. Vol. III: 295, 296, 297.

FREIRA (Rua da) — Atual Rua Senador Feijó — Vol. III: 145.

FRENTE POLAR — Vol. I: 77, 94, 95.

FRENTES FRIAS — Vol. I: 79, 96.

FRIO (Ondas de) — Vol. I: 94.

FROTAS MERCANTES — Vol. III: 89, 90.

FRUTICULTURA — Vol. IV: 169, 173, 177.

FUMAÇA (Cachoeira da) — Vol. IV: 110.

FUMO (Indústria do) — Vol. III: 69, 74.

FUNÇÃO ADMINISTRATIVA — Veja *Função político-administrativa*.
FUNÇÃO ASSISTENCIAL — Vol. III: 269.
FUNÇÃO BANCÁRIA — Vol. II: 78. Vol. III: 165, 166, 318.
FUNÇÃO COMERCIAL — Vol. I: 23. Vol. II: 35, 61, 110, 136, 220. Vol. III: 125, 128, 129, 159, 160, 161, 162, 169, 187, 188, 199, 204, 206, 220, 239, 242, 254, 264, 267, 271, 275, 284, 290, 295, 303, 324, 329, 332, 335, 343, 348, 350. Vol. IV: 79, 166, 175.
FUNÇÃO CULTURAL — Vol. I: 23. Vol. II: 65, 70. Vol. III: 202, 205, 279, 285, 296, 302, 329, 337.
FUNÇÃO ECONÔMICA — Vol. I: 22. Vol. III: 140, 204.
FUNÇÃO FINANCEIRA — Vol. III: 125, 159, 165.
FUNÇÃO INDUSTRIAL — Vol. II: 78, 104, 137, 157, 220. Vol. III: 6, 135, 159, 162, 187, 204, 206, 220, 228, 237, 242, 254, 264, 267, 269, 271, 283, 290, 295, 325, 329, 332, 337, 347, 350, 360. Vol. IV: 7, 12, 13, 25, 29, 75, 79, 92, 98, 103, 137, 157, 167, 172, 176.
FUNÇÃO MÉDICO-HOSPITALAR — Vol. III: 329.
FUNÇÃO MILITAR — Vol. II: 14. Vol. IV: 98.
FUNÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA — Vol. I: 25. Vol. II: 13, 34, 44, 70, 110. Vol. III: 125, 128, 166, 167, 202, 205. Vol. IV: 142.
FUNÇÃO REGIONAL — Vol. II: 21, 22.
FUNÇÃO RELIGIOSA — Vol. I: 25. Vol. II: 31. Vol. III: 125. Vol. IV: 142.
FUNÇÃO RESIDENCIAL — Vol. II: 157, 228. Vol. III: 131, 159, 200, 201, 202, 204, 206, 222, 242, 251, 254, 261, 267, 271, 275, 299, 302, 303, 307, 317, 318, 332, 359. Vol. IV: 79, 105, 156, 157, 162, 172.
FUNÇÃOÁRIOS PÚBLICOS — Vol. III: 251. Vol. IV: 9, 11, 24, 33, 155, 175.
FUNÇÕES — Vol. I: 22.
FUNIL (Cachoeira do) — Vol. I: 59.
FUTEBOL — Vol. I: 25, 55, 216, 235. Vol. II: 202. Vol. III: 211, 223, 349.

G

GABRIEL RIBEIRO DOS SANTOS (Rua) — Vol. III: 328, 331.
GADO (Criação de) — Vol. II: 32, 62, 63. Vol. III: 25, 218, 245. Vol. IV: 124, 125, 127, 133.
GAFIEIRAS — Vol. II: 202. Vol. III: 173.
GALVÃO (Vila) — Veja *Vila Galvão*.
GALVÃO BUENO (Rua) — Vol. III: 262.
GAMELINHA (Ribeirão) — Vol. III: 245.
GARAGENS — Veja *Oficinas*.
GARCIA (Ribeirão) — Vol. I: 53.
GARIBALDI (Rua) — Vol. III: 332.
GAROA — Vol. I: 91, 93, 94, 97.
GÁS (Serviço de) — Vol. III: 310.
GASÔMETRO — Vol. III: 155.
GASÔMETRO (Rua do) — Vol. III: 70, 234.
GASÔMETRO (Viaduto do) — Vol. III: 241.
GEADAS — Vol. I: 91, 92, 93, 96, 97. Vol. IV: 112, 119, 125.
GENERAL CARNEIRO (Rua) — Antiga Rua Municipal — Vol. III: 131, 133, 139, 147.
GENERAL JARDIM (Rua) — Vol. III: 323, 325, 328.
GENERAL OLÍMPIO DA SILVEIRA (Avenida) — Vol. III: 321, 325, 327, 329, 330, 331, 356.
GENERAL OSÓRIO (Rua) — Vol. I: 196. Vol. III: 195, 206.
GENERAL RONDON (Rua) — Vol. I: 196.
GENOVA — Vol. II: 116.
GEOMORFOLÓGICA (Carta) — Vol. I: 128-129.
GERMAINE BURCHARD (Rua) — Vol. III: 347, 348.

GERMÂNICOS (Povos) — Vol. II: 128, 192, 193, 194, 218.
GIANETTI (Vila) — Veja *Vila Gianetti*.
GLETTE (Alameda) — Vol. III: 195, 203, 321.
GLICÉRIO (Rua) — Vol. II: 93.
GLICÉRIO (Várzea do) — Vol. III: 259, 261.
GLÓRIA (Bairro da) — Vol. II: 85. Vol. III: 257, 258, 261, 262, 265.
GLÓRIA (Caminho da) — Vol. III: 262.
GLÓRIA (Chácara da) — Vol. II: 87. Vol. III: 262.
GLÓRIA (Jardim da) — Veja *Jardim da Glória*.
GLÓRIA (Largo da) — Atual Praça Almeida Júnior — Vol. III: 262.
GLÓRIA (Rua da) — Vol. III: 135, 145, 259, 262, 274.
GOIÂNIA — Vol. II: 186.
GOIÁS (Estado de) — Vol. I: 15, 21, 28. Vol. II: 27, 29, 146, 191. Vol. III: 23, 57, 75, 84, 211, 353. Vol. IV: 37.
GOIÁS (Rua) — Vol. III: 298.
GOIÁS (Rua) — São Caetano do Sul — Vol. IV: 74.
GOIASES (Caminho dos) — Vol. III: 353, 356.
GOMPS (Vila) — Veja *Vila Gomes*.
GOMES CARDIM (Vila) — Veja *Vila Gomes Cardim*.
GONÇALVES LEDO (Rua) — Vol. III: 267.
GOPOUVA — Vol. IV: 43.
GRAÇA (Rio) — Vol. I: 157.
GRAÇA (Rua da) — Vol. III: 204.
GRÁFICAS (Indústrias) — Veja *Editorial e gráfica (Indústria)*.
GRANDE (Morro) — Vol. I: 133.
GRANDE (Ponte) — Veja *Ponte Grande*.
GRANDE (Rio) — Vol. I: 51, 52, 127, 128, 130, 143, 155, 158, 163, 215. Vol. III: 108, 109, 111, 118.
GRANDE-GUERRA — Veja *Conflitos Internacionais*.
GRANDE SÃO PAULO — Vol. I: 26, 27. Vol. II: 105, 108, 167, 175, 242, 243. Vol. III: 42, 63, 92. Vol. IV: 16, 109, 178.
GRANJAS AVICOLAS — Vol. II: 204. Vol. IV: 109, 113, 124, 125, 126, 135, 147.
GRANJAS LEITEIRAS — Vol. IV: 109, 113, 114, 124, 125, 135, 147.
GRAVURAS (Índices de) — Vol. I: 249. Vol. II: 251. Vol. III: 367. Vol. IV: 221.
GRECO-CISMÁTICA (Religião) — Vol. I: 25. Vol. II: 208, 218.
GRECO-CISMÁTICOS — Vol. II: 218.
GRECO-LÍRIOS (Povos) — Vol. II: 192, 193.
GREENFELD (Rua) — Vol. III: 267.
GREENVICH — Vol. I: 5.
GREGOS — Vol. II: 192, 195.
GREGOS-CISMÁTICOS — Veja *Greco-Cismáticos*.
GRIFE ESPANHOLA — Vol. II: 127, 184.
GRITO (Rua do) — Vol. III: 267.
GRONLÂNDIA (Rua) — Vol. I: 196.
GUADUPE (Rua) — Vol. III: 293.
GUAIANÁS (Índios) — Vol. II: 17. Vol. III: 193, 315. Vol. IV: 132.
GUAIANASES (Caminho dos) — Vol. IV: 160.
GUAIANASES (Distrito de) — Vol. II: 151, 221, 222, 228, 232, 237, 239. Vol. IV: 39, 48, 153, 155, 156, 158, 162, 166, 173, 174, 175, 177.
GUAIANASES (Largo dos) — Atual Praça Princesa Isabel — Vol. I: 196.
GUAIÁUNA — Vol. III: 252, 255.
GUAIÁUNA (Ribeirão) — Vol. III: 245, 252.
GUAIÁBA (Rio) — Vol. I: 45.
GUAIACURUS (Rua) — Vol. II: 149. Vol. III: 102, 346, 347, 348, 356.
GUAIÓ (Rio) — Vol. I: 52, 127, 156. Vol. IV: 153, 155, 158, 159, 161, 169, 171.
GUAIACARÉ — Vol. II: 29.
GUAIRÁ (Reduções do) — Vol. IV: 133.
GUANABARA (Baía de) — Vol. I: 140.

GUANABARA (Largo ou Praça) — Atual Praça Rodrigues de Abreu — Vol. I: 183. Vol. III: 284.
 GUAPIRA — Atual Jacanã — Vol. III: 216.
 GUAPIRA (Rio) — Vol. I: 152, 153.
 GUARAPIRANGA (Represã do) — Vol. I: 52, 53, 141. Vol. III: 107, 111, 118. Vol. IV: 21, 52, 53.
 GUARAPIRANGA (Rio) — Vol. I: 52, 155, 156, 157, 158. Vol. III: 107, 111, 113, 118.
 GUARAREMA (Rio) — Vol. I: 134, 157.
 GUARATINGUETÁ — Vol. II: 63. Vol. IV: 160.
 GUARDA DE HONRA (Rua da) — Vol. III: 267.
 GUARÉ — Atual Bairro da Luz — Vol. II: 40, 50. Vol. III: 128, 145, 193.
 GUARÉ (Caminho do) — Atual Rua Quinze de Novembro — Vol. II: 38. Vol. III: 128, 193.
 GUARULHOS — Vol. I: 51, 57, 59, 60, 63, 64, 66, 89, 90, 91, 162, 220, 224, 226, 227. Vol. II: 21, 55, 149, 151, 175, 243. Vol. III: 42, 215, 216, 251. Vol. IV: 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 31, 37, 43, 61, 133.
 GUARULHOS (Avenida de) — Vol. III: 255.
 GUATEMALTECOS — Vol. II: 195.
 GUEDALA (Jardim) — Veja *Jardim Guedala*.
 GUERRA DE SECESSÃO — Vol. III: 16, 17.
 GUESTOS — Vol. III: 204.
 GUILHERME (Vila) — Veja *Vila Guilherme*.
 GUILHERMINA (Vila) — Veja *Vila Guilhermina*.
 GURÉ (Ribeirão) — Vol. I: 51.
 GUSTAVO (Vila) — Veja *Vila Gustavo*.

H

HABITAÇÕES — Vol. I: 17, 19, 82, 217, 218. Vol. II: 20, 37, 39, 40, 51, 52, 89, 90, 92, 94, 95, 105, 108, 115, 116, 118, 129, 130, 131, 144, 158, 173, 202, 228, 229, 231. Vol. III: 118, 126, 132, 133, 134, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 152, 153, 159, 160, 163, 165, 178, 179, 180, 186, 187, 188, 194, 195, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 211, 215, 216, 221, 222, 223, 224, 225, 234, 235, 238, 241, 242, 243, 244, 251, 253, 259, 262, 264, 265, 267, 269, 272, 273, 277, 279, 280, 286, 291, 296, 297, 299, 300, 302, 303, 305, 307, 309, 310, 313, 315, 317, 318, 319, 324, 325, 328, 331, 332, 333, 335, 338, 341, 342, 343, 345, 348, 349, 351, 357, 359, 360, 361. Vol. IV: 10, 24, 43, 44, 53, 56, 73, 83, 100, 102, 105, 116, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 135, 137, 139, 144, 145, 147, 150, 156, 165, 171.
 "HABITAT" RURAL — Vol. II: 233. Vol. IV: 37, 38, 47, 109, 135, 162, 169, 171, 177.
 HADDOCK LOBO (Rua) — Vol. III: 293.
 HAITIANOS — Vol. II: 195.
 HAMBURGUÊSA (Vila) — Veja *Vila Hamburguesa*.
 HARAS — Vol. IV: 114.
 HARVARD (Universidade de) — Vol. II: 71.
 HAVÁ — Vol. I: 5.
 HAVANA — Vol. I: 5.
 HEIDELBERG — Vol. II: 71.
 HELENA (Vila) — Veja *Vila Helena*.
 HELVÉTIA (Rua) — Vol. II: 93. Vol. III: 203, 321.
 HIDRELÉTRICA (Indústria) — Vol. III: 99, 118.
 HIDRELÉTRICO (Potencial) — Vol. I: 12.
 HIDRELÉTRICO (Sistema) — Vol. III: 99, 105, 109, 112.

HIGIENÓPOLIS (Avenida) — Vol. I: 19. Vol. II: 122, 130, 140. Vol. III: 297, 302, 305, 321, 342.
 HIGIENÓPOLIS (Bairro de) — Vol. I: 195. Vol. II: 91, 94, 115, 116, 133. Vol. III: 102, 153, 180, 186, 202, 257, 258, 277, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 321, 329, 331, 339, 341.
 HIPÓDROMO DA MOOCA — Veja *Mooça* (Hipódromo da).
 HIPÓDROMOS — Vol. III: 230, 313, 332.
 HISPANO-BRASILEIROS — Vol. II: 197.
 "HOGBACK" — Vol. I: 123.
 HOLANDESES — Vol. II: 194.
 HOMEM DE MELO (Rua) — Vol. III: 322, 337, 339.
 HOMENAGEM DOS AUTORES — Vol. I: IX.
 "HOMO COLONIALIS" — Vol. II: 173.
 HONDURAS (Rua) — Vol. I: 196.
 HONDURENHOS — Vol. II: 195.
 HONOLULU — Vol. I: 5.
 HORTICULTURA — Vol. I: 47. Vol. II: 207. Vol. III: 215, 282, 318. Vol. IV: 7, 9, 14, 24, 41, 44, 47, 48, 57, 97, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 127, 156, 169, 173.
 HÓRTO (Córrego do) — Vol. I: 137.
 HOSPEDAGEM — Vol. III: 159.
 HOSPIÇO (Rua do) — Atual Rua Frederico Alvaranga — Vol. II: 93.
 HOSPITAIS — Vol. II: 208. Vol. III: 159, 222, 224, 269, 276, 290, 302, 306, 309, 329, 339. Vol. IV: 41, 45, 47, 48.
 HOTÉIS — Vol. II: 228. Vol. III: 139, 159, 166, 178, 195, 200, 206, 241, 262. Vol. IV: 54.
 HUDSON (Rio) — Vol. I: 45.
 HUMAITÁ (Rua) — Vol. III: 275, 281.
 HÚNGAROS — Vol. II: 128, 147, 195, 217. Vol. III: 100, 351, 359. Vol. IV: 24, 70, 122, 168.

I

IBÉRICA (Península) — Vol. I: 14. Vol. II: 197.
 IBÉRICOS (Povos) — Vol. II: 128, 147, 183.
 IBIRAPUERA (Alcaldemento do) — Vol. III: 145.
 IBIRAPUERA (Avenida) — Vol. III: 285.
 IBIRAPUERA (Bairro de) — Vol. I: 150. Vol. III: 276, 339.
 IBIRAPUERA (Caminho do) — Vol. II: 38.
 IBIRAPUERA (Obelisco do) — Vol. III: 291.
 IBIRAPUERA (Parque do) — Vol. III: 273, 282, 287, 290, 291.
 IBIRAPUERA (Subdistrito de) — Vol. II: 221, 222, 223, 226, 227, 232, 235, 239. Vol. III: 288.
 IBITIRAMA (Rua) — Vol. III: 260, 273.
 IBUNA — Vol. I: 131. Vol. IV: 115.
 IBUNA (Planalto de) — Vol. I: 117, 157, 158, 161.
 IDADES (Grupos de) — Vol. II: 172, 210, 212, 213, 214, 215, 216. Vol. III: 78. Vol. IV: 67.
 IGREJA (Bairro da) — Osasco — Vol. IV: 96.
 IGREJAS — Vol. I: 17. Vol. II: 53. Vol. III: 144, 153, 218, 241, 254, 296, 315, 317, 318, 327, 334, 346, 347, 350, 357. Vol. IV: 313, 21, 68, 96, 100, 105, 106, 107, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 145, 147, 148, 163, 170, 171.
 IGREJAS NÃO-PAROQUIAIS — Vol. II: 217.
 IGREJAS PAROQUIAIS — Vol. II: 217.
 IGUAPE — Vol. IV: 133.
 ILHÉUS (Colonos) — Vol. III: 213.
 ILHÉUS (Rua) — Vol. III: 322.
 ILUMINAÇÃO A GÁS — Vol. II: 94, 131, 132. Vol. III: 101, 102, 103.

ILUMINAÇÃO A QUEROSENE — Vol. III: 102. Vol. IV: 122, 124, 165.

ILUMINAÇÃO ELÉTRICA — Vol. II: 94, 118, 131, 132. Vol. III: 22, 100, 102, 103, 104, 218, 222, 254, 273, 286, 291, 310, 313, 345. Vol. IV: 73, 122, 127, 165, 171, 177.

IMACULADA CONCEIÇÃO (Rua) — Vol. II: 87, 217.

IMIGRAÇÃO — Vol. I: 12, 13. Vol. II: 67, 68, 83, 95, 122, 125, 126, 146, 147, 167, 182, 183, 186, 188, 190, 192, 194, 197, 198, 199, 201, 204, 212, 217, 219. Vol. III: 5, 7, 10, 11, 12, 13, 17, 37, 131, 196, 235, 236, 237, 278. Vol. IV: 27, 38, 66, 81, 115, 144, 148.

IMIRIM (Bairro do) — Vol. III: 222.

IMIRIM (Estrada do) — Vol. III: 216, 225.

IMÓVEIS (Corretores de) — Veja *Corretores de imóveis*.

IMÓVEIS (Valor de) — Vol. III: 125, 151, 152, 177, 178, 180, 187, 201, 208, 225, 235, 237, 242, 255, 261, 275, 280, 291, 299, 305, 310, 311, 337, 342, 345, 347, 350, 351, 356, 360. Vol. IV: 24, 54, 96, 127, 150, 173.

IMPERADOR (Rua do) — Vol. III: 139, 149.

IMPERATRIZ (Rua da) — *Atual Rua Quinze de Novembro* — Vol. III: 132, 133, 135.

IMPOSTOS (Arrecadação de) — Vol. IV: 63.

IMPOSTOS TERRITORIAIS — Vol. IV: 8, 9.

INATIVOS — Vol. II: 220.

INDEPENDÊNCIA (Monumento da) — Vol. III: 267, 269.

INDEPENDÊNCIA (Rua da) — Vol. III: 259, 265.

ÍNDIA — Vol. I: 5.

INDIANÓPOLIS (Avenida) — *Atual Avenida República do Líbano* — Vol. III: 291.

INDIANÓPOLIS (Bairro de) — Vol. I: 150, 181, 199. Vol. II: 231. Vol. III: 257, 258, 273, 274, 287, 288, 289, 290. Vol. IV: 24.

INDIANÓPOLIS (Subdistrito de) — Vol. II: 221, 226, 227, 232, 233, 238, 239. Vol. III: 288.

ÍNDIOS — Vol. II: 195.

ÍNDIOS — Vol. I: 8, 104. Vol. II: 6, 15, 19, 22, 23, 27, 35, 55, 58, 187, 188. Vol. III: 25, 29, 144, 193, 315. Vol. IV: 132, 144, 147, 148, 159, 160.

ÍNDIOS (Aldeamentos) — Veja *Aldeamentos de índios*.

ÍNDIOS (Caminhos dos) — Veja *Caminhos dos índios*.

INDONÉSIOS — Vol. II: 195.

INDÚSTRIA (Capitães da) — Vol. II: 112, 130. Vol. III: 10, 11, 13.

INDÚSTRIA (Grande) — Vol. III: 163. Vol. IV: 105.

INDÚSTRIA (Pequena) — Vol. II: 20, 63, 79, 80, 137. Vol. III: 31, 46, 48, 81, 125, 135, 158, 159, 162, 163. Vol. IV: 18, 24, 53, 105.

INDÚSTRIAS (Áreas) — Vol. II: 104, 108, 137, 229. Vol. III: 70, 238, 347, 360.

INDÚSTRIAS (Bairros) — Veja *Bairros industriais*.

INDÚSTRIAS (Estabelecimentos) — Veja *Estabelecimentos fabris*.

INDUSTRIAL (Avenida) — Vol. IV: 73.

INDUSTRIAL (Clientela) — Vol. III: 5, 7, 13, 17, 18.

INDUSTRIAL (Equipamento) — Vol. III: 72.

INDUSTRIAL (Expansão) — Vol. II: 101, 104, 109, 110, 119, 122, 126, 179. Vol. III: 5, 6, 7, 11, 15, 19, 20, 21, 24, 25, 29, 32, 35, 76, 78, 79, 82, 90, 92, 271, 356. Vol. IV: 7, 8, 10, 14, 30, 31, 57.

INDUSTRIAL (Função) — Veja *Função industrial*.

INDUSTRIAL (Metrópole) — Vol. II: 101, 103. Vol. III: 70.

INDUSTRIAL (Paisagem) — Vol. II: 105, 108. Vol. III: 5, 6, 42, 47, 48, 69, 70, 84. Vol. IV: 15, 16, 20, 25.

INDUSTRIAL (Parque) — Vol. I: 12, 22, 178. Vol. II: 102, 146, 198. Vol. III: 5, 10, 11, 13, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 30, 31, 39, 42, 43, 44, 55, 57, 65, 71, 72, 73, 75, 81, 83, 91, 92, 99, 103, 115, 117, 187, 237. Vol. IV: 7, 8, 10, 13, 16, 25, 30, 31, 36, 61, 76, 77, 81, 86, 87, 90, 98, 103.

INDUSTRIAL (Produção) — Vol. I: 23. Vol. II: 146. Vol. III: 5, 33, 34, 37, 39, 42, 45, 47, 55, 56, 57, 59, 61, 69, 72, 82, 83. Vol. IV: 30, 31, 36, 63, 74, 76, 85, 86, 87, 89.

INDUSTRIAL (Região) — Vol. III: 43, 44, 56, 59, 63, 64, 66, 67.

INDUSTRIALIZAÇÃO — Vol. I: 8, 241. Vol. III: 35, 84, 92. Vol. IV: 20, 21, 62, 63.

INDUSTRIÁRIA (População) — Vol. III: 76, 78.

INDÚSTRIAS — Vol. I: 13, 14, 23. Vol. II: 63, 69, 103, 108, 109, 126, 137, 147, 149, 158, 194, 198, 199, 208, 210, 219. Vol. III: 5, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 37, 39, 40-41, 42, 43, 44, 48, 60, 64, 68, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 84, 92, 107, 195, 237, 251, 255, 261, 267, 279, 284, 310, 311, 317, 332, 347, 348, 360, 361. Vol. IV: 5, 10, 18, 19, 20, 29, 30, 33, 35, 63, 65, 67, 70, 72, 74, 75, 76, 78, 79, 86, 89, 90, 98, 103, 106, 142, 171, 177.

INDÚSTRIAS DOMÉSTICAS — Vol. III: 25.

INDÚSTRIAS (Localização das) — Vol. III: 21.

INDÚSTRIAS (Palácio das) — Vol. III: 167.

INFLUÊNCIA (Área de) — Vol. I: 26, 27. Vol. II: 243. Vol. III: 23, 118. Vol. IV: 48.

INGLATERRA — Vol. III: 16, 17.

INGLÊSA (E. F.) — Veja *Santos-Jundiá (E. F.)*.

INGLÊSES — Vol. II: 56, 113, 188, 194, 217. Vol. III: 9, 16, 17, 30, 48, 101, 131, 196, 310, 311. Vol. IV: 24.

INGLÊSES (Morro dos) — Veja *Morro dos Ingêleses*.

INHANGABAÚ (Ribeirão) — Veja *Anhangabaú (Rio e Vale)*.

INHUMAS (Ilha de) — Vol. I: 55.

INSOLAÇÃO — Vol. I: 74, 86, 94, 95, 96.

INTENDÊNCIA (Avenida da) — *Atual Avenida Celso Garcia* — Vol. II: 117, 118. Vol. III: 231.

INTERLAGOS — Vol. III: 288. Vol. IV: 54.

INUNDAÇÕES — Veja *Enchentes*.

INVERNO — Vol. I: 65, 66, 74, 76, 77, 78, 80, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99. Vol. II: 59. Vol. III: 107. Vol. IV: 118.

IPANEMA — Vol. II: 19.

IPIRANGA (Bairro do) — Vol. I: 27, 56, 143, 239. Vol. II: 88, 91, 104, 119, 123, 132, 133, 149, 203, 217, 231, 240. Vol. III: 13, 70, 129, 187, 239, 257, 258, 260, 262, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 286, 339. Vol. IV: 8, 25, 33, 75.

IPIRANGA (Caminho do) — Vol. II: 38.

IPIRANGA (Grupo Escolar do) — Vol. III: 269.

IPIRANGA (Mercado Distrital do) — Vol. III: 269.

IPIRANGA (Monumento do) — Veja *Independência (Monumento da)*.

IPIRANGA (Museu do) — Veja *Museu Paulista*.

IPIRANGA (Rio) — Vol. I: 183. Vol. III: 259, 262, 265, 273, 281, 286.

IPIRANGA (Rua e Avenida) — Vol. I: 202. Vol. III: 128, 139, 148, 149, 158, 166, 171, 204.

IPIRANGA (Sítio do) — Vol. II: 87.

IPIRANGA (Subdistrito do) — Vol. II: 221, 225, 226, 231, 232, 233, 238. Vol. III: 261.

IPOJUCA (Vila) — Veja *Vila Ipojuca*.

IRAQUEANOS — Vol. II: 195.

IRLANDESES — Vol. II: 195.
 IRRADIAÇÃO (Perímetro de) — Veja *Perímetro de irradiação*.
 IRRIGAÇÃO — Vol. IV: 111, 115, 117.
 ISLANDESES — Vol. II: 194.
 ISOLINA (Vila) — Veja *Vila Isolina*.
 ISRAEL — Vol. II: 209.
 ISRAELENSES — Vol. II: 193, 195.
 ISRAELITA (Comunidade) — Vol. II: 209.
 ISRAELITAS — Vol. II: 218. Vol. III: 204, 205, 241.
 ITABERABA — Vol. I: 136.
 ITABOCA (Rua) — Vol. III: 204.
 ITABORAÍ (Bacia de) — Vol. I: 139.
 ITACOLOMI (Rua) — Vol. III: 298.
 ITAGUAÍ (Serra de) — Vol. I: 120, 144.
 ITAGUAÇU (Pico) — Vol. I: 126.
 ITAGUAÇU (Rua) — Vol. III: 322.
 ITAIM (Bairro do) — Vol. I: 181, 204. Vol. III: 167, 292, 293, 313. Vol. IV: 9.
 ITAIM (Chácara do) — Vol. III: 313.
 ITAJAÍ (Rio) — Vol. I: 139.
 ITAJAÍ-AÇU (Rio) — Vol. I: 45.
 ITÁLIA — Vol. II: 183, 194, 197, 199, 217. Vol. III: 235, 280. Vol. IV: 11.
 ITALIANISMOS — Vol. II: 200.
 ITALIANOS — Vol. I: 8, 12, 19. Vol. II: 68, 69, 83, 94, 95, 112, 113, 126, 127, 128, 131, 147, 167, 169, 183, 188, 189, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 210, 243. Vol. III: 12, 131, 178, 196, 200, 204, 213, 235, 236, 237, 239, 269, 278, 280, 303, 324, 359. Vol. IV: 19, 27, 29, 31, 66, 67, 68, 69, 70, 81, 97, 99, 115, 126, 127, 129, 134, 144.
 ITALIANOS (Rua dos) — Vol. II: 199, 231.
 ITALO-BRASILEIROS — Vol. II: 197.
 ITAMBÉ (Rua) — Vol. III: 298.
 ITANHAÉM — Vol. IV: 55.
 ITAPANHAÚ (Cachoeira de) — Vol. III: 108.
 ITAPEÇERICA DA SERRA — Vol. I: 27, 51, 69, 120, 121, 129, 131, 232. Vol. II: 21, 151, 204, 243. Vol. IV: 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 39, 48, 49, 55, 56, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 125, 127, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 150.
 ITAPEÇERICA DA SERRA (Mercado de) — Vol. IV: 149.
 ITAPEÇERICA DA SERRA (População de) — Vol. IV: 133, 134, 135, 136, 148, 149.
 ITAPEÇERICA DA SERRA (Sertão de) — Vol. IV: 55, 110, 112, 131, 135, 147, 149.
 ITAPETI (Serra de) — Vol. I: 121, 125, 132, 133, 134.
 ITAPEVI — Vol. I: 131, 137. Vol. IV: 39, 109, 130, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 149.
 ITAPEVI (Rio) — Vol. IV: 111.
 ITAPICURU (Rua) — Vol. II: 118. Vol. III: 334, 339.
 ITÁPOLIS (Rua) — Vol. III: 322.
 ITAQUAQUECETUBA — Vol. I: 27, 61, 63, 64, 65, 153, 215. Vol. II: 151, 204, 243. Vol. III: 255. Vol. IV: 39, 48, 49, 154, 155, 156, 157, 160, 169, 171, 173.
 ITAQUERA (Colônia de) — Veja *Colônia de Itaquera*.
 ITAQUERA (Distrito de) — Vol. I: 242. Vol. II: 151, 204, 221, 222, 228, 232, 237, 238. Vol. III: 252, 253, 255. Vol. IV: 1, 8, 39, 48, 49, 56, 153, 155, 156, 157, 158, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 173, 175, 177.
 ITAQUERA (Estrada de) — Vol. III: 243. Vol. IV: 166.
 ITAQUERA (Rio) — Vol. I: 52. Vol. IV: 155, 158, 174, 177.
 ITAQUERA-MIRIM (Rio) — Vol. IV: 157, 173, 174.
 ITAQUERI (Formação) — Vol. I: 145.
 ITAQUI (Serra de) — Vol. I: 119, 120, 125.
 ITATIÁIA (Rua) — Atual Avenida Angélica — Vol. III: 298, 327.

ITORORÓ (Avenida) — Vol. III: 150.
 ITORORÓ (Rio) — Vol. I: 190.
 ITU — Vol. I: 47, 48, 129, 137. Vol. II: 53, 63, 68. Vol. III: 294, 346.
 ITU (Alameda) — Vol. III: 303.
 ITU (Estrada de) — Vol. I: 137. Vol. II: 109. Vol. IV: 19, 94, 96, 101, 102, 105, 106.
 ITUANOS (Rua dos) — Vol. III: 267.
 ITUPARANGA (Salto de) — Vol. III: 108.
 ITUPARANGA (Usina de) — Vol. III: 22, 106, 108.
 IUGOSLAVOS — Vol. II: 194, 195.

J

JABAQUARA (Avenida) — Vol. I: 187. Vol. III: 274, 282, 284.
 JABAQUARA (Bairro do) — Vol. I: 183. Vol. II: 203, 240. Vol. III: 153, 258, 273, 274, 282, 284, 339.
 JABAQUARA (Parque) — Vol. III: 283, 286.
 JACANÁ (ex-Guapira) — Vol. I: 163. Vol. IV: 45.
 JACAREÍ — Vol. II: 63.
 JACAREÍ (Viaduto) — Vol. III: 149, 156.
 JACREGUAI (Rua) — Vol. III: 276.
 JACU (Rio) — Vol. IV: 155, 158, 162, 164, 167.
 JACUÍ (Rio) — Vol. I: 45.
 JAGUARA (Canal de) — Vol. I: 58.
 JAGUARÉ (Morro do) — Vol. I: 121, 131.
 JAGUARÉ (Vila) — Veja *Vila Jaguaré*.
 JAGUARÍ (Rio) — Vol. I: 133, 134.
 JAGUARIBO (Rua) — Vol. III: 321, 323, 324, 326, 327, 330.
 JANDIRA — Vol. IV: 39, 134, 135, 149.
 JAPÃO — Vol. II: 197, 205, 206. Vol. III: 20. Vol. IV: 11, 115.
 JAPÃO (Jardim) — Veja *Jardim Japão*.
 JAPI (Penelaplície do) — Vol. I: 116, 124, 125, 126, 138, 140, 143, 161.
 JAPI (Serra do) — Vol. I: 124.
 JAPONÊS (Perigo) — Vol. II: 205.
 JAPONÊSES — Vol. I: 19. Vol. II: 113, 126, 128, 147, 167, 183, 189, 193, 195, 199, 203, 204, 206, 207, 217, 218. Vol. III: 178, 239, 318. Vol. IV: 30, 38, 49, 109, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 124, 126, 127, 128, 129, 134, 155, 156, 162, 167, 168, 169, 173.
 JARAGUÁ (Distrito de) — Vol. II: 221, 222, 228, 232, 237, 238. Vol. IV: 39.
 JARAGUÁ (Mação do) — Vol. I: 7, 43, 59, 122, 123, 124, 128, 136, 163. Vol. II: 18. Vol. IV: 46, 47.
 JARAGUÁ (Parque Estadual do) — Vol. IV: 47.
 JARDIM (Cidade) — Veja *Cidade Jardim*.
 JARDIM ACÚ — Vol. IV: 94.
 JARDIM AMÉRICA (Bairro do) — Vol. I: 19, 181, 196, 203, 204, 233. Vol. II: 123, 124, 132, 134, 140, 150, 231. Vol. III: 186, 292, 293, 300, 303, 306, 310, 311, 341, 342.
 JARDIM AMÉRICA (Subdistrito do) — Vol. II: 221, 225, 226, 232, 233, 235, 238. Vol. III: 186.
 JARDIM BONFIGLIOLI — Vol. IV: 150.
 JARDIM BOTÂNICO — Veja *Luz (Jardim da)*.
 JARDIM BRASIL — Vol. III: 216.
 JARDIM DA GLÓRIA (Bairro do) — Vol. III: 258, 260, 264.
 JARDIM DO CARMO — Vol. IV: 163.
 JARDIM EUROPA (Bairro do) — Vol. I: 19, 175, 177, 181, 199, 203, 233. Vol. II: 124, 150. Vol. III: 292, 294, 303, 311, 312, 313.
 JARDIM GUEDALA — Vol. I: 231, 233. Vol. III: 313.
 JARDIM JAPÃO — Vol. I: 135, 216, 226. Vol. III: 216, 221.

JARDIM JAÚ — Vol. III: 253.
 JARDIM LEONOR — Vol. I: 145, 160, 231, 233. Vol. III: 313.
 JARDIM MORUMBI — Vol. I: 206, 230. Vol. III: 313.
 JARDIM NOVO MUNDO — Vol. I: 219. Vol. III: 221.
 JARDIM PAULISTA (Bairro do) — Vol. I: 175, 177, 181, 203, 228. Vol. II: 199, 231. Vol. III: 292, 293, 303, 311.
 JARDIM PAULISTA (Subdistrito do) — Vol. II: 221, 225, 226, 232, 235, 238.
 JARDIM PAULISTANO — Vol. III: 303, 311.
 JARDIM PIRATININGA — Vol. III: 253. Vol. IV: 91, 94, 97, 103.
 JARDIM POPULAR — Vol. III: 253.
 JARDIM PRUDÊNCIA — Vol. I: 147.
 JARDIM SÃO BENTO — Vol. III: 212, 225.
 JARDIM ZOOLOGICO — Vol. III: 265, 349.
 JARDINAGEM — Vol. IV: 115.
 JAÚ (Alameda) — Vol. III: 303.
 JAÚ (Jardim) — Veja Jardim Jaú.
 JEQUITIBA — Vol. IV: 39.
 JESUÍTA — Vol. I: 101. Vol. II: 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 21, 29, 31, 65, 143, 217, 242, 243. Vol. III: 25, 26, 128, 130, 144, 213, 303. Vol. IV: 132, 133, 143, 144, 148.
 JOÃO BRÍCOLA (Rua) — Vol. III: 157.
 JOÃO BRÍCOLA (Rua) — Osasco — Vol. IV: 96, 102, 105, 106.
 JOÃO MENDES (Praça) — Antigo Largo de São Gonçalo — Vol. II: 53. Vol. III: 129, 149, 153, 157, 167, 178, 261.
 JOÃO PESSOA (Cidade de) — Vol. II: 186. Vol. III: 46.
 JOÃO RAMALHO (Rua) — Vol. III: 322, 334, 336, 337, 339, 349.
 JOÃO TEODORO (Rua) — Vol. II: 93. Vol. III: 207.
 JOAQUIM FLORIANO (Rua) — Vol. III: 167.
 JOAQUIM TÁVORA (Rua) — Vol. III: 285.
 JÓCO DA BOLA (Rua do) — Actual Rua Benjamim Constant — Vol. III: 145.
 JOHANNESBURG — Vol. I: 7, 70.
 JOINVILLE — Vol. IV: 176.
 JORDANIANS — Vol. II: 195.
 JOSÉ ANTÔNIO COELHO (Rua) — Vol. III: 285.
 JOSÉ BONIFÁCIO (Rua) — Antiga Rua do Ouvidor — Vol. II: 114. Vol. III: 134, 145, 147, 151, 163.
 JOSÉ PAULINO (Rua) — Vol. II: 231. Vol. III: 197, 204.
 JUAZEIRO — Vol. I: 45.
 JUDAICA (Comunidade) — Vol. II: 209.
 JUDEUS — Vol. I: 19. Vol. II: 27, 147, 199, 209, 210. Vol. III: 178, 204, 205, 241.
 JUIZ DE FORA — Vol. I: 171, 173. Vol. III: 90.
 JÚLIO DE MESQUITA (Praça) — Vol. III: 166.
 JÚLIO PRESTES (Estação) — Vol. III: 206. Vol. IV: 20.
 JUNDIAÍ — Vol. I: 27. Vol. II: 29, 43, 60, 62, 63, 68, 157, 240. Vol. III: 42, 92, 211, 218, 320, 327, 330, 352, 353, 255, 356. Vol. IV: 48, 133.
 JUNDIAÍ (Rio) — Vol. I: 53, 155.
 JUNDIUVIRA (Rio) — Vol. I: 125, 130, 148.
 JUNTA PROVISÓRIA (Rua da) — Vol. III: 267.
 JUQUERÍ — Vol. II: 55, 175. Vol. IV: 14, 133.
 JUQUERÍ (Rio) — Vol. I: 66. Vol. III: 114. Vol. IV: 47.
 JUQUERÍ (Rio) — Vol. III: 108.
 JUQUITIBA — Vol. IV: 113, 134, 136, 147, 149.
 JURUBATUBA (Rio) — Vol. I: 156.
 "JUS SOLI" — Vol. II: 192.
 JUTA — Vol. III: 45, 47, 48, 74.

L

LÃ — Vol. III: 45, 47, 48, 74.
 LABATUT (Rua) — Vol. III: 267.
 LABORATÓRIOS — Vol. III: 159, 165, 317, 325.
 LADREIRAS — Vol. I: 177, 181, 193, 207, 213. Vol. III: 155, 156, 278, 292, 293, 303, 309, 322, 337, 342. Vol. IV: 40, 43, 55, 110, 117, 141, 144.
 LAGOAS — Vol. I: 55. Vol. III: 224, 245, 321.
 LAGOS ARTIFICIAIS — Vol. III: 118. Vol. IV: 53.
 LÁGRIMAS (Estrada das) — Vol. III: 267, 271.
 LA GUAYRA — Vol. I: 7.
 LAJE (Ribeirão da) — Vol. I: 157.
 LAJEADO — Vol. IV: 173.
 LAJEADO (Rio) — Vol. IV: 155, 173.
 LAJEADO VELHO — Vol. IV: 174, 175.
 LANE (Chácara) — Vol. III: 296.
 LAOS — Vol. I: 70.
 LA'IA (Alto da) — Veja Alto da Lapa.
 LAPA (Bairro da) — Vol. I: 17, 57, 181, 203, 216. Vol. II: 104, 108, 118, 123, 124, 132, 133, 134, 149, 153, 158, 240. Vol. III: 49, 54, 70, 102, 167, 187, 225, 257, 269, 284, 317, 319, 320, 345, 347, 348, 349, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 358, 359, 360, 361. Vol. IV: 8, 9, 12, 20, 33, 46, 47, 101, 105.
 LAPA (Carreador da) — Vol. III: 356.
 LAPA (Igreja da) — Vol. III: 357.
 LAPA (Largo da) — Vol. III: 357.
 LAPA (Subdistrito da) — Vol. II: 129, 221, 226, 227, 232, 233, 235, 238. Vol. III: 353.
 LAPA DE BAIXO — Vol. III: 352, 357, 360.
 LARÁPIO (Córrego do) — Vol. IV: 138.
 LATERÍTIOS (Solos) — Vol. I: 107.
 LATERIZAÇÃO — Vol. I: 107.
 LATINO (Rito) — Vol. II: 217.
 LATINOS (Povos) — Veja Atlanto-Mediterrâneos (Povos).
 LATITUDE — Vol. I: 5, 69, 74, 77.
 LAUSANNE — Vol. II: 141.
 LAVAPÉS (Chácara do) — Vol. II: 87.
 LAVAPÉS (Ribeirão) — Vol. II: 119. Vol. III: 264.
 LAVAPÉS (Rua) — Vol. III: 259, 261, 262, 264, 265.
 LEAIS PAULISTANOS (Rua dos) — Vol. III: 267.
 LEGIÃO (Praça da) — Actual Largo do Arcoche — Vol. III: 194.
 LEITE — Vol. III: 53.
 LENHA (Extração de) — Vol. IV: 55, 113, 131, 148.
 LEONOR (Jardim) — Veja Jardim Leonor.
 LEOPOLDINA (Vila) — Veja Vila Leopoldina.
 LESTE (Brasil) — Vol. III: 90.
 LESTE (Radial) — Vol. III: 243, 255.
 LETÕES — Vol. II: 195.
 LETO-LITUANOS — Vol. II: 192, 193, 195.
 LIÃO — Vol. II: 141.
 LIBANESES — Vol. II: 193, 195, 208.
 LÍBANO — Vol. III: 13.
 LÍBANO-BRASILEIROS — Vol. II: 197.
 LIBERDADE (Bairro da) — Vol. I: 195. Vol. II: 89, 91, 94, 115, 119, 140, 203, 229. Vol. III: 175, 178, 257, 258, 263, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 281, 286, 295, 296, 297, 325.
 LIBERDADE (Praça da) — Vol. II: 50. Vol. III: 274.
 LIBERDADE (Rua e Avenida da) — Vol. I: 181. Vol. II: 86. Vol. III: 129, 133, 138, 145, 274, 275, 276, 282.
 LIBERDADE (Subdistrito da) — Vol. II: 129, 221, 223, 225, 226, 228, 229, 232, 237, 238.
 LÍBERO BADARÓ (Rua) — Antiga Rua São José e Rua Nova de São José — Vol. II: 39, 117, 129. Vol. III: 135, 139, 145, 149, 156, 167.

LICHTENSTEINIENSES — Vol. II: 195.
 LIMA — Vol. II: 65.
 LIMÃO (Bairro do) — Vol. I: 58, 59, 116, 137, 163. Vol. III: 185, 218, 219, 222, 223, 224, 333.
 LIMÃO (Ponte do) — Vol. I: 66.
 LINHO — Vol. III: 47, 48, 74.
 LINS — Vol. IV: 115.
 LINS DE VASCONCELOS (Avenida) — Vol. I: 181. Vol. III: 264.
 LINS DE VASCONCELOS (Bairro de) — Vol. III: 258.
 LISBOA — Vol. I: 45. Vol. II: 174.
 LITORAL PAULISTA — Vol. I: 47, 71, 102, 103, 117. Vol. II: 205. Vol. III: 144, 238. Vol. IV: 54, 55, 75, 115.
 LITUANOS — Vol. II: 147, 195. Vol. III: 351, 359. Vol. IV: 168.
 LIVRE-CAMBISMO — Vol. III: 19.
 LOEFGREN (Rua) — Vol. III: 285.
 LOGRADOUROS PÚBLICOS — Vol. I: 17. Vol. II: 42, 50, 53, 92, 93, 113, 121, 144, 145, 152, 159. Vol. III: 101, 128, 138, 141, 144, 145, 147, 149, 160, 167, 170, 173, 177, 188, 191, 194, 200, 203, 204, 212, 220, 224, 225, 234, 235, 238, 239, 343, 251, 253, 260, 262, 265, 267, 270, 271, 274, 276, 278, 279, 285, 286, 287, 290, 291, 297, 298, 299, 301, 303, 305, 307, 309, 310, 311, 313, 317, 318, 328, 330, 331, 333, 334, 337, 339, 342, 343, 345, 348, 350, 357, 259. Vol. IV: 21, 73, 102, 137, 138, 144, 145, 150, 171. ·
 LÓIDE BRASILEIRO — Vol. III: 89.
 LOJAS — Veja *Comerciais* (Casas).
 LONDRES — Vol. I: 45, 46. Vol. II: 108, 153, 174.
 LONDRINA (Vila) — Veja *Vila Londrina*.
 LONGITUDE — Vol. I: 5.
 LOPES DE OLIVEIRA (Rua) — Vol. III: 321, 332.
 LORD COCHRANE (Rua) — Vol. III: 267.
 LORENA — Vol. II: 29, 63.
 LORENA (Alameda) — Vol. III: 303.
 LORENA (Calçada do) — Vol. II: 38.
 LORENA (Ponte do) — Vol. III: 155.
 LOS ANGELES — Vol. II: 144, 180, 182. Vol. III: 3.
 LOSKIEL (Chácara) — Vol. III: 231.
 LOTEAMENTOS — Vol. I: 12, 13, 19, 219, 232, 233, 234. Vol. II: 87, 149, 153, 155, 156, 233. Vol. III: 103, 140, 147, 187, 189, 191, 195, 196, 208, 212, 216, 218, 222, 224, 236, 237, 252, 253, 260, 262, 265, 273, 275, 280, 282, 283, 291, 295, 296, 297, 303, 310, 311, 312, 313, 318, 319, 323, 327, 331, 341, 342, 355, 356. Vol. IV: 9, 20, 39, 50-51, 54, 66, 69, 100, 105, 106, 109, 114, 135, 137, 149, 150, 164, 166, 171, 174, 176, 177.
 LOUISVILLE — Vol. II: 113.
 LUÍS ANTÔNIO DE SOUSA BARROR (Chácara de) — Vol. II: 88.
 LUÍS GÓIS (Rua) — Vol. III: 286.
 LUSO-BRASILEIROS — Vol. II: 197. Vol. III: 315.
 LUXEMBURGUESES — Vol. II: 195.
 LUZ (Bairro da) — Antigo Guaré — Vol. II: 38, 40, 50, 90, 93, 118, 123, 217. Vol. III: 128, 149, 167, 180, 183, 189, 191, 193, 195, 197, 201, 204, 205, 206, 207, 238, 240.
 LUZ (Campo da) — Vol. III: 193, 206.
 LUZ (Estação da) — Vol. I: 61, 71, 89, 90, 91, 203. Vol. II: 93. Vol. III: 191, 193, 194, 197, 205, 206, 207. Vol. IV: 75.
 LUZ (Jardim da) — Vol. II: 50, 52, 53, 54, 231. Vol. III: 194, 196, 205, 206.
 LUZ (Largo da) — Vol. III: 135.
 LYON — Veja *Lião*.

M

MACAÉ (Praça) — Vol. III: 343.
 MACEIÓ — Vol. II: 186.
 MACEIÓ (Rua) — Vol. III: 293.
 MACIÇO CENTRAL — Vol. III: 106.
 MADALENA (Vila) — Veja *Vila Madalena*.
 MADEIRAS (Extração de) — Vol. IV: 113, 122, 131.
 MADRASTA — Vol. II: 180.
 MADRID — Vol. II: 158.
 MAESTRO CARDIM (Rua) — Vol. III: 275, 276, 277.
 MAESTRO ELIAS LOBO (Rua) — Vol. III: 293.
 "MAGASINS" — Vol. III: 161, 167, 199, 329, 348.
 MAIRINQUE — Vol. III: 319. Vol. IV: 132, 149.
 MAIRIPORÁ — Vol. II: 243. Vol. IV: 38, 39, 48.
 MAJOR DIOGO (Rua) — Vol. III: 279, 280.
 MAJOR QUEDINHO (Rua) — Vol. III: 279, 280.
 MAJOR QUEDINHO (Viaduto) — Vol. III: 156.
 MAJOR SERRÓRIO (Rua) — Vol. III: 100, 323, 325.
 MALÁRIA — Vol. I: 48.
 MALÁSIA — Vol. II: 204.
 MAMELUCOS — Vol. I: 8. Vol. II: 23, 27, 58, 171, 187.
 MANAUS — Vol. I: 45. Vol. II: 186.
 MANCHESTER — Vol. II: 141.
 MANDAQUI (Bairro do) — Vol. I: 147, 150. Vol. III: 209, 216. Vol. IV: 45.
 MANDAQUI (Ribeirão) — Vol. I: 116, 135, 136, 137, 138, 156, 158, 162. Vol. III: 211.
 MANDI (Rio) — Vol. I: 53.
 MANGALOT (Vila) — Veja *Vila Mangalot*.
 MANGUEZAIS — Vol. I: 102.
 MANIFESTO (Rua do) — Vol. III: 267.
 MANTIQUEIRA (Serra da) — Vol. I: 15, 126, 146. Vol. II: 29. Vol. III: 211, 215.
 MANTUA — Vol. IV: 66.
 MANUEL DE PAIVA (Rua) — Vol. II: 217.
 MÃO-DE-OBRA — Vol. I: 12, 13. Vol. II: 19, 27, 35, 102, 105, 137, 188, 197, 198, 213. Vol. III: 5, 7, 12, 17, 18, 19, 37, 45, 57, 76, 77, 79, 87, 131, 187, 237, 275, 337, 360. Vol. IV: 10, 20, 24, 31, 75, 76, 81, 105, 130, 173.
 MAOMETANOS — Vol. I: 218.
 MÁQUINAS E ACESSÓRIOS (Indústria de) — Vol. III: 58, 74.
 MAR (Caminho do) — Veja *Caminho do Mar*.
 MAR (Serra do) — Vol. I: 7, 14, 15, 27, 47, 48, 69, 76, 77, 79, 84, 88, 93, 97, 101, 102, 105, 113, 114, 116, 117, 118, 121, 125, 128, 130, 135, 138, 139, 140, 141, 155, 156, 157, 158. Vol. II: 9, 24. Vol. III: 9, 22, 25, 109, 111, 113, 114, 118. Vol. IV: 6, 36, 54, 110, 112, 160.
 MARACAJU (Planalto de) — Vol. I: 160.
 MARANHÃO (Estado do) — Vol. III: 31.
 MARANHÃO (Rua) — Vol. III: 298.
 MARANHÃO (Vila) — Veja *Vila Maranhão*.
 MARCELINO RAMOS — Vol. III: 88.
 MARCIAL (Rua) — Vol. I: 142.
 MARCONI (Rua) — Vol. III: 143, 158, 161.
 MARECHAL AROUCHE (Chácara do) — Vol. II: 87, 88. Vol. III: 323, 326.
 MARECHAL DEDODOR (Praça) — Vol. I: 202. Vol. II: 89. Vol. III: 298, 328, 329, 330, 331.
 MARIA (Vila) — Veja *Vila Maria*.
 MARIA ANTÔNIA (Rua) — Vol. III: 292, 323.
 MARIA MARCOLINA (Rua) — Vol. III: 241.
 MARIA PAULA (Rua) — Vol. III: 149, 167.
 MARIANA (Cidade de) — Vol. II: 173.
 MARIANA (Vila) — Veja *Vila Mariana*.

- MARIETA (Vila) — Veja *Vila Marieta*.
 MARÍLIA — Vol. IV: 115.
 MÁRIO (Rua) — Vol. III: 357.
 MARMELADA (Fabricação de) — Vol. II: 18. Vol. III: 25.
 MARONITA (Rito) — Vol. II: 208, 217.
 MARQUÊS DE ITÚ (Rua) — Vol. III: 323, 324, 325, 328.
 MARQUÊS DE PARANAGUÁ (Rua) — Vol. III: 296.
 MARROQUINOS — Vol. II: 195.
 MARTE (Aeroporto de) — Veja *Campo de Marte*.
 MARTIM FRANCISCO (Rua) — Vol. II: 87. Vol. III: 321, 329, 330.
 MARTINELLI (Edifício) — Atual Edifício Américana — Vol. III: 150.
 MARTINHO PRADO (Chácara de) — Vol. II: 87.
 MARTINHO PRADO (Viaduto) — Vol. III: 156.
 MARTINIANO DE CARVALHO (Rua) — Vol. III: 275.
 MASCOTE (Vila) — Veja *Vila Mascote*.
 MASSAPÉ — Vol. I: 107, 108.
 MASSAS DE AR — Vol. I: 14, 73, 75, 77, 92, 97.
 MATADOUROS — Vol. III: 261, 281, 282, 285. Vol. IV: 69.
 MATA FOME (Bêco do) — Vol. II: 88.
 MATA FOME (Estrada do) — Vol. II: 50.
 MATAS — Veja *Florestas e Formações florestais*.
 MATAS (Exploração das) — Vol. IV: 114, 130, 148.
 MATERIAIS DE TRANSPORTE (Indústrias) — Vol. III: 42.
 MATÉRIAS PRIMAS — Vol. II: 102, 103. Vol. III: 5, 9, 17, 25, 45, 48, 49, 50, 57, 60, 61, 62, 67, 68, 73, 74, 75, 89, 90, 91, 237, 239. Vol. IV: 10, 35, 36, 47, 77, 81, 82, 83, 86, 87, 88.
 MATILDE (Vila) — Veja *Vila Matilde*.
 MATO GROSSO (Estado de) — Vol. I: 8, 15, 21, 28, 47, 160. Vol. II: 27, 29, 36, 146, 191. Vol. III: 23, 24, 57, 75, 84, 88, 90. Vol. IV: 37.
 MATO GROSSO (Rua) — Vol. III: 298.
 MATRIZ (Largo da) — Cotia — Vol. I: 139.
 MAUÁ — Vol. I: 27, 122, 141, 163. Vol. II: 151. Vol. IV: 38, 39.
 MAUÁ (Rua) — Antiga Rua da Estação — Vol. III: 134, 195, 206.
 MAZZEI (Vila) — Veja *Vila Mazzei*.
 MBOY — Veja *Embu*.
 MEANDROS FLUVIAIS — Vol. I: 48, 49, 51, 56, 143, 155, 156, 162, 181, 215. Vol. III: 108, 118, 224, 245, 359. Vol. IV: 95, 102, 153.
 MÉDICO-HOSPITALAR (Centro) — Vol. III: 309.
 MÉDICOS — Vol. II: 140. Vol. III: 138, 142, 159, 163, 164, 165, 276, 284, 317. Vol. IV: 106.
 MEDITERRÂNEO (Região do) — Vol. II: 142.
 MEIO (Ponte do) — Vol. III: 155.
 MELBURNE — Vol. II: 180.
 MELO PALHETA (Rua) — Vol. III: 347.
 MELQUITA (Rito) — Vol. II: 208, 217.
 MEMÓRIA (Largo da) — Vol. III: 153.
 MENEZES (Chácara do) — Vol. II: 87.
 MENINOS (Rio dos) — Vol. I: 60. Vol. IV: 25, 64, 65, 70, 73, 79, 81, 82, 87.
 MERCADO MUNICIPAL — Vol. I: 21. Vol. II: 160, 208, 209. Vol. III: 131, 239. Vol. IV: 44, 122, 169.
 MERCADO SÃO JOÃO — Vol. III: 131.
 MERCADOS COMERCIAIS — Vol. III: 5, 9, 47, 49, 82.
 MERCADOS CONSUMIDORES — Vol. II: 102. Vol. III: 8, 18, 74, 83, 84, 238. Vol. IV: 78, 114, 118.
 MERCÊS (Vila das) — Veja *Vila das Mercês*.
 MERCÚRIO (Rua) — Vol. III: 149.
 MERETRIZ — Vol. III: 139, 142, 179, 200, 204.
 MERETRIZES — Vol. II: 60, 61. Vol. III: 203, 204.
 MERIDIONAIS (Bairros) — Veja *Zona Sul* (Bairros da).
 MESQUITA (Vila) — Veja *Vila Mesquita*.
 MESTIÇOS — Vol. II: 27, 167, 171, 176, 187, 188, 189, 200, 201, 243. Vol. IV: 133.
 METALÚRGICAS E MECÂNICAS (Indústrias) — Vol. III: 5, 14, 30, 39, 42, 57, 58, 59, 60, 76, 77, 78, 79, 238, 290, 333, 347, 360. Vol. IV: 18, 33, 61, 76, 77, 78, 83, 89.
 METEORES SECUNDÁRIOS — Vol. I: 91.
 METRÓPOLE REGIONAL — Vol. I: 28. Vol. III: 23, 25.
 METROPOLITANO — Vol. III: 171.
 MEXICANOS — Vol. II: 195.
 MÉXICO — Vol. I: 70. Vol. III: 45.
 MÉXICO (Cidade do) — Vol. I: 7, 70. Vol. II: 179.
 MÉXICO (Rua) — Vol. I: 196.
 MICROCOSMO — Vol. II: 192, 195, 196.
 MIGRAÇÕES — Vol. II: 32, 147.
 MIGRAÇÕES INTERNAS — Vol. II: 189, 191, 201. Vol. III: 8.
 MIGUEL CARLOS (Chácara de) — Vol. II: 87. Vol. III: 155.
 MIGUEL CARLOS (Fonte de) — Vol. II: 94.
 MIGUEL CARLOS (Ponte de) — Vol. II: 50.
 1822 (Rua) — Vol. III: 267.
 MINAS (Série) — Vol. I: 114.
 MINAS GERAIS (Estado de) — Vol. I: 21, 130, 171, 173. Vol. II: 27, 29, 38, 60, 146, 191, 201. Vol. III: 7, 11, 25, 30, 33, 58, 60, 75, 88, 92, 153, 231, 247. Vol. IV: 37, 54, 77, 83, 89, 160.
 MINAS GERAIS (Sul de) — Veja *Sul de Minas*.
 MINEIRO (Triângulo) — Veja *Triângulo Mineiro*.
 MINEIROS — Vol. IV: 131.
 MINERAÇÃO — Veja *Ouro* (Mineração do).
 MINERAIS NÃO-METÁLICOS (Transformação de) — Vol. III: 76, 77, 78. Vol. IV: 18, 76, 77, 78.
 MINERVA (Rua) — Vol. III: 334.
 MINISTRO FERREIRA ALVES (Rua) — Vol. III: 349.
 MINISTRO GODOY (Rua) — Vol. III: 334, 339.
 MINNEAPOLIS — Vol. II: 144. Vol. III: 3.
 MIRACATU — Vol. IV: 131.
 MIRADOURO — Vol. II: 132.
 MIRANDA DE AZEVEDO (Rua) — Vol. III: 334.
 MIRANDÓPOLIS (Vila) — Veja *Vila Mirandópolis*.
 MISERICÓRDIA (Largo da) — Vol. III: 129, 130, 158.
 MISERICÓRDIA (Rua da) — Atual Rua Direita — Vol. III: 128.
 MOBILIÁRIO (Indústria de) — Vol. III: 74, 238.
 MOEMA — Vol. III: 290. Vol. IV: 24.
 MOEMA (Largo da) — Vol. III: 290.
 MOINHO (Córrego do) — Vol. IV: 64.
 MOINHO VELHO (Bairro do) — Vol. I: 239. Vol. III: 270.
 MOINHO VELHO (Bairro do) — Cotia — Vol. IV: 112, 115, 122, 129, 139, 144.
 MOINHO VELHO (Córrego do) — Vol. III: 265.
 MOINHO VELHO (Ribeirão do) — Cotia — Vol. IV: 115, 135.
 MOJI (Rio) — Vol. I: 15, 124, 138, 139, 140.
 MOJIANA (E. F.) — Vol. II: 68. Vol. III: 9, 85, 88.
 MOJI DAS CRUZES — Vol. I: 27, 51, 61, 66, 121, 122, 132, 133, 141, 153, 156, 157, 160, 161, 162. Vol. II: 29, 33, 90, 157, 171. Vol. III: 42, 92, 231, 255. Vol. IV: 6, 37,

39, 65, 133, 153, 160, 166, 169, 172, 175, 177, 178.
 MOJI-GUAÇU (Rio) — Vol. III: 7.
 MOJI-MIRIM — Vol. II: 63, 68. Vol. III: 353.
 MONÇÕES — Vol. I: 15, 47. Vol. II: 36.
 MONÇÕES (Clima de) — Vol. I: 70, 99.
 MONÇÕES (Ventos de) — Vol. I: 78, 95.
 MONGÓLICOS (Povos) — Vol. II: 189, 193, 195, 203. Vol. IV: 30.
 MONLEVADE — Vol. III: 58.
 MONOS (Ribeirão dos) — Vol. I: 157.
 MONTE ALEGRE (Rua) — Vol. III: 334, 335, 337, 339.
 MONTEVIDÉU — Vol. II: 126.
 MONTREAL — Vol. II: 180.
 MONUMENTO (Vila) — Veja *Vila Monumento*.
 MOOCA (Alto da) — Veja *Alto da Mooca*.
 MOOCA (Bairro da) — Vol. I: 19, 142, 146, 152, 163, 205, 208, 221, 234, 241. Vol. II: 93, 94, 104, 105, 114, 122, 123, 133, 137, 199, 229. Vol. III: 49, 70, 187, 228, 230, 234, 236, 238, 239, 244, 268, 269, 271, 300, 313. Vol. IV: 25, 33, 75, 85.
 MOOCA (Estação da) — Vol. II: 116.
 MOOCA (Hipódromo da) — Vol. III: 230.
 MOOCA (Rua da) — Vol. III: 230, 234, 243.
 MOOCA (Subdistrito da) — Vol. II: 129, 221, 223, 225, 226, 229, 232, 237, 238. Vol. III: 228, 229.
 MOOCA (Travessa da) — Atual Rua Piratininga — Vol. III: 234.
 MORINGUINHO (Fonte do) — Vol. II: 94.
 MORRO DOS INGLÊSES — Vol. III: 279.
 MORRO GRANDE (Bairro do) — Vol. III: 139.
 MORROS — Vol. I: 6, 121, 122, 127, 141, 178, 225. Vol. III: 265, 299. Vol. IV: 157.
 MORTALIDADE — Vol. II: 127, 183, 184, 185, 186, 201.
 MORUMBÍ (Jardim) — Veja *Jardim Morumbí*.
 MORUMBÍSMO — Vol. I: 25. Vol. II: 218.
 MOSCOU — Vol. II: 108.
 MOSQUITOS — Vol. I: 55, 56.
 MOURÃO (Serra do) — Vol. I: 125.
 MURATOS — Vol. II: 171. Vol. III: 202.
 MUNICIPAL (Praça) — Vol. II: 93.
 MUNICIPAL (Rua) — Atual Rua General Carneiro — Vol. III: 133, 135, 147.
 MUNICÍPIO NEUTRO — Veja *Distrito Federal*.
 MUTIRÃO — Vol. IV: 43.

N

NACIONALIDADES — Vol. II: 188, 189, 192, 194, 205, 208, 209, 210.
 NANQUIM — Vol. II: 180.
 NÃO-CATÓLICOS — Vol. II: 218, 219.
 NATAÇÃO E REGATAS — Vol. III: 223, 224.
 NATAL (Cidade de) — Vol. II: 186.
 NATALIDADE — Vol. II: 127, 183, 184, 185, 186.
 NAÚTICO (Parque) — Vol. III: 224.
 NAVEGAÇÃO OCEÂNICA — Vol. III: 88, 89, 90, 91.
 NAZARÉ (Avenida) — Vol. III: 269, 271.
 NAZARÉ PAULISTA — Vol. IV: 14.
 NEBLINA — Vol. I: 91, 92, 94, 95, 96, 97.
 NEBULOSIDADE — Vol. I: 74, 86, 87, 91, 94, 95, 96, 97.
 NECÓCIOS (Locais de) — Vol. III: 173.
 NEGRO (Elemento) — Vol. I: 19. Vol. II: 23, 27, 35, 55, 58, 61, 167, 176, 187, 188, 189, 200, 201, 202, 203, 243. Vol. III: 27, 129, 173, 178, 202, 280, 333. Vol. IV: 30, 133, 148.
 NÉVOA SECA — Vol. I: 94, 96.
 NEVOEIRO — Veja *Nebliña*.
 NICARAGUENSES — Vol. II: 195.

NIPO-BRASILEIROS — Veja *Nisset*.
 NISSET — Vol. II: 167, 189, 197, 203, 204, 205, 206, 207. Vol. IV: 121, 161.
 NITERÓI — Vol. II: 178, 186. Vol. III: 14.
 NITRO-QUÍMICA (Vila) — Veja *Vila Nitro-Química*.
 NÍVEL DE VIDA — Veja *Padrão de vida*.
 NORDESTE (Brasil) — Vol. I: 8, 28. Vol. II: 24, 25, 27, 191, 201. Vol. III: 11, 24, 48, 52, 75, 83, 84, 90.
 NORDESTE (Sertão do) — Vol. II: 24, 28, 31. Vol. III: 83.
 NORDESTE (Zona da Mata do) — Vol. II: 24. Vol. III: 7, 83.
 NORDESTINOS — Vol. III: 45, 52, 254. Vol. IV: 71, 161.
 NOROESTE (Vento) — Vol. I: 81.
 NOROESTE DO BRASIL (E. F.) — Vol. III: 88.
 NORTE (Estação do) — Veja *Roosevelt (Estação)*.
 NORTE (Brasil) — Veja *Amazônia*.
 NORTE (Radial) — Vol. III: 207, 221.
 NORTE-AMERICANOS — Vol. I: 12. Vol. II: 113, 142, 143, 144, 153, 181, 193, 195. Vol. III: 151, 298.
 NORTE DO PARANÁ — Veja *Paraná (Estado do)*.
 NORUEGUESES — Vol. II: 194.
 NOSSA SENHORA DO Ó (Subdistrito de) — Vol. II: 221, 223, 226, 227, 232, 235, 239. Vol. III: 209, 211, 214, 217, 220. Vol. IV: 8. Veja *Freguesia do Ó (Bairro da)*.
 NOTHMANN (Alameda) — Vol. III: 195, 197, 203, 321.
 NDVA CONCEIÇÃO (Vila) — Veja *Vila Nova Conceição*.
 NOVA DE SÃO JOSÉ (Rua) — Atual Rua Lfbero Badaró — Vol. III: 135, 139.
 NOVA FRIBURGO — Vol. I: 69, 170.
 NOVA YORK — Vol. I: 45, 46. Vol. II: 108, 116, 141, 144, 158, 159, 174, 182. Vol. III: 3.
 NOVE DE JULHO (Avenida) — Vol. I: 187, 189, 190, 202. Vol. II: 158. Vol. III: 150, 155, 276, 280, 292, 293, 297, 303, 307.
 NOVE DE JULHO (Palácio) — Vol. III: 167.
 NOVE DE JULHO (Praça) — Vol. I: 60.
 NOVE DE JULHO (Rua) — Poá — Vol. IV: 170, 171.
 NOVE DE JULHO (Túnel) — Vol. III: 280.
 NOVE DE JULHO (Viaduto) — Vol. III: 149, 156.
 NOVO MUNDO (Jardim) — Veja *Jardim Novo Mundo*.
 NOVO MUNDO (Parque) — Veja *Jardim Novo Mundo*.
 NUVEENS — Vol. I: 79.

O

Ó (Freguesia do) — Veja *Freguesia do Ó (Bairro da)*.
 Ó (Nossa Senhora do) — Veja *Nossa Senhora do Ó (Subdistrito de)*.
 OCEÂNIA — Vol. II: 193.
 OCIDENTAIS (Bairros) — Vol. III: 199, 257, 275, 320, 330, 343.
 OEIRAS — Vol. II: 174.
 OFICINAS — Vol. II: 79, 80, 89, 105, 203, 210. Vol. III: 11, 25, 27, 34, 46, 60, 131, 132, 135, 142, 159, 162, 163, 175, 177, 187, 202, 204, 205, 206, 221, 235, 262, 264, 265, 272, 275, 283, 284, 295, 296, 299, 317, 318, 324, 325, 329, 333, 337, 350, 357, 361. Vol. IV: 24, 33, 35, 103, 105, 171, 173.
 OITO DE SETEMBRO (Praça) — Vol. III: 249, 251, 254.
 OLARIAS — Vol. I: 55, 217. Vol. III: 211, 224, 225, 245, 255. Vol. IV: 24, 61, 67,

77, 81, 110, 113, 114, 122, 129, 130, 137, 144, 147, 155, 156, 166, 167, 173, 175, 176.

ÓLEOS VEGETAIS (Indústria de) — Vol. III: 54.

OLINDA — Vol. II: 65, 171, 173.

OLIVEIRAS (Bairro dos) — Vol. IV: 135.

ONDAS DE FRIO — Veja *Frio* (Ondas de).

ÔNIBUS — Veja *Veículos*.

OPERÁRIOS — Vol. I: 23, Vol. II: 69, 130, 137, 157, 159, 198, 202, 213, 231, 239. Vol. III: 6, 27, 32, 33, 34, 36, 37, 39, 42, 45, 46, 49, 57, 58, 62, 69, 76, 77, 196, 208, 222, 224, 225, 251, 261, 267, 273, 351, 359, 360, 361. Vol. IV: 9, 11, 12, 17, 18, 20, 24, 29, 30, 31, 33, 35, 41, 54, 57, 67, 75, 76, 81, 83, 85, 86, 87, 88, 98, 100, 103, 105, 130, 137, 155, 167, 171, 173, 175.

OPERÁRIOS (Bairros) — Veja *Bairros operários*.

ORATÓRIO (Bairro do) — Vol. III: 185.

ORATÓRIO (Estrada do) — Vol. III: 260, 272.

ORIENTAIS (Bairros) — Vol. III: 183, 226, 227, 228, 229, 237, 239, 243, 244, 313, 325.

ORIENTAL (Rito) — Vol. II: 217.

ORIENTE (Bairro do) — Vol. III: 206.

ORIENTE (Rua) — Vol. III: 241.

ORIENTE-PRÓXIMO — Vol. II: 197.

ORTODOXOS — Veja *Greco-Cismáticos*.

ORVALHO — Vol. I: 91, 92, 97.

OSASCO — Vol. I: 49, 55, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 146, 147, 152, 155, 157, 162, 209, 210, 211, 215. Vol. II: 104, 109, 151, 158, 241. Vol. III: 54, 71, 92, 318. Vol. IV: 1, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 37, 56, 61, 62, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107.

OSASCO (Mercado de) — Vol. IV: 106.

OSASCO (Subdistrito de) — Vol. II: 221, 222, 223, 226, 228, 232, 233, 235, 238, 239. Vol. IV: 19, 100, 101.

OSCAR FREIRE (Rua) — Vol. I: 165. Vol. III: 345.

OSCAR PÓRTO (Rua) — Vol. III: 285.

OSVALDO CRUZ (Praça) — Vol. I: 183. Vol. III: 167, 276.

OURO (Mineração do) — Vol. II: 18, 25, 33, 35, 43. Vol. II: 7, 152. Vol. IV: 47, 160.

OUTEIROIS — Vol. I: 223, 225, 226, 227, 229, 231, 233, 235, 242.

OUTONO — Vol. I: 76, 78, 80, 81, 86, 89, 91, 92, 95, 96. Vol. IV: 118.

OUVIDOR (Ladeira do) — Antiga Rua do Pl-ques — Vol. III: 153, 155.

OUVIDOR (Rua do) — Atual Rua José Bonifácio — Vol. III: 134, 135, 145, 147.

OUVIDOR (Rua do) — Rio de Janeiro — Vol. II: 115. Vol. III: 139.

P

PACAEMBU (Avenida) — Vol. III: 292, 322, 333, 341, 345.

PACAEMBU (Bairro do) — Vol. II: 124, 150. Vol. III: 180, 186, 257, 300, 309, 320, 321, 322, 323, 334, 336, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 345, 350.

PACAEMBU (Caminho Alto do) — Vol. III: 341.

PACAEMBU (Ribeirão) — Vol. I: 153, 182, 184, 191, 192, 193, 195, 198, 201. Vol. II: 86, 123. Vol. III: 292, 297, 299, 321, 322, 339, 341, 342.

PACAEMBU (Sítio do) — Vol. III: 341.

PACAEMBUZINHO — Vol. III: 341.

PACHECO CHAVES (Rua) — Vol. III: 273.

PADRÃO DE VIDA — Vol. II: 108, 201, 202. Vol. III: 10, 13, 18, 83, 84, 188, 205, 223,

243, 244, 269, 277, 283, 309, 311, 324, 326, 333, 345. Vol. IV: 49, 121, 124, 125.

PADRE CHICO (Rua) — Vol. III: 322, 349.

PADRE JOSÉ (Caminho do) — Veja *Cubatão* (Caminho do).

PADRE PÉRICLES (Largo do) — Antigo Largo das Perdizes — Vol. III: 322, 330, 334, 335, 339.

PAIM (Chácara) — Vol. II: 89.

PAIM (Rua) — Vol. III: 279.

PAISAGEM AGRÁRIA — Veja *Agrária* (Paisagem).

PAISAGEM INDUSTRIAL — Veja *Industrial* (Paisagem).

PAISAGEM URBANA — Vol. II: 110, 111, 112, 115. Vol. III: 99, 118, 119, 124, 156, 183, 189, 197, 200, 203, 204, 206, 211, 212, 222, 223, 224, 225, 229, 238, 239, 241, 243, 254, 258, 261, 264, 269, 272, 273, 277, 279, 280, 286, 290, 291, 292, 297, 300, 305, 311, 313, 324, 325, 326, 327, 331, 334, 348. Vol. IV: 21, 31, 44, 49, 56, 62, 63, 72.

PAIS DE BARROS (Avenida) — Vol. I: 152. Vol. III: 272.

PAISSANDU (Largo do) — Vol. I: 196. Vol. II: 88, 122. Vol. III: 139, 166, 173, 193.

PALACETES — Vol. II: 91, 95, 122, 142, 159. Vol. III: 153, 191, 195, 202, 203, 269, 270, 276, 277, 286, 291, 295, 299, 302, 305, 309, 311, 331, 338, 348.

PALÁCIO (Largo do) — Atual Pátio do Colégio — Vol. III: 130, 133, 167.

PALESTINIANOS — Vol. II: 193.

PALMARES — Vol. II: 31.

PALMEIRAS (Bairro das) — Vol. III: 298, 328.

PALMEIRAS (Chácara das) — Vol. II: 87. Vol. III: 327, 328.

PALMEIRAS (Rua das) — Vol. III: 275, 321, 325, 327, 328, 329, 330.

PALMEIRAS (Vila) — Veja *Vila Palmeiras*.

PAMPLONA (Chácara) — Vol. II: 89.

PAMPLONA (Rua) — Vol. III: 293, 303.

PANAMÁ (Rua) — Vol. I: 196.

PANAMENHOS — Vol. II: 195.

PANIFICAÇÃO (Indústria de) — Vol. III: 53.

PAPEL E PAPELÃO (Indústria de) — Vol. III: 36, 39, 42, 62, 65, 66, 67, 75. Vol. IV: 18, 76, 77, 78.

PARÁ (Estado do) — Vol. II: 191.

PARADA INGLESA — Vol. III: 216.

PARAGUAÇU (Rio) — Vol. I: 45.

PARAGUAÇU (Rua) — Vol. I: 45. Vol. III: 334, 337, 341.

PARAGUAI — Vol. I: 5, Vol. II: 28.

PARAGUAI (Rio) — Vol. I: 45.

PARAGUAIOS — Vol. II: 195.

PARAÍBA (Estado da) — Vol. II: 191. Vol. III: 46.

PARAÍBA DO SUL (Rio e Vale do) — Vol. I: 12, 15, 45, 114, 117, 120, 121, 132, 133, 134, 135, 143, 151, 157, 173, 214, 241. Vol. II: 29, 61, 67, 86, 90, 94, 188. Vol. III: 7, 8, 231, 247, 255. Vol. IV: 17, 159, 160.

PARAIBUNA — Vol. I: 135.

PARAIBUNA (Rio) — Vol. I: 134, 135.

PARAÍSO (Bairro do) — Vol. I: 183, 187, 190, 239. Vol. II: 122, 217. Vol. III: 257, 258, 263, 273, 274, 275, 276, 277, 286, 297, 348.

PARAÍSO (Rua do) — Vol. III: 274, 275, 284, 292, 301.

PARAÍSO (Rua do) — Atual Rua Sebastião Pereira — Vol. III: 327.

PARAISÓPOLIS — Vol. IV: 40.

PARAITINGA (Rio) — Vol. I: 133.

PARAITINGA (Rio) — Af. do Paraíba — Vol. I: 134.

PARANÁ (Bacia Sedimentar do) — Vol. I: 113, 145.

PARANÁ (Estado do) — Vol. I: 15, 21, 28, 69, 114, 173. Vol. II: 29, 61, 62, 146, 191.

Vol. III: 8, 23, 24, 90. Vol. IV: 77, 83, 114, 142.
 PARANÁ (Rio) — Vol. I: 45, 47, 48. Vol. II: 29, 36. Vol. III: 8, 109, 118.
 PARANAGUÁ — Vol. I: 7.
 PARANAPANEMA (Rio) — Vol. II: 29.
 PARANAPIACABA (Distrito de) — Vol. IV: 39.
 PARANAPIACABA (Estação de) — Vol. I: 126, 128.
 PARANAPIACABA (Serra do) — Vol. I: 105, 113, 119, 120.
 PARANÁ-SANTA CATARINA (Rêde de Viacão) — Vol. III: 88.
 PARATEÍ (Rio) — Vol. I: 15, 121, 125, 133, 134, 151.
 PARATI — Vol. IV: 160.
 PARDO (Rio) — Vol. III: 8.
 PARDOS — Vol. II: 55, 58, 188, 189, 200, 201. Vol. IV: 30, 133.
 PAREDÃO (Fazenda) — Vol. IV: 176.
 PARELHEIROS (Distrito de) — Vol. II: 221, 222, 228, 232, 237, 238. Vol. IV: 39, 56.
 PARI (Alto do) — Veja *Alto do Part.*
 PARI (Bairro do) — Vol. I: 181, 208, 211, 221, 234, 241. Vol. II: 104, 114, 116, 229, 231. Vol. III: 70, 180, 197, 199, 206, 228, 230, 236, 238, 239, 240. Vol. IV: 33, 43.
 PARI (Estação do) — Vol. III: 234, 239.
 PARI (Subdistrito do) — Vol. II: 221, 225, 226, 231, 232, 238. Vol. III: 229.
 PARIS — Vol. I: 45, 46. Vol. II: 108, 153, 158, 174. Vol. III: 106, 121.
 PARNAÍBA — Veja *Santana de Parnaíba*.
 PARNAÍBA (Rio) — Vol. I: 45.
 PARNAÍBA (Usina de) — Veja *Edgard de Sousa* (Usina).
 PARQUE INDUSTRIAL — Veja *Industrial* (Parque).
 PARQUE NOVO MUNDO — Veja *Jardim Novo Mundo*.
 PARQUE SÃO JORGE — Vol. I: 181, 205, 235. Vol. III: 228.
 PASTAGENS — Vol. I: 216. Vol. IV: 125.
 PATAMARES — Vol. I: 177, 178, 181, 186, 192, 193, 194, 195. Vol. III: 230, 292, 322.
 PÁTIO DO COLÉGIO — Antigo Largo do Palácio — Vol. I: 152. Vol. II: 6, 53, 57. Vol. III: 103, 128, 129, 130, 133, 144, 166, 167, 175.
 PATRIARCA (Cidade) — Veja *Cidade Patriarca*.
 PATRIARCA (Praça do) — Vol. II: 94, 142. Vol. III: 143, 150, 153, 329.
 PATRIOTAS (Rua dos) — Vol. III: 267.
 PAULA SOUSA (Rua) — Vol. III: 106, 196, 200.
 PAULA SOUSA (Usina) — Vol. III: 105, 106.
 PAULISTA (Avenida) — Vol. I: 19, 71, 72, 82, 84, 89, 90, 91, 104, 151, 165, 174, 175, 179, 183, 187, 189, 195. Vol. II: 89, 91, 115, 116, 119, 122, 123, 130, 132, 140, 156. Vol. III: 125, 138, 153, 167, 202, 257, 279, 292, 293, 295, 298, 300, 301, 303, 305.
 PAULISTA (E. F.) — Vol. II: 68. Vol. III: 9, 85.
 PAULISTA (Jardim) — Veja *Jardim Paulista*.
 PAULISTA (Vila) — Veja *Vila Paulista*.
 PAULISTANO (Planalto) — Vol. I: 6, 7, 12, 13, 21, 27, 41, 48, 52, 70, 71, 76, 78, 79, 80, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 105, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 138, 140, 141, 146, 147, 148, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 164, 172. Vol. II: 7, 205. Vol. III: 22, 23, 92, 107, 108, 109, 114, 115, 118, 258. Vol. IV: 5, 37, 57.
 PAULÓPOLIS — Vol. II: 54.
 "PAUS-DE-ARARA" — Vol. II: 201.
 PEABIRÚ (Caminho do) — Vol. IV: 133.
 PECUÁRIA — Veja *Gado* (Criação de).
 PEDRA RAJADA — Vol. I: 48.

PEDRAS (Ribeirão das) — Vol. I: 157. Vol. III: 109. Vol. IV: 138.
 PEDRAS (Rio das) — Vol. I: 158. Vol. III: 113.
 PEDREGULHO — Vol. I: 160.
 PEDREIRA (Ribeirão da) — Vol. IV: 162.
 PEDREIRA (Usina de) — Vol. III: 111, 114, 115.
 PEDREIRAS — Vol. IV: 46, 110, 130, 167.
 PEDROSO (Rua) — Vol. III: 276.
 PEDROSO DE MORAIS (Rua) — Vol. III: 319.
 PEIXOTO GOMIDE (Rua) — Vol. III: 293, 303.
 PENHA (Bairro da) — Vol. I: 17, 27, 43, 198, 203, 210, 211, 215, 216, 221, 227, 234, 235, 238, 240, 241, 242, 243. Vol. II: 6, 55, 71, 80, 87, 109, 117, 119, 123, 124, 132, 149, 153, 157, 175, 240, 241. Vol. III: 70, 102, 167, 183, 222, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 236, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 269, 284, 317, 352. Vol. IV: 7, 8, 9, 19, 21, 153, 155, 157, 160, 162, 166.
 PENHA (Caminho da) — Atual Avenida Celso Garcia — Vol. II: 61. Vol. III: 102, 231, 234.
 PENHA (Rua da) — Vol. III: 167, 248, 249, 254.
 PENHA DE FRANÇA (Nossa Senhora da) — Vol. III: 245.
 PENHA DE FRANÇA (Subdistrito de) — Vol. II: 129, 221, 223, 226, 227, 232, 233, 235, 238, 239. Vol. III: 251, 252.
 PENSÕES — Vol. II: 228. Vol. III: 141, 159, 166, 175, 178, 195, 200, 202, 204, 206, 241, 262, 324, 326. Vol. IV: 54.
 PEQUENA (Ponte) — Veja *Ponte Pequena*.
 PEQUENO (Rio) — Vol. I: 51, 141, 155, 158, 221, 222.
 PEQUENOS CENTROS — Veja *Centros* (Pequenos).
 PERDIZES (Alto das) — Veja *Alto das Perdizes*.
 PERDIZES (Bairro das) — Vol. I: 27, 195. Vol. II: 91, 122, 123, 133, 231. Vol. III: 167, 180, 185, 186, 187, 257, 298, 320, 321, 322, 330, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 341, 343, 345, 346, 349, 350, 351, 355.
 PERDIZES (Igreja das) — Vol. III: 334.
 PERDIZES (Largo das) — Atual Largo do Padre Péricles — Vol. III: 334, 335.
 PERDIZES (Subdistrito das) — Vol. II: 221, 225, 226, 232, 233, 235, 238. Vol. III: 186, 333, 334, 335, 350.
 PEREGRINAÇÕES — Vol. III: 249, 315, 319.
 PEREIRA BARRETO (Vila) — Veja *Vila Pereira Barreto*.
 PEREIRA CERCA (Vila) — Veja *Vila Pereira Cerca*.
 PEREQUÊ (Rio) — Vol. I: 15, 157.
 PERIFÉRICOS (Bairros) — Veja *Bairros periféricos*.
 PERÍMETRO DE IRRADIAÇÃO — Vol. III: 121, 122, 128, 149, 156.
 PERNAMBUCO (Estado de) — Vol. II: 191. Vol. III: 31, 52.
 PEROVÁ (Rio) — Vol. I: 53.
 PERSAS — Vol. II: 195.
 PERU (Rua) — Vol. I: 196.
 PFRUANOS — Vol. II: 195.
 PERUS (Distrito de) — Vol. II: 151, 221, 222, 228, 232, 237, 238. Vol. III: 92. Vol. IV: 5, 7, 8, 10, 12, 39, 46, 47.
 PESCA — Vol. III: 119.
 PETRÓLEO (Refinarias) — Vol. IV: 37.
 PETRÓPOLIS — Vol. I: 69, 170.
 PIAUÍ (Estado do) — Vol. II: 191.
 PIAUÍ (Praça) — Atual Praça Vilabolm — Vol. III: 298.
 PIAUÍ (Rua) — Vol. III: 292, 296, 298.
 PICADAS — Vol. IV: 112.
 PICCADILLY CIRCUS — Vol. II: 143.

- PIEDADE — Vol. IV: 115.
 PILÕES (Rio) — Vol. I: 15.
 PINDAMONHANGABA — Vol. II: 63.
 PINE BLUFF — Vol. I: 70.
 PINHEIROS (Aldeamento de) — Vol. III: 294, 315.
 PINHEIROS (Alto de) — Veja *Alto de Pinheiros*.
 PINHEIROS (Bairro de) — Vol. I: 27, 181.
 Vol. II: 21, 88, 91, 109, 119, 123, 151, 152, 203. Vol. III: 133, 145, 167, 257, 258, 269, 284, 292, 307, 309, 314, 316, 317, 319, 353. Vol. IV: 105, 106, 132, 139, 147.
 PINHEIROS (Caminho de) — Vol. II: 38.
 PINHEIROS (Largo de) — Vol. III: 314, 315, 317, 318.
 PINHEIROS (Mercado de) — Vol. III: 318. Vol. IV: 122.
 PINHEIROS (Rio) — Vol. I: 46, 48, 49, 51, 52, 53, 61, 82, 100, 128, 137, 141, 143, 149, 150, 152, 155, 156, 158, 161, 162, 164, 165, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 189, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 203, 204, 205, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 229, 230, 232, 233, 234, 239. Vol. II: 21, 86, 91, 109, 121, 149, 153, 155, 158. Vol. III: 108, 111, 113, 114, 118, 119, 257, 273, 274, 281, 282, 285, 287, 291, 292, 293, 294, 300, 303, 305, 307, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 319, 320, 323, 343, 345, 349, 350, 352. Vol. IV: 6, 13, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 109.
 PINHEIROS (Rua) — Vol. III: 317, 318.
 PIOLHO (Morro do) — Vol. III: 265.
 PIQUENIQUES (Locais de) — Vol. III: 283.
 PIQUERI — Vol. I: 58, 163, 206, 214, 215, 216, 226. Vol. IV: 46.
 PIQUES (Largo do) — Actual Praça da Bandeira — Vol. II: 50. Vol. III: 128, 133, 134, 135, 139, 145, 147, 149, 150, 155, 278, 280, 294.
 PIQUES (Obelisco do) — Vol. III: 294.
 PIQUES (Rua do) — Actual Ladeira do Ouidor — Vol. III: 147.
 PIQUIRI (Rio) — Vol. I: 135, 178.
 PIQUICABA — Vol. II: 203. Vol. III: 66.
 PIRAJUCARA (Rio) — Vol. I: 131, 156, 157, 161, 231, 232, 233.
 PIRAPORA — Vol. I: 141. Vol. III: 114.
 PIRATININGA — Vol. I: 70, 101, 105. Vol. II: 9, 17.
 PIRATININGA (Caminho de) — Vol. III: 193.
 PIRATININGA (Campos de) — Vol. I: 11. Vol. II: 8, 11, 25. Vol. III: 193.
 PIRATININGA (Jardim) — Veja *Jardim Piratininga*.
 PIRATININGA (Planalto de) — Vol. I: 6. Vol. II: 11.
 PIRATININGA (Rio) — Vol. II: 8.
 PIRATININGA (Rua) — Antiga Travessa da Mooca — Vol. III: 234, 241, 243.
 PIRATININGA (São Paulo de) — Vol. I: 11. Vol. II: 34. Vol. IV: 27, 132, 145.
 PIRATININGA (Usina) — Vol. III: 105, 106, 115.
 PIRITUBA — Vol. I: 51, 120, 122, 135, 136, 137, 215, 226. Vol. II: 151, 152, 158. Vol. III: 92, 220. Vol. IV: 7, 12, 46, 47, 101.
 PIRITUBA (Subdistrito de) — Vol. II: 221, 222, 223, 226, 228, 232, 233, 235, 238, 239.
 PIRITUBA (Vila) — Veja *Vila Piratuba*.
 PIRUCATA (Serra de) — Vol. I: 123, 153, 170, 171.
 PITTSBURGO — Vol. II: 180.
 PLANALTO ARENITO-BASÁLTICO — Veja *Planalto Ocidental*.
 PLANALTO BRASILEIRO — Vol. I: 45. Vol. II: 95.
 PLANALTO OCIDENTAL — Vol. I: 12, 47. Vol. II: 188. Vol. III: 12, 17. Vol. IV: 115.
 PLANALTO PAULISTANO — Veja *Paulistano (Planalto)*.
 PLANÍCIES ALUVIAIS — Vol. I: 6, 46, 48, 55, 60, 74, 88, 113, 115, 158, 159, 162, 163, 164, 170, 178, 181, 198, 199, 206, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 220, 221, 226, 232, 234, 235, 238-239, 241. Vol. III: 225, 229, 245, 274, 293, 305, 307, 310, 311, 319, 341. Vol. IV: 5, 12, 35, 44, 130, 149, 153, 158, 166.
 PLUVIOSIDADE — Vol. I: 55, 65, 66, 73, 76, 87, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 97. Vol. III: 107, 108, 109, 115, 117, 211, 215, 245, 259, 313, 341. Vol. IV: 111, 118, 165.
 POÁ — Vol. I: 122, 127, 153, 162. Vol. II: 151, 204, 243. Vol. III: 255. Vol. IV: 1, 38, 39, 48, 49, 56, 153, 155, 156, 157, 158, 162, 166, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177.
 POÁ (População de) — Vol. IV: 172, 173.
 POÁ VELHO — Vol. IV: 169.
 POÇOS — Vol. I: 216. Vol. III: 254. Vol. IV: 73, 79, 82, 122, 124, 156, 165, 172.
 POLAR-ATLÂNTICA (Massa) — Vol. I: 75, 76, 77, 78, 79, 90, 91, 93, 97, 99.
 POLONÊSES — Vol. II: 113, 194, 195, 217. Vol. III: 351, 359. Vol. IV: 115, 168.
 POLÔNIA — Vol. II: 209.
 POMBAL (Rur) — Vol. III: 343.
 POMPÉIA (Avenida) — Vol. I: 181. Vol. III: 322, 347, 350, 351, 360.
 POMPÉIA (Vila) — Veja *Vila Pompéia*.
 PONTE (Bairro da) — São Caetano do Sul — Vol. IV: 68, 73.
 PONTE ALTA (Ribeirão) — Vol. I: 131.
 PONTE BAIXA (Ribeirão) — Vol. III: 245.
 PONTE GRANDE — Vol. I: 58, 66, 220. Vol. II: 7, 85, 94, 122. Vol. III: 206, 215, 221, 223.
 PONTE PEQUENA — Vol. I: 56, 57, 60. Vol. III: 191, 206.
 PONTES — Vol. II: 42, 94. Vol. III: 139, 155.
 POPULAÇÃO (Cidade, Município) — Vol. I: 8, 10, 11, 27. Vol. II: 40, 49, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 68, 82, 86, 90, 103, 105, 125, 126, 127, 141, 147, 152, 158, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 200, 201, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243. Vol. III: 7, 18, 25, 29, 70, 75, 79, 82, 107, 117, 126, 127, 180, 183, 185, 196, 199, 203, 209, 211, 212, 217, 218, 220, 222, 229, 231, 234, 235, 239, 241, 242, 243, 249, 251, 252, 254, 261, 265, 279, 280, 283, 288, 290, 295, 296, 299, 309, 310, 311, 313, 315, 317, 318, 324, 326, 332, 333, 335, 343, 351, 353, 359, 360. Vol. IV: 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 18, 19, 20, 24, 27, 29, 37, 38, 39, 40, 45, 49, 55, 57, 100, 101, 105, 125, 153, 155, 156, 161, 162, 164, 165, 175, 177.
 POPULAÇÃO (Província, Estado) — Vol. II: 68, 176, 178, 181, 206. Vol. III: 8, 10, 18.
 POPULAR (Jardim) — Veja *Jardim Popular*.
 PORTAS DA CIDADE — Vol. III: 183, 244, 245, 255, 257, 265, 267, 269, 278, 291, 314, 315, 319, 351, 352, 361.
 PÓRTO — Vol. II: 145.
 PÓRTO ALGORE — Vol. I: 45. Vol. III: 174, 178, 186, 220. Vol. III: 21.
 PÓRTO FELIZ — Vol. I: 47. Vol. II: 29, 35, 43.
 PÓRTO GERAL — Vol. II: 7. Vol. III: 128.
 PÓRTO GERAL (Ladeira do) — Antigo Bêco das Barbas — Vol. III: 135, 147, 155, 278.
 PÓRTO GÓIS (Usina de) — Vol. III: 106, 107.
 PORTORRIQUENHOS — Vol. II: 195.
 "PORTOS" DE AREIA — Vol. I: 55, 217. Vol. III: 206, 211, 224, 255. Vol. IV: 130, 157.

PORTUGAL — Vol. I: 70. Vol. II: 6, 9, 11, 23, 27, 31, 194, 212, 217. Vol. III: 13, 25, 27, 153. Vol. IV: 11.

PORTUGAL (Rua) — Vol. III: 294.

PORTUGUESES — Vol. II: 27, 58, 113, 116, 126, 168, 193, 194, 207, 210. Vol. III: 239, 254. Vol. IV: 9, 38, 45, 115, 124, 127, 134, 155, 156, 173.

POSIÇÃO GEOGRÁFICA — Vol. III: 188, 315, 319. Vol. IV: 75, 77, 79.

POUSO DE TROPEIÇOS — Vol. III: 278, 319, 320. Vol. IV: 141, 173.

POVOADORES — Vol. II: 11. Vol. III: 315.

POVOAMENTO — Vol. II: 11. Vol. III: 208, 212, 216, 222, 223, 225, 228, 237, 245, 253, 259, 260, 282, 283, 287, 288, 291, 294, 295, 307, 320, 322, 323, 327, 330, 332, 334, 341, 343, 346, 349. Vol. IV: 6, 19, 46, 61, 95, 97, 101, 102, 103, 107, 109, 111, 130, 132, 133, 135, 149, 174, 175.

PRAÇAS — Veja *Logradouros públicos*.

PRAIA AZUL — Vol. IV: 54.

"PRAIAS" DE SÃO PAULO — Vol. IV: 53, 54.

PRATA (Rio da) — Vol. I: 145, 164. Vol. II: 32. Vol. III: 25.

PRATES (Palacete) — Vol. II: 129. Vol. III: 167.

PRATES (Rua) — Vol. III: 204.

PRECIPITAÇÃO — Vol. I: 62, 63, 76, 79, 89, 93, 94, 95, 97, 104, 105.

PRÉDIOS — Veja *Construções urbanas*.

PRESIDENTE ALTINO — Vol. I: 58, 181, 209, 230. Vol. II: 109. Vol. IV: 19, 20, 91, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103.

PRESIDENTE DUTRA (Rodovia) — Vol. I: 15, 51, 121, 134, 143, 153, 219. Vol. II: 157. Vol. III: 90, 91, 207, 220, 224, 255. Vol. IV: 19.

PRESIDENTE WILSON (Avenida) — Vol. III: 271.

PRESSÃO ATMOSFÉRICA — Vol. I: 94, 96, 97.

PRESTES MAIA (Galeria) — Vol. III: 150.

PRETÓRIA — Vol. I: 70.

PRETOS — Veja *Negro (Elemento)*.

PREVIDÊNCIA SOCIAL — Vol. III: 81.

PRIMAVERA — Vol. I: 76, 78, 79, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 99. Vol. IV: 111, 118.

PRIMAVERA (Vila) — Veja *Vila Primavera*.

PRIMITIVA BIANCO (Rua) — Vol. IV: 94, 96, 102, 106.

PRINCESA ISABEL (Praça) — Antigo Largo dos Guianhases — Vol. III: 193, 294.

PRINCESA ISABEL (Vila) — Veja *Vila Princesa Isabel*.

PRÍNCIPE (Rua do) — Atual Rua Quintino Bocaiuva — Vol. III: 135.

PROBLEMAS URBANOS — Veja *Urbanos (Problemas)*.

PROF. ALFONSO BOVERO (Avenida) — Vol. I: 185, 188. Vol. III: 322, 323, 343, 345, 350, 351.

PROF. JOÃO ARRUDA (Rua) — Vol. III: 336.

PROFESSORES — Vol. III: 138, 159, 163.

PROFISSÕES — Veja *Atividades profissionais*.

PROFISSÕES LIBERAIS — Vol. I: 17. Vol. II: 81, 140, 220. Vol. III: 125, 135, 159, 163, 164.

PROLETÁRIOS — Veja *Operários*.

PROPRIEDADES (Grandes) — Vol. I: 13. Vol. IV: 9.

PROPRIEDADES (Pequenas) — Vol. II: 34. Vol. IV: 9, 49, 116.

PROPRIEDADES AGRÍCOLAS — Vol. IV: 124.

PROSTITUIÇÃO — Veja *Meretrício*.

PROSTITUTAS — Veja *Meretrizes*.

PROTECIONISMO — Vol. III: 19, 47.

PROTESTANTES — Vol. II: 218. Vol. III: 309.

PROTESTANTES (Templos) — Vol. II: 218. Vol. IV: 147.

PROTESTANTISMO — Vol. I: 25. Vol. II: 218. Vol. IV: 121.

PROVÍNCIA SERRANA — Vol. I: 117, 125, 148-156, 159, 164.

PRUDÊNCIA (Jardim) — Veja *Jardim Prudência*.

PRUDENTE (Vila) — Veja *Vila Prudente*.

PRUSSIANOS — Vol. II: 56.

PURIAS (Índios) — Vol. IV: 160.

Q

QUARTA PARADA — Vol. I: 234.

QUARTÉIS — Vol. III: 167, 205, 213. Vol. IV: 98, 100, 102.

QUEBRA-BUNDA (Chácara do) — Vol. III: 265.

QUEIMADAS — Vol. I: 104, 107. Vol. IV: 110, 112, 119.

QUILOMBO — Vol. IV: 148.

QUILOMBO (Serra do) — Vol. I: 124.

QUILOMBO (Vale do) — Vol. I: 140.

QUÍMICAS E FARMACÉUTICAS (Indústrias) — Vol. III: 5, 36, 39, 42, 61, 62, 63, 74, 76, 77, 78, 79, 187, 238, 290. Vol. IV: 24, 33, 36, 37, 61, 76, 77, 78, 87, 88.

QUINTINO BOCAIUVA (Rua) — Antiga Rua do Príncipe — Vol. II: 69, 114. Vol. III: 135, 151, 157.

QUINZE DE NOVEMBRO (Distrito de) — Vol. III: 141. Vol. IV: 157, 159, 162, 173, 177.

QUINZE DE NOVEMBRO (Rua) — Antigo Caminho do Guaré e Rua da Imperatriz — Vol. I: 196. Vol. II: 115, 140. Vol. III: 128, 132, 144, 151, 166, 172.

QUIOTO — Vol. II: 180.

QUIRINO DE ANDRADE (Rua) — Vol. III: 145, 153.

QUITANDA (Rua da) — Vol. II: 61. Vol. III: 129, 166, 175.

QUITAUNA — Veja *Duque de Caxias*.

R

RADIAÇÃO SOLAR — Vol. I: 94, 95, 96.

RADIAIS — Vol. III: 138, 188, 189, 191, 206, 207, 212, 220, 221, 228, 239, 243, 244, 253, 259, 260, 274, 276, 277, 282, 284, 286, 303, 305, 307, 321, 325, 329, 330, 331, 356.

RAMOS DE AZEVEDO (Praça) — Vol. I: 203. Vol. II: 129. Vol. III: 142, 150.

RAMPAS — Veja *Ladearas*.

RANÇEL PESTANA (Avenida) — Antiga Rua do Brás — Vol. II: 76, 117, 118. Vol. III: 133, 147, 149, 167, 227, 228, 230, 231, 234, 239, 241, 243, 244, 255.

RAPOSO TAVARES (Via) — Vol. III: 90, 114.

RASÇÃO (Usina do) — Vol. III: 22, 106, 108, 114.

"RAYON" (Produção de) — Vol. III: 47. Vol. IV: 61, 68, 69, 87, 88, 90.

RE (Vila) — Veja *Vila Ré*.

REBOUÇAS (Avenida) — Vol. I: 165. Vol. II: 119. Vol. III: 293, 307, 309.

RECENSEAMENTOS — Vol. I: 8, 10, 82. Vol. II: 125, 170, 171, 172, 175, 178, 192, 200, 211, 215, 219, 242. Vol. III: 34, 35, 36, 37, 229, 251, 261, 288, 295, 329, 350. Vol. IV: 11, 15, 38, 67, 134, 149, 172.

RECIFE (Cidade do) — Vol. I: 28, 45, 46. Vol. II: 65, 171, 172, 173, 174, 178, 186, 188, 200, 220. Vol. III: 21, 23.

RECREIO (Locais de) — Vol. III: 118. Vol. IV: 41, 45, 53.

RÊDE DE VIAÇÃO PARANÁ-SANTA CATARINA — Veja *Paraná-Santa Catarina (Rede de Viação)*.

RÊDE PLUVIAL — Vol. I: 153.
RÊDE MINEIRA DE VIACÃO — Vol. III: 88.
REDENTOR (Cemitério do) — Vol. III: 309.
REFLORESTAMENTO — Vol. IV: 131.
REGISTRO — Vol. IV: 115.
RECO FREITAS (Rua) — Vol. III: 321, 323, 324.
RELIGIÃO GRECO-CISMÁTICA — Veja *Greco-Cismática (Religião)*.
RELIGIÕES — Vol. II: 167, 210, 215, 218. Vol. IV: 121.
REMÉDIOS (Canal de) — Vol. I: 58.
REMÉDIOS (Vila dos) — Veja *Vila dos Remédios*.
RENASCENÇA — Vol. III: 122.
RENO (Rio) — Vol. I: 48. Vol. III: 106.
REPARTIÇÕES PÚBLICAS — Vol. III: 132, 159, 169, 200, 201, 202, 206. Vol. IV: 106, 137, 138, 171.
REPRÉAS — Vol. I: 52, 53, 88, 93. Vol. II: 149, 158. Vol. IV: 5, 6, 49, 50-51, 52, 53, 54.
REPÚBLICA (Praça da) — Antigo Campo dos Curtos — Vol. I: 71, 72, 82, 84, 89, 90, 177, 181, 196, 202, 203. Vol. II: 53, 62, 86, 122. Vol. III: 128, 140, 142, 151, 177.
REPÚBLICA DO LÍBANO (Avenida) — Antiga Avenida Indianópolis — Vol. III: 291.
RESERVATÓRIOS — Veja *Repréas*.
RESIDENCIAIS (Áreas) — Veja *Áreas residenciais*.
RESIDENCIAIS (Bairros) — Veja *Bairros residenciais*.
RESSACA (Ribeirão da) — Vol. I: 51.
RESTAURANTES — Vol. III: 139, 159, 166, 169, 202, 206, 241, 290, 325. Vol. IV: 53, 75.
RESTINGAS — Vol. I: 102.
RETIRO (Estrutura do) — Vol. III: 113.
RETIRO (Morto do) — Vol. I: 133.
RETIRO (Pósto do) — Vol. I: 61.
REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA — Vol. III: 291.
REVOLUÇÕES — Vol. II: 141.
RIACHO GRANDE — Vol. IV: 38, 39.
RIACHUELO (Largo do) — Vol. III: 150.
RIACHUELO (Rua) — Antiga Rua da Santa Casa — Vol. III: 145, 155, 163, 167.
RIBEIRA (Rio) — Vol. I: 139.
RIBEIRÃO — Vol. IV: 135.
RIBEIRÃO DAS LAJES (Usina do) — Vol. III: 106.
RIBEIRÃO GRANDE — Vol. IV: 131.
RIBEIRÃO PIRES — Vol. I: 27, 122. Vol. IV: 38, 39.
RIBEIRÃO PRÉTO — Vol. II: 68, 198. Vol. III: 235. Vol. IV: 70.
RIBEIRO DE BARROS (Vila) — Veja *Vila Ribeiro de Barros*.
RIO-BAHIA (Rodovia) — Vol. III: 88.
RIO BRANCO (Avenida) — Antiga Rua Visconde do Rio Branco — Vol. III: 193.
RIO BRANCO (Território do) — Vol. II: 191.
RIO CLARO — Vol. II: 68.
RIO DAS PEDRAS (Reservatório do) — Vol. III: 113.
RIO DE JANEIRO (Cidade do) — Vol. I: 241. Vol. II: 11, 31, 32, 35, 38, 43, 51, 56, 61, 65, 71, 89, 90, 94, 112, 121, 122, 144, 158, 169, 171, 172, 173, 174, 178, 182, 186, 188, 189, 200, 217, 240, 243. Vol. III: 3, 14, 21, 27, 30, 56, 58, 70, 81, 88, 90, 106, 114, 132, 144, 152, 166, 169, 180, 255. Vol. IV: 3, 37, 160.
RIO DE JANEIRO (Estado do) — Vol. I: 14, 69, 138, 170, 173. Vol. II: 191. Vol. III: 24, 25, 30, 33, 75.
RIO GRANDE (Repréas do) — Veja *Billings (Repréas)*.
RIO GRANDE DO NORTE (Estado do) — Vol. II: 191. Vol. IV: 88.

RIO GRANDE DO SUL (Estado do) — Vol. I: 8, 21. Vol. II: 191. Vol. III: 31, 33, 48, 58, 88. Vol. IV: 37, 83, 86, 137.
RIO VERDE (Sítio) — Vol. III: 307.
RITO LATINO — Veja *Latino (Rito)*.
RITO ORIENTAL — Veja *Oriental (Rito)*.
RIVIERA PAULISTA — Vol. IV: 54.
ROBERTO SIMONSEN (Rua) — Vol. III: 145.
ROCHA (Rua) — Vol. III: 280.
ROCHA AZEVEDO (Alameda) — Vol. I: 165. Vol. III: 293, 303.
ROCHAS — Vol. I: 115, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 131, 139, 141, 142, 145, 153, 159, 161, 186, 187, 190, 199, 201, 202, 205, 208, 213, 215, 216, 223, 224, 225, 226, 228, 230, 231, 232, 238-239. Vol. III: 196, 245, 255. Vol. IV: 35, 41, 45, 63, 64, 77, 81, 82, 93, 110, 129, 130, 157, 167, 173, 175.
RODOVIÁRIO (Sistema) — Vol. III: 90.
RODOVIAS — Veja *Estradas de rodagem*.
RODRIGUES DE ABREU (Praça) — Antigo Largo Guanabara — Vol. III: 284.
ROMA — Vol. I: 45. Vol. II: 126, 180, 206, 215. Vol. III: 357.
ROMA (Rua) — Vol. III: 357.
ROMANA (Vila) — Veja *Vila Romana*.
ROMANÓPOLIS (Vila) — Veja *Vila Romanópolis*.
ROMARIAS — Veja *Peregrinações*.
ROMENOS — Vol. II: 192, 195, 217.
RONDONÓPOLIS — Vol. IV: 195.
ROOSEVELT (Estação) — Vol. I: 241. Vol. II: 94, 234, 241.
ROSA E SILVA (Rua) — Vol. III: 328.
ROSÁRIO (Largo do) — Vol. II: 39, 93, 115. Vol. III: 133, 141.
ROSAS (Alameda das) — Vol. III: 274.
RUAS — Veja *Logradouros públicos*.
RUDGE (Avenida) — Vol. III: 191, 204, 223, 320, 332.
RUI BARBOSA (Vila) — Veja *Vila Rui Barbosa*.
RURAL (Área) — Veja *Área rural*.
RURAL ("Habitat") — Veja *"Habitat" rural*.
RÚSSIA (Rua) — Vol. III: 294.
RUSSOS — Vol. II: 113, 194, 195, 217. Vol. IV: 24, 168.

S

SABARÁ — Vol. III: 58.
SABARÁ (Rua) — Vol. III: 298.
SÁ BARBOSA (Vila) — Veja *Vila Sá Barbosa*.
SACOMÁ (Bairro do) — Vol. I: 239. Vol. II: 109. Vol. III: 258, 265, 267, 269, 270, 271, 284.
SAINT-GERMAIN (Terraço) — Vol. III: 297, 298.
SALESÓPOLIS — Vol. I: 48, 69.
SALMOURÃO — Vol. I: 107.
SALTA-SALTA (Rua) — Vol. III: 332.
SALTO DE ITU — Vol. III: 107, 108.
SALVADOR (Cidade do) — Vol. II: 11, 65, 171, 172, 173, 174, 178, 186, 188, 200, 220. Vol. III: 88, 153.
SALVADORENHOS — Vol. II: 195.
SALVADOR PIRES (Rua) — Vol. III: 305.
SANATÓRIOS — Veja *Hospitais*.
SANTA CASA (Rua da) — Atual Rua Riachuelo — Vol. III: 145.
SANTA CATARINA (Estado de) — Vol. I: 138, 139. Vol. II: 191. Vol. IV: 37, 77, 83.
SANTA CECÍLIA (Bairro de) — Vol. II: 87, 91, 94, 115, 217. Vol. III: 125, 175, 186, 257, 298, 320, 321, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 339.
SANTA CECÍLIA (Igreja de) — Vol. III: 327.
SANTA CECÍLIA (Largo de) — Vol. III: 167, 327, 328, 329.

- SANTA CECÍLIA (Subdistrito de) — Vol. II: 129, 221, 223, 225, 226, 232, 238. Vol. III: 327.
- SANTA CRUZ (Rua) — Vol. III: 274, 286.
- SANTA CRUZ (Vila) — Veja *Vila Santa Cruz*.
- SANTA IFIGÊNIA (Bairro de) — Vol. I: 181. Vol. II: 52, 55, 58, 60, 80, 85, 86, 115, 130, 175, 209, 229. Vol. III: 155, 175, 178, 180, 183, 189, 191, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 206, 239, 240, 262, 294, 295, 324.
- SANTA IFIGÊNIA (Ladeira de) — Vol. III: 193.
- SANTA IFIGÊNIA (Largo de) — Vol. II: 89. Vol. III: 151, 153, 191.
- SANTA IFIGÊNIA (Rua) — Vol. I: 196. Vol. III: 135, 191, 195, 199, 200.
- SANTA IFIGÊNIA (Subdistrito de) — Vol. II: 129, 221, 223, 225, 226, 228, 229, 232, 237, 238. Vol. III: 199.
- SANTA IFIGÊNIA (Viaduto de) — Vol. III: 156.
- SANTA ISABEL — Vol. I: 133, 134.
- SANTA ISABEL (Rua) — Vol. III: 323, 325.
- SANTA LÚCIA (Praça) — Atual Praça Buenos Aires — Vol. III: 298.
- SANTA LUZIA (Ribeirão) — Vol. III: 245.
- SANTA LUZIA (Rua) — Vol. III: 89.
- SANTA MARIA (Cascaelhos de) — Vol. I: 160.
- SANTA MARIA (Vila) — Veja *Vila Santa Maria*.
- SANTA MARINA (Avenida) — Vol. III: 191, 320, 346, 347.
- SANTANA (Alto de) — Veja *Alto de Santana*.
- SANTANA (Bairro de) — Vol. I: 27, 72, 142, 152, 210, 220, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 243. Vol. II: 88, 91, 118, 123, 132, 134, 153, 240. Vol. III: 102, 153, 189, 193, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 218, 220, 221, 222, 262, 284, 298, 333. Vol. IV: 8, 9, 43.
- SANTANA (Fazenda de) — Vol. III: 213.
- SANTANA (Mirante de) — Vol. III: 225.
- SANTANA (Subdistrito de) — Vol. II: 129, 221, 223, 226, 227, 232, 233, 235, 238. Vol. III: 209, 211, 220.
- SANTANA (Vila) — Veja *Vila Santana*.
- SANTANA (Vila) — Itaquera — Veja *Vila Santana* — Itaquera.
- SANTANA DO PARNAÍBA — Vol. I: 51, 61, 66, 120, 125. Vol. II: 33, 171. Vol. III: 22, 107, 114. Vol. IV: 3, 6.
- SANTANA DE PARNAÍBA (Usina de) — Veja *Edgard de Sousa (Usina)*.
- SANTA ROSA (Rua) — Vol. III: 149.
- SANTA TERÊSA (Rua) — Vol. II: 15.
- SANTA TERÊSA (Vila) — Veja *Vila Santa Terêsa*.
- SANTA TERESINHA (Bairro de) — Antigo Chota Menino — Vol. I: 170, 171, 177. Vol. III: 222, 225.
- SANTIAGO — Vol. I: 7. Vol. II: 126, 180.
- SANTÍSSIMO SACRAMENTO (Cemitério do) — Vol. III: 309.
- SANTO AMARO — Vol. I: 17, 27, 147, 150, 156, 163, 181, 199, 203, 206, 210, 230, 233. Vol. II: 21, 38, 57, 89, 91, 109, 134, 149, 150, 152, 158, 210, 241. Vol. III: 92, 115, 129, 133, 257, 273, 276, 281, 287, 288, 290, 291. Vol. IV: 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 20, 21, 22-23, 24, 37, 38, 49, 53, 55, 56, 62, 101, 114, 132, 133, 144, 147, 148.
- SANTO AMARO (Avenida) — Vol. II: 109, 210. Vol. III: 167, 287, 288, 290, 313. Vol. IV: 21, 24, 54.
- SANTO AMARO (Caminho do Carro de) — Vol. III: 261, 265, 274.
- SANTO AMARO (Caminho Novo de) — Vol. III: 145, 275. Vol. IV: 21.
- SANTO AMARO (Estrada de Ferro de) — Vol. III: 282.
- SANTO AMARO (Estrada Velha de) — Vol. I: 201, 208. Vol. II: 109. Vol. III: 274, 287. Vol. IV: 21.
- SANTO AMARO (Reprêsa de) — Veja *Guarapiranga (Reprêsa do)*.
- SANTO AMARO (Rua) — Vol. II: 86, 119. Vol. III: 133, 155, 275, 278, 279, 287.
- SANTO AMARO (Sertão de) — Vol. II: 233. Vol. IV: 5, 49, 54, 55.
- SANTO AMARO (Subdistrito de) — Vol. II: 221, 222, 223, 226, 228, 232, 233, 237, 238, 239.
- SANTO AMARO ("Tramway" de) — Vol. III: 287.
- SANTO ANDRÉ — Vol. I: 17, 27, 60, 147, 150. Vol. II: 104, 109, 110, 151, 158, 217, 243. Vol. III: 38, 42, 43, 45, 49, 61, 63, 71. Vol. IV: 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 61, 62, 70, 73, 75, 83, 85, 103.
- SANTO ANDRÉ DA BORDA DO CAMPO — Vol. I: 11, 101. Vol. II: 12, 13, 14, 48. Vol. IV: 25, 65.
- SANTO ANTÔNIO (Bairro de) — São Caetano do Sul — Vol. IV: 73.
- SANTO ANTÔNIO (Rua) — Atual Rua Direita — Vol. III: 128.
- SANTO ANTÔNIO (Rua) — Antiga Rua do Vale d'Andorra — Vol. III: 145, 278, 280.
- SANTOS — Vol. I: 12, 27, 84, 241. Vol. II: 72, 84, 157, 173, 240. Vol. III: 29, 90, 91, 114, 258, 260, 319. Vol. IV: 25, 29, 70, 132, 149.
- SANTOS (Alameda) — Vol. II: 134. Vol. III: 293, 303.
- SANTOS (Baixada de) — Vol. I: 13, 15. Vol. II: 7, 50, 91. Vol. III: 109.
- SANTOS (Pôrto de) — Vol. I: 6, 27, 138. Vol. II: 36, 61, 62, 67, 73, 146. Vol. III: 8, 9, 10, 21, 52, 84, 85, 91. Vol. IV: 25, 75, 85.
- SANTOS-JUNDIAÍ (E. F.) — Vol. I: 27, 51, 57, 60, 206, 241. Vol. II: 67, 90, 104, 116, 151, 157, 158, 231. Vol. III: 9, 21, 29, 49, 57, 85, 194, 196, 205, 206, 234, 237, 239, 241, 258, 269, 271, 320, 332, 346, 347, 356, 360, 361. Vol. IV: 12, 13, 33, 35, 43, 46, 47, 66, 70, 73, 74, 75, 82, 85, 87, 94, 98, 100, 102, 104, 105.
- SÃO BENTO (Chácara de) — Vol. III: 153.
- SÃO BENTO (Jardim) — Veja *Jardim São Bento*.
- SÃO BENTO (Largo de) — Vol. I: 196. Vol. II: 15, 84, 93, 111, 117, 142. Vol. III: 128, 130, 134, 145, 153, 193.
- SÃO BENTO (Rua de) — Vol. II: 21, 39, 84, 115, 140. Vol. III: 132, 133, 134, 135, 139, 145, 157.
- SÃO BENTO (Série de) — Vol. I: 47.
- SÃO BERNARDO DO CAMPO — Vol. I: 122, 128, 141, 239, 240. Vol. II: 55, 110, 157, 175, 243. Vol. III: 42, 43, 45, 71. Vol. IV: 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 25, 27, 29, 30, 31, 35, 36, 37, 39, 54, 61, 62, 69, 70.
- SÃO CAETANO (Estrada de) — Vol. II: 109.
- SÃO CAETANO (Fazenda de) — Vol. IV: 27, 65, 66, 69, 81.
- SÃO CAETANO (Núcleo Colonial de) — Vol. IV: 67, 69.
- SÃO CAETANO (Rua) — Vol. III: 206.
- SÃO CAETANO DO SUL — Vol. I: 17, 27, 89, 90, 91, 143, 150, 211. Vol. II: 104, 109, 110, 149, 151, 153, 158, 242, 243. Vol. III: 42, 43, 45, 61, 71, 222, 273. Vol. IV: 1, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 25, 27, 29, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 56, 61, 62, 63, 64, 65, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 103, 107.
- SÃO CAETANO DO SUL (Evolução urbana de) — Vol. IV: 65.

- SÃO CAETANO DO SUL (Função industrial de) — Vol. IV: 75, 90.
- SÃO CAETANO DO SUL (População de) — Vol. IV: 15, 62, 63, 67, 70, 90.
- SÃO CAETANO DO SUL (Sítio urbano de) — Vol. IV: 63, 64, 65.
- SÃO FELIX — Vol. I: 45.
- SÃO FRANCISCO (Cidade de) — U. S. A. — Vol. II: 180.
- SÃO FRANCISCO (Largo de) — Vol. II: 15, 64, 217. Vol. III: 145, 153, 157, 158, 163.
- SÃO FRANCISCO (Rio) — Vol. I: 45.
- SÃO FRANCISCO (Rua) — Vol. II: 21. Vol. III: 147, 153, 155.
- SÃO FRANCISCO (Serra de) — Vol. I: 131.
- SÃO GERALDO (Vila) — Veja *Vila São Geraldo*.
- SÃO GONÇALO (Largo de) — Atual Praça João Mendes — Vol. III: 129.
- SÃO JOÃO (Avenida e Rua) — Vol. I: 202. Vol. II: 50, 62, 88, 115, 122, 156. Vol. III: 133, 135, 139, 140, 147, 149, 150, 166, 171, 174, 190, 193, 195, 198, 327, 329, 330, 331, 356.
- SÃO JOÃO (Ilha de) — Vol. IV: 83, 94, 95, 97.
- SÃO JOÃO (Ladeira de) — Vol. III: 133, 135, 139.
- SÃO JOÃO (Morro de) — Vol. I: 209, 215.
- SÃO JOÃO (Rio) — Vol. IV: 111.
- SÃO JOÃO DEL-REI — Vol. II: 173.
- SÃO JOAQUIM (Rua) — Vol. II: 94. Vol. III: 277.
- SÃO JOSÉ (Rua de) — Atual Rua Líbero Badaró — Vol. II: 39. Vol. III: 145.
- SÃO JORGE (Parque) — Veja *Parque São Jorge*.
- SÃO JOSÉ DO BELÉM (Largo de) — Vol. III: 241.
- SÃO JOSÉ DOS CAMPOS — Vol. IV: 86.
- SÃO LOURENÇO — Vol. IV: 131, 147.
- SÃO LUÍS (Rua) — Vol. III: 149, 167.
- SÃO LUÍS (Cidade de) — U. S. A. — Vol. II: 180.
- SÃO LUÍS DO MARANHÃO — Vol. II: 173, 174, 178, 186.
- SÃO LUÍS DO PARAITINGA — Vol. I: 135.
- SÃO-MARINENSES — Vol. II: 195.
- SÃO MIGUEL (Estrada de) — Vol. II: 149. Vol. III: 251, 252, 253, 255.
- SÃO MIGUEL PAULISTA (Distrito de) — Vol. I: 152, 153, 157, 162. Vol. II: 21, 104, 151, 157, 204, 221, 222, 228, 232, 237, 239. Vol. III: 63, 251, 252, 253, 255. Vol. IV: 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 31, 37, 61, 101, 155, 156, 157, 165, 166.
- SÃO PAULO (Arcebispo de) — Vol. II: 217.
- SÃO PAULO (Bacia de) — Vol. I: 14, 47, 48, 51, 74, 101, 107, 115, 116, 134, 141, 147, 149, 153, 154, 171, 174, 176, 177, 178, 179, 183, 185, 186, 196, 200, 209, 223, 232. Vol. II: 173. Vol. III: 22, 23, 211. Vol. IV: 6, 57, 62, 63, 64, 153.
- SÃO PAULO (Bispado de) — Vol. II: 32, 217.
- SÃO PAULO (Camadas de) — Vol. I: 134, 135, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 151, 153, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 163, 177, 185.
- SÃO PAULO (Capitania de) — Vol. II: 32.
- SÃO PAULO (Cemitério) — Vol. III: 309, 310.
- SÃO PAULO (Distrito de) — Vol. II: 221, 222, 223, 226, 232, 233.
- SÃO PAULO (Grande) — Veja *Grande São Paulo*.
- SÃO PAULO (Largo de) — Atual Praça Almeida Júnior — Vol. III: 262.
- SÃO PAULO (Região de) — Vol. I: 41, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 69, 70, 73, 76, 80, 81, 84, 87, 88, 90, 93, 94, 95, 96, 99, 101, 102, 103, 105, 109, 132, 178, 196, 199, 200, 202, 212, 214, 221, 227, 235, 238. Vol. II: 203. Vol. III: 42, 44, 45, 52, 56, 59, 63, 64, 67, 68, 69, 77, 91, 92, 99, 105, 110, 114, 184. Vol. IV: 103, 113, 116, 130, 138.
- SÃO PAULO (Superfície de) — Vol. I: 170, 178, 179, 223, 224, 226, 231, 232, 238.
- SÃO PAULO, CIDADE TRIMILIONÁRIA — Vol. I: 5.
- SÃO PAULO NO SÉCULO XIX — Vol. II: 49.
- SÃO PAULO NO SÉCULO XX — Vol. II: 101.
- SÃO PAULO NOS TEMPOS COLONIAIS — Vol. II: 5.
- SÃO PAULO RAILWAY — Veja *Santos-Jundiaí* (E. F.).
- SÃO PAULO-RIO DE JANEIRO (E. F.) — Vol. II: 90. Vol. IV: 160.
- SÃO PAULO-RIO DE JANEIRO (Rodovia) — Vol. I: 15, 132, 134. Vol. III: 253, 255. Vol. IV: 169.
- SÃO ROQUE (Cidade de) — Vol. I: 27. Vol. II: 91, 157, 240. Vol. III: 42. Vol. IV: 37, 138, 139.
- SÃO ROQUE (Série) — Vol. I: 48, 107, 114, 120, 121. Vol. II: 29. Vol. III: 22. Vol. IV: 46, 110, 138.
- SÃO TOMÉ (Caminho de) — Vol. IV: 133, 140.
- SÃO VICENTE (Cidade de) — Vol. II: 9, 10, 11, 17, 27, 31, 84. Vol. IV: 133.
- SÃO VICENTE (Vila) — Veja *Vila São Vicente*.
- SÃO VICENTE DE PAULO (Rua) — Vol. II: 88. Vol. III: 328.
- SAPOS (Ponte dos) — Vol. III: 155.
- SARACURA GRANDE (Rio) — Vol. I: 183, 186, 190, 191, 195. Vol. II: 86, 119. Vol. III: 274, 276, 277, 280, 292.
- SARACURA PEQUENO (Rio) — Vol. I: 183.
- SARREENSES — Vol. II: 195.
- SATÉLITES (Cidades) — Veja *Cidades satélites*.
- SAÚDE (Subdistrito da) — Vol. II: 221, 223, 226, 227, 232, 233, 235, 238, 239. Vol. III: 283.
- SAÚDE (Vila da) — Veja *Vila da Saúde*.
- SÉ (Beirrol da) — Vol. II: 55, 58, 85, 86, 175.
- SÉ (Praça da) — Vol. II: 53, 56, 69, 93, 129, 142. Vol. III: 128, 129, 135, 149, 157, 158, 163, 173.
- SÉ (Subdistrito da) — Vol. II: 129, 221, 225, 226, 228, 229, 232, 237, 238, 239.
- SEBASTIÃO PEREIRA (Rua) — Antiga Rua Alegre e Rua do Paraíso — Vol. II: 88. Vol. III: 275, 321, 325, 327, 328, 329, 330.
- SÊDA ANIMAL (Produção de) — Vol. III: 47, 48, 74.
- SEDIMENTARES (Áreas) — Vol. I: 107, 186. Veja *Planícies aluviadas, São Paulo* (Bacia de) e *Várzeas*.
- SEGURANÇA PÚBLICA — Vol. III: 205.
- SEGUROS (Companhias de) — Vol. II: 78. Vol. III: 81.
- SEMINÁRIO (Rua do) — Vol. II: 88. Vol. III: 151, 155.
- SEMITAS (Povos) — Vol. II: 193, 195.
- SENA (Rio) — Vol. I: 45.
- SENADOR FREIJÓ (Rua) — Antiga Rua da Freira — Vol. III: 135, 145.
- SENADOR FREIJÓ (Rua) — Cotia — Vol. IV: 138, 139.
- SENADOR MORAIS BARROS (Largo) — Vol. II: 230.
- SENADOR QUEIRÓS (Chácara do) — Vol. II: 87.
- SENADOR QUEIRÓS (Rua) — Vol. III: 149, 196.
- SENA MADUREIRA (Rua) — Vol. III: 285.
- SERGIPE (Estado de) — Vol. II: 191. Vol. III: 52.
- SERGIPE (Rua) — Vol. III: 293, 298.
- SERRA (Alto da) — Veja *Alto da Serra*.
- SERRA DO JAPI (Rua) — Vol. III: 230.
- SERRA DO MAR — Veja *Mar* (Serra do).

SERRANA (Província) — *Veja Província serrana.*
 SERRANO (Relêvo) — Vol. I: 119. Vol. IV: 114, 125, 130.
 SERRARIAS — Vol. III: 332. Vol. IV: 55, 56, 131, 137.
 SERTÃO (Caminho do) — *Veja Caminho do Sertão.*
 SEMARIAS — Vol. II: 22, 34. Vol. III: 213. Vol. IV: 133, 144.
 SETE DE ABRIL (Rua) — Vol. II: 62. Vol. III: 133, 135, 158, 163.
 SETE DE SETEMBRO (Largo e Praça) — Vol. II: 93. Vol. III: 261.
 SETENTRIONAIS (Bairros) — *Veja Zona Norte (Bairros da).*
 SEVILHA — Vol. II: 8.
 SEXOS (Grupos de) — Vol. II: 55, 167, 171, 173, 176, 210, 211, 212, 213, 214, 215. Vol. III: 76, 77, 78. Vol. IV: 67.
 SHINDÁ-REMEI — Vol. II: 205.
 SHINTOÍSMO — *Veja Xintofismo.*
 SHINTOÍSTAS (Templos) — *Veja Xintofistas (Templos).*
 SICÍLIA — Vol. II: 198.
 SICILIANO (Bairro) — *Veja Bairro Siciliano.*
 SIDERURGIA — Vol. III: 57, 58, 60, 92.
 SILÊNCIO (Zona de) — *Veja Zona de silêncio.*
 SILVA BUENO (Rua) — Vol. III: 267, 269.
 SILVA PINTO (Rua) — Vol. III: 197.
 SILVIA (Vila) — *Veja Vila Stívia.*
 SILVIO ROMERO (Praça) — Vol. III: 230.
 SINAGOGAS — Vol. II: 209. Vol. III: 204.
 SINIMBÚ (Rua) — Vol. II: 89. Vol. III: 277.
 SIQUEIRA CAMPOS (Parque) — Vol. I: 104, 183, 190. Vol. III: 301, 305.
 SIQUEIRA CAMPOS (Rua) — Vol. III: 277.
 SÍRIO-BRASILEIROS — Vol. II: 197.
 SÍRIO-LIBANESES — Vol. I: 19. Vol. II: 128, 147, 183, 199, 208, 209. Vol. III: 14, 178, 242, 302.
 SÍRIOS — Vol. II: 193, 195, 208.
 SISTEMA Y — Vol. II: 152. Vol. III: 149, 150.
 SITIANTES — Vol. III: 193.
 SÍTIO URBANO — Vol. I: 13, 14, 15, 41, 46, 115, 157, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 183, 185, 195, 203, 207, 224, 238-239. Vol. II: 6. Vol. III: 21, 23, 145, 146, 155, 183, 189, 207, 258, 259, 273, 274, 292, 293, 320, 345. Vol. IV: 61, 63, 91, 95, 97, 142, 142, 150.
 SÍTIO URBANO (Mapa geomorfológico do) — Vol. I: 238-239.
 SÍTIOS — Vol. I: 13, 74-75. Vol. III: 130, 196, 215, 307, 320, 353, 355. Vol. IV: 55, 128, 156, 173.
 SÍTIOS DE RECREIO — Vol. IV: 27, 41, 53, 109, 113, 114, 122, 125, 127, 128, 135, 144.
 SITUAÇÃO GEOGRÁFICA — Vol. I: 6, 13, 15. Vol. II: 35. Vol. III: 5, 7, 20, 22, 23, 69. Vol. IV: 148.
 SOCIEDADES COMERCIAIS — Vol. III: 80, 81.
 SOCIEDADES DE DANÇAS — Vol. II: 202. Vol. IV: 45.
 SOCORRO (Subdistrito de) — Vol. II: 221, 222, 223, 226, 228, 232, 233, 235, 237, 238. Vol. IV: 22-23, 38, 52, 53.
 SOFIA (Vila) — *Veja Vila Sofia.*
 SOLOS — Vol. I: 14, 98, 101, 105, 106, 107, 109, 181, 199, 208, 209, 213, 218. Vol. II: 173. Vol. III: 16. Vol. IV: 97, 110, 111.
 SOROCABA — Vol. I: 234. Vol. II: 36, 53, 91, 198, 240. Vol. III: 13, 14, 17, 32, 49, 92, 235, 294. Vol. IV: 70, 139, 140.
 SOROCABA (Rio) — Vol. I: 117, 130, 131, 157. Vol. III: 22, 108, 115.
 SOROCABANA (E. F.) — Vol. I: 51, 55, 131. Vol. II: 90, 104, 151, 158, 231. Vol. III: 9, 16, 21, 57, 85, 88, 191, 193, 194, 206,

217, 222, 319, 320, 321, 332, 347, 356, 360. Vol. IV: 19, 20, 41, 43, 45, 95, 97, 101, 102, 132, 136, 149.
 SOROCABANOS (Rua dos) — Vol. III: 267.
 "STRATH TERRACES" — Vol. I: 177, 194, 197, 199, 203, 205, 208, 238-239.
 SUBDISTRITOS — Vol. II: 167, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239. Vol. III: 43, 183, 184, 185, 199, 209, 220, 229, 251, 252, 261, 273, 279, 288.
 SUBDISTRITOS SUBURBANOS E RURAIS — Vol. II: 223, 227. Vol. IV: 101.
 SUBDISTRITOS URBANOS — Vol. II: 223, 224.
 SUBSOLO (Riquezas do) — Vol. I: 14.
 SUBURBANA (Área) — *Veja Área suburbana.*
 SUBÚRBIOS — Vol. I: 27. Vol. II: 55, 91, 142, 144, 151, 156, 157, 207, 213, 218. Vol. III: 100, 189, 208, 215, 216, 217, 218, 227, 253, 271, 273, 284, 317, 355, 361. Vol. IV: 1, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 16, 19, 25, 33, 37, 41, 43, 48, 49, 56, 57, 97, 153, 157, 165, 177, 178.
 SUBÚRBIOS AGRÍCOLAS — Vol. IV: 1, 5, 7, 37, 49, 56, 57, 109, 173.
 SUBÚRBIOS INDUSTRIAIS — Vol. III: 253. Vol. IV: 1, 5, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 25, 37, 56, 57, 61, 100, 103.
 SUBÚRBIOS RESIDENCIAIS — Vol. IV: 1, 5, 7, 12, 24, 37, 38, 49, 56, 57, 136, 138, 142, 148, 156, 157, 158-159, 169, 172, 173, 176, 177.
 SUDANESES — Vol. II: 195.
 SUDESTE (Brasil) — Vol. I: 70, 92, 93.
 SUÉCOS — Vol. II: 194.
 SUIÇOS — Vol. II: 143, 195. Vol. III: 12.
 SUIDARE (Morto do) — Vol. I: 122.
 SUL (Brasil) — Vol. I: 15, 74, 78, 96, 234. Vol. II: 28, 32, 35. Vol. III: 11, 52, 75, 90, 99, 278, 294, 314, 315, 318. Vol. IV: 86, 139, 140.
 SUL (Vento) — Vol. I: 81.
 SUL-ÁFRICANOS — Vol. II: 193.
 SUL DE MINAS — Vol. I: 15, 28, 114, 120, 126. Vol. II: 201. Vol. III: 23, 88, 211, 215. Vol. IV: 40.
 SUMARÉ (Avenida) — Vol. III: 337, 343.
 SUMARÉ (Bairro do) — Vol. I: 137, 141, 149, 150, 151, 152, 179, 183, 184, 185, 187, 188, 190, 218. Vol. II: 150. Vol. III: 257, 309, 320, 321, 323, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 343, 344, 345, 349, 350.
 SUMARÉ (Reservatório de Água do) — Vol. I: 185. Vol. III: 323.
 SUMARÉZINHO — Vol. III: 343, 345.
 SUMÁRIO DA OBRA — Vol. I: XXI-X.
 SUPERPOVOAMENTO — Vol. II: 197.
 SUZANO — Vol. I: 27, 121, 156. Vol. II: 204, 243. Vol. IV: 38, 39, 48, 49, 153, 177.

T

TABAPUÁ (Rua) — Vol. III: 294.
 TABATINGA — Vol. I: 108.
 TABATINGÜERA (Aldeamento da) — Vol. III: 145.
 TABATINGÜERA (Caminho da) — Vol. II: 38.
 TABATINGÜERA (Ladeira da) — Vol. II: 15, 40. Vol. III: 147, 155.
 TABATINGÜERA (Rua) — Vol. II: 50, 203, 217. Vol. III: 128, 145, 153, 178, 278.
 TADOR (Rua) — *Atual Rua Cardoso de Almeida* — Vol. III: 334.
 TABUÃO (Bairro do) — Vol. III: 318.
 TACUAQUISSETUBA — Vol. IV: 160.
 TAGUÁ — Vol. I: 108. Vol. IV: 82.
 TAIACUPEBA (Rio) — Vol. I: 52, 127, 130, 156.

TAIPAS — Vol. IV: 8, 10, 47.
 TAMANDUATÉ (Rio) — Vol. I: 15, 46, 49, 52, 55, 59, 60, 61, 147, 158, 162, 163, 174, 183, 201, 203, 208, 211, 221, 234, 238, 239, 240, 241. Vol. II: 6, 7, 8, 38, 39, 50, 52, 71, 85, 86, 89, 93, 104, 109, 114, 116, 119, 121, 123, 130, 133, 136, 231, 239. Vol. III: 21, 70, 91, 128, 138, 143, 145, 146, 147, 155, 180, 183, 191, 196, 222, 227, 229, 230, 231, 234, 257, 258, 259, 260, 262, 265, 267, 269, 271, 273, 292. Vol. IV: 6, 13, 25, 27, 35, 62, 64, 70, 73, 75, 79, 81, 87, 90.
 TÂMISA (Rio) — Vol. I: 45.
 TAMÓIOS (Índios) — Vol. II: 17.
 TANABÍ (Rua) — Vol. III: 348.
 TANGARÁ (Rua) — Vol. III: 285.
 TANQUINHO — Vol. IV: 176, 177.
 TANQUINHO (Ribeirão do) — Vol. IV: 158, 169, 170, 175, 176.
 TAPANHOIM (Sítio do) — Vol. II: 87. Vol. III: 264.
 TAQUARUÇU (Córrego) — Vol. I: 137.
 TARIFAS — Vol. III: 5, 7, 19.
 TATUAPÉ (Bairro do) — Vol. I: 181, 235. Vol. II: 104. Vol. III: 70, 153, 228, 230, 236, 242, 243, 245. Vol. IV: 9.
 TATUAPÉ (Rio) — Vol. I: 198, 234, 235. Vol. III: 230, 236, 237.
 TATUAPÉ (Subdistrito do) — Vol. II: 221, 223, 226, 227, 232, 233, 237, 238. Vol. III: 228, 229, 242.
 TAXAQUARA (Serra de) — Vol. I: 119, 121, 125, 161.
 TCHECOSLOVACOS — Vol. II: 194, 195. Vol. IV: 168.
 TCHUNQUING — Vol. II: 180.
 TEATROS — Vol. II: 123. Vol. III: 159, 279.
 TECIDOS (Indústria de) — Veja *Têxteis* (Indústrias).
 TEJO (Rio) — Vol. I: 45.
 TEMPERATURA — Vol. I: 5, 6, 73, 74, 76, 77, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 90, 94, 95, 96, 97, 99, 104. Vol. IV: 112.
 TEMPLOS — Vol. II: 159, 160, 206, 209, 217, 218. Vol. III: 153, 249.
 TEMPO (Evolução do) — Vol. I: 73, 97.
 TEODORO SAMPAIO (Rua) — Vol. III: 167, 307, 309, 317, 318.
 TERESINA — Vol. I: 45. Vol. II: 186.
 TERESÓPOLIS — Vol. I: 69, 170.
 TÊRMICA (Amplitude) — Veja *Amplitude térmica*.
 TERMINAL (Estação) — Vol. III: 224.
 "TERRACES" ("Fill") — Veja "Fill terraces".
 "TERRACES" ("Strath") — Veja "Strath terraces".
 TERRAÇOS FLUVIAIS — Vol. I: 164, 165, 170, 176, 177, 178, 181, 196, 198, 199, 201, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 216, 219, 221, 223, 229, 230, 232, 234, 235, 238, 238-239, 240, 241. Vol. III: 21, 230, 273, 274, 287, 290, 292, 310, 313, 314, 315, 319, 320, 346, 349, 352, 359, 360. Vol. IV: 19, 61, 92, 93, 94, 95, 97, 102, 127, 135, 137, 158.
 TERRA ROXA — Vol. III: 5, 8, 24.
 TESOURO (Rua do) — Antiga Rua das Casinhas — Vol. I: 196. Vol. II: 15, 61. Vol. III: 130, 175.
 TEUTO-BRASILEIROS — Vol. II: 210.
 TÊXTEIS (Indústrias) — Vol. II: 137. Vol. III: 5, 14, 15, 16, 19, 25, 26, 27, 30, 32, 34, 36, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 61, 62, 73, 76, 77, 78, 82, 92, 187, 196, 238, 267, 360. Vol. IV: 18, 24, 27, 33, 36, 76, 77, 89, 144.
 TIBRE (Rio) — Vol. I: 45.
 TIETÊ (Afluentes do) — Vol. I: 49, 51, 52, 53.

TIETÊ (Alameda) — Vol. III: 303.
 TIETÊ (Fazenda do) — Vol. III: 213.
 TIETÊ (Planície do) — Vol. I: 177, 178. Vol. III: 207, 245.
 TIETÊ (Regime do) — Vol. I: 55, 61, 65, 66. Vol. IV: 95.
 TIETÊ (Retificação do) — Vol. I: 46, 55, 57, 58, 59, 66, 213, 220, 222. Vol. II: 148, 155. Vol. III: 207, 208, 320, 333, 360. Vol. IV: 93.
 TIRTÊ (Rio) — Vol. I: 7, 15, 19, 41, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 69, 81, 82, 88, 97, 98, 99, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 170, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 189, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 201, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 229, 230, 234, 235, 238-239, 239, 240. Vol. II: 6, 7, 8, 21, 29, 36, 86, 89, 91, 94, 104, 118, 121, 123, 148, 149, 152, 153, 155, 231, 239, 240. Vol. III: 21, 22, 70, 91, 107, 108, 111, 113, 114, 115, 118, 183, 189, 191, 193, 196, 205, 206, 207, 209, 211, 213, 215, 217, 220, 221, 222, 223, 224, 227, 229, 230, 244, 245, 247, 250, 252, 255, 292, 300, 320, 321, 323, 327, 331, 333, 337, 343, 346, 347, 349, 352, 355, 357, 359. Vol. IV: 5, 6, 12, 15, 17, 19, 37, 40, 44, 49, 61, 90, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 101, 102, 106, 111, 130, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160.
 TIETÊ (Vazão do) — Vol. I: 62, 63, 65.
 TIETÊ (Vila) — Veja *Vila Tietê*.
 TIJUBERAS — Vol. IV: 112.
 TIJUCO PRATO — Vol. I: 157.
 TIJUCUSÉ — Vol. IV: 65.
 TIJUSSÉ — Vol. IV: 65.
 TIMBIRAS (Rua dos) — Vol. III: 139, 195, 204.
 TIPOS ÉTNICOS — Veja *Etnias*.
 TIQUATIRÁ (Ribeirão) — Vol. III: 245, 252, 253.
 TIRADENTES (Avenida) — Vol. II: 118, 122, 217. Vol. III: 167, 191, 193, 205, 206.
 TITO (Rua) — Vol. III: 353, 357.
 TOMÁS DE LIMA (Rua) — Vol. II: 89.
 TOMÁS EDISON (Avenida) — Vol. I: 59. Vol. III: 191, 223, 320, 332.
 TONQUIM — Vol. I: 70.
 TÓQUIO — Vol. II: 108.
 TORDESILHAS (Meridiano de) — Vol. II: 28.
 TOURADAS — Vol. II: 53. Vol. III: 142.
 TRAÇÃO ELÉTRICA — Vol. III: 103, 104, 105.
 TRÁFEGO URBANO — Vol. III: 171, 188, 238, 239, 241, 243, 259, 260, 293, 302, 305, 333, 348, 356, 360, 361.
 TRAIÇÃO (Córrego da) — Vol. I: 150.
 TRAIÇÃO (Usina de) — Vol. I: 61, 64, 157. Vol. III: 111, 114.
 TRAIPIÚ (Rua) — Vol. III: 334, 335.
 TRANSPORTE (Meios e vias de) — Vol. I: 15, 21, 22, 26. Vol. II: 36, 102, 108, 131, 134, 146, 157, 220, 239. Vol. III: 5, 9, 10, 11, 18, 23, 84, 85, 90, 91, 159, 189, 207, 208, 212, 220, 243, 249, 251, 252, 258, 260, 273, 282, 290, 294, 330, 335, 348, 351, 356, 357, 360. Vol. IV: 6, 10, 16, 24, 33, 36, 40, 43, 44, 54, 62, 64, 73, 77, 102, 114, 125, 127, 131, 135, 138, 144, 148, 153, 159.
 TRANSPORTES (Indústria de) — Vol. III: 76, 78. Vol. IV: 36, 61, 76, 77, 78, 83.
 TREMEMBÉ (Bairro do) — Vol. I: 136, 222, 229. Vol. II: 149, 151. Vol. III: 216, 225. Vol. IV: 43, 45.
 TREMEMBÉ (Rio) — Vol. I: 135, 137, 138. Vol. III: 211.

TRÃS PONTES (Rio) — Vol. IV: 155.
 TREVIÇO — Vol. IV: 66.
 TREZE DE MAIO (Rua) — Vol. III: 277.
 TRIÂNGULO — Vol. I: 177, 181, 196, 202.
 Vol. II: 15, 34, 89, 115, 132, 140, 141,
 142, 144. Vol. III: 3, 100, 102, 132, 133,
 134, 135, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 149,
 165, 166, 171, 175.
 TRIÂNGULO MINEIRO — Vol. I: 15, 28. Vol.
 II: 29. Vol. III: 23, 57, 75, 88.
 TRIANON — Vol. II: 132. Vol. III: 301.
 TRIGO — Vol. III: 50, 51, 57. Vol. IV: 77.
 TRIUNFO (Alamêda e Rua do) — Vol. I:
 196. Vol. III: 195, 206.
 TROPAS DE BURROS — Vol. I: 15. Vol. II:
 35, 36. Vol. III: 8, 133, 188, 189, 193,
 206, 215, 259, 260, 278, 294, 320, 327, 330,
 337, 346, 353. Vol. IV: 13, 132, 140, 141.
 TROPICAL (Clima) — Vol. I: 14, 69, 70, 75,
 97.
 TROPICAL-ATLÂNTICA (Massa) — Vol. I: 76,
 77, 78, 79, 90, 96.
 TROPICAL-CONTINENTAL (Massa) — Vol. I:
 77.
 TROVOADAS — Vol. I: 76, 89, 90, 91, 92, 94,
 95, 96, 97.
 TUCURUVI (Bairro do) — Vol. I: 135, 145,
 224. Vol. II: 155. Vol. III: 189, 209, 216,
 225.
 TUCURUVI (Subdistrito do) — Vol. II: 221,
 223, 226, 228, 232, 233, 235, 238, 239.
 Vol. III: 209, 211, 220. Vol. IV: 38, 40.
 TÔNEIS — Vol. III: 280, 293, 305, 307.
 TUPINISOS — Vol. II: 195.
 TUPÍ (Língua) — Vol. II: 58. Vol. IV: 140,
 169.
 TUPI (Rua) — Vol. III: 327, 328.
 TUPINIQUINS (Índios) — Vol. II: 9.
 TURCOS — Vol. II: 113, 195.
 TURPA — Vol. I: 214. Vol. IV: 159.
 TURIAÇU (Rua) — Vol. II: 118. Vol. III:
 322, 334, 335, 337, 339, 346.

U

UBATUBA — Vol. I: 135. Vol. IV: 133.
 UERABA — Vol. III: 90.
 UERABA (Córrego) — Vol. III: 285.
 UERABINHA (Ribeirão) — Vol. I: 150.
 UERABINHA (Vila) — Veja Vila Uerabinha.
 UCRANIANOS — Vol. II: 195, 217.
 UMIDADE — Vol. I: 76, 77, 79, 87, 88, 96, 97.
 UNA (Rio) — Vol. I: 52.
 UNIVERSIDADES — Vol. I: 23. Vol. II: 160.
 URBANA (Área) — Veja Área urbana.
 URBANA (Estrutura) — Vol. II: 153. Veja
 Bairros (Estrutura dos).
 URBANA (Paisagem) — Veja Paisagem ur-
 bana.
 URBANÍSTICAS (Transformações) — Vol. II:
 70, 92, 121, 122, 151, 152. Vol. III: 147,
 149, 200, 204, 207, 224, 243, 267, 300, 305,
 326, 339.
 URBANIZAÇÃO — Vol. III: 18, 196, 208, 212,
 216, 224, 234, 258, 262, 277, 278, 282, 309,
 311, 322, 328, 341, 357. Vol. IV: 9, 42,
 47, 61, 62, 63, 72, 97.
 URBANOS (Problemas) — Vol. I: 21. Vol.
 II: 125, 131. Vol. III: 99.
 URUGUAI — Vol. I: 78. Vol. IV: 79, 173.
 URUGUAI (Rua) — Vol. I: 196.
 URUGUAIOS — Vol. II: 195. Vol. III: 300.
 USINA EDGARD DE SOUSA — Veja Edgard de
 Sousa (Usina).
 UTINGA — Vol. IV: 37.

V

VACANCA (Morro de) — Vol. I: 120, 163.
 VALE D'ANDORRA (Rua) — Atual Rua Santo
 Antônio — Vol. III: 278.
 VALPARAÍSO — Vol. I: 7.
 VÁRZEA (Rua da) — Vol. III: 332.
 VARZEAS — Vol. I: 46, 49, 51, 55, 58, 61, 64,
 66, 100, 105, 107, 163, 170, 174, 181, 209,
 210, 211, 213, 216, 217, 218, 219, 221, 223,
 226, 227, 229, 235, 242. Vol. II: 5, 21,
 42, 71, 86, 89, 104, 109, 114, 116, 121, 123,
 124, 136, 137, 148, 152, 155, 231, 239, 240.
 Vol. III: 21, 118, 138, 147, 184, 189, 191,
 196, 204, 205, 207, 208, 211, 215, 217, 218,
 220, 221, 223, 224, 227, 228, 230, 234, 235,
 236, 245, 246, 250, 252, 255, 258, 259, 265,
 286, 310, 313, 315, 320, 321, 331, 332, 333,
 337, 346, 347, 352, 360. Vol. IV: 13, 17, 49,
 61, 63, 64, 65, 74, 77, 87, 92, 94, 95, 96,
 97, 98, 102, 105, 106, 107, 109, 110, 111,
 113, 115, 116, 117, 126, 129, 130, 135, 153,
 156, 157, 158, 159, 160, 161, 169.
 VAZANTES — Vol. I: 63, 65.
 VEGETAÇÃO — Vol. I: 98, 99, 100, 102, 103,
 104, 105. Vol. II: 5, 131. Vol. IV: 95,
 112, 159, 162.
 VEÍCULOS — Vol. II: 37, 84, 93, 108, 134,
 135, 136, 151, 157, 159. Vol. III: 85, 99,
 105, 121, 156, 169, 171, 179, 189, 212, 222,
 225, 238, 239, 241, 251, 260, 264, 265, 269,
 273, 284, 288, 293, 318, 325, 329, 336, 337,
 343, 345, 349, 350, 351, 357, 360. Vol. IV:
 7, 33, 43, 45, 53, 54, 55, 75, 85, 130, 131,
 138, 139, 147, 148, 166, 172.
 VEÍCULOS (Estacionamento de) — Veja Es-
 tacionamento de veículos.
 VELHO MUNDO — Vol. II: 209. Vol. III: 61.
 VENEDORES AMBULANTES — Vol. II: 108.
 Vol. III: 129, 173, 249, 284. Vol. IV: 53.
 VENEZA — Vol. II: 116.
 VENEZUELA — Vol. I: 7.
 VENEZUELA (Rua) — Vol. I: 196.
 VENEZUELANOS — Vol. I: 195.
 VENTANIAS — Vol. I: 96.
 VENTO (Motto do) — Vol. I: 121, 131, 157.
 VENTOS — Vol. I: 78, 79, 80, 81, 85, 88, 90,
 92, 94, 95, 96, 97. Vol. IV: 111, 126.
 VERANICO — Vol. I: 95.
 VERÃO — Vol. I: 65, 66, 74, 76, 78, 79, 80,
 81, 84, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99.
 Vol. II: 42. Vol. III: 107, 259. Vol. IV:
 111, 118.
 VERDE (Rio) — Vol. IV: 158, 162, 163, 164,
 167.
 VERGUEIRO (Estrada do) — Vol. II: 50.
 Vol. III: 265, 267, 282.
 VERGUEIRO (Rua) — Vol. II: 86, 115. Vol.
 III: 274, 275, 276, 282, 284.
 VERIDIANA (Vila) — Veja Vila Veridiana.
 VESPASIANO (Rua) — Vol. III: 357.
 VESTUÁRIO (Artigos de) — Vol. III: 36, 42,
 68, 69, 78.
 VIAÇÃO FÉRREA DO RIO GRANDE DO SUL —
 Vol. III: 88.
 VIADUTOS — Vol. II: 42, 145, 152. Vol. III:
 148, 155, 156, 197, 243, 333.
 VIAS FÉRREAS — Vol. I: 12, 13, 47, 59, 177,
 207, 241. Vol. II: 67, 68, 73, 84, 87, 90,
 104, 105, 108, 109, 122, 123, 124, 137, 146,
 149, 160, 231, 238. Vol. III: 9, 21, 26, 29,
 57, 84, 85, 87, 90, 91, 171, 180, 188, 195,
 196, 199, 202, 207, 212, 235, 239, 241, 243,
 261, 267, 271, 281, 287, 332, 333, 347, 348,
 352, 356, 357, 360, 361. Vol. IV: 6, 10,
 12, 20, 36, 46, 70, 74, 75, 82, 85, 87, 94,
 98, 100, 101, 102, 104, 105, 107, 136, 137,
 164, 166, 167, 169, 170, 171, 173, 176, 177.
 VIEIRA DE CARVALHO (Rua) — Vol. III: 325.

- VILA ALPINA (Bairro de) — Vol. III: 258, 260, 261, 271.
- VILA AMÉLIA — Vol. IV: 46.
- VILA AMÉRICA — Vol. II: 123, 217. Vol. III: 292, 293, 297, 303, 308, 309.
- VILA AMERICANA — Vol. IV: 18.
- VILA ANASTÁCIO — Veja *Anastácio* (Bairro do).
- VILA ANGLÓ-BRASILEIRA — Vol. III: 350, 351.
- VILA ARGENTINA — Vol. III: 359.
- VILA ARICANDUVA — Vol. III: 237, 252.
- VILA AUGUSTA — Vol. III: 359.
- VILA BERTIOGA — Vol. III: 260.
- VILABOIM (Praça) — Antiga Praça Piauf — Vol. III: 298.
- VILA BONILHA — Vol. IV: 46.
- VILA BRASILÂNDIA — Vol. I: 226.
- VILA BUARQUE — Vol. I: 198. Vol. II: 88, 90, 94, 115, 130, 134. Vol. III: 101, 125, 166, 175, 177, 178, 257, 279, 296, 320, 321, 323, 324, 325, 326.
- VILA CALIFÓRNIA — Vol. II: 109. Vol. III: 228.
- VILA CAMARCO — Vol. I: 160, 224, 226, 228.
- VILA CAMPANELA — Vol. IV: 163.
- VILA CARLOS DE CAMPOS — Vol. III: 252.
- VILA CARMOSINA — Vol. IV: 163, 164.
- VILA CARRÃO — Vol. I: 238-239. Vol. III: 70, 228, 237, 242, 243.
- VILA CERQUEIRA CÉSAR — Veja *Cerqueira César* (Bairro).
- VILA CLEMENTINO (Bairro de) — Vol. III: 258, 263, 273, 281, 282, 284, 285, 286.
- VILA COMERCIAL — Vol. IV: 47.
- VILA COPACABANA — Vol. III: 253.
- VILA CORBERI — Vol. IV: 163.
- VILA DA SAÚDE — Vol. III: 286.
- VILA DAS MERCÊS — Vol. I: 239.
- VILA DEODORO — Vol. II: 91.
- VILA ECONOMISADORA — Vol. III: 206.
- VILA ESPERANÇA — Vol. III: 252, 255.
- VILA FORMOSA — Vol. III: 228, 243.
- VILA GALVÃO — Vol. I: 152. Vol. II: 151. Vol. IV: 43, 45.
- VILA GERTI — São Caetano do Sul — Vol. IV: 71.
- VILA GIANETTI — Vol. IV: 174.
- VILA GISELA — São Caetano do Sul — Vol. IV: 71.
- VILA GOMES — Vol. I: 137.
- VILA GOMES CARDIM — Vol. III: 228, 230, 236.
- VILA GUILHERME — Vol. I: 162, 226. Vol. III: 216.
- VILA GUILHERMINA — Vol. III: 253. Vol. IV: 162.
- VILA GUSTAVO — Vol. III: 216.
- VILA HAMBURCUESA — Vol. III: 359.
- VILA HELENA — Vol. III: 290.
- VILA IPOJUCA — Vol. III: 359.
- VILA ISOLINA — Vol. II: 109.
- VILA JAGUARÉ — Vol. I: 216, 229, 230, 231. Vol. II: 109, 158. Vol. III: 119, 319, 339. Vol. IV: 135.
- VILA LEOPOLDINA — Vol. III: 355, 359.
- VILA LONDINA — Vol. III: 253.
- VILA MADALENA (Subdistrito de) — Vol. II: 221, 226, 227, 231, 232, 233, 238. Vol. III: 353.
- VILA MANGALOT — Vol. I: 122. Vol. IV: 47.
- VILA MARANHÃO — Vol. I: 181, 205, 217, 235, 238.
- VILA MARIA (Bairro de) — Vol. I: 58, 142, 152, 163, 215, 216, 218, 226. Vol. II: 152, 231. Vol. III: 208, 212, 216, 219, 220, 221, 223, 224.
- VILA MARIA (Subdistrito de) — Vol. II: 221, 226, 227, 232, 235, 239. Vol. III: 208, 209, 211, 220.
- VILA MARIANA (Bairro de) — Vol. I: 174, 183. Vol. II: 91, 109, 122, 123, 133, 210, 217. Vol. III: 167, 187, 257, 258, 263, 264, 265, 273, 274, 276, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 297.
- VILA MARIANA (Subdistrito de) — Vol. II: 129, 221, 225, 226, 231, 232, 233, 238.
- VILA MARIETA — Vol. III: 253.
- VILA MASCOTE — Vol. I: 147.
- VILA MATILDE (Bairro de) — Vol. III: 243, 252, 253, 254, 255.
- VILA MATILDE (Subdistrito de) — Vol. II: 221, 226, 227, 232, 233, 239. Vol. III: 251, 252.
- VILA MAZZEI — Vol. I: 177. Vol. III: 209, 216. Vol. IV: 43.
- VILA MESQUITA — Vol. III: 253.
- VILA MIRANDÓPOLIS — Vol. III: 285, 286.
- VILA MONUMENTO — Vol. III: 260.
- VILA NITRO-QUÍMICA — Vol. IV: 18.
- VILA NOVA — Itaquera — Vol. IV: 163.
- VILA NOVA — São Caetano do Sul — Vol. IV: 71.
- VILA NOVA CONCEIÇÃO (Bairro de) — Vol. I: 181, 199, 201, 204, 208. Vol. III: 167, 273, 289, 290, 313.
- VILA OLINDA — São Caetano do Sul — Vol. IV: 73.
- VILA PALMEIRAS — Vol. IV: 47.
- VILA PARAÍSO — São Caetano do Sul — Vol. IV: 71.
- VILA PAULISTA — Vol. I: 199, 201, 203.
- VILA PEREIRA BARRETO — Vol. I: 137. Vol. III: 47.
- VILA PEREIRA CERCA — Vol. IV: 46.
- VILA PIRITUBA — Vol. I: 136. Vol. IV: 47.
- VILA POMPEIA (Bairro de) — Vol. I: 218. Vol. II: 123. Vol. III: 186, 257, 320, 321, 322, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 343, 345, 346, 349, 350, 351, 357, 361. Vol. IV: 9.
- VILA PRIMAVERA — Vol. IV: 46.
- VILA PRINCESA ISABEL — Vol. IV: 174.
- VILA PRUDENTE (Bairro de) — Vol. I: 234, 239. Vol. II: 109, 119. Vol. III: 70, 222, 257, 258, 260, 261, 271, 272, 273.
- VILA PRUDENTE (Subdistrito de) — Vol. II: 221, 223, 226, 227, 232, 233, 235, 239, 261.
- VILA RÉ — Vol. III: 253.
- VILA RIBEIRO DE BARROS — Vol. III: 359.
- VILA RICA — Vol. II: 173, 174.
- VILA ROMANA — Vol. I: 152. Vol. III: 322, 349, 350, 351, 355, 357, 359, 360, 361.
- VILA ROMANÓPOLIS — Vol. IV: 176.
- VILA RUI BARBOSA — Vol. III: 253.
- VILA SÁ BARBOSA — Vol. III: 206, 207.
- VILA SANTA CRUZ — Vol. IV: 174.
- VILA SANTA MARIA — Vol. I: 137.
- VILA SANTANA — Vol. III: 253.
- VILA SANTANA — Itaquera — Vol. IV: 163, 164.
- VILA SANTA TERESA — Vol. III: 253.
- VILA SÃO GERALDO — Vol. III: 253.
- VILA SÃO JOSÉ — São Caetano do Sul — Vol. IV: 71.
- VILA SÃO VICENTE — Vol. IV: 46.
- VILA SILVIA — Vol. III: 253.
- VILA SÓFIA — Vol. III: 355.
- VILA TIETÊ — Vol. III: 218.
- VILA UBERABINHA — Vol. III: 288, 290.
- VILA VERDIANA — Vol. II: 130. Vol. III: 300.
- VILA ZELINA (Bairro de) — Vol. III: 258, 260, 261, 271.
- "VILAS" — Vol. I: 13, 19. Vol. II: 108, 156. Vol. III: 183, 212, 213, 216, 217, 219, 220, 222, 225, 228, 229, 237, 242, 243, 244, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 260, 262, 269, 270, 271, 273, 284, 285, 286, 287, 317, 320, 323, 343, 352, 353, 356, 359, 360. Vol. IV: 9, 10, 18, 31, 73, 76, 89, 157, 163, 165, 166, 171.

1913
 1914
 1915
 1916
 1917
 1918
 1919
 1920
 1921
 1922
 1923
 1924
 1925
 1926
 1927
 1928
 1929
 1930
 1931
 1932
 1933
 1934
 1935
 1936
 1937
 1938
 1939
 1940
 1941
 1942
 1943
 1944
 1945
 1946
 1947
 1948
 1949
 1950
 1951
 1952
 1953
 1954
 1955
 1956
 1957
 1958
 1959
 1960
 1961
 1962
 1963
 1964
 1965
 1966
 1967
 1968
 1969
 1970
 1971
 1972
 1973
 1974
 1975
 1976
 1977
 1978
 1979
 1980
 1981
 1982
 1983
 1984
 1985
 1986
 1987
 1988
 1989
 1990
 1991
 1992
 1993
 1994
 1995
 1996
 1997
 1998
 1999
 2000
 2001
 2002
 2003
 2004
 2005
 2006
 2007
 2008
 2009
 2010
 2011
 2012
 2013
 2014
 2015
 2016
 2017
 2018
 2019
 2020
 2021
 2022
 2023
 2024
 2025
 2026
 2027
 2028
 2029
 2030
 2031
 2032
 2033
 2034
 2035
 2036
 2037
 2038
 2039
 2040
 2041
 2042
 2043
 2044
 2045
 2046
 2047
 2048
 2049
 2050
 2051
 2052
 2053
 2054
 2055
 2056
 2057
 2058
 2059
 2060
 2061
 2062
 2063
 2064
 2065
 2066
 2067
 2068
 2069
 2070
 2071
 2072
 2073
 2074
 2075
 2076
 2077
 2078
 2079
 2080
 2081
 2082
 2083
 2084
 2085
 2086
 2087
 2088
 2089
 2090
 2091
 2092
 2093
 2094
 2095
 2096
 2097
 2098
 2099
 2100

"VILAS" — Ruas particulares — *Vol. III:* 224, 235, 264, 280, 333.
 VINHA (Cultura da) — *Vol. I:* 86. *Vol. IV:* 67.
 VINTE E CINCO DE MARÇO (Rua) — *Vol. I:* 19. *Vol. II:* 208. *Vol. III:* 14, 135, 178, 242.
 VINTE E QUATRO DE MAIO (Rua) — *Vol. III:* 158, 161.
 VINTE E SEIS DE MARÇO (Rua) — Poá — *Vol. IV:* 170.
 VISCONDE DO RIO BRANCO (Rua) — Atual Avenida Rio Branco — *Vol. III:* 193.
 VITAL BRASIL (Avenida) — *Vol. III:* 319.
 VITÓRIA (Cidade de) — *Vol. II:* 186. *Vol. III:* 88.
 VITÓRIA (Rua) — *Vol. III:* 140, 195, 200, 327.
 VITORINO CARMILO (Rua) — *Vol. II:* 89. *Vol. III:* 332.
 VOLTA REDONDA — *Vol. III:* 58, 60, 77, 83, 89.
 VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA (Rua) — *Vol. II:* 118. *Vol. III:* 191, 215, 220, 221, 222.

W

WANDERLEY (Rua) — *Vol. III:* 334, 349.
 WASHINGTON — *Vol. II:* 180.
 WASHINGTON LUIS (Avenida) — Antiga Auto-Estrada — *Vol. III:* 289, 290, 291.
 WASHINGTON LUIS (Rua) — *Vol. I:* 196.
 WENDEL WILKIE (Praça) — *Vol. III:* 342.
 WILMINGTON — *Vol. II:* 113.

X

XAVIER CURADO (Rua) — *Vol. III:* 267.
 XAVIER DE TOLEDO (Rua) — *Vol. II:* 62. *Vol. III:* 151, 153, 158, 163.
 XINTOÍSMO — *Vol. II:* 219. *Vol. IV:* 121.
 XINTOÍSTAS (Templos) — *Vol. II:* 206
 XISTOSAS (Áreas) — *Vol. I:* 126, 127, 128, 138, 225. *Vol. III:* 22.

Y

"YIDDISH" — *Vol. III:* 204.

Z

ZELINA (Vila) — Veja *Vila Zelina*.
 ZÉQUINHA DE ABREU (Rua) — *Vol. III:* 322.
 ZONA DA MATA MINEIRA — *Vol. I:* 173.
 ZONA DO SILÊNCIO — *Vol. III:* 122.
 ZONA LESTE (Bairros da) — Veja *Orientais* (Bairros).
 ZONA NORTE (Bairros da) — *Vol. II:* 240, *Vol. III:* 149, 183, 189, 197, 199, 207, 208, 213, 222, 224, 313, 325, 333.
 ZONA OESTE (Bairros da) — Veja *Ocidentais* (Bairros).
 ZONA SUL (Bairros da) — *Vol. III:* 149, 257, 258, 273, 281, 287, 292, 305.
 ZONEAMENTO — *Vol. III:* 187, 199, 267, 299. *Vol. IV:* 105.

12

981
3223
v. 14c

A CIDADE DE SÃO PAULO

Estudos de geografia urbana



VOLUME IV

OS SUBÚRBIOS PAULISTANOS

~~~~~

BRASILIANA  
(SÉRIE GRANDE FORMATO)

Volume 14-C

*Direção de*  
AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

~~~~~

1958

Obra executada nas oficinas da
São Paulo Editora S. A. — São Paulo, Brasil



Visão noturna da área central da cidade de São Paulo

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS
Seção Regional de São Paulo



A Cidade de São Paulo

Estudos de geografia urbana

por um grupo de geógrafos sob a direção de
AROLDO DE AZEVEDO

VOLUME IV

OS SUBÚRBIOS PAULISTANOS

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Cartografia de
JOÃO SOUKUP

★

Desenhos de
JOSÉ RUFINO e ANTÔNIO MONTE

★

Vinhetas de
MANOEL VICTOR FILHO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

SEÇÃO REGISTRO

ANO 1959 N 397